UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

GLOBALIZAÇÃO, FRONTEIRA E EDUCAÇÃO: O LUGAR DO LIVRO DIDÁTICO –

Estudo comparado entre as cidades fronteiriças Chuí-Brasil e Chuy-Uruguay

ODILON LESTON JÚNIOR

Pelotas, 2019

ODILON LESTON JÚNIOR

GLOBALIZAÇÃO, FRONTEIRA E EDUCAÇÃO: O LUGAR DO LIVRO DIDÁTICO – Estudo comparado entre as cidades fronteiriças Chuí-Brasil e Chuy-Uruguay

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Eduardo Arriada

Pelotas, 2019

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

J11g Leston Júnior, Odilon

Globalização, fronteira e educação : o lugar do livro didático - estudo comparado entre as cidades fronteiriças Chui-Brasil e Chuy-Uruguay / Odilon Leston Júnior ; Eduardo Arriada, orientador. — Pelotas, 2019.

376 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

1. Livros didáticos. 2. Fronteira. 3. Chuí-Brasil. 4. Chuy-Uruguay. 5. Globalização. I. Arriada, Eduardo, orient. II. Título.

CDD : 371.32

Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB: 10/2064

ODILON LESTON JÚNIOR

GLOBALIZAÇÃO, FRONTEIRA E EDUCAÇÃO: O LUGAR DO LIVRO DIDÁTICO – Estudo comparado entre as cidades fronteiriças Chuí-Brasil e Chuy-Uruguay

Tese aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Doutor em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 19/12/2018

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Eduardo Arriada (Orientador) Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Edgar Ávila Gandra Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Jovino Pizzi Doutor em Ética e Democracia pela Universidat Jaume I

Profª. Dra. Patrícia Weiduschadt Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Prof. Dr. Paulo Peixoto de Albuquerque Doutor em Sociologia pela Université Catholiqué de Louvain-la-Neuve

AGRADECIMENTOS

Neste período de doutoramento agradeço, inicialmente, à Universidade Federal de Pelotas, que apesar dos cortes do governo federal, tenta manter em seus cursos de pós-graduação a excelência na qualidade dos seus profissionais e uma eficácia estrutural. Torço para que os rumores e novas metas dos golpistas da democracia, em que seremos governados por políticos eleitos com jargões e frases feitas por marqueteiros, nesta democracia efêmera, não consigam exterminar com os direitos sociais do Brasil. Sou um entusiasta de que a sociedade civil irá desaprovar as mudanças catastróficas nas áreas da saúde e da educação, não permitindo que se concretizem os projetos inescrupulosos de cobranças para a graduação e pós-graduação das universidades federais, mantendo a gratuidade aos discentes e a qualidade do corpo docente.

Às escolas do Chuí Brasil e Chuy Uruguay que me acolheram de forma gratificante e possibilitaram a realização desta pesquisa, especialmente, aos professores que participaram das entrevistas, obrigado por acreditarem no trabalho que estava sendo desenvolvido.

Ao meu orientador Eduardo Arriada, por ter me dado todo o suporte necessário com empréstimo de livros, pela paciência, cordialidade e presteza ao me auxiliar tanto presencialmente quanto pela internet, pelos incentivos desde a seleção e no decorrer do meu doutoramento. Além disso, por possibilitar o convívio e troca de auxílios com os demais orientandos André, Caroline, Daiana, Estela Maris e Tatiane, que impulsionaram o desenvolvimento deste trabalho.

Aos professores da banca, que apesar de todos os seus afazeres de sala de aula, elaboração de artigos e demais atividades acadêmicas, aceitaram o convite de compor os exames de qualificação e de defesa. Pelas leituras realizadas e sugestões à tese desenvolvida.

Aos membros do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação pertencente à Universidade Federal de Pelotas, que contribuíram com sugestões de leituras de livros e artigos para esta tese e na elaboração dos meus artigos publicados durante este período.

Agradeço, ainda, aos meus amigos que viveram parte destes momentos da elaboração do trabalho desenvolvido e compreenderam o meu afastamento de algumas atividades e comemorações.

Por último aos meus familiares que estiveram ao meu lado neste momento acadêmico, especialmente, à Maria Isabella, que auxiliou nos momentos complexos e logísticos deste trabalho.

RESUMO

A presente tese tem como proposta investigar a utilização de livros didáticos nas escolas fronteiriças Chuí (Brasil) e Chuy (Uruguay) produzidos entre os anos de 1996 e 2016., em que se pretende comprovar que o mercado formado por grandes empresas tem influência em seu editorial, visando defender seus interesses econômicos no conteúdo dos livros didáticos, bem como a propagação das grandes empresas no setor educacional. Para tanto, foi preciso estudar conceitos a partir da premissa da globalização e a sua abordagem instrutiva/educacional nos conteúdos trabalhados em sala de aula no ensino básico de escolas, em zona de fronteira, bem como expor o enfoque e as possíveis alterações que a referida temática sofreu ao longo dos anos nos livros didáticos utilizados, verificando a origem e a escolha desse material didático. Então, foi proposta uma análise sobre a perspectiva teórica da globalização, verificou-se quais editoras produzem e comercializam este material e, também, explanou-se sobre as políticas públicas adotadas pelas nações do Brasil e Uruguay na compra dos livros utilizados pelos professores e alunos nas instituições escolares. Tendo isso como base, a tese está desenvolvida em três capítulos: o primeiro aborda as aproximações e a formação da fronteira entre ambos os países; o segundo expõe os conceitos sobre globalização e suas variações de autores e pensamentos, permeando por diversas categorias como tendências culturais, consumo, inovações tecnológicas e o neoliberalismo; o último capítulo analisa os livros didáticos e as entrevistas realizadas com os professores. As fontes e metodologias da pesquisa bibliográfica, documental, concomitantemente com as entrevistas semiestruturadas realizadas com professores da rede pública do ensino básico na fronteira entres os países e, como fonte, os livros didáticos pesquisados nas instituições participantes deste levantamento. Nesta tese, foi possível comprovar a atuação do mercado dos livros didáticos compostos por grandes empresas nacionais e estrangeiras, bem como sua preponderância na disseminação dos seus interesses ideológicos e comerciais através de conteúdo sobre globalização elaborado no material didático destas empresas que compõem o setor editorial.

Palavras-chave: livros didáticos; fronteira; Chuí-Brasil; Chuy-Uruguay; globalização.

ABSTRACT

This thesis aims to investigate the use of textbooks in the frontier schools Chuí (Brazil) and Chuy (Uruguay) produced between 1996 and 2016, in which we intend to prove that the market formed by large companies influences editorial, aiming to defend their economic interests in the content of textbooks, as well as the spread of large companies in the educational sector. In order to do so, it was necessary to study concepts based on the premise of globalization and its instructional/educational approach in the contents worked in classroom in the basic education, in frontier zone, as well as to expose the focus and the possible changes that this thematic has suffered over the years in the school textbooks, verifying the origin and how they choose the didactic material. Therefore, an analysis was proposed on the theoretical perspective of globalization, verified which publishers produce and commercialize this material and, also, explained about the public policies adopted by the nations of Brazil and Uruguay in the purchase of the books used by teachers and students in the educational institutions. Based on this, this thesis is developed in three chapters: the first deals with the approaches and the formation of the border between both countries; the second presents the concepts about globalization and its variations of authors and thoughts, passing through diverse categories such as cultural trends, consumption, technological innovations and neoliberalism; the last chapter analyzes the textbooks and the teacher's interviews. The research sources and methods were bibliographic, documental, and, concomitantly, a semi-structured interview with teachers of the public basic education institution in both nations, besides, the textbooks researched at the institutions that comprehend this survey. In this thesis, it was possible to prove the performance of the textbook market composed of large national and foreign companies and the preponderance in the dissemination of their ideological and commercial interests through content on globalization elaborated in the didactic material of these companies that composes the publishing sector.

Keywords: didatic books; frontier; Chuí-Brazil; Chuy-Uruguay; globalization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Mapa Chuí-Brasil e Chuy-Uruguay.....	104
Figura 2:	Mapa da Região da Fronteira entre Brasil e Uruguay, limites atualizados com destaque para as cidades gêmeas	105
Figura 3:	Localização das escolas Brasileiras na fronteira do Chuí	109
Figura 4:	Escola Municipal de Ensino Fundamental General Artigas	110
Figura 5:	Escola Estadual de Ensino Médio Marechal Soares Andrea....	111
Figura 6:	Localização das escolas 28 e 88 do Chuy	112
Figura 7:	Localização da escola 107	112
Figura 8:	Liceus no Departamento de Rocha	113
Figura 9:	Escola Primária nº28 - Chuy	114
Figura 10:	Escola Primária nº 88 - Chuy	115
Figura 11:	Escola Primária nº107 - Chuy	115
Figura 12:	Liceus 1 e 2 - Chuy	116

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: População nas cidades gêmeas localizadas na região de fronteira entre o Brasil e Uruguay, em ordem crescente, referente ao ano de 2011 24

Quadro 2: Número de escolas da rede pública que atendem o ensino fundamental, anos finais e, ao ensino médio, na fronteira pesquisada 108

Quadro 3: Livros didáticos encontrados nas escolas pesquisadas do Chuy-Uruguay, em ordem cronológica 128

Quadro 4: Livros didáticos encontrados nas escolas pesquisadas do Chuí-Brasil, em ordem cronológica 130

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Índice de Gini comparado e histórico 99

Tabela 2: Investimentos na educação do Uruguay em relação ao PIB 100

Tabela 3: Valor das mensalidades nas dez escolas paulistanas com melhor colocação no ENEM 2016 102

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABHO - Associação Brasileira de História Oral

ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

ANPEDSUL - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

ANPUH - Associação Nacional de História

ASPHE - Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação

BM - Banco Mundial

BR - Brasil

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEIP - Conselho de Educação Inicial e Primária

CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina e Caribe

CIA - Central de Inteligência Americana

DPU - Dialetos Portugueses do Uruguay

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

EUA - Estados Unidos da América

FMI - Fundo Monetário Internacional

FTD - Frère Théophane Durand, nome da fundação que homenageia um dos principais membros da congregação marista que viveu até o início do século XX.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBEP - Instituto Brasileiro Edições Pedagógicas

INE - Instituto Nacional de Estatística do Uruguay

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MERCOSUL - Mercado Comum do Sul

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

OEC - *Operador Econômico Calificado*

ONGs - Organização Não Governamentais

ONU - Organização das Nações Unidas

OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte

PBI - Produto Bruto Interno

PEIF - Programa Escolas Interculturais de Fronteira

PIB - Produto Interno Bruto

PISA - *Programme for International Student Asssessment Internacional*

PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PND - Programa Nacional de Desestatização

PNLD - Programa Nacional do Livro Didático

PROUNI - Programa Universidade para Todos

PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira

PSL - Partido Social Liberal

PT - Partido dos Trabalhadores

STF - Supremo Tribunal Federal

SM - Sociedade Maria

UE - União Européia

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

UY - Uruguay

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 16
1. ASPECTOS SOBRE A FRONTEIRA E SEU ESPAÇO ENTRE O BRASIL E URUGUAY 23
1.1 Conceitos sobre fronteira 26
1.2 O espaço fronteiriço entre Brasil e Uruguay - possibilidades de aproximação 29
1.3 Livro didático, cultura escolar e materialidades: o exercício do pensar docente 43
2. RETROSPECTO HISTÓRICO: significados e significantes da globalização 62
2.1 Globalização e educação: agressividade neoliberal ou operação emancipatória? 63
2.2 O neoliberalismo na contemporaneidade 65
2.3 Conjuntura histórica e fases da globalização 69
2.4 A globalização e o pensamento marxista 73
2.5 Reflexões sobre globalização e a pós-modernidade 80
2.6 Considerações e perspectivas sobre globalização e a educação 83
3. LIVRO DIDÁTICO E CIDADES FRONTEIRIÇAS: contrapontos pedagógicos 92
3.1 As dimensões políticas, econômicas e sociais do Brasil e Uruguay de 1980 até a contemporaneidade 94
3.2 A formação do Chuí-Brasil e Chuy-Uruguay, aspectos históricos, políticos e sociais 103
3.3 As instituições escolares pesquisadas na fronteira do Chuy-Chuí 107
3.4 Livro didático: a materialidade no pensar educação escolar 117
CONSIDERAÇÕES FINAIS 134
FONTES DE PESQUISA 138
Escolas Chuí–Brasil 138
Escolas Chuy–Uruguay 139
REFERÊNCIAS 140

APÊNDICES 153
ANEXOS I..... 171
ANEXOS II..... 247

INTRODUÇÃO

As modificações políticas e educacionais durante o final do século XX e o início do século XXI foram instauradas em escala global. Desta forma, a globalização possibilitou mudanças políticas, econômicas, sociais, midiáticas e culturais que afetaram o padrão de consumo em todos os continentes.

Neste contexto, as nações da América do Sul, destacando neste trabalho os países do Brasil e Uruguay, começaram a discutir sobre uma nova temática na área das ciências humanas e sociais, abordada nos livros didáticos dos componentes curriculares de Geografia e História como globalização, temática esta que estuda aspectos contemporâneos de nossa sociedade.

O cenário é multifacetado devido às diferentes formas de abordagens deste tema sob aspectos culturais, econômicos e educacionais entre os anos de 1996 a 2016, com a mudança das características ideológicas e políticas contidas nos livros didáticos que trazem em sua temática o conteúdo sobre a globalização, assim como novos conceitos para escolha destes livros didáticos.

Neste trabalho de doutoramento pretendemos comprovar a tese de que o mercado formado por grandes empresas tem influência em seu editorial, visando defender seus interesses econômicos no conteúdo dos livros didáticos, bem como o crescimento das grandes empresas no setor educacional.

No âmbito educacional, esta escolha ocorre pela criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) criada em 1996 e pela utilização do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e seus pareceres sobre os livros utilizados em sala de aula no Brasil.

O período de 1996 a 2016 também foi escolhido por se tratar de um conturbado período histórico[1] nas esferas da política e da economia, com a mudança de governos e discussões paradigmáticas sobre o tema elencado nesta pesquisa.

[1]Os conflitos relacionados a este período tratam-se das mudanças sofridas no âmbito político com o avanço neoliberal e as modificações estruturais do estado com a privatização de diversas estatais nas

Foram pesquisadas as escolas que ofertam os anos finais do ensino fundamental e médio em cidades gêmeas[2] da fronteira entre os países do Brasil e Uruguay, sendo escolhidos para a pesquisa os municípios do Chuí (BR) e Chuy (UY). A escolha destes municípios deve-se pelo número de escolas que compõem as localidades, possibilitando mapear e pesquisar todas as escolas destas duas cidades. A ampliação deste trabalho para outras localidades se torna inviável devido ao prazo que o pesquisador tem para concluir a tese e seu elevado custo, bem como para não incorrer na proposição de um trabalho por amostragem, em que a pesquisa poderia ocorrer de forma aleatória, pesquisando apenas algumas escolas, de forma insatisfatória.

Estas localidades fronteiriças que fazem parte da pesquisa despertam interesse pessoal do pesquisador que possuí laços familiares e de amizades nesta região, sendo estes motivos muito mais arraigados do que simplesmente tratar a localidade como um mero setor de compras devido à presença dos *freeshops*, estando situada a aproximadamente 320 km de Pelotas, terra natal do doutorando.

Desta forma, o problema desta pesquisa é investigar nos livros didáticos encontrados a abordagem da temática globalização em sala de aula, nas escolas das cidades gêmeas, Chuí (BR) e Chuy (UY).

Os objetivos desta tese são demonstrar a premissa da globalização através dos livros didáticos entre os anos de 1996 e 2016 e a sua abordagem instrutiva/educacional em sala de aula no ensino básico das escolas na zona de fronteira, bem como verificar o funcionamento do mercado deste material didático.

Um outro aspecto deste trabalho é investigar a formação dos conglomerados editoriais e o funcionamento do mercado por onde permeiam os livros didáticos encontrados na região fronteiriça nos países do Brasil e Uruguay. Para tanto, durante este trabalho, foram estudadas, além das mudanças do mercado editorial e a

mais diversas áreas, tais como telefonia, energia elétrica, abertura de capital aos bancos estatais ou sua liquidação completa, rodovias, entre outros projetos que ainda estão sendo planejados e colocados em prática como o tratamento de água e saneamento básico.

[2]Publicado no Diário Oficial da União em março de 2014, sendo este termo utilizado para denominar as cidades que possuem características culturais, econômicas e sociais semelhantes a cidade do país vizinho e os municípios que abrangem este conceito.

penetração de empresas originárias da Europa, preponderantemente da Espanha, no mercado nacional, a formatação dos grandes conglomerados nacionais.

Expor o enfoque e as alterações que o assunto globalização sofreu ao longo dos anos, analisando a corrente teórica identificada nos livros didáticos utilizados nas instituições educacionais na região fronteiriça entre Brasil e Uruguay. Pesquisar os conteúdos sobre globalização contidos nesses materiais permite avaliar a possibilidade dos livros apresentarem a sociedade neoliberal como um modelo melhor de sociedade, a qual, supostamente, defende conceitos democráticos de liberdade e de justiça social.

Após a realização de um breve levantamento nessa região de fronteira, optou-se em trabalhar com os livros didáticos encontrados nas escolas que compõem a pesquisa, abordando as séries do ensino fundamental e médio, que tem em seu plano de ensino o tema da globalização, a fim de possuir dados de pesquisa suficientes para embasar esta tese.

Foram encontradas duas escolas públicas no Chuí – Brasil, uma de ensino fundamental municipal General Artigas e a outra de ensino fundamental e médio estadual, Marechal Soares Andrea. No Chuy – Uruguay encontramos as escolas de ensino médio o Liceu 1 e 2 e as escolas de ensino fundamental 28, 88 e 107.

Quanto aos ciclos de ensino no Uruguay, OREIRO e VALENZUELA (2012) esclarecem que *"Actualmente, en el Uruguay la educación básica obligatoria comprende nueve años: seis de primaria y tres de ciclo básico de enseñanza media, que se imparte em liceos y escuelas técnicas com el mismo currículo"* (OREIRO; VALENZUELA,2012, p.69). Os liceus, equivalentes ao ensino médio, são administrados pelo Conselho de Educação Secundária (CES) e as escolas técnicas pelo Conselho de Educação Técnico-Profissional (CETP), que também oferece a modalidade de bacharelado.

Notadamente, os ensinos Brasileiro e Uruguaio possuem diferenças em sua forma de organização e planejamento. No Uruguay o ensino é dividido em duas etapas: seis anos na escola fundamental e seis anos no liceu, sendo que o Liceu I atende os alunos equivalentes do 7º ao 9º ano do ensino fundamental no Brasil e o

Liceu II equivaleria ao ensino Médio. No Brasil são nove anos do ensino fundamental e três anos de ensino médio.

Analisando os livros didáticos da rede pública do Brasil e Uruguay pretende-se verificar, em seu conteúdo, as formas política e ideológica com que a globalização foi abordada, sendo este o principal objeto de pesquisa desenvolvido nessa tese de doutoramento. Para auxiliar nesta tarefa e averiguar quais livros didáticos foram trabalhados com os alunos em sala de aula as entrevistas com os professores são de suma importância.

Nestas entrevistas, a metodologia que embasa este roteiro é de cunho semiestruturado, com base em perguntas vinculadas à utilização do livro didático, tempo de sala de aula dos professores, disciplinas que lecionam, opção de escolha deste material, entre outras questões que auxiliaram no desenvolvimento desta tese, bem como subsidiaram a análise do mercado deste material escolar e a temática da globalização.

Os critérios de inclusão para seleção dos docentes entrevistados consideraram a atuação destes profissionais nas escolas da fronteira pesquisada entre os anos de 1996 a 2016, ainda que não tenham lecionado durante todo o período dos vinte anos que fazem parte da pesquisa. No entanto, era necessário que os entrevistados tivessem atuado em sala de aula como professores durante parte deste recorte cronológico.

As escolas que fazem parte dessa pesquisa, no município do Chuí-Brasil, são a Escola Municipal de Ensino Fundamental General Artigas e a Escola Estadual Marechal Soares Andrea, que abrangem o ensino fundamental e médio. Na cidade do Chuy Uruguay, atendem ao ensino primário a *Escuela 28, Escuela 88* e *Escuela 107* e, no ensino secundário, o *Liceo 1 e Liceo 2*. Além de analisar os livros didáticos destas escolas, foram realizadas entrevistas com os professores das instituições, compondo um total de oito entrevistas.

O estudo comparado[3] visa demonstrar as diferenciações das formas e modelos da globalização encontrada nos livros didáticos que, como repertório e suporte educacional deste período histórico, remontam às representações sociais e ao meio físico através do qual podemos estudar as faces desse processo de convergência e divergência com a globalização. Complementando este trabalho, foi, também, realizada pesquisa de campo com outras estratégias metodológicas, como a entrevista semi-estruturada[4], com a fala dos professores que, neste contexto, são atores sociais desta pesquisa.

Foi realizada uma primeira visita ao campo de pesquisa com objetivo de analisar e digitalizar os livros didáticos no município do Chuy (UY). Identificou-se, nessa ocasião, que o tema globalização é ministrado na 4ª e 5ª séries no componente curricular de Ciências Sociais e, no 3º e 4º anos do Liceu nas disciplinas de História e Geografia. Já no território do Chuí (BR), a globalização é abordada nas disciplinas de História e Geografia no 8º e 9º anos do ensino fundamental e na 3ª série do ensino médio.

Nessa primeira pesquisa de campo também foi realizada a identificação de livros didáticos de 2007 e 2010 sendo utilizados pelos alunos em sala de aula, bem como outros livros na biblioteca com mais de 10 anos de uso à disposição dos discentes e dos docentes. Ficou evidenciado que o livro didático no território Uruguaio não possuí o prazo de validade de 3 (três) anos como acontece no Brasil com o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD).

A pesquisa sobre o tema se justifica dada a escassez de estudos no período mencionado[5]. O trabalho desenvolvido em zona fronteiriça acarretará na análise do conteúdo dos livros didáticos e as entrevistas com os docentes englobando o mercado

[3]Embasando teoricamente este trabalho sobre o estudo comparado foram pesquisados os artigos de Nóvoa (2010), Correa (2011), Krawczyk (2013), Silva (2016) e o livro Educação Comparada organizado por COWEN; KAZAMIAS; ULTERHALTER (2012).

[4] Apesar de existir a metodologia de História oral com entrevistas temáticas ou de história de vida conforme (ALBERTI, 2015. P.175). Nesta tese não utilizaremos esta conceituação metodológica, devido ao fato que para trabalharmos com a História oral, segundo alguns autores, necessitaria ser a principal fonte do trabalho acadêmico. Logo, optou-se pela utilização das entrevistas semi-estruturadas utilizadas em pesquisas das ciências sociais que corroboram com este trabalho.

[5]Sobre a temática da Globalização foram poucos os trabalhos encontrados no banco de teses e dissertações na capes, revistas acadêmicas e congressos da asphe e anped.

editorial do livro didático e a temática da globalização no referido período histórico desta tese.

Uma breve pesquisa no banco de dissertações e teses da CAPES demonstra que o tema proposto é praticamente inédito, havendo poucos registros de pesquisas que contemplem temáticas sobre os livros didáticos e sua análise na perspectiva da Globalização, bem como que proponham uma análise do impacto deste assunto quando abordado em sala de aula.

Analisando os principais eventos[6] onde são apresentados trabalhos acadêmicos sobre educação que podem contribuir com este tema, foram encontrados em torno de 57 (cinquenta e sete) trabalhos, nos últimos 10 (dez) anos, que se referem à fronteira com o Uruguay, livros didáticos e globalização. Todavia, nenhum dos trabalhos encontrados aborda, no mesmo ensaio, a temática da Globalização, livros didáticos, história do tempo presente e zona de fronteira.

Os motivos que instigam este projeto, além do interesse do pesquisador por ser professor da disciplina de História e compreender a relevância deste tema para os discentes do ensino básico é, também, sua vinculação parental e afetiva na região de fronteira. Outro fator importante é a possibilidade de realizar uma pesquisa qualitativa, pois, o pequeno número de habitantes nesta fronteira permitiu o mapeamento de todas as escolas e, consequentemente, a visitação destas instituições de ensino em ambas as cidades.

A presente tese está dividida em três capítulos. O primeiro aborda a região da fronteira, apresentando as possíveis aproximações neste espaço, os autores que fundamentam as proximidades existentes entre os territórios e os dados populacionais dos países abordados neste estudo.

O segundo capítulo tem como assunto principal a globalização e sua influência no mercado econômico, ilustrando padrões de consumo que estão disponíveis em escala global e mudanças culturais adotadas no período contemporâneo.

[6]Sites disponíveis nos seguintes endereços eletrônicos: http://www.portalanpedsul.com.br; www.anped.org.br; asphers.blogspot.com

No último capítulo dessa tese, há uma análise dos livros didáticos encontrados nas escolas da fronteira, considerando tanto a origem de suas editoras quanto o conteúdo proposto sobre globalização, além de elencar as instituições escolares e a materialidade do livro didático.

A metodologia da análise documental possibilitará analisar os livros didáticos utilizados nas escolas públicas das cidades gêmeas, respectivamente Chuí (BR) – Chuy (UY). Esta análise ajudará a retratar e compreender as diferentes abordagens no âmbito educacional sobre o tema da globalização nestes dois países da América Latina. Esta abordagem metodológica permite analisar e pesquisar documentos, imagens e suas referências, permitindo a exposição, realização de resumos e comentários analíticos sobre o material pesquisado.

1. ASPECTOS SOBRE A FRONTEIRA E SEU ESPAÇO ENTRE O BRASIL E URUGUAY

Este capítulo apresenta referenciais teóricos sobre a temática da fronteira e sua formação entre o Brasil e o Uruguay. Assim, procura-se evidenciar que existem diversas possibilidades de abordagens sobre o tema, sendo analisadas perspectivas históricas de aproximações e não somente de recrudescimentos devido ao envolvimento dessa região em diversos conflitos desde o período da colonização portuguesa e espanhola, perpassando pela independência do Uruguay marcada pela guerra contra o Brasil. Naquela época, o império brasileiro buscava manter a Província Cisplatina[7], todavia, a guerra, que aconteceu entre os anos de 1825 e 1828, foi marcada pela derrota do império brasileiro e a independência do Uruguay. Entre tantos conflitos e revoltas, podemos destacar a Farroupilha, a Federalista e a de 1923, que atingiram estas fronteiras, perpassando o cenário regional. Sendo assim, o trabalho se refere a outros aspectos no âmbito cultural e político, desta forma, indo além dos embates ocorrido nesta zona fronteiriça.

A compreensão sobre fronteira auxilia na delimitação das características singulares entre a região fronteiriça do Brasil e Uruguay, estudadas neste capítulo, com o intuito de demonstrar suas similitudes, incluindo as temáticas educação e cultura que auxiliam na verificação de possíveis aproximações entre estes países.

Os municípios envolvidos neste trabalho foram criados há menos de quarenta anos, fazendo parte da história do tempo presente. A localidade do Chuy (UY) integra o departamento de Rocha, sendo reconhecido como cidade em 11 de dezembro de

[7] Com a invasão da França a Portugal em 1808, a família real portuguesa foge para o Brasil ainda no período colonial. Em 1811 o Brasil ocupou a área do atual território uruguayo que, neste período, pertencia à Espanha. Esta invasão foi uma resposta ao apoio da Espanha à França de Napoleão Bonaparte, que havia ocupado Portugal. Mesmo com a queda de Bonaparte, em 1821 o Império Português anexou formalmente o território. Com a criação do Império brasileiro, em 1822, esta Província continuava pertencente ao território brasileiro, declarando independência em 1825, quando eclode A Guerra da Cisplatina, envolvendo o Império Brasileiro e as Províncias Unidas do Rio da Prata. Este conflito durou 3 (três) anos, sendo vencido pela província. Em 1828 ocorre a assinatura do Tratado de Montevidéu, onde foi declarada independência do Uruguay. Para saber mais sobre este tema, ver os livros de Nelson Boeira & Tau Golin (2006) Volumes I e II.

1981, durante o período da Ditadura Militar uruguaia. Por sua vez, a cidade do Chuí (BR) adquire sua emancipação do município de Santa Vitória do Palmar somente em 22 de outubro de 1995, durante o período da Nova República no Brasil.

Conforme informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil em 2018 possui cerca de duzentos e oito milhões de habitantes. A população do estado do Rio Grande do Sul cerca de onze milhões e a população do município do Chuí, atualmente, em torno de seis mil habitantes.

O último censo da população uruguaya foi realizado pelo *Instituto Nacional de Estadística* (INE/UY) no ano de 2011. Neste censo, o Uruguay apresenta cerca de três milhões de habitantes, o departamento de Rocha aproximadamente sessenta e oito mil habitantes e o município do Chuy dez mil habitantes, sendo consideradas cidades conturbadas[8] pelo seu crescimento na região de fronteira, devido ao comércio existente.

Essa fronteira entre Brasil e Uruguay possui cerca de mil quilômetros de extensão territorial. No quadro abaixo estão apresentadas as cidades gêmeas existentes ao longo dessa fronteira, seja pela proximidade física entre os países ou por suas peculiaridades e aproximações, sendo possível visualizar a proporção populacional existente entre elas.

Quadro 1: População nas cidades gêmeas localizadas na região de fronteira entre Brasil e Uruguay, em ordem crescente, referente ao ano de 2011:

Cidades Gêmeas Brasil-Uruguay	**Ano Base 2011 População**
Aceguá-Aceguá	5.930
Chuí-Chuy	15.639
Barra do Quaraí-Bella Unión	16.231
Jaguarão-Rio Branco	42.473
Quaraí-Artigas	63.660
Santana do Livramento-Rivera	146.725

[8] Termo técnico utilizado por geógrafos para explicar o crescimento populacional de uma cidade a qual acontece praticamente ao lado de outra localidade, dificultando a identificação de onde inicia uma cidade e termina outra.

Fonte: SPEROTTO, Fernanda Queiros. Mirando a fronteira: as cidades gêmeas gaúchas. Ano 22 Nº2-2013. Fundação de Economia e Estatística.

Realizando a integração do número de habitantes nestas cidades gêmeas, a maior delas, no âmbito populacional, é Santana do Livramento – Rivera. A população da fronteira Chuí-Chuy possui cerca de dezesseis mil habitantes.

Ao verificarmos a demografia desta região percebemos que, no que tange ao contingente populacional do Brasil, a cidade do Chuí representa apenas 0,003% da população Brasileira e o Chuy, em relação à população do Uruguay, representa 0,35% desta. Considerando a possibilidade de que parte desta população pode ter estudado fora desta região de fronteira ou frequentado poucos anos a rede de ensino, quando abordamos o aspecto da fronteira no âmbito brasileiro, de acordo com Reckziegel (2015), na fronteira do Rio Grande do Sul está o maior índice de habitantes no Brasil.

> [...] Por outro lado, a extensa fronteira internacional do Rio Grande representa mais de 10% do total das fronteiras do Brasil, de forma que, entre as unidades da Federação, somente o estado do Amazonas tem uma extensão maior. Todavia, aquele, que é o maior estado da União, apresenta fronteiras internacionais em sua maior parte quase despovoadas, ao passo que o estado sulino tem as fronteiras mais ocupadas do país. (RECKZIEGEL,2015, p. 20-21)

Apesar de apenas o Chuí (BR) e o Chuy (UY) estarem contemplados neste estudo, identificamos proeminentes semelhanças quando abordamos a temática das cidades gêmeas entre Brasil e Uruguay. Estas aproximações entre as comunidades se dão através da economia, do livre mercado, da cultura e das políticas públicas e sociais.

1.1 Conceitos sobre fronteira

Os conceitos sobre a formação de fronteira foram estudados através dos autores Homi Bhabha (1998), Benedict Anderson (2008), José Mateo (2001), Nelson Boeira & Tau Golin (2006), Ana Luiza Setti Reckziegel (2015), além de outros autores que também realizaram relevantes pesquisas nesta área.

O mais importante indicador da estruturação desta região são os aspectos históricos e culturais presentes. Estes denotam o contato interfronteiriço, seja pelos fatores políticos, militares ou estilo de vida, identificando nesta fronteira cidades gêmeas com características singulares.

Quando tratamos deste tema e das demarcações territoriais, nos reportamos aos registros históricos de conflitos existentes. Observamos que nas mais diversas regiões geográficas do mundo e nos mais variados recortes cronológicos, as regiões de fronteira são marcadas por disputas geopolíticas, seja durante a antiguidade ou na contemporaneidade.

Constatamos nestas regiões a ocorrência de crimes dos mais variados, por defesa do espaço geográfico até conflitos que envolvem questões militares existentes. Como exemplos, podemos nos remeter ao período da história antiga com as lutas para demarcação do Império Romano, também, à idade média com a disputa e invasão de feudos, cidades na Europa e territórios no Oriente Médio ou, já na contemporaneidade, ao muro que Donald Trump, atual presidente dos Estados Unidos da América, pretende construir para evitar a chegada de imigrantes mexicanos ao seu país. Sobre este último, para registro, os Estados Unidos da América, há cerca de sessenta anos atrás, foram contrários à construção do muro de Berlim pela União Soviética alegando supressão da liberdade dos alemães que estavam sob tutela do regime socialista na parte oriental da Alemanha.

Apesar destes exemplos históricos denotarem o recrudescimento em zona fronteiriça, este primeiro capítulo pretende salientar as aproximações culturais, econômicas e sociais neste território. O intuito é demonstrar que na fronteira também existe a possibilidade de um relacionamento com trocas culturais, de comércio e de

convivência, com ênfase nas aproximações que aconteceram entre estas cidades que são analisados nesta tese.

O livro de José Mateo (2001) denominado de *"Población, parentesco y red social en la frontera. Lobos (província de Buenos Aires) en el siglo XIX"* explora a situação da Argentina na primeira metade do século XIX. O autor explica o clientelismo e as transformações que se formaram neste período pelo avanço do capitalismo, além de explicitar a importância dos estudos demográficos para compreendermos a distribuição da população naquela região. Sua pesquisa analisou a propriedade da terra e as unidades vizinhas que buscavam relacionamentos através do parentesco com a realização de casamentos, gerando alguns acordos comerciais.

Tomando como parâmetro a pesquisa de Mateo (2001), a reflexão sobre a situação demográfica das cidades abordadas na tese se torna relevante para compreendermos certas características específicas desta região.

Benedict Anderson (2008), em seu livro "Comunidades Imaginadas", ilustra como podem ser recriadas as raízes culturais e as origens da consciência nacional. Ele enfatiza a atuação do estado através do manuseio dos mapas, censos e outras formas de enaltecer e marcar aspectos de uma nação, ao distinguir suas localidades das mais variadas formas, seja por sistemas econômicos, regimes políticos, fatores linguísticos ou culturais.

Ao pensarmos nas modificações do nacionalismo, expostas por Benedict Anderson através da demarcação de fronteiras e a criação das raízes culturais seja pela língua, símbolos ou a elaboração de monumentos aos soldados e, principalmente, aos generais que lutaram para defender estes territórios, podemos descrever uma diferenciação destes países. Todavia, alguns aspectos ocasionam a reaproximação de determinados países, quando estes possuem ideais semelhantes, viabilizando certa harmonia em determinadas regiões.

Ainda, Homi Bhabha (1998) em seu livro "O Local da Cultura", nos fornece a base para uma observação preliminar da cultura, da geopolítica e das demais questões locais que podem, de alguma forma, representar traços da identidade de um povo. Segundo Bhabha:

> [...] Esses “entre-lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade. (BHABHA, 1998, p.9).

Logo, os entre-lugares possibilitam trocas culturais, políticas e econômicas, que colaboram para o desenvolvimento das regiões de fronteira nas mais variadas sociedades. Esses são abordados neste capítulo, em que se tratando da fronteira entre o Brasil e Uruguay.

Partimos do pressuposto que a fronteira em análise perpassou por séculos conflituosos com a demarcação de colônias e diferenças culturais entre Portugueses e Espanhóis[9] e, posteriormente, por divergências políticas entre os monarquistas brasileiros e republicanos uruguaios na disputa da independência do Uruguay. Contudo, a partir de 1889 ambos os países iniciam um período de reaproximação política, pois o Brasil passa a adotar o modelo republicano e, devido aos conflitos e aproximações, identificamos que se trata de um destes entre-lugares referidos por Bhabha (1998).

O comércio se torna fundamental para compreensão da formação da fronteira. Segundo a tese de Adriana Dorfman (2009) intitulada “Contrabandistas na fronteira gaúcha: escalas geográficas e representações textuais”, os *freeshops* em solo uruguaio foram instalados em meados da década de 1980, permitindo que somente estrangeiros adquirissem produtos nestes estabelecimentos comerciais. O Brasil iniciou o projeto de lei para aprovar a criação das lojas em suas fronteiras a partir da Lei Nº 12.723/2012.

Estes freeshops remontam à possibilidade de produtos de marcas internacionais advindas, principalmente, da Europa e dos Estados Unidos da América (EUA), estarem disponíveis comercialmente aos brasileiros. São itens como uísques, vinhos, champanhes, produtos eletrônicos, roupas e outros utensílios que se configuram com grande importância na mídia como marcas e símbolos de bens de

[9] Sobre o Brasil Colonial pode ser lida a coleção denominada de “O Brasil Colonial” composta por três volumes organizada por João Fragoso e Maria de Fátima Gouvêa publicada em 2014.

consumo que pretendem significar um alto padrão econômico aos consumidores que possuem estes artefatos. Ao considerarmos a análise de Bhabha (1998) para o qual o mercado é um dos pilares do sistema do capital global, é possível analisarmos a presença do sistema capitalista nesta fronteira pela implementação do livre comércio de produtos de luxo.

> Os significados desconectados do presente são fixados nas periodizações pontuais do mercado, do monopólio e do capital multinacional. Os movimentos erráticos e intersticiais, que significam as temporalidades transnacionais da cultura, são rejuntados aos espaços teleológicos do capital global. E, através do enquadramento do presente dentro das 'três fases' do capital, a energia inovadora do 'terceiro' espaço de certa forma se perde. (BHABHA, 1998, p.302)

O autor ao tratar das periodizações pontuais do mercado refere-se às mudanças e inovações ocorridas, resultando no monopólio de empresas e países que conseguiram propagar e comercializar seus padrões de conhecimento estabelecendo regras mercadológicas internacionais.

Nesta análise, tenta-se apresentar conceitos sobre fronteira que auxiliam no desenvolvimento desta tese. O intuito é identificar as semelhanças entre Brasil e Uruguay em distintas áreas, demonstrando que nos mais variados contextos econômicos, políticos, sociais e culturais existe a possibilidade de trocas nesta região.

1.2 O espaço fronteiriço entre Brasil e Uruguay - possibilidades de aproximação

Sobre a formação da fronteira e a sua intersecção com a temática da educação na região, serão utilizados referenciais teóricos que abordam a história do Brasil e Uruguay. Autores como Ana Luiza Setti Reckziegel (2015), Juan Bogliaccini & Federico Rodriguez (2015), Vera Peroni (2006) além de outros, serão apresentados posteriormente neste capítulo.

A partir de 1889, a mudança na política brasileira, com a queda da monarquia no Brasil e a instauração da República em 15 de novembro de 1889[10], proporcionou uma aproximação do Brasil com os demais países sul-americanos que possuíam, há praticamente seis décadas, o regime político republicano em vigor.

Neste período de ruptura histórica, com a passagem da monarquia para república, ocorrem significativas mudanças na estruturação tanto política quanto educacional brasileira. A Igreja Católica desvincula-se do estado brasileiro e, desta forma, o sistema educacional brasileiro inicia uma distinção: “Assim, paulatinamente, no final do século XIX, se consolida um sistema dual em termos de textos escolares infantis no qual as polaridades são as orientações religiosas católicas e as seculares liberais.” (TAMBARA, 2003, p.109).

Entre os anos de 1893 a 1895, no início da república no Brasil, a disputa política entre federalistas e republicanos provocam um conflito político no estado do Rio Grande do Sul denominado de Revolução Federalista. No Uruguai, membros dos partidos blancos e colorados também rivalizaram o poder, com o encerramento deste conflito em 1904, com os colorados vitoriosos. Este episódio histórico possibilitou que, no estado do Rio Grande do Sul, ocorresse a hegemonia do Partido Republicano Rio-grandense durante praticamente todo o período histórico brasileiro conhecido como República Velha[11].

De acordo com Reckziegel (2015), esses acontecimentos que envolveram a política do Rio Grande do Sul e do Uruguay entre os anos de 1893 a 1904 constituiu-se como “[...] uma verdadeira diplomacia marginal [...]” (RECKZIEGEL, 2015, p.28). O autor considera que os acordos entre rio-grandenses e uruguaios, de certa forma, alijavam os interesses do governo federal brasileiro. Sobre este período a autora relata:

[10] Este trabalho abordará o espaço de Fronteira a partir de 1889, com a criação da República no Brasil. Para orientar o período Colonial e Imperial da Região com os diversos tratados e escaramuças entre a América Portuguesa e Espanhola é recomendado a leitura dos livros de Nelson Boeira e Tau Golin Colônia Vol.1 e Império Vol. 2 da Coleção: História Geral do Rio Grande do Sul.

[11] O término do governo de Borges de Medeiros ocorre em 1928, quando termina o seu mandato, sendo substituído como governante do estado do Rio Grande do Sul por Getúlio Vargas. Posteriormente Vargas, com o apoio dos militares, assume a presidência do Brasil em 1930 de forma provisória findando a República Velha.

> As investigações preliminares acerca da interconexão entre o Rio Grande do Sul e o Uruguay nesse período indicaram que o estreitamento dos laços entre essas áreas não se dava apenas no nível econômico e cultural em razão da proximidade fronteiriça, mas estendia-se, além disso, determinando uma verdadeira situação de fricção interétnica e implicando complexas questões de ordem internacional. (RECKZIEGEL, 2015, p.327)

Estas aproximações são latentes, como podemos observar na cidade de Santa Vitória do Palmar[12] a sua confluência com o departamento de Rocha[13]. Até mesmo na linha de transportes entre as localidades, analisando as diligências que saíam na primeira década do século XX do município de Santa Vitória do Palmar temos que "[...] Por uma diligência, que vai da Quinta a esta cidade, e por três linhas de diligências para a República Oriental do Uruguay [...]" (ARRIADA, 2015, p.189). Considerando o número de diligências evidencia-se como a localidade fronteiriça possuía maior vinculação no transporte de passageiros com o Uruguay do que com o Brasil.

Durante a República Velha no Brasil foi intenso o comércio do Rio Grande do Sul com o Uruguay "[...] O comércio é florescente e representado por 120 estabelecimentos com o capital de 1.500.000 $. Exporta para o Rio Grande, Pelotas e República Oriental do Uruguay, e importa dos mesmos[...]" (ARRIADA, 2015, p.189).

A fronteira entre o estado do Rio Grande do Sul e o Uruguay remonta a características singulares. Desta forma, a sua formação corrobora com o envolvimento de seus habitantes nos mais diversos campos culturais, econômicos, políticos e sociais. Pelo fato de alguns caudilhos rio-grandenses possuírem ideais e até mesmo terras no país vizinho, naquele período, transformaram suas fazendas em bases de encontro ou retirada das tropas dos conflitos que ocorriam no outro lado da fronteira.

Posteriormente, em 1923, outra revolta no estado do Rio Grande do Sul envolvendo republicanos e federalistas culminou com o Pacto de Pedras Altas. O mesmo estipulava que o então mandato de Borges de Medeiros como chefe do

[12] Neste período o Chuí-Brasil era uma localidade de Santa Vitória do Palmar, reconhecido como município apenas em 1997.
[13] O município do Chuy-Uruguay pertence ao departamento de Rocha desde a fundação do departamento em 7 de julho de 1880.

governo estadual seria o último, pois este se encontrava no poder desde a morte de Júlio de Castilhos, na primeira década do século XX.

Apesar das revoltas expostas nos parágrafos anteriores ocorridas no estado do Rio Grande do Sul (Brasil) e no Uruguay, a linha de pesquisa aqui desenvolvida aborda a aproximação entre ambos os países no período republicano e, principalmente, os tratados e estudos na área educacional que demonstram essa colaboração entre as localidades.

Sobre a educação na região, destacamos a tese defendida pela professora Caroline Braga Michel (2017) intitulada “Missão de estudos ao Uruguay: mudanças no sistema de ensino no Rio Grande do Sul (1913-1927)”. Ela aborda em seu trabalho os Decretos nº 2.224 de 1916, Decreto nº 3.898 de 1927 e Decreto nº 3.903 de 1927 que tratam da organização educacional no estado do Rio Grande do Sul, apontando que, naquele período histórico, existiram a visita e aproximação de práticas docentes entre os professores rio-grandenses e do país vizinho. Segundo a autora, essa aproximação entre o estado gaúcho e Uruguay pode ser vista nas práticas de sala aula.

De acordo com Berenice Corsetti (2007) em “A Educação construindo o cidadão”, durante a república velha os conteúdos de História possuíam forte viés ideológico, contemplando instrumentos de dominação e mediação dos interesses entre os Republicanos e a Igreja Católica. Os livros didáticos aprovados para serem utilizados neste período possuíam baixo custo, unidade doutrinária e metodológica compatível com o pensamento dos governantes.

Nos anos de 1920 com a liderança de Manoel Vicente do Amaral, pertencente ao Partido Republicano-Riograndense, Santa Vitória do Palmar modernizou sua infraestrutura e incrementou seu comércio “[...] Cada vez mais o contato com outras partes do Brasil e Uruguay era ampliado” (ARRIADA, 2015, p.193).

Desta forma, a República Velha mostrou-se promissora para o Município de Santa Vitória do Palmar, que também foi atingido pela crise econômica mundial de 1929, iniciada nos Estados Unidos da América (EUA). Essa crise afetou fortemente o Brasil pela retração no consumo do café, principal produto agroexportador do país, produzido em grande escala no estado de São Paulo, naquele período. A República

Velha começou a entrar em colapso econômico, atingindo em seguida o modelo político no país e, consequentemente, os estados da nação.

Em 1930, nesse contexto de crise política e financeira, Getúlio Vargas, ex-governante do estado do Rio Grande do Sul, contando com apoio militar, assume a presidência da República do Brasil. Ele instaura o governo provisório destituindo Washington Luís e, consequentemente, impedindo a posse de Júlio Prestes. Encerra-se com isso o período histórico denominado de República Velha, também conhecida como República do café com leite[14], composta politicamente pelos estados de São Paulo e Minas Gerais que revezavam a presidência do país.

Ao tomar o poder, inicialmente em caráter provisório, Vargas inicia um novo período na história brasileira, permanecendo presidente da nação por quinze anos consecutivos, sem que ocorra eleições de forma direta para presidente neste período. Ele implanta o modelo ditatorial em 1937, denominado de Estado novo, que possuía semelhanças com o modelo implantado por Salazar, em Portugal, no ano de 1933.

Com o governo de Getúlio Vargas, a área da educação no Brasil sofre mudanças significativas. Primeiramente com Francisco Campos, que assume como Ministro da Educação e Saúde Pública em 1930, e posteriormente, Gustavo Capanema, assumindo a pasta no ano de 1934 e permanecendo no ministério até 1945.

> A partir de 1930, as medidas tendentes a criar um sistema educativo e promover a educação tomaram outro sentido, partindo principalmente do centro para a periferia. Em resumo, a educação entrou no compasso da visão geral centralizadora. Um marco inicial desse propósito foi a criação do Ministério da Educação e Saúde, em novembro de 1930. (FAUSTO, 2012, p.288)

Conforme Eliane Peres (2003), durante a Era Vargas surgiu no estado do Rio Grande do Sul o discurso da renovação pedagógica, disseminado pelo Centro de

[14] O estado de São Paulo pela sua importância econômica no domínio do plantio do café, principal produto exportado pela nação neste período. O estado de Minas Gerais por ser o maior produtor de leite e seus derivados, comercializados no mercado interno, e também por motivos políticos já que neste período era o maior colégio eleitoral do país com uma relevante bancada na esfera legislativa.

Pesquisa e Orientações Educacionais, vinculado à Secretaria da Educação Estadual. Este centro preconizava a divulgação dos fundamentos da Escola Renovada, com a implementação de métodos sendo "[...] a centralidade da criança no processo de aprendizagem, a escola como espaço de exercício de criatividade, o desenvolvimento da autodisciplina, da liberdade individual [...]" (PERES, 2003, P.79). Estes valores difundidos traduzem a ideologia presente na renovação pedagógica proposta na escola primária gaúcha.

Deposto por militares em 1945, somente em 1950 Getúlio Vargas retoma o poder de forma democrática. Torna-se, então, o presidente com maior tempo no cargo, totalizando dezenove anos, quando comete suicídio em 1954.

Posteriormente, nas décadas de 1960 e 1970, os países latino americanos sofreram politicamente com o avanço da Guerra Fria[15] e com a implementação das Ditaduras Militares nos países da região, apoiadas ideológica e financeiramente pelos Estados Unidos da América (EUA). Neste período, a ideologia estadunidense e o combate ao comunismo foram disseminados no continente americano. O plano anticomunista criado pelos Estados Unidos da América ficou conhecido como Plano Condor, comandado pela Central de Inteligência Americana (CIA). Estes treinavam e apoiavam os militares dos países da Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguay que buscavam, de forma coordenada, reprimir qualquer movimento contrário ao sistema capitalista e aos regimes ditatoriais, eliminando assim os principais líderes de oposição.

Sobre a educação brasileira neste período ditatorial, conforme Bóris Fausto (2012), nos países industrializados houve um avanço e sua expansão começa no 1º grau, se propagando até a universidade. No Brasil da década de 1970, esse modelo

[15] Com o término da Segunda Guerra Mundial, em 1945, os dois principais países vencedores, Estados Unidos da América e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, acirram a disputa e dividem regiões pela hegemonia política, militar e econômica, ficando este evento conhecido como Guerra Fria. Este episódio histórico é assim denominado, pois, essas duas potências não se enfrentaram diretamente, apesar de participarem ativamente em diversas guerras como as guerras no Afeganistão, Coréia, Crise dos Mísseis em Cuba e Vietnã. Além dos conflitos aconteceram "[...] mudanças fundamentais, extraordinárias, sem precedentes que a economia mundial, e consequentemente as sociedades humanas, tinham sofrido no período desde o início da Guerra Fria. [...]" (HOBSBAWM, 2008, p.252). Este conflito perdurou até 1989, quando inicia a derrocada do bloco socialista comandado pela URSS. Com o esfacelamento da União Soviética, a China seguiu o sistema político de viés comunista e atualmente ocupa o segundo lugar na economia mundial, com uma superpopulação em torno de 1,38 bilhão de habitantes.

foi inversamente proporcional “o nível que mais cresceu foi a pós-graduação (31%), seguida do ensino universitário (12%), do ensino de 2º grau (11%) e, por último, do ensino de 1º grau (4%)” (FAUSTO, 2012, p.461).

Entre as décadas de 1960 e 1980 ocorreu, no Brasil e Uruguay, um processo de urbanização com significativo aumento de habitantes que passaram a viver nas cidades. Conforme Katzman e Retamoso (2007), a partir dos anos de 1960 a capital uruguaya pode ser concebida como uma unidade territorial e integrada por centralizar o mundo do trabalho, tanto no estado como na indústria. No Brasil “[...] constatamos que em 1980 a maioria da população (51,5%) passara a ser urbana” (FAUSTO,2012, p.454). Demonstrando que em ambos os países no mesmo período se tornaram majoritariamente concentradas na área urbana.

No final da década de 1970, início dos anos de 1980, as ditaduras militares ocasionaram um descompasso financeiro nos países da América Latina. Em 1979, o Brasil criou a lei nº 6634, regulamentando quais atividades industriais poderiam instalar-se na zona da fronteira brasileira, dificultando vertiginosamente o crescimento econômico na região. Esses países entraram numa severa crise econômica sendo atribuída por diversas causas externas. Segundo os técnicos do Banco Central do Uruguay Dominioni; Furest & Murphy (1984) apresentaram na XXI reunião dos técnicos dos bancos centrais do continente Americano, os fatores preponderantes para esta crise foram o alto preço do petróleo importado pelos países do Conesul e a baixa exportação da agricultura, considerando que os produtos primários eram a maior fonte de renda deste país. Além da dívida externa, os governos ditatoriais produziram hiperinflações na Argentina e Brasil. No Uruguay ocorreu uma enorme perda das reservas e um aumento significativo desta dívida.

Analisando o impacto externo sofrido nas economias brasileira e uruguaia através de Jorge Caldeira (2017) e Dominioni; Furest & Murphy (1984), é notável que no início da década de 1980 ambos países sofreram com a inflação. Registrou-se nesse período altos níveis de desemprego, quedas no poder de compra com o salário mínimo, balança comercial desfavorável e o consequente aumento da dívida externa. A situação brasileira tornou-se ainda mais crítica, se comparada ao país vizinho, ao comunicar sua moratória aos seus credores em dezembro de 1982.

O livro de Atilio Boron (2005*) "Las Reformas en los países del conosur: un balance crítico"*, demonstra como as modificações do capitalismo influenciaram na educação do Cone Sul. Partindo dos princípios básicos da ideologia neoliberal, evidenciou-se que o Brasil estava fazendo parte das modificações educacionais pertencentes ao novo sistema neoliberal do capitalismo no final do século XX.

> O contexto onde se desenvolveram as reformas educativas do Cone Sul foi o processo de globalização, o qual está caracterizado pelo profundo desenvolvimento capitalista mundial através da transnacionalização do capital. (BORON, 2005, p.43, tradução nossa).

Neste período, países da América Latina também participaram destas novas modificações na educação, alterando significativamente a conformação geopolítica em âmbito global com a queda de grande parte do bloco socialista na década de 1990, atualmente composto pela China, Cuba e Coréia do Norte. Estas modificações no âmbito educacional também influenciaram na produção dos livros didáticos. Nota-se a influência massiva do capital espanhol e a distribuição deste material na América Latina.

Boron (2005) também remonta às modificações estruturais na educação dos seguintes países da América do Sul: Argentina, Brasil, Chile e Uruguay. No Brasil, foram implementados os processos de mercantilização da produção do trabalho, "[...] funcionando novos processos de gestão e regulação da educação e da escola [...]" (BORON, 2005, p.43, tradução nossa).

No Uruguay, a partir de 1980, houve aumento substancial do número de alunos na rede privada devido à mudança nas condições financeiras de seu país com o aumento considerável da industrialização e do mercado global. Contudo, na década seguinte, os alunos regressaram para as escolas públicas *"Como resultado, entre 1994 y 2004 las escuelas privadas registraron un descenso en la proporción de niños de los estratos médios del 41,8% al 37,9%* [...]" (KAZTMAN; RETAMOSO, 2007, p.136). Esta situação econômica no Uruguay é consequente ao esgotamento das reservas desse país com a crise nos anos de 1980, tornando-se vulnerável para as crises econômicas que ocorreram na década de 1990 e no início do século XXI.

Conforme Peroni (2006), no capítulo denominado "Mudanças na configuração do estado e sua influência na política educacional", verificam-se estas alterações na

configuração do estado brasileiro. A partir de 1995, adotaram-se políticas neoliberais que influenciaram nas decisões tomadas a fim de diminuir a atuação do estado, proporcionando a atuação do mercado na área educacional, tanto no terceiro setor como através das privatizações.

Na década de 1990, os gastos com educação, relativizado ao seu percentual concomitante ao Produto Interno Bruto (PIB), demonstram diferenças consideráveis nos países sul-americanos. De acordo com Boron:

> [...] Uruguay mostra um dos piores comportamentos na segunda metade dos '90, algo similar ao Brasil em torno ao peso relativo no gasto total, mas inferior em comparação com o PBI. Chile e Argentina apresentaram um comportamento similar à média. (BORON, 2005, p.381, tradução nossa)

Devido a esta crise e, corroborando com KAZTMAN & RETAMOSO (2007), demonstra-se que no ano 2000 o Uruguay ocupava apenas a décima nona posição de vinte e dois países no ranking de investimentos com a educação, utilizando como parâmetro o percentual referente ao Produto Interno Bruto entre os países da América Latina e Caribe. Porém, os parâmetros educacionais se mantiveram elevados em comparação aos países vizinhos devido ao investimento feito na ampliação e desenvolvimento da educação inicial dos estudantes, beneficiando as escolas localizadas nos bairros onde eram latentes os maiores contextos de vulnerabilidade social.

No início do século XXI, os índices de desempenho da educação do Uruguay continuaram elevados, conforme informações coletadas pelo *Programme for International Student Asssessment Internacional*[16] – PISA, repetido a cada três anos e coordenado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE. De acordo com o desempenho registrado nas provas realizadas no período entre 2003 a 2006 por Oreiro & Valenzuela (2012), estes resultados satisfatórios foram alcançados graças à eficiência na utilização dos recursos destinados a área educacional.

[16] Traduzido no Brasil como Programa Internacional de Avaliação de Estudantes

Reportando-nos aos dados do Banco Mundial de 2015[17], verificamos o Índice de Gini, instrumento de medição da concentração de renda por um determinado grupo. Desta forma, quanto maior o número indicado nesta fórmula, mais elevada será a desigualdade social do país. Utilizando estes dados como parâmetro, o Uruguay é o país com um dos menores coeficientes da América do Sul com 41,7 (quarenta e um, sete), enquanto que o Brasil apresentou um dos piores índices atingindo 51,3 (cinquenta e um, três).[18]

Juan Bogliaccini e Federico Rodríguez (2015) em seu artigo *"Regulación del sistema educativo y desigualdades de aprendizaje en el Uruguay"* retratam a regulação do sistema educativo e desigualdades de aprendizagem no Uruguay. Expõem algumas desigualdades no país como a condição das escolas de bairros, onde os docentes com maior experiência e titulação atuam e a questão do fator preponderante que ocorre na área tecnológica, onde:

> [...] o mecanismo de provisão e mantimento de recursos tecnológicos a serviço da educação reforça um acesso mais desigual favorecendo os estabelecimentos educativos de contextos mais favoráveis" (BOGLIACCINI; RODRÍGUEZ, 2015, p.98, tradução nossa).

Portanto, percebe-se que a situação do Brasil apresenta o implante na área educacional que ambos os sistemas mercadológicos foram executados no país, na esfera privada, com verbas públicas. Alguns exemplos como o PROUNI – Programa Universidade para Todos (2004), onde alunos conseguem bolsas integrais ou com a metade do valor em universidades particulares, sendo estes valores pagos pela união e também o PRONATEC – Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (2011), que ofertava cursos técnicos variados tanto em instituições públicas quanto em instituições parceiras do terceiro setor do Sistema S[19], demonstrando a

[17] Dados apresentados pelo Banco Mundial através do site https://datos.bancomundial.org.br/indicador/si.POV.gini?end=2015&start=2015&view=bar&year_low_desc=true

[18] A Eslovênia neste parâmetro de 2015 apresentou um dos melhores resultados do mundo com 25,4 (vinte e cinco, quatro), sendo que os países africanos apresentam a maior desproporção de renda como, por exemplo, a Zâmbia atingindo 57,1 (cinquenta e sete, um).

[19] O Sistema S é um conjunto de organizações compostas por entidades coorporativas como o Serviço Social da Indústria - SESI e o Serviço Social do Comércio – SESC, entre outras, as quais recebem

força do terceiro setor. Exemplos neoliberais também são evidenciados como a compra de livros didáticos produzidos pela iniciativa privada e as licitações básicas na manutenção das instituições públicas.

Já no Uruguay, há a utilização dos livros didáticos importados da empresa Santillana[20] nas instituições públicas do país. Esta editora é uma das maiores no setor e uma das principais fornecedoras de livros didáticos, com sede na Espanha, com grande influência na América Latina. No Brasil, esta empresa multinacional comprou os direitos econômicos da Editora Moderna, deste modo, não utiliza o seu nome de capital europeu.

Além da questão dos livros didáticos a situação educacional no Uruguay descrita por Borón está vinculada ao discurso modernizador, a fim de estimular o consumo das tecnologias de ponta vinculadas ao material paradidático e sua utilização em sala de aula e uma pretensa eficiência administrativa é privilegiado "[..] o empresário ou gerente administrativo, marcando a ausência de um dos atores mais próximos ao aluno, como é o trabalhador da educação."(BORÓN, 2005, p.439, tradução nossa).

Conforme Borón, a implantação do neoliberalismo no Uruguay atingiu bruscamente a área educacional onde foram criados novos mecanismos de controle, seja na fiscalização das tarefas realizadas, bem como na mudança da atuação dos diretores. Acarretou também na precarização do trabalho docente, devido ao aumento da contração de professores interinos gerando instabilidade empregatícia para o trabalhador docente. Outro fator preocupante é a questão salarial a qual "[...] obriga o trabalhador do ensino a aumentar as horas de docência direta [...]" (BORÓN, 2005, p. 457, tradução nossa).

As realidades educacionais do Brasil e Uruguay assemelham-se no modelo implementado, nos aspectos culturais relacionados ao mercado dos livros didáticos, na divisão do ensino seriado e nos aspectos econômicos, que serão vistos a seguir com a implementação de um mercado comum na região da América Latina.

---

vultuosos recursos de empresas privadas que, em contrapartida, deduzem estes valores repassados dos impostos para a união.

[20] Tema que será exposto no terceiro capítulo desta tese, apresentando os livros didáticos encontrados nas instituições de ensino na fronteira.

Além dos acordos bilaterais e negócios existentes entre os países que envolvem esta pesquisa, em 1991 a integração na esfera econômica se torna latente com a criação do MERCOSUL, Mercado Comum do Sul. Este implementou uma integração econômica entre a Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguay, sendo promulgado por estas nações "É assinado o Tratado de Assunção, que cria o Mercosul e estabelece sua transformação em União Aduaneira a partir do final de 1994." (FAUSTO, 2015, p.605).

Apesar do MERCOSUL tratar, aparentemente, de objetivos comerciais e alfandegários, verifica-se que neste acordo existem políticas maiores de integração entre as nações pertencentes ao bloco, citando como exemplo a aprendizagem da língua do país vizinho.

> O artigo 4 das declarações do protocolo de intenções no dito tratado (datado de 13/12/91) manifesta o interesse de difundir a aprendizagem dos idiomas oficiais do MERCOSUL – espanhol e português – através dos Sistemas Educativos. Uruguay, como país membro do tratado, deverá instrumentar os mecanismos para cumprir com este propósito, que em seu caso implica no ensino do português. (BARRIOS, p.96, 1996, Tradução Nossa).

Posteriormente, em 1997, Bolívia e Chile aderiram a este grupo como países associados. A Venezuela entrou para o grupo no ano de 2012, estando suspensa desde 2016 devido à crise política e econômica instaurada naquele país. Essa suspensão foi impulsionada pelas novas diretrizes políticas de direita dos presidentes dos demais países que compõem o grupo, pois o potencial petrolífero da nação venezuelana poderia reduzir o preço dos combustíveis nos demais países da América Latina. A cotação do barril de petróleo no mercado internacional, em outubro de 2018, ultrapassou os US$80 (oitenta dólares), preço repassado à população do Brasil e Argentina. No período em que a Venezuela participava do MERCOSUL estes países compravam este mesmo barril de petróleo por US$35 (trinta e cinco dólares), o que diminuía os custos com o combustível em praticamente 55% (cinquenta e cinco por cento).

Tudo isso poderia ter evitado o descontentamento e a penúria dos caminhoneiros no Brasil, que iniciaram uma greve em 2018 reivindicando a redução

dos valores do diesel como incremento à manutenção do transporte de cargas e insumos de primeira necessidade pelas estradas do país. Na tentativa de resolver este problema e reestabelecer o trabalho da categoria, o governo brasileiro passou a subsidiar parte do valor do diesel, aumentando o déficit público. O fato de suspender o principal país produtor de petróleo do bloco econômico já demonstra o agravamento do problema e o enfraquecimento do bloco, que passou a comprar o produto com o dobro do preço no mercado internacional.

Após essa breve análise da composição do MERCOSUL, analisando os dados do *Operador Econômico Calificado* (OEC)[21], o Uruguay exportou no ano de 2016 US$7,81 BI (sete bilhões, oitocentos e dez milhões de dólares). Deste montante, a China absorveu US$1,31 BI (um bilhão, trezentos e dez milhões de dólares) e, em segundo lugar ficou o Brasil, com US$ 1,22 BI (um bilhão, duzentos e vinte milhões de dólares). Entre os principais produtos de exportação do Uruguay estão o sulfato de celulose, a carne bovina, o arroz e o leite.

Neste mesmo ano, o Uruguay importou um montante de US$ 8,53 BI (oito bilhões, quinhentos e trinta milhões de dólares), sendo US$1,56 BI (um bilhão, quinhentos e sessenta milhões de dólares) originários da China e US$ 1,54 (um bilhão, quinhentos e quarenta milhões de dólares) do Brasil.

Analisando os dados apresentados para o Brasil junto à OEC, apesar da crise econômica e política vivenciada que ocasionou no déficit primário da balança comercial, em 2016 este obteve um superávit de US$320 MI (trezentos e vinte milhões de dólares) em suas transações comerciais com o Uruguay, ficando à frente da China, que obteve um superávit de US$ 250 MI (duzentos e cinquenta milhões de dólares).

Importante observar que durante anos o Brasil e a Argentina eram os principais parceiros econômicos do Uruguay. Este panorama comercial vendo sendo modificado com a globalização, onde a China incrementou seus valores comerciais com o Uruguay, porém, o maior superávit continua sendo do Brasil.

Sobre a integração do MERCOSUL, estamos obtendo avanços consideráveis nas relações de fronteira entre os habitantes dos países membros deste bloco. “Os

[21] FONTE https://atlas.media.mit.edu/pt/profile/country/ury/ acessado em: 10/10/2018

cidadãos dos países do Mercosul, não precisam de passaporte ou visto para viajar de um país ao outro. O documento de identidade (RG) é válido em todos os países do bloco. [...]" (BRASIL, 2017, p.1). O novo passaporte brasileiro consta o seguinte dizer na parte inferior de sua capa, à direita "PASSAPORTE MERCOSUL", demonstrando a formalização documental da integração deste grupo, ultrapassando as barreiras alfandegárias.

O estado do Rio de Janeiro, no ano de 2018, iniciou a utilização da placa MERCOSUL em seus carros, implementando a padronização das placas dos automóveis em todos os carros pertencentes aos países do bloco. Entretanto, esta legislação no Brasil gerou discussão jurídica na qual, por meio de uma decisão monocrática em outro estado da federação, houve a suspenção através de liminar da utilização destas placas sob alegação de que estariam sendo produzidas de forma irregular. O detalhe mais interessante nessa discussão é que o impetrante da ação judicial tem interesse particular na manutenção do negócio das placas nacionais[22]. Analisando os imbróglios jurídicos brasileiros e os interesses econômicos pessoais dos envolvidos da ação, provavelmente, este impasse judicial perdurará até a decisão final no Supremo Tribunal Federal (STF). Todavia, é latente a tentativa do estado do Rio de Janeiro em integrar este grupo do Mercosul, perpassando os âmbitos da mercadoria e consumo, somente em dezembro de 2018 esta placa iniciou sua produção em todo o território nacional.

A tentativa de união dos países sul-americanos em torno do Mercosul pode ser uma estratégia viável na diminuição dos impactos da globalização na região. Este tema será exposto no próximo capítulo desta tese, na tentativa de demonstrar os avanços do neoliberalismo e, principalmente, o domínio dos países desenvolvidos em relação às demais nações com menor potencial industrial, de consumo, militar e financeiro, se comparadas às principais potências mundiais.

Neste primeiro capítulo, ao analisar a fronteira, retratou-se como os territórios abordados neste trabalho possuem semelhanças nos mais variados aspectos,

[22] TRIBUNA DO NORTE. Placas do Mercosul são "Suspensas" pela justiça www.tribunadonorte.com.br/noticia/placa-do-mercosul-sa-o-suspensas-pela-justia-a/427754 acessado dia 21/10/2018.

cultural, político e econômico. O aspecto cultural, especialmente relacionado às questões educacionais, serão relevantes para os capítulos posteriores desta tese.

A partir das linhas do próximo item, a temática da globalização é analisada através dos livros didáticos encontrados nas instituições escolares localizadas na zona de fronteira, sendo possível verificar se o mercado formado por grandes empresas poderá, de certa forma, ter influência no seu editorial visando defender e propagar seus interesses econômicos no conteúdo apresentado nos livros didáticos.

1.3 Livro didático, cultura escolar e materialidades: o exercício do pensar docente

Considerando o delineamento das características desta pesquisa, o principal objeto de estudo neste item é o conteúdo dos livros didáticos encontrados nas escolas da fronteira do Chuí (BR) e Chuy (UY), como apresentados nos anexos I e II. Além deste, propõe-se verificar se há interligação do mercado editorial com os textos produzidos no referido material didático, na abordagem do conteúdo da globalização.

> O trabalho de campo é, portanto, uma porta de entrada para o novo, sem, contudo, apresentar-nos essa novidade claramente. São as perguntas que fazemos para a realidade, a partir da teoria que apresentamos e dos conceitos transformados em tópicos de pesquisa que nos fornecerão a grade ou a perspectiva de observação e de compreensão. Por tudo isso, o trabalho de campo, além de ser uma etapa importantíssima da pesquisa, é o contraponto dialético da teoria social. (MINAYO, 2012, p.76)

A parte descritiva e analítica da tese se desenvolve a partir da interpretação do pesquisador sobre a documentação, neste caso os livros didáticos, bem como a partir dos dados obtidos nas entrevistas que também fazem parte da pesquisa de campo, possibilitando analisar e comparar de forma coerente todo material coletado nas instituições escolares. Cabe ressaltar que todos os livros analisados foram encontrados, em uso, nas salas de aula ou estavam disponíveis nas bibliotecas das escolas participantes.

Os livros didáticos serão analisados como documentos, porque auxiliam teoricamente os alunos na abordagem dos temas trabalhados em sala de aula. Como definição para documento histórico temos "[...] é qualquer fonte sobre o passado, conservado por acidente ou deliberadamente, analisado a partir do presente e estabelecendo diálogos entre a subjetividade atual e a subjetividade pretérita." (KARNAL; TATSCH, 2015, p.24).

Referente às imagens dispostas nos livros didáticos, vale salientar que essas não estão colocadas ali de forma aleatória. Elas são fonte de estudo e ilustram parte da sociedade que está recortada naquele conteúdo. Desta forma, estas imagens fotográficas fazem parte da vida social de grande parte da população, estando presente:

> [...] nas mídias impressas de notícias, no circuito turístico, nas publicações escolares, faz parte da esfera privada, com sua presença nos álbuns que narram a trajetória familiar e cumpre sua vocação documental em inúmeras áreas técnicas e das ciências exatas e biológicas. Isso significa que praticamente todos os arquivos institucionais detêm acervos fotográficos. [...] (CARVALHO, LIMA, 2015, p.55)

No tocante à globalização, as imagens nos livros didáticos vão retratar as diversas formas de sua presença na sociedade, seja ligada à comunicação, economia, consumo, análise que será feita posteriormente a partir das imagens coletadas nos livros didáticos analisados.

Para o desenvolvimento desta tese, foram utilizadas duas fontes de pesquisa, a bibliográfica e a documental. De acordo com Antônio Carlos Gil (2008), existe similitude entre ambas as fontes sendo sua principal diferença estar na natureza destas, pois, a pesquisa bibliográfica "[...] se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto [...]" (GIL, 2008, p.51), enquanto que a "[...] pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa" (GIL, 2008, p.51). O autor destaca a aproximação destas fontes inclusive na metodologia de pesquisa:

> Sendo que passos da pesquisa são os mesmos O desenvolvimento da pesquisa documental segue os mesmos passos da pesquisa bibliográfica. Apenas há que se considerar que o primeiro passo consiste na exploração das fontes documentais, que são em grande número. Existem, de um lado, os documentos de primeira mão, que não receberam qualquer tratamento analítico, tais como: documentos oficiais, reportagem de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações etc. De outro lado, existem documentos de segunda mão, que de alguma forma já foram analisados, tais como: relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas etc. (GIL, 2008, p.51)

Conforme o autor, a utilização das fontes documentais possibilita o conhecimento do passado ao analisarmos dados que são “capazes de oferecer um conhecimento mais objetivo da realidade” (GIL, 2008, p.153). Além deste, possibilita investigar processos de mudança social e cultural, sendo neste aspecto, “que as fontes documentais se tornam importantes para detectar mudanças na população, na estrutura social, nas atitudes e valores sociais etc.” (GIL, 2008, p.154).

Outro apontamento do autor é o baixo custo para o pesquisador em realizar o levantamento dos dados documentais, viabilizando o estudo, pois, é notável a dificuldade em conseguir financiamentos de pesquisa.

Sobre a análise técnica de documentos, conforme Joaquim Severino (2007), existem três formas de documentação: a temática, a bibliográfica e a documentação geral. Analisando as proposições deste trabalho, seu enquadramento seria como documentação temática.

> A documentação temática visa coletar elementos relevantes para o estudo em geral ou para a realização de um trabalho em particular, sempre dentro de determinada área. Na documentação temática, esses elementos são determinados em função da própria estrutura do conteúdo da área estudada ou do trabalho em realização. (SEVERINO, 2007, p. 68)

Ao pesquisar sobre a metodologia abordada no campo da história da educação, é notável que os trabalhos desenvolvidos nesta área podem ser equiparados às pesquisas dos demais campos historiográficos.

> [...] os investigadores-educadores especializados na História da Educação têm feito um grande esforço de sanar as lacunas teóricas, adquirindo competência no âmbito historiográfico capaz de estabelecer um diálogo de igual para igual com os historiadores. [...]" (SAVIANI, 1997, p.15)

Esta tese baseia-se na pesquisa documental e bibliográfica, pois, ambas apresentam como "objeto de investigação o documento" (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI. 2009, p.5). Entretanto, a pesquisa bibliográfica promove o desenvolvimento de um determinado tema já exposto e pesquisado por outros autores, servindo de base para este trabalho:

> [...] O elemento diferenciador está na natureza das fontes: a pesquisa bibliográfica remete para as contribuições de diferentes autores sobre o tema, atentando para as fontes secundárias, enquanto a pesquisa documental recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias. [...]" (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p.6)

No artigo de Berenice Corsetti, a autora descreve que no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos são utilizados em diversos trabalhos de pesquisa a análise documental, apresentando "[...] considerações sobre a metodologia da pesquisa relacionada com o uso da análise documental, na investigação histórico-educacional." (CORSETTI, 2006, p.33). O vínculo da pesquisa com documentos e a análise documental possibilita uma gama de "possibilidades e a riqueza que a análise documental traz aos estudos no campo da História da Educação, inclusive com o cruzamento de dados qualitativos e quantitativos." (CORSETTI, 2006, p.46).

Para André Cellard, o autor categoriza os documentos em públicos e privados. Descreve que "os arquivos governamentais (federais, regionais, escolares ou municipais)" (CELLARD, 2012, p.297) são documentos públicos, pois os livros didáticos pertencem ao acervo das escolas municipais estaduais que compreendem a pesquisa.

A análise documental desta pesquisa explorou o conteúdo dos livros, textos e imagens, sobre a temática da globalização, bem como verificou a origem das editoras para auxiliar no desenvolvimento da análise sobre a globalização e o mercado dos

livros didáticos no Brasil e Uruguay. De acordo com Cellard é necessário analisar o contexto onde foram produzidos os livros didáticos utilizados, como fonte documental nesta tese:

> O exame do contexto social global, no qual foi produzido o documento e no qual mergulhava seu autor e aqueles a quem ele foi destinado, é primordial, em todas as etapas de uma análise documental, seja qual tenha sido a época em que o texto em questão foi escrito. Indispensável quando se trata de um passado distante, esse exercício o é de igual modo, quando a análise se refere a um passado recente. No último caso, contudo, cabe admitir que a falta de distância pode complicar a tarefa do pesquisador. (CELLARD, 2012, p.299)

Na pesquisa documental, conforme Cellard, é importante que se verifique a "autenticidade, confiabilidade e natureza do texto" (CELLARD, 2012, p.310). De acordo com a autora é importante na pesquisa que:

> O pesquisador que trabalha com documentos deve superar vários obstáculos e desconfiar de inúmeras armadilhas, antes de estar em condição de fazer uma análise em profundidade de seu material. Em primeiro lugar, ele deve localizar os textos pertinentes e avaliar a sua credibilidade, assim como a sua representatividade. O autor do documento conseguiu reportar fielmente os fatos? Ou ele exprime mais as percepções de uma fração particular da população? Por outro lado, o pesquisador deve compreender adequadamente o sentido da mensagem e contentar-se com o que tiver à mão: fragmentos eventualmente, passagens difíceis de interpretar e repletas de termos e conceitos que lhe são estranhos e foram redigidos por um desconhecido, etc. É, portanto, em razão desses limites importantes, que o pesquisador terá de tomar um certo número de precauções prévias que lhe facilitarão a tarefa e serão, parcialmente, garantias de validade e da solidez de suas explicações. (CELLARD, 2012, p.296)

Entre os teóricos que auxiliaram no desenvolvimento deste trabalho no campo social, é possível citar Pierre Bourdieu, que nas obras "A Reprodução", escrito juntamente com Jean-Claude Passeron e, "A Miséria do Mundo" como organizador do Livro, revela críticas sobre o modelo de ensino e as dificuldades enfrentadas por alunos, pais, professores e tantos outros que fazem ou fizeram parte do sistema educacional.

Para Bourdieu, entender o sistema educacional só foi possível após compreender a estrutura social e econômica predominante na ideologia e que

reproduzia, no sistema educacional, a disparidade vivenciada na sociedade capitalista.

> Assim, para compreender que os efeitos sociais das ilusões comuns ou eruditas que estão sociologicamente implicadas no sistema das relações entre o sistema de ensino e a estrutura das relações de classe não são ilusórios, é preciso remontar ao princípio que comanda esse sistema de relações: a legitimação da ordem estabelecida pela Escola supõe o reconhecimento social da legitimidade da Escola, reconhecimento que repousa por sua vez sobre o desconhecimento da delegação de autoridade que fundamenta objetivamente essa legitimidade ou, mais precisamente, sobre o desconhecimento das condições sociais de uma harmonia entre as estruturas e os habitus bastante perfeita para gerar o desconhecimento do habitus como produto reprodutor daquilo que o produz e o reconhecimento correlativo das estruturas da ordem assim reproduzida. Assim, o sistema de ensino tende objetivamente a produzir, pela dissimulação da verdade objetiva de seu funcionamento, a justificação ideológica da ordem que ele reproduz por seu funcionamento [...] (BOURDIEU, 2014, p.246)

Bourdieu escreve ainda sobre as diferenças sociais existentes nas escolas francesas, que reproduzem os tensionamentos de toda a sociedade. O autor faz uma profunda análise sobre a situação cultural, econômica, midiática e religiosa da sociedade de forma amplificada e a sua repercussão no ambiente escolar.

No livro “A miséria do Mundo”, Pierre Bourdieu entrevista professores, alunos, pais de alunos, ex-alunos, diretores de escola, juristas, zeladores, comerciantes, ou seja, diversos grupos que compõem a nossa sociedade, demonstrando os problemas sociais, culturais e educacionais existentes na França que repercutem de forma geral no modelo econômico capitalista.

Enfatiza a importância dos produtos, slogans, padrões de consumo divulgados pela mídia e de como interferem drasticamente no posicionamento educacional, cultural e econômico de toda a sociedade, mostrando os artifícios da população para conseguir possuir estes produtos das “marcas conceituadas”. Essa discussão interfere na prática de sala de aula, pois, os conteúdos das disciplinas que deveriam ser relevantes para os alunos não são desenvolvidos. Os educandos não estão dispostos a produzir conhecimento e, sim, interessados nos debates midiáticos ou temas referentes aos produtos e demais bens de consumo que possam ou pensam em algum dia poder adquirir.

Analisando as pesquisas e o detalhamento histórico e social da realidade educacional proposta por estes autores, é possível visualizar, na nossa realidade, a sociedade de consumo preconizada pelo capitalismo neoliberal.

Os autores supracitados são extremamente relevantes para o desenvolvimento desta tese, primeiramente, por pesquisar a situação da educação, demonstrando, de forma global, o que necessita ser modificado em nossa sociedade.

Foi possível verificar, através dos métodos de análise utilizados pelos autores nas entrevistas, como diferentes indivíduos das mais variadas classes sociais, de diversos setores da sociedade, sentem e demonstram sua visão sobre os aspectos mais distintos dos colégios, relatando sua experiência de vida sobre ser professor, diretor, juiz, pai, aluno, ex-aluno ou funcionário, num contexto de domínio do capitalismo.

Os conceitos que retratam o neoliberalismo e as novas formas do capitalismo no Século XXI, apresentados nos livros de Thomas Piketty “O capital no século XXI” e de Ricardo Antunes “Adeus ao Trabalho”, alicerçam este estudo em relação aos principais conceitos econômicos atuais e convergem com os temas neoliberais que fazem parte da trajetória política da globalização.

A História cultural também possibilita o estudo do tema globalização por interagir com diferentes áreas do conhecimento, conforme José D’Assunção Barros.

> Antes de iniciar a discussão mais específica de alguns conceitos relacionados à Nova História Cultural, sobretudo as noções de “práticas” e “representações”, será oportuno discorrer sobre algumas das correntes nas quais tem se desdobrado a História Cultural desde as últimas décadas do século XX. Em linhas gerais, pode-se dizer que as diversas correntes identificáveis no âmbito da História Cultural relacionam-se a diálogos interdisciplinares mais específicos, envolvendo as relações da História com outros campos de saber, como a Antropologia, a linguística, a psicologia ou a ciência política. (BARROS, 2011, p.39)

Segundo o pesquisador, as fontes documentais e dados econômicos do momento da pesquisa, são, também, referenciais válidos metodologicamente e teoricamente na história cultural e na história do tempo presente.

> A delimitação do campo constitutivo atual e o recorte temporal contemporâneo são características fundamentais da história do tempo presente. O que diferencia a história do tempo presente das temáticas históricas longitudinais é a proximidade dos historiadores em relação aos acontecimentos, pois são praticamente contemporâneos de seus objetos de estudo. Nesse sentido, as memórias sobre acontecimentos e processos são essenciais para a construção do conhecimento histórico. (DELGADO; FERREIRA, 2014, p.8)

A história do tempo presente torna-se exequível no campo da História e corrobora com a ampliação do tema sobre globalização. Outra questão a ser analisada neste estudo é a importância sobre a interface que engloba a cultura escolar e sua relevância, concomitantemente, com a História da Educação, seja pelas diversas metodologias quanto pela vasta possibilidade de teorias e práticas escolares que podem ser investigadas através desta temática.

Os estudos e apontamentos sobre o tema da cultura escolar auxiliam na construção dessa tese, tanto pela fonte de pesquisa dos livros didáticos, quanto pela região pesquisada que, conforme Justino Magalhães, são relevantes pontos de pesquisa no âmbito da cultura escolar.

> A cultura escolar encontrou nas tradições e nas culturas locais uma base substantiva, um ideário e uma etnografia que foram referência na realização escolar. Reconstituir essas transversalidades, inventariar a toponímia, recriar muitas das vivências históricas, visitar locais da memória educativa e escolar; preservar objectos, livros, ícones e outros testemunhos são desafios que a história dos municípios pedagógicos permite cumprir. Para a história dos municípios e das regiões na educação torna-se necessário um programa investigativo que desenvolva e faça aplicação de teorias, modelos e conceitos para descrição, denominação, categorização, explicação da realidade e permita uma comunicação científica do conhecimento histórico, tornando possível inventariar, cartografar, medir, comparar, nos planos diacrónico e sociogeográfico os distintos quadros, mapas e estatísticas, referentes a alfabetização, oferta educativa, rede escolar, públicos e frequência escolar, recursos, estruturas de fomento, administração e controle. (MAGALHÃES, 2011, P.7)

Os livros didáticos utilizados em sala de aula, além de constituírem uma visão e mostrarem a abordagem dos conteúdos relacionados à globalização, demonstram caráter interdisciplinar na área das Ciências Humanas, pois, o tema é abordado nos campos acadêmicos da História, Filosofia e Geografia.

> Como ciência social e humana, a história da educação constrói por essa via um objeto do conhecimento, amplo, complexo, interdisciplinar, aprofundando um quadro investigativo de reflexão e de ação, focalizado na projeção e na reversibilidade entre teorias e práticas, no que se refere aos diversos planos de materialidade, representação e apropriação. (MAGALHÃES, 2005, P.102)

A análise dos livros didáticos teve início pelo material encontrado nas instituições educacionais do Chuy-UY. Nesta etapa, foi possível identificar a compreensão dos autores sobre a temática da globalização, o que compõe parte da pesquisa documental desta tese, compilada no anexo I.

No livro *"El Mundo em que vivimos"* afirma-se que "A globalização se dá em todos os aspectos: político, social, econômico, desportivo, musical e pode ser visto e conhecido instantaneamente em qualquer lugar. [...]" (ABADIE; GALIANA; SANDRIN, 1998, p.26, tradução nossa). Os autores, ao se referirem ao mundo em que vivemos na atualidade, apresenta o conceito de "aldeia global ou planetária" (ABADIE; GALIANA; SANDRIN, 1998, p.26, tradução nossa). Em seguida, falam sobre o predomínio capitalista e as relações de trabalho entre pontos, relatando que na atualidade "aumentam as desigualdades sociais, econômicas e o desemprego" (ABADIE; FEO, GALIANA; SANDRIN, 1998, p.28, tradução nossa), além do aumento da dívida externa dos países emergentes. Nota-se que é um livro com poucas ilustrações se comparado com o material didático brasileiro.

No outro livro de mesmas autoras, apresentam as mesmas características econômicas, enaltecendo avanços na área da medicina, tecnologia, viagens espaciais, robótica e telecomunicações. Apontam para os problemas da sociedade contemporânea referindo "os problemas ecológicos" (ABADIE; FEO, GALIANA; SANDRIN, 1996, p.331, tradução nossa) como forma de abordar as ameaças ao ecossistema, o desmatamento e a contaminação das águas.

Os livros da editora Santillana, organizados de forma conjunta na disciplina de Ciências Sociais para o sexto ano, conta com as autoras Lucila Artagaveytia e Cristina Barbero na área de História, e com o autor Limber Santos na área de Geografia.

Em se tratando da globalização, os autores abordam o tema sob o título "Mundialização e Globalização" (ARTAGAVEYTIA; BARBERO; SANTOS, 2011,

p.218, tradução nossa). Apresentam exemplos dos mercados e empresas multinacionais, se referindo a marcas de produtos consumidos e, conceituam a globalização como parte dos exemplos citados. “[...] Temos que ver como profundas trocas econômicas, sociais políticas e culturais. Alguns desses aspectos podem explicar pelos conceitos de mundialização e globalização.” (ARTAGAVEYTIA; BARBERO; SANTOS, 2011, p.218, tradução nossa). Neste texto fazem nova referência ao conceito de aldeia global e, nas páginas seguintes, conceitua os mercados internacionais, os países centrais e periféricos, empresas globais e o avanço das comunicações. Percebe-se a ausência da própria editora no conteúdo, se considerar que a mesma também trata-se de um produto ou uma empresa multinacional, já que seu capital é espanhol e atua em boa parte da América Latina.

Outros livros pertencentes à Santillana apresentam a globalização como o avanço dos países capitalistas e queda da União Soviética, criando uma economia de mundo “[...] perdendo sua característica nacional para adquirir uma conotação internacional com novas condições e possibilidade de reprodução.” (CORRAL; AMESTOY; DECIA; DI LORENZO, 2008, p.367, tradução nossa).

À economia global são apresentadas como principais categorias: “A explosão do comércio internacional, o crescimento dos fluxos financeiros e a mundialização da produção [...]” (CORRAL; AMESTOY; DECIA; DI LORENZO, 2008, p.368, tradução nossa). Demonstra que a visão destes autores, pertencentes à referida editora, apresentam características semelhantes sobre a economia global. Utilizam uma página inteira do livro didático para reproduzir partes da conferência realizada pelo historiador Eric Hobsbawm no Chile, em 1998, com o material intitulado “Eric Hobsawm: uma reflexão sobre o século XX” (CORRAL; AMESTOY; DECIA; DI LORENZO, 2008, p.374, tradução nossa). Evidenciando com isso o posicionamento dialético-crítico do livro didático reproduzido.

Os livros didáticos da editora espanhola Vicenvives, que também possuí livros nas escolas uruguayas, usam termos semelhantes com os demais livros pesquisados. “Com a palavra globalização definimos o fenômeno de integração das economias, culturas e políticas nacionais em todo o planeta.” (GARCÍA, 2006, p.321, tradução nossa). Outro conceito destacado no seu material é o de “aldeia global”.

Na continuidade da análise desse material, conteúdos como o fim da guerra fria, desmoronamento da URSS, guerra do golfo e demais informações sobre a atualidade dos EUA, são apresentados em um mapa com o seguinte título: “Áreas de influência das grandes potencias” (GARCÍA, 2006, p.323, tradução nossa). Posteriormente, são apresentados os conceitos e exemplos vinculados à área da tecnologia e comunicação, no viés da globalização.

O livro “O mundo contemporâneo: História e Problemas” (tradução nossa) da editora Biblos/Crítica, empresa argentina, ao se referir à globalização e suas características econômicas, aprofunda sobre questões econômicas com a utilização de tabelas, porém, percebe-se a falta de imagens para ilustrar determinados pontos sobre “A economia da globalização” (ARÓSTEGUI, BUCHRUCKER; SABORIDO, 2001, p.792). Abordam as transformações tecnológicas, a queda da URSS, a criação do Euro, dentre outras temáticas que coadunam com o avanço e ilustram o mercado global.

Um outro material analisado foi coordenado por Elina Rostan. Apresenta os conceitos de globalização e mundialização com algumas imagens em preto e branco e explanações como: “A metáfora ‘Aldeia Global’, construída por Marshall Mac Luhan, sintetiza duas das chaves principais que sustentam este processo: o tempo e o espaço. [...]” (ROSTAN, 2011, p.77, tradução nossa). Apresentam conceitos sobre globalização extraídos de revistas e outros materiais acadêmicos, atribuindo como conceitos da globalização “o sistema capitalista liberal na maioria dos países do mundo” (ROSTAN, 2011, p.80, tradução nossa), além do aumento homogêneo no consumo, mercantilização da natureza, interrelação comercial, processos de integração e segregação.

O último livro analisado, que compõem o anexo I, das autoras Ana Claudia Sánchez; Silvia Reyes Aloson e Rossa Peréz, abordam as temáticas de aldeia global e globalização, conceituando e exemplificando os fluxos financeiros, comércios e produtos de capital internacional. Como conceito traz que “A globalização resulta de um processo que está principalmente ligada à economia, ainda que abarque outros aspectos como o transporte, as comunicações, as trocas climáticas, a cultura, as

migrações e a qualidade de vida [...]" (SÁNCHEZ, ALONSO, PÉREZ, 2007, p.135, tradução nossa). Os autores também abordam o conceito de aldeia global.

Com esta análise, foi possível constatar que os autores vinculam o sistema econômico capitalista liberal à temática da globalização. Bem como, utilizam poucas imagens e maior quantidade de texto se comparado ao material didático do Brasil que está presente no anexo II. Outra observação importante é notar que, em sua maioria, os autores utilizam para o conceito globalização o viés de aldeia global.

Sobre os livros encontrados nas escolas brasileiras, iniciamos a análise deste conceito através dos livros de Melhem Adas, disciplina de Geografia 9º ano do ensino fundamental, editora Moderna. Conforme o autor, "[...] a globalização teve várias fases e é uma etapa específica, muito avançada, de um processo antigo, conhecido como internacionalização do capital [...]" (ADAS, 2006, p.26).

Na continuidade, o autor afirma que a globalização possuiu diferentes fases. Nos séculos "XV e XVI com as grandes navegações e a expansão do capitalismo", no período de "[...]1870 até 1914, a globalização adquiriu novo impulso com a conquista da maior parte de todos os demais continentes [...]" (ADAS, 2006, p.26). Destaca que a partir de 1970, com os avanços tecnológicos, ocorreu uma nova etapa da globalização, deixando evidente a sua visão sobre o processo de globalização e o momento atual. Na página seguinte, os autores expuseram uma figura com a fonte do autor pós-modernista David Harvey, evidenciando a visão dos autores deste material didático.

No livro do ensino Médio, volume 3, de Levon Boligian e Andressa Alves, os autores abordam a globalização sobre os aspectos relacionados ao meio-ambiente, cultura, sociedade, além de a considerarem como parte de uma "[...] Revolução Técnico-Científica, desencadeada na década de 1950 [...]" (BOLIGIAN; ALVES, 2010, p.93). Apresentando características também sobre mercadorias e questões de produtos e marcas internacionais.

Alfredo Boulos Júnior, no livro do 9º ano do ensino fundamental, aponta as características da globalização da seguinte forma: "[...] a) internacionalização da produção b) Aumento crescente da circulação de capitais. c) Aumento extraordinário

do comércio mundial [...]" (BOULOS JÚNIOR, 2015, p.276-277). Além de abordar as mudanças ocorridas nas telecomunicações, o autor também exalta sua visão sobre globalização econômica.

Já no livro do ensino médio, Boulos define a globalização "[...] como um processo histórico de crescente interligação econômica, social e cultural entre os diferentes povos e países." (BOULOS JÚNIOR, 2013, p. 240), expandindo a visão de conhecimento sobre a temática e apresentando suas fases no XV e XVI com as grandes navegações. Século XVIII com à Primeira Revolução Industrial, século XIX com a Segunda Revolução Industrial e no século XX com a Terceira Revolução Industrial. Neste livro as características são semelhantes às apontadas no livro do ensino fundamental, todavia, com maior embasamento teórico no assunto.

Segundo Patrícia Ramos Braick, no livro do 9º ano, a globalização pode ser definida "[...] como um processo bastante amplo, que se caracteriza pelo intenso intercâmbio mundial de mercadorias, capitais, pessoas e serviços; [...]" (BRAICK, 2011, p.298). A autora também aborda o período das grandes navegações dos séculos XV e XVI como início deste período da globalização, impulsionada pela Terceira Revolução Industrial nos anos de 1970.

No livro de Geografia do Projeto Araribá, 8º ano, há uma abordagem sobre economia global, nas páginas 41 e 42 do livro, bem como, uma referência ao aumento do desemprego. Explicando aspectos da economia e o desemprego estrutural e conjuntural na página 43.

Em outro livro do 9º ano, da mesma autora e editora, apresenta-se o conceito de "um mundo interligado" (DANELLI, 2007, p.38), constando um texto do geógrafo brasileiro Milton Santos, defensor de embasamento teórico critico-dialético. Nesta mesma página o conceito sobre globalização é apresentado como:

> A globalização pode ser entendida como o conjunto de transformações recentes na economia do planeta, que causaram uma ampliação dos fluxos de mercadorias, uma integração entre os países. São características desse período as inovações tecnológicas e a consequente aceleração da difusão de informações. (DANELLI, 2007, 38)

Sobre os aspectos da globalização, a autora apresenta as fases da globalização que perpassam pelas Grandes Navegações e pela Revolução Industrial, página 39. Apesar dos registros serem semelhantes sobre a temática, o que chama a atenção para esta obra é que em sua capa há o selo do PNLD de 2011, 2012 e 2013, porém, em sua ficha catalográfica há registro de que o mesmo fora editado no 2007.

No livro de Geografia do Projeto Radix, a abordagem do tema se dá nas páginas 11 e 12, com um texto que interrelaciona a vida de um estudante com aspectos da globalização, demonstrando as possibilidades práticas deste conceito no cotidiano. Na página seguinte, faz uma inferência sobre o espaço globalizado através da seguinte visão teórica:

> Portanto, para muitos estudiosos, a globalização corresponde a essa fase mais avançada do capitalismo caracterizada pela crescente intensificação das trocas de mercadorias, de informações e de pessoas entre os países do mundo. [...] (BELLUCI, 2009, p.13)

Neste material do Projeto Radix, trabalha-se com a temática da globalização até a página 43, totalizando pouco mais de trinta páginas de conteúdo, o que demonstra a amplitude e complexidade deste conceito.

No material de Geografia intitulado Homem e Espaço, 8º ano do ensino fundamental, a abordagem do tema globalização inicia na página 40 e vai até a página 45. Como forma de iniciar a abordagem do assunto, há uma referência que diz “Atualmente, consumimos produtos provenientes de vários países. Também convivemos com fatos que ocorrem em todo o mundo. [...]” (LUCCI; BRANCO, 2012, p.41). Na sequência, o autor relaciona o tema com a Terceira Revolução Industrial e, na página 45, aponta características do neoliberalismo como parte do processo da globalização.

> O aumento das fusões entre as empresas, a expansão das multinacionais e o aumento nos fluxos de investimentos e de mercadorias entre países (características da globalização econômica) fazem parte de um contexto que tomou forma com a aplicação das ideias neoliberais. (LUCCI; BRANCO, 2012, p.45).

Apresenta ainda um subitem intitulado “Os movimentos contra a globalização neoliberal” (p.49), onde apresenta as ONGs como uma forma de resistência ao neoliberalismo “[...]Essas manifestações vêm mostrando a necessidade de reestruturar as políticas de organismos internacionais, que contribuem para acentuar as desigualdades entre os países ricos e pobres[...]” (LUCCI; BRANCO, 2012, p.49). As relações comerciais e o pensamento econômico estão vinculadas à globalização, sendo tema recorrente no conteúdo dos livros didáticos que fazem parte desta pesquisa. Na página 52, deste mesmo livro, é notável uma figura no exercício 5 com a fonte em David Harvey, evidenciando o posicionamento pós-modernista dos autores.

Já no livro de Geografia do 8º ano do ensino fundamental, lançado pela Editora do Brasil, a abordagem realizada trata das Grandes Navegações do século XV como fator determinante para o início do processo de globalização (p.35). São considerados fluxos da globalização: capitais, mercadorias, pessoas e informações (p.39).

Demonstrando como este conceito está vinculado às questões comercias, na página seguinte, os autores apresentam no subitem “As contradições da globalização” (p.39) onde descrevem “As relações comerciais no mundo se apresentam muito injustas.” (MAGALHÃES; SOURIENT; GONÇALVES; RUDEK, 2009, p.40). De acordo com os autores, estas injustiças ocorrem pelo protecionismo dos países ricos em subsidiar sua produção prejudicando as nações que não possuem as mesmas condições.

Em outro material de Geografia, intitulado Fronteiras da Globalização, volume 3, editora Ática, há um subitem denominado “A globalização brasileira” (p.266) destacando os obstáculos internos e externos para o crescimento da economia, apresentando como meta “plena capacidade exportadora mundial’ (ALMEIDA;

RIGOLIN, 2010, p.266), acrescentando ao conceito de globalização as questões econômicas e suas metas.

Os mesmos autores, em outro material datado de 2013, aborda a situação da indústria brasileira na globalização (ALMEIDA; RIGOLIN, 2013, p.145), evidenciando o avanço sobre este conteúdo neste material didático. Ainda assim, o seu foco permanece voltado para o setor econômico.

Em “História e vida integrada”, editora Ática, 9º ano do ensino fundamental, os autores analisam esta temática de forma ampla, iniciando pelos aspectos da globalização, expondo o viés dialético-marxista ao dedicar a primeira página a um texto adapto, de autoria do crítico-dialético Milton Santos na p. 253. Seguindo pelo viés econômico e expondo visões que abrangem o surgimento da globalização desde as grandes navegações ou, como eles mesmos descrevem, “Outros autores vão mais longe e dizem que o Império Romano já era um mundo globalizado [...]” (PILETTI; PILETTI; TREMONTE, 2009, p.254).

Após a análise dos livros didáticos brasileiros é notável a presença teórica da globalização, trazendo inclusive similitudes na visão, citações e referências ao geógrafo Milton Santos, em alguns textos, um dos autores que fez parte da composição do segundo capítulo desta tese.

Outro aspecto importante sobre as editoras que atuam no Brasil, é a sua localização no sudeste brasileiro, mais concentradas em São Paulo e comercializando seus exemplares para o restante do país, trazendo conceitos e imagens que representam desta região.

O conceito de globalização, como conteúdo didático, traz questões preponderantes sobre economia e perpassa pelo viés neoliberal, ratificando a ligação de ambos os temas no trabalho realizado no capítulo anterior desta tese.

Neste capítulo, mostrou-se como a globalização tem a abordagem econômica, comercial e cultural exposta no ambiente escolar do aluno, pois, está presente, inclusive, na distribuição dos livros didáticos utilizados em sala de aula. Além do conteúdo teórico sobre globalização, um dos principais pontos a serem destacados

neste capítulo é a situação econômica dos investimentos com livros didáticos no setor público. Nos três últimos anos, estes ultrapassaram R$ 4 BI (quatro bilhões de reais), ressaltando a importância das escolas públicas no mercado das editoras que fornecem o material didático.

Nesse contexto de investimentos em livros didáticos, é notável a presença de editoras do continente europeu, especialmente da Espanha, com grande representação no mercado educativo no Uruguay, onde cerca da metade dos livros localizados nas escolas têm origem europeia.

Evidencia-se, desta forma, a formação de grandes conglomerados tanto nacionais quanto europeus, que arrebatam o mercado dos livros didáticos no Brasil e Uruguay com grande influência nesse seguimento.

Ao analisarmos as entrevistas dos professores, suas referências deixam claro que o comércio, o mercado, as comunicações e a queda da União Soviética em 1991 são evidências do apogeu e crescimento da Globalização, além de outros temas que serão elencados a seguir.

Na primeira entrevista, o professor relata que a globalização “[...] tem seu início na revolução industrial [...]” (Entrevista 1). A partir deste pressuposto, a globalização tem suas origens no modelo capitalista liberal, onde, o aumento do consumo e transação de mercadorias iniciaram em ampla escala pela Inglaterra. O docente também vê benefícios em relação à Revolução Tecnológica, vinculada à globalização nos últimos vinte anos.

A segunda entrevistada relata que a globalização vem com o advento da internet, de acordo com a professora “[...] refletimos de nível local a nível global [...]” (Entrevista 2). Sobre a importância das novas tecnologias também houve relato na entrevista 3, porém, vale ressaltar que, neste caso, um professor é do Chuí-BR e outro do Chuy-UY. Logo a revolução tecnológica e novas mídias estão presentes na temática da globalização.

Na entrevista 4, a professora uruguaia relata que a globalização está por todos os lados “[...] que estamos vivenciando a globalização [...]” (Entrevista 4). Os alunos e

a população, num âmbito geral, possuem contato considerável com a globalização na contemporaneidade. Concomitantemente à entrevista 4, a professora brasileira relata que “[...] Este sistema global está cada vez mais presente com produtos e as mídias sociais” (Entrevista 5). Logo, os professores estão em concordância com o avanço desta temática na contemporaneidade.

Na entrevista 6, a professora nota o avanço das tecnologias e o consumo em massa sobre a visão da globalização. Nos últimos anos, ela nota este aumento de mercadorias e na área da comunicação “[...] Todavia o aumento da economia acontece em apenas alguns países [...]” (Entrevista 6). Esta declaração da professora corrobora com alguns livros didáticos que abordam os países periféricos na temática da globalização.

O entrevistado 7 citou Milton Santos em sua abordagem na disciplina de Geografia, evidenciando a interligação dos professores com alguns materiais didáticos que apresentam este autor. O professor também aborda em sala de aula Zygmunt Bauman e Thomas Piketty. Para o docente, a globalização entre seus principais aspectos, engloba o social, econômico, financeiro e do trabalho. O professor trabalha autores pós-modernos e marxistas.

Conforme o oitavo entrevistado “[...] a queda da União Soviética, torna consciente a globalização com a tecnologia [...]” (Entrevistado 8). O docente informou que estava lendo o livro “Medo Líquido” de Zygmunt Bauman autor pós-modernista.

O pensamento dos professores e a leitura realizada nos livros didáticos, em aspectos gerais, coadunam sobre a temática da globalização. Evidenciam que os aspectos econômicos, consumo, tecnológicos e políticos permeiam a temática da tese.

Por fim, a globalização da forma em que se apresenta nos livros didáticos pesquisados e com as entrevistas dos docentes, internacionaliza aspectos culturais, comerciais, econômicos e políticos como condição comum a todos os países para os quais são distribuídos. São perceptíveis, nestas obras, que sua elaboração, formatação, venda e distribuição, são influenciadas por empresas que dominam o mercado, do mesmo modo, estes grandes conglomerados editorais servem de

exemplo para remontar e exemplificar a globalização tanto pelo seu viés mercadológico, quanto cultural e econômico.

O primeiro capítulo da tese auxiliou na compreensão dos capítulos que se seguem, pois, no próximo serão abordados os impactos da globalização e as teorias desenvolvidas sobre este tema em âmbito local e global e, na sequência, sobre os livros didáticos e a temática da globalização encontrada no material coletado nas escolas visitadas

2. RETROSPECTO HISTÓRICO: significados e significantes da globalização

Diversos estudiosos, tais como Boaventura de Souza Santos (2002), Eric Hobsbawm (2007), Fredric Jameson (2006), Milton Santos (2001), Nicholas Burbules (2000), Roland Robertson (1999), Zygmunt Bauman (1999), entre outros autores, têm pontuado questões pertinentes à globalização, contudo, nem todos possuem o mesmo entendimento. Para alguns, o termo refere-se ao aparecimento de instituições supranacionais que interferem nas opções políticas de qualquer Estado; para outros, representa o impacto violento das políticas econômicas globais, incluindo processos de produção, consumo e comércio; para outros ainda, significa o domínio hegemônico do discurso neoliberal; também temos aqueles que interpretam a partir de novas formas culturais, dos meios de tecnologias de comunicação globais, onde são moldadas novas relações de afiliação, identidade e interação nos diversos países do mundo. (BURBULES; TORRES, 2000, p.11).

A tese pretende evidenciar como todas estas mudanças políticas, econômicas, culturais, midiáticas, que ocorreram neste período histórico e foram inseridas em nossa sociedade em que permeiam o conceito de globalização.

O estudo, inserido no campo da Educação, mais especificamente da História da Educação, pretende pesquisar as possíveis divergências e controvérsias sobre o tema globalização apresentadas nos livros didáticos nas escolas da fronteira, possibilitando analisar os diversos discursos e formas de construção sobre este conteúdo, enfatizando o uso do livro didático como fonte de conhecimento e parte integrante da formatação cultural sobre o tema da globalização.

Neste capítulo se faz necessário salientar as peculiaridades da globalização, sendo os primeiros subitens vinculados ao sistema político e econômico no cenário contemporâneo.

2.1 Globalização e educação: agressividade neoliberal ou operação emancipatória?

A tese pretende analisar os conceitos da globalização e sua abordagem teórica em livros didáticos estudados na zona de fronteira, sendo este conceito preponderante para compreendermos parte da História contemporânea estudada nas escolas, bem como, são temas que compõem o currículo das disciplinas de História e Geografia nas escolas de ensino fundamental e médio. Observou-se que, nos diversos livros pesquisados, os conceitos de globalização e neoliberalismo se apresentam de forma indistinta, como se ambos os temas fossem vinculados. Logo, se torna necessário verificar a congruência destes conceitos.

Conforme Eric Hobsbawm no livro “A era das Revoluções” (2009), o surgimento do Liberalismo remonta o período da Revolução Industrial. O liberalismo é o sustentáculo ideológico e político que possibilitou modificações nas condições de trabalho e padrões de produção no século XVIII. Logo, o primeiro conceito a ser estudado é a formação política do liberalismo com o livro de Adam Smith, “A Riqueza das Nações”, na qual o autor preconizava: “Primeira, a liberdade total de importação de mercadorias estrangeiras poderia afetar muito pouco todos aqueles produtos manufaturados [...]” (SMITH, 1996, p.449).

Através da utilização destes pensamentos foi possível iniciar a Revolução Industrial capitalista. Conforme Hobsbawm a Inglaterra possuía os principais atributos para iniciar este novo modelo de produção:

> [...] as condições adequadas estavam visivelmente presentes na Grã-Bretanha, onde mais de um século se passara desde que o primeiro rei tinha sido formalmente julgado e executado pelo povo e desde que o lucro privado e o desenvolvimento econômico tinham sido aceitos como os supremos objetivos da política governamental. (HOBSBAWM,2009,p.63)

Desta forma, a intenção de amplo mercado e competitividade são conceitos arraigados no sistema liberal vigente no final do século XVIII e, durante o século XIX, aliaram-se a Inglaterra sendo considerados países industrializados a França, Alemanha e Estados Unidos da América, que impulsionaram a Segunda Revolução Industrial, fato explicitado no livro a Era do Capital de Eric Hobsbawm.

Sua reformulação com o nome de Neoliberalismo aparece no colóquio de Lippmann, realizado na capital francesa. Em 1938 já apresentava bases para implementar o sistema neoliberal. Conforme Araya, é possível notar que em 1938 já existia uma clara intenção na política desenvolvida pelos intelectuais neoliberais de criar “um sistema que possibilite a livre fixação de preços” (ARAYA, 2016, p.88). Notadamente, essa base iniciada na primeira metade do século XX, alicerçou as modificações estruturais na economia que esta política implantou a partir da década de 1970 nos países de orientação do bloco Capitalista. Posteriormente, estudar-se-á os anos de 1990, onde praticamente todos os países do mundo, com o final da guerra fria, aderem à política econômica neoliberal.

O segundo conceito a ser analisado é a importância do tema globalização, que acompanha esta mudança política e atua na propagação da cultura como mercadoria e, principalmente, auxilia na formulação de um mundo interligado. Sobre a globalização será analisado o pensamento de autores de origem marxista, como por exemplo, Eric Hobsbawm e Milton Santos, bem como, autores pós-modernos, onde temos por referência Gilles Lipovetsky e Zygmunt Baumam, que conceituam este tema através de um embasamento metodológico distinto, entretanto, coadunam em algumas questões pertinentes a este estudo, principalmente nos âmbitos político e cultural.

Logo, compreender o conceito do neoliberalismo é de suma importância para a realização desta tese, que analisa a forma como a globalização é abordada nos livros didáticos em zona de fronteira, intencionando evidenciar as diferenças de abordagem da temática na educação entre os temas do neoliberalismo e a globalização.

Conforme os autores que serão posteriormente arrolados, o sustentáculo político econômico da globalização é o modelo neoliberal. Logo, diferenciar os conceitos e explicá-los, para compreendermos a situação da educação neste período, se torna importante para o desenvolvimento desta tese.

No aspecto cultural, serão evidenciadas as ações dos países desenvolvidos em criar mecanismos para difundir suas culturas e pensamentos para aumentar suas bases no viés ideológico, seja através da exportação de bens de consumo ou padronização de uma língua globalizada.

2.2 O neoliberalismo na contemporaneidade

Antes de abordarmos o neoliberalismo, é preciso elucidar que este modelo político neoliberal teve seu início na primeira metade do século XX. Todavia foi aplicado devido a uma crise no sistema político social democrata denominado de "Welfare State"[23] que, por sua vez, não conseguia sustentar os interesses da população e dos grandes especuladores do mercado. Em meados da década de 1970, pelas alterações do preço do petróleo e o desgaste do Estado em manter os direitos sociais para a população, o neoliberalismo foi acolhido como modelo político, implantado principalmente na Inglaterra e nos Estados Unidos da América.

Nos anos de 1970 ocorreu o embate político envolvendo, de um lado, os direitos sociais da população, resguardados pela social democracia keynesiana[24] e, do outro lado, o mercado com seus defensores multimilionários de viés neoliberal, saindo vitoriosos os articuladores do Neoliberalismo, pois possibilitava a acumulação de capital pela classe dominante, preconizando a autorregulação do mercado sem interferência estatal e, consequentemente, a queda de impostos para os mais ricos e o desmantelamento do Estado.

É notável que o modelo neoliberal foi implementado com veemência. Com a queda de grande parte do bloco socialista, até mesmo países que defendiam as ideias de esquerda passam a utilizar o pensamento neoliberal "ao final dos anos 80, a Suécia e a Áustria ainda resistiam à onda neoliberal da Europa. E, fora do continente europeu, o Japão também continuava isento de qualquer pressão ou tentação neoliberal." (ANDERSON, 1995, p.15).

A autorregulação do mercado no sistema neoliberal é marcada pela apatia estatal em definir regras para assegurar direitos dos trabalhadores, ao contrário, aprovam leis para diminuir direitos dos trabalhadores com reformas em legislações trabalhistas. Com grande poder de Lobby, as grandes empresas conseguem aprovar

[23] O Estado de Bem-Estar Social regeu o pensamento econômico e social entre as décadas de 1930 a 1970, período no qual as nações desenvolvidas do bloco capitalista asseguraram à população relevantes direitos sociais.

[24] Teóricos defensores do pensamento do economista inglês John Maynard Keynes que produziu na primeira metade do século XX, trabalhos que defendiam a previdência e outras políticas sociais que eram voltadas para auxiliar os trabalhadores.

ou pertencer ao setor político, possibilitando ao empresariado atuar com força na área político-econômica, deixando a sociedade à mercê das decisões do mercado. Desta forma, a especulação do mercado atinge até mesmo o preço dos produtos básicos necessários para a subsistência da população.

O desmantelamento estatal é outra característica nefasta do sistema neoliberal. O Estado vende estatais de base, tais como: empresas telefônicas, companhias de tratamento de água, bancos que geram lucros. Desta forma, as principais preocupações do Estado seria conter com efetivo policial e judiciário a população insatisfeita ou alijada deste regime econômico. Por sua vez Piketty sugere a modernização do estado social e não o seu desmonte. Conforme o autor:

> Nenhuma corrente de opinião importante, nenhuma força política significativa, busca seriamente voltar a um mundo no qual a taxa de arrecadação seria de 10% ou 20% da renda nacional e o poder público se limitaria às funções soberanas nacionais. (PIKETTY, 2014, p.468).

Todavia, no final do século XX, políticos defensores do sistema neoliberal alavancam suas candidaturas em diversos países e começam a partir deste período, a implementar o desmantelamento estatal. Analisando o cenário da América Latina, incluindo o Brasil, a adesão a este regime ocorreu na década de 1990 e sua forma de atuação não foi diferente. Fernando Collor de Mello, primeiro presidente eleito por voto popular após a Ditadura Militar, iniciou o Plano Nacional de Desestatização (PND). Seu vice, Itamar Franco, assume a presidência no ano de 1992, dando continuidade a alguns projetos da política econômica neoliberal e nomeando como Ministro da fazenda Fernando Henrique Cardoso.

Com o sucesso do plano real e a equiparação da moeda brasileira em face ao dólar estadunidense, o Ministro Fernando Henrique Cardoso, conseguiu ser eleito presidente em 1994, sendo reeleito em 1998, o qual aplicou os ditames do FMI e do BM.

Levou o país à privatização das estatais telefônicas, companhias de energia elétrica, bancos estaduais, dentre outros setores. Segundo a política do FMI, essa considerava relevante a venda das estatais, pois o dinheiro recebido das privatizações possibilitaria o pagamento da dívida externa e o aumento da competitividade nestes

serviços. Ao contrário das recomendações do FMI, foi possível constatar o aumento da dívida externa e a alta nos preços nestes setores que foram privatizados.

Todo este cenário impactou na educação do país. Houveram modificações sobre as metas e os planos educacionais adotados no Brasil com o apoio e embasamento do Banco Mundial e do FMI. Estes fatos, evidenciados pelos estudos das pesquisadoras Thereza Adrião e Vera Peroni sobre as estratégias de atuação do neoliberalismo na educação dos países e a alteração nas políticas educacionais, nos revelam que:

> Consoante com tais prescrições, a perspectiva neoliberal sugeria, basicamente, duas estratégias: a primeira buscava transferir a responsabilidade pela execução e pelo financiamento das políticas sociais diretamente para o mercado, por meio da privatização de setores da estrutura estatal; a segunda, no caso do que fosse mantido no âmbito do Estado, propunha a introdução da lógica mercantil em seu funcionamento. Neste último caso, vale lembrar o incentivo a processos concorrenciais entre setores da atividade pública ou entre estes e setores privados, tanto para angariar subsídios públicos para a oferta de seus serviços quanto para legitimar as mudanças organizacionais no interior da esfera estatal resultantes da introdução da lógica mercantil. (ADRIÃO; PERONI, 2005,p.139).

Podemos analisar essas modificações que atingiram a reestruturação estatal também influenciaram consideravelmente a atuação do estado nas políticas educacionais. Dentre estas políticas, iniciou-se um processo de cortes de gastos públicos e otimização do dinheiro aplicado em todos os setores.

> Conforme o diagnóstico neoliberal, o Estado entrou em crise tanto porque gastou mais do que podia para legitimar-se, já que tinha que atender às demandas da população por políticas sociais, o que provocou a crise fiscal, quanto porque, ao regulamentar a economia, atrapalhou o livre andamento do mercado. As políticas sociais, para a teoria neoliberal, são um verdadeiro saque à propriedade privada, pois são formas de distribuição de renda, além de também serem um obstáculo ao livre andamento do mercado, visto que os impostos oneram a produção. (PERONI, 2006, p.13)

Fica evidenciada a atenção do neoliberalismo no financiamento do terceiro setor, abrangendo escolas privadas e organizações não governamentais (ONGs), que poderiam concorrer livremente aos recursos do Estado se atendessem aos padrões, critérios e demandas populacionais. Desta forma, o terceiro setor percebe e exaure recursos que poderiam estar sendo empregados na rede pública de ensino.

De acordo com Bazzo (2006) os países pertences à América Latina, nos anos de1990, foram profundamente influenciados pela política neoliberal, com Carlos Menem na Argentina e, no Chile, por Pinochet desde a década de 1980.

No Brasil, podemos citar os governos de Fernando Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso. Analisando o Uruguay, com o comando de Luis Alberto Lacalle Herrera, estes políticos, em seus respectivos mandatos, realizaram privatizações em diversas áreas e abertura econômica ao capital estrangeiro para rentistas e extrativistas de riquezas naturais.

Com a política neoliberal, ocorreram profundas reformas no âmbito educacional mediadas e propostas por organismos internacionais como o Banco Mundial, UNESCO e CEPAL, pautados por estudos e aplicações de provas para avaliar a qualidade do ensino. A solução encontrada neste período foi privatizar certos setores da educação comprando materiais que auxiliariam na educação, tais como, livros didáticos e materiais eletrônicos sendo ofertados principalmente pela Europa e Estados Unidos da América.

De acordo com Flávio Azevedo Marques de Saes e Alexandre Macchione Saes (2013) no livro “História econômica geral” explicita que “Ao lado das exportações, o investimento externo direto também atuou, de forma indireta, no crescimento das transações internacionais” (SAES; SAES, 2013, p. 561), sendo a redução de barreiras comerciais, novas possibilidades de acordos financeiros entre os países e a privatização de estatais são características do comércio e da produção que permeiam a globalização.

Logo, é possível a compreensão de que ambas as temáticas sejam destacadas em suas similitudes. Perante os autores pesquisados, a globalização está vinculada à política econômica protagonizada pelo modelo neoliberal.

O próximo subitem verificará as fases da globalização e como este termo foi utilizado distintamente em períodos históricos que possibilitam a amplitude da temática.

2.3 Conjuntura histórica e fases da globalização

Apesar da relevância de outros autores elencados neste subitem, com o intuito de periodizar a globalização, o autor que será utilizado neste trabalho para fundamentar esta temática será o autor Roland Robertson (1999). Existiram diversas fases que podemos considerar como essenciais sobre o atual formato da globalização. Este autor remonta acontecimentos históricos da Idade Média, Moderna e Contemporânea que auxiliam na explicação e conjuntura do tema.

A primeira fase da globalização poderia ser compreendida com o advento do Renascimento, Humanismo e Antropocentrismo. Esses novos pensamentos marcariam a transição entre o período medieval e a Idade Moderna.

> Fase I: A fase embrionária, que durou na Europa a partir do começo do século XV até a metade do século XVIII, I crescimento incipiente das comunidades nacionais e a decadência do sistema "transnacional" medieval. Acentuação dos conceitos de indivíduo e das ideias em relação à humanidade. A teoria heliocêntrica do mundo e o começo da geografia moderna; a difusão do calendário gregoriano. (ROBERTSON,1999, p.88).

Ainda sobre a primeira fase, foi neste período que iniciaram as Grandes Navegações europeias, com a conquista de territórios na América, África, Ásia e Oceania.

Na segunda fase, podemos caracterizar como traço de pensamento Europeu o Iluminismo que impulsionou a Revolução Industrial com a criação de trens, energia motriz a carvão com máquinas a vapor.

> Fase II: A fase incipiente, que se estendeu – na Europa – desde a metade do século XVIII até a década de 1870. Mudança brusca em direção à idéia de estado unitário homogêneo; cristalização de conceitos em relações internacionais formalizadas, de indivíduos padronizados como cidadãos, e um conceito mais concreto de gênero humano. Aumento acentuado de convenções e de agências destinadas à regulamentação e à comunicação internacional e transnacional. Início do problema de "admissão" de sociedades não-europeias na "sociedade internacional". Tematização do

> problema em torno do nacionalismo-internacionalismo. (ROBERTSON,1999, p.88).

Neste período, mais precisamente em 1776, ocorreu a Independência das treze colônias da América pertencentes aos ingleses e, também, a Revolução Francesa no ano de 1789, com grande caráter nacionalista, sendo alguns de seus desdobramentos o Império Napoleônico no começo do século XIX e a independência de diversas colônias no continente americano.

Segundo Bauman, essa parte da História moderna também foi marcada "[...] pelo progresso constante dos meios de transporte [...]" (Bauman, 1999, p.21), juntamente com o avanço das comunicações que diminuíram as distâncias no movimento das informações.

Conforme Hobsbawm, o avanço dos transportes diminuiu o tempo das viagens e possibilitou o aumento de toneladas a serem carregadas pelos trens e navios a vapor construídos neste período. O navio a vapor tomou o mercado no século XIX, sendo as embarcações a vela no final do século XIX "[...] tinha sido reduzida para aproximadamente 25% do transporte global [...]" (HOBSBAWM, 2007, p.92).

A terceira fase demonstra a formação de novos Impérios Europeus. Neste caso, Itália e Alemanha, e a manutenção de antigos impérios que buscavam conquistar e manter suas colônias na África e Ásia. Esta disputa por territórios ocasionou a Primeira Guerra Mundial.

> Fase III: A fase da decolagem, que se prolongou desde a década de 1920. "Decolagem" aqui refere-se ao período durante o qual as tendências globalizantes crescentemente manifestas dos períodos e lugares anteriores deram vazão a uma forma única e inexorável, centrada em quatro pontos de referência e, portanto, restritivos, das sociedades nacionais, de indivíduos genericamente falando (mas com propensão masculina), de uma "sociedade internacional" única e um conceito crescentemente singular, porém não unificado de gênero humano. Primeiras tematizações do "problema da modernidade". Conceitos globais cada vez mais crescentes em relação a um "perfil correto" de uma sociedade nacional "aceitável"; tematização de idéias relacionadas com identidades nacionais e pessoais; inclusão de várias sociedades não-europeias na "sociedade internacional"; formalização internacional e a tentativa de implementação de idéias em relação à humanidade. Globalização das restrições sobre imigração. Aumento bastante acentuado em número e rapidez das formas globais de comunicação. Os primeiros romances "internacionais". Início do movimento ecumênico. Desenvolvimento das competições internacionais – por exemplo, Prêmio

> Nobel, Ollimpíadas. Implementação da Hora Universal e adoção, quase em nível global, do Calendário Gregoriano. Primeira Guerra Mundial. (ROBERTSON,1999, p.88-89).

O marco final da terceira fase é o desfecho da Primeira Guerra Mundial, com a derrota dos Impérios da Alemanha, Turco-Otomano e Austro-Húngaro, eclodindo o recrudescimento da intolerância religiosa e ideológica.

A inauguração da quarta fase é marcada pela ineficiência da Liga das Nações, possibilitando que na Alemanha surgisse o nacional-socialismo, com discursos que impulsionavam o nacionalismo e o antissemitismo, partido este que cresceu na década de 1930, descumprindo o Tratado de Versalhes. A Alemanha aumentou vertiginosamente seu poder bélico e invadiu países na Europa, conduzindo o mundo para a Segunda Guerra Mundial em 1939.

> Fase IV: A fase da luta pela hegemonia, que se estendeu desde o começo da década de 1920 até a primeira metade da década de 1960. Disputas e guerras em torno dos frágeis tempos do processo de dominante globalização, estabelecido no final do período da decolagem. Criação da Liga das Nações e, em seguida, das Nações Unidas. Conceitos conflitantes de modernidade (Aliados versus Eixo), seguido, no seu auge, pela Guerra Fria (conflito dentro do "projeto moderno"). Natureza e prospecção do futuro da humanidade fortemente guiadas pelo Holocausto e pela bomba atômica. Cristalização do Terceiro Mundo. (ROBERTSON,1999, p.89).

Com a finalização da Segunda Guerra Mundial, passou a existir a divisão dos poderes políticos e econômicos entre os países vencedores do conflito, reconfigurando a conjuntura global com a divisão geopolítica entre os países de cunho ideológico capitalista e comunista. O bloco capitalista era canalizado pelos Estados Unidos da América e, de forma secundária, pelo Reino Unido. A coalizão Socialista era impulsionada pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, sendo seu principal parceiro a China.

A partir de 1945, com o término deste conflito, grande parte da Europa e do continente asiático estavam destruídos, com altas perdas humanas, industriais e econômicas. Diante desta situação e, para assegurar sua hegemonia, os Estados Unidos da América propõem plano de empréstimo para as nações afetadas, com o

intuito de recuperar a economia destes países, sendo organizado pelo então secretário de estado dos EUA, General George Marshall, que aplica estes auxílios a partir de 1947, consolidando nos países beneficiados o modelo de produção e a ideologia capitalista, impulsionando nestes países a fase da Era de Ouro do capitalismo. “Hoje é evidente que a Era de Ouro pertenceu essencialmente aos países capitalistas desenvolvidos [...]” (HOBSBAWM, 2008, p.255).

A cristalização do terceiro mundo, nesta quarta fase da globalização, se refere ao país que se encontra identificado como terceiro mundo e que dificilmente irá conseguir sair desta situação periclitante, pois necessita do apoio financeiro, tecnológico e comercial dos países de primeiro mundo, que se consolidaram no século XX. O termo da divisão de primeiro, segundo e terceiro mundo, foi utilizado no século XX[25], esta divisão conceitual foi modificada em 1990 com a queda do bloco socialista, passou a ser apresentada por países desenvolvidos e em desenvolvimento.

A quinta fase é o período estudado nas salas de aula do ensino fundamental e médio, o qual é vivido na contemporaneidade, onde notamos o enfraquecimento do bloco socialista e a globalização midiática com o advento dos computadores que transmitem interligados na rede (internet).

> Fase V: A fase da incerteza, que teve início na década de 1960 e manifestou tendências para a crise o início da década de 1990. Intensificação da consciência global no final da década de 60. Descida na lua. Acentuação de valores “pós-materialistas”. O fim da Guerra Fria e o visível crescimento do problema dos “direitos”; difusão do acesso aos armamentos nucleares e termonucleares. O número de instituições e movimentos globais cresce rapidamente. Rápida aceleração nos meios de comunicação global. As sociedades enfrentam, cada vez mais, problemas de multinacionalidade e de politecnicidade. Os conceitos (individuais) se tornam cada vez mais complexos em relação ao gênero, ao sexo e às considerações étnicas e raciais. Os direitos civis se tornam uma questão global. Sistema internacional mais fluido – fim da bipolaridade. Preocupação com o gênero humano como comunidade de espécie bastante acentuada, sobretudo através dos movimentos ambientais. Crescimento do interesse na sociedade civil mundial e na cidadania mundial, apesar da “revolução étnica”. Consolidação do sistema global da mídia, incluindo as rivalidades nisto inerentes. O Islamismo

[25] A divisão conceitual acima exposta ocorreu com o avanço da Guerra Fria. Como primeiro mundo, eram considerados os países com maior poder financeiro, industrial e militar do bloco capitalista. Segundo mundo, eram os países pertencentes ao bloco socialista e, o terceiro mundo, países capitalistas que estavam em situação financeira, cultural, política e econômica de dependência em relação aos países do primeiro mundo.

> como movimento desglobalizador/reglobalizador. Encontro Mundial (Eco92) no Rio de Janeiro. (ROBERTSON,1999, p.89).

Por sua vez, o movimento desglobalizador é ocasionado por extremistas da religião islâmica que não admitem a interferência de outros países na sua localidade, evidenciando sua revolta contra o sistema global ao realizar ataques terroristas aos Estados Unidos da América, França, Rússia e Reino Unido.

Indubitavelmente, é muito importante conhecer e esboçar as fases da globalização. Todavia, a parte mais importante para esta tese encontra-se no estudo da última fase, compreende todo este movimento histórico e remete ao que de fato é estudado nas salas de aula que compõem o universo da pesquisa.

Os próximos subitens evidenciam as correntes teóricas de cunho marxista e pós-moderna, expondo os principais autores que descreveram a temática da globalização.

2.4 A globalização e o pensamento marxista

Apesar da relevância de outros autores elencados neste subitem, com o intuito de periodizar a globalização, o autor escolhido para fundamentar esta temática é Roland Robertson (1999). Existiram diversas fases que podemos considerar como essenciais sobre o atual formato da globalização, mas o autor remonta acontecimentos históricos da Idade Média, Moderna e Contemporânea que auxiliam na explicação e conjuntura do tema.

A primeira fase da globalização poderia ser compreendida com o advento do Renascimento, Humanismo e Antropocentrismo. Esses novos pensamentos marcariam a transição entre o Período Medieval e a Idade Moderna.

> Fase I: A fase embrionária, que durou na Europa a partir do começo do século XV até a metade do século XVIII, I crescimento incipiente das comunidades

> nacionais e a decadência do sistema “transnacional” medieval. Acentuação dos conceitos de indivíduo e das ideias em relação à humanidade. A teoria heliocêntrica do mundo e o começo da geografia moderna; a difusão do calendário gregoriano. (ROBERTSON,1999, p.88).

Ainda sobre a primeira fase, foi nesse período que iniciaram as Grandes Navegações europeias, com a conquista de territórios na América, África, Ásia e Oceania.

Na segunda fase, podemos caracterizar como traço de pensamento europeu o Iluminismo que impulsionou a Revolução Industrial com a criação de trens, energia motriz a carvão com máquinas a vapor.

> Fase II: A fase incipiente, que se estendeu – na Europa – desde a metade do século XVIII até a década de 1870. Mudança brusca em direção à idéia de estado unitário homogêneo; cristalização de conceitos em relações internacionais formalizadas, de indivíduos padronizados como cidadãos, e um conceito mais concreto de gênero humano. Aumento acentuado de convenções e de agências destinadas à regulamentação e à comunicação internacional e transnacional. Início do problema de “admissão” de sociedades não-europeias na “sociedade internacional”. Tematização do problema em torno do nacionalismo-internacionalismo. (ROBERTSON,1999, p.88).

Neste período, mais precisamente em 1776, ocorreu a Independência das treze colônias da América pertencentes aos ingleses e, também, a Revolução Francesa no ano de 1789, com grande caráter nacionalista, sendo alguns de seus desdobramentos o Império Napoleônico no começo do século XIX e a independência de diversas colônias no continente americano.

Segundo Bauman, essa parte da História Moderna também foi marcada “[...] pelo progresso constante dos meios de transporte [...]” (Bauman, 1999, p.21), juntamente com o avanço das comunicações que diminuíram as distâncias no movimento das informações.

Conforme Hobsbawm, o avanço dos transportes diminuiu o tempo das viagens e possibilitou o aumento de toneladas a serem carregadas pelos trens e navios a vapor construídos nesse período. O navio a vapor tomou o mercado no século XIX, sendo que as embarcações à vela no final do século XIX “[...] tinham sido reduzidas para

aproximadamente 25% do transporte global [...]" (HOBSBAWM, 2007, p.92).

A terceira fase demonstra a formação de novos Impérios Europeus, em que Itália, Alemanha e a manutenção de antigos impérios buscavam conquistar e manter suas colônias na África e Ásia. Esta disputa por territórios ocasionou a Primeira Guerra Mundial.

> Fase III: A fase da decolagem, que se prolongou desde a década de 1920. "Decolagem" aqui refere-se ao período durante o qual as tendências globalizantes crescentemente manifestas dos períodos e lugares anteriores deram vazão a uma forma única e inexorável, centrada em quatro pontos de referência e, portanto, restritivos, das sociedades nacionais, de indivíduos genericamente falando (mas com propensão masculina), de uma "sociedade internacional" única e um conceito crescentemente singular, porém não unificado de gênero humano. Primeiras tematizações do "problema da modernidade". Conceitos globais cada vez mais crescentes em relação a um "perfil correto" de uma sociedade nacional "aceitável"; tematização de idéias relacionadas com identidades nacionais e pessoais; inclusão de várias sociedades não-europeias na "sociedade internacional"; formalização internacional e a tentativa de implementação de idéias em relação à humanidade. Globalização das restrições sobre imigração. Aumento bastante acentuado em número e rapidez das formas globais de comunicação. Os primeiros romances "internacionais". Início do movimento ecumênico. Desenvolvimento das competições internacionais – por exemplo, Prêmio Nobel, Olimpíadas. Implementação da Hora Universal e adoção, quase em nível global, do Calendário Gregoriano. Primeira Guerra Mundial. (ROBERTSON,1999, p.88-89).

O marco final da terceira fase é o desfecho da Primeira Guerra Mundial, com a derrota dos Impérios da Alemanha, Turco-Otomano e Austro-Húngaro, eclodindo o recrudescimento da intolerância religiosa e ideológica.

A inauguração da quarta fase é marcada pela ineficiência da Liga das Nações, possibilitando que na Alemanha surgisse o nacional-socialismo com discursos que impulsionavam o nacionalismo e o antissemitismo, este partido cresceu na década de 1930, descumprindo o Tratado de Versalhes. A Alemanha aumentou vertiginosamente seu poder bélico e invadiu países na Europa, conduzindo o mundo para a Segunda Guerra Mundial em 1939.

> Fase IV: A fase da luta pela hegemonia, que se estendeu desde o começo da década de 1920 até a primeira metade da década de 1960. Disputas e

> guerras em torno dos frágeis tempos do processo de dominante globalização, estabelecido no final do período da decolagem. Criação da Liga das Nações e, em seguida, das Nações Unidas. Conceitos conflitantes de modernidade (Aliados versus Eixo), seguido, no seu auge, pela Guerra Fria (conflito dentro do "projeto moderno"). Natureza e prospecção do futuro da humanidade fortemente guiadas pelo Holocausto e pela bomba atômica. Cristalização do Terceiro Mundo. (ROBERTSON,1999, p.89).

Com a finalização da Segunda Guerra Mundial, passou a existir a divisão dos poderes políticos e econômicos entre os países vencedores do conflito, reconfigurando a conjuntura global com a divisão geopolítica entre os países de cunho ideológico capitalista e comunista. O bloco capitalista era canalizado pelos Estados Unidos da América e, de forma secundária, pelo Reino Unido. A coalizão Socialista era impulsionada pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, sendo seu principal parceiro a China.

A partir de 1945, com o término do conflito, grande parte da Europa e do continente asiático estavam destruídos, com altas perdas humanas, industriais e econômicas. Diante dessa situação e, para assegurar sua hegemonia, os Estados Unidos da América propõem um plano de empréstimo para as nações afetadas, com o intuito de recuperar a economia destes países. A organização dessa proposta se deu pelo então secretário de estado dos EUA, General George Marshall, que aplica os auxílios a partir de 1947, consolidando o modelo de produção e a ideologia capitalista nos países beneficiados e impulsionando esses países à fase da Era de Ouro do capitalismo: "Hoje é evidente que a Era de Ouro pertenceu essencialmente aos países capitalistas desenvolvidos [...]" (HOBSBAWM, 2008, p.255).

Sobre a cristalização do terceiro mundo, na quarta fase da globalização se refere ao país que se encontra identificado como terceiro mundo dificilmente irá conseguir sair desta situação periclitante, pois necessita do apoio financeiro, tecnológico e comercial dos países de primeiro mundo se consolidaram no século XX. O termo da divisão de primeiro, segundo e terceiro mundo, foi utilizado no século XX, esta divisão conceitual foi modificada em 1990 com a queda do bloco socialista, passou a ser apresentada por países desenvolvidos e em desenvolvimento.

A quinta fase é o período estudado nas salas de aula do ensino fundamental e médio, o qual é vivido na contemporaneidade, onde notamos o enfraquecimento do

bloco socialista e a globalização midiática com o advento dos computadores transmitem dados interligados na rede (internet).

> Fase V: A fase da incerteza, que teve início na década de 1960 e manifestou tendências para a crise o início da década de 1990. Intensificação da consciência global no final da década de 60. Descida na lua. Acentuação de valores “pós-materialistas”. O fim da Guerra Fria e o visível crescimento do problema dos “direitos”; difusão do acesso aos armamentos nucleares e termonucleares. O número de instituições e movimentos globais cresce rapidamente. Rápida aceleração nos meios de comunicação global. As sociedades enfrentam, cada vez mais, problemas de multinacionalidade e de politecnicidade. Os conceitos (individuais) se tornam cada vez mais complexos em relação ao gênero, ao sexo e às considerações étnicas e raciais. Os direitos civis se tornam uma questão global. Sistema internacional mais fluido – fim da bipolaridade. Preocupação com o gênero humano como comunidade de espécie bastante acentuada, sobretudo através dos movimentos ambientais. Crescimento do interesse na sociedade civil mundial e na cidadania mundial, apesar da “revolução étnica”. Consolidação do sistema global da mídia, incluindo as rivalidades nisto inerentes. O Islamismo como movimento desglobalizador/reglobalizador. Encontro Mundial (Eco92) no Rio de Janeiro. (ROBERTSON,1999, p.89).

Por sua vez, o movimento desglobalizador é ocasionado por extremistas da religião islâmica que não admitem a interferência de outros países na sua localidade, evidenciando sua revolta contra o sistema global ao realizar ataques terroristas aos Estados Unidos da América, França, Rússia e Reino Unido.

Indubitavelmente, é muito importante conhecer e esboçar as fases da globalização. Todavia, a parte mais importante para esta tese encontra-se no estudo da última fase, que compreende todo este movimento histórico e remete ao que de fato é estudado nas salas de aula que compõem o universo da pesquisa.

Os próximos subitens evidenciam as correntes teóricas de cunho marxista e pós-moderna expondo os principais autores que descreveram a temática da globalização.

2.4 A globalização e o pensamento marxista

Analisar a diferença entre a globalização tipificada e diferenciada entre os autores marxistas e pós-modernos auxilia na compreensão do conceito sobre globalização, explicitando as características similares e distintas, possibilitando a aproximação e a ressignificação deste termo.

A globalização começa a ser explorada pelos pesquisadores marxistas de forma massiva, como fonte de estudo, a partir da década de 1990. Sobre esse controverso assunto, abordaremos o historiador inglês Eric Hobsbawm e o geógrafo brasileiro Milton Santos, os quais possuem visões semelhantes sobre o tema.

Inicialmente, é necessário destacar os diferentes padrões de consumo da sociedade capitalista. A injustiça social permeia esse sistema difunde a necessidade de consumir determinados produtos das mais diferentes áreas, seja tecnológica, alimentar ou cultural. Esses produtos geralmente têm suas matrizes nas nações desenvolvidas que, através da mídia, divulgam a necessidade de possuir determinados bens de consumo. Logo, a maioria da população não possui recurso financeiro suficiente para se enquadrar como consumidora e necessita do auxílio estatal para sobreviver está alijada das benesses do sistema globalizante. De acordo com Milton Santos:

> De fato, para a grande maior parte da humanidade a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades. O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermidades como a SIDA se instalam e velhas doenças, supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal. A mortalidade infantil permanece a despeito dos progressos médicos e a informação. A educação de qualidade é cada vez mais inacessível. Alastram-se e aprofundam-se males espirituais e morais, como os egoísmos, os cinismos, a corrupção. (SANTOS, 2001, p.19-20).

Conforme podemos verificar na citação acima, em seu livro *Por uma outra Globalização*, Milton Santos pretende caracterizar nesse sistema os “excluídos” da globalização como, por exemplo, as pessoas as quais estão em vulnerabilidade social e que, se não possuírem os direitos sociais básicos assegurados pelo Estado,

principalmente saúde e educação, pereceram pela falta de emprego e demais oportunidades.

Outro fator da globalização é seu impacto na economia e na indústria regional, atingindo, até mesmo, os detentores do grande capital nacional que, por sua vez, não conseguirão competir com as empresas transnacionais devido às desigualdades na taxa de juros, fomentos e demais subsídios que as multinacionais possuem em seu país de origem, que é desenvolvido.

O conceito de globalização também é descrito de forma crítica pelo historiador Eric Hobsbawm, que ressalta a globalização e o prosseguimento do neoliberalismo como tentativa dos países desenvolvidos de implantarem seus padrões de consumo jurídico e político em escala global. Podemos verificar isso no livro “Globalização, Democracia e Terrorismo”, em que o autor elenca algumas das desigualdades pertinentes à Globalização:

> Primeiro, a Globalização acompanhada de mercados livres, atualmente tão em voga, trouxe consigo uma dramática acentuação das desigualdades econômicas e sociais no interior das nações e entre elas. Não há indícios de que essa polarização não esteja prosseguindo dentro dos países, apesar de uma diminuição geral da pobreza extrema. Este surto de desigualdade, especialmente em condições de extrema instabilidade econômica como as que se criaram com os mercados livres globais na década de 1990, está na base das importantes tensões sociais e políticas do novo século. Na medida em que as desigualdades internacionais podem também estar sofrendo pressões decorrentes da ascensão das novas economias asiáticas, tanto a ameaça aos níveis de vida relativamente astronômicos dos povos do velho Norte quanto a impossibilidade prática de alcançar algo parecido para as vastas populações de países como a Índia e a China produzirão suas próprias tensões internas e internacionais. (HOBSBAWM, 2007, p.11)

Existem outros dois pontos relevantes levantados por Hobsbawm. Primeiramente, a diferença tecnológica entre as nações, privilegiando as indústrias dos países detentores da pesquisa e tecnologia. Além dos impactos nos âmbitos político, cultural e social ocasionado pela globalização, que geram a imigração para os países da Europa Ocidental e demais países desenvolvidos.

A abordagem sobre Globalização nos livros escritos por Milton Santos e Eric Hobsbawm teceu críticas ao viés neoliberal, evidenciando a fragilidade desse sistema para a população. Contida nesse conceito, além das formas de consumo, está a cultura global que, na maioria das vezes, se sobrepõe às culturas regionais.

Após analisarmos a visão dos autores de viés marxista, serão pesquisados os autores da linha epistemológica pós-moderna que escreveram sobre a Globalização e os seus impactos.

2.5 Reflexões sobre a globalização e a pós-modernidade

O presente estudo busca apresentar os significados teóricos da globalização e da pós-modernidade. Analisar como esses conceitos são abordados e compreendidos pelos cientistas sociais de base teórica epistemológica pós-moderna Gilles Lipovetsky e Boaventura de Sousa Santos auxiliará na amplitude e na revisão dos temas que são componentes-chaves do nosso estudo.

Na obra *A Globalização Ocidental*, Hervé Júvin juntamente com Gilles Lipovetsky apresentam o conceito de cultura-mundo, ligando esse conceito à globalização e mostrando como os designers e a arte interferem no mundo dos negócios.

> Se, de um lado, a globalização da arte é caracterizada por uma forte concentração no mercado, de outro, também se manifesta por uma diversificação cultural da oferta, abrindo-se agora para os artistas não ocidentais. Europa e Estados Unidos já não detêm o monopólio da criação contemporânea, isto é, o Ocidente deixou de ser o único elemento balizador, responsável pela cotação de valores e pela consagração artística. (...) Ainda que o conteúdo das obras venha a receber, por exemplo, a influência oriental ou africana, tanto a forma como a problemática estética, a articulação com a sociedade e a economia do comércio fluem no regime hipertrofiado, nas estruturas legadas pela modernidade ocidental. (JÚVIN; LIPOVETSKY, 2012, p.15).

O pensamento dos autores está imbricado com a nova cultura-mundo e por sua vez como a temática da globalização. Além disso, evidencia como esta última pode atingir diversas regiões do mundo.

Estudar a cultura-mundo e sua interligação com a globalização poderá elucidar o referencial teórico nos livros didáticos que serão pesquisados na zona de fronteira. Desta forma, Lipovetsky e Boaventura podem proporcionar conceitos norteadores a

serem encontrados nestes livros.

Todavia, antes de compreendermos o pensamento de Boaventura e sua conceituação da globalização e emancipação do capitalismo, é preciso analisar o que o autor caracteriza e entende sobre a pós-modernidade.

A pós-modernidade, na visão de Boaventura de Sousa Santos, pretende reconstruir novos paradigmas que não foram estudados ou respondidos pela ciência moderna. Conforme esse autor:

> A época em que vivemos deve ser considerada uma época de transição entre o paradigma da ciência moderna e um novo paradigma, de cuja emergência se vão acumulando os sinais, e a que, à falta de melhor designação, chamo ciência pós-moderna. Indiquei então, ainda que muito sucintamente, alguns dos princípios que presidem a construção do novo paradigma. (SANTOS, 2003, p.11)

Nessa perspectiva, o que a ciência moderna não conseguiu responder, como as principais mazelas sociais e os problemas e desafios da ciência, deverá ser estudado pelos pós-modernos.

Entre os temas das Ciências Humanas pesquisados por Boaventura podemos incluir os conceitos de emancipação do Capitalismo através do senso comum e a Globalização.

O professor Boaventura escreveu o livro denominado *A Globalização e as Ciências Sociais*, desenvolvendo um amplo conceito sobre o tema e diagnosticando problemas sociais na sociedade contemporânea. Inicialmente, o contexto da globalização vem acompanhando as mudanças no sistema de produção, o considerável aumento na capacidade de produção e os novos rumos políticos com o declínio da social democracia na década de 1970 e o surgimento do Neoliberalismo com os governos de Ronald Reagan nos Estados Unidos da América e Margaret Thatcher na Inglaterra.

As mudanças político-ideológicas nos países capitalistas intensificam-se na fase de enfraquecimento do bloco socialista e, posteriormente, com o desmoronamento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). O modelo neoliberal ocorre, concomitantemente, com a globalização, acarretando em um novo

padrão social, econômico, comercial e cultural.

> No domínio cultural, o consenso neoliberal é muito seletivo. Os fenômenos culturais só lhe interessem na medida em que se tornam mercadorias que como tal devem seguir o trilho da globalização econômica. Assim, o consenso diz, sobretudo, respeito aos suportes técnicos e jurídicos da produção e circulação dos produtos das indústrias culturais como, por exemplo, as tecnologias de comunicação e da informação e os direitos de propriedade intelectual. (SANTOS, 2002, p.49)

Logo, os grandes meios de comunicação de massa, principalmente a televisão, tornam-se relevantes para demonstrar os novos padrões de consumo e formação de opinião pública.

Evidentemente, Boaventura faz referência à importância da influência econômica dos países mais ricos, que determinam padrões, por considerar o financeiro um dos fatores mais importantes a ser estudado para compreender todo o contexto contemporâneo.

Uma das propostas do autor é desassociar do Capitalismo as conquistas históricas da população. Demonstra que a emancipação do capitalismo é uma das propostas para compreendermos a realidade fora deste contexto macroeconômico neoliberal.

> Para entender corretamente o desenvolvimento desequilibrado e hipercientificizado do pilar da emancipação é necessário não esquecer o desenvolvimento concomitante, e igualmente desequilibrado, do pilar da regulação nos últimos dois séculos. Em vez de um desenvolvimento harmônico dos três princípios da regulação – Estado, mercado e comunidade -, assistimos geralmente ao desenvolvimento excessivo do princípio do mercado em detrimento do Estado e do princípio da comunidade. Desde a primeira vaga industrial – com a expansão das cidades comerciais e o aparecimento de novas cidades indústrias no período do capitalismo liberal – até ao espetacular desenvolvimento dos mercados mundiais – com o aparecimento de sistemas de produção de dimensão mundial, a industrialização do Terceiro Mundo e a emergência de uma ideologia mundial de consumismo atual período do 'capitalismo desorganizado' -, o pilar da regulação sofreu um desenvolvimento desequilibrado, orientado para o mercado. (SANTOS, 2011, p.56-57)

O autor defende que a ciência moderna, vista como uma ciência ocidental, capitalista e sexista, deveria sofrer modificações e implementações das ciências sociais, as quais poderiam contribuir para humanizar as ciências naturais. Para

conseguir realizar essa ruptura com o capitalismo, Boaventura de Sousa Santos sugere a criação de um novo senso comum. Propõe que aquele anteriormente desprezado pela ciência e impulsionado pela grande mídia em programas sensacionalistas com opiniões tendenciosas deveria ser modificado e remodelado.

> A invenção social de um novo conhecimento emancipatório é, quanto a mim, umas das condições essenciais para romper com a auto-reprodução do capitalismo. Essa invenção é um longo processo social já em curso e os seus indícios mais evidentes que examinei com certo pormenor neste capítulo, são a crítica epistemológica radical (que é sempre uma auto-crítica) da ciência moderna. Esta crítica permite-nos ver como a ciência moderna, outrora vista como solução para todos os problemas das sociedades modernas, acabou por se tornar, ela própria, num problema. A transformação gradual da ciência numa força produtiva neutralizou-lhe o potencial emancipatório e submeteu-a ao utopismo automático da tecnologia. (SANTOS, 2011, p.117)

O novo conceito de emancipação do capitalismo preconizado por Boaventura é complexo. Antes, é preciso compreender as três novas dimensões do senso comum: a primeira é a solidariedade na dimensão ética; a segunda é a participação efetiva na política e, por último, o prazer na dimensão estética. Essas três dimensões formam o novo senso comum a qual auxilia na emancipação do capitalismo.

Após verificar as correntes teóricas, o último item deste capítulo abordará a educação e como o cenário educacional foi influenciado pela globalização, tanto na perspectiva cultural, quanto na econômica, além de algumas modificações vinculadas às decisões de órgãos internacionais e nacionais que promovem alguns modelos globais como parâmetros a serem seguidos.

2.6 Considerações e perspectivas sobre globalização e a educação

Na primeira década do século XX, conforme Sharma-Brymer, existiram divergências sobre o papel da globalização no âmbito educacional, as quais ocasionaram discrepância sobre o tema. Conforme o autor:

> Alguns pesquisadores mencionam muitos aspectos positivos de novas tecnologias(CROSSLEY;WATSON,2003;TIKLY,2001). Autores que tratam da educação de adultos relatam que os educadores internacionais de adultos sentem-se ‘à vontade ao transcender fronteiras de raça e classe [...] sabendo que suas identidades nunca são estáveis”(ENGLISH, 2003, p.68). Contudo,

> os críticos da globalização apontam efeitos negativos que incluem deslocamento de povos em movimentos migratórios, exclusão e discriminação, desinformação, e ignorância seletiva de culturas pelos impérios capitalistas (por exemplo, ROY, 2004).A construção de barragens e pontes e a expansão de cidades levam a deslocamentos humanos em massa. Os proprietários de grandes corporações frequentemente ignoram a riqueza cultural das populações e distorcem seu rico conhecimento local. Aparentemente, o uso da educação eurocêntrica em populações em desenvolvimento parece silenciar sua voz interior. (SHARMA-BRYMER,2012, p.17).

Sobre o aspecto das novas tecnologias, é inegável que esses novos aparelhos surgiram nas escolas, sendo produzidos pelos países desenvolvidos e vendidos aos países em desenvolvimento, conforme é evidenciado neste capítulo com apoio do FMI e do BM.

Todavia, no Brasil seus resultados são questionáveis, principalmente quando analisamos o desempenho dos alunos nos resultados do ENEM – Exame Nacional de Ensino Médio – e os índices e a dificuldade deles para realizar uma redação que, em média, possuí 25 (vinte e cinco) linhas. Conforme os dados coletados[26], o Exame possuí milhões de inscritos e apenas 53 tiraram nota máxima em 2017, sendo este número no ano anterior de 77. O número de estudantes que zeraram a redação do Enem também cresceu para os alarmantes 309 mil dos 4,7 milhões de candidatos em 2017, em comparação com 2016, quando mais de 6 milhões de estudantes fizeram a redação e apenas 291 mil obtiveram zero.

Aos membros da sociedade civil, defensores da tecnologia em sala de aula, resta uma provocação a ser feita: da forma que o governo federal e as escolas particulares investem excessivamente em tecnologias com certeza o resultado da utilização delas não parece estar sendo satisfatória ao analisarmos o resultado das redações dos alunos que estão concluindo o ensino médio.

O viés imperialista é explicitado neste trabalho, pois está sendo possível observar que uma expressiva parte dos livros didáticos encontrados em nossas escolas são produzidos e comercializados pelas empresas de capital estrangeiro alocadas na América Latina.

[26] Informações disponíveis no Site:http://www.inep.gov.br/acessado em 05/05/2018.

Analisando as teorias crítico-dialética e pós-moderna, foi possível compreender que a globalização representa fundamentalmente a expansão da política neoliberal de linguagem Anglo-saxônica, sendo propagada em escala global e atingindo grande parte da população mundial.

Partindo do pressuposto que o ensino “é um investimento na formação de capital humano, propriedade cultural, capital social e vantagem competitiva, quanto uma escolha de consumo sobre qual escola uma criança irá frequentar” (PETERS; MARSHALL; FITZSIMON, 2004, p.88), fica claro como o investimento financeiro pode influenciar na educação.

Analisando a cultura como um bem e constatando que em grande parte do mundo, incluindo o Brasil, o Estado é o maior proprietário e mantenedor da educação, será praticamente impossível conseguirmos um ensino de qualidade para todos, pois a onda global com viés político neoliberal parte da premissa da qual as nações reduzam o aparato estatal. Logo, será inevitável que existam profundos cortes na área educacional, onde os mais afetados serão os discentes, os professores e as instituições que não pertençam à elite cultural dominante.

O neoliberalismo com sua prática ideológica de mercado, na qual “[...] a escolha do consumidor é a garantia da democracia[...]” (APPLE, 2004, p.47) é primordial para podermos analisar a educação como um produto, que, conforme o autor, é comparada a um pão, como qualquer outra mercadoria. Aplicando esta visão de Apple ao viés educacional, as práticas de consumo serão regulamentadas pelo neoliberalismo, onde os defensores alegam: “[...] A eficiência e a análise de custo e benefício serão as forças motrizes da transformação social e educacional. [...]” (APPLE, 2004, p.49), ocasionando a despolitização e o enfraquecendo o papel do Estado na área educacional.

As análises expostas acima tornam possíveis as seguintes reflexões sobre os aspectos mercadológicos do sistema em vigor: se grande parte dos consumidores buscam o melhor custo-benefício ao comprar determinado produto, no âmbito da educação, irão preferir instituições educacionais com preços inferiores e que desenvolvam o melhor método de aprovação (afinal, o cliente não quer ser reprovado).

Dessa forma, os resultados produzidos serão, primeiramente, sobre os profissionais da área educacional, os quais terão menor remuneração e elevado número de alunos, produzindo aprovações em massa para contentamento dos seus consumidores.

Se a educação pode ser comparada a um pão, será transformada num grande *fast-food*, com mínimos salários de seus profissionais, baixa qualidade nos produtos oferecidos e garantia de elevados lucros aos detentores das franquias. Vide o exemplo das instituições particulares que estão com elevados lucros e grandes conglomerados com a anexação de colégios de ensino básico, editoras e faculdades, pertencentes ao mesmo grupo de acionistas, utilizando antigos ou novos nomes fantasias.

Juan-Ramón Capella é enfático ao afirmar a “Mcdonalização da educação” (CAPELLA, 2004, p.166), a qual pode gerar segregações sociais de forma externa entre escolas centrais e periféricas, bem como, internamente, com os níveis de consumo na escola, além da lógica comercial a qual exerce pressões para que ocorram mudanças em relação aos educadores e ao consumo dos bens educacionais.

Com os altos investimentos necessários para a educação, diversos países em desenvolvimento necessitam de empréstimos ou apoios financeiros de organizações internacionais para conseguirem melhorar os índices educacionais.

Uma das instituições que realiza esses auxílios é a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Todavia, esse apoio necessita ser desenvolvido através de exemplos de outros países os quais fazem parte da OCDE, conforme explicita Bob Lingard quando afirma que “[..] em relação à produção de políticas educacionais nas nações participantes, observando que ela não gera idéias novas, mas utiliza idéias e agendas dos membros e da comunidade pesquisadora.” (Lingard, 2004, p.70). Logo, os modelos do continente europeu e dos Estados Unidos da América são os quais geralmente são seguidos na América Latina, o que evidencia a notável a influência da Europa e dos EUA.

Assim, o planejamento da OCDE corrobora com a implementação de uma política que investe na globalização, bem como, outras instituições que se pronunciam favoravelmente a essas modificações no âmbito educacional, como descreve o autor:

> Várias ideias e diversos valores fundamentais já mencionados podem ser encontrados em textos e pronunciamentos de outras organizações internacionais, tais como OCDE e Banco Mundial. A OCDE, por exemplo, aceitou a globalização como a tendência dominante na economia mundial e a criação de um sistema de mercado global sem fronteiras. Além disso, como observamos anteriormente, a OCDE vê somente benefícios derivados da economia global em evolução e do espaço de mercado global concomitantemente. O discurso educacional e as políticas da OCDE estão conectados àquilo que anteriormente chamamos de aspectos economísticos e racionalísticos da globalização [...] (KAZAMIAS, 2012, p.526-527).

Sobre as tendências da globalização, são expostas as reformas educacionais atreladas à política de mercado, as quais buscam eficiência econômica, racionalidade nos gastos, além de atribuir metas para o desempenho dos alunos. A política instrumentalizada pela OCDE e BM é de copiar ou simplesmente seguir as propostas dos países desenvolvidos para os países em desenvolvimento, em que o principal objetivo é aumentar a aprovação dos discentes, mesmo que isso signifique o desconhecimento sobre os conteúdos.

Obviamente que, nos países em desenvolvimento, os alunos que estudam no ensino básico são alunos dos quais, em sua grande maioria, estão em vulnerabilidade social, sem condições de arcar com os custos da iniciativa privada. Logo, a globalização mercadológica na educação afeta os mais necessitados do auxílio estatal, conforme aponta Ramachandran:

> A questão fundamental não é a persistência da miséria, mas o fato de que os esquemas governamentais voltados para a população carente raramente alcançam os mais necessitados. Crianças que começam a vida em situação de desvantagem não trazem bons augúrios para a democracia. É o caráter cumulativo da exclusão social, política e econômica que enquadra a vida das crianças pobres e influencia sua futura capacidade para participar da educação e da vida social e política. (RAMACHANDRAN, 2012, p. 37).

Os alunos que mais necessitam do auxílio do estatal com as políticas públicas estudantis, quando chegam à idade adulta, atuam no mundo do trabalho “[...] como diaristas, frequentemente forçados a migrar em busca de trabalho e a continuar na pobreza [...]” (RAMACHANDRAN, 2012, p. 37). Desta forma, o único direito

assegurado a esse indivíduo será o político, pois são cerceados dos demais direitos que lhes assiste.

Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, deixa claro em um subtítulo onde “Ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica”. Partindo desse aspecto, o autor demonstra como “O discurso da globalização que fala da ética esconde, porém, que a sua é a ética do mercado e não a ética universal do ser humano” (FREIRE, 1996, p.127). Logo, a ideologia do capital e sua fluidez de recursos demonstram como podem influenciar na Educação.

Atualmente, podemos evidenciar as palavras de Freire no momento em que a nação brasileira impõe aos seus alunos o inglês como a segunda língua obrigatória[27]. Então, a ideologia dominante global anglo-saxônica é imposta aos alunos com idade média de onze anos sem discussão de origem, localidade ou aproximação fronteiriça.

Podemos verificar que, tanto os autores pós-modernos quanto os marxistas criticam os problemas da globalização como mercadoria. Mesmo partindo de uma abordagem epistemológica distinta, são unânimes em apontar as desigualdades econômicas, sociais e culturais advindas da globalização e do neoliberalismo.

Essa nova política educacional, de acordo com Akkari (2011), está estabelecida entre as sugestões propostas pelos mecanismos internacionais e o sistema de governo, os quais propõem três eixos principais: primeiro, estabelecendo regras e controles, submetendo o sistema educacional; segundo, incentivando inovações educacionais; e último ponto, garantindo a gestão administrativa e financeira.

É notável nos modelos educacionais propostos pelos organismos internacionais não são aplicados em todas as nações, pois, segundo o autor: “[...] os Estados e os blocos mais poderosos em nível internacional (Estados Unidos, Europa, China) se atribuem o direito de ainda possuir políticas educacionais fortes e relativamente independentes.” (AKKARI, 2011, p. 15). Sendo que, nos últimos anos, o Banco Mundial destaca-se por elaborar sugestões e métodos instrumentais sobre a educação e aconselhar os países em desenvolvimento, sendo o seu principal

[27] Ver modificação na Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Art. 25. § 5º No currículo do ensino fundamental, a partir do sexto ano, será ofertada a língua inglesa. (Redação dada pela Lei nº 13.415, de 2017)

propósito na área educacional “permitir a inserção dos indivíduos na economia de mercado local ou global.” (AKKARI, 2011, p. 31).

Logo, as análises dessas organizações internacionais propunham aos países em desenvolvimento comprar os modelos educacionais que eram aplicados nos países desenvolvidos, gastando valores que perpassam bilhões de dólares na América Latina nas últimas duas décadas. De acordo com Cassiano (2015), parte desses valores foram repassados para editoras da Espanha com a compra de livros didáticos.

De acordo com (BURBULES e TORRES, 2004, p.19), no atual sistema educacional, o papel do docente está vinculado a novos conteúdos, metas e demais finalidades educacionais que são propostas pelas políticas internacionais e governamentais, sendo o modelo neoliberal apresentado como ideologia a ser defendida e implantada neste cenário da globalização.

Analisando o conceito desenvolvido por Popkewitz (2004) sobre o hibridismo cultural (P.117-118), que se refere à possibilidade de acontecer as reformas educacionais, seja em seus procedimentos gerais, pressupostos ou respectivas orientações, proporcionando uma forma de considerar a inter-relação entre o regional e processos de globalização, constituindo padrões hierárquicos, múltiplos, lineares ou produzindo forças estruturais.

> É comum na política e na pesquisa nacional que os heróis do processo sejam estrangeiros, imortalizados em tentativas de reforma. Os nomes e autores estrangeiros, por exemplo, aparecem como sinais do progresso social, político e educacional em debates nacionais. [...] Se os discursos da reforma e da ciência são entendidos como uma forma de contar histórias, o conhecimento e a competência incorporados por estrangeiros no estrangeiro nativo fazem parte das relações de poder incorporadas nas histórias das relações globais/regionais. (POPKEWITZ, 2004, p.118)

Popkewitz (2004, p.123) destaca que a globalização também se relaciona aos trabalhadores da educação ao mencionar sistemas de ideias universais, seja sobre competência, habilidades ou crescimento dos professores e alunos.

Indubitavelmente, pelos autores pesquisados, podemos concluir que as mudanças propostas na educação perfazem as decisões de organismos internacionais que possuem como base de interesse o neoliberalismo.

O mutualismo ocorre, pois, mesmo sem o interesse ideológico de alguns partidos políticos em implementar o viés neoliberal, estes pretensos representantes do povo podem ver como excelente plataforma de governo alcançar as metas internacionais e realizar empréstimos multimilionários com os sistemas internacionais, pois os números alcançados poderão ser apresentados em suas possíveis reeleições ou próximos planos políticos.

Analisando a visão de Fazal Rizvi (2004), podemos notar que a globalização apresenta uma visão ocidental para “a ascensão de uma cultura global” (RIZVI, 2004, p.141). O autor descreve como a língua inglesa torna-se importante neste novo processo que envolve a parte cultural da globalização. Relata ainda que, os estudantes malaios que vão até a Austrália realizar cursos acadêmicos aprendem o idioma inglês. Nas escolas da Malásia, os alunos estudam como língua principal o malaio, no entanto. grande parte desses estudantes que estão na Austrália estuda nas faculdades de Administração, Comércio ou Economia e “[...] aprende uma nova ideologia organizacional aparentemente universal, baseada em alguns princípios das práticas comerciais japonesas e em sua aplicação em empresas transnacionais [...]” (RIZVI, 2004, p.145).

A prática educacional constatada pelos malaios permite comparativos com a atual situação da educação do Brasil e do Uruguay. No Brasil foram realizados, na década atual, dois programas que podem ser comparados a essa situação global.

O primeiro foi a criação do programa Ciências sem Fronteiras que, conforme informações coletadas em seu próprio site[28], vinculado ao Ministério da Educação, prevê o auxílio de mais de cem mil bolsas de estudo e contempla as áreas das Ciências Exatas, Engenharias, Saúde, dentre outras, não prevendo projetos na área das Ciências Humanas e Sociais. Criado em 2011, esse programa previa estudos tanto no país quanto no Exterior.

[28] Disponível em: www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa acessado em 20/04/2018

O segundo programa, que pode caracterizar a globalização na educação, foi a aplicabilidade da língua inglesa no ensino básico como segunda língua, sendo obrigatória sua aprendizagem nas escolas brasileiras. Lei nº 13.415, promulgada em 2017, que aprova modificações na LDB.

No Uruguay podemos citar o mesmo domínio da língua inglesa fortalecendo-se como segunda língua no país, pois o idioma é ensinado às crianças do ensino fundamental através de conexões via Skype com professores internacionais, explicitando a globalização cultural. Esta conexão midiática foi exposta pelos professores uruguaios nas entrevistas realizadas.

Portanto, se a educação é vista como mercadoria, é possível compreender os motivos de grandes empresas e verdadeiros oligopólios com acionistas e acesso a bolsa de valores estarem vinculados ao sistema educacional do Brasil, seja através de editores, escolas do ensino básico e faculdades do ensino superior, os quais estão prestando serviços que deveriam ser responsabilidade do poder público. Analisando o cenário atual, o sistema educacional público está sendo terceirizado para as grandes empresas de capital nacional e principalmente estrangeiro.

O próximo capítulo pretende descrever como o livro didático explicita a temática da globalização, bem como evidenciar, através das entrevistas realizadas com os professores que trabalham na zona de fronteira pesquisada, como eles escolhem os livros didáticos e o pensamento dos profissionais da área educacional sobre os temas desenvolvidos nesta tese.

3. LIVRO DIDÁTICO E CIDADES FRONTEIRIÇAS: contrapontos pedagógicos

Este capítulo pretende elencar as metodologias e as teorias envolvidas nesta pesquisa, conjuntamente com o material de pesquisa coletado. Tem por finalidade descrever a situação atual dos livros didáticos na área de fronteira pesquisada, entre o Brasil e o Uruguay, bem como, analisar os parâmetros nacionais que possibilitam a compreensão desta tese.

As entrevistas realizadas com os professores estão em conformidade com a metodologia de entrevistas semiestruturadas, em que se aplicou entrevistas temáticas com foco no trabalho, pois estão vinculadas aos questionamentos básicos apoiados tanto teoricamente quanto nas hipóteses levantadas nesta tese. Os autores que embasam esta metodologia de entrevista estruturada e semiestruturada são TRIVIÑOS (2009), GIL (2008) e SEVERINO (2007).

Outra importante fonte para o desenvolvimento desta pesquisa são os livros didáticos localizados nas escolas. Para esses, foi aplicada a fonte documental como metodologia, cuja referência teórica utilizada são os autores CARVALHO & LIMA (2015), GIL (2008) e KARNAL & TATSCH (2015).

Através da metodologia da análise documental, conforme as autoras CELLARD (2012) e CORSETTI (2006), entre outros, foi possível o desenvolvimento da investigação sobre quais editoras estão presentes nos países investigados e as correntes teóricas que estão presentes no conteúdo dos livros didáticos, se marxista ou pós-moderna. Para além deste, verificou-se também os valores investidos com livros didáticos e sua significação monetária para o ensino público.

Os textos presentes nos livros didáticos pesquisados serviram como base para verificar indícios ou possíveis fragmentos que corroboram ou criticam o sistema globalizante. O período de 1996 a 2016 foi escolhido por tratar das mudanças de governos e de decisões políticas adotadas, novos conceitos globais e discussões paradigmáticas sobre o tema elencado nesta pesquisa.

Os relatos dos professores serviram como base para a identificação dos livros didáticos, bem como, para a compreensão dos argumentos dos docentes na escolha do material didático utilizado em sala de aula. As entrevistas ocorreram no local de trabalho e, apesar de não ser o local ideal devido à tensão ou constrangimento que poderia causar aos entrevistados, foram realizadas de forma reservada na biblioteca ou em sala de aula vazia, preservando as colocações dos professores entrevistados.

O primeiro passo no trabalho de campo foi mapear as escolas na zona de fronteira, realizando um primeiro contato com os entrevistados para conhecer sua disponibilidade e vontade de participar da pesquisa.

Foram realizadas duas entrevistas com docentes da Escola Estadual Marechal Soares Andrea, no município do Chuí-BR, optando-se por utilizar o roteiro semiestruturado para essas coletas, as quais foram apresentadas no projeto de qualificação. Posterior às considerações da banca na qualificação, que auxiliaram para a realização de modificações na estrutura das entrevistas, foi possível dar andamento a este trabalho.

Ao realizar as retificações no roteiro, no mês de novembro de 2017, o pesquisador retornou até a fronteira onde permaneceu em campo por 10 (dez) dias, a fim de coletar outras entrevistas com os professores e pesquisar os livros didáticos nas escolas. Também foram coletados os Termos de Cessão dos entrevistados e realizadas as entrevistas dos profissionais que indicavam disponibilidade para participar na pesquisa.

No período posterior à qualificação foram realizadas mais 6 (seis) entrevistas com professores da escola Municipal de Ensino Fundamental General Artigas do Chuí - BR, bem como, com profissionais das instituições de ensino uruguaias compostas pela Escola 28 (que também possui o nome de Federativa do Brasil) e Escola 107, as quais gentilmente auxiliaram no desenvolvimento deste trabalho ao disponibilizarem acesso ao material didático utilizado nas instituições escolares. Somando às 2 (duas) entrevistas realizadas antes da qualificação, totalizaram-se 8 (oito) entrevistas nesta tese, sendo 5 (cinco) de professores brasileiros e 3 (três) de uruguaios.

As próximas informações deste capítulo abordarão a situação e formação político-econômica do Brasil e do Uruguay, localização das escolas, seu tamanho e

espaço físico, além das principais características e informações históricas dos municípios do Chuy e Chuí.

As análises posteriores deste capítulo fazem referência ao mercado dos livros didáticos no Brasil e no Uruguay e ao funcionamento das principais empresas envolvidas na comercialização e distribuição desse mercado bilionário.

Para tanto, é necessário a contextualização das fontes escritas, neste caso, os livros didáticos que, juntamente com as entrevistas semiestruturadas, servem de base para esta tese. O relato dos professores poderá indicar qual livro era utilizado em sala de aula e se aquele pensamento exposto no livro era trabalhado em sala de aula.

Por último, este capítulo aborda o conteúdo exposto nos livros didáticos[29] sobre a globalização e a possível influência dos ideais destes conglomerados e seus editoriais no conteúdo proposto sobre esta temática para trabalho em sala de aula.

3.1 As dimensões políticas, econômicas e sociais do Brasil e do Uruguay de 1980 até a contemporaneidade.

O contexto político influenciou nas escolhas e nos perfis educacionais adotados nos países pesquisados, corroborando para a formação do mercado dos livros didáticos e a fomentação do sistema capitalista. Elenca-se abaixo as reestruturações políticas ocorridas no Brasil e no Uruguay a partir da década de 1980 até a atualidade, perfazendo a realidade política e econômica e influenciando na educação e na construção do mercado do livro didático nos países estudados.

No que tange aos aspectos políticos do Uruguay, o país esteve sob golpe de estado desde 27 de junho de 1973. Sua política econômica tornou-se liberal, pois "[...] O país deveria insertar-se na economia mundial abrindo-se as correntes comerciais e

[29] O conteúdo destes livros encontra-se nos Anexos I e II desta tese.

financeiras sem opor travas fiscais ou legais [...]" (NAHUM, 2011, p.191, tradução nossa), o que torna notável a interferência dos EUA na economia e no ideal capitalista. A ditadura uruguaia perdurou até 25 de novembro de 1984 com as eleições diretas para presidente da nação.

Júlio Batista Sanguinetti, através do voto popular, assume a presidência em 1985 com graves problemas econômicos, uma alta dívida externa e um endividamento em dólares com curto prazo para vencimento. Todavia, o sistema capitalista continuou seu prosseguimento no país com o " [...] predomínio de uma política econômica global sobre os setores (agro, indústria) [...]" (NAHUM, 2011, p.197, tradução nossa).

No Brasil, o golpe militar iniciou em 31 de março de 1964 sob influência direta dos EUA, levando à queda de João Goulart e à implementação de um regime ditatorial que defendia interesses estadunidenses, efetivando seu sistema econômico capitalista no país. Em 15 de janeiro de 1985, ambos filiados ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), Tancredo Neves e José Sarney são eleitos indiretamente pelo congresso nacional "[...] batendo Paulo Maluf por 480 a 180. [...]" (FAUSTO, 2015 p.435) e dando início à redemocratização no Brasil. Com a morte de Tancredo em abril de 1985, Sarney assume a presidência.

A situação durante os primeiros anos de redemocratização agravou-se com a alta inflação e a continuidade do alinhamento ao sistema capitalista. Diante das inúmeras disputas políticas e com uma série de reformas sendo implementadas no período pós-ditatorial, em 1988, José Sarney, juntamente com o congresso nacional, promulga a nova Constituição Federal.

Um ano após a principal lei do país ser aprovada, ocorrem eleições diretas para o executivo nacional, com a vitória de Fernando Collor de Mello, membro do Partido da Reconstrução Nacional. Após seu impeachment, em 1992, seu vice Itamar Franco assume o executivo, exercendo o cargo presidencial até o final de 1994. Este governo cria o plano real, que diminui a inflação para 5% (cinco por cento) ao ano e cria uma nova moeda para o Brasil que está em vigor até a atualidade.

Nesse mesmo período histórico, ambos os países vivenciam praticamente a mesma trajetória política, após a passagem dos governantes vinculados à centro-

direita a partir do ano de 1985. Como vimos, o Uruguay também enfrenta sérias dificuldades financeiras devido à herança das dívidas deixadas pelos militares[30].

Como no Uruguay é vedada a reeleição consecutiva, sem a participação de Sanguinetti nas eleições de 1989, o Partido Nacional obtém 765.990 (setecentos e sessenta e cinco mil, novecentos e noventa) votos (NAHUM, 2013), equivalentes a 38,9% (trinta e oito por cento, virgula nove por cento) dos eleitores. Desta forma, em 1990, assume a presidência Luís Alberto Lacalle.

Com o intuito de aprovar reformas neoliberais, o governo de Lacalle inicia um avanço nas medidas de privatizar empresas estatais. O presidente realiza um plebiscito a fim de validar, com o apoio popular, a venda da ANTEL, empresa estatal de telecomunicações. No entanto, "[...] A população entendeu que tal proposta era um primeiro passo para a venda paulatina das empresas públicas (seguindo o exemplo argentino), e em dezembro de 1992, se manifestou majoritariamente contrária ao projeto[...]" (NAHUM, 2011, p.201, tradução nossa). Contudo, ocorreram privatizações de empresas de outros setores, como linhas áreas e do setor pesqueiro, que levaram a investigações de políticos por corrupção.

Após o término do mandato de Lacalle, em 1995, Sanguinete retorna à presidência da república, formando um governo de coalizão "[...] entre colorados e brancos (que ocuparam três cadeiras ministeriais) e conjuntamente seus votos nas câmaras para levar adiante diversas reformas [...]" (NAHUM, 2011, p.206, tradução nossa). As reformas são características do modelo neoliberal "A reforma do estado teve diversas facetas, mas todas tendentes a diminuir seu tamanho e seu peso global na sociedade (tanto econômico - para manutenção – como de intervenção na vida social)." (NAHUM, 2011, p.207, tradução nossa).

No ano de 2000, foi eleito para presidência do Uruguay Jorge Batle Ibáñez. Do partido colorado, de acordo com Nahum (2011), enfrentou forte oposição em seu governo com o crescimento da centro-esquerda denominada Frente Ampla. Ibáñez manteve a política econômica de seu antecessor e teve seu país duramente afetado com a crise da Argentina em 2001. Mas apenas entre os meses de fevereiro e agosto

[30] O Brasil ditatorial declarou moratória em 1982, ou seja, insolvência de pagar suas dívidas com os credores internacionais. O país foi socorrido inicialmente pelos EUA, principal aliado durante a ditadura militar e, posteriormente, pelo FMI.

de 2002, quando esteve diante de uma grave crise bancária, firmou três acordos com o FMI.

O Brasil, no governo de Fernando Collor de Mello, flertava com as multinacionais estrangeiras e a possibilidade de privatizar estatais estratégicas do país. Todavia, somente na eleição de 1994, com a vitória de Fernando Henrique Cardoso, este plano tem início. Sua execução foi inacreditável para qualquer sistema econômico, seja ele de viés comunista, socialista, trabalhista, socialdemocrata ou neoliberal.

Conforme o livro *Privataria Tucana* de Amaury Ribeiro Junior, as privatizações no Brasil ocorreram com o apoio do congresso nacional, quando o então presidente possuía maioria absoluta, descrevendo fortes indícios de corrupção. Todavia, o relato mais estrondoso é que, em alguns casos, a instituição pública denominada Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), emprestou dinheiro para o capital privado comprar e manter o ramo das estatais. Isso aconteceu tanto no caso da mineradora Vale do Rio Doce, quanto no setor de telecomunicações brasileiras, "[...] quem adquiria uma estatal imediatamente se habilitava a contratar financiamentos oficiais com juros abaixo dos patamares do mercado. [...]" (RIBEIRO, 2011, p.39).

Durante o primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso e a aparente estabilidade econômica, o congresso nacional autorizou uma alteração na legislação que possibilitava a reeleição, por dois mandatos consecutivos, do executivo. Fernando Henrique Cardoso, filiado ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), de viés centro-direita, foi reeleito em 1998 e ocupou novamente a presidência da república até 2002.

A partir da eleição presidencial de 2002 no Brasil e da eleição de 2005 no Uruguay, a política nacional dos dois países entra num período de conciliação de interesses vinculados à centro-esquerda, que perdurou até 2016.

Em 2002, o Partido dos Trabalhadores (PT), que desde 1989 ocupava a segunda colocação nas eleições presidenciais brasileiras, vence o pleito com Luís Inácio Lula da Silva, o qual foi reeleito em 2006 e ocupou a presidência da república até o ano de 2010. No ano de 2011, assume a presidência Dilma Rousseff, sendo o

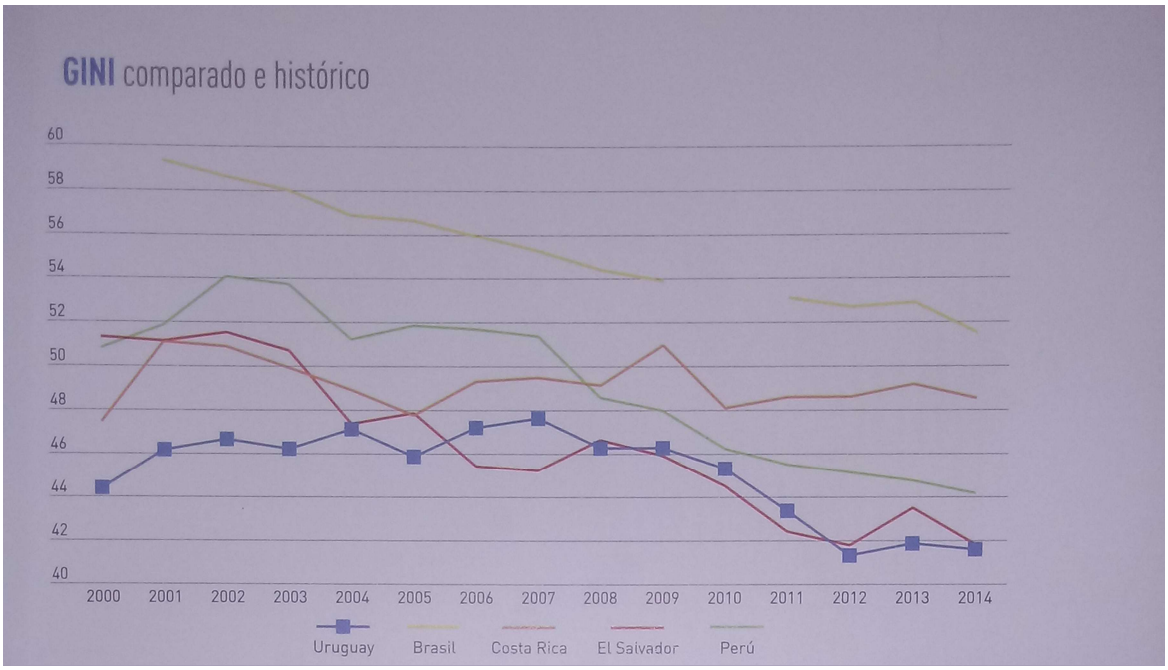
seu vice-presidente Michel Temer, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). A chapa é reeleita em 2014 e, com o impeachment de Dilma em 2016, encerra-se o ciclo da centro-esquerda brasileira. Seu vice assume o poder e nomeia para os ministérios políticos filiados a partidos de centro-direita. Na eleição de 2018, Jair Bolsonaro, capitão reformado do exército brasileiro, deputado federal e filiado ao Partido Social Liberal (PSL), pertencente à ala da direita, é eleito presidente no segundo turno, derrotando o professor Fernando Haddad do (PT).

Por sua vez, no Uruguay, a Frente Ampla assume a presidência na eleição de 2005, com Tabaré Vázquez, que estabelece planos voltados à assistência social e ao aumento da participação do estado no auxílio à população em situação de vulnerabilidade social do país. Em 1º de março de 2010, seu sucessor José Mujica assume a presidência, dando continuidade às reformas sociais e tributárias relevantes para o país. Com a saída de Mujica em 2015, Tabaré Vázquez retorna à presidência mantendo a Frente Ampla com um membro representante na presidência nacional.

Observamos que, em diversos momentos da história do tempo presente, ambas as nações apresentam aproximações nas tendências políticas, econômicas e sociais no recorte cronológico estudado. As políticas de diminuição da desigualdade social surtiram efeitos consideráveis no Uruguay, quando analisamos os índices de avaliação de Gini[31] comprovando-se, em especial, a redução das desigualdades na tabela a seguir.

[31] O coeficiente de Gini é uma medida para verificação da desigualdade numa sociedade, desenvolvida pelo italiano Corrado Gini em 1912. Quanto menor for a nota, menor será a desigualdade do país.

Tabela 1: Índice de Gini comparado e histórico



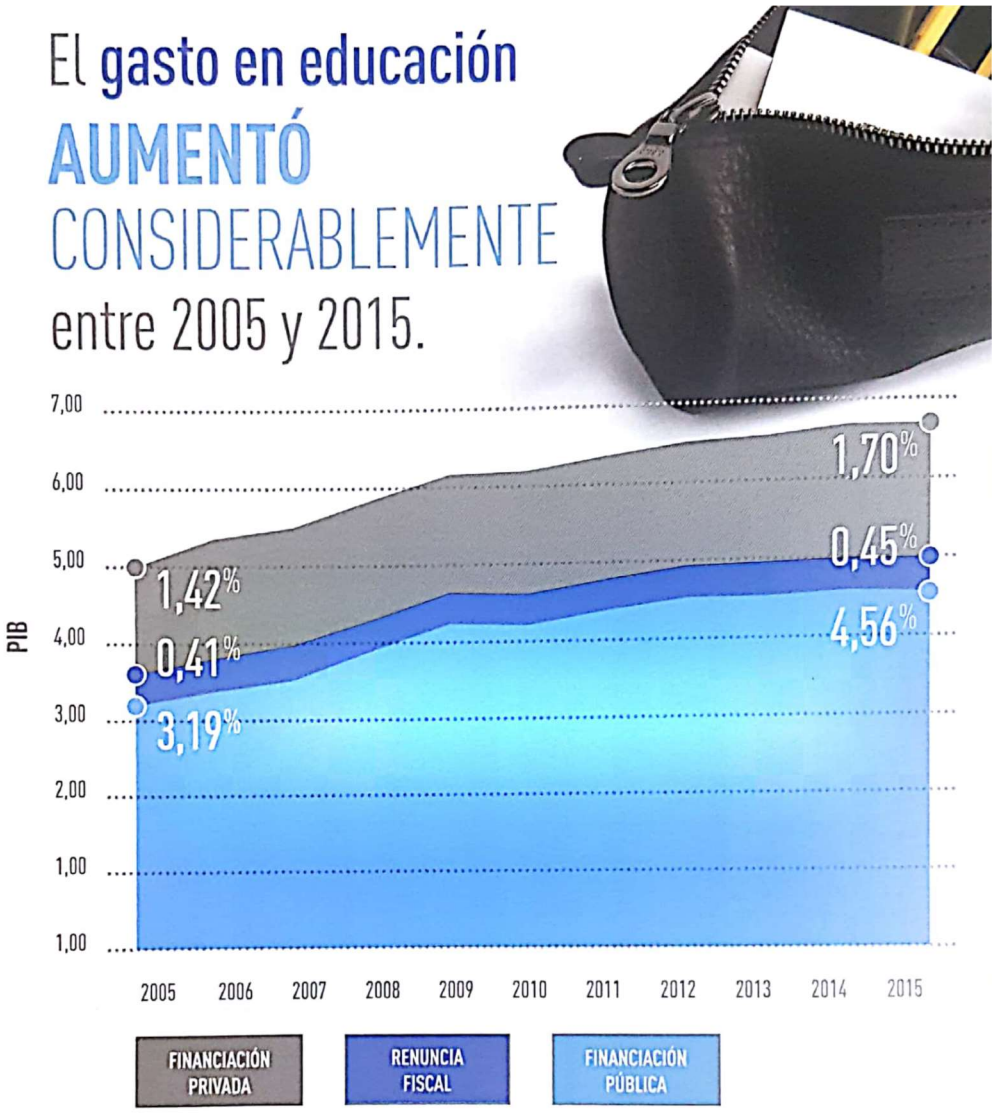
Fonte: INEED, 2017, p.19.

Conforme o gráfico acima, o Brasil reduziu significativamente a desigualdade social no país nesse período, todavia seu índice em relação aos demais países da América Latina continua elevado.

Analisar as diferenças nas nações aqui pesquisadas auxilia na compreensão das mudanças sociais que ocorreram nos últimos anos. Com o aumento dos investimentos na educação, aumentou-se o consumo do material didático e, consequentemente, cresceu o interesse do mercado das editoras, que enxergam a possibilidade de utilizarem-se de mecanismos de poder político e econômico para absorver e controlar o mercado nos países do Brasil e Uruguay.

No Uruguay, são notáveis os investimentos na área educacional, o que consta nos relatórios educacionais do país e também é possível verificar no gráfico abaixo.

Tabela 2: Investimentos na educação do Uruguay em relação ao PIB



Basado en gráfico 4.1. Evolución del gasto total en educación como porcentaje del PIB, según financiamiento. Años 2005-2015

Fonte: INEED, 2017, p.196.

Entre os anos de 2005 e 2015, com os partidários da Frente Ampla Uruguaya no comando do país, os investimentos na educação pública cresceram em torno de 43% (quarenta e três por cento), partindo de 3,19% (três, dezenove por cento) para 4,56% (quatro, cinquenta e seis por cento) do Produto Interno Bruto (PIB) uruguaio.

Sobre o Brasil, o censo escolar[32], realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) em 2016, contabilizou 43.236.458 (quarenta e três milhões, duzentos e trinta e seis mil, quatrocentos e cinquenta e oito) matrículas na zona urbana e 5.581.021 (cinco milhões, quinhentos e oitenta um mil e vinte um) matrículas na área rural, totalizando 48.817.479 (quarenta e oito milhões, oitocentos e dezessete mil, quatrocentos e setenta e nove) alunos matriculados no ensino básico.

Considerando que a participação da rede privada, neste contexto, foi de 21,5% em 2016 (INEP, 2017, p.4), podemos concluir que, no ano de 2016, 38.321.721 (trinta e oito milhões, trezentos e vinte um mil, setecentos e vinte um) alunos pertenciam à rede pública de ensino. Desta forma, o governo federal investiu um total de R$136.000.000.000 (cento e trinta seis bilhões de reais) em transporte escolar, construção e reformas de escolas, salário dos profissionais da educação, livros didáticos e alimentação. Um investimento anual total, por aluno, em torno de R$3.548,90 (três mil, quinhentos e quarenta oito reais e noventa centavos), ou seja, um valor mensal de investimento de R$ 295,75 (duzentos e noventa e cinco reais e setenta e cinco centavos).

Se confrontarmos esses dados às mensalidades de algumas escolas particulares, percebemos que os investimentos públicos em educação são insuficientes para manter um aluno na rede privada. Seguem, na tabela abaixo, os valores das mensalidades na rede privada das instituições escolares de São Paulo (estado que obteve o melhor resultado no Exame Nacional do Ensino Médio em 2016), para que possamos traçar um comparativo nesse sentido:

[32] http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2017/notas_estatisticas_censo_escolar_da_educacao_basica_2016.pdf

Tabela 3: Valor das mensalidades nas dez escolas paulistanas com melhor colocação no ENEM 2016.

		PONTUAÇÃO	POSIÇÃO NACIONAL	MENSALIDADE
1º	Objetivo Colégio Integrado, Bela Vista	751,3	1º	2 933
2º	Colégio Etapa III, Vila Mariana	736,3	2º	3 260
3º	Colégio Vértice, Brooklin Paulista	710,7	10º	4 690
4º	Colégio Móbile, Moema	706,7	13º	3 400
5º	Colégio Santa Cruz, Alto de Pinheiros	688,1	38º	3 515
6º	Liceu de A. e O. de São Paulo, Luz	684	44º	2 017
7º	Colégio Bandeirantes, Vila Mariana	683,5	45º	3 380
8º	Colégio Agostiniano Mendel, Tatuapé	675,8	61º	1 695
9º	Colégio Albert Sabin, Pq. dos Príncipes	674,9	63º	2 391
10º	Colégio Etapa, Vila Mariana	664,9	91º	3 260

Fonte: Andreza Monteiro disponível em: https://vejasp.abril.com.br/cidades/mensalidade-escola-melhores-enem-preco/ Publicado em 6 out 2016. Acessado em 10/07/2018.

Verificando-se os valores mensais, é perceptível que o aluno da rede privada tem um custo, somente com a mensalidade escolar, até 15 (quinze) vezes superior ao investimento total do estado com o aluno que estuda na rede pública de ensino básico. Logo, torna-se difícil acreditar no discurso da meritocracia e na oferta de mesmas condições de oportunidades, aos quais estão submetidos grande parte dos alunos que realizam a prova do ENEM e demais disputas acadêmicas.

No Brasil, somados os anos de 2016 e 2017, esse mercado ultrapassou os R$2,9Bl (dois bilhões e novecentos milhões de reais), sendo que parte desse recurso e seus lucros foram enviados para fora do país. Conforme notícia publicada no site oficial do governo em 2016[33], "o Brasil teria investido R$ 1,62 Bilhão de reais" na compra de livros relacionados ao PNLD. Já no ano de 2017, o investimento foi em

[33] http://www.brasil.gov.br/editoria/educacao-e-ciencia/2016/12/educacao-basica-recebeu-r-136-bilhoes-em-2016

torno de R$ 1,29 BI (um bilhão e duzentos e noventa milhões de reais), apenas em livros didáticos[34].

A abordagem realizada nesse item possibilitou a verificação dos montantes investidos na educação, bem como, explicita o sistema político econômico capitalista nos países pesquisados.

A próxima temática trata da formação dos municípios do Chuí – Brasil e Chuy – Uruguay, localidades compõem a pesquisa da tese desenvolvida, e vai auxiliar no desenvolvimento da compreensão histórica, social e econômica desta fronteira.

3.2 A formação do Chuí - Brasil e Chuy - Uruguay, aspectos históricos, políticos e sociais.

As primeiras referências sobre a campanha do Chuí são datadas de meados do século XVIII, apresentadas no tratado de Madrid, quando os portugueses possuíam interesse em povoar a região devido à existência do arroio Chuí como ponto de referência geográfico natural. Neste período, o império português rivalizava com a coroa espanhola por território, estendendo os conflitos até a primeira metade do século XIX.

Com o término da Guerra da Cisplatina em 1828 e a criação da República Oriental do Uruguay em 1830, a fronteira entre o Brasil e Uruguay foram demarcados e respeitados seus limites. Todavia, “[...] a região ficou praticamente nas mãos dos brasileiros, que a povoavam e administravam nela até a justiça.” (TRINDADE, BEHARES, FONSECA,1995, p.14).

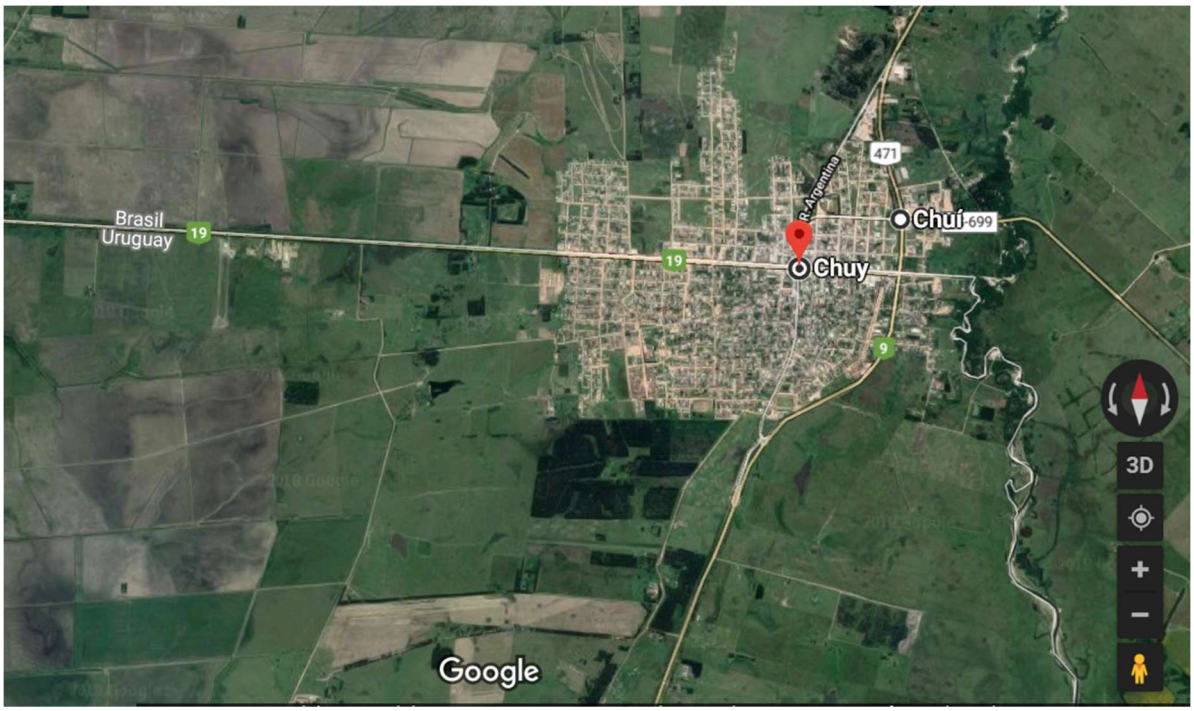
No final do século XIX, conforme estes autores, os uruguaios iniciaram um processo de construção de cidades e povoamento, para demarcar a zona fronteiriça

[34] http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/dados-estatisticos

com “[...] colonos uruguaios, italianos e de outras origens [...]” (TRINDADE, BEHARES, FONSECA,1995, p.15). Em 7 de julho de 1880, com a criação do Departamento de Rocha, o Chuy é elevado a uma localidade deste departamento.

Na segunda metade do século XX, a situação das localidades do Chuí-Brasil e Chuy-Uruguay são modificadas, pois, ambas são elevadas ao status de municípios, aumentando a autonomia local. A região do Chuy adquire status de município em 1981, todavia, seguiu pertencente ao Departamento de Rocha. Na imagem a seguir, segue o mapa dos municípios do Chuí e Chuy, evidenciando sua conurbação e ligação, em que a divisão ocorre apenas por uma rua.

Figura 1: Mapa Chuí-Brasil e Chuy-Uruguay

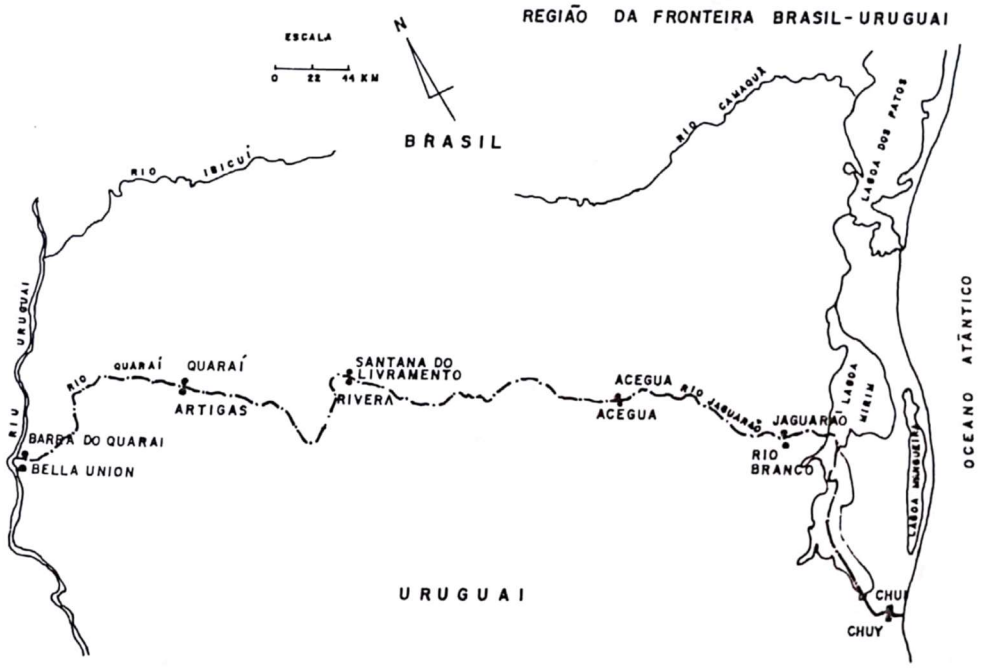


Fonte: Google Maps, acessado em 18/10/2018.

Verificamos que a linha central que divide, na imagem acima, as cidades gêmeas do Chuí-Chuy trata-se de uma extensa avenida. No lado brasileiro, ela recebe o nome de avenida Uruguay e, no lado uruguaio, é denominada de avenida Brasil.

A próxima figura ilustra a localização das cidades gêmeas no território dos seus respectivos países e fronteira, com o intuito de configurar o mapeamento fronteiriço.

Figura 2: Mapa da Região da Fronteira entre Brasil e Uruguay, limites atualizados com destaque para as cidades gêmeas.



Fonte: Adaptado. (TRINDADE; BEHARES; FONSECA, 1995, p. 91)

De acordo com o censo de 2011, o Chuy-Uruguay possui 10.470 (dez mil quatrocentos e setenta) habitantes. No âmbito econômico, apesar do Uruguay ser destaque na orizicultura e pecuária, é notável o incremento do comércio nessa cidade, com destaque para a presença dos *freeshops*, em que grande parte dos proprietários são oriundos da Palestina e demais países do Oriente-Médio.

> Chuí e Chuy são dois povoados anômalos que já tem uma pequena população estável, mas uma população flutuante muito importante, formada por brasileiros e uruguayos, que visitam a localidade para fazer ali suas compras. (TRINDADE, BEHARES, FONSECA,1995, p.12)

Sobre a formação do Chuí brasileiro, conforme informações coletadas no site oficial do município, essa localidade conseguiu sua emancipação do município de Santa Vitória do Palmar em 1995. Porém, a separação não incluiu a praia da barra do Chuí, um interessante potencial turístico que continuou pertencente a Santa Vitória do Palmar. Empossado como prefeito, Mohamad Kassem Jomaa, de origem libanesa, reflete a forte ligação desta cidade com descendentes do Oriente-médio.

De acordo com dados coletados no site da prefeitura do Chuí, sua população em 2010 era de 5.917 (cinco mil, novecentos e dezessete) habitantes. Se comparado ao município vizinho uruguaio, o Chuí possui metade do número de habitantes do Chuy.

No tocante à integração da fronteira Brasil e Uruguay, um aspecto cultural com grande destaque é a influência da língua portuguesa no Uruguay. Os autores TRINDADE & BEHARES (1996) destacam os Dialetos Portugueses do Uruguay (DPU) e a autora Graciela Barrios complementa:

> O português está presente no repertório linguístico das localidades da fronteira através de sua variedade dialectais, os DPU. A presença do português padrão, pelo contrário, é marginal. Ainda que os habitantes da fronteira tenham contato com este através dos meios de comunicação brasileiros (inclusive, nas localidades urbanas da fronteira, pela presença dos brasileiros), a funcionalidade do português padrão é, no geral, muito mais restringida pelos DPU e que a do espanhol, pelo menos no novel de produção. (BARRIOS, 1996, p.102, tradução nossa)

Mesmo no período da globalização, que permeia os campos sociais, culturais, econômicos e políticos, a fronteira do Chuí-Chuy reflete a possibilidade de aproximação entre países. Embora relevantes disputas territoriais fossem travadas no passado, atualmente é possível conviver em harmonia e desfrutar dos mesmos dialetos, costumes, alimentos, erva mate, roupas de lã e, principalmente, do convívio em sociedade de forma pacífica. A autora Fedatto (1996) descreveu a realidade dos fronteiriços entre o Brasil e Paraguai, mas, a nosso ver suas análises também se aplicam à fronteira entre o Brasil e o Uruguay:

> Os fronteiriços lembram que o processo de integração visando a uma sociedade mundializada, devia começar na fronteira, onde seus habitantes já aprenderam o respeito pelo outro, e não em gabinetes palacianos que consideram apenas os aspectos jurídicos e econômicos, ignorando o povo. (FEDATTO, 1996, p.117-118)

No Chuí brasileiro, a língua espanhola influencia na linguagem dos brasileiros "Na margem brasileira da fronteira o português sempre foi a língua predominante, mas lá existem variedades dialectais regionais podemos encontrar empréstimos de léxicos e interferências fonéticas do espanhol." (MILÁN; SAWARIS; WELTER, 1996, P.124, tradução nossa).

Portanto, na fronteira entre o Chuí-Brasil e Chuy-Uruguay existem afinações no tocante ao comércio local, na língua e na linguagem. Seus respectivos dialetos fronteiriços, juntamente com o fato de as cidades crescerem uma ao lado da outra, demonstram a aglutinação de ambas as cidades.

No próximo item, serão evidenciadas, através de mapas e imagens, as instituições escolares visitadas e suas respectivas localizações na fronteira entre o Chuy - Uruguay e Chuí - Brasil.

3.3 As instituições escolares pesquisadas na fronteira do Chuy-Chuí

Considerando o parâmetro referente ao porte escolar no Brasil ainda não possui uma legislação clara que o normatize[35], tomaremos como parâmetro para nesta análise onde as escolas de pequeno porte têm de 1 (um) a 1000 (mil) alunos,

[35] Levando em consideração o posicionamento do autor desta tese que não considera a educação pública uma mercadoria, e sim um direito constitucional. Não será utilizado os dados das áreas de administração e contábeis, as quais consideram o tamanho de uma empresa baseada pelo número de funcionários e sua arrecadação.

de médio porte de 1001 (um mil e um) a 2000 (dois mil alunos) e de grande porte a partir de 2000 (dois mil alunos). Essas localidades, inclusive pelo tamanho de sua população, possuem escolas de pequeno porte.

As imagens a seguir demonstrarão que algumas das instituições escolares visitadas possuem espaço físico suficiente para ampliar suas instalações, caso seja necessária uma expansão.

As escolas pesquisadas no Brasil, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, correspondem ao ensino fundamental e médio do município do Chuí.

Quadro 2: Número de escolas da rede pública que atendem ao ensino fundamental, anos finais, e ao ensino médio, na fronteira pesquisada

	Escolas de nível Fundamental	**Escolas de nível Médio**
Chuy-Uruguay	3	2
Chuí-Brasil	2	1
Total	8	

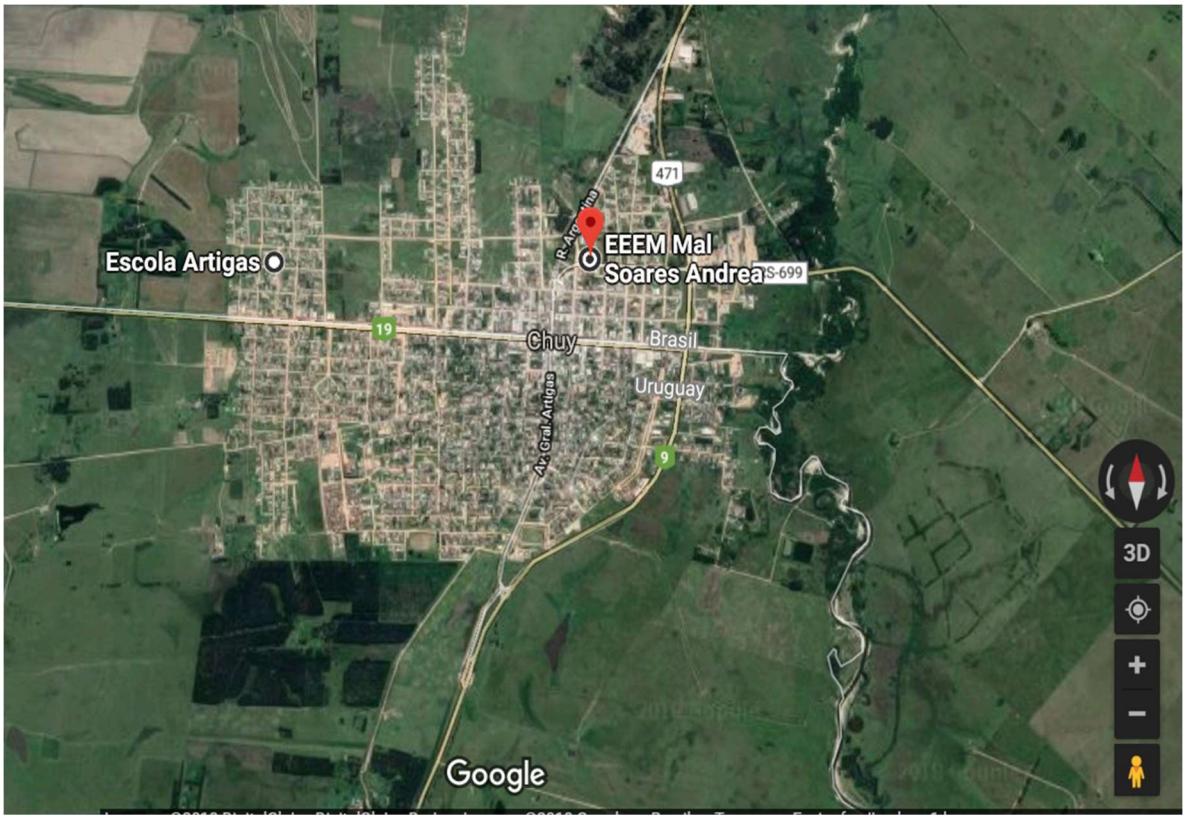
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor da tese em 2017.

Para análise do quadro acima, deve-se considerar que, as escolas públicas brasileiras selecionadas para esta pesquisa possuem vínculo com os municípios e/ou com o Estado do Rio Grande do Sul. Outro ponto a ser destacado é a participação das escolas das cidades do Chuy (UY) no Programa Escolas Interculturais de Fronteira (PEIF), que tem por objetivo a integração regional e intercultural em cidades-gêmeas, o qual pode trazer uma nova ressignificação sobre o espaço da fronteira.

Nesta primeira sequência de imagens, apresentaremos as instituições de ensino do Chuí-Brasil, com a disposição da escola de ensino fundamental municipal e a estadual, de que compõem os ensinos fundamental e médio. Posteriormente,

serão apresentadas as instituições do Chuy-Uruguay, do ensino primário e secundário.

Figura 3: Localização das escolas brasileiras na fronteira do Chuí



Fonte: Google Maps, acessado em: 10/10/2018

Pela imagem acima, podemos observar que as escolas brasileiras visitadas não ficam próximas à avenida principal, estando localizadas mais próximas das extremidades urbanizadas do município. A aproximação por satélite, recurso disponível nos aplicativos *Google Earth* e *Google Maps*, auxilia na compreensão do espaço físico e geográfico destas escolas.

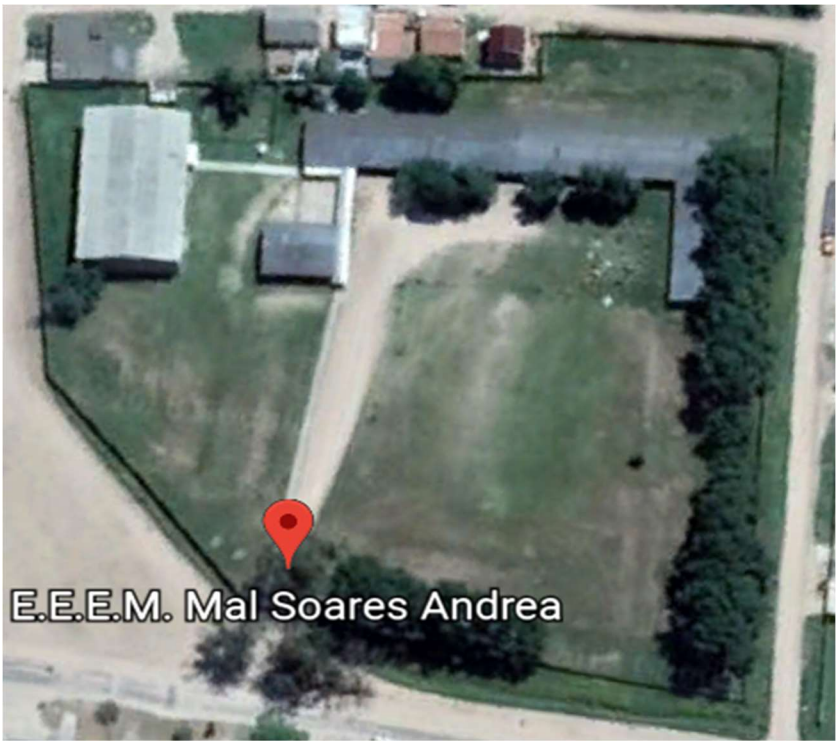
Figura 4: Escola Municipal de Ensino Fundamental General Artigas



Fonte: Google Earth, acessado em: 24/10/2018

Observamos na imagem acima, considerando a infraestrutura da escola, que o ginásio poliesportivo localizado na parte superior esquerda da imagem deveria possuir uma cobertura a qual não foi colocada porque a obra encontra-se estagnada há alguns anos. Surpreende o tamanho do terreno da escola o qual ocupa todo o perímetro da quadra, o que lhe confere grande potencial para ampliação e investimento. Entretanto, considerando a crise em que se encontra o país e, principalmente, diante da morosidade recorrente nas obras públicas, é difícil acreditar em investimentos substanciais do poder público no educandário.

Figura 5: Escola Estadual do Ensino Médio Marechal Soares Andrea



Fonte: Google Earth, acessado em: 24/10/2018

A escola acima atende o ensino fundamental e médio, componente importante dessa pesquisa. Ao observarmos a extensão dos muros desta escola, percebemos que os mesmos ocupam praticamente toda a quadra, mais uma vez conferindo ao espaço educacional um potencial para ampliação, seja para construção de ginásios, laboratórios ou demais instalações necessárias para o melhor desenvolvimento das atividades educacionais.

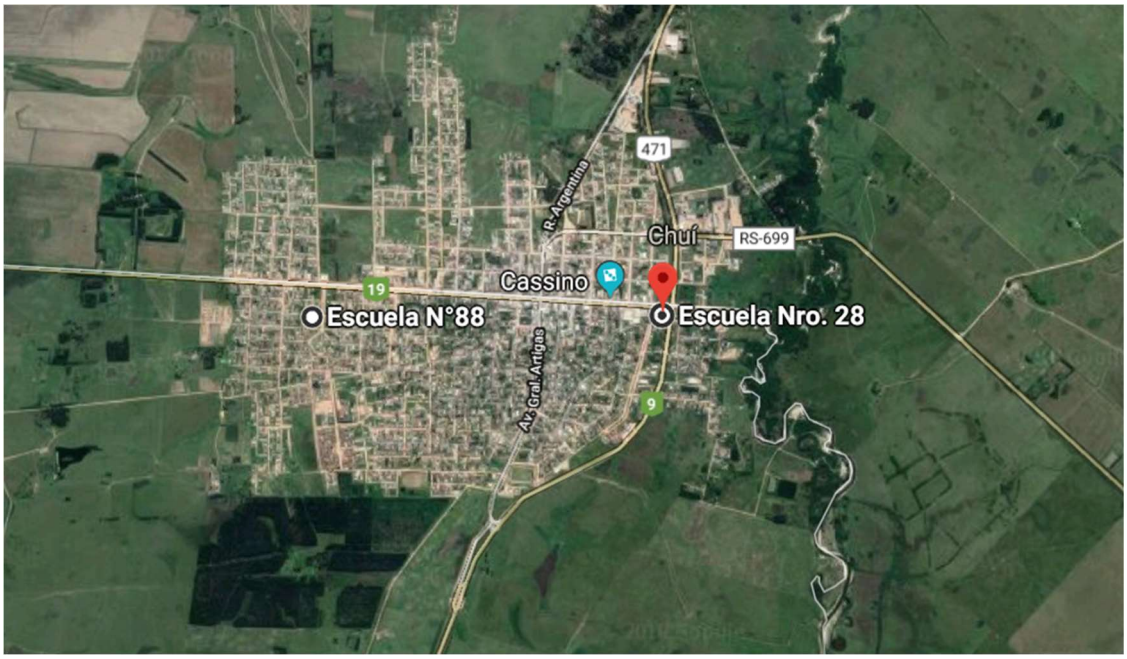
Podemos observar que nas duas instituições escolares brasileiras constata-se um grande espaço físico ocioso, suficiente para a construção de novas instalações. Contudo, em virtude da situação econômica e financeira do país, no qual vivenciamos cortes nos investimentos para a área educacional, possivelmente, em ambas as escolas não acontecerão avanços estruturais em curto prazo.

A seguir, serão apresentadas imagens das escolas do município do Chuy-Uruguay, onde é possível notar diferenças estruturais significativas.

Conforme a Lei Geral da Educação do Uruguay, Lei nº 18.437 de 2008, atualizada em março de 2015, em seu artigo 22º, refere que a estrutura da educação

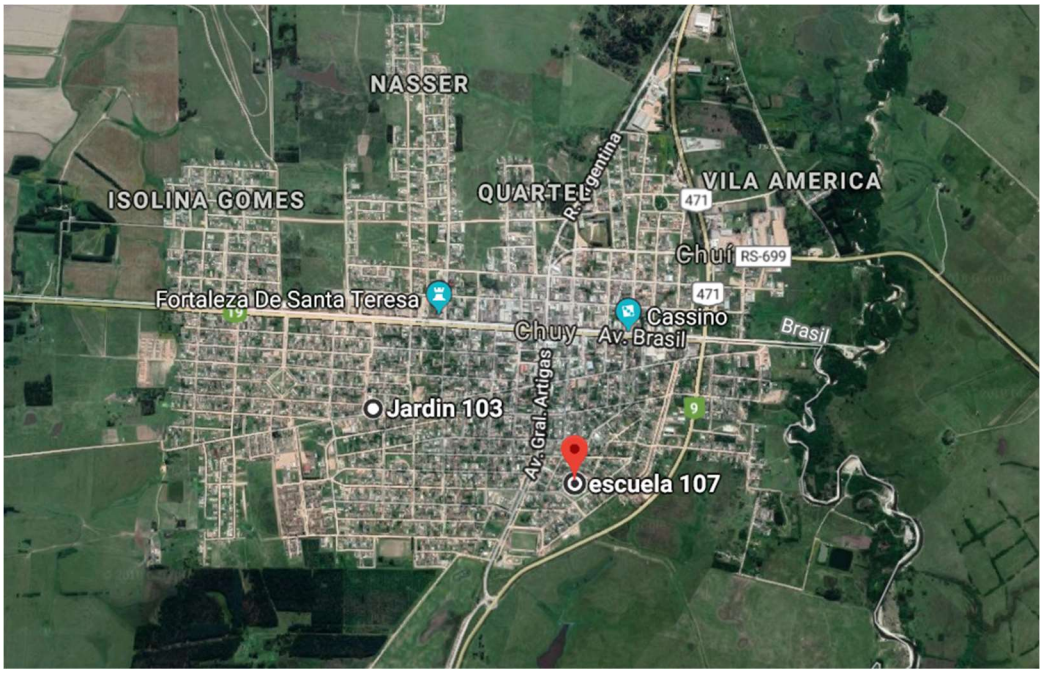
formal compreende os seguintes níveis: educação inicial; educação primária; média básica; educação média superior; educação terciária (graduação) e pós-graduação. Neste trabalho serão estudadas as escolas do Chuy-Uruguay cujos níveis de educação correspondem ao ensino primário e médio.

Figura 6: Localização das escolas 28 e 88 do Chuy



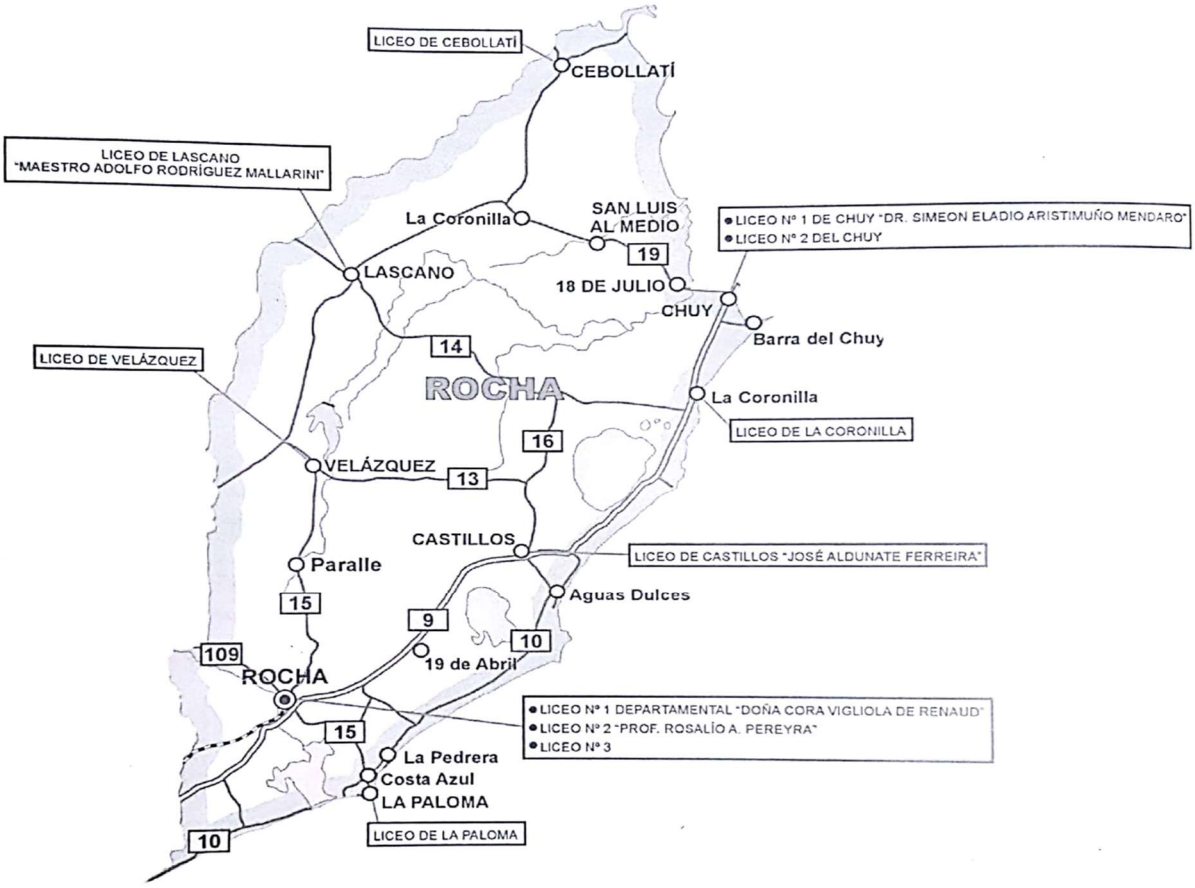
Fonte: Google Maps, acessado no dia 25/10/2018

Figura 7: Localização da escola 107



Fonte: Google Maps, acessado no dia 25/10/2018

Figura 8: Liceus no Departamento de Rocha



Fonte: Adapt. (NAHUM, 2009, p.394)

Percebemos a ampla distribuição geográfica das escolas na cidade do Chuy-Uruguay, algumas próximas à avenida principal, na divisa Brasil-Uruguay, outras distribuídas em demais localidades do município, de forma a atender às necessidades da região nos principais pontos da cidade.

A próxima etapa será demonstrar a estrutura dessas instituições escolares e seus respectivos espaços físicos, iniciando pelas escolas primárias, respectivamente, pelas escolas 28, 88, 107 e liceus 1 e 2.

Figura 9: Escola Primária nº28 Chuy



Fonte: Google Earth, acessado em: 24/10/2018

Analisando a imagem da Escola Primária nº28, evidencia-se que esta escola está na avenida principal da fronteira. Conta com uma estrutura edificada completa, em toda sua área, cujo pátio central destina-se à quadra de esportes.

Figura 10: Escola Primária nº 88 Chuy



Fonte: Google Maps, acessado no dia 24/10/2018.

Sobre a Escola Primária nº 88, percebemos que seu espaço geográfico ocupa pouco mais que metade da quadra, com imóveis à esquerda e à direita, na parte inferior da imagem.

Figura 11: Escola Primária nº107 Chuy



Fonte: Google Earth, acessado em: 24/10/2018

Na imagem acima, da Escola Primária nº107, verificamos que a quadra poliesportiva, na metade inferior da figura, não faz parte do espaço geográfico desta instituição, sendo utilizado pela comunidade local e também pela escola, mediante agendamento prévio junto aos profissionais que trabalham no local.

A seguir, seguem imagens dos Liceus da cidade do Chuy. Essas instituições de educação secundária dividem o mesmo espaço geográfico, possibilitando a fácil locomoção dos professores que, eventualmente, atendem ambas as escolas.

Figura 12: Liceus 1 e 2 Chuy



Fonte: Google Maps, acessado no dia 24/10/2018

Na imagem acima, verificamos que os Liceus 1 e 2 compartilham o mesmo quarteirão. Possuem, nesse espaço, campos poliesportivos e muita área livre, caso seja necessário aumentar suas edificações.

A despeito da localização das escolas estarem longe do centro comercial, entendimento principal das relações sócio econômicas da cidade, situados em ambas as cidades na avenida principal a qual divide a fronteira é visível que se encontram no espaço periférico da cidade. Apesar de sua pequena formatação é notável no *Google Earth* que a maioria das ruas onde estão estas instituições não possuem qualquer tipo de pavimentação, sendo alarmante a situação no Chuí-Brasil onde as ruas adjacentes

da escola municipal General Artigas possuem valetas fluviais, provavelmente, deveriam ser apenas para escoar as águas das chuvas, todavia pelo mau odor devam existir ligações cloacais, ou seja, esgoto a céu aberto. Podendo contaminar além dos alunos toda a população que em dias de chuvas sofram com prováveis alagamentos. Esperamos a ação do poder público o qual atue para solucionar tais situações facilmente verificadas nas imagens e na pesquisa de campo.

Após a identificação geográfica espacial das instituições escolares dos municípios os quais compõem esta pesquisa, serão analisados o mercado do livro didático em ambos os países e, posteriormente, os livros didáticos destas instituições.

3.4 Livro didático: a materialidade no pensar educação escolar

A obra intitulada *Livros Didáticos de História e Geografia*, organizada pela professora Maria Encarnação Beltrão Sposito, auxilia no desenvolvimento deste trabalho no sentido de compreendermos o funcionamento do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) brasileiro e a política de avaliação dos livros produzidos pelas editoras, que deveriam auxiliar na aprendizagem dos alunos e no trabalho dos professores.

A autora destaca nesta obra a história do PNLD e sua implementação no contexto global a partir de 1994 e, a avaliação do material didático, verificando seu desenvolvimento através do contexto da sociedade atual. Utiliza como parâmetro o "custo x benefício" nos critérios de aprovação do material e a racionalidade nos investimentos com recursos públicos.

> [...]. Numa sociedade, em que a reprodução capitalista orienta o ideário e a ação do Estado, das corporações, das instituições e das pessoas, as relações entre quanto custa alguma coisa e quais os resultados mensuráveis que ela

> pode proporcionar coloca em debate como se estabelecem relações entre quantidade e qualidade nos processos de avaliação. (SPOSITO, 2006, p.20)

Outra análise da obra trata da força do capital internacional, que espera ansiosamente o aumento da demanda deste setor "[...] gerando maior concentração econômica e maior centralização no processo de decisão sobre a definição das políticas de produção de livros no país [...]" (SPOSITO, 2006, p.23). A autora alerta que o PNLD pode perder sua função socializadora, em detrimento dos interesses das grandes editoras de capital internacional.

Nesta tese, pretendemos evidenciar que o mercado global, atrelado ao viés econômico neoliberal, coaduna para a construção de campos culturais onde propagam os interesses das grandes empresas neste material didático ofertado nas escolas.

A professora Diana Gonçalves Vidal (2009) corrobora com a realização deste trabalho ao explorar as inúmeras formas de abordagens metodológicas e teóricas que são possibilitadas nos estudos de cultura escolar, auxiliando na pesquisa a qual envolve o mercado do livro didático e a material didático produzido pelas grandes editoras.

> As várias formas de abordagem colocam em relevo a singularidade da cultura escolar, incitando a análises que levem em consideração as experiências de ensino e aprendizagem, de convívio e socialização, de regulação e subversão, de classificação e hierarquização ali ensaiadas. Incitam ainda, a perceber os desdobramentos sociais e políticos do progressivo processo de institucionalização da escola, ampliando o acesso e a permanência de alunos e professores no seu interior. Suscitam, por fim, o reconhecimento de que aos diferentes níveis e modalidades de ensino correspondem culturas escolares distintas, havendo assim uma cultura escolar primária, secundária, profissional, entre outras. (VIDAL, 2009, p.106.)

O campo da história da educação permite o estudo de objetos onde coadunam em diferentes áreas e saberes acadêmicos, evidenciado a complexidade do tema elencado. Ao relacionar história da educação e cultura escolar é necessário elaborar

um estudo onde se reflita sobre a sociedade do período histórico abordado, analisando as diferenças sociais, culturais e políticas que necessitem transcender à história positivista[36].

O exemplo de recortes historiográficos realizados na área das culturas escolares que levam em consideração importantes fatos sociais, políticos e econômicos é o trabalho realizado por Agustin Escolano Benito (2005), que apresentou a situação da educação na Espanha num dado recorte cronológico.

Neste texto, o autor realizou um estudo sobre o significado histórico da cultura escolar na Espanha, remontando este conceito que pode auxiliar no trabalho proposto:

> Aos efeitos anteriores, a cultura da escola pode entender-se como o conjunto de práticas, teorias e normas que codificam as formas de regular os sistemas, linguagens e ações dos estabelecimentos educativos. Esta cultura se construiu ao longo dos últimos séculos, em paralelo com o processo de implantação em nosso país do sistema nacional de educação. (ESCOLANO, 2005, p.42, tradução nossa)

O texto apresentado por Escolano parte de uma vasta pesquisa sobre a história do século XX, dividido em três episódios históricos: primeiramente, o momento anterior à guerra civil espanhola; o segundo momento, durante a ditadura de Franco e o terceiro momento, relacionado ao período de redemocratização do país.

Seguindo sua linha de pesquisa, Escolano descreveu de forma pontual as diferenças políticas existentes nos governos espanhóis, explicitando como a política do Estado interfere drasticamente na educação quanto à formulação das legislações, preparação e capacitação dos alunos e professores.

[36] Tanto o Positivismo Legal, quanto o Positivismo Lógico, buscam a verdade necessária, reducionismo histórico com a presença em seus estudos embasadas em grandes nomes da política e as legislações vigentes, para maiores informações sobre o positivismo ler Audi (2006).

As perspectivas elencadas sobre cultura escolar auxiliam na construção desta pesquisa por analisar os fatos históricos, métodos de pesquisa e a utilização adequada deste conceito juntamente com os resultados da pesquisa.

A parte documental da tese é a análise dos livros didáticos utilizados em zona de fronteira, identificando os textos que tratam sobre o tema globalização. As entrevistas semi-estruturadas também será fonte desta pesquisa, pois, auxiliam no desenvolvimento de pesquisas que trabalham com a história do tempo presente.

De acordo com Triviños através das entrevistas obtidas por meio da realização de roteiro semi-estruturada, "[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade[...]" (TRIVIÑOS, p.152, 2009) sendo possível conhecer os livros didáticos utilizados em sala de aula e a forma em que ocorreu a sua escolha. As perguntas norteiam desde a formação e o tempo que os professores lecionam, até questões vinculadas ao tema globalização.

Essa pesquisa levou à identificação de como funciona o mercado dos livros didáticos no Brasil e no Uruguay demonstrando os grandes conglomerados editorias, o que inclui explicitar os valores bilionários envolvidos nestas negociações.

Referente à análise da utilização dos livros didáticos na América Latina, destaca-se a pesquisadora Célia Cristina de Figueiredo Cassiano que, em seus estudos, aborda a implementação dos livros nas escolas Brasileiras, posteriormente à criação do PNLD e os investimentos dos países ao comprar estes livros.

> Também merece atenção o fato de o Brasil, apesar de representar o maior mercado da região, ter sido praticamente o último país em que o empresariado espanhol não se estabeleceu, a partir de meados a década de 1990. Em nosso entendimento, o rastro histórico da colonização justificaria esse fato, dadas as diferenças culturais estabelecidas, principalmente no que tange a Língua Pátria. É claro que temos de considerar, também, que projetos político-econômico-governamentais ainda não haviam favorecido tal ingresso. (CASSIANO, 2013, p.193)

A autora também explicitou a modificação do mercado do livro didático e o seu consumo no Brasil, destacando a conjuntura atual dos livros, os quais são validados pelo PNLD por apenas 3 (três) anos, vindo a ser um mercado bilionário onde

podemos verificar a entrada de editoras multinacionais que se expandiram no país a partir da década de 1990.

Além da autora Cassiano, com o intuito de investigar o mercado dos livros didáticos em âmbito nacional e global, inserimos neste tema as obras *Mercadores de Cultura* de John Thompson (2013) e *A Economia da Cadeia Produtiva* de Fabio Sá Earp & George Kornis (2005).

Conforme Thompson, há interesse das editoras em manter seus laços de negócios com outros ramos deste setor, observando o mercado editorial realiza este esforço em manter parceiros de negócios no setor privado, pois, estes podem refletir na manutenção dos mercados públicos, como no caso do latino-americano que geram bilhões anualmente.

> [...] as editoras investem boa parte do seu tempo e esforço no desenvolvimento de estreitas relações com fornecedores e varejistas, e trabalham arduamente para administrar e proteger essas relações, porque elas são vitais para o seu sucesso[...] (THOMPSON, 2013 p.13).

O autor destaca que o domínio no mercado editorial internacional anglo-americano, em detrimento de outras nações, também se deve ao domínio da cultura midiática e o poder econômico destas nações.

> [...] Não é irrelevante o fato de que, hoje, das cinco maiores editoras com atuação crucial no campo de publicações comerciais norte-americano, quatro são de propriedade de grandes corporações internacionais da mídia, com interesses substanciais nos mercados do Reino Unido, da Europa e de outros países. (THOMPSON, 2013, p.29)

A concentração e formação de grandes conglomerados editoriais, ao adquirirem outras empresas do ramo, promovem dois efeitos positivos. Primeiramente, o crescimento rápido da receita bruta e, depois “[...] oferecem também oportunidades para melhorar o resultado líquido, organizando e racionalizando operações administrativas e serviços editoriais, tais como finanças, produção, vendas e distribuição [...]” (THOMPSON, 2013, p.139). Considerando estas duas vantagens,

compreende-se os esforços para incremento das fusões, promovendo o surgimento de grandes conglomerados nas empresas deste setor.

Thompson também refere-se ao crescimento do mercado dos *e-books*, dos livros digitais, do material eletrônico *Kindle* e à venda de livros através da internet, como a *Amazon*, criando um novo mercado tecnológico de livros.

Earp & Kornis (2005) também evidenciam como os *tablets*, se comparados aos livros, representam significativa economia para os leitores, além de possuir nesta memória virtual, armazenagem suficiente para milhares de obras e diferentes autores.

Ao analisarmos estes autores, podemos compreender que ao obtermos o material eletrônico, além de representar economia para os alunos, facilitaria também para carregarem e se locomoverem com este material. Precisamos, nessa análise, levar em consideração que um *tablet* possui o peso de um livro médio com 300 (trezentas) páginas, porém, possui capacidade de armazenagem para milhões de páginas.

O valor destas obras eletrônicas custa, em média, 40% (quarenta por cento) da obra impressa, além dos livros antigos, que estão em domínio público, sendo gratuitos para os seus leitores.

Sobre o mercado anglo-americano, segundo Earp & Kornis (2005), merece destaque especial o mercado espanhol que, ao abordar este país refere “A expansão da produção espanhola, que foi relativamente contínua desde meados da década de 1970 até 2002, vem sendo liderada por primeiras edições (76%)[...]” (EARP; KORNIS, 2005, p.120). Registram ainda que o governo espanhol possui papel fundamental neste avanço do mercado editorial, ao fomentar políticas públicas, para desenvolver a economia do livro nas mais diversas áreas, tais como: fomento à tradução de línguas estrangeiras de obras realizadas por autores espanhóis; financiamento de até 50% para difusão, comercialização e distribuição do livro espanhol no mercado externo; possibilita às bibliotecas públicas adquirirem edições na língua hispânica; promove o livro espanhol na América; concede prêmios aos seus principais autores; edita a venda do livro de bolso, onde o produto se torna barato (EARP; KORNIS, 2005, p.122 e 123).

Nestas páginas, o principal aspecto que se torna fundamental para esta tese e, explica o avanço das editoras espanholas na região, é o auxílio ofertado ao livro espanhol para chegar no continente americano “[...] trata-se aqui de ajuda para incentivar a difusão do livro em até 90% do custo total das atividades” (EARP; KORNIS, 2005, p.123).

Os auxílios impulsionados pelo governo espanhol e, sua propagação pelo continente americano, explicam o avanço do editorial espanhol nos países do Brasil e Uruguay.

As entrevistas realizadas com os professores, concomitantemente, à pesquisa documental através dos livros didáticos pesquisados nas escolas, auxiliam para verificarmos a forte presença do editorial espanhol na região. Nesta análise, os livros didáticos espanhóis ocupam parte significativa nas prateleiras das bibliotecas e em salas de aulas do Brasil e Uruguay.

O roteiro e as entrevistas estão agrupados nos apêndices desta tese, possibilitando analisar a perspectiva de cada participante. Neste capitulo, serão expostas partes das transcrições que auxiliam na compreensão da mercantilização do livro didático e como este material são adquiridos pelas escolas.

> Odilon - Sobre os livros didáticos disponíveis na escola, você os utiliza? Foi você que os escolheu?
>
> Entrevistado 1 - É uma escolha feita em conjunto pelos professores. Eu, inclusive, este ano fiz uma prova em que uma das questões é como o aluno vê o livro didático de história sobre aquela temática que estava sendo tratada. O livro didático é uma bússola, é um referencial, mas eu não me apego integralmente a ele, pois existe uma bibliografia farta para todos os assuntos. Acho o livro didático não muito adequado à realidade do aluno. Dentro da nossa sociedade do nosso ambiente, nosso aluno não está preparado para lidar com o livro didático. A maioria dos alunos são filhos de operários e eu digo que o filho do operariado não foi feito para ser intelectual, não foi criado para ser intelectual, a sociedade e o governo sabem disso. O livro é bom, mas ele é muito pesado. Sobre o ponto de vista estrutural as crianças carregam com dificuldade, são muitos para carregar, então não trazem o livro. O livro fica na gaveta, a gente se obriga a fazer o trabalho em grupo, então ele é uma boa referência didática, mas não o considero exclusivo.

Até o PNLD brasileiro de 2017, o descarte dos livros ocorria de três em três anos no Brasil, tornando-se praticamente inviável encontrar nas escolas brasileiras

livros didáticos com mais de dez anos de uso. Poucos exemplares, das edições antigas, foram encontrados na biblioteca das escolas visitadas. Logo se torna importante saber quais livros estes professores utilizaram neste período.

O PNLD de 2018 traz algumas modificações no que tange à utilização dos livros, de três para quatro anos. Outra alteração se refere aos livros de matemática e português, referente aos anos iniciais, os quais se tornam consumíveis, onde os alunos não os devolvem à escola no final do ano letivo.

No Uruguay não ocorre está mudança dos livros didáticos com tanta periodicidade. Os mesmos são reutilizados pelos alunos e os antigos armazenados nas bibliotecas para consulta. Já em relação à escolha deste material, não passa pelo crivo do professor, seus livros didáticos são escolhidos pelo governo uruguaio e destinados para a escola. Como relata um dos docentes entrevistados.

> Odilon - Sobre os livros didáticos que tem disponível na escola, a senhora os utiliza? Foi você que os escolheu?
>
> Entrevistado 6 - Nós não escolhemos os livros didáticos. Estes livros que existem na escola são disponibilizados e escolhidos pelo governo e o CEIP.[37]

Sobre a utilização de outros materiais didáticos um professor de escola brasileira expõe que utiliza livros didáticos antigos, pois, na sua visão auxilia em temas dos livros atuais disponíveis não abordam ou não retratam da forma adequada.

> Odilon - Sobre as editoras disponíveis, qual você utiliza? Foi você que escolheu?
>
> Entrevistado 5 - A escolha da editora é feita em conjunto pelos professores.
>
> Odilon - Sobre as editoras foram vocês que as escolheram?
>
> Entrevistado 5 - Não, a editora vem de lá, eu uso um livro de apoio a História Crítica.
>
> Odilon - História Crítica do Mario Schmidt?
>
> Entrevistado 5 - Exatamente. Eu tenho os quatro volumes guardados. Realizo fotocópias de algumas partes e trabalho com os alunos, pois alguns dos livros

[37] Conselho de Educação Inicial e Primária.

> têm muitas imagens, outros, muito conteúdo e não possuem nem a imagem da Monalisa quando abordamos o Renascimento.

Sobre a citação do livro didático de Mario Schmidt como material de apoio, a pesquisa realizada sobre este autor traz uma trajetória de críticas que sofreu por parte da mídia como o artigo de Ali Kamel (2007) onde o jornalista cita partes do livro de Schmidt destacando a sua visão marxista e rebatendo a visão do auto[38]r. Este material didático foi retirado de circulação em 2007 e reprovado no PNLD pelo autor não possuir graduação na área. Afirmação que não foi possível retificar ou comprovar.

Analisando as críticas de Ali Kamel ao livro de Schmidt, é possível identificar seu posicionamento político. Desta forma, é importante salientar que a formação em comunicação e jornalismo pertence à área das Ciências Humanas e Sociais, sendo assim, ao se posicionar politicamente em uma mídia de grande repercussão nacional, como no caso da Rede Globo, onde ocupa cargo de Diretor, não fará em nenhuma hipótese que este profissional seja afastado de suas atividades laborais apenas por expor a sua visão política.

Divergências de opiniões e de bases epistemológicas são encontradas nos materiais didáticos o que não poderia ser um motivo plausível para a exclusão do livro. Se o motivo da retirada de um livro do mercado for, de fato, pela ausência de graduação do seu autor, o governo de Michel Temer, dez anos depois da exclusão de Schmidt do contexto editorial, abriu uma brecha para a retomada desta discussão.

Além do aluno, qual o principal protagonista na educação em sala de aula, o professor ou o livro didático? No governo atual é permitido que profissionais sem graduação ou sem licenciatura atuem como docentes no ensino básico. Esta mudança ocorreu com as últimas reformas do governo, que modificou a LDB e o ensino Médio

[38]Analisando as críticas de Ali Kamel ao livro de Schmidt, é possível identificar seu posicionamento político. Desta forma, é importante salientar que a formação em comunicação e jornalismo pertence à área das Ciências Humanas e Sociais, sendo assim, ao se posicionar politicamente em uma mídia de grande repercussão nacional, como no caso da Rede Globo, onde ocupa cargo de Diretor, não fará em nenhuma hipótese que este profissional seja afastado de suas atividades laborais apenas por expor a sua visão política.

em 2017 aprovando o notório saber onde não é exigida a obrigatoriedade do curso de licenciatura para atuar como professor.

A seguir, iremos compreender a formação das editoras que compreendem este mercado com o intuito de expor sua trajetória e suas origens nos países estudados nesta tese.

Sobre a editora Nova Geração, empresa de capital nacional, com a saída da obra de Mário Schmidt, perdeu espaço no mercado do livro didático possibilitando, na última década, o apogeu de outras editoras, incluindo grupos religiosos, nacionais e estrangeiros.

Surge então a conformação de grandes conglomerados no mercado bilionário dos livros didáticos como, por exemplo, a editora Moderna que foi comprada pelo grupo espanhol Santillana no Brasil e sua concorrente direta, a editora FTD, pertencente ao grupo marista, um dos tentáculos da igreja católica no Brasil.

Por sua vez, o Grupo positivo[39], com sede no Paraná, também investe seus recursos na produção dos livros didáticos competindo com os demais grandes conglomerados de editoras.

Pela ampla concorrência e diversidade de materiais é importante salientar que os recursos investidos na elaboração e produção em ampla escala destes livros rendem uma quantia considerável de capital financeiro, especialmente quando são negociados na instância pública.

No ano de 2018 temos o seguinte panorama econômico no mercado das editoras dos livros didáticos no Brasil: o maior grupo educacional no mundo, que inclusive possui ações na bolsa de valores de São Paulo (BOVESPA), é o sistema Kroton Educacional. Este, atuante tanto no ensino básico quanto no superior, adquiriu o grupo Somos Educação[40] por um montante de R$ 4,6 Bilhões (quatro bilhões e seiscentos milhões de reais) em 2018. Nesta transação comercial, a Kroton adquiriu

[39] Editora Positivo. Disponível em: www.editorapositivo.com.br/livros-didaticos/colecao-positivo/ acessado em: 14/08/2018.

[40] Natália Portinari. Kroton investe em ensino básico e acerta compra da Somos por R$ 4,6 bi. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/04/kroton-acerta-compra-da-somos-educacao-por-r-46-bi.shtml publicada em 23/04/2018. Acessado em: 18/06/2018

todas as editoras pertencentes a Somos Educação que eram a Atual, Anglo, Ática, Saraiva e Scipione.

A editora Moderna, que representa a Santillana espanhola no Brasil, iniciou negociações de venda para o grupo Kroton. Todavia, este negócio não restou sacramentado pelos grupos até o término desta pesquisa[41].

O grupo Santillana no Brasil, comparando sua situação econômica, é inversamente proporcional no Uruguay, pois, o Conselho de Educação Inicial e Primária (CEIP) escolheu esta editora para distribuir o livro didático em toda a sua rede de ensino pública, garantindo praticamente a hegemonia deste grupo no Uruguay.

Apesar do grupo Santillana estar em tratativas de venda no mercado brasileiro, há um outro grupo espanhol disputando este espaço comercial. Trata-se da fundação Sociedade Maria SM, uma ordem religiosa fortemente atuante na Espanha, em fase de expansão.

Recentemente, a FTD fechou acordo para imprimir, distribuir e comercializar os principais títulos do Instituto Brasileiro Edições Pedagógicas (IBEP)[42]. Ambos grupos, FTD e SM, possuem em sua origem a filantropia, estando vinculados a grupos religiosos, o que possibilita isenções fiscais e a garantia de um menor custo para a produção editorial.

Estes grandes conglomerados editoriais tratam-se de empresas bilionárias que estão dominando o mercado. As sucessivas fusões se tornam necessárias para a garantia de sua hegemonia, pois, se não ocorrerem as editoras perdem espaço neste negócio e sucumbem aos seus concorrentes. Atualmente, um número ínfimo de editoras detém a maior parte deste mercado comercial e, para as pequenas empresas com menor poder aquisitivo, restam apenas quatro possibilidades: não atenderem este ramo, declararem falência, serem vendidas para seus concorrentes ou arrendadas.

---

[41] Beth Koike. Kroton negocia compra da Santillana Brasil. Disponível em: https://mobile.valor.com.br/empresas/5458219/kroton-negocia-compra-da-santillana-brasil publicada em 17/04/2018 acessada no dia 14/08/2018

[42] IBEP / FTD. Disponível em: https://ibep.ftd.com.br Acessado em:14/08/2018

Segue abaixo o mapeamento dos livros didáticos encontrados nas escolas da fronteira pesquisada. Os quadros apresentam o nome dos livros, seus autores, editoras e ano de publicação, ratificando a força destes grandes conglomerados editoriais, evidenciado sua presença no trabalho de campo realizado.

Quadro 3: Livros didáticos encontrados nas escolas pesquisadas no Chuy–Uruguay, em ordem cronológica

Autores	Nome do livro	Ano e Editora	Origem	Escola
Sara Abadie; Herminia Feo; Maria A. Galiana; Mary Sandrin	História Tercer Año C.B.U Tomo II	1996, A. Monteverde & CIA. S.A.	Montevideo – Uruguay	Liceo de Chuy Dr. Eladio Aristimuno Biblioteca
Sara Abadie; Herminia Feo; Maria A. Galiana; Mary Sandrin	História Cuarto Año 1º B.D. El Mundo em que vivimos	1998, Monteverde & CIA. S.A.	Montevideo – Uruguay	Liceo de Chuy Dr. Eladio Aristimuno Biblioteca
Julio Aróstegui; Cristian Buchrucker; Jorge Saborido	El Mundo Contemporáneo: História y Problemas	2001, editorial Biblos Crítica	Biblos - Buenos Aires Crítica – Barcelona	Liceo de Chuy Dr. Eladio Aristimuno Biblioteca
Antonio Fernández Garcia	História Del Mundo contemporâneo	2006, ediciones vicen vives, S.A.	Espanha	Liceo de Chuy Dr. Eladio Aristimuno Biblioteca
Ana Claudia Sánchez;				

Silvia Reyes Alonso; Rossana Pérez	Libro de Ciencias Sociales 6º año	2007, Rosgal	Uruguay	28, 88 e 107
Pilar Coral; Beatriz Amestoy; Alfredo Decia; Lydia Di Lorenzo	História del Mundo actual IV	2008, Santillana S.A.[43]	Montevideo-Uruguay	Liceo de Chuy Dr. Eladio Aristimuno Biblioteca
Elina Rostan (coord)	Enseñanza de las ciências sociales II: Conceptos y gestón de lãs fuentes de información.	2011, Camus ediciones	Montevideo – Uruguay	28
Lucila Artagaveytia; Cristina Barbero; Limber Santos	Ciencias Sociales 5 Historia, Geografia y construcción de la cidadania.	2011, Santillana	Uruguay	28, 88 e 107
Lucila Artagaveytia; Cristina Barbero; LimberSantos	Ciencias Sociales 6 Historia, Geografia y construcción de la cidadania.	2011, Santillana	Uruguay	28, 88 e 107
Susana B. Míguez;	Libro de Ciencias Sociales 5º año	2011, Rosgal	Uruguay	28, 88, 107

[43]A editora Santillana fundada na Espanha, atualmente é uma grande empresa multinacional de capital preponderantemente espanhol.

Mariela R. Peña; Alicia G. Pereira				

Apesar de encontrarmos no referencial dos livros didáticos uruguayos, da editora Santillana, que sua produção é realizada no Uruguay, esta multinacional tem suas origens na Espanha. Considerando essa excepcionalidade da Santillana, praticamente metade dos livros didáticos uruguayos tem base no país europeu.

Quadro 4: Livros didáticos encontrados nas escolas pesquisadas nas escolas do Chuí–Brasil, em ordem cronológica

Autores	Nome do livro	Ano e Editora	Origem	Escola
Adas Melhem	Geografia 8º ano	2006, Moderna	São Paulo	E.M.E.F General Artigas
Adas Melhem	Geografia 9º ano	2006, Moderna	São Paulo	E.E.E.M. Marechal Soares Andrea
Sonia Cunha de Souza Danelli	Projeto Araribá: Geografia 9º Ano	2007, Moderna	São Paulo	E.E.E.M. Marechal Soares Andrea
Alfredo Boulos Júnior	História Sociedade & cidadania	2009, FTD	São Paulo	E.E.E.M. Marechal Soares Andrea
Nelson Piletti; Claudio Piletti; Thiago Tremonte	História e vida integrada	2009, Ática	São Paulo	E.E.E.M. Marechal Soares Andrea

Claudia Magalhães; Lilian Sourient; Marcos Gonçalves; Roseni Rudek	Coleção Perspectiva: Geografia. 8ºano	2009, Editora do Brasil	São Paulo	E.M.E.F General Artigas
Claudia Magalhães; Lilian Sourient; Marcos Gonçalves; Roseni Rudek	Coleção Perspectiva: Geografia. 9ºano	2009, Editora do Brasil	São Paulo	E.M.E.F General Artigas
Valquíria Pires Beluce Belucci	Projeto Radix: geografia	2009, Scipione	São Paulo	E.M.E.F General Artigas
José William Vesentini; Vânia Vlach	Geografia crítica	2009, Ática	São Paulo	E.M.E.F General Artigas
Levon Boligian Andressa Tucatel	Geografia Espaço e Vivência	2010, Saraiva	São Paulo	E.E.E.M. Marechal Soares Andrea
Lúcia Marina Alves de Almeida	Fronteiras da Globalização	2010, Ática	São Paulo	E.E.E.M. Marechal Soares Andrea
Marco César Pellegrini	Novo olhar História	2010, FTD	São Paulo	E.E.E.M. Marechal Soares Andrea

Patrícia Ramos Braick; Myriam Becho Mota	História: das cavernas ao terceiro milênio. Ensino Médio	2010, Moderna	São Paulo	E.E.E.M. Marechal Soares Andrea
Ronaldo Vainfas	História o mundo por um fio: do século XX ao XXI	2010, Saraiva	São Paulo	E.E.E.M. Marechal Soares Andrea
Patrícia Ramos Braick; Myriam Becho Mota	Estudar história: das origens do homem à era digital	2011, Moderna	São Paulo	E.M.E.F General Artigas
Elian Alabi Lucci; Anselmo Lazaro Branco	Geografia: homem & espaço	2012, Saraiva	São Paulo	E.E.E.M. Marechal Soares Andrea
José Geraldo Vinci de Moraes	História Ensino Médio	2012, Positivo	Curitiba	E.E.E.M. Marechal Soares Andrea
Alfredo Boulos Júnior	História Sociedade & cidadania. Ensino Médio.	2013, FTD	São Paulo	E.E.E.M. Marechal Soares Andrea
Lúcia Marina Alves de Almeida; Tércio Barbosa Rigolin	Fronteiras da Globalização	2013, Ática	São Paulo	E.E.E.M. Marechal Soares Andrea
Patrícia Ramos Braick;	História: das cavernas ao terceiro milênio.	2013, Moderna	São Paulo	E.E.E.M. Marechal

Myriam Becho Mota	Ensino Médio			Soares Andrea
Alfredo Boulos Júnior	História Sociedade & cidadania. 9ºano.	2015, FTD	São Paulo	E.E.E.M. Marechal Soares Andrea

Sobre a tiragem dos livros didáticos no Brasil, evidencia-se que as editoras estão concentradas na região sudeste, especificamente, no estado de São Paulo. A análise dos livros poderá evidenciar se o seu conteúdo sofre influência do regionalismo do sudeste do Brasil no conteúdo dos temas abordados.

Outro importante destaque no referido quadro, é observar que estas editoras, pelo menos as principais, estão presentes com seus livros em ambas escolas, contemplando as escolas públicas municipais e estaduais do estado do Rio Grande do Sul e no município do Chuí-Brasil.

No Uruguay, a presença do mercado espanhol é marcante. Os alunos do ensino primário, das escolas pesquisadas, trabalham com livros das editoras espanholas, em especial a Santillana, utilizada em sala de aula pelos alunos do ensino primário.

Sobre a localização dos livros didáticos, evidencia-se a influência dos grandes conglomerados editoriais no material didático das escolas da fronteira, tornando latente sua capacidade de expansão econômica mercantil, distribuindo e ofertando seus livros em praticamente todas as escolas públicas brasileiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na formação histórica da fronteira referenciada nesta tese, verificamos que a cidade do Chuí–Brasil, emancipado de Santa Vitória do Palmar em 1995, apresenta similitudes históricas, culturais, econômicas e sociais com o seu município vizinho fronteiriço, Chuy–Uruguay, o qual foi elevado a condição de cidade em 1981. Os municípios fronteiriços são denominados atualmente, conforme o governo federal brasileiro, como cidades gêmeas.

Sobre a região dessas cidades gêmeas, são notáveis os aspectos econômicos na região da fronteira, ficando nítida a presença da globalização nas relações comerciais, como no caso dos *freeshops*, que foram citados por alguns dos professores entrevistados. A existência desse tipo de comércio facilita o acesso a bens de consumo importados com preços atrativos, propagando a indústria dos países desenvolvidos ao apresentar roupas, bebidas, relógios, perfumes, artigos esportivos, dentre outros, que refletem a cultura global ocidental.

No âmbito cultural, ressalta-se na educação a tentativa de aproximação. Identificamos, nas políticas educacionais dos países pesquisados, semelhanças na divisão do ensino em etapas, assim como, a tentativa do MERCOSUL de aproximar a América Latina para além dos interesses econômicos, através da emissão de placas de automóveis padronizadas e da aprendizagem do português nos países de língua matriz espanhola. Contudo, a tomada de poder da centro-direita e direita na política nacional, na Argentina e Brasil, enfraqueceram as tratativas do MERCOSUL, em que os políticos pretendem estar submetidos ao mercado global regido pelos anglo-saxônicos.

Fica evidenciado nas escolas pesquisadas, a influência da língua inglesa como segunda língua em ambos os países. Vale ressaltar, que o ensino da língua inglesa no currículo escolar é, também, reflexo da influência da cultura global ocidental nos países latino-americanos.

A globalização, em sua abordagem teórica, é retratada na maioria dos livros didáticos analisados com uma característica fundamental relacionada ao sistema econômico, especialmente, sistema político-econômico neoliberal. Nesses livros, há uma corrente presente em que se divulga o ideal do estado mínimo e a propagação de multinacionais que, em sua maioria, alocam seu centro de produção em países com piores salários e asseguram *royalties*, patentes e remessa de lucros para matriz localizada em países desenvolvidos, os quais investem em tecnologia.

Considerando os aspectos sociais da globalização, os livros didáticos analisados fomentam uma revolução tecnológica e social quando, através da internet, propaga a cultura ocidental para o mundo, permite a divulgação de notícias em tempo real, compartilha o conhecimento sobre os direitos humanos e meio ambiente e, acima de tudo, facilita e promove a aproximação de diferentes pessoas e sociedades. Sob esse panorama, é importante salientar a formação de organizações supranacionais, como a ONU, e ONGs que fazem parte da sociedade civil organizada e globalizada.

O aspecto cultural da globalização é exposto, também, pela padronização anglo-saxônica, impulsionada pelos Estados Unidos da América e acompanhada pela Europa, com a produção de filmes, séries, músicas, livros e revistas, introjetando nas sociedades padrões de consumo em tecnologia, roupas, perfumes e bebidas, internalizados aos demais países do mundo.

Analisando os livros didáticos pesquisados nas escolas, bem como, as entrevistas com os professores, foi possível verificar que ambas as correntes teóricas, crítico-dialética (marxista) e a pós-moderna, que abordam a temática da globalização, foram elencadas através da citação de autores ou dos seus principais aspectos, pelos docentes entrevistados em suas análises sobre a globalização.

Apesar disso, alguns livros, não evidenciam estas correntes, sendo apenas uma compilação de dados e informações sem citar autores específicos no corpo do texto. Paira a dúvida: como o Ministério da Educação aprova, nesses materiais, conteúdos que não citam suas fontes na construção de suas páginas, da mesma forma que outros materiais não possuem referência bibliográfica.

Considerando o conteúdo do livro didático, especialmente ao Brasil, sugere-se analisar o fomento de revisão do material didático por parte do governo federal. Trata-se de verificar mudanças teóricas concretas no conteúdo dos livros, afim de evitar apenas reimpressões de anos anteriores.

Ao contabilizar os investimentos públicos em livros didáticos do Brasil e do Uruguay, esses ultrapassam, anualmente, R$ 1 BI (um bilhão de reais). Apesar disso, verificou-se no material didático pesquisado que, ao longo dos anos, pequenas alterações foram realizadas entre suas edições, evidenciando a possibilidade de repetição do material de uma edição para a outra, sem necessariamente haverem alterações em termos teóricos e didáticos significativos que justifiquem estes elevados custos.

Sobre o mercado bilionário dos livros didáticos, nos últimos anos ocorreram alterações importantes no arranjo editorial com a formação de grandes empresas que passaram a dominar este mercado. Essas grandes empresas que, atualmente, comandam a venda do material didático, pertencem ao capital privado e filantrópico nacional e europeu, com destaque para as editoras internacionais de origem espanhola.

No último PNLD, o Brasil aumentou o tempo da utilização do livro didático de 3 (três) para 4 (quatro) anos. Considerando a necessidade de diminuir os custos com material didático e o incremento na qualidade da educação, sugerimos que o prazo do PNLD seja aumentado para 5 (cinco) anos e que a economia gerada nesse processo seja reinvestida na melhoria das práticas educacionais em demais aspectos.

Atualmente, essa frequência de investimentos em torno dos livros didáticos apenas onera os cofres públicos sem significar melhora na qualidade do ensino, pois não há modificação significativa do seu conteúdo. Além da diminuição dos gastos com os livros não consumíveis, a mudança sugerida na política vai refletir em economia com burocracias para abertura de editais e processos licitatórios e também com o meio ambiente, o qual será beneficiado com a diminuição de árvores destruídas para produção de folhas e descarte do material antigo.

No que tange aos investimentos em livros didáticos no Uruguay, o país também realiza a compra de material didático, todavia, quando comparados à realidade brasileira, os custos são inferiores. Ao analisar os livros encontrados nas escolas uruguaias, no ano de 2017, foram identificados materiais didáticos em uso na sala de aula datados de 2011. Isso demonstra que a atualização dos livros existe, numa frequência diferenciada, pois há uma melhor otimização dos recursos que poderão ser revertidos em investimento no âmbito educacional total, como, por exemplo, na remuneração dos profissionais da educação, na compra de aparelhos tecnológicos ou na construção e melhoria das instituições educacionais.

Comprova-se nesta tese a formação dos grandes conglomerados, evidencia-se que esses grupos são empresas multinacionais ou transnacionais. Apesar disso, elas não se denominam como empresas globais, pois, em nenhum momento demonstraram-se em seus livros como exemplos da influência da globalização, citando empresas de outros ramos comerciais como ilustração da globalização. Bem como, expuseram um amplo espaço para as possíveis virtudes da globalização, apresentando poucas críticas a esta temática.

FONTES DE PESQUISA

Escolas Chuí - Brasil

ADAS, Melhem. Geografia. 8ºano. 5ªed. São Paulo: Moderna, 2006.

ADAS, Melhem. Geografia. 9ºano. 5ªed. São Paulo: Moderna, 2006.

ALMEIDA, Lúcia Marina Alves de; RIGOLIN, Tércio Barbosa. Fronteiras da Globalização. Vol.3 São Paulo: Ática, 2010.

ALMEIDA, Lúcia Marina Alves de; RIGOLIN, Tércio Barbosa. Fronteiras da Globalização. 2ªed. São Paulo: Ática, 2013.

BELUCCI, Valquíria Pires Beluce. Projeto Radix: geografia/manual do professor 9ºano. São Paulo: Scipione, 2009.

BOLIGIAN, Levon; TUCATEL, Andressa. Geografia Espaço e Vivência. São Paulo: Saraiva, 2010.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. História Sociedade & cidadania. 8ª ano. São Paulo: FTD, 2011.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. História Sociedade & cidadania. 9ºano. São Paulo: FTD, 2011

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. História Sociedade & cidadania. Ensino Médio. 3ª ano. São Paulo: FTD, 2013.

BRAICK, Patrícia Ramos. Estudar história: das origens do homem à era digital/manual do professor.8ºano ensino fundamental. 1ªed. São Paulo: Moderna, 2011.

BRAICK, Patrícia Ramos. Estudar história: das origens do homem à era digital/manual do professor.8ºano ensino fundamental. 1ªed. São Paulo: Moderna, 2011.

DANELLI, Sonia Cunha de Souza. Projeto Araribá: Geografia/manual do professor.8º ano/ensino fundamental. 2ªed. São Paulo: Moderna, 2007.

DANELLI, Sonia Cunha de Souza. Projeto Araribá: Geografia/manual do professor. 9º ano/ensino fundamental. 2ªed. São Paulo: Moderna, 2007.

LUCCI, Elian Alabi; BRANCO, Anselmo Lazaro. Geografia: homem & espaço. 25ªed. São Paulo: Saraiva, 2012.

MAGALHÃES, Claudia; SOURIENT, Lilian; GONÇALVES, Marcos; RUDEK, Roseni. Coleção Perspectiva: Geografia. 8ºano. Vol.3. 1ªed, São Paulo: editora do Brasil, 2009.

MAGALHÃES, Claudia; SOURIENT, Lilian; GONÇALVES, Marcos; RUDEK, Roseni. Coleção Perspectiva: Geografia. 9ºano. Vol.4. 1ªed, São Paulo: editora do Brasil, 2009.

MORAES, José Geraldo Vinci de. História Ensino Médio. Curitiba: Positivo, 2012.

PELLEGRINI, Marco César. Novo olhar História. São Paulo: FTD, 2010.

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudio; TREMONTE, Thiago. História e vida integrada. 4ªed. São Paulo: Ática, 2009.

VAINFAS, Ronaldo.História o mundo por um fio: do século XX ao XXI. São Paulo: Saraiva, 2010.

VESENTINI, José William; VLACH, Vânia. Geografia crítica. 4ªed. São Paulo: Ática. 2009.

Escolas Chuy - Uruguay

ABADIE,Sara; FEO, Herminia; GALIANA, Maria A.; SANDRIN, Mary. História TercerAño C.B.U. Tomo II. A. Montevideo-Uruguay: Monteverde & CIA. S.A. 1996.

ABADIE,Sara; FEO, Herminia; GALIANA, Maria A.; SANDRIN, Mary. História Cuarto Año 1º B.D. El Mundo em que vivimos. Coleccion Pasado Presente, Montevideo – Uruguay: Monteverde & CIA. S.A. 1998.

ARÓSTEGUI, Julio; BUCHRUCKER, Cristian; SABORIDO, Jorge. El Mundo Contemporáneo: História y Problemas.Buenos Aires, Barcelona: Editora Crítica – Biblos. 2001.

ARTAGAVEYTIA, Lucila; BARBERO, Cristina; SANTOS, Limber. CienciasSociales5 Historia, Geografia y construcción de la cidadania. Uruguay: Santillana, 2011.

ARTAGAVEYTIA, Lucila; BARBERO, Cristina; SANTOS, Limber. CienciasSociales6 Historia, Geografia y construcción de la cidadania. Uruguay: Santillana, 2011.

CORRAL, Pilar; AMESTOY, Beatriz; DECIA, Alfredo; LORENZO, Lydia Di. História del Mundo actual IV. Montevideo-Uruguay: Santillana S.A, 2008.

GARCIA, Antonio Fernández. História Del Mundo contemporâneo. Espanha: ediciones vicenvives, S.A. 2006.

MIGUEZ, Susana B.; PEÑA, Mariela R.; PEREIRA, Alicia G.; Libro de Ciencias Sociales 5ºaño. Uruguay: Rosgal, 2011.

ROSTAN, ElinaRostan (coord). Enseñanza de las ciências sociales II: Conceptos y gestón de las fuentes de información. Montevideo - Uruguay: Camus ediciones, 2011.

SÁNCHEZ, Ana Claudia; ALONSO, Silvia Reyes; PÉREZ, Rossana. Libro de Ciencias Sociales 6ºaño. Uruguay: Rosgal, 2007.

REFERÊNCIAS

ADRIÃO, Thereza. PERONI, Vera. Público não-estatal: estratégias para o setor educacional brasileiro in: O Público e o privado na educação. São Paulo: Xamã, 2005. pgs.137-153.

AKKARI, Abdeljalil. Internacionalização das políticas educacionais: transformações e desafios. Petrópolis: Vozes, 2011.

ALBERTI, Verena. Fontes Orais 155-202. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PINSKY, Jaime. (org) "Fontes Históricas." 3ºed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

ALLEN, Robert C. História econômica global: uma breve introdução. 1ªed. Porto Alegre: L&PM, 2017.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). Usos & abusos da História Oral. 8ªEd. 4ª Reimpressão. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

ANDERSON, Benedict. "Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo." 1° reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras. 2008.

ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo (orgs*.) Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 9-23.

ANTUNES, Ricardo. "Adeus ao Trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho." 16ªed. São Paulo: Cortez, 2015.

ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Disponível em: www.anped.org.br acessado em 01/03/2017.

ANPEDSUL - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação Regional Sul. Disponível em:http://www.portalanpedsul.com.br
Acessado em 10/05/2017.

ANPUH – Associação Nacional de História. Disponível em: http://anais.anpuh.org acessado em 05/09/2017.

APPLE, Michael. Entre o Neoliberalismo e o Neoconservadorismo: Educação e conservadorismo em um contexto global. In: BURBULES, Nicholas; TORRES, Carlos Alberto. (orgs.) Globalização e educação: perspectivas críticas. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

ARAYA, Adán Salinas. Debates neoliberais em 1938. O colóquio de Lippmann. Hermenéutica Intercultural. Revista Intercultural. Revista de Filosofia. Ediciones UCSH, Santigo do Chile, n. 26, 2016.

ARRIADA, Eduardo. Da Coxilha do Palmar de Lemos à Cidade de Santa Vitória do Palmar. Porto Alegre: Pacartes, 2015.

ASPHE - Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação. Disponível em: asphers.blogspot.com acessado em 23/02/2017.

AUDI, Robert (Dir.) Dicionário de Filosofia de Cambridge. São Paulo: Paulus, 2006.

Banco Mundial. Tabela Índice de Gini. 2015. Disponível em: https://datos.bancomundial.org.br/indicador/si.POV.gini?end=2015&start=2015&view=bar&year_low_desc=true acessado no dia 28/10/2017.

BARRIOS, Graciela. Planificación Linguística e Integración Regiona: el Uruguay y la Zona de Frontera. In: TRINDADE, Aldema Menine; BEHARES, Luiz Ernesto (orgs.). Fronteiras, educação, integração. Santa Maria: Palotti, 1996.

BARROS, José D'Assunção. A Nova História Cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. Cadernos de História, Belo Horizonte, v.12, n. 16, 1º sem. 2011.

BARROS, José D`Assunção. "O projeto de pesquisa em história: da escola do tema ao quadro teórico." 1°ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BASTOS, Maria Helena Camara; QUADROS, Claudemir de; TAMBARA, ElomarCalegaro. A Educação (1930-80). Coleção: História Geral do Rio Grande do Sul. Da Revolução de 1930 à ditadura militar(1930-1985): Vol.4. Passo Fundo: Méritos, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. Identidade. Rio de janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. Globalização: As consequências humanas. Rio de janeiro: Zahar, 1999.

BAZZO, Vera Lúcia. As consequências do processo de reestruração do estado brasileiro sobre a formação dos professores da educação básica: algumas reflexões. In: PERONI, Vera Maria Vidal; BAZZO, Vera Lúcia; PEGORARO, Ludimar; COSTA, Áurea de Carvalho (ORGs.). Dilemas da educação brasileira em tempos de globalização de globalização neoliberal: entre o público e o privado. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

BHABHA, Homi. O Local da Cultura. Belo Horizonte: ed. UFMG, 1998.

BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (coord.). Coleção: História Geral do Rio Grande do Sul. Colônia: Volume 1. Passo Fundo: Méritos, 2006.

BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (coord.). Coleção: História Geral do Rio Grande do Sul. Império: Volume 2. Passo Fundo: Méritos, 2006.

BOGLIACCINI, Juan; RODRIGUEZ, Federico. Regulación del sistema educativo y desigualdades de aprendizaje en el Uruguay. Revista Cepal, nº 116. Agosto 2015. P87-101.

BORON, Atilio (Dir.). Las reformas educativas en los países del conosur: un balance crítico – 1ª ed. Buenos Aires: Consejo latinoamericano de ciências sociales. CLACSO, 2005.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude.A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 7ªed. Petrópolis, Rio de Janeiro: vozes, 2014.

BOURDIEU, Pierre (coord.). A Miséria do Mundo. 9ªed. Petrópolis, Rio de Janeiro: vozes, 2012.

BRALICH, Jorge. Del Padre Astete a las Computadoras: Una historia de la Educación Uruguaya. Montevidéu, Uruguay: Alberzana, 2017.

BRASIL, Diário Oficial da União. Nº 56, segunda-feira, 24 de março de 2014 ISSN 1677-7042. Disponível em: http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=45&data=24/03/2014 p.45 acessado em 10/03/2018

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). Lei Nº 9.394, de 20 dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Casa Civil. Lei Nº 6.634, de 2 de maio de 1979.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei Nº 13.415, de 16 de Fevereiro de 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. http://www.brasil.gov.br/editoria/educacao-e-ciencia/2016/12/educacao-basica-recebeu-r-136-bilhoes-em-2016 acessado em 05/04/2018

BRASIL. Ministério da Educação. http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/dados-estatisticos acessado em 05/08/2018

BRASIL. Presidência da República. Casa civil Lei Nº 12.723/2012.

BRASIL. Saiba como tirar seu passaporte. www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2017/02/saiba-como-tirar-seu-passaporte acessado em 12/10/2018

BURBULES, Nicholas; TORRES, Carlos Alberto. (orgs.) Globalização e educação: perspectivas críticas. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

BURKE, Peter. História e teoria social. 1ºed. São Paulo: UNESP, 2000.

CAPELLA, Juan-Ramón. Globalização, o desvanecimento da cidadania. In: BURBULES, Nicholas; TORRES, Carlos Alberto. (orgs.) Globalização e educação: perspectivas críticas. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa Qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2006 Out-Dez;p.679-684.

CARVALHO, Vânia Carneiro de; LIMA, Solange Ferraz de. Fotografias: Usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassenazi; LUCA, Tania Regina de. O historiador e suas fontes. 1ªed. 4ª Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

CASSIANO, Célia Cristiana de Figueiredo Cassiano. "O mercado do livro didático no Brasil do século XXI: a entrada do capital espanhol na Educação nacional. 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro. Tradução de Ana Cristina Nasser. 3.ed. Petrópolis,RJ: VOZES, 2012.

Ciência sem fronteiras disponível em: www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa acessado no dia 15/05/2018

CHARTIER, Roger. A História Cultural: Entre práticas e representações. Algés-Portugal: DIFEL, 2002.

CHARTIER, Roger (Dir.). Práticas da Leitura. 5ªed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

CORREA, João Jorge. Educação comparada: um esboço para compreender as fronteiras e os limites da comparação. Visão Global, Joaçaba, v. 14, n. 2, p. 251-272, jul./dez. 2011.

CORSETTI, Berenice. A análise documental no contexto da metodologia qualitativa: uma abordagem a partir da experiência de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos. UNIrevista-Vol1, nº1, P.32-46. Janeiro 2006.

CORSETTI, Berenice. A Educação Construindo o Cidadão. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (coord.). Coleção: História Geral do Rio Grande do Sul. República Velha (1889-1930): Vol.3. Tomo II. Passo Fundo: Méritos, 2007.

COWEN, Robert; KAZAMIAS, Andreas; ULTERHALTER, Elaine.(Orgs.) Educação Comparada: Panorama internacional e perspectivas; vol.1 Brasília: UNESCO, CAPES, 2012.

D`ALESSIO, Márcia Mansor. "A política no fazer e no saber históricos." P.39-50 In: SEBRIAN, Rapahel Nunes Nicoletti, PIRES, Ariel José (orgs.) Dimensões da política na historiografia. Campinas: Pontes, 2008.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

Diário Oficial da União. Nº 56, segunda-feira, 24 de março de 2014.

Diário Oficial da União. Nº58, quarta-feira, 26 de março de 2014.

DOMINIONI, Daniel; FUREST, Rosario; MURPHY, Ricardo. El impacto externo en la economia uruguaya, 1979-82. Ponencia elaborada pelos economistas del banco central do Uruguay para a XXI reunión de técnicos de bancos centrales del continente americano, Montevideo: Uruguay. Octubre de 1984. Disponível pelo CEMAL Centro de Estudios Monetarios Latinoamericanos..

DORFMAN, Adriana. Contrabandistas na fronteira gaúcha: escalas geográficas e representações textuais. Tese de Doutorado. Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 2009.

Earp, Fábio Sá; KORNIS, George. A economia da cadeia produtiva do livro. Rio de Janeiro:BNDES, 2005.

Editora Positivo. Disponível em: www.editorapositivo.com.br/livros-didaticos/colecao-positivo/ acessado em: 14/08/2018.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. Os estabelecidos e os outsiders. Rio de janeiro: Zahar, 2000.

ESCOLANO, Agústin Benito. Las culturas de la escuela em España. Tres cortes historiográficos. Pro-Posições.v.16n.1.(46)jan/abr. 2005.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. 7°. São Paulo: Edusp, 1999.

FEDATTO, Nilce Aparecida. Educação/cultura/fronteira: um estudo do processo educativo-cultural na fronteira Brasil-Paraguai. In: TRINDADE, Aldema Menine; BEHARES, Luiz Ernesto (orgs.). Fronteiras, educação, integração. Santa Maria: Palotti, 1996.

FERREIRA, M.O; FISCHER, B.T.D; PERES, L.M.V. (orgs.). Memórias docentes: abordagens teórico-metodológicas e experiências de investigação. São Leopoldo: Oikós; Brasília: Líber Livro, 2009.

FISCHER, Beatriz; WEIDUSCHADT, Patrícia. História oral e memória: aportes teórico-metodológicos na investigação de trajetórias docentes. In: FERREIRA, M.O; FISCHER, B.T.D; PERES, L.M.V. (orgs.). Memórias docentes: abordagens teórico-metodológicas e experiências de investigação. São Leopoldo: Oikós; Brasília: Líber Livro, 2009.

FRAGOSO, João; GOUVÊA, Maria de Fátima. O Brasil Colonial: Volume I (ca.1443-ca.1580). 1ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FRAGOSO, João; GOUVÊA, Maria de Fátima. O Brasil Colonial: Volume II (ca.1580-ca.1720). 1ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FRAGOSO, João; GOUVÊA, Maria de Fátima. O Brasil Colonial: Volume III (ca.1720-ca.1821). 1ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra,1996.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ªed. São Paulo: Atlas, 2008.

GINZBURG, Carlo. "Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história." 2ªed. 6ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Google Maps. https://www.google.com.br>maps acessado em 15/10/2018.

HAUSER, Arnold. História social da arte e da literatura. Martins Fontes: São Paulo, 1998.

HOBSBAWM, Eric. A Era Das Revoluções: 1789-1848. 25ªed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

HOBSBAWM, Eric. A Era do Capital 1848-1875. 13ªEd. São Paulo: Paz e Terra. 2007.

HOBSBAWM, Eric. A Era Dos Extremos: O breve século XX 1914-1991. 2° edição. 38ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

HOBSBAWM, Eric. Globalização, Democracia e Terrorismo. 2ª reimpressão. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

HOBSBAWM, Eric. Sobre História. 2ª edição. 7ª reimpressão. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

HUNT, E.K & SHERMAN, H.J. História do pensamento econômico. 26ªed. Petropólis, RJ: Vozes, 2013.

Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas (IBEP) / Frère Théophane Durand (FTD). Disponível em: https://ibep.ftd.com.br Acessado em:14/08/2018

Instituto Nacional de Pesquisas Anísio Teixeira (INEP). Disponível em: http://www.inep.gov.br/ acessado no dia 05/05/2018.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística disponível em: www.ibge.gov.br acessado em: 09/04/2018.

Instituto Nacional de Estatística do Uruguay disponível em: www.ine.gub.uy acessado em: 10/04/2018.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Censo Escolar da Educação Básica 2016. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2017/notas_estatisticas_censo_escolar_da_educacao_basica_2016.pdf

Instituto Nacional de Evaliación Educativa (INEED), informe sobre el estado de la educación em Uruguay 2015-2016, INEED, Montevidéu, 2017.

JAMESON, Fredric, Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo, SP: Ática, 2ªed. 5ª Reimpressão. 2006.

JÚVIN, Hervé; LIPOVETSKY, Gilles. A Globalização Ocidental: controvérsia sobre a cultura planetária. Barueri, SP: Manole. 2012.

KAMEL, Ali. O que ensinam as nossas crianças. São Paulo: O globo. Disponível em: http://www.newmarc.com.br/drws/ali_kamel.pdf acessado em: 25/07/2018

KARNAL, Leandro. TATSCH, Flavia Galli. Documento e História: A memória evanescente. In: PINSKY, Carla Bassenazi; LUCA, Tania Regina de. O historiador e suas fontes. 1ªed. 4ª Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

KAZAMIAS, Andreas M. AGAMENON CONTRA PROMETEU: globalização, sociedades do conhecimento / da aprendizagem e *paideia* na nova cosmópole. In: COWEN, Robert; KAZAMIAS, Andreas M; ULTERHALTER, Elaine. Educação Comparada: panorama internacional e perspectivas; Vol.1. Brasília: UNESCO, CAPES, 2012.

KAZTMAN, Rubén; RETAMOSO, Alejandro. Efectos de la segregación urbana sobre la edución em Montevideo. Revista de la CEPAL nº91 Abril de 2007. P.133-152.

KELLNER, Douglas. A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KOIKE. Beth. Kroton negocia compra da Santillana Brasil. Disponível em: https://mobile.valor.com.br/empresas/5458219/kroton-negocia-compra-da-santillana-brasil publicada em 17/04/2018 acessada no dia 14/08/2018

KRAWCZYK, Nora. Pesquisa comparada em educação na América Latina: situações e perspectiva. Educação Unisinos.volume 17, número 3, setembro/ dezembro 2013

LE GOFF, Jacques. A História Nova. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Ley General de Educación. Ley nº 18.437 de 12 de diciembre de 2008. Actualizada y concordada, marzo 2015. Uruguay: Zonalibro, 2015.

LINGARD, Bob. É e não É: Globalização Vernacular, Política e Reestruturação Educacional. In: BURBULES, Nicholas; TORRES, Carlos Alberto. (orgs.) Globalização e educação: perspectivas críticas. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles “Pós Modernidade e Hipermodernidade” P.65-78 In: FORBES, Jorge; REALE JÚNIOR. Miguel; FERRAZ JÚNIOR, Tércio Sampaio. A Invenção do Futuro: um debate sobre a pós-modernidade e a hipermodernidade. Barueri, SP: Manole, 2005.

LÖWY, Michael. Ideologias e Ciência Social: elementos para uma análise marxista. 20ªed. São Paulo: Cortez, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. Novas tendências em análise do discurso. Campinas, SP: Pontes, Editora da Universidade Estadual de Campinas, 3ª ed, 1997.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. A história das instituições educacionais em perspectiva. IN: GATTI, Décio Junior e IGNÁCIO, Geraldo Fillho. A História da Educação em Perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações. Campinas, Autores Associados, 2005. pp 91-103

MAGALHÃES, Justino Pereira de. Os Arquivos e os Museus Autárquicos na Construção do Município Pedagógico. Comunicação a BAD 10º Encontro Nacional de Arquivos Municipais - Gestão da Informação na Administração Municipal: passado, presente e futuro. Leiria, 4 e 5 de Novembro de 2011, BAD Actas. Encontro Nacional de Arquivos n.10 (2011), pp. 1-7. Disponível: http://www.bad.pt/publicacoes/índex.php/arquivosmunicipais/article/view/6/50 acessado no dia 01/06/2016

MANGUEL, Alberto. Lendo imagens: uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MATEO, José. Población, parentesco y red social en la frontera. Lobos (província de Buenos Aires) en el siglo XIX. Mar del plata: Universidad Nacional de Mar del plata, GIHRR, 2001.

MARQUES, Adhemar Martins. História do tempo presente. 2ªed. São Paulo: Contexto, 2015.

MARTIN, Hervé; BOURDÉ, Guy. A Nova História: herdeira da escola dos annales. IN: NOVAIS, Fernando Antonio; Da Silva, Rogério Forasteri. Nova História em perspectiva. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

MICHEL, Caroline Braga. Missão de estudos ao Uruguay: mudanças no sistema de ensino do Rio Grande do Sul (1913-1927). Tese. Pelotas: UFPel, 2017.

MILÁN, José Guilhermo; SAWARIS, Gerri; WELTER, Milton Luís. In: TRINDADE, Aldema Menine; BEHARES, Luiz Ernesto (orgs.). Fronteiras, educação, integração. Santa Maria: Palotti, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). “Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade.” 31º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MINISTÉRIO DA EDUCACIÓN Y CULTURA (MEC). Educación No Formal: Lugar de Conocimentos. Selección de textos. Uruguay, 2013.

MONTEIRO, Andreza. O preço das mensalidades nas dez escolas paulistanas mais bem colocadas no Enem. Disponível em: https://vejasp.abril.com.br/cidades/mensalidade-escola-melhores-enem-preco/ Publicado em 6 out 2016, 14h22. Acessado em 10/07/2018

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva. 2ª ed.rev. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

NAHUM, Benjamín. Breve Historia De Educación Secundaria 1935 – 2008: Consejo de Educación Secundaria: Uruguay, 2009.

NAHUM, Benjamín. Breve Historia Del Uruguay Independiente. Montevidéu – Uruguay: Ediciones de la Banda Oriental, 2011.

NÓVOA, António. La construcción de unespacio educativo europeo: gobernando a través de losdatos y lacomparación. Revista Española de Educación Comparada, n º16, 2010, p. 23-41.

OEC Uruguay. https://atlas.media.mit.edu/pt/profile/country/ury/ acessado em: 10/10/2018

OREIRO, Cecilia; VALENZUELA, Juan Pablo. Factores que determinaneldesempeño educativo enelUruguay, 2003-2006. Revista CEPAL nº107. Agosto de 2012, p.67-91

PAIVA, Eduardo França. História e Imagens. Belo Horizonte: Autentica, 2002.

PENNA, Rejane Silva. Fontes Orais e Historiografia: avanços e perspectivas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

PERES, Eliane. O ensino da linguagem na escola pública primária gaúcha no período da renovação pedagógica (1930-1950). In: PERES, Eliane; TAMBARA, Elomar. Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX – XX). Pelotas: Seiva, 2003.

PERES, Eliane; RAMIL, Chris de Azevedo (Organizadoras). Produção e circulação de livros didáticos no Rio Grande do Sul nos séculos XIX e XX. 1ªed. Curitiba: Appris, 2018.

PERONI, Vera. Mudanças na configuração do estado e sua influência na política educacional. In: PERONI, Vera Maria Vidal; BAZZO, Vera Lúcia; PEGORARO, Ludimar (Orgs.). Dilemas da educação brasileira em tempos de globalização neoliberal: entre o público e o privado. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy (coordenação). Porto Alegre Caricata: a imagem conta a História. Porto Alegre, EU / Secretaria Municipal da Cultura, 1993.

PETERS, Michael; MARSHAL, James; FITZSIMONS, Patrick. Gerencionalismo e Política Educacional em um Contexto Global: Foucault, Neoliberalismo e a Doutrina da Auto-Admnistração.In: BURBULES, Nicholas; TORRES, Carlos Alberto. (orgs.) Globalização e educação: perspectivas críticas. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

PICCOLO, Helga Iracema Landgraf. O Processo de Independência do Brasil. IN: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (coord.). Império: Volume 2. Passo Fundo: Méritos, 2006.

PIKETTY, Thomas. “O Capital no Século XXI.” Tradução Monica Baumgarten de Bolle. 1ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

PINSKY, Carla Bassenazi; LUCA, Tania Regina de. O historiador e suas fontes. 1ªed. 4ª Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

POPKEWITZ, Thomas S. A reforma como administração social da criança: a globalização do conhecimento e do poder. In: BURBULES, Nicholas; TORRES, Carlos Alberto. (orgs.) Globalização e educação: perspectivas críticas. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

PORTINARI. Natália. Kroton investe em ensino básico e acerta compra da Somos por R$ 4,6 bi. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/04/kroton-acerta-compra-da-somos-educacao-por-r-46-bi.shtml publicada em 23/04/2018. Acessado em: 18/06/2018

PREFEITURA MUNICIPAL DO CHUÍ. Histórico do Município. Disponível em: https://www.chui.rs.gov.br/pagina/id/2/?historia-do-municipio.html acessado em 20/10/2018

RAMACHANDRAN, Vimala. Desigualdades Democráticas: o dilema da educação primária na Índia. In: COWEN, Robert; KAZAMIAS, Andreas M; ULTERHALTER, Elaine. Educação Comparada: panorama internacional e perspectivas; Vol.1. Brasília: UNESCO, CAPES, 2012.

RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti. A diplomacia marginal: vinculações políticas entre o Rio Grande do Sul e o Uruguay (1893-1904) [recurso eletrônico]. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2015.

REICHEL, Heloísa Jochims. Fronteiras no Espaço Platino. IN: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (coord.). Colônia: Volume 1. Passo Fundo: Méritos, 2006.

REIS, José Carlos. O desafio historiográfico. 1ªed. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

RIBEIRO JUNIOR, Amaury. A privataria tucana. São Paulo: Geração editorial, 2011.

RIZVI, Fazal. A educação internacional e a produção da imaginação global. In: BURBULES, Nicholas; TORRES, Carlos Alberto. (orgs.) Globalização e educação: perspectivas críticas. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.

ROBERTSON, Roland. Globalização: teoria social e cultura global. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

RODEGHERO, Carla Simone; GRINBERG, Lúcia; FROTSCHER, Méri (organizadoras). História oral e práticas educacionais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

ROESE, Mauro. “A metodologia do estudo de caso” in: Cadernos de Sociologia/ Programa de Pós-Graduação em Sociologia, v.9 (1998). Porto Alegre: UFRGS. ISSN 0103-894X

SÁ-SILVA; Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. Ano I – Nº1. Julho de 2009.

SAES, Flávio Azevedo Marques de; SAES, Alexandre Macchione. História econômica geral. 1ªed. São Paulo: Saraiva, 2013.

SANTOMÉ, Júlio Torres. Globalização e Interdisciplinaridade: o currículo integrado. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A Globalização e as Ciências Sociais. 2ªed. São Paulo: Cortez, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Introdução a uma ciência pós-moderna. Rio de janeiro Graal, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. 8ªed. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Pela mão de Alice: o social e a política na pós-modernidade. 13º ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal. 6ªed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SAVIANI, Dermeval O DEBATE TEÓRICO E METODOLÓGICA NO CAMPO DA HISTÓRIA E SUA IMPORTÂNCIA PARA A PESQUISA EDUCACIONAL. ANAIS DO IV SEMINÁRIO NACIONAL. Campinas - SP, 14 de dezembro de 1997.

SEVERINO, Antonio Joaquim. “Metodologia do Trabalho Científico.” 23º ed. rev. e atualizada. São Paulo: Cortez, 2007.

SHARMA-BRYMER, Vinathe. Reflexões Sobre o Pós-colonialismo e Educação: tensões e dilemas de uma vivenciadora. In: COWEN, Robert; KAZAMIAS, Andreas M; ULTERHALTER, Elaine. Educação Comparada: panorama internacional e perspectivas; Vol.1. Brasília: UNESCO, CAPES, 2012.

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. Estudos comparados como método de pesquisa: a escrita de uma história curricular por documentos curriculares Revista Brasileira de Educação v. 21 n. 64 jan.-mar. 2016.

SMITH, Adam. A Riqueza das Nações: investigação sobre sua natureza e suas causas. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1996.

SCHMIDT, Mário. Nova História Crítica: Moderna e Contemporânea 2º Grau. 2ª edição. São Paulo: Nova Geração. 1998.

SPEROTTO, Fernanda Queiros. Mirando a fronteira: as cidades gêmeas gaúchas. Ano 22. Nº22-2013. Fundação de Economia e Estatística disponível em:

http://carta.fee.tche.br/article/mirando-a-fronteira-as-cidades-gemeas-gauchas/ acessado em 18/06/2018

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Livros didáticos de Geografia e História: Avaliação e Pesquisa. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.

TAMBARA, Elomar. Textos de leitura nas escolas de ensino elementar no século XIX no Brasil. In: PERES, Eliane; TAMBARA, Elomar. Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX – XX). Pelotas: Seiva, 2003.

THOMPSON, Jhon. Ideologia e cultura moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petropólis, RJ: Vozes, 2001.

THOMPSON, Jhon. Mercadores de Cultura: o mercado editorial no século XXI. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

TRIBUNA DO NORTE. Placas do Mercosul são “Suspensas” pela justiça www.tribunadonorte.com.br/noticia/placa-do-mercosul-sa-o-suspensas-pela-justia-a/427754 acessado dia 21/10/2018.

TRINDADE, Aldema Menine; BEHARES, Luis Ernesto; FONSECA, Miriane Costa. Educação e linguagem em áreas de fronteira Brasil – Uruguay. Fronteiras. Santa Maria: Palotti, 1995.

TRINDADE, Aldema Menine; BEHARES, Luiz Ernesto (orgs.). Fronteiras, educação, integração. Santa Maria: Palotti, 1996.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação. 5ª ed. 18º reimp. São Paulo: Atlas, 2009.

VIDAL, Diana Gonçalves. Cultura e práticas escolares como objeto de pesquisa em História da Educação. IN: YAZBECK, Dalva Carolina e ROCHA, Marlos Bessa (orgs) Cultura e História da Educação: Intelectuais, legislação, cultura escolar e imprensa. Juiz de fora,UFJF, 2009.

APÊNDICES

Roteiro de Entrevista (semiestruturada)

01 - Há quantos anos você atua como professor?

02 - Qual o seu entendimento de globalização?

03 - Em quantas turmas fases/séries você trabalhou o tema da globalização como docente na região?

04 - Você obteve acesso e pôde escolher os livros didáticos para trabalhar este tema?

05 - Utiliza os livros didáticos em sala de aula quando trabalha o tema da globalização?

06 - Estuda ou lê outros materiais que abordam o tema da globalização?

07 - Daquele período histórico até os dias atuais sua visão sobre a Globalização sofreu alguma modificação?

08 - Você tem alguma sugestão ou contribuição para esta entrevista?

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 1

Odilon - Em que Escola você trabalha?
Entrevistado 1 - Escola Municipal de ensino Fundamental General Artigas Chuí-Brasil.
Odilon - Em quantas turmas você já trabalhou esse tema? Em quais turmas o senhor aborda esse tema em sala de aula?
Entrevistado 1 - Eu dou aula nas sextas e oitavas do ensino fundamental, entro no mundo dos valores, integrado aos temas, presença do celular em sala de aula que é um tormento, um elemento novo, o Google, que substitui o professor facilmente. Todas essas coisas estão presentes em sala de aula, o que é irreversível. Digo que é preciso dominar a tecnologia e não ser dominado por ela, não é o quem tem ocorrido.
Odilon - Há quantos anos você atua como professor no Chuí?
Entrevistado 1 - Cinco anos atuando como professor de História na rede municipal do Chuí Brasil.
Odilon - Qual a sua visão sobre o tema da globalização?
Entrevistado 1 - A globalização tem seu início na primeira Revolução Industrial, sendo fruto do mercantilismo em que vai dar uma unidade para a ideia de mundo, e também onde o indivíduo está mergulhado na identidade deste mundo da Globalização, onde muitas oligarquias vão se beneficiar neste processo. Promete ao mundo certa equidade porem na prática não é o que nós vemos. O que vemos é ainda mais exploração sobre o trabalhador neste processo.
Odilon - Sobre os livros didáticos disponíveis na escola, você os utiliza? Foi você que os escolheu?
Entrevistado 1 - É uma escolha feita em conjunto pelos professores. Eu, inclusive, este ano fiz uma prova em que uma das questões é como o aluno vê o livro didático de história sobre aquela temática que estava sendo tratada. O livro didático é uma bússola, é um referencial, mas eu não me apego integralmente a ele, pois existe uma bibliografia farta para todos os assuntos. Acho o livro didático não muito adequado à realidade do aluno. Dentro da nossa sociedade do nosso ambiente, nosso aluno não está preparado para lidar com o livro didático. A maioria dos alunos são filhos de operários e eu digo que o filho do operariado não foi feito para ser intelectual, não foi criado para ser intelectual, a sociedade e o governo sabem disso. O livro é bom, mas

ele é muito pesado. Sobre o ponto de vista estrutural as crianças carregam com dificuldade, são muitos para carregar, então não trazem o livro. O livro fica na gaveta, a gente se obriga a fazer o trabalho em grupo, então ele é uma boa referência didática, mas não o considero exclusivo.

Odilon - Em média, em quantas aulas você aborda este tema da globalização durante o ano?

Entrevistado 1 - Não sei lhe informar com precisão.

Odilon - Além do Livro didático, você trabalha em sala de aula outros materiais que abordam este tema?

Entrevistado 1 - Sim, outros textos, outros livros, outros autores.

Odilon - Nos últimos vinte anos, até 2017, sua visão mudou em relação a globalização?

Entrevistado 1 - Houveram muitas e fortes modificações, trazendo grandes benefícios para a Revolução Tecnológica, gerando uma expectativa, euforia por estarem integradas ao mundo pois estão dentro das redes sociais, que tem modificado o comportamento humano em geral. Por um lado trazem alguns benefícios, mas por outro um conflito muito grande, uma desestruturação das coisas tradicionais.

Odilon - Você tem alguma sugestão/contribuição para essa pesquisa?

Entrevistado 1 - Olha, eu acho que o aluno esta vivenciando uma crise educacional imensa, e essa ideia fantástica de todo, dilui o indivíduo demasiadamente, a ponto dele ser pouco considerado. Por sobre ele recai as grandes estruturas que não estão correspondendo com a realidade das sociedades e do indivíduo. Não se trata de doutrinação, mas de uma reflexão sobre o nosso tempo. Estamos completamente diluídos num sonho televiso, num sonho eletroeletrônico. Não estamos sabendo lidar com o Brasil, a educação está sucateada de modo planejado é o sentimento que eu tenho, ela não é prioritária. Portanto, os salários são de criança pequena, a estrutura monetária acredita que tem que qualificar o professor para remunerá-lo de forma justa, mas acho que é um desvio completo que faz muito bem a quem não quer auxiliar a educação porque nós temos qualificação, pós-graduação, nós estudamos e a grande massa de professores passou por esse processo. Então não vamos culpar o professor pela realidade dos péssimos salários. Existem até colegas, não aqui, em alguns lugares do Brasil, que acham que o professor ganha muito porque é muito ruim, ganha mal porque é ruim acho essa exposição um desserviço completo à causa educacional

e a Globalização não trouxe nenhum avanço ao processo educacional nacional, ao terceiro mundo, acho que não trouxe nenhum avanço.

Odilon - Muito obrigado.

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 2

Odilon - Em que Escola você trabalha?

Entrevistado 2 - Escola 107 chuy-Uruguay.

Odilon - Qual a sua visão sobre a globalização?

Entrevistado 2 - Minha visão pessoal sobre o tema da globalização é que tudo está relacionado com tudo, tem relação com o paradigma da complexidade. O que acontece aqui afeta o resto e o que passa em outros locais pode nos afetar. Todos estão se relacionando pela internet, mas, na realidade, nas aulas a globalização não existe. Essa é a ideia que eu tenho, cada qual está em seu lugar e o que esta em seu programa e não se olha a nível global e a nível local, nós fazemos, refletimos de nível local a nível global, mas a maioria das coisas não.

Odilon - Nos últimos vinte anos você notou alguma diferenciação sobre esse tema aqui na região?

Entrevistado 2 - Faz dois anos que estou nesta escola, mas na região não vi mudanças.

Odilon - Sobre a abordagem do livro didático você utiliza estes livros em sala de aula, trabalha com outros materiais?

Entrevistado 2 - Não. Na realidade, tem coisas que sim e não, não se tem como fundamentar a globalização. Se existe algo com Uruguay é global, mas não estamos sempre pensando nisso, obviamente os alunos estão inseridos na globalização, devido às informações que chegam.

Odilon - Professora os livros didáticos é você quem escolhe? Quem escolhe os livros didáticos que você trabalha em sala de aula?

Entrevistado 2 - Existem editoriais que já fazem o material, e todos utilizam este material. Pessoalmente uso pouco a internet, não é porque não sei utilizar, e,sim, porque quero evitar que os alunos, alguns que entram nos computadores se desviem para qualquer outro lado. Então, é uma forma para que focalizem no estudo e não em outras coisas. Mas o material que temos geralmente é esse.

Odilon - Há quantos anos você atua como professora?

Entrevistado 2 - Dez anos.

Odilon - Trabalhava em qual escola antes desta?

Entrevistado 2 - Em Rocha e em escola rural.

Odilon - Professora você tem alguma contribuição / sugestão em relação a essa pesquisa?

Entrevistado 2 - Às vezes há uma resistência sobre o tema da globalização. Em Rocha no Uruguay, existem escolas que estão em um projeto de globalização. Então se compartilha experiências com outros lugares, e quando propuseram aqui, houve resistência pelas críticas que poderiam ocorrer, mas na realidade críticas poderiam e podem ser coisas positivas. Todavia aqui na escola houve resistência. Pessoalmente, eu disse que a idéia me encantava, e que de repente poderíamos estar falando com algum aluno do Brasil sobre um determinado tema.

Odilon - Professora muito obrigado pela sua participação.

Entrevistado 2 - Obrigado a você.

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 3

Odilon - Em que Escola você trabalha?

Entrevistado 3 - Escola Municipal de Ensino Fundamental General Artigas no Chuí-Brasil.

Odilon - Em quais turmas você atua como professor nesta escola?

Entrevistado 3 - Quinze anos atuando como professor. Atualmente nas turmas de sexto e oitavo ano do ensino fundamental, na disciplina de Geografia.

Odilon - Qual a sua visão sobre o tema da globalização?

Entrevistado 3 - Quanto a globalização, a gente vê a Geografia num processo de busca de novas tecnologias. Então hoje, os países latinos Argentina, Uruguay e Paraguai estão em busca de novas tecnologias e também de troca das mesmas para que possam produzir de maneira a serem competitivos com o preço e qualidade. Ficam de fora quando entra robótica com a produção intensa e o valor tão pequeno que os países latinos não tem condições de produzir. Mesmo que o Brasil seja um grande exportador de matéria prima, ainda estamos muito distantes desta tecnologia que a globalização necessita. Então os países asiáticos com grande potencial, como Coréia, Singapura, Hong Kong, conhecidos como tigres asiáticos, que tem essa tecnologia originada dos japoneses. Então, estamos muito aquém disso.

Odilon - Em média, em quantas aulas você aborda o tema da globalização no ano?

Entrevistado 3 - Não sei lhe responder com exatidão, é um assunto recorrente em sala de aula.

Odilon - Sobre os livros didáticos disponíveis na escola, você os utiliza? Foi você que os escolheu?

Entrevistado 3 - É como o outro professor havia falado. Quatro ou cinco editoras vêm até nós, a gente se reúne e procura encontrar um livro que tenha um pouco mais de imagens e ilustrações porque o aluno hoje está fugindo da leitura. Então às vezes uma imagem ou gravura transcorre melhor. Vendo aquilo fica mais de assimilar o que estamos trabalhando. Nosso aluno hoje não quer mais ler. Com o celular está tudo prontinho ele só compartilha e curte não cria mais nada. Não podemos perder de forma alguma para essa mídia, essas tecnologias que querem vender. Recentemente conseguimos ter acesso ao celular, pois antigamente era caríssimo. Hoje qualquer

criança tem e não possuímos leis que possam impedi-los de trazer o celular. Se o aluno que fica sem o celular ele briga contigo, ele quer o celular. Hoje estamos passando por um processo tecnológico onde o aluno se nega a realizar os trabalhos, ele não está acostumando a fazer, eu indico a página e ele se nega a abrir o livro, não quer ler.

Odilon - E essas editoras dos livros didáticos são vocês que escolhem?

Entrevistado 3 - Não. Vem tudo de avião, escolhemos entre as opções que nos dão.

Odilon - E na fronteira professor, é notável este processo nos últimos vinte anos?

Entrevistado 3 - É o que passo para os alunos a nossa produção de ônibus, veículos que vão para a Argentina e Uruguay passam pela nossa fronteira e às vezes, quando perguntado o que é o MERCOSUL - Mercado Comum do Sul - e a Alca eles não conseguem ver que isto aqui é o comércio, que estamos na fronteira.

Odilon - Além dos livros didáticos, vocês utilizam outro material?

Entrevistado 3 - Sim, temos tudo atualizado aqui, mapas, compramos um globo, material para montar um sistema solar. Mas os alunos preferem o computador, pois nem realizam a leitura da pesquisa que fizeram, apenas imprimem e entregam em 10 minutos. Então, a tecnologia veio, mas não está sendo bem aplicada.

Odilon - Você tem alguma sugestão/contribuição para essa pesquisa?

Entrevistado 3 - Para fechar, a sociedade está desestruturada, o celular separou a família. Antes sentávamos para conversar. Hoje fica cada um em seu canto, a falta dos pais na escola e sua ausência com os filhos, fez com que os limites fossem perdidos. Sobre a globalização aqui na fronteira um assunto atual está sendo as eólicas, que são fabricadas na Europa, sendo fonte de energia renovável.

Odilon - Muito obrigado pela sua entrevista.

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 4

Odilon - Em que Escola você trabalha?
Entrevistado 4 - Escola 107 Chuy-Uruguay.
Odilon - Há quantos anos você atua como professora no Chuy?
Entrevistado 4 - Leciono há três anos na rede uruguaya atuando em suplências, este é o segundo ano no quinto.
Odilon - Sobre os livros didáticos você os utiliza na escola?
Entrevistado 4 - Sim. Não é a única ferramenta, a principal é a lousa digital e os livros digitais, mas usamos, e as crianças os utilizam dentro da escola, tanto os de ciências naturais quanto o de ciências sociais.
Odilon - Sobre a globalização, você trabalha este tema em sala de aula? Qual sua visão sobre essa temática?
Entrevistado 4 - Eu creio que este tema está presente implicitamente. Seja com os livros ou qualquer outra ferramenta sempre está presente, pois estamos vivendo um momento que é inegável que estamos vivenciando a globalização por todos os lados e as crianças estão cada vez mais em contato com novas experiências e não só limitando-se em torno disso.
Odilon - Você nota alguma modificação em torno deste tema da globalização?
Entrevistado 4 - Na realidade, em educação tenho pouca experiência para ver estas mudanças em sala de aula, pois trabalho há apenas dois anos com o quinto ano, de repente, comparando com a minha educação, sim.
Odilon - E na sua visão geral sobre globalização?
Entrevistado 4 - Sim, em geral têm ocorrido mudanças.
Odilon - Você tem alguma sugestão/contribuição para essa pesquisa?
Entrevistado 4 - Não sei, no momento não.
Odilon - Eu agradeço pela entrevista, muito obrigado por ter participado.

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 5

Odilon - Em que Escola você trabalha?

Entrevistado 5 - Escola Municipal de ensino Fundamental General Artigas Chuí-Brasil.

Odilon - Há quantos anos você atua como professora no Chuí?

Entrevistado 5 - Leciono há quinze anos na rede municipal do Chuí Brasil.

Odilon - Qual a sua visão sobre o tema da globalização?

Entrevistado 5 - A globalização é vista a partir da década de 80 do século XX.

Odilon - Sobre as editoras disponíveis, qual você utiliza? Foi você que escolheu?

Entrevistado 5 - A escolha da editora é feita em conjunto pelos professores.

Odilon - Sobre as editoras foram vocês que as escolheram?

Entrevistado 5 - Não, a editora vem de lá, eu uso um livro de apoio a História Crítica.

Odilon - História Crítica do Mario Schmidt?

Entrevistado 5 - Exatamente. Eu tenho os quatro volumes guardados. Realizo fotocópias de algumas partes e trabalho com os alunos, pois alguns dos livros têm muitas imagens, outros, muito conteúdo e não possuem nem a imagem da Monalisa quando abordamos o Renascimento.

Odilon - Em média, em quantas aulas você aborda o tema da globalização no ano?

Entrevistado 5 - É um tema que abordamos em sala de aula.

Odilon - Além do Livro didático, você trabalha em sala de aula outros materiais que abordam este tema?

Entrevistado 5 - Sim, pedimos para eles pesquisarem em sala de aula.

Odilon - Nos últimos vinte anos, até 2017, você mudou sua visão em relação a globalização?

Entrevistado 5 - Sim. Este sistema global está cada vez mais presente com produtos e as mídias sociais.

Odilon - Você tem alguma sugestão/contribuição para esta pesquisa?

Entrevistado 5 - Espero ter contribuído com a pesquisa, sucesso nesta caminhada.

Odilon - Muito obrigado.

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 6

Odilon - Escola em que você trabalha?

Entrevistado 6 - Escola 28, que possui o nome de República Federativa do Brasil na cidade do Chuy-Uruguay.

Odilon - Quantos anos você atua como professora nesta etapa de ensino na escola?

Entrevistado 6 - Dez anos atuando como professora nas turmas do 5° ano.

Odilon - Qual a sua visão sobre o tema da globalização?

Entrevistado 6 - A globalização é notável na sala de aula pelas tecnologias, como a internet. Nas aulas de inglês conseguimos conversação via skype[44] com uma professora que mora nas Filipinas. E de forma geral no consumo de produtos e na economia.

Odilon - Sobre os livros didáticos que tem disponível na escola, a senhora os utiliza? Foi você que os escolheu?

Entrevistado 6 - Nós não escolhemos os livros didáticos. Estes livros que existem na escola são disponibilizados e escolhidos pelo governo e o CEIP.[45]

Odilon - Em média, quantas aulas a senhora aborda este tema da globalização no ano?

Entrevistado 6 - Como abordamos todos os conteúdos, não sei lhe responder com precisão, mas são trabalhados em sala de aula de forma geral.

Odilon - Além do Livro didático, você trabalha em sala de aula outros materiais que abordam este tema?

Entrevistado 6 - Sim. Em sala de aula abordamos recortes e outros materiais tecnológicos como vídeos que auxiliam no desenvolvimento da aula.

Odilon - Nos últimos vinte anos, até hoje 2017, a senhora mudou a sua visão em relação a globalização?

Entrevistado 6 - Sim, é crescente o aumento de mercadorias, os avanços na área da comunicação. Todavia o aumento da economia acontece apenas em alguns países.

Odilon - A senhora tem alguma sugestão/contribuição para essa pesquisa?

[44] Software que possibilita via internet comunicação por mensagens, áudio e vídeo em escala mundial.

[45] Conselho de Educação Inicial e Primária.

Entrevistado 6 - Parabenizo pelo tema escolhido que é tão presente em nosso cotidiano aqui na fronteira que nos dividimos apenas por uma rua e podemos ver a interligação entre as pessoas, os países e os produtos consumidos aqui na fronteira.
Odilon – Muito obrigado.

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 7

Odilon - Escola em que você trabalha?

Entrevistado 7 - Escola Estadual Marechal Soares de Andrea no Município do Chuí.

Odilon - Qual a sua visão sobre o tema da globalização?

Entrevistado 7 - A globalização a gente estuda muito em Geografia com base no Milton Santos, que faz uma análise da globalização como um processo de conexão do mundo. Infelizmente, o que a gente mais vê é o fluxo de capitais mais rápido, sendo que no fluxo de pessoas existem mais impedimentos, mais entraves como a construção de muros como por exemplo México e os Estados Unidos da América. Palestina e Israel. A gente vê que a globalização é um processo cada vez mais intenso e constante inclusive na sala de aula, principalmente pelo aspecto econômico e financeiro e pelo lado social, trabalho. A globalização tem grandes barreiras. É um tema trabalhado com frequência em sala de aula.

Odilon - Em quantas turmas o senhor trabalha ou já trabalhou com esse tema?

Entrevistado 7 - No currículo escolar, nesta escola, eu trabalho com ensino fundamental. Já trabalhei no ensino médio em outras escolas, no município de Santa Vitória do Palmar. Nesta escola trabalho especificamente no oitavo e nono ano.

Odilon - Professor, sobre os livros didáticos que tem disponível na escola, o senhor os utiliza? Foi o senhor que os escolheu?

Entrevistado 7 - Como eu assumi agora em 2017 no estado, os livros já estavam encomendados. Eu opto por trabalhar o livro didático porque tem muita ilustração, na sala de aula temos somente o quadro branco. Nas salas de aula do ensino médio existem televisores que podem ser adaptados e utilizados pen drives para projetar slides, mas, como eu trabalho no ensino fundamental, não tenho disponível este tipo de material então a gente trabalha mais o livro didático e o quadro.

Odilon - São os mesmos livros didáticos que estão na biblioteca da escola?

Entrevistado 7 - Na biblioteca da escola tem livro para todos os alunos. A gente utiliza a nova coleção em sala de aula e as anteriores para complementar o material.

Odilon - Professor, em média quantas aulas o senhor aborda este tema da globalização no ano?

Entrevistado 7 - Esta pergunta é muito complicada de responder. A gente trabalha no primeiro trimestre, porém, é um tema constante ao longo do ano, pois, se trabalha com este tema para compreender as diferenças das regiões no mundo, Europa, Ásia, África, explicando os porquês de alguns países serem empobrecidos na África e na América Latina e outros estão desenvolvidos econômicos e socialmente como na Europa e na América anglo-saxônica. A gente faz análise da globalização, que é um dos fenômenos que cada vez mais tem intensificado isso. Inclusive, a gente dá um exemplo local que é instalação das Torres de energia eólica no município do Chuí, que traz muito recursos para o município diretamente através de impostos, para o país com a geração de energia mas, no final das contas, os geradores de energia e as empresas responsáveis pela geração de energia pertencem aos países desenvolvidos e os royalties vão para os países do norte, cada vez mais demonstrando essa diferenciação dos países desenvolvidos do Norte e do Sul subdesenvolvidos. Ou seja, recursos que são gerados aqui continuam sendo levados para os países mais desenvolvidos do norte do Globo.

Odilon - O senhor estuda ou lê outros materiais que abordam este tema?

Entrevistado 7 - Sim. Costumo ler algumas leituras alternativas que debatem esta temática. Tem um autor, o Zygmunt Bauman, que costumo ler e trazer para a sala de aula, que fala das desigualdades decorrentes da globalização. E o Thomas Piketty, que trabalha com a questão da desigualdade também foi apresentado principalmente no nono ano do ensino fundamental.

Odilon - Professor, nos últimos vinte anos até hoje 2017 o senhor mudou a sua visão em relação a globalização?

Entrevistado 7 - Desde adolescência eu tinha inclinação para ser professor, gostava de geografia. Obviamente, uns 20 anos atrás era menos intenso. Foi no início do governo Fernando Henrique Cardoso e do Fernando Collor de Mello que começou a abertura neoliberal, empresas de outros locais vindo para o Brasil. Um exemplo clássico são as empresas de automóveis que, a partir do Fernando Collor começamos a ter mais fábricas japonesas, importação de veículos russos, sobras lá da União Soviética que acabam entrando no Brasil. Então, tudo isso a gente percebe bem que aquele período, a 20 anos atrás, era o começo da globalização e que hoje está completamente dentro da sala de aula. Eu uso sempre como exemplo para os alunos os celulares né? Muitos deles podemos utilizar o exemplo da globalização que a marca

é coreana, vem lá da Ásia, fabricação da China ou de algum outro país da Ásia, os componentes e a matéria-prima de muitos deles vem da África, países mais pobres do mundo de onde são extraídas as matérias-primas dos celulares que são vendidos aqui no Uruguay, nos Free Shops aqui na cidade do Chuy e consumidos por brasileiros. O celular nos traz toda a parte da comunicação e da propaganda pela rede mundial de computadores. Quando a gente vai acessar um vídeo e quero ver um vídeo cultural, a propaganda vem bombardeada por marketing de empresas que vendem seus produtos no mercado local, originária de outros países.

Odilon - Professor, o senhor tem alguma sugestão/contribuição para essa entrevista?

Entrevistado 7 - Acho que é uma pesquisa interessante. Assim que tiver compilado os dados e elaborado a parte escrita desta pesquisa que seja disponibilizado aqui na escola e possa servir como material paradidático e também que se estabeleçam mais pesquisas aqui na fronteira, pois, é uma região distante dos polos de educação, dos polos universitários. Estamos a 250 km de Pelotas e Rio Grande e também a 350km da capital do Uruguay, Montevidéu, então, muitas pesquisas se dão em torno desses polos e não chegam nas cidades, principalmente, aqui na nossa Fronteira Chuí/Chuy. Então, é importante que pesquisas como essa aconteçam no município e também o retorno e o resultado destas pesquisas possam ser compartilhados com nós aqui da Fronteira, para que possamos planejar um futuro melhor com base científica e produção acadêmica.

Odilon - Muito obrigado professor.

Entrevistado 7 - Obrigado também por ter colaborado.

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA 8

Odilon - Qual seu nome, idade, titulação e escola que você trabalha?
Entrevistado 8 - Escola Estadual Marechal Soares de Andrea no município do Chuí
Odilon - Quantos anos você atua como professora?
Entrevistado 8 - Nesta escola desde 2014.
Odilon - Em quais turmas você trabalha o tema da Globalização?
Entrevistado 8 - Em História no ensino fundamental, nono ano e no terceiro ano do médio. Em Geografia no segundo ano. Depois de 2012 iniciou o ensino médio politécnico, então, quem for formado em História pode atuar em sala de aula em toda a área de ciências humanas História, Geografia, Sociologia e Filosofia. Então, para economizar professores e graças a Globalização, a gente dá aula de outras disciplinas que não tem formação. Eu também dou aula de Geografia e Sociologia no médio.
Odilon - Você escolheu e utiliza os livros didáticos da escola?
Entrevistado 8 - Eu escolhi o livro do Boulos para História só que no segundo ano faltou. Na área de Geografia eu acabei utilizando os livros recomendados pela outra professora da autora Lucia Maria e Tércio que são bem interessantes.
Em relação ao livro aqui, como não tem livrarias, é o único livro que os alunos têm acesso, para ter em casa, ler em qualquer lugar, embora eles tenham que devolver no final do ano. Acontece que em algumas famílias o capital cultural é tão baixo que eles só têm aquele livro, então, é importante para os discentes terem o livro didático e para nós que não somos formados na área a gente precisa utilizar muito. Eu não escolhi os livros, mas eu gostei deles.
Temos uma lista de conteúdos para trabalhar no ano, cada escola decide dentro daquela lista o que trabalhar. No nosso caso, escolhemos os conteúdos que são trabalhados no PAVE[46]. No segundo ano de Geografia escolhemos trabalhar com o tema da Globalização.
Odilon - Qual sua visão sobre Globalização?
Entrevistado 8 - A partir de 1991, com a queda da União Soviética, se torna consciente a Globalização com a tecnologia. Questões de vestimenta modificaram o universo da

[46] Programa de Avaliação da Vida Escolar

escola que eu vivencio aqui. A globalização como um fenômeno consciente de si, ela surgiu a partir dos anos 1990 que se consolidou.

Os alimentos, o pancho[47] que eles se orgulham ter um alimento de melhor qualidade, fui comprar a salsicha no Uruguay e no rótulo estava escrito produzida no Brasil. Trabalhei este fato com eles em sala de aula, no tema da Globalização, os uruguayos que se orgulham do pancho estavam consumindo um produto fabricado no Brasil para baratear custos.

Odilon - Você trabalha/aborda outros materiais com os alunos sobre este tema?

Entrevistado 8 - Na aula de Geografia trabalhamos com parte do livro da Ana Leonardo, “História das Coisas”, é um curta sobre esse tema para eles fazerem um trabalho.

Odilon - Você lê ou estuda algo sobre este tema?

Entrevistado 8 - Eu estou lendo em casa “Medo Líquido” do Bauman, que acaba mencionando este tema. O livro “A riqueza de poucos beneficia todos nós” do Bauman, presenteei este livro para um professor da escola.

Odilon - Professora, você tem alguma contribuição ou sugestão sobre este trabalho?

Entrevistado 8 - Vou te repassar as provas e os livros que nós trabalhamos aqui.

Odilon - Muito Obrigado.

[47] Cachorro-quente

ANEXO I

LIVROS DIDÁTICOS ENCONTRADOS NAS ESCOLAS DO CHUY-URUGUAI

COLECCION PASADO PRESENTE

EL MUNDO EN QUE VIVIMOS



cuarto año
1º B. D.

IMPORTADO DE URUGUAY

SARA ABADIE
HERMINIA FEO
MARIA A. GALIANA
MARY SANDRIN

Estudiaremos

2 EL MUNDO HOY



Armado de computadores en una fábrica de Japón

Iniciaremos el estudio del mundo contemporáneo, un mundo de cambios vertiginosos. Lo que hoy es actual mañana deja de serlo.

Para abordar estos temas se hace imprescindible que el alumno y el docente los adecuen y los actualicen a la luz de nuevos datos e interpretaciones.

ECONOMÍA, SOCIEDAD Y POLÍTICA HOY

El mundo actual tiende a la globalización

A pesar que las civilizaciones son distintas y enormes las variantes culturales, el mundo hoy, tiende a la globalización.

Durante miles de años, las comunidades humanas vivieron aisladas. Los hombres nacían y morían en el mismo lugar y sólo excepcionalmente se alejaban pocos kilómetros fuera de su localidad. Las comunicaciones terrestres y fluviales eran sumamente lentas y peligrosas. Se usaban como medios de transporte barcos a vela o a remo, caballos, mulas, carrozas y carretas.

La inexistencia de radio, telégrafo, teléfono, hacían aún más dificultosas y distantes las relaciones humanas. Los gobiernos tenían problemas para hacer cumplir sus órdenes, debido a las distancias, y la extensión de los estados.

Hoy **vivimos en un mundo interdependiente**, fomentado por el desarrollo de los medios de transporte y comunicaciones. Se da una gran aceleración en el progreso técnico aplicado a los medios de transporte y de las telecomunicaciones, incluida la T.V.

Por este hecho, es que casi ninguna región del planeta se encuentra aislada, y todo acontecimiento político, económico, deportivo, musical, puede ser visto y conocido al instante en cualquier lugar. Este fenómeno llamado **globalización**, hace que hablemos de «aldea global o planetaria» para referirnos al mundo en que vivimos.

La globalización se da en todos los aspectos: político, social, económico, cultural. A lo largo de todo el curso tendrá oportunidad de ver y reflexionar sobre este proceso irreversible, que nos afecta a todos.

Sin embargo, se mantienen con fuerza los localismos y regionalismos como reverso de la globalización.

Los términos global, local, regional, se usan con significados diferentes y relativos, según los casos a los que nos refiramos.

Podemos decir que hoy, con una globalización más amplia, ya que ninguna región del planeta escapa a ella, se mantienen, también, lo local y lo regional.

«Lo local» es la afirmación de la identidad colectiva o singular de cada cultura. Pero también refiere a las peculiaridades propias de un barrio, un departamento o una zona.

«Región» engloba una extensión territorial más amplia y reúne particularidades a la vez que diversidades. Los territorios que forman una región tienden a unirse con fines económicos, para enfrentar el fenómeno de la globalización con mayores posibilidades de éxito.

La economía actual

La economía actual se caracteriza por:

- **El predominio del sistema capitalista**, basado en la propiedad privada de los medios de producción.

Es esencialmente un «capitalismo de empresas» y de libre mercado.

Las políticas económicas nacionales lejos de ser autónomas han pasado a tener una estrecha dependencia mutua. Se agrega al peso tradicional de los gobiernos en las decisiones financieras,

aquel que surge de la propia dinámica de los capitales que a veces son opuestas a las decisiones políticas de los estados.

En un contexto de integración financiera internacional, toda divergencia en las políticas económicas puede ocasionar movimientos especulativos de capitales que provocan y agravan desequilibrios existentes.

Por ejemplo, la crisis que comenzó en octubre de 1997, en el sudeste asiático (Tailandia, Hong Kong) se propagó a toda el Asia, EE.UU, Europa y Latinoamérica afectando fundamentalmente a Brasil.

- **La globalización e internacionalización** tanto de los productos como de los capitales.

- **Una nueva división internacional del trabajo** que sustituye a la existente desde el siglo XIX, que dividía a los países en productores de materias primas, economías agroexportadoras y en países industrializados, exportadores de manufacturas y capitales.

- **Una economía frágil**, por la inestabilidad monetaria y las maniobras especulativas.

- **El aumento de la inversión en el extranjero** fundamentalmente dentro del área de las regiones más desarrolladas del mundo: el sudeste asiático con Japón, los EE.UU y Europa.

Economía mundial de 1950 a 1980

«LOS AÑOS DORADOS»

La década de posguerra se caracteriza desde el punto de vista económico por la recuperación europea y por la supremacía de EE.UU, el Reino Unido, Francia y la URSS a lo que se agrega el restablecimiento de los vencidos de la guerra: Japón y Alemania. Esta situación activó la competencia entre los estados y según muchos economistas, **el período entre 1950 y 1973 fue una época de expansión que se vio acompañada también por una política de pleno empleo, de bienestar y seguridad social.**

Fue una época de **libre comercio, de libertad de movimiento de capitales y estabilidad cambiaria, en la que dominaba el dólar** y los Estados Unidos.

Multinacionales

La economía se volvió cada vez más **trasnacional**, desarrollándose **las compañías multinacionales, sociedades que poseen y controlan medios de producción y servicios fuera del país en que están establecidas.** Su función era «internacionalizar los mercados más allá de las fronteras nacionales» es decir, ser independientes de sus estados de origen y sus territorios.

Esta tendencia de las empresas y de las transacciones comerciales y financieras a emanciparse de los estados se hizo más pronunciada a medida que la producción industrial se trasladó fuera de los países europeos y de EE.UU.

En la década de los 90, las empresas más grandes del mundo aumentaron sus beneficios duplicándolos, aunque prescindieron de más de 400 mil trabajadores al año, en el mismo período.

Nueva división internacional del trabajo

La mundialización de la economía ha acentuado la división internacional del trabajo, que concentra las actividades altamente especializadas (ciencia y técnica, finanzas, gestión y administración) en los países del «norte» y las actividades industriales y manuales con fuerte exigencia de mano de obra en el «sur».

Las grandes empresas instalaron sus fábricas en lugares fuera de los tradicionales centros industriales, donde existía mano de obra barata especialmente joven y femenina, sin importarles las reglamentaciones sociales, sindicales y fiscales del país. Por ejemplo, la empresa General Motors, tiene previsto cerrar 20 fábricas en EE.UU, pero se ha convertido en el mayor empresario de México y de Europa Oriental donde invirtió 690 millones de dólares en una planta de ensamblaje de autos porque consideran que «en la mayoría de los países de Europa Oriental los trabajadores son más educados y tienen disposición de aprender; tenemos allí mano de obra barata y bien capacitada».

El desarrollo de las comunicaciones hizo posible y económicamente viable dividir la producción de un artículo (por ej. un auto) entre lugares tan distantes como Detroit, Brasil y Tailandia, transportando el producto parcialmente acabado entre estos centros y dirigiendo en forma centralizada el proceso de producción en su conjunto graciaAs a la moderna informática. La cadena de producción no está más en un lugar fijo sino en el mundo entero.

Actividades «offshore» (extraterritoriales)

Otra novedad de estos años fue la práctica de registrar la sede legal de un negocio financiero o industrial en países pequeños, que permiten a los empresarios evitar los impuestos y limitaciones, que les imponen en sus países de origen. Estos «paraísos fiscales» como Curaçao, Panamá, Islas Vírgenes, etc., se prestan fundamentalmente para transacciones financieras.

CRISIS DE LOS 70.

Hacia fines de 1974, el «boom» de los «años dorados» finalizó. Los años siguientes serán de crisis, no recuperando la economía mundial su anterior ímpetu. Los economistas no se han puesto de acuerdo sobre sus reales causas: la magnitud de la crisis recién se pudo evaluar en la década de los 80. Puede ser una interpretación simplista atribuirla solamente a la crisis ocasionada por la suba del precio internacional del petróleo.

¿HACIA DÓNDE VA LA ECONOMÍA MUNDIAL?

A partir de 1975, la producción industrial y el comercio se redujeron un 10%, es decir, la producción mundial no quebró pero se enlenteció.

El rasgo más destacado de esta nueva situación es el **aumento de las desigualdades sociales y económicas**, **el paro y el desempleo.** Los puestos de trabajo perdidos no se volvieron a recuperar más. Las industrias emigraron de los países con salarios elevados a países con salarios bajos abandonándose los antiguos centros, como ya vimos.

Otra manifestación de la crisis fue el **aumento de la deuda externa.** Durante este período el sistema bancario internacional estimuló a los llamados países «emergentes» a pedir prestado para emprender obras que mejorasen su infraestructura. Los gobiernos se endeudaron mucho y en 1980, había países cuya deuda era superior a todo su producto bruto interno (PBI). En 1991

Brasil, Argentina y México tenían deudas entre 60 y 110 miles de millones de dólares.

El problema se planteó cuando los países no pudieron pagar la deuda y el sistema económico mundial estuvo al borde del colapso en lo que se llamó «crisis de la deuda».

Los países deudores intentaron solucionar el problema privatizando las empresas estatales con la finalidad de obtener así dinero, pero no tuvieron éxito.

Actualmente la solución parece ser buscar una nueva refinanciación de la deuda con la obtención de nuevos préstamos que permitirían pagar lo atrasado. Estos préstamos se obtienen con la condición de que se realicen una serie de reformas económicas que tiendan a mejorar la gestión de los países deudores, como el recorte de los gastos del Estado y de las políticas sociales fundamentalmente la salud y la educación. También se proponen: cambios en las producciones nacionales favoreciendo la producción de alimentos para la exportación, reducción de salarios, privatización de las industrias estatales, favorecer las inversiones extranjeras eliminando las reglamentaciones al comercio y a la inversión.

Es posible que ningún país acabe pagando toda la deuda pero, los acreedores exigen que al menos se paguen los intereses.

En un futuro inmediato se deberán buscar los medios que lleven a establecer una nueva cooperación mundial para que los países pobres saquen provecho de la mundialización y se eliminen las tensiones que suscitan las desigualdades del desarrollo internacional.



La crisis financiera en la bolsa de México (enero de 1995)

AMPLIAMOS INFORMACION

Algunas organizaciones internacionales estatales y financieras

Banco Interamericano de Desarrollo (BID)

Fundado en diciembre de 1959. Paises miembros: los miembros de la Organización de Estados Americanos (OEA). El objetivo primario del BID es el de ofrecer créditos para proyectos de desarrollo de infraestructura y asistencia técnica en los países miembros. El gobierno de EUA es el principal contribuyente a los recursos del Banco. Desde 1976, los Estados no-americanos también pueden pertenecer al BID.

Fondo Monetario Internacional (FMI)

Organismo especializado de la ONU, el FMI fue creado en 1944 por los Acuerdos de Bretton Woods. Su objetivo es el mejoramiento del sistema internacional de pagos. Ofrece líneas de crédito para los gobiernos, condicionadas a ciertos compromisos en sus políticas económicas y fiscales. La capacidad de voto en el proceso de la toma de decisiones del FMI está determinada por la contribución de capital del país miembro, lo que significa que sus políticas están controladas por las naciones más ricas del mundo.

En la actualidad el FMI tiene 165 miembros, entre ellos Rusia y 11 países que integraban la ex Unión Soviética (miembros desde 1o. de junio de 1992).

Banco Mundial
(BM - BIRF)

Un organismo especializado de la ONU, el Banco Internacional de Reconstrucción y Fomento fue creado en 1944 por los Acuerdos de Bretton Woods. Tiene como fin fomentar el comercio internacional y el desarrollo económico mediante préstamos y asistencia técnica. La capacidad de voto (en las decisiones del Banco) está determinada por la contribución de capital de cada país a los recursos del Banco, que en definitiva significa que el control del Banco lo ejercen los países más ricos del mundo. En 1971, el BM tenía 171 miembros, incluyendo a Rusia y 12 repúblicas más pertenecientes a la ex Unión Soviética (que se adhirió el 1o. de junio de 1992).

El grupo BM también incluye a tres organizaciones complementarias: la Asociación de Desarrollo Internacional (IDA), fundada en 1960; la Corporación Financiera Internacional (IFC), creada en 1956; y el Organismo de Garantía de las Inversiones Multilaterales (MIGA), que se creó en 1985 y goza de autonomía en relación al BIRF.

Organización Mundial del Comercio (OMC)

Creada en 1994 en sustitución del Acuerdo General sobre Aranceles y Comercio (GATT). Establecida el 1o. de enero de 1995, es la fundación legal e institucional del sistema de comercio multilateral. Los miembros de la OMC han convenido concordar «arreglos recíprocos y mutuamente beneficiosos para reducir sustancialmente los aranceles y otras barreras al comercio y la eliminación del tratamiento discriminatorio en las relaciones comerciales internacionales».

Grupo de los Quince
(G - 15)

Fundado en 1990, en Kuala Lumpur. Países miembros: India, Indonesia, Malasia, Argelia, Senegal, Zimbabwe, Argentina, México, Perú, Venezuela, Yugoslavia, Brasil, Nigeria, Egipto y Jamaica. Su objetivo es promover la cooperación y la consulta entre todos los países del Tercer Mundo, para enfrentar los problemas comunes y coordinar sus posiciones ante los organismos internacionales.

Grupo de los Siete (G-7)

Inaugurado en 1975, reúne a los siete países más industrializados: Alemania, Canadá, Estados Unidos, Francia, Italia, Japón y el Reino Unido. Su objetivo inicial era coordinar las políticas económica, financiera y comercial, pero las reuniones cumbre del G7 consideran de hecho todos los problemas de la política internacional (armas, energía, deuda externa, tecnología, etc.). En 1994, Rusia fue invitada a participar de esas reuniones.

Fuente: Guía del Mundo, 1998

Mercados Mundiales

El mundo tiende a una globalización con economías abiertas, y eso obliga a que los países se unan. Como ejemplos tenemos los diferentes mercados regionales que se han formado y continúan haciéndolo, y que a su vez se comunican entre sí.

Algunos mercados regionales.

UNIÓN EUROPEA: Benelux (Bélgica, Holanda, y Luxemburgo), Italia, Alemania, Francia, Reino Unido, Irlanda, Dinamarca, Grecia, Portugal, España, Austria, Finlandia y Suecia.

MERCOSUR: Uruguay, Brasil, Argentina, Paraguay.

NAFTA: integrado por Canadá, EE.UU. y México. Creado en diciembre de 1992.

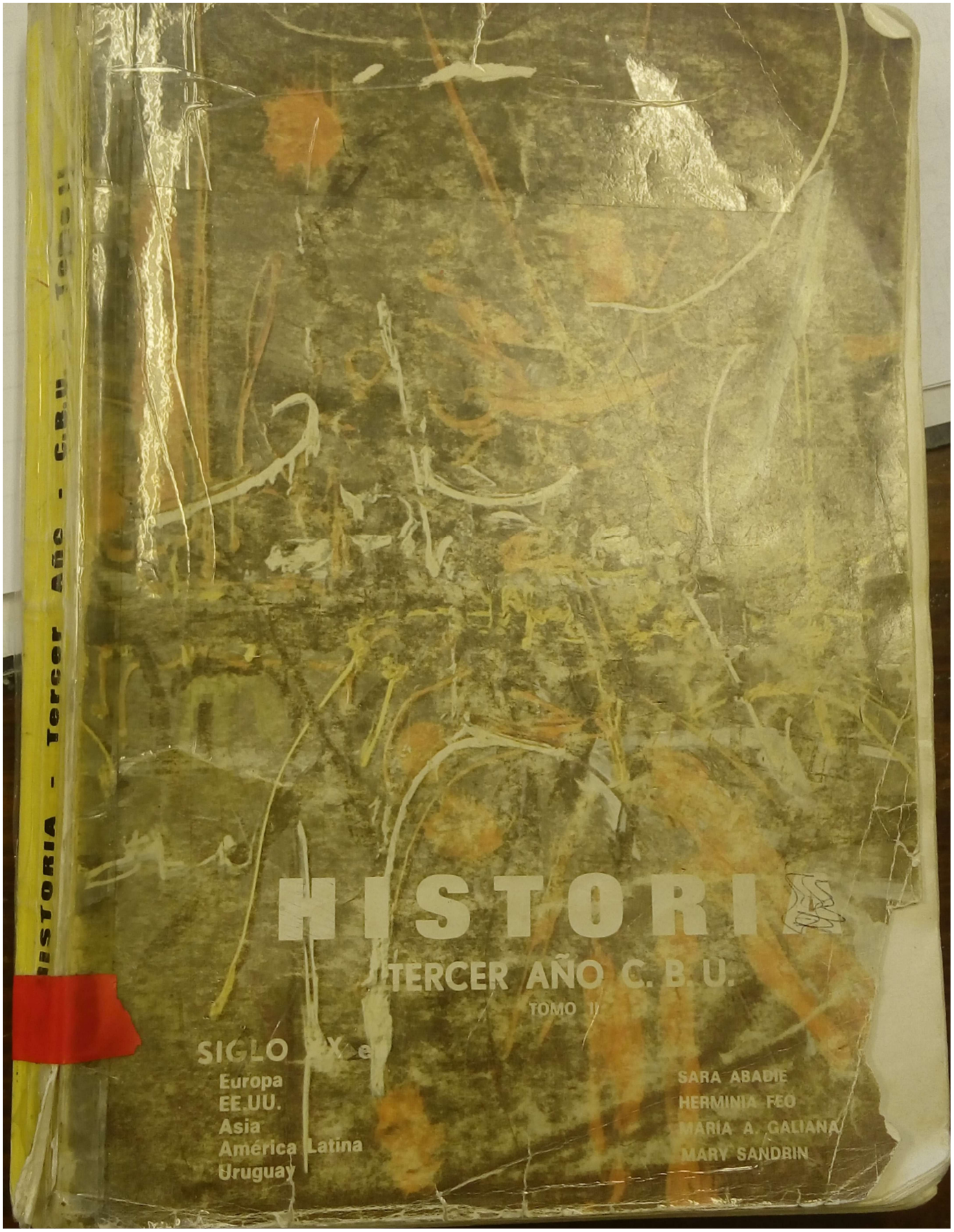
MCCA: Mercado común centroamericano. Creado en 1960, e integrado por El Salvador, Guatemala, Honduras, Costa Rica y Nicaragua.

PACTO ANDINO: creado en 1969 e integrado por Perú, Bolivia, Ecuador, Venezuela y Colombia.

LIGA ARABE: creada en 1965 e integrado por Arabia Saudita, Argelia, Bahrain, Emiratos Arabes Unidos, Egipto, Yeme, Iraq, Jordania, Kuwait, Líbano, Libia, Marruecos, Mauritania, Omán, Qatar, Siria, Somalia, Sudán, Tunez, Djibouti y Palestina.

ASEAN: Asociación de Naciones del Sudeste Asiático, formada en 1967, e integrada por Filipinas, Indonesia, Malasia, Singapur y Tailandia.

CARICOM: Comunidad del Caribe, creado en 1966 y comprende las islas de Antigua, Barbados, Jamaica, Trinidad y Tobago, San Cristóbal, Anguila, Dominica, Granada, Montserrat, Santa Lucía y San Vicente; además Guyana y las islas Bahamas.


HISTORIA - Tercer Año - C.B.U. Tomo II
HISTORIA
TERCER AÑO C. B. U.
TOMO II
SIGLO XX e
Europa
EE.UU.
Asia
América Latina
Uruguay
SARA ABADIE
HERMINIA FEO
MARIA A. GALIANA
MARY SANDRIN

Ciencia y Tecnología: un campo en continua transformación

En el siglo XX se producen **cambios** tan trascendentes, **que se revolucionó el campo científico - tecnológico,** así como nuestro modo de vida y la sociedad misma.

Trabajo de los científicos

Los **científicos** de este siglo, **abarcan** todos **los campos del saber,** desde la investigación y exploración del Universo, hasta el estudio del átomo y los procedimientos que llevaron a su desintegración, para aprovechar su energía, ya sea con fines bélicos (bomba atómica) o pacíficos (medicina nuclear).

En la actualidad, viven el 90 % de los científicos que existieron en la historia de la humanidad.

La complejidad de la ciencia moderna y el costo de su investigación, hacen **imposible el trabajo aislado** del antiguo sabio de laboratorio; **se impone el trabajo en equipo,** que auna esfuerzos y permite compartir laboratorios de costos millonarios.

El desarrollo científico y técnico proporciona al hombre elementos capaces de provocar su autodestrucción.

Otra característica de **la ciencia contemporánea** es que a diferencia de la ciencia en el siglo pasado, que elaboraba teorías a partir de la observación, **elabora teorías a partir de problemas matemáticos o metafísicos,** que luego demuestra experimentalmente.

Uno de los más grandes científicos del siglo: Alberto Einstein

Alberto Einstein (1880 - 1955), revolucionó la Física con la **Teoría de la Relatividad** que cambió el concepto de tiempo, dándonos la idea que el **tiempo es relativo;** es una variable que depende de la posición y de la velocidad del espectador. Así, muchos conceptos que podrían parecernos de ciencia ficción tienen un fundamento científico, aunque no se hayan llevado a la práctica todavía; por ejemplo, mientras que para los habitantes de la Tierra pasarían 50 años, para los tripulantes de un cohete espacial transcurriría sólo un año, en el mismo lapso.

También con sus teorías **cambió el concepto y la forma del Universo.**

Algunos avances significativos de la ciencia y la técnica

La "conquista" del Espacio

La **exploración y conquista del Espacio** por el hombre, simboliza **uno de los logros más importantes de la Historia de la Humanidad.**

La era espacial, verdadera "guerra de las Galaxias" en que se han embarcado las dos superpotencias, **comenzó en 1957,** cuando fue lanzado al espacio el **Sputnik 1, primer satélite no tripulado soviético.**

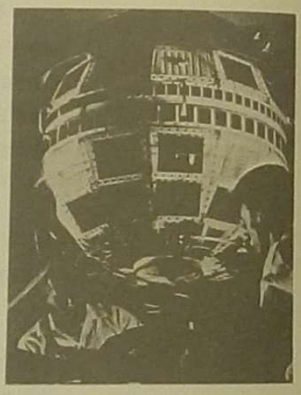
Carrera espacial

En 1958, fue puesto en órbita el **Explorer norteamericano.** Estaba en marcha la "carrera espacial".

En abril de 1961, el soviético **Gagarin,** de 27 años, fue **la primera persona enviada al espacio.** Su nave, el Vostock 1, dio vuelta a la Tierra en 108 minutos, a 29.000 km por hora.

Sus palabras, al ver la Tierra desde el espacio se hicieron mundialmente famosas: "¡La Tierra es azul!", exclamó.

En febrero de 1962 ,a menos de un año de la experiencia de Gagarin, **John Glenn fue el primer astronauta norteamericano que realizó con éxito su viaje espacial.** Su nave dio tres vueltas a la Tierra y amerizó éxitosamente a las cinco horas de haber sido lanzada al Espacio.



Satélite de comunicaciones

Viaje a la Luna

En 1965, norteamericanos y soviéticos comenzaron a preparar el **viaje a la Luna,** que se llevó a cabo en **julio de 1969.**

Los astronautas norteamericanos **Neil Armstrong, Edwin Aldrin y Michael Collins,** lo llevaron a cabo en la famosa Apolo 11.

Armstrong y Aldrin **bajaron a la superficie lunar, tomaron varios trozos de rocas, realizaron experimentos científicos y enviaron imágenes televisivas a la Tierra,** las que fueron vistas vía satélite en todo el mundo. **Permanecieron en la Luna por 21 horas y media.**

Permanentemente se envían sondas para conocer el Universo, satélites artificiales para estudiar la atmósfera, y la meteorología, así como establecer nuevos sistemas de comunicación y estrategia militar.

Desde ese momento, los **viajes espaciales** no han cesado; sus **metas y objetivos** son **cada vez más ambiciosos** y se han enviado naves no tripuladas a Marte y Saturno.

En la actualidad, norteamericanos y soviéticos, culminando la carrera espacial, iniciaron una era de cooperación para la exploración e investigación del espacio.

Otro avance de la ciencia: la medicina

Nuevas técnicas

En la medicina, **el perfeccionamiento de los aparatos y de las técnicas** como los Rayos X y ecografías — que permitieron visualizar el interior del cuerpo humano —, la anestesia, el rayo laser, etc., **posibilitaron diagnosticar y luchar con mayor precisión contra las enfermedades.**

El laser es un haz de ondas luminosas mil veces superior a la luz solar. Se aplica en la cirugía de retina o de tumores cancerígenos.

Vacunas

Las **vacunas y los antibióticos** derrotaron enfermedades mortales, siendo uno de los ejemplos más destacados, la invención de la penicilina, descubierta por Alejandro Flemming en 1928, pues permitió combatir infecciones y enfermedades antes mortales como la tuberculosis.

Cirugía

La cirugía logró gran avance, gracias al desarrollo de las técnicas quirúrgicas, siendo entre otros, ejemplos destacados los **transplantes de órganos,** como el de corazón, realizado por Barnard en 1967, así como también, transplantes de riñón, médula ósea, etc.

A partir de 1978, la **fecundación in vitro** (fuera del útero materno) permitió el nacimiento del primer bebé de "probeta".

Medicina psicosomática

La medicina psicosomática tuvo su punto de partida en el **psicoanálisis,** que permitió un **conocimiento más profundo del hombre y su inconsciente,** posibilitando así curar enfermedades que tienen su origen en trastornos anímicos.

El profesor **Sigmund Freud,** tuvo en el campo del psicoanálisis la misma importancia que Einstein para la ciencia moderna.

Biotecnología

La **biotecnología** es otro campo de investigación reciente. Se **descubrió** la **estructura molecular**

"Chips"

Este adelanto fue posible, a partir de 1975, gracias a las microprocesadoras —**los chips**—, que abarataron la informática haciéndola un artículo de consumo personal y provocó un cambio trascendental en la cultura contemporánea.

El año 1975 se considera el comienzo de la "revolución de las computadoras".

¿Cómo son los chips?

Son **muy pequeños** —un centímetro de superficie y un milímetro de espesor, como una lenteja—; están **hechos de silicio y poseen una potencia de proceso muy superior** a los primitivos ENIAC.

En 1979 en un chip se podían almacenar 10.000 palabras, más o menos el contenido de un diario; hoy pueden almacenar 100.000 palabras, o sea el contenido de una novela.

Los investigadores están tratando de lograr almacenar más de 1.000.000, es decir el contenido de una pequeña biblioteca.

Actualmente las computadoras se aplican en todos los campos; en el de la creatividad, pueden componer música, con un programa de sencillas instrucciones, diseñar desde un electrodoméstico a un avión y hasta componer recetas de cocina.



La informática en las tareas domésticas

La robotización

Los **robots, máquinas electrónicas de brazos articulados, reciben órdenes mediante impulsos eléctricos.** Realizan trabajos en fábricas y laboratorios; pueden tomar decisiones, avanzar, retroceder y evitar obstáculos.

En 1983, había 30 mil robots en el mundo, de los cuales 13 mil estaban en Japón.

Los robots no sólo pueden solucionar las tareas más pesadas sino que **aumentan la producción y son más precisos, rápidos y seguros que el hombre** que realiza las mismas tareas.

La telemática

La telemática surge de la **combinación de la informática y las técnicas de telecomunicación**. Logró transmitir mayor cantidad de información más rápidamente, posibilitada además, por la utilización de los satélites de comunicación, que permiten el contacto instantáneo entre puntos muy distantes.

Gracias a esto actualmente, ningún acontecimiento o información de importancia en el mundo es ignorado por el resto.

Los problemas de la sociedad contemporánea

Los problemas ecológicos

AMENAZA AL ECOSISTEMA

Los adelantos técnicos, que como acabamos de ver, otorgan tantos beneficios al Hombre, **producen,** por otra parte, usados indiscriminadamente, **una quiebra en el equilibrio que debe existir entre los seres vivos y su medio,** a la vez que constituyen una amenaza al ecosistema.

Agricultura

La quiebra del equilibrio se da en diversos campos; por ejemplo, en **la agricultura** donde las tierras de cultivo se agotan velozmente por el mal uso que se hace de ellas; al no solucionarse los problemas de erosión, se produce la desertificación de las mismas.

Talas de bosques

Asimismo, las **talas masivas de bosques** en procura de madera o de tierras para cultivar, sin pensar en una rápida reforestación, provocan serios trastornos, que tienen sus repercusiones hasta en los cambios climáticos.

Contaminación de las aguas

A esto hay que agregar la **contaminación de las aguas,** por los desechos de fábricas y frigoríficos que se instalan a orillas de ríos o arroyos provocando mortandad de peces y vegetales, a la vez que se hace imposible el uso de estas aguas por los seres humanos.

El aire también se contamina por efectos de las industrias y de los gases tóxicos que resultan perjudiciales para la salud humana.

La utilización de determinadas sustancias (sprays y gases) provocan el deterioro de la capa de ozono que cubre la Tierra.

Ciencias sociales 6



Historia, geografía y construcción de la ciudadanía

Ciencias sociales 6 es una obra colectiva creada y diseñada en el Departamento Editorial de Ediciones Santillana, bajo la dirección de **Alejandra Campos**, tomando como base los libros de Historia y Geografía 6 elaborados por el siguiente equipo:

Redactores:
Lucila Artagaveytia y Cristina Barbero (Historia)
Limber Santos (Geografía)

Proyecto didáctico y adaptación:
Juan Pedro Mir

Edición:
Carla Chiappara
Denise Mermelstein

Colaboración en imágenes:
Malvina Galván

Asesoría en Geografía:
Jacqueline Nielli

Colaboración especial:
Omar Adi y Patricia Pérez

SANTILLANA

14 Mundialización y globalización

Preguntas para andar

- ¿Globalización o mundialización? ¿A qué refiere el término «aldea global»? Todos hablamos de globalización, pero no siempre comprendemos a qué nos referimos exactamente. En este capítulo analizaremos el fenómeno desde un punto de vista sobre todo económico, pero también político y cultural.

Globalización... ¿de qué se trata?

Un niño en Nueva York y otro en Maldonado pueden mirar las mismas caricaturas, usar championes de la misma marca y jugar idénticos videojuegos.

En Villa del Carmen, departamento de Durazno, un criador de ovinos vacuna a sus animales con el mismo producto que utiliza otro criador en Bizkaia, País Vasco.

A una empresa que produce quesos en Santa María, Brasil, un banco de capitales ingleses le aprueba un crédito para renovar su maquinaria y así mejorar su producción.

Escenas como estas se suceden constantemente en estos tiempos. Tienen que ver con profundos cambios económicos, sociales, políticos y culturales. Algunos de estos aspectos se pueden explicar por los conceptos de **mundialización** y **globalización**.

Si consultamos el *Diccionario de la Real Academia Española*, el término mundialización tiene un significado muy general e impreciso: «acción y efecto de mundializar». Si buscamos la palabra mundializar, aparece como «hacer que algo alcance una dimensión mundial». Sin embargo el término globalización adquiere un significado mucho más concreto y aparece relacionado con un fenómeno en particular: «tendencia de los mercados y de las empresas a extenderse, alcanzando una dimensión mundial que sobrepasa las fronteras nacionales».

Los dos términos pueden entenderse como sinónimos, aunque más frecuentemente utilizamos globalización. ¿A qué nos referimos?

Lo que sucede en un lugar del mundo tiene efectos en otras regiones, aun en las más alejadas.

Todos los países y regiones están comunicados entre sí, por tanto muchas situaciones que antes podían entenderse dentro de un territorio limitado adquieren un carácter global.

La globalización es un gran proceso mundial que se manifiesta en elementos económicos, tecnológicos, sociales, culturales y políticos.

Muchos autores se refieren a este mundo globalizado como la **aldea global**.

Taller de Geografía

Etapas del proceso de mundialización

En geografía muchas veces un esquema gráfico ayuda a comprender fenómenos tan complejos como los de mundialización y globalización. Es una herramienta que sintetiza información y permite visualizar claramente los alcances de un proceso. En este caso se presenta una descripción en fases. Para cada una de ellas hay un gráfico que representa mediante símbolos los espacios aislados, los espacios conectados, los flujos económicos y de información, las fronteras y su apertura. Interpreta cada fase y descríbela con tus palabras.

© Santillana S.A. Prohibida su fotocopia. Ley 15.913

Los mercados internacionales

Si vas de compras a cualquier tienda, verás que los productos proceden de diversas partes del mundo. Esto es una evidencia que te permitirá entender cómo la globalización se vincula con el gran **aumento del comercio** entre los países del mundo. De esta manera se puede hablar de un crecimiento de la actividad de los mercados internacionales. En ellos se compran y venden productos y servicios.

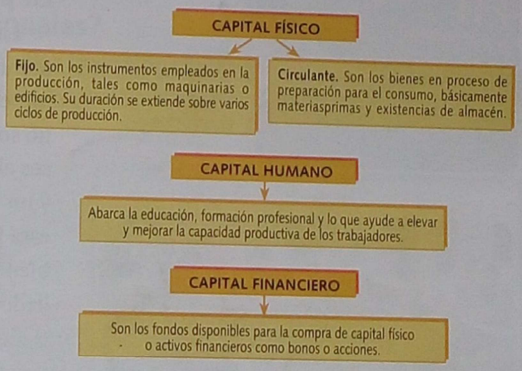
¿Qué caracteriza al comercio internacional y el crecimiento de sus mercados?

Crece la interdependencia económica entre los países: la economía de cada país depende mucho más que antes de aquello que puede vender o comprar en el mercado internacional.

Influyen de gran manera los avances tecnológicos en los medios de transporte de mercaderías, en las comunicaciones y en la circulación de la información. Esto permite que muchas empresas se abastezcan de materias primas y servicios provenientes de distintos puntos del planeta y lleguen con sus productos a muchos más lugares.

Los países y sus gobiernos no tienen posibilidades de tomar decisiones sin tener en cuenta lo que sucede en el resto de los Estados. Además se desarrollan nuevas instituciones internacionales que intentan construir acuerdos globales.

Si bien en los últimos años se ha dado un aumento importante del comercio entre las regiones del mundo, se mantiene la tendencia a la diferencia entre países que venden productos con mayor valor (productos de alta tecnología y con mayor cantidad de trabajo humano incorporado) y naciones y regiones que venden fundamentalmente productos primarios (de menor valor y por lo tanto menor trabajo incorporado).



Tipos de capital.



Sopa Gourmet
de verduras

Elaborado por
BARRACA
DEAMBROSI S. A.

Av. Gral. Rondeau 2257
Tel.: 2924 3218
CP 11800
Montevideo - Uruguay
IMM SRA N.° 0750/360

alimentos@deambrosi.com.uy
www.deambrosi.com.uy



Galletitas
Opera Bagley

DANONE Argentina

S. A., Ruta 7 kilómetro 704,
Villa Mercedes, San Luis

Importadores:
En Brasil:
Cía. Zaffaroni Com. e Ind. (...)
En Paraguay:
Ancla S. R. L. (...)
En Bolivia:
Happ y Cía. S. R. L.
En Uruguay:
Fort-Masis S. A.



Lámpara 25W
General Electric

Hecho en Chile por:
General Electric de Chile S. A.

Importador en
Argentina: GE Iluminación S. A.
Perú: GE Lighting Perú S. A.
Uruguay: Indunor S. A.

© Santillana S.A. Prohibida su fotocopia. Ley 15.913

El centro

De lo que comentamos en la página anterior podemos concluir que no todos los pueblos, países y regiones participan en los mercados internacionales en las mismas condiciones. La **globalización plantea desequilibrios**, de modo que mientras unos se enriquecen con el fenómeno, otros resultan perjudicados. Hay un centro económico mundial conformado por los países desarrollados, en particular el G7 o Grupo de los Siete: Alemania, Canadá, Estados Unidos, Francia, Italia, Japón y Reino Unido. A estos países hay que sumarles otros como China y Rusia que, según su PBI, se ubican también entre las primeras economías mundiales. Otro modo de describir esta centralidad es decir que las principales potencias económicas son Estados Unidos, la Unión Europea, China y Japón.



País del centro: Estados Unidos.



Japón, una de las primeras economías.

La periferia

La mayoría de los países del mundo son periféricos. Son economías menos desarrolladas y con mayores dificultades para integrarse a los mercados internacionales. Sin embargo las economías de la **periferia** no son todas iguales. Las **economías emergentes** corresponden a países altamente industrializados pero con grandes disparidades internas y un desarrollo económico y humano muy desigual. En esta condición está Brasil, que figura entre las primeras economías del mundo, y también México, India y Sudáfrica. Son países que no llegan a ser desarrollados pero tienen una fuerte presencia en los mercados internacionales; tienen un mercado interno en crecimiento pero también un fuerte endeudamiento externo.

Las **economías menores** corresponden a los países de ingresos medios y bajos. En los primeros hay mejores indicadores sociales y son economías en crecimiento, sobre todo por una incipiente industrialización y un fuerte sector de servicios. En los segundos hay mucha pobreza, economías basadas en el sector primario y escaso desarrollo tecnológico. Estas economías menores son proveedoras de materias primas; su desarrollo social y su infraestructura se basan en préstamos de organismos financieros internacionales que se localizan en los países de centro, por lo tanto, presentan una gran dependencia económica.



India es un país con contrastes.



País periférico: Brasil.

Comparte tus ideas

Analizo conceptos

¿Por qué se les dirá «centro» a los países más desarrollados y «periferia» a los países con menor nivel de desarrollo económico y social?

Las empresas multinacionales

Uno de los elementos que pueden ayudar a comprender el desarrollo de la globalización económica es la expansión de las empresas multinacionales. Son aquellas que se encuentran registradas en un país pero tienen **filiales** en otros. Algunos países intentan atraer a estas empresas para generar actividades productivas y puestos de trabajo, y con frecuencia les otorgan importantes ventajas.

Por otro lado, las grandes empresas toman en cuenta variados elementos, por ejemplo, acceder a materias primas, a mano de obra barata, a una reducción de impuestos y a la posibilidad de girar sus ganancias hacia las casas matrices que se ubican en los países centrales.

Vale decir que las cien empresas más grandes del mundo son responsables de más de un cuarto de la producción mundial. La mayoría de ellas tienen su origen en los países desarrollados, especialmente en Estados Unidos, en los países europeos y en Japón. Las filiales, en cambio, son localizadas sobre todo en **países periféricos**.

¿Cuál es la importancia de las empresas multinacionales?

Concentran capital, es decir, el dinero necesario para **desarrollar inversiones** y **nuevos productos y servicios**. Esto les da un gran poder de influencia, que a veces es mayor que el de los propios Estados soberanos.

Disponen de patentes y posibilidades de desarrollar productos. En cada una de las áreas donde intervienen desarrollan una importante investigación que les permite mejorar y cambiar los productos y servicios que venden.

Son vehículo de inversiones en diferentes países. Es por medio de muchas de estas empresas que los países reciben inversiones muy importantes para su economía.

La conveniencia o no para un país periférico de que empresas multinacionales se localicen en él es un tema que genera grandes discusiones.



Empresa Esso en Uruguay.

Taller de Geografía

En los países suelen producirse importantes discusiones sobre qué se debe hacer para promover o no la presencia de empresas multinacionales. Compartimos contigo algunos de los argumentos. Sin dudas, para comprenderlos en toda su complejidad y riqueza se necesita mucha información y estudio.

Por un lado, encontramos argumentos que sostienen que para cada nación o región es beneficiosa la presencia de estas empresas ya que generan puestos de trabajo para los pobladores, además de pagar (en promedio) mejores salarios que las empresas locales. También se afirma que de la mano con la inversión extranjera llega nueva tecnología que luego se expande al conjunto de la nación.

Por otro lado, están quienes afirman que no toda presencia de empresas transnacionales es beneficiosa, ya que muchas de ellas obtienen beneficios que no devuelven a los países en los que están instaladas, además de enviar a sus casas centrales el grueso de las ganancias.

Además, suele ocurrir que estos grandes emprendimientos multinacionales generan severos impactos ambientales, y en los últimos años se ha fortalecido el argumento de que los Estados deben cuidar el ambiente de este tipo de agresiones.



© Santillana S.A. Prohibida su fotocopia. Ley 15.913

Empresas globales

Ya hemos dicho que las empresas multinacionales, aunque tengan su casa matriz en los países centrales como Estados Unidos, la Unión Europea o Japón, tienen filiales en los países periféricos debido a que allí suelen encontrar mano de obra más barata, mejores condiciones fiscales para pagar menos impuestos, leyes laborales más permisivas y menores exigencias en cuanto al cuidado del ambiente. Además, las plantas industriales suelen ubicarse cerca de los lugares donde se extraen las materias primas para reducir costos. En ocasiones, el emplazamiento de estas industrias es cercano a los mercados de consumo, por lo que también en este caso se reducen costos de transporte. Los países periféricos buscan que las empresas se instalen en sus territorios por los puestos laborales que se crean, por lo cual compiten entre sí para atraer esas inversiones.

Las empresas multinacionales tienen mucho poder, sobre todo porque se reúnen en grandes grupos económicos que controlan extensos rubros de la producción y los servicios. Muchas grandes empresas tienen más poder económico que países enteros. En algunos casos, el poder es tan grande que influyen sobre los gobiernos y sus decisiones en materia política y económica.



Carteles publicitarios de numerosas multinacionales en Picadilly Circus, Londres.

Estas empresas también suelen llamarse **transnacionales**, debido a que las decisiones productivas y comerciales a gran escala siempre son determinadas en el país de origen y desde allí se condiciona a todas las filiales ubicadas en otros países.

Las empresas transnacionales dominan los espacios publicitarios en todo el mundo, marcando una fuerte presencia en los medios de comunicación y en el ámbito de los espectáculos, la televisión y los deportes. Muchas veces el producto que generan tiene varias fases que se ejecutan en diferentes países, ya que en todos los casos funcionan con una dinámica global cuyo escenario es el mundo.

Documentos

Las 200 multinacionales más poderosas dictan la política mundial

La cifra de negocio anual de las 200 mayores multinacionales supone, aproximadamente, la cuarta parte (26,3 %) de la producción mundial. Entre esas empresas transnacionales están: Shell, General Motors, Ford, Exxon, IBM, Mitsubishi, Toyota, Philip Morris, General Electric. Así, las sedes de estas 200 empresas se hallan en tan solo 17 países. Más de una tercera parte (74) son estadounidenses. Después de Estados Unidos, destaca Japón, seguido por Reino Unido, Francia, Alemania, Canadá e Italia, por lo que el G7 aglutina el 80 % de las multinacionales. Fuera de este grupo, solo Suiza, Corea del Sur, Suecia, Australia y Países Bajos pasan de la docena.

© Santillana S.A. Prohibida su fotocopia. Ley 15.913

En contacto: las comunicaciones a nivel mundial

El rápido desarrollo de las comunicaciones durante el siglo XX ha sido clave para la consolidación de la globalización. Antes de ese desarrollo tecnológico, los medios masivos de comunicación se limitaban a la prensa escrita y en particular a los periódicos. A fines del siglo XIX y principios del siglo XX estos tuvieron una enorme difusión. Pero el desarrollo del telégrafo cambió la manera de transmitir la información a larga distancia, incluso entre los continentes. Luego el teléfono, la radio y más tarde la televisión completaron un panorama de grandes inventos que cambiaron para siempre las comunicaciones en todo el mundo. Excepto el telégrafo, todos siguen vigentes en la actualidad, pero con un grado de **desarrollo tecnológico** que se corresponde con tecnologías asociadas y que están a su servicio: las **transmisiones satelitales**, los receptores portátiles, la telefonía celular, la informática e internet.

En la actualidad nos llega información sobre acontecimientos que suceden en cualquier parte del mundo en forma inmediata y por diversos medios. La radio y la televisión siguen teniendo plena vigencia, tanto sea en sus transmisiones tradicionales como por internet, lo cual implica mecanismos interactivos y multimedia. La televisión mueve un enorme mercado de consumo de espectáculos, cine, audiovisuales, información y transmisiones deportivas, con mucho dinero involucrado por concepto de publicidad, derechos televisivos y facturas de usuarios de televisión para abonados.



Estudio de televisión en España.

Los **grandes medios masivos de comunicación** también son controlados por grandes empresas multinacionales. Estas concentran en pocas manos la producción de contenidos, por lo que no siempre es posible acceder a diversas versiones informativas de los acontecimientos, al menos si consultamos los diarios y la televisión. Sin embargo, internet y algunas radios, principalmente las comunitarias, ofrecen formas de valorización de las culturas locales o puntos de vista alternativos a los hegemónicos.



Radio Comunitaria Universo de Montes FM 91.7 (Canelones, Uruguay).

Comparte tus ideas

Comunico por diferentes medios

Seguramente en el correr del año en tu clase se realizan actividades muy interesantes, desde la construcción de proyectos, hasta salidas didácticas; desde entrevistas a personajes relevantes de tu zona, hasta la investigación de diversos temas y problemas. ¿Por qué no comunicarlos a través de un programa de radio para compartir en el recreo de tu escuela?

En la XO tienes programas de edición musical y puedes grabar las voces necesarias para darle contenido a tu proyecto.

© Santillana S.A. Prohibida su fotocopia. Ley 15.913

En viaje: los transportes a nivel mundial

El transporte, tanto de pasajeros como de carga, también ha sufrido un proceso revolucionario en las últimas décadas. Hoy en pocas horas podemos estar en cualquier lugar del mundo ya que el **transporte aéreo** de pasajeros une todos los puntos del planeta. Desde que nació la aviación a principios del siglo XX, su desarrollo y crecimiento no se ha detenido. En la actualidad, la infraestructura en aviones y aeropuertos alcanza un gran avance, sobre todo en las grandes rutas aéreas del mundo. Pero el transporte aéreo de carga resulta muy caro y se utiliza sobre todo para el correo postal y las cargas urgentes. Precisamente, la velocidad es la principal característica de este transporte. Además de su alto costo, otras desventajas se relacionan con el impacto ambiental por el alto consumo de combustibles fósiles.

El **transporte terrestre** se manifiesta de diversas maneras: el transporte carretero, el transporte ferroviario y el transporte subterráneo. El transporte carretero se desarrolló fuertemente a partir de la invención del automóvil, lo cual disparó el desarrollo de una extensa red vial, sobre todo en los países desarrollados. En los países subdesarrollados la mayoría de las carreteras están sin pavimentar y en mal estado, ya que su construcción y mantenimiento tienen un alto costo. En las ciudades, la intensa circulación del transporte terrestre provoca problemas de congestionamiento y contaminación sonora y del aire. En países como el nuestro la flota de camiones es la forma predominante del transporte de carga. Sin embargo en los países desarrollados, el ferrocarril ha tenido un gran avance tanto para transportar mercaderías como para transportar pasajeros. Tiene un menor costo económico y un menor impacto ambiental. En Europa, Japón y Estados Unidos, las líneas de alta velocidad compiten incluso con los aviones como el medio de transporte para cortas y medianas distancias. El transporte subterráneo es muy utilizado para el traslado de pasajeros dentro de los centros urbanos de muchos países.

El **transporte naval** puede ser fluvial o marítimo. El primero es el que se desarrolla a lo largo de los ríos. El segundo es el que surca los mares y océanos y es el que más se utiliza para grandes volúmenes de carga en todo el mundo. Los grandes barcos cargueros transportan las mercaderías en contenedores, lo cual requiere una compleja logística de almacenamiento y distribución.

Transporte naval: barco carguero.





Transporte aéreo: avión comercial.



Transporte terrestre: ferrocarril.

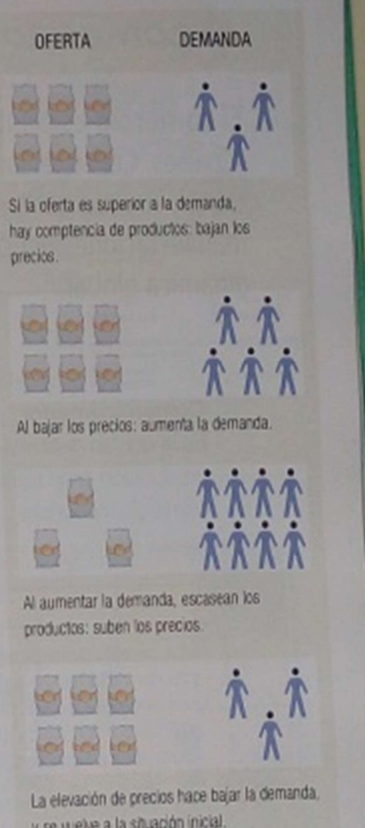
© Santillana S.A. Prohibida su fotocopia. Ley 11.913

¿El mercado regulado? La oferta y la demanda

El mercado de compra y venta de productos, bienes y servicios plantea vaivenes de precios. Esto sucede en el comercio interno, cuando vemos que los precios de los productos que compramos en el almacén suben o bajan según la época y de acuerdo con diversas variables. Lo mismo ocurre en el comercio internacional: no siempre un país obtiene buenos precios al vender sus productos y muchas veces debe pagar caro los productos que compra. Un ejemplo es lo que sucede con el petróleo. Uruguay necesariamente debe comprarlo, por lo que está sometido a un mercado que a veces fija precios excesivamente altos para ese producto. Eso determina, en nuestro país, un encarecimiento de productos derivados, como los combustibles, y de ciertos servicios, como el transporte público.

¿Por qué los precios suben o bajan? Hay muchas explicaciones; la tradicional está formulada como la **ley de la oferta y la demanda**. Es una ley que explica la formación y variación de los precios en el marco de un mercado en el que se da una competencia. La demanda es la necesidad o solicitud de los consumidores de adquirir ciertos productos. La oferta es la disponibilidad y ofrecimiento de ese producto en el mercado. Cuando la demanda de un producto supera la oferta el precio aumenta, cuando la oferta de ese producto supera la demanda el precio disminuye. Veámoslo con un ejemplo sencillo. Si en el mercado mucha gente quiere comprar limones y la producción ha sido escasa, habrá pocos limones y estos estarán a un precio muy alto. Con el tiempo, los altos precios van haciendo disminuir la demanda, es decir, se consume menos cantidad, se compran menos limones. Por lo tanto, quedarán más para vender. Cuando haya más limones a la venta, su precio disminuirá y esto provocará a su vez un aumento de la demanda: la gente volverá a consumir ya que el costo ha bajado.

Muchos piensan que este sistema de libre competencia, sometido a las leyes de la oferta y la demanda, es perfecto. Sin embargo, hay quienes niegan que el mercado pueda regularse solo, sin que los Estados deban aplicar controles y regulaciones. De hecho, los Estados lo hacen: fijan precios y toman otras medidas proteccionistas, por ejemplo, subvencionan determinados sectores.



El libre juego de la oferta y la demanda
Esta gráfica ilustra el juego de la oferta y la demanda. Los sacos representan el producto que se pone en oferta; los compradores representan a los que están dispuestos a adquirir el producto.

Comparte tus ideas

Investigo sobre precios fijados por el Estado

Averigua qué productos están regulados por una tarifa única para todos los comercios del país; te sugerimos ir al comercio más cercano y preguntar sobre este tema. ¿Por qué crees que se hace esto?



Góndola de supermercado.

© Santillana S.A. Prohibida su fotocopia. Ley 15.913
© Santillana S.A. Prohibida su fotocopia. Ley 15.913

Compro y vendo: el comercio a escala mundial

El **comercio** es el intercambio de productos, bienes y servicios entre personas, instituciones o países. Consiste en la compra y la venta tanto dentro de los países como a nivel internacional, cuando quienes comercian son los países o los bloques económicos. Veamos algunas manifestaciones del comercio para comprender de qué manera se ha consolidado en la dinámica global.

Comercio interior

Es el que se desarrolla dentro de las fronteras de un país. Consiste en la distribución de la producción en el territorio hasta su venta a los consumidores finales. Se puede clasificar en comercio mayorista y comercio minorista.

Mayorista

Es el comercio que se desarrolla entre el productor y los intermediarios, que compran los productos para venderlos a su vez a los consumidores. Los intermediarios adquieren y manejan grandes volúmenes que luego distribuyen.





Comercio ambulante.



Locales comerciales pequeños.



Supermercados.

Minorista

Es el comercio que se da entre el vendedor y el consumidor final. Se manejan volúmenes más pequeños, aunque en la actualidad el comercio minorista ha incorporado también a las grandes superficies comerciales.



Hipermercado, gran superficie comercial.

© Santillana S.A. Prohibida su fotocopia. Ley 18.913

Comercio exterior

El comercio exterior o internacional es el que se da entre los países. Se puede medir en cada uno de ellos con una herramienta denominada balanza comercial. En el mapa podemos ver los flujos comerciales más importantes en el mundo, que se dan entre Estados Unidos, la Unión Europea, Japón y el resto del mundo.



Balanza comercial

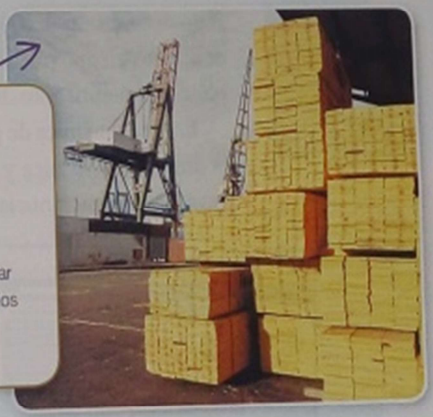
Es la diferencia entre lo que un país vende y lo que compra. Las ventas de cada país se llaman exportaciones y las compras que un país hace a otros se llaman importaciones. Si las exportaciones superan a las importaciones, la balanza comercial es positiva. Si las importaciones superan a las exportaciones, la balanza comercial es negativa. Como vemos en el mapa, son pocos los países del mundo que tienen una balanza comercial positiva.

Características del comercio global

Rápido crecimiento
El volumen de productos que se compran y se venden crece en forma acelerada.



Logística de almacenamiento y transporte
Se deben tener y gestionar grandes lugares donde guardar los productos y medios de transportarlos.



Creación de bloques comerciales
Los países se unen entre sí para comerciar en forma conjunta.





Sede del Banco Mundial en Washington.

Dominio de los países desarrollados
El comercio global es controlado por los países más ricos.

- Realiza un listado de comercios que están cerca de tu casa. Clasifícalos de acuerdo a los tipos de comercio que aprendiste en estas páginas.

© Santillana S.A. Prohibida su fotocopia. Ley 15.913

HISTORIA IV

EL MUNDO ACTUAL



PILAR CORRAL
BEATRIZ AMESTOY
ALFREDO DECIA
LYDIA DI LORENZO

Santillana

De la bipolaridad a la globalización

La evolución social de los países capitalistas, desde la posguerra, se produjo en dos etapas sucesivas: la primera llegó hasta la década del setenta, fue la plenitud de la sociedad industrial, cuyas primeras bases habían sido colocadas a lo largo del siglo XIX; la asociación de la revolución científica y el crecimiento económico consolidó la sociedad del bienestar, con la consiguiente expansión de las clases medias. La segunda etapa comenzó cuando se empezó a manifestar la crisis económica de aquellos años, como algo más que un suceso económico; la crisis de la sociedad industrial clásica se vio como una crisis global o crisis de la civilización, naciendo la idea de un nuevo modelo social: la sociedad postindustrial.

Al acercarse el final del siglo, los cambios se siguieron sucediendo: la caída del muro de Berlín fue el símbolo del final de la Guerra Fría, del sistema bipolar que significaba para los individuos reglas de juego claras y cierto grado de seguridad para los que se integraban en las filas de uno de los dos sistemas.

Con la desintegración de la URSS, desapareció la bipolaridad y con ella la pérdida de esa aparente "seguridad". Con el advenimiento de la globalización y la regionalización, el hombre moderno va perdiendo cada día más su individualidad, ya no es el centro del mundo (singular o colectivamente) sino que ha sido absorbido por la sociedad global.

Ha surgido la "economía-mundo", tanto entre las naciones como por encima de ellas. El capital ha ido perdiendo su característica nacional para adquirir una connotación internacional, con nuevas condiciones y posibilidades de reproducción.

Las naciones que integraban el mundo socialista, se convirtieron con el cambio radical de las economías, en zonas para inversiones, asociaciones de capital y transferencias de tecnología.

Las multinacionales y los grandes inversores financieros controlan importantes parcelas de los mercados mundiales que escapan de las manos de los gobiernos por poderosos que estos sean.

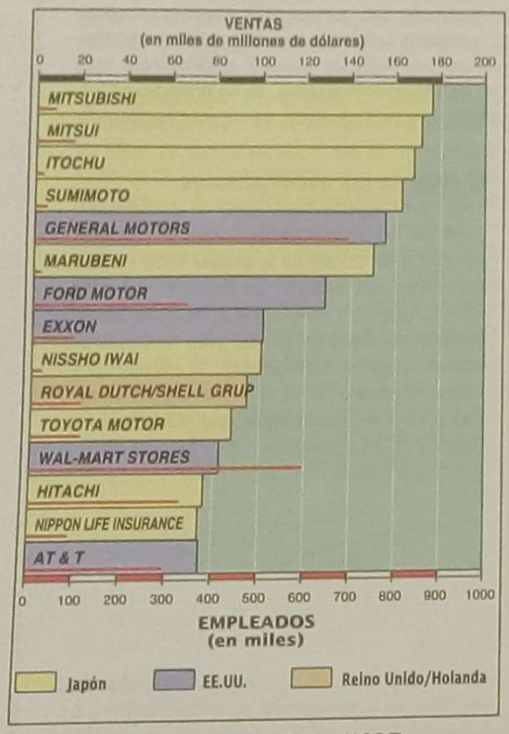
Subsiste la permanente tentación de los gobiernos de las principales potencias económicas, particularmente EE UU, la Unión Europea y Japón, por retomar políticas proteccionistas en algunos mercados crecientemente sencibles a la competencia internacional, mediante el establecimiento de acuerdos preferenciales y de normas sobre control de calidad, que dificulta, en la práctica, el libre comercio.

Esto se pone de manifiesto en las guerras comerciales entre EE UU y Japón, y entre EE UU y la Unión Europea. Mientras en la firma del Tratado de de Libre Comercio con canadá y México, la Unión Europea trató de contraponer acuerdos preferenciales con los países latinoamericanos, mantiene, a la vez, una dura pugna entre Estados Unidos y Japón por el liderazgo de la economía del Pacífico.

La globalización de la economía se ve favorecida con el desarrollo vertiginoso de la informática, las ciencias de la comunicación y la más evolucionada tecnología que obligará a diseñar nuevas estratégias que puedan actuar con eficacia entre los nuevos problemas planteados de cara al siglo XXI.

La economía global y sus características

La explosión del comercio internacional, el crecimiento de los flujos financieros y la mundialización de la producción, son las características más sobresalientes de la economía global, cuyos efectos llegan a todos los países.



Primeras empresas mundiales (1995). Actualmente Estados Unidos se enfrenta a la dura competencia de las empresas japonesas.

La explosión del comercio internacional

Entre 1970 y 1990, los intercambios mundiales de mercancías y servicios han conocido el crecimiento más intenso de la historia, multiplicándose por 10 en solo veinte años.

Este *boom* del comercio se puede explicar por:

- El aumento de la renta per cápita.
- La mejora económica de ciertos países en vías de desarrollo.
- El crecimiento de las multinacionales y su expansión por nuevos países.

La internacionalización del comercio ha provocado el crecimiento de otros sectores como: los transportes, el turismo y los seguros.

El crecimiento de los flujos financieros

La mundialización de los intercambios ha producido, a su vez, el crecimiento de las transacciones financieras, pues cada vez se necesitan mayores capitales para concretar negocios y para realizar inversiones en el extranjero.

Se estima que más del 90% de los intercambios de monedas no tiene ninguna relación con el comercio y la inversión. Los flujos financieros han crecido hasta suponer un billón de dólares diarios. La movilidad de estos capitales es explicada en parte por:

- La utilización de la computadora para realizar las transacciones financieras, lo que permite invertir en cualquier bolsa del mundo inmediatamente y sin moverse de casa.
- La creación en las bolsas internacionales de un mercado continuo, que permite comprar y vender acciones durante las 24 horas del día.

La mundialización de la producción

Actualmente se puede hablar de un proceso de producción mundial. Las multinacionales tienen un gran poder económico; su facturación conjunta supera el PBI estadounidense, y las 37.000 multinacionales que hoy existen controlan, a su vez, la actividad de otras 170.000 empresas.

Está apareciendo también una **nueva división internacional del trabajo**. Se ha roto la tradicional división entre países desarrollados productores de manufacturas y países subdesarrollados exportadores de materias primas. En la actualidad, el 60% de las exportaciones es de los países subdesarrollados.

Asistimos, en buena medida, a una nueva especialización productiva que se observa en:

- Los países desarrollados en industrias que requieren grandes inversiones en tecnología y una alta calificación de sus trabajadores.
- Los países subdesarrollados en industrias poco calificadas (textiles, juguetes, electrónica de consumos, etc.) y que requieren escasas inversiones.

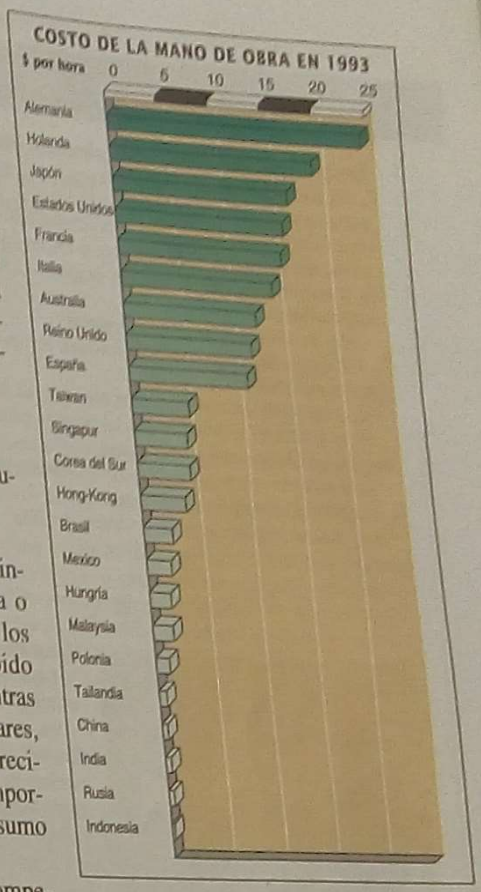
En segundo lugar, las multinacionales están realizando un proceso interno que ofrece mayores ventajas de salario, calificación profesional, etc. Así, por ejemplo, la empresa aérea Swissair ha trasladado sus servicios de contabilidad a India, y Sony ha trasladado más del 80% de su producción fuera de Japón; todo esto debido a los elevados costos laborales.

Los efectos de la economía global

Repercuten, por igual, tanto en los países como en las instituciones y los sectores económicos.

Algunos de los **efectos de la economía global** son:

- Aparición de nuevos actores económicos. Nuevos países industrializados como Singapur, Taiwan, Corea del Sur, China o Brasil, son capaces de ofrecer productos similares a los de los países desarrollados a un precio mucho más reducido, debido fundamentalmente, a los bajos costos de mano de obra. Mientras que en Alemania el costo de una hora de trabajo es de 25 dólares, en China es de medio dólar. El resultado es un espectacular crecimiento económico con consecuencias medioambientales importantes, como por ejemplo un desmesurado aumento del consumo energético y de materias primas.
- Cambios en las actuales potencias económicas. La competencia que los nuevos países industrializados hacen a las potencias occidentales, les obligó a realizar duros procesos de reconversión. Entre 1970 y 1990, la industria manufacturera occidental perdió seis millones y medio de empleos, los mismos que se crearon en Asia en ese período.



Costo de la hora de trabajo en diversos países. Los costos de la mano de obra es uno de los factores que condicionan la localización de las empresas.

Las **respuestas** han sido variadas.

En EE UU, se ha producido una modificación del mercado de trabajo. Se estima que para el año 2000, más de la mitad de los empleos serán temporales o a tiempo parcial. Los contratos, cada vez más, se realizan a través de agencias por horas, por lo que las empresas pueden desprenderse de ellos sin pagar salarios. De manera que, en la actualidad, el nivel de vida de gran parte de la población no supera el de 1970.

En Japón, el Estado ha incrementado la tradicional intervención en la economía. A principios de 1993, puso en marcha un plan de relanzamiento económico, e inició una política de jubilaciones anticipadas, en algunas empresas, para deshacerse de los excedentes laborales que empezaron a aparecer.

En Europa, aumentó la desocupación a causa de los elevados costos salariales y las dificultades del despido, factores que desanimaron a muchas empresas a crear nuevos empleos. Se desarrollaron, entre los trabajadores menos calificados, prácticas de contratos temporales y de tiempo parcial.

© Santillana S.A. Prohibida su fotocopia. Ley 15.913

ANALIZAR, INTERPRETAR, COMUNICAR

Trabajo con fuentes escritas

Ciencia y técnica cerrando el siglo XX

A lo largo del siglo XX, el hombre ha logrado sondear en el medio físico y en su propia realidad material, el cuerpo humano, buscando develar las claves del universo y de su propia existencia como ser vivo. La ciencia y la técnica han alcanzado un gran desarrollo; equipos multidisciplinarios aunando esfuerzos han emprendido ambiciosos proyectos al servicio de las universidades y de las grandes empresas que, al incorporar tecnología de punta, aumentan su competitividad en los mercados. La ciencia se ha convertido así, en instrumento de poder económico que incide desde ámbitos tan distintos en el conjunto de la vida social.

¿La vida bajo control?

Muchas investigaciones biológicas en genética molecular se orientan hoy a descifrar el código genético. Otros tantos esfuerzos médicos buscan detectar y combatir prematuramente las enfermedades, por la aplicación del escáner y del láser. Los avances en esta materia, se ven sobrepasados por la aparición de nuevas enfermedades, asociadas a virus desconocidos, que abren nuevos campos de investigación. La tarea es ilimitada.

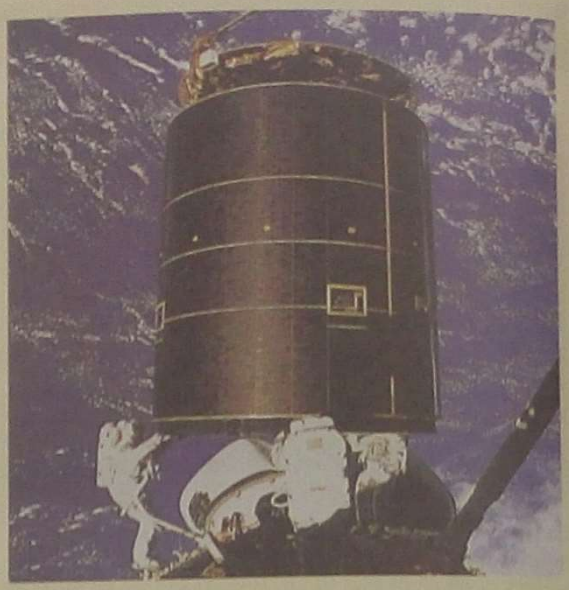


Tecnología médica actual.

Nuevas ramas en la aplicación del saber

En 1960 nació la microelectrónica con la invención de los circuitos integrados o chips. Los chips son pequeñas pastillas de silicio, de unos 5 mm, que contienen miles de transistores funcionando simultáneamente y que son capaces de almacenar grandes cantidades de información, expresada en un código matemático, que permite ser procesada por un ordenador (computador).

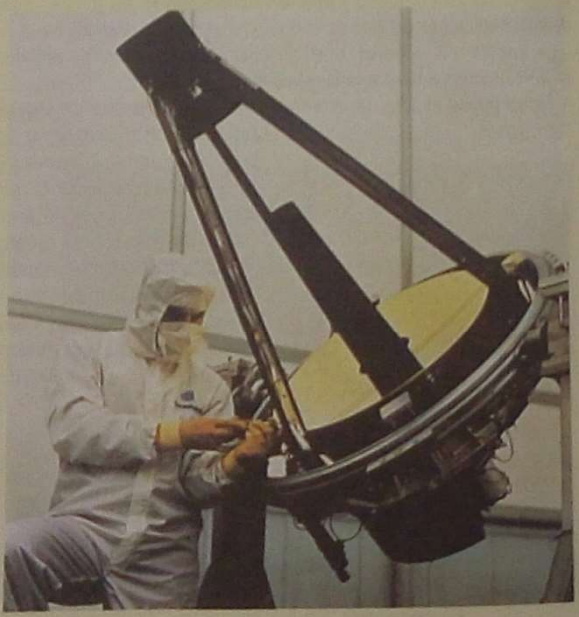
La biotecnología nace en estos últimos años, gracias a los aportes de la ingeniería genética, permitiendo manipular y alterar artificialmente los procesos biológicos. Llevada a la práctica, esta ciencia ha producido, especies animales y vegetales con mayor valor nutritivo; se han creado hormonas y proteínas artificiales, con las que se obtienen nuevos medicamentos.



Satélite Intelsat VI.

Energía nuclear y equilibrio ambiental

Desde que la física nuclear desentrañó el misterio de los procesos de fusión y fisión del átomo, emergió la posibilidad de satisfacer la creciente demanda energética de la población mundial. Sin embargo, el uso de la energía nuclear lleva consigo riesgos, que pueden comprometer al conjunto de la biosfera, por lo que el hombre sigue empeñado en la búsqueda de nuevas formas de energía que no agraven más la situación del medio ambiente.



Técnico del Observatorio Espacial Europeo.

Los ordenadores: fortalezas vulnerables

Los identificamos como PC, «Personal Computer» y han penetrado en todos los espacios, tanto públicos como privados. Originalmente fueron máquinas de calcular; después se han transformado en sistemas informáticos, es decir, sistemas que almacenan, procesan y trasmiten información. Su tecnología está controlada por Estados Unidos, Japón y Europa, contribuyendo así a remarcar la frontera, entre los países de mayor y menor crecimiento económico.

Su funcionamiento depende tanto de la provisión constante de energía eléctrica, como de su "sistema inmunológico", es decir, de sus defensas frente a los llamados familiarmente "virus", que los pueden inhabilitar.

Hacia la aldea global

Más allá de los avances científicos, una auténtica revolución se está operando en el ámbito de tecnologías de la comunicación. Las innovaciones en este campo, permitirán que nos pongamos en contacto de manera expedita con informaciones, personas y sucesos, situados a miles de kilómetros de distancia, transformando el planeta en una especie de "aldea global informatizada". Las posibilidades parecen extraordinarias: videoteléfonos que permiten ver a la persona con la cual se habla; videotextos que permiten el acceso a innumerables bancos de datos; fax de alta resolución, que permiten trasmitir en forma instantánea cualquier documento o fotografía; finalmente, se pueden establecer conexiones con grandes e importantes redes informáticas internacionales, como internet.

La fibra óptica

Dos compañías europeas proyectaron sustituir el cable tradicional de cobre por la fibra óptica en las líneas telefónicas, para obtener la trasmisión de señales a la velocidad de la luz. De esta forma, una red telefónica, mil veces más potente que las tradicionales, une hoy a Europa con voz, imagen y datos.





El mundo entero está interconectado a través de las autopistas de la información.

Información satelital

La instalación de satélites artificiales, que favorecen las comunicaciones simultáneas entre diversos lugares del planeta, ha sido, quizás, el beneficio más directo de la carrera espacial. Este sistema de comunicaciones se ha convertido en un próspero negocio, tanto en Europa como en Estados Unidos. Los satélites ocupan buena parte de su capacidad en la radiodifusión, la telefonía, y en los negocios.

- ¿Consideran necesario poner límites a la investigación científica? Fundamenten su respuesta.
- ¿Qué riesgos conlleva la investigación genética?
- ¿Qué efectos positivos y negativos observan en el uso del plástico y sus derivados?
- ¿Existirá la pluralidad informativa, por la vía de la comunicación satelital?
- ¿Qué enfermedades ha logrado derrotar el hombre a través de la historia? ¿Cuáles atacan hoy a la humanidad?
- Nuestro país, ¿cuenta con su propio satélite en órbita? ¿Cuáles son sus funciones?
- ¿Cuánto cuesta hoy incorporarse al servicio internet? ¿Qué beneficios aporta al ser humano la red de internet?
- ¿Qué tipo de información recibimos vía satélite? ¿Qué tipo de eventos utilizan este medio de comunicación?

Eric Hobsbawm: una reflexión sobre el siglo XX

"Tengo que hablarles sobre el siglo XX; un siglo que casi coincide con mi vida.

Tengo no solo la experiencia de un historiador sino también memorias, recuerdos, y un tiempo [...] el más extraordinario siglo de la historia humana.

Ha sido un siglo de los dolores más espantosos y arbitrarios. [...] después del 900 la acción humana ha matado unos 200 millones de hombres, mujeres y niños [...] ha sido también y sigue siendo la era de los más estupendos progresos en la historia de la humanidad y hemos vivido cambios de tamaño extraordinario, revolucionarios tanto en su velocidad como en su profundidad.

[...] La población joven actual es de más o menos 6.000 millones; tres veces lo que fue al inicio del siglo.

[...] En su gran mayoría, las personas son ahora más altas, pesan más y tienen una duración de vida media mucho mayor [...]

Por desgracia, en la práctica, nuestro siglo ha sido la época del auge de la desigualdad [...]

Al mismo tiempo, la desigualdad dentro de cada país no ha disminuido y en las últimas décadas incluso ha crecido. [...] casi la mayor disparidad [...] se encuentra en América Latina.

[...] El enorme aumento en la producción de la riqueza del mundo no habría sido posible sin la revolución en los transportes y las comunicaciones. [...]

Casi no hay límites de tiempo en el espacio en esta época del fax y del teléfono inalámbrico. [...], estos milagros de la tecnología siguen siendo inaccesibles para la mayoría de los seres humanos [...] sin embargo la televisión –y sobre todo las pequeñas radios portátiles– han puesto el gran mundo al alcance de las poblaciones más lejanas. [...] En vísperas del fin del siglo estamos viviendo en un mundo donde nos llega desde afuera un flujo universal sin fin de informaciones, de sonidos, de imágenes, de palabras, 24 horas al día.

[...] tenemos que recordar los progresos de la instrucción pública y de la urbanización.

Antes del siglo XX la gran mayoría de la gente era analfabeta; [...]

Ahora estamos, por primera vez en la historia humana, en vísperas de un mundo en su mayoría alfabetizado. La educación secundaria y aún la terciaria ya no pertenecen a una minoría estrecha de privilegiados sino que se han vuelto un fenómeno de masas [...] estamos viviendo en un mundo donde hay más gente con títulos universitarios que mineros o trabajadores en el acero.

Las ciudades son los principales centros culturales para la difusión de los conocimientos.

Sin embargo, respecto también de los conocimientos, quizás hay más desigualdad en el mundo que antes. [...] investigadores post doctorados, laureados con premios Nobel, concentrados más que nunca en un grupo de países europeos y norteamericanos, sobre todo después del derrumbamiento de la Unión Soviética [...] los ingleses llaman el drenaje de cerebros de los países pobres a los países ricos, sobre todo a Estados Unidos [...] en los últimos treinta años hubo un cambio [...] la desindustrialización de las regiones de la primera industrialización, la migración, la distribución de la tecnología y de la industria moderna a través del mundo [...]

El futuro tiene que solucionar el problema del ambiente pero por desgracia [...] no existen instituciones globales para enfrentarlo con eficacia. [...] Lo que determina la situación del globo actualmente es la oposición entre globalidad económica, científica, tecnológica y cultural y división política. [...]

Las dos guerras mundiales y la descolonización han multiplicado el número de estados reconocidos como independientes aunque la mayoría de estos no tienen gran fuerza [...] El gobierno típico de fin de siglo es la República.

También la Democracia electoral es un producto de este siglo. Antes no la había [...]

Estamos en una situación inestable [...]: en primer lugar porque la mayoría de los Estados nominalmente democráticos todavía carecen de las bases sociales e institucionales y de la cultura política para una verdadera democracia estable y también porque en vísperas del fin del siglo nos encontramos en lo contrario de una situación mundial sólida y estable. La caída de la Unión Soviética ha destrozado, [...] un sistema altamente estabilizador respecto a las relaciones internacionales, [...] lo que queda es un enorme vacío ocupado por un puñado de estados post soviéticos, [...], sumamente débiles, [...] lo que es tanto más peligroso porque en este vacío se encuentran millares de armas nucleares sin control efectivo [...]

Hay pocas o casi ninguna guerra verdadera, pero no hay paz. Hay gentes que se matan, que se masacran en todas partes en cuatro continentes [...].

El asunto es quién está peleando contra quién. Se trata de una pregunta imposible de contestar [...]

En resumen, hay de todo pero no hay paz y por lo tanto crece la confusión en la barbaridad de estos conflictos que se vuelven menos controlables [...]

Por primera vez hay algunos de los Estados nacionales más antiguos, como Gran Bretaña, España, Italia, cuya existencia ya no está garantizada. Viven [...] movimientos secesionistas [...]

Este proceso de desintegración es aún más evidente en varios Estados del Tercer Mundo, [...] lo que existe dentro de estas fronteras ya no es un Estado que funciona sino una tierra de nadie, tal vez por la abundancia de recursos que el comercio de drogas regala a grupos no gubernamentales [...]

En suma el Estado Nacional se encuentra bajo una cuádruple división. Desde arriba, [...] una economía globalizada [...] con la construcción de entidades políticas supranacionales [...] Desde abajo, [...] tendencias descentralizadoras y regionalistas. Desde afuera, [...] incertidumbre de la situación internacional [...] y desde adentro, por la decadencia de sus poderes y tradiciones. [...]

Vivir en 1998 es claramente mejor, para casi toda la gente del mundo que vivir en 1900. [...] Me parece que esta experiencia de sobrevivir un siglo que casi ha combinado todos los motivos del pesimismo autoriza a un optimismo frente al futuro. [...]

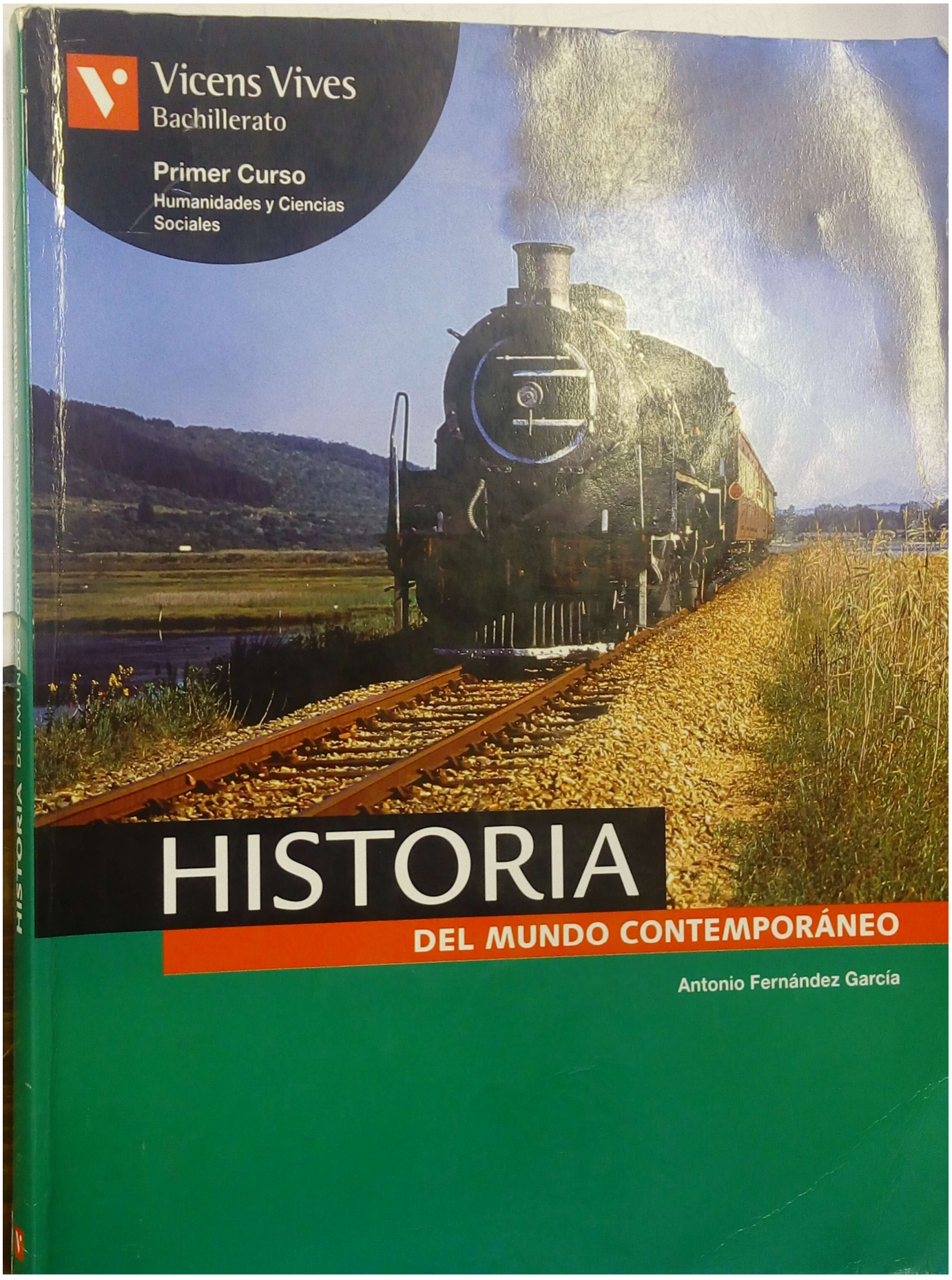
Conferencia dictada el 24 de noviembre de 1998 en el Congreso Nacional de Chile, por Eric Hobsbawm.

© Santillana S.A. Prohibida su fotocopia. Ley 15.913

Bibliografía

- Adams, W. P. *Los Estados Unidos de América*. Siglo XXI, Madrid, 1979.
- Arrondo, María; Besso, María y otros. *Del Mundo de la Bipolaridad al Mundo de la Globalización*. Homo Sapiens, Rosario, 1997.
- Artola. *Textos fundamentales para la historia*. Madrid, 1968.
- Benz, Wolfgang y Graml, Hermann. *El siglo XX. Los problemas mundiales entre los dos bloques de poder*. Siglo XXI, Madrid, 1984.
- Bernatzik, Hugo. *Razas y Pueblos del Mundo*, Tomo I. Ave, 1957.
- Bertaux, Pierre. *África desde la Prehistoria hasta los Estados Actuales*. Siglo XXI, México, 1997.
- Bianco, Lucien. *Asia contemporánea*. Siglo XXI, México, 1982.
- Bianco, Lucien. *Los orígenes de la revolución china*.
- Braudel, Fernand. *Las civilizaciones actuales*. Tecnos, Madrid, 1970.
- Cairns, Trevor. *El siglo XX*. Akal, Madrid, 1992.
- Calvocoressi, Peter. *Historia política del Mundo Contemporáneo*. Akal, Madrid, 1987.
- Cancela, Melgar. *El desarrollo frustrado*. Claeh, Ediciones de la Banda Oriental, Montevideo, 1985.
- Cardozo Faletto. *Dependencia y desarrollo en América Latina*. FCU, Montevideo.
- Celso Furtado. *Desarrollo y subdesarrollo*. Eudeba, Buenos Aires, 1969.
- Chassin, General. *La conquista de China por Mao Tsé Tung*. Artola, 1954.
- Chesneaux, Jean. *Asia Oriental en los siglos XIX y XX*. Nueva Clío, Barcelona, 1969.
- Correo de la Unesco, diciembre de 1982.
- Crouzet Maurice. *Historia de las civilizaciones*. Destino, Barcelona, 1982.
- Cueva, Agustín. *América Latina en la frontera de los años 90*. Planeta, Ecuador, 1989.
- Devillers, P. H. *Lo que verdaderamente dijo Mao*. Aguilar, Madrid, 1970.
- Duby, Geroges. *Atlas histórico mundial*. Debate, Madrid, 1987.
- Dunster, Jack. *Mao Zedong y China*. Akal, Madrid, 1991.
- Duroselle, J. B. *Europa de 1815 a nuestros días*. Labor, Nueva Clío, Barcelona, 1975.
- D`Elía, Germán. *Historia contemporánea*. Ediciones de la Banda Oriental, Montevideo, 1990.
- *El estado del mundo. Anuario económico y geopolítico mundial*. Akal, España, 1996.
- *El proceso económico del Uruguay*. Instituto de economía, Universidad de la República. FCU, Montevideo, 1969.
- Faraone, Roque. *De la prosperidad a la ruina*. Arca, Montevideo, 1981.
- Fitoussi, Jean Paul y Rosanvallon, Pierre. *La Nueva Era de las Desigualdades*. Manatial, Buenos Aires, 1997.
- Fuente Pérez, P. *Las Instituciones Supranacionales*. Akal, Madrid.
- García Cortázar, Fernando y Espinosa Lorenzo, José María. *Historia del Mundo Actual 1945-1995. Memoria de medio siglo; Imago mundi*. Alianza Editorial, Madrid, 1996.
- Gorbachov, Mijail. *Perestroika*. Emecé, Buenos Aires, 1987.
- *Guía del Tercer Mundo*. Instituto del Tercer Mundo, 1998.
- Halliday, John y Mc Cormack, Gavan. *El nuevo imperialismo japonés*. Siglo XXI, Madrid, 1975.
- Hobsbawm, Eric. *Historia del siglo XX*. Crítica, Barcelona, 1996.
- Ianni, Octavio. *Teorías de la Globalización*. Siglo XXI, Mexico, 1998.
- Jaguaribe, Ferrer y otros. *La dependencia político-económica de América latina*. Siglo XXI, México, 1977.
- Jean-Jacques y Servan-Schreiber. *El desafío mundial*. Plaza Janes, España, 1981.
- Ki-Zerbo, Joseph. *África en su historia*. Correo de la Unesco, agosto-setiembre de 1979.
- Kundera, Milán. *La insoportable levedad del ser*. Barcelona, 1987.
- *La economía. Doctrina teóricos, conceptos*. Noguer, Barcelona, 1977.
- Lajugie, Joseph. *Los sistemas económicos*. Eudeba, 1960.
- Lequin, Ives y Maillard, Jacques. *Europa Occidental en el siglo XX; La URSS y el mundo socialista soviético; El nuevo mundo del Extremo Oriente*. El Ateneo, Buenos Aires, 1975.
- Lessourd, J. A. y Gerard, C. *Historia económica mundial*. Vicens Vives, Barcelona, 1976.
- Martínez Carreras, José. *Historias de la Descolonización 1919-1986. Las independencias de Asia y África*. Istmo, Madrid, 1987.
- Martínez Martín, J. *El Crecimiento Económico en el Mundo Desarrollado*. Akal, Madrid, 1992.
- Miege, Jean Louis. *Expansión europea y descolonización de 1870 a nuestros días*. Labor, Nueva Clío, Barcelona, 1975.
- Moreno García, Julio. *El Cercano Oriente (1914-1991)*. Akal, Madrid, 1996.
- Palomares, Jesús María y otros. *Historia del Mundo Contemporáneo*. Anaya, Madrid, 1984.
- Pastor Sanmillán, Ana. *La Descolonización. El Tercer Mundo*. Akal, Madrid, 1995.
- Pirenne, Henri. *Historia económica y social de la Edad Media*. FCE, Méjico, 1955.
- Quagliotti de Bellis, Bernardo. *Uruguay en el cono Sur. Destinogeopolítico*. Montevideo, 1975.
- Revista del Sur, Nº 21, mayo de 1993.
- Revista del Sur, Nº 70, agosto de 1977.
- Rouquié Alain. *El extremo occidente. Introducción a América Latina*. Emecé, Buenos Aires, 1990.
- Sánchez Pérez, Francisco. *Evolución Política del Mundo Desarrollado después de la Segunda Guerra*. Akal, Madrid, 1991.
- Schmidt, Heidulf. *25 años de nueva sociedad. Cronología latinoamericana, 1972-1996*. Editorial Texto Caracas, Venezuela, 1997.
- Skidmore, Thomas y Smith, Peter. *Historia contemporánea de América Latina*. Crítica, Barcelona, 1996.
- Snow, Edgar. *Estrella roja sobre China*.
- Theotonio Do Santos. *La crisis internacional del capitalismo y los nuevos modelos de desarrollo*. Contrapunto, Buenos Aires, 1987.
- Tismaneanu, Vladimir. *Reinventing politics eastern Europe from Stalin to Havel*. The Free Press, New York, 1993.
- Tisnés; Bensión; Astori; Faroppa, y otros. *Opciones de la economía uruguaya en el marco de la economía internacional*. Colegio de doctores en ciencias económicas y contadores del Uruguay. FCU, Montevideo, 1983.
- Torres Martínez, Luis. *África. Colonialismo e Independencia*. Ediciones de la Banda Oriental, Montevideo, 1987.
- Vogel, Ezra. *Japón Nº 1*. Técnicos Asociados, Barcelona, 1981.

© Santillana S.A. Prohibida su fotocopia. Ley 15.913


Vicens Vives
Bachillerato
Primer Curso
Humanidades y Ciencias Sociales
HISTORIA
DEL MUNDO CONTEMPORÁNEO
Antonio Fernández García
HISTORIA DEL MUNDO CONTEMPORÁNEO

21 Entre dos milenios

Cerramos el recorrido por la historia del mundo contemporáneo con una visión global de los desafíos que se presentan a los hombres del siglo XXI.

Se habla todos los días de globalización. Se habla también de un nuevo orden mundial, expresión que apunta a un sistema internacional pastoreado por una sola superpotencia, los Estados Unidos, a diferencia del orden bipolar de la guerra fría.

En otro orden de cosas, vivimos en un mundo de ordenadores. El ordenador se ha convertido en un instrumento de relevancia comparable a la imprenta o a la máquina de vapor, inventos de una jerarquía capaz de cambiar el rumbo de la humanidad. Pero no todo es progreso. La explosión demográfica, las alteraciones del medio ambiente y el agotamiento de los recursos naturales se alzan como problemas que exigen respuestas inaplazables.

En el plano de las ideologías cada época ha de lidiar con su propia amenaza. El fundamentalismo, con su recurso al terrorismo, ha surgido como el mayor desafío. Los atentados del 11 de septiembre de 2001 en Nueva York y Washington han marcado un antes y después. Probablemente, ese día comenzó el siglo XXI.



El 21 de julio de 1969, Neil Amstrong ponía por primera vez el pie en la Luna. La exploración del espacio es uno de los motores del progreso científico y tecnológico.

1 EL MUNDO DE LA GLOBALIZACIÓN

1.1. LA GLOBALIZACIÓN

En el tránsito entre los dos siglos una palabra recorre el mundo: *globalización*. De ella hablan los periódicos, los informativos de las cadenas de televisión, o los debates radiofónicos. Sus partidarios lo consideran un fenómeno inevitable, como la desembocadura de un río, en este caso la desembocadura del progreso.

Sus enemigos, los movimientos antiglobalización, que hicieron acto de presencia en Seattle, en 1999, y tuvieron su primer muerto en Génova, en 2001, afirman que tal y como se está produciendo aumenta las diferencias entre los países. ¿De qué se trata? ¿Contra qué se dirigen las protestas?

Con la palabra *globalización* definimos el fenómeno de integración de las economías, culturas y políticas nacionales en todo el planeta. Se ha desembocado en un solo mundo, en el cual lo que ocurre en un punto, sea una subida de la bolsa, una catástrofe natural, o el triunfo de un político en un país, afecta en mayor o menor grado a todos los demás. Esta integración en un solo mundo fue profetizada por un sociólogo canadiense, Marshall McLuhan, en 1962, cuando habló de la "tribu global" y mas tarde de la "aldea global".

Dos fenómenos han contribuido a esta intercomunicación: la televisión e Internet. Los grandes canales (CNN, ABC) habían unificado los problemas y aspiraciones de los espectadores; Internet ha completado el proceso y, de hecho, por medio de la red se convocan para sus manifestaciones de protesta los grupos antiglobalizadores. Televisión e *Internet* han conseguido que los adolescentes y los jóvenes en todos los países desarrollados compren los mismos vídeos, oigan la misma música y vistan las mismas prendas.

Las grandes empresas, especialmente las de informática, han comprendido las posibilidades de un mercado global. Fabrican donde les resulta más barato, venden donde encuentran un mayor número de compradores. Esta integración de los mercados les ha deparado un poder paralelo al de los gobiernos.

Contra esto se movilizan los grupos contestatarios. Contra un fenomeno económico que puede deteriorar la democracia, ya que los gobernantes elegidos se ven limitados ante los tentáculos de las multinacionales. Y contra un fenómeno social, puesto que se diluyen las diferencias entre los pueblos, lo que siempre ha constituido una riqueza.

Que los movimientos protesta hayan arremetido contra las cadenas de *burgers* señala esta resistencia a que los pueblos se uniformen en sus hábitos y sus gustos. Finalmente, constatan los rebeldes que la globalización, lejos de aminorar las distancias entre pueblos ricos y pobres, las ha agravado Doc. 1.

Sin duda, se trata de un enorme desafío. Porque la formación de una "aldea global" abre la posibilidad de progreso de los países en vías de desarrollo, pero siempre que se oriente la globalización hacia un reparto más equilibrado y hacia el respeto de las diferencias entre los pueblos Doc. 2.

1.2. UN NUEVO ORDEN MUNDIAL

En septiembre de 1990, en plena crisis del golfo Pérsico, con Kuwait ocupado por el ejército iraquí, el presidente norteamericano Bush se dirigió al Congreso enumerando los objetivos que buscaba en la solución de esta crisis: "Ahora vemos aparecer un nuevo orden mundial".

Prudentemente el mandatario estadounidense no proponía la hegemonía para su país sino el inicio de una nueva etapa para la ONU: "Un mundo en el que las Naciones Unidas, liberadas del obstáculo que supuso la guerra fría, están capacitadas para llevar a cabo la visión histórica de sus fundadores".

Resulta discutible que, en 1990, las Naciones Unidas renacieran como una organización eficaz y respetada. Y más discutible que se iniciara una era de paz; por el contrario, los años noventa han contemplado la multiplicación de conflictos localizados. Pero no hay duda de que ha aparecido un nuevo orden mundial, con una sola superpotencia: Estados Unidos. "El siglo americano", así se ha denominado al XX; y bajo este signo se ha entrado en el nuevo siglo.

1. Distribución geográfica de las 500 mayores empresas

País/ Zona	Número de empresas	Parte dentro del total (%)
EE UU	162	32
UE	155	31
Japón	126	25
Suiza	14	2,8
Corea del Sur	13	2,6
Canadá	6	1,2
Brasil	5	1,0
Australia	5	1,0
China	3	0,6
Otros	11	2,2
Total	500	100

a) Haz una gráfica de barras con estos datos.

b) ¿En qué país se encuentra el mayor número de grandes empresas? ¿Cuál es el puesto de la Unión Europea?

c) Ya no sólo los Estados Unidos y Europa abarcan el área de las empresas multinacionales. Indica qué países de otros continentes figuran en esta tabla.

2. Utilización de Internet

		1999	2000
Páginas web (millones)		320	1000
Internautas (millones)	EE UU y Canadá	87	161
	Europa	34	106
	Asia-Pacífico	26	90
	Resto del mundo	6	21

a) ¿En qué países está más extendido Internet? Compara países y continentes.

b) Dibuja una gráfica que recoja el crecimiento del número de internautas y de páginas web.

En 1918, en 1945, en 1990, Washington se adjudicó la suprema responsabilidad en el ordenamiento político del mundo.

Tres procesos han desembocado en la conversión de los Estados Unidos en superpotencia única Doc. 3 y 4:

- **Final de la guerra fría**. El giro en la política exterior de la Unión Soviética, postulado por la perestroika, ha eliminado el antagonismo entre los grandes y puesto fin a la carrera de armamentos.
- **Desmoronamiento de la URSS**. La desmembración del Imperio soviético a partir de 1991 ha debilitado su potencial militar y retrotraído su presencia en Europa hasta sus propias fronteras.
- **Guerra del Golfo**. Washington encabezó una alianza de 23 naciones para obligar a Irak a la retirada de Kuwait. Defendía el principio de inviolabilidad de las fronteras, pero además impedía el control del petróleo por Bagdad y asumía el protagonismo en el área del Oriente Medio. De la guerra no salió reforzada la ONU, con un papel secundario en la crisis, sino los Estados Unidos.

Así se desembocó a inicios de los años noventa en un mundo monopolar, en vez del bipolar de la guerra fría.

1.3. Los derechos humanos, una exigencia universal

El 10 de diciembre de 1948, la ONU aprobó un documento trascendental: la *Declaración Universal de Derechos Humanos*. Pero, ¿se respetan en todos los países la vida y la dignidad de los seres humanos?

Muchos han opinado que esos derechos no eran aplicables a todos los pueblos y sociedades. Sin embargo, el preámbulo de la solemne declaración afirmaba que marcaba unas pautas de actuación para todos los pueblos y naciones. Y al mismo tiempo que se han multiplicado las infracciones de regímenes opresivos o situaciones conflictivas ha crecido la demanda para que se consideren una exigencia de cumplimiento universal.

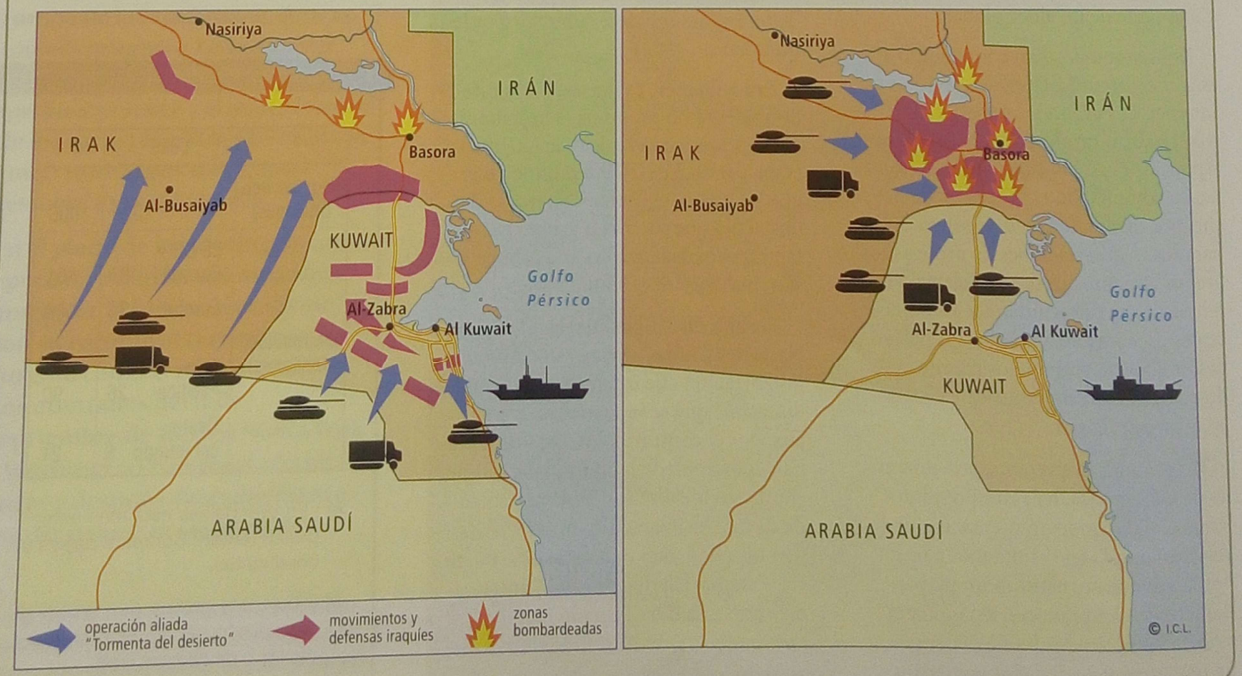
En la Conferencia sobre Derechos Humanos celebrada en Viena en junio de 1995 se enumeraron las infracciones. Ejecuciones extrajudiciales en muchos países, torturas, desapariciones.



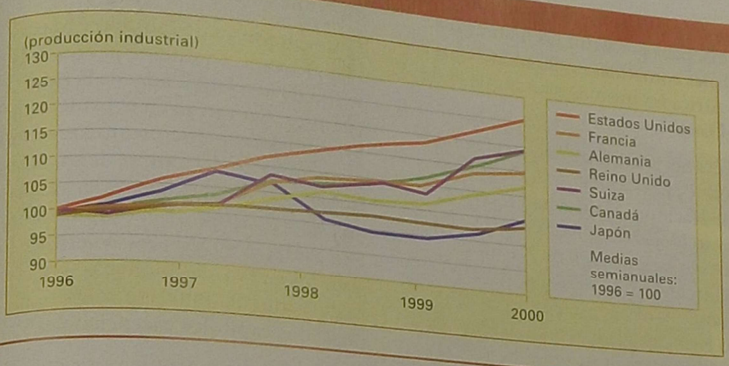
▲ *Soldados americanos en la guerra del Golfo. Los EE UU encabezaron una coalición internacional contra Irak.*

▼ *En enero de 1991 las tropas aliadas obligaron a Irak a retirarse de Kuwait. En una primera ofensiva los aliados invadieron desde Arabia Saudí parte de Irak y Kuwait, aislando al ejército iraquí.*

LA GUERRA DEL GOLFO



3. Los Estados Unidos, superpotencia única

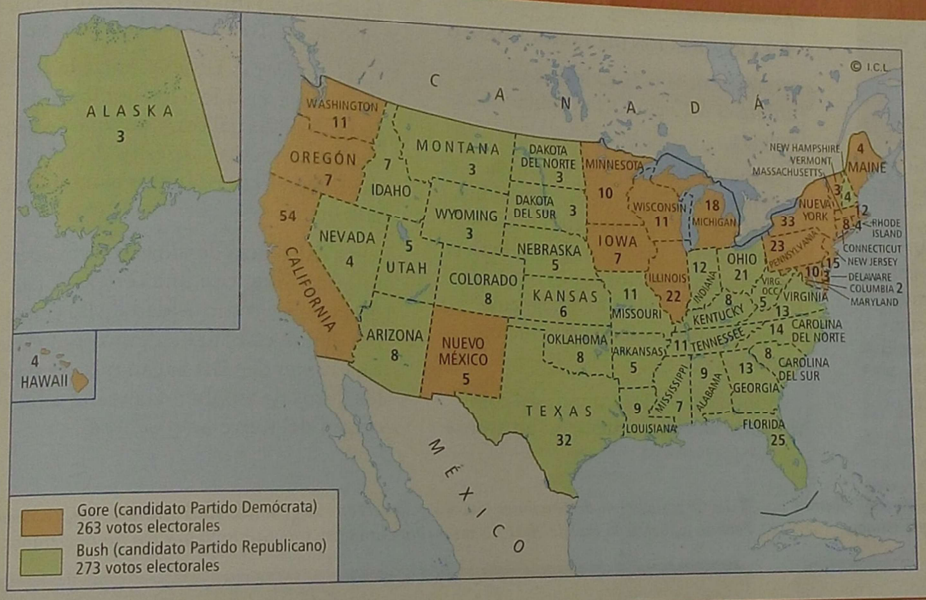


a) La gráfica recoge la producción industrial. ¿Dirías que la de los Estados Unidos ha crecido de forma continua o discontinua?

b) ¿Ocurre lo mismo con las restantes potencias?

c) Se pensó que Japón rivalizaría y aun superaría a los Estados Unidos. ¿Qué ha ocurrido desde 1996?

4. Elecciones presidenciales del año 2000

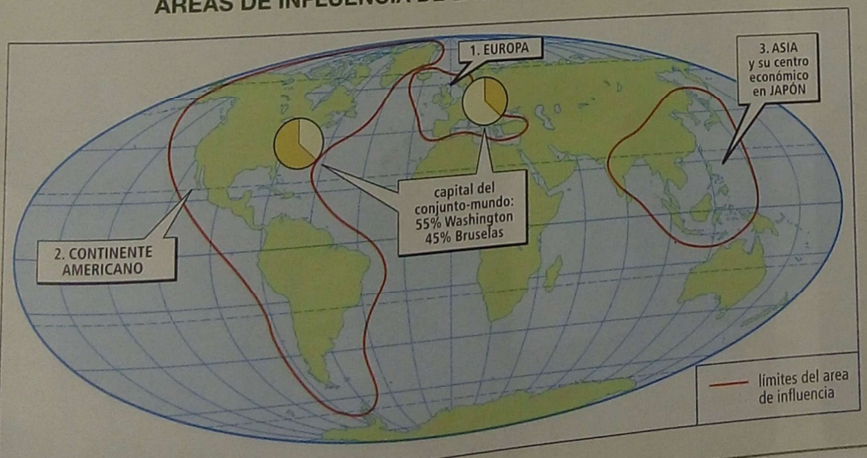


a) Indica dónde predominan los demócratas y dónde los republicanos. ¿Quiénes eran los candidatos en el año 2000?

b) El candidato que recogió menos votos populares obtuvo más votos electorales, y hoy es presidente. ¿Cómo puede ocurrir esto? Ten en cuenta que basta con ganar por un voto en un Estado para que todos los votos electorales de ese Estado vayan al candidato ganador.

c) A veces se dice que los ciudadanos de los restantes países deberían intervenir en la votación para presidente de los Estados Unidos. ¿Por qué?

ÁREAS DE INFLUENCIA DE LAS GRANDES POTENCIAS



◀ *En los años noventa se establecieron las zonas de influencia política y económica de las potencias dominantes, todas ellas en el hemisferio norte: los EE UU, superpotencia única, Europa y Japón, que extiende su área de influencia en Asia y el Pacífico.*

A pesar de que surgieron disensiones, se acordó la creación de un Alto Comisionado de Naciones Unidas con funciones de supervisión, presidido por Mary Robinson.

Y se ha extendido el principio establecido en el juicio de Nuremberg a los jerarcas nazis de que los crímenes contra la humanidad no tienen fronteras y pueden ser perseguidos bien por un Tribunal Internacional bien por un Tribunal de un país que lo haya introducido en su legislación. Algunos ejemplos:

- La detención de Pinochet en Londres (octubre de 1998) por orden del juez español Baltasar Garzón, en cuya requisitoria se alegaba que entre las víctimas de la dictadura chilena se encontraban ciudadanos españoles. Que se reclame en España y se detenga en Inglaterra por delitos cometidos en Chile es una prueba de que los crímenes contra la humanidad pueden ser perseguidos en cualquier parte.
- La instalación en La Haya de un Tribunal Internacional para perseguir los delitos de genocidio cometidos en la antigua Yugoslavia. La detención en 2001 del máximo responsable, el ex-presidente serbio Milosevic, es una advertencia contra la pretensión de impunidad.
- La actuación de un Tribunal Internacional para perseguir las matanzas tribales cometidas en Ruanda. Sigue en África las mismas pautas que el de La Haya.

En el año 2001, el secretario general de la ONU, Kofi Annan, y la Organización de Naciones Unidas han recibido el Premio Nobel de la Paz. Con él se ha reconocido la actuación de Naciones Unidas en algunos conflictos, su actividad humanitaria –por ejemplo en el auxilio a los refugiados– y su defensa de los derechos humanos.

1.4. De la ciencia a la tecnología

◆ La revolución del conocimiento

Hablar de la vida cotidiana en los umbrales del siglo XXI es hablar de tecnología.

Radio, automóvil, televisión, vídeos, cadenas de música, teléfonos móviles, etc., el número de aparatos creados por el hombre es interminable. Pero la tecnología sólo avanza apoyada en la investigación. Y el siglo XX ha contemplado una profunda revolución científica.

Aunque todos los campos del conocimiento han experimentado un avance prodigioso, ha sido la física la que ha vivido una auténtica edad de oro.

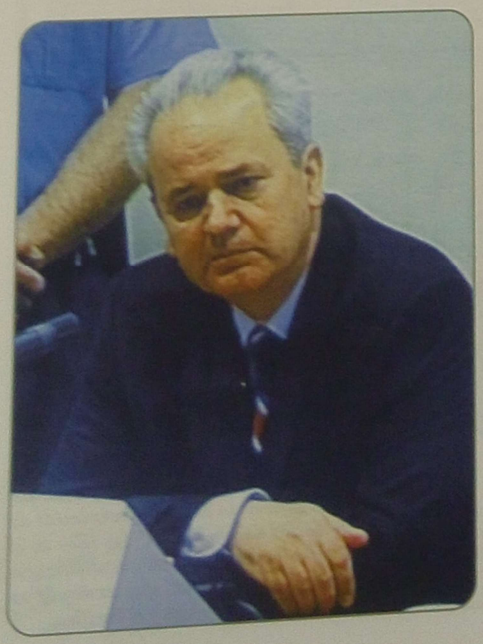
Los nombres de Einstein y Max Planck, respectivamente padres de la teoría de la relatividad y de la física cuántica, figuran ya en el panteón de los titanes del pensamiento humano. El conocimiento del átomo, de su estructura y de la energía latente en sus partículas, ha constituido el campo más espectacular. A su lado los avances en los secretos de la vida (biología) y en el conocimiento del universo configuran otros dos capítulos excepcionales.

Muchos descubrimientos científicos han ofrecido aplicaciones. Es el caso de la energía atómica, primero aplicada a la tecnología militar, luego a la producción de electricidad y a la medicina.

El telescopio Hubble, lanzado al espacio, ha acercado a los hombres el mundo de las galaxias, aunque las aplicaciones prácticas de estos descubrimientos sólo puedan por el momento adivinarse.

La existencia de vida en otros cuerpos celestes es casi una certeza. Y ha despertado la curiosidad de las gentes por el universo; lo ha demostrado la serie *Cosmos* de Carl Sagan o las ventas de los libros de Stephen Hawking sobre el origen del universo Doc. 5 y 6.

▼ *El ex presidente Milosevic en una sesión del Tribunal de La Haya que lo juzga por crímenes gravísimos.*



▼ *La Organización de Naciones Unidas y su secretario general, Kofi Annan, han recibido el Premio Nobel de la Paz de 2001. Es un reconocimiento, que también amaga una esperanza.*





▲ *El gran acelerador LEP del CERN en Ginebra está enterrado en un profundo túnel subterráneo circular de 27 km de diámetro. Estos equipos son indispensables en el estudio de las partículas atómicas.*

5. ¿Vida en otros planetas?

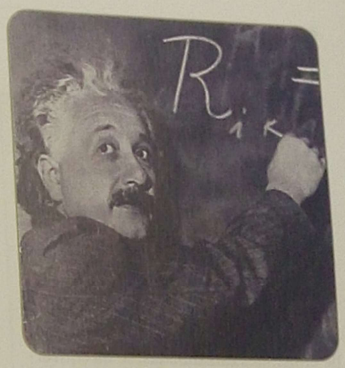
Por primera vez disponemos ahora de medios para establecer contacto con civilizaciones en planetas de otras estrellas. Es un hecho asombroso que el radiotelescopio de 30 metros de diámetro del National Astronomy and Ionosphere Center, dirigido por la Cornell University en Arecibo, Puerto Rico, fuese capaz de comunicarse con otro idéntico situado en cualquier lugar de la Vía Láctea.

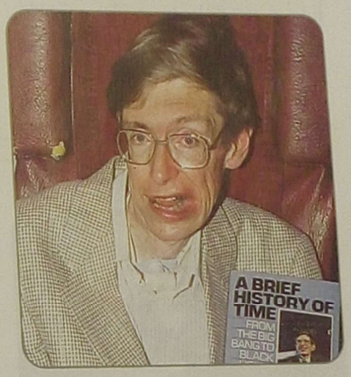
Disponemos de los medios de comunicarnos no sólo venciendo distancias de centenares de miles de años luz, sino que podemos hacerlo de esa manera en un volumen que contenga centenares de miles de millones de estrellas. La hipótesis de que existen civilizaciones muy avanzadas en otros planetas se está poniendo a prueba. Ya ha dejado de ser pura especulación. Ahora se halla en el terreno de la experimentación.

C. SAGAN: *La conexión cósmica*. Orbis, Barcelona, 1985, págs. 193-194.

a) Comenta esta página. ¿Crees que puede existir vida en otros planetas?

b) ¿Son importantes los instrumentos para asomarse al universo? Subraya los que aquí se citan.





▲ *Einstein fue el padre de la teoría de la relatividad. En 1921, recibió el Premio Nobel de Física por sus revolucionarias contribuciones (arriba).*

El físico y cosmólogo Stephen W. Hawking, conocido especialmente por su obra Historia del tiempo, *ha propuesto una teoría sobre el origen del universo (abajo).*

6. Avances en biología

Algunos organismos conservan las células madre que se movilizan cuando hace falta. Coja un platelminto, córtelo en 279 trozos y déjelo dos semanas. Aliméntelo de vez en cuando. El resultado: 279 gusanos nuevos y perfectos. La capacidad de los platelmintos (planarios) para regenerar un cuerpo entero a partir de un puñado de células parece casi milagrosa.

Salamandras, estrellas de mar, pólipos que ondean sus tentáculos y peces cebra... los organismos capaces de regenerar nuevas cabezas, miembros, órganos internos u otras partes del cuerpo, si los originales se pierden o sufren daños, son muchos y variados.

Las personas, lamentablemente, no pueden hacer lo mismo. Pero en los últimos años los investigadores están descubriendo los genes, proteínas y vías de comunicación celular que subyacen en la capacidad regeneradora de las criaturas, y el abismo que nos separa de ellas no es tan grande (...).

Ahora hay fuertes inversiones destinadas a la investigación de células madre humanas, con la esperanza de poder usarlas para reproducir tejidos perdidos por lesiones o enfermedades.

H. PEARSON: Artículo en *El País*, 28 de noviembre de 2001.

a) ¿Qué ocurre si se corta un gusano? Resume lo que has leído.

b) Últimamente se habla continuamente de células madre. El artículo te permitirá decirnos para qué se pueden utilizar.



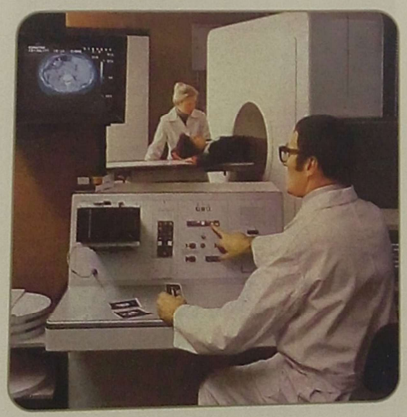
▲ *La oveja Dolly. Primer caso conocido de clonación de animales.*

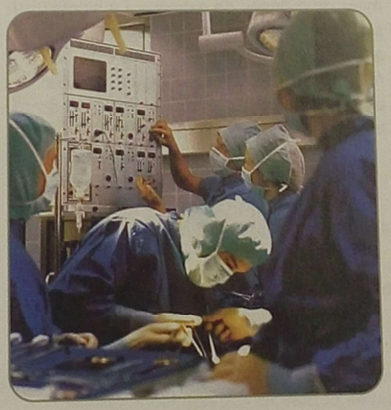
◆ La edad de la electrónica

De la ciencia teórica se pasa frecuentemente a sus aplicaciones. El puente que cruza los dos siglos está recorrido por las aportaciones incesantes de la tecnología. En la electrónica han sido continuos los avances, en la transmisión de señales (televisión, satélites de comunicaciones), o en la óptica (microscopios electrónicos, fotoelectricidad, cine). El láser, haz de ondas luminosas de intensidad mil veces superior a la de la luz solar, conseguido por medio de emisiones estimuladas, se ha convertido en otra de las maravillas, aplicado ya en la medicina (cirugía, tumores), en la industria y en la guerra.

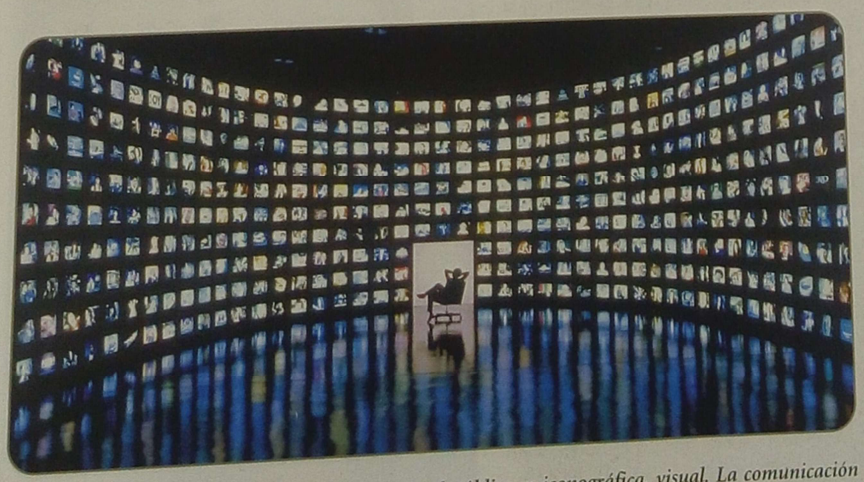
Pero la aportación más importante de la electrónica es el ordenador. Su capacidad de cálculo se multiplica con cada generación de aparatos. Es el instrumento clave de la era cibernética, y figura ya, al lado de la imprenta y de la máquina de vapor, como uno de los inventos decisivos de la historia humana. En tres aspectos su aplicación ha transformado el trabajo del hombre: 1. Difusión del saber. 2. Almacenamiento de los conocimientos hasta ahora depositados en libros y archivos. 3. Elaboración de bancos de información, que han modificado los sistemas de trabajo de empresas, bancos y gobiernos.

El último paso de este cambio incesante ha sido la creación de una red universal de información, *Internet*, que pone al alcance de quienes navegan por ella un repertorio de información que antes sólo poseían los organismos de los países más avanzados.

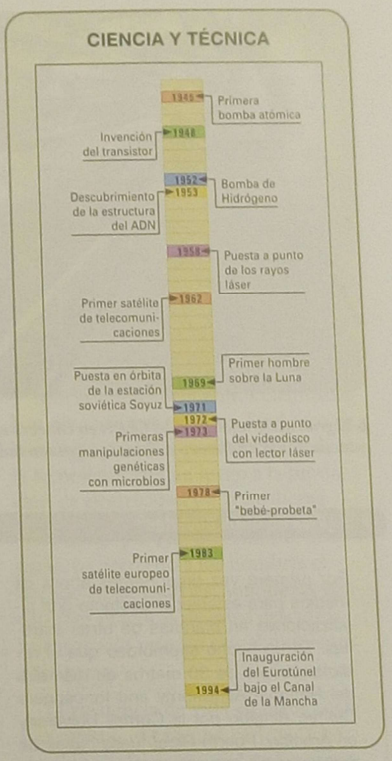


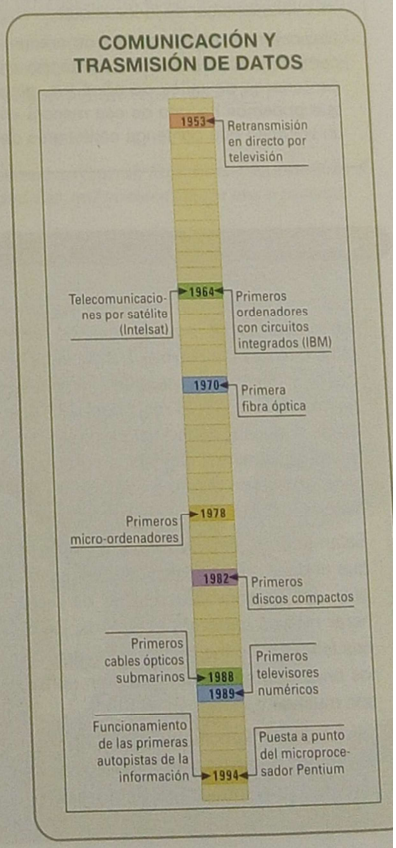


▲ *Exploración radiológica: tomografía por ordenador (izquierda). La diagnosis de gran cantidad de patologías ha encontrado en la tomografía computerizada una herramienta de gran ayuda. Operación quirúrgica (derecha). Las técnicas en los trasplantes constituyen sólo la vertiente más espectacular, o más popular, de los enormes progresos en las técnicas quirúrgicas.*



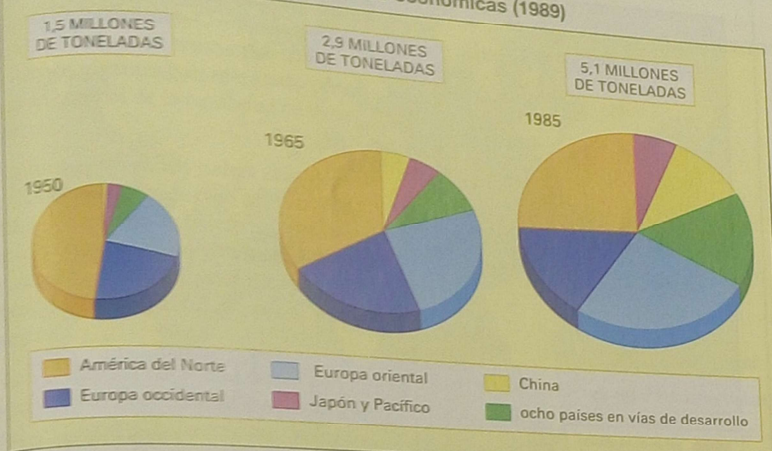
▲ *Buena parte de la información que se ofrece al público es iconográfica, visual. La comunicación por banda ancha ha de permitir el contacto a distancia, interactivo y en tiempo real.*





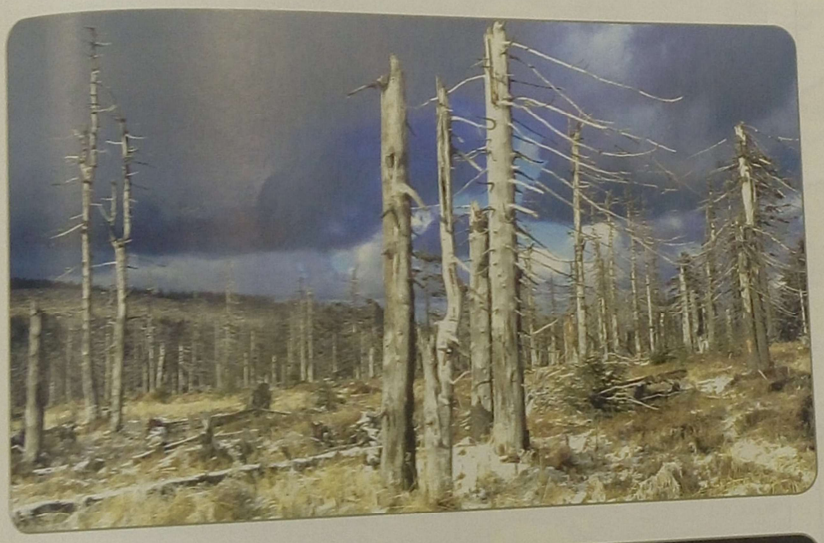
EMISIONES DE CO_2

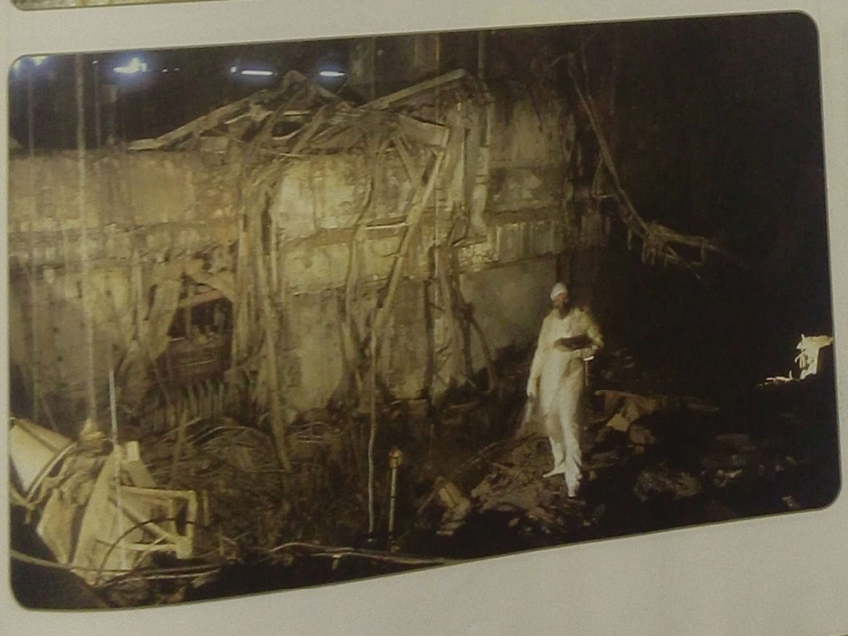
Emisiones por grandes zonas económicas (1989)



Emisiones por países (1987)

Países	Emisión por habitante (en t)
RDA	5,4
EE UU	5,1
Canadá	4,1
Polonia	3,2
RFA	2,9
Gran Bretaña	2,7
Japón	2,1
Francia	1,7
Corea del Sur	1
China	0,4





◆ La otra cara del progreso

Con la evolución del modelo de desarrollo actual se ha incrementado el consumo de recursos naturales limitados como la madera o el hierro, y la revolución industrial aparece unida a la utilización de energías fósiles (carbón, petróleo, gas), que no son renovables a la escala del tiempo humano.

El recurso más importante es el agua. El 97,41% se encuentra en los océanos, y del resto sólo una porción muy pequeña es utilizable por el hombre. Ni siquiera la vastedad de los océanos los ha librado de la contaminación.

Muchas costas han sido transformadas en vertederos, y los mares cerrados, en especial, padecen la carga de una industrialización sin control. Así, el Mediterráneo ha visto disminuir su riqueza pesquera.

No obstante, la tecnología actual, mediante el ahorro y la eficiencia energética, el reciclaje y la depuración, puede eliminar o paliar estos problemas.

◀ *Arriba, la lluvia ácida, resultado de las emanaciones nocivas, ha reducido este bosque polaco a un cementerio de madera.*

Abajo, detalle de los destrozos producidos por el accidente en la central nuclear de Chernóbil. Sin embargo, sus peores efectos no son visibles.

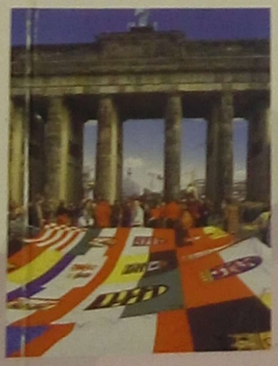
Historia del mundo actual

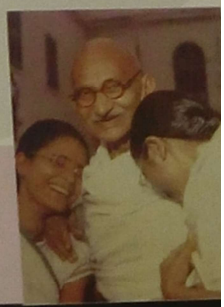
4 BACHILLERATO

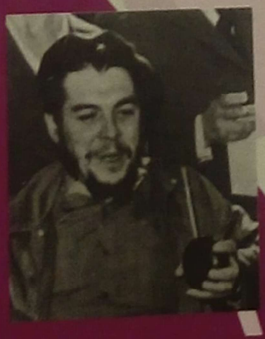












Santillana

2 LA GLOBALIZACIÓN

Desde hace un par de décadas, ha comenzado a utilizarse en forma genérica el vocablo "globalización" para referirse a procesos de cambios que, de manera desigual, vienen afectando a todas las sociedades del mundo actual.

Más allá de la creciente difusión y divulgación del término, no existe aún una definición precisa ni consensuada de su significado. Entre los especialistas se discute su sentido y significado, preguntándose si constituye una nueva denominación para describir y comprender los cambios que se están produciendo en el mundo o si se trata de una manera moderna de calificar un fenómeno que ya ha ocurrido antes, identificándolo con una nueva fase en la evolución del sistema capitalista mundial.

Probablemente las dificultades para su definición radican tanto en la multiplicidad de aspectos y procesos que se pretenden integrar al mismo (universalización del capital financiero; difusión planetaria de las tecnologías de punta en el campo de las comunicaciones, los intercambios económicos y productivos; las migraciones; los nuevos patrones culturales; los cambios ambientales y hasta la guerra, el terrorismo y el narcotráfico) como en la pesada carga emotiva, de confrontación ideológica, que conlleva esta denominación.

2.1 Características de la globalización

La globalización de la economía mundial ha sido uno de los acontecimientos más relevantes del último tercio del siglo XX.

El comercio se ha multiplicado por 10 en los últimos veinte años. La internacionalización de los cambios fue ratificada por los acuerdos de Montevideo, con los que culminó la ronda del GATT (Acuerdo General sobre Aranceles y Comercio), que sancionó una sustancial disminución de las barreras arancelarias.

Los flujos financieros han crecido hasta suponer ingentes cantidades de dinero. Los efectos combinados de la microelectrónica y la informática han revolucionado el mundo de las comunicaciones. Las nuevas tecnologías de la comunicación, a través de las redes integradas de computadoras, fibra óptica y satélites, han favorecido la expansión de los mercados, en especial de los financieros y bursátiles, hasta desembocar en un mercado global en tiempo real por el que transitan cientos de miles de millones de dólares a velocidades de vértigo.

A mediados de los años noventa del siglo XX, las transacciones diarias en el mercado de divisas mundial alcanzaron la astronómica cifra de 1,3 billones de dólares. En 1980 los flujos financieros internacionales producidos en las economías de los países del Grupo de los Siete (Estados Unidos, Japón, Alemania,

© Santillana S.A. Prohibida su fotocopia. Ley 15.913

Gran Bretaña, Italia, Francia y Canadá) representaban menos del 10% de su Producto Bruto Interno (PBI), pero a mediados de los noventa superaban ampliamente el valor del PBI, excepto en el caso de Japón.

• Las grandes compañías multinacionales controlan la mayor parte de la producción mundial. En 1970, las multinacionales eran 7.000; a mediados de los noventa alcanzaban la cifra de 37.000 y en la actualidad se han transnacionalizado, operando en el mercado global, tanto en sus estrategias empresariales, financieras, productivas y de marketing, como en la composición de su capital accionarial.

El paso de una economía-mundo, articulada sobre la base de los intercambios realizados por las economías nacionales, a una economía–mundo global, en la que los mercados globales marcan las pautas, ha reducido los márgenes de actuación de los espacios nacionales, tanto en el plano del diseño de las políticas económicas como en la acción y estrategias de los agentes económicos y sociales.

Ni siquiera la Unión Europea ha podido elaborar sus estrategias económicas al margen de las expectativas de los mercados globales.

2.2 La sociedad de la información, soporte de la globalización

Las comunicaciones por satélite, la tecnología digital y las redes informáticas y por cable han configurado un mercado global de comunicaciones en el que operan grandes conglomerados empresariales multimedia, con un claro liderazgo estadounidense. Esta revolución en las comunicaciones tiene tanto una dimensión tecnológica como empresarial, ya que ha propiciado la formación de gigantes de la comunicación, en los que se funden empresas de telecomunicación, cadenas audiovisuales y estudios y productoras cinematográficas, de televisión y musicales, como los grupos Time–Warner, Disney o Murdoch.

Uno de los ejemplos más significativos de la revolución de las comunicaciones son las autopistas de comunicación, con la red de redes de Internet, cuya estructura horizontal permite la conexión en tiempo real de todos los usuarios de forma interactiva.

2.3 Consecuencias sociales de la globalización

La aceleración en la transmisión de la información y su globalización plantean un nuevo escenario que modifica las pautas sobre las que las sociedades y las personas habían construido tradicionalmente sus identidades.

Los acontecimientos han entrado en la actualidad en una vorágine en la que son consumidos a altísimas velocidades, en correspondencia con las nue-

vas estructuras mediáticas instaladas en una voraz carrera por la novedad y la espectacularidad, destinadas a atrapar el interés de unas audiencias cada vez más saturadas de información y con menor capacidad de sorpresa.

Asistimos a una auténtica paradoja: en el momento de la historia de la humanidad en que las personas manejan un mayor volumen de información, los individuos se muestran incapaces de asimilarla y procesarla para reafirmar, reconstruir o edificar sus identidades. Los acontecimientos pierden significado, más allá del impacto puntual que son capaces de generar los mass-media. Es lo que los comunicólogos conocen como ruido.

La globalización ha provocado dos efectos sociales fundamentales:

La uniformización de las costumbres y los sistemas de valores propiciados por el sistema mediático global actúan como disolventes de las identidades nacionales y locales. Los referentes culturales y sociales sobre los que las personas construían sus identidades y les permitían situarse en el mundo, al dotar de un sentido sus vidas, han perdido buena parte de su fuerza cohesionadora en el ámbito individual o social. Ante esta pérdida, importantes sectores de la sociedad ofrecen resistencia; buscan refugio en un pasado mitificado con el que construir nuevas identidades mediante fuertes vínculos. Esto se consigue a través de la recuperación de los discursos nacionalistas, generalmente en dimensiones menores a los espacios nacionales construidos durante los siglos XIX y XX, dada la pérdida de peso específico de los Estados nacionales como consecuencia de los procesos de mundialización. Otros se sienten atraídos por la fascinación ejercida por todo tipo de sectas y movimientos, más o menos esotéricos, capaces de proveer un sentido de pertenencia que permita al individuo sentirse acogido y reconocido.

La globalización ha generado nuevas formas de conflicto representadas por la oposición del llamado movimiento antiglobalización, de composición heterogénea. Paradójicamente utiliza como principal método de organización y de agitación la red de Internet, que es el paradigma de la globalización de las comunicaciones. En sus reivindicaciones, no siempre coincidentes, subyace la crítica a una globalización asimétrica, planeada en beneficio de los países económicamente más poderosos del planeta y en detrimento de los menos favorecidos. Los resultados del movimiento antiglobalización han sido escasos. En cambio, han logrado una considerable proyección pública, como es el caso de los zapatistas en el estado mexicano de Chiapas.

© Santillana S.A. Prohibida su fotocopia. Ley 15.913

Un conjunto de cambios relacionados entre sí: económicos, ideológicos, tecnológicos y culturales.

Una revolución tecnológica, con implicancias sociales.

Un proceso que genera una creciente gravitación de los procesos económicos, sociales y culturales de carácter mundial en aquellos de alcance nacional o regional. [...] Desde nuestro punto de vista: la globalización es un proceso social, histórico, no lineal y multidimensional que ha ampliado la escala, magnitud, aceleración y profundización de los flujos y patrones de interacción social, más allá de los límites geográficos de los Estados-nación [...]."

CARLOS PARODI: «¿Qué es la globalización? (II)». *La Insignia*. Perú, octubre de 2005.
Capítulo I de *Globalización: ¿De qué y para qué? Lecciones de la historia.*
Lima: Ed. Universidad del Pacífico, 2005.

10 ¿Qué es la globalización?

«La "globalización" económica es un proceso histórico, el resultado de la innovación humana y el progreso tecnológico. Se refiere a la creciente integración de las economías de todo el mundo, especialmente a través del comercio y los flujos financieros. En algunos casos este término hace alusión al desplazamiento de personas (mano de obra) y la transferencia de conocimientos (tecnología) a través de las fronteras internacionales. La globalización abarca además aspectos culturales, políticos y ambientales más amplios. [...] A medida que el proceso de globalización ha avanzado, las condiciones de vida (sobre todo medidas utilizando indicadores amplios del bienestar) han mejorado apreciablemente en casi todos los países. Sin embargo, los más beneficiados han sido los países avanzados y solo algunos de los países en desarrollo.

El hecho de que la brecha de ingresos entre los países de alto ingreso y los de bajo ingreso se ha ampliado es motivo de inquietud. Y el número de personas que, en el mundo entero, viven en la miseria extrema es profundamente preocupante. Sin embargo, es erróneo concluir sin más que la globalización ha sido la causa de esta divergencia, o que nada se puede hacer para mejorar la situación. Por el contrario: los países de bajo ingreso no han podido integrarse a la economía mundial con la misma rapidez que los demás, en parte debido a las políticas que han decidido aplicar y en parte debido a factores que escapan a su control. Ningún país, y menos aun los más pobres, puede permitirse quedar aislado de la economía mundial. Todos los países deberían tener como objetivo reducir la pobreza. La comunidad internacional debería esforzarse –fortaleciendo el sistema financiero internacional a través del comercio exterior y de la asistencia– por ayudar a los países más pobres a integrarse a la economía mundial, a acelerar su crecimiento econó-

© Santillana S.A. Prohibida su fotocopia. Ley 15.913

mico y a reducir la pobreza. Esta es la mejor forma de garantizar que todas las personas de todos los países se beneficien de la globalización.»

Fondo Monetario Internacional (http://www.imf.org)

11 El debate sobre la globalización

«[...] La expresión misma alude a un fenómeno global o de escala planetaria, que puede entenderse como opuesto a local o nacional. La impresión es que el mundo está más interconectado que antes y ello se debe básicamente a los adelantos tecnológicos, en especial a los avances en la difusión de la información. Además, por lo general, se le identifica en su dimensión económica, como un proceso que aumenta la integración económica mundial, en especial en los mercados financieros. Una prueba de ello es que la Real Academia Española define a la globalización como 'la tendencia de los mercados y de las empresas a extenderse, alcanzando una dimensión mundial que sobrepasa las fronteras nacionales' [...].

[...] Con el riesgo que supone realizar generalizaciones, para los economistas, la globalización está relacionada con el surgimiento de un mercado global; para los historiadores, se trata de una época dominada por el capitalismo global, entendido este como un sistema de organización social y económica; los sociólogos la interpretan como la convergencia de preferencias sociales, en lo referente a estilos de vida y valores sociales. En el campo de la ciencia política, la globalización alude a la erosión gradual del Estado-nación. De esta manera, cada disciplina específica explica parte del fenómeno; somos de la idea de que para comprender la globalización resulta mejor analizarla como un concepto que trasciende las disciplinas individuales, pero que al mismo tiempo las une. La clave está en estudiar la globalización con una perspectiva multidisciplinaria [...].

A pesar de lo elusivo del término, la teoría social contemporánea muestra ciertos consensos respecto de los elementos básicos de la globalización:

La globalización se asocia con la desterritorialidad, lo que significa que una creciente variedad de actividades sociales se desarrollan al margen de la localización geográfica de los participantes. Puesto de otro modo, los avances en la tecnología de la información y las comunicaciones han aumentado las posibilidades de interacción de las personas e instituciones. Por ejemplo, gracias al desarrollo satelital, los trágicos eventos del 11 de setiembre de 2001 fueron vistos en tiempo real en todo el mundo. El territorio, en el sentido tradicional de una localización geográfica determinada, ya no constituye todo el espacio social dentro del cual las actividades humanas se desenvuelven.

12 El nuevo rostro del mundo

«Otro fenómeno esencial (caracteriza al mundo actual): todos los estados se ven afectados por la dinámica de la globalización. En cierto modo, se trata de una segunda revolución capitalista.

La globalización económica se extiende a los rincones más apartados del planeta, soslayando tanto la independencia de los pueblos como la diversidad de los regímenes políticos. Tanto es así que la Tierra vive una nueva era de conquistas, como en la época de las colonizaciones. Pero si lo principales actores de la anterior expansión conquistadora eran estados, esta vez quienes pretenden dominar el mundo son conglomerados, grupos industriales y financieros. Estos grupos están situados fundamentalmente en la tríada EUA-Unión Europea-Japón. La mitad de ellos tiene su base en Estados Unidos [...].

La globalización no aspira tanto a conquistar países como a ganar mercados. El objetivo de este poder moderno no es la anexión de territorios [...], son el control de las riquezas.

Esta conquista trae consigo destrucciones impresionantes, como atestigua la espectacular quiebra de Argentina en diciembre de 2001. Dicho país era el mejor exponente del modelo universal preconizado por el FMI, que intenta exportarlo a todo el planeta con dogmática tozudez. La caída de la Argentina es al neoliberalismo lo que la caída del muro de Berlín fue al socialismo estatal: la evidencia del descrédito, la constatación del fracaso [...].

La globalización es también el saqueo de la naturaleza, el pillaje planetario. Las grandes empresas privadas depredan el medio ambiente utilizando herramientas desmesuradas; esquilman las riquezas naturales, que son el bien común de la Humanidad, y lo hacen sin escrúpulos y sin freno. Este fenómeno se añade a una criminalidad económica ligada al mundo financiero y a la gran banca, que reciclan sumas superiores al billón de euros por año, es decir, más que el PBI de un tercio de la Humanidad».

RAMONET, I.: *Guerras del s. XXI*, España: Ed. Debolsillo, 2004.

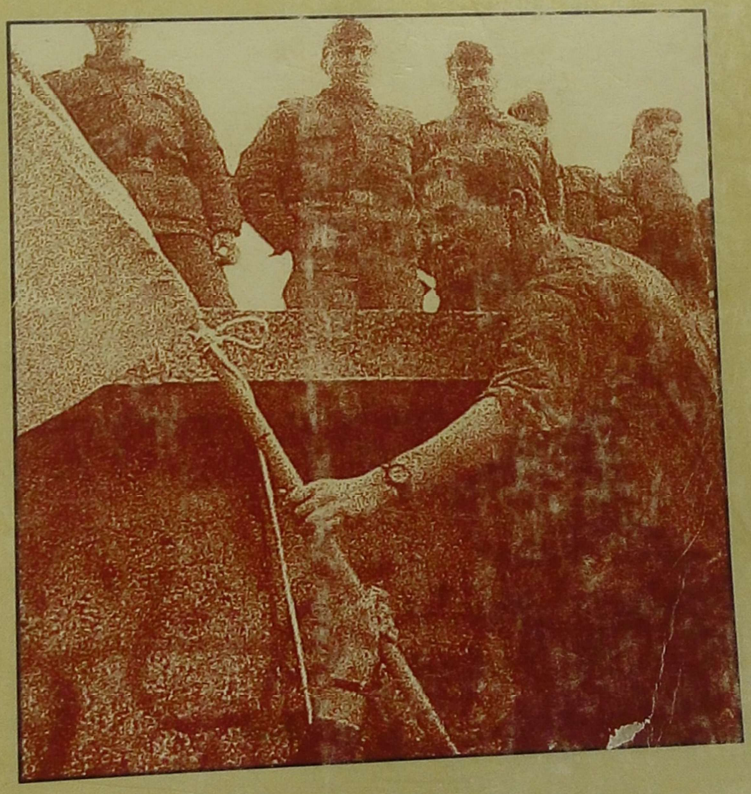
13 Globalización y mercado

«[...] hoy existen más facilidades para que pasen de un país a otro los capitales, las mercancías y los mensajes mediáticos que las personas. Es más sencillo hacer inversiones en un país extranjero que volverse ciudadano. La globalización es imaginada con más facilidad para los mercados que para los seres humanos [...]».

N. GARCÍA CANCLINI: *La globalización imaginada. "Mercado e interculturalidad.* México: Paidós, 1999.

Julio Aróstegui,
Cristian Buchrucker
y Jorge Saborido
(directores)

EL MUNDO CONTEMPORÁNEO: HISTORIA Y PROBLEMAS



Editorial Biblos
Crítica

Todo ello, por lo demás, se produce en medio de una extrema y preocupante heterogeneidad y desequilibrio a escala planetaria.

La nueva sociedad no es ya sólo posindustrial, como la llamara Daniel Bell (1975), sino que se han propuesto para ella diversos nombres, siendo el más peculiar el de "sociedad red", donde las nuevas fuerzas se entrelazan estrechamente a través de una información y sobreinformación, donde las antiguas clases sociales aparecen progresivamente diluidas y con límites inciertos. La diferenciación social se basa ya, mucho más que en el disfrute de bienes de consumo, en la disponibilidad de información y de opciones de actuación en función de ella; las democracias formales están plenamente dominadas por los poseedores de un nuevo capital, el de la tecnología y los medios de información, mientras el sistema mundial se basa crecientemente en la globalización de los intereses económicos. Sobre estos temas volveremos en los demás apartados de este capítulo.

Nuestro presente es, como todos los presentes históricos, mestizo. Lo cual quiere decir que, habiendo aparecido claves históricas nuevas, no han desaparecido enteramente las formas anteriores, y ello no es cosa que en la historia ocurra a plazo breve. Lo antiguo y lo nuevo se entremezclan y la diferencia entre unas zonas y otras del planeta es de tal envergadura que es difícil hablar de un "presente histórico común" y ello mismo es otro de los grandes caracteres, negativos, de nuestra época.

2. La economía de la globalización*

La última década del siglo XX se ha caracterizado por la concreción de una serie de transformaciones tecnológicas que habían empezado a desplegarse en los años anteriores, las que han recibido la denominación de "tercera revolución industrial" o también "segunda ruptura industrial". Éstas, a su vez, han dado lugar a un fenómeno que imprimió el tono a la década: la globalización. Vista ya como la continuidad de un proceso histórico de desarrollo del capitalismo en su fase de transnacionalización o, desde otras perspectivas teóricas, como una ruptura con rasgos inéditos, el hecho implica, en principio, que casi todas las economías del mundo están conectadas entre sí (en todos los terrenos pero sobre todo en el financiero). Sin embargo, esa vinculación no ha logrado estabilizar razonablemente el crecimiento económico, ni acabar con el crucial tema de la desocupación, ni mucho menos ha producido una disminución en las desigualdades entre los diferentes escenarios nacionales.

a) Las transformaciones tecnológicas

Aunque más adelante se hablará detenidamente de ello, conviene señalar ahora, desde un punto de vista esencialmente económico, que la recomposición del

* Por Jorge Saborido.

sistema técnico verificada tras la crisis de los años 70 fue el resultado de la convergencia entre las oportunidades generadas por un conjunto de nuevas tecnologías –la electrónica, la biotecnología, los "nuevos materiales"– y una demanda social cada vez más exigente. Esta última se planteó en términos de una diversificación del consumo, de la exigencia de productos menos uniformes, de calidad garantizada; no se trataba de una desaparición de la sociedad de consumo sino de su reconfiguración bajo nuevas premisas. Frente a esta nueva realidad, se produjo una aceleración del cambio tecnológico que se manifestó de manera especial en terrenos como los materiales industriales y las llamadas "tecnologías de la información".

Respecto de los materiales, se trató, por una parte, del desarrollo que experimentaron los plásticos –impulsados por los shocks petroleros–, las cerámicas y los "materiales compuestos" (fibras de vidrio, resinas) y, por otra, de las modificaciones que se produjeron en la tecnología de materiales tradicionales como los metales, el papel, etc. Esta "guerra de los materiales" (Caron, 1997) tuvo como resultado el crecimiento ininterrumpido del número de materiales de alto rendimiento desde la década de los 80, rendimiento que abarca todos los dominios de las actividades humanas, experimentando un proceso de competencia mucho más intenso que el de los materiales de uso masivo. Para citar sólo un ejemplo, los plásticos especiales jugaron un papel considerable en el terreno médico y farmacológico, como así también en el dominio de la electrónica.

Por su parte, la historia de las tecnologías de la información desde la década del 70 –microelectrónica, informática, telecomunicaciones, optoelectrónica– es la demostración clara de un proceso de convergencia tecnológica que condujo a la conformación de un sistema de redes integradas a escala mundial; tanto el tendido de las redes ferroviarias como las instalaciones eléctricas constituyen precedentes significativos del mismo. Fue asimismo el empalme de un conjunto de tecnologías dispersas reagrupadas alrededor de una técnica dominante el hecho que sirvió de catalizador. Lo que la locomotora a vapor y los rieles de hierro representaron para el ferrocarril, y la alta tensión en corriente alternada para la electricidad, en el caso de las tecnologías de la información, lo ha sido la digitalización asociada a la invención y el desarrollo de los semiconductores, desde el transistor al microprocesador.

Tres tecnologías de base, la de componentes electrónicos, la vinculada con las transmisiones y la de la digitalización, se combinaron en una dinámica interactiva hasta acelerar y hacer posible la fusión de un sistema de tratamiento de la información –la informática– y un sistema de comunicación vocal –el teléfono–, dando por resultado el surgimiento de un sistema mediático de creación de imágenes y sonidos. Ahora, como bien se ha dicho, "lo que caracteriza a la revolución tecnológica actual no es el carácter central del conocimiento y la información, sino la aplicación de ese conocimiento e información a aparatos de generación de conocimiento y procesamiento de la información-comunicación, en un círculo de retroalimentación acumulativo entre la innovación y sus usos" (Castells, 1998).

La tendencia dominante de la tecnología de los macrosistemas a todos los niveles se orienta hacia la búsqueda de la "gestión en tiempo real" de conjuntos cada vez más complejos; "la velocidad deviene instantánea, el tiempo es abolido" (Ca-

ron, 1997). Esta búsqueda se aplica no solamente a la comunicación sino también a la transmisión y al tratamiento de datos, y asimismo a la ejecución de las decisiones adoptadas en función de ese tratamiento.

Uno de los aspectos significativos de la nueva realidad tecnológica ha sido la aplicación de los sistemas informáticos al diseño y el control de los procesos, la llamada "tecnología de gestión". A la automatización y solución de numerosos problemas emergentes del trabajo de oficina, se agregó una nueva racionalidad en la operación coordinada de los stocks y de la producción con el objetivo de reducir los inventarios. Se concreta así lo que ha sido denominado "sistema integrado de administración, producción y comercialización" (Saborido y Berenblum, 1999). El avance tecnológico permitió pasar del sistema de grandes plantas y producción uniforme a un esquema flexible de unidades adaptables a una creciente diferenciación de los productos; su valor reside en la capacidad de satisfacción de un mercado consumidor cuyos deseos son minuciosamente estudiados, provocados y reemplazados por la racionalidad de las leyes de la comercialización.

El resultado final de este nuevo ciclo tecnológico ha sido superar las principales disfunciones surgidas durante los años 70 y 80. Su motor esencial es el diálogo entre el imaginario técnico y la satisfacción de las expectativas del consumidor, condicionadas éstas por el papel central que desempeña la publicidad. La "tecnologización" avanzó en numerosas esferas. En la vida cotidiana se produce una transformación que, para hacer referencia sólo a una minúscula parcela de la realidad, se manifiesta en la cocina por medio de los nuevos métodos de conservación de los alimentos y su complemento, el horno a microondas.

En este terreno, muchos signos parecen ser los indicios de un proceso de diversificación del consumo de la sociedad de masas; sin embargo, en algunos casos eso es mucho más aparente que real. El caso del automóvil lo muestra claramente: las modificaciones introducidas por las nuevas tecnologías y los nuevos métodos de producción no son la mayor parte de las veces más que recursos imaginados para un mercado por demás competitivo. Se responde a los deseos del consumidor pero ellos no modifican la orientación general del proceso técnico, que está sometido a una lógica única; las estrategias de concepción y promoción de los productos encubren bajo la forma de una aparente diversidad la existencia de una marcada uniformidad. Las tecnologías vinculadas con la satisfacción de los bienes de consumo asociadas a la vida cotidiana constituyen los extremos de redes técnicas cada vez más extendidas en el espacio, cada vez más densas, operadas por sistemas informáticos capaces de transmitir y procesar información en tiempo récord.

Los medios de transporte, desde el avión hasta el ferrocarril, experimentaron también una profunda transformación a partir de la aplicación de los sistemas orientados a la producción y gestión. Los aviones, partiendo de la experiencia del Concorde en los años 70, se beneficiaron de la utilización de los nuevos materiales pero, además, la intensificación del tráfico obligó a una regulación cada vez más cuidadosa del espacio aéreo, para la cual se utilizaron las posibilidades de la informática. Asimismo, también el ferrocarril, fundamentalmente en el mundo europeo, se vio involucrado en este proceso en el que no sólo se impuso el concepto de alta velocidad, basado en el principio de la sustentación electromagnética, sino

que todos los procesos, incluyendo la conducción de los trenes, fueron objeto de control y regulación centralizada

Nos encontramos, por tanto, frente a una realidad que apunta hacia una suerte de automatismo integral que tiende a eliminar la intervención humana: desde el piloto de un avión hasta el operador de una fábrica se convierten en ejecutores de órdenes emitidas por los sistemas informáticos. De cara al futuro se plantea una disyuntiva: o se extiende el campo de aplicación de las operaciones automáticas gracias a la inteligencia artificial o, por el contrario, se rehabilita el papel de los operadores. Asimismo, dos posibilidades se presentan también para la gestión de las redes: la de una centralización e integración creciente o la de la especialización y descentralización. Estas elecciones van mucho más allá de estar únicamente vinculadas con cuestiones de orden técnico; implican una elección de civilización.

b) La dinámica económica de la década

La década del 90 se abrió con las consecuencias del derrumbamiento de las economías de la Europa del este, lo que parecía sellar el triunfo del capitalismo en escala universal, y finaliza con amenazas diversos, desde las perturbaciones producidas por el alza de los precios del petróleo hasta las consecuencias del freno en el crecimiento estadounidense. En ese lapso se verificaron una serie de procesos que, desplegados en diferentes escenarios del planeta, les otorgan a estos años ciertos rasgos particulares. Antes de analizarlos es preciso llamar la atención sobre lo que entendemos constituye el elemento que en una primera visión aparece como más relevante: la inestabilidad. Sus dimensiones se pueden apreciar a partir de la simple enumeración de sus manifestaciones, las sucesivas crisis financieras: la de Europa en 1992 como consecuencia del debilitamiento del Sistema Financiero Europeo, la "crisis del tequila" en México a fines de 1994, el crac asiático de 1997, la crisis de Rusia en 1998, y la de América Latina en 1998-1999.

La significación de estas persistentes perturbaciones está sin duda determinada por el proceso de globalización, que alcanza su expresión más completa en el terreno financiero, introduciendo una dimensión planetaria que ha contribuido a potenciar esa inestabilidad, generando nuevos (y negativos) efectos. Además, y como consecuencia de la existencia de factores que van más allá de las concretas manifestaciones de inestabilidad, incluso las referencias vinculadas con perspectivas económicas halagüeñas, como el comienzo de un ciclo expansivo que se prolongaría hasta 2020 según los pronósticos de la Organización para la Cooperación y el Desarrollo Económico (OCDE), no están acompañadas –ni siquiera en Occidente– por una euforia social significativa, por una confiada esperanza en el porvenir. La idea generalizada es que en cualquier instante, de improviso, puede sobrevenir lo peor (desde un derrumbe bursátil hasta el estallido de un depósito nuclear).

Los índices del crecimiento a nivel mundial durante 1989-1999 muestran una tasa media del 3 por ciento anual, que se desagrega en un espectro muy amplio. Para los países industrializados, los valores son modestos, encubriendo además grandes variaciones entre los diferentes países y acusadas fluctuaciones a lo largo de la década en la mayoría de ellos (véase cuadro 1).

CUADRO 1
Índice de crecimiento anual de los países industrializados (en porcentajes)

	1989-1999	1997	1998	1999
Conjunto	2,6	3,3	2,4	3,2
Estados Unidos	3,0	4,3	4,3	4,2
Japón	1,6	1,6	-2,5	0,3
"Los cuatro tigres"	5,9	5,8	-2,3	7,7
Canadá	2,2	4,0	3,1	4,2
Unión Europea	2,0	2,6	2,7	2,4
Alemania	2,2	1,5	2,2	1,5
Francia	1,7	2,0	3,4	2,7
Italia	1,4	1,8	1,5	1,4
Reino Unido	1,9	3,5	2,2	2,0

FUENTE: *El estado del mundo*, 2001.

Tremendamente negativa ha sido la situación de los países de Europa del este, con una caída promedio del 4 por ciento a lo largo del período, que a su vez se desagrega en unos pocos resultados positivos –República Checa– y catástrofes, como la de la Comunidad de Estados Independientes (CEI).

CUADRO 2
Índice de crecimiento anual de los países de Europa del este

	1989-1999	1997	1998	1999
Total	-4,0	1,7	0,7	2,4
Europa del este	-0,5	2,1	1,8	1,4
República Checa	1,5	0,3	-2,3	-0,5
Hungría	-0,1	4,6	4,9	4,1
Polonia	2,5	6,8	4,8	4,1
Países Bálticos	-4,2	8,3	4,6	-1,8
CEI	-5,7	1,1	-3,1	3,0
Bielorrusia	-2,1	11,4	8,3	3,0
Rusia	-6,3	0,9	-4,5	3,2
Ucrania	10,5	3,0	1,7	1,4

FUENTE: *El estado del mundo*, 2001.

En cuanto al resto del mundo, su evolución está marcada por dos extremos: los valores correspondientes a los países asiáticos, potenciados por las altísimas tasas de crecimiento de China, y la persistencia de un valor inferior a la media mundial en el África subsahariana. América Latina, afectada por notorios vaivenes, terminó la década con un promedio similar al del conjunto mundial.

CUADRO 3
Índice de crecimiento de los "países en desarrollo"

	1989-1999	1997	1998	1999
África	2,1	2,9	3,1	2,3
Asia	7,4	6,7	3,8	6,0
América Latina	3,0	5,4	2,1	0,1
Total (incluye Medio Oriente)	5,3	5,8	3,2	3,8

FUENTE: *El estado del mundo*, 2001.

LA "ERA CLINTON" Y EL EURO

La "era Clinton" ha sido para Estados Unidos el más largo período de crecimiento económico de la posguerra, si bien las tasas de aumento del Producto Bruto Interno (PBI) están distantes del "período de oro" (1950-1973). El resultado positivo experimentado desde mediados de 1991, pero con mayor vigor entre 1995 y 1999, acompañado de una fuerte disminución de la desocupación –menos del 4 del ciento– ha hecho retornar (una vez más, y van...) las visiones optimistas respecto de la irrupción de una era de prosperidad duradera y sin precedentes. Esa mirada autocomplaciente se ha visto sin duda reforzada por la *débacle* de la Unión Soviética, que marcó el triunfo del capitalismo en escala mundial, dejando además a Estados Unidos como la potencia hegemónica a todos los niveles. Además, este país sin duda ha sido el protagonista principal de la transformación tecnológica a la que se ha hecho referencia. Es cierto que en esos años todo lo que tenía que subir, subió –además de la producción y el empleo, la inversión, las exportaciones, la Bolsa– y todo lo que tenía que bajar, bajó –la inflación, el déficit público, las tasas de interés–.

Sin embargo, una revisión a fondo de los rasgos de la economía norteamericana mueven a moderar el triunfalismo: los altos niveles de consumo privado, impulsados por la ilusión de riqueza patrimonial creada por la extraordinaria alza de las cotizaciones bursátiles, bien podrían disminuir de manera sensible si la Bolsa se estancara y el déficit creciente de la balanza por cuenta corriente, que llegó al 2,8 por ciento en 1998, deteriorara la confianza en el dólar. Por otra parte, la redistribución regresiva del ingreso, iniciada en la segunda mitad de la década del 70 y consolidada durante la vigencia de la "reaganomics", no se ha revertido; el número de pobres ha continuado creciendo –24,7 millones en 1977; 35,6 millones veinte años más tarde (Beinstein, 1999)– y las transformaciones asociadas con el despliegue de la "era de la información" han introducido una serie de factores nuevos que, como el trabajo "a tiempo flexible" y el crecimiento de los trabajadores autónomos, generan una sensación de inestabilidad que no es fácilmente superable para quienes desarrollaron buena parte de su vida laboral siguiendo la forma tradicional de trabajo (empleo de tiempo completo + tareas bien definidas + un modelo de carrera profesional a lo largo del ciclo vital). En resumen: la expansión estadounidense, sustentada también en un solvente manejo de la política moneta-

ria y fiscal para enfrentar la coyuntura, no tiene asegurada la continuidad en un mundo signado por la inestabilidad. Los pronósticos favorables de los organismos internacionales no son percibidos con tanto optimismo por la sociedad, y ya hacia fines de 2000 se destacaba el freno que estaba experimentando su economía.

La vida de Europa occidental en los años 90 ha estado fuertemente influida por el proceso de construcción de la Unión Europea, uno de cuyos hitos fundamentales fue la firma del Tratado de Maastricht en 1991, por el que se estableció un compromiso irrevocable de integración económica y política, junto al lanzamiento de la moneda única, el euro, el 11 de enero de 1999. Como bien se ha dicho: "Una Europa unificada, con su potencia económica y tecnológica, [...] junto con el ascenso del Pacífico, asentará el sistema de poder mundial en una estructura policéntrica, impidiendo la existencia de una superpotencia hegemónica, pese a que Estados Unidos sigue ostentando una preeminencia militar (y tecnológica)" (Castells, 1998).

La unificación alemana, concretada en 1990, tuvo un impacto muy fuerte sobre la vida del país y ello repercutió sobre la situación europea en razón del papel central del Bundesbank, que mantuvo altas las tasas de interés para evitar el eventual desborde inflacionario generado por la reconstrucción de Alemania del Este. Pero, sin duda, el comportamiento económico y monetario de los países integrantes de la Unión Europea estuvo acotado a causa de los compromisos contraídos por los gobiernos en cuanto al cumplimiento de las pautas que aseguraran la convergencia que permitiera el establecimiento de la moneda única. Las turbulencias monetarias experimentadas en 1992-1993 fueron un factor adicional que, al mostrar la incompatibilidad de un sistema de cambios fijos y el libre movimiento de capitales, permitió ganar terreno a los partidarios del establecimiento del euro para garantizar la estabilidad monetaria.

La modesta tasa de crecimiento de la Unión Europea durante la década, a mitad de camino entre la de Estados Unidos y la de Japón, se aceleró en los últimos años, pero siempre acompañada de la persistencia de altos niveles de desocupación, que se incrementó desde el 8,1 por ciento en 1990 hasta el 9,2 por ciento en 1999, con cotas máximas superiores al 11 por ciento a mediados de la década. Por esta razón, uno de los grandes temas recurrentes en los principales órganos de decisión ha sido el de impulsar políticas destinadas a reducir la desocupación. En ese ámbito han reaparecido periódicamente y con fuerza las demandas, apuntaladas por las concepciones neoliberales, de desmontaje de las instituciones del Estado de bienestar, una de las principales señas de identidad del capitalismo europeo de la segunda posguerra.

El éxito alcanzado por Estados Unidos en la creación de empleo, a partir de un incremento de la flexibilidad laboral, se contrapone a las economías de la Unión Europea a las que se presenta como "esclerotizadas, atenazadas por una gran rigidez laboral y por una excesiva protección social" (Navarro, 1997). No obstante, hay que decir que con independencia del signo político de los gobiernos de los países comunitarios se ha forjado un consenso respecto del mantenimiento de las políticas sociales, el que, sin embargo, pueda tal vez verse erosionado en el caso de la irrupción de una crisis significativa. Ésta es una de las razones por la que desde

los ámbitos socialdemócratas se ha intentado teorizar sobre una "tercera vía" que aparte a la izquierda europea occidental de la defensa a ultranza del papel central otorgado al Estado en la vida social y económica, y que en la práctica aparece como una postura claramente defensiva frente a los duros embates de los "fundamentalistas del mercado" (Giddens, 1999). Por lo tanto, más allá de las perspectivas optimistas que se formulan sobre el futuro económico europeo, parece que el debate sobre la continuidad de las instituciones del Estado de bienestar sigue estando en la agenda de políticos y economistas neoliberales; sólo se está esperando el momento oportuno para reintroducirlo.

El hundimiento de la Unión Soviética y la evolución de las economías no europeas

Más allá de la discusión académica respecto de la inevitabilidad o no del derrumbamiento de la experiencia soviética, lo cierto es que entre 1989 y 1991 "varios cientos de millones de personas que habían vivido bajo regímenes marxistas de repente se convirtieron en ciudadanos de Estados dispuestos a conceder una oportunidad a los mercados" (Krugman, 2000). El impacto de este cambio de enormes dimensiones fue dramático para los afectados, en tanto la transición, lejos de conducir a la construcción de un orden capitalista estable, produjo un dislocamiento económico y social cuya referencia estadística se ha indicado antes. La existencia de algunas situaciones nacionales en las cuales parece haberse estabilizado una economía de mercado razonablemente viable no invalida la mediocre realidad general.

El caso de Rusia es por demás dramático; dadas las dimensiones de su poder hasta fines de los años 80, se torna entonces más impresionante la magnitud de su caída: "La corrupción financiera sin límites, la degradación nacional y el cataclismo económico en los que se debate Rusia desde la llegada al poder de Boris Yeltsin en 1991 no tienen precedente en la historia del siglo XX" (McCauley, 1997). Las medidas de liberalización, las privatizaciones y el "abandono" de la economía a las fuerzas del mercado han conducido a una criminalización de la misma, beneficiando a una ínfima minoría de sus habitantes. Mientras el 2 por ciento de la población concentra el 57 por ciento de la riqueza nacional, el 53 por ciento vive por debajo del umbral de la pobreza. El monto de la deuda externa, alrededor de 180 mil millones de dólares, es ampliamente superado por la salida ilegal de capitales, calculada entre 200 mil y 250 mil millones de dólares.

La "generosidad" occidental, potenciada por la inquietante circunstancia de que Rusia tiene todavía un importante arsenal de armas nucleares, permitió que sin muchas exigencias se brindara durante varios años ayuda a un Estado incapaz (o directamente desinteresado) de establecer algún tipo de control sobre la vida económica. Finalmente, en agosto de 1998 estalló un crac financiero que culminó en una devaluación del rublo y en una suspensión de pagos por parte del Estado, que afectó a algunos grupos especulativos pero también a miles de ahorristas particulares. En ese momento, los inversores extranjeros se marcharon pero, contra lo previsto, la economía experimentó una cierta recuperación; coadyuvaron a

Sudáfrica– realizada a principios de la década por un reputado economista estadounidense, continúa siendo válida al final de la misma, y aplicable al conjunto. El abordaje de un área inmensa, en la que el clima va desde la tremenda humedad de las zonas ecuatoriales hasta los desiertos del Sahara y del "cuerno de África" (Eritrea, Etiopía, Somalía y Djibouti), con todas las gamas intermedias, en la que el PBI por habitante se despliega en un rango que en su nivel inferior es de 450 dólares (Sierra Leona) y en el superior alcanza los 6.300 dólares (Gabón), se ve, sin embargo, unificado por una circunstancia que puede definirse en una sola frase: es un "peón menor en el tablero de ajedrez económico mundial" (*El estado del mundo*, 2000). La disminución en el crecimiento demográfico (2,4 por ciento anual) anticipa una transición positiva, pero una serie de circunstancias económicas –atraso tecnológico, insuficiencia de capitales, distribución extremadamente desigual del ingreso, corrupción– y extraeconómicas –violencia extendida, profunda crisis de gobernabilidad– perpetúan un atraso casi generalizado del que no ha salido en los años 90 ni parece estar en condiciones de hacerlo en el futuro inmediato.

c) La globalización como proceso y destino

Los últimos cinco siglos constituyen, en un sentido general, un largo proceso de formación y expansión de los mercados, de la industrialización, de la urbanización y de la occidentalización, involucrando naciones, culturas y civilizaciones. Desde esta perspectiva, las transformaciones que se verifican en los años 90 del siglo XX –fuertemente influidas por el fin de la Guerra Fría– serían la continuidad de una larga historia de desarrollo capitalista que se ha desplegado en un ámbito espacial cada vez más amplio y adoptado formas diferentes, y que ahora se vuelve concretamente global, de tal suerte que "influye, recubre, recrea o revoluciona todas las otras formas de organización social del trabajo, producción y vida" (Ianni, 1998).

Sin embargo, existen posturas que, sin dejar de reconocer la validez de ese análisis, argumentan que las transformaciones vinculadas con la tecnología de la información constituyen un acontecimiento histórico por lo menos tan importante como la Revolución Industrial inglesa, "inductor de discontinuidad en la base material de la economía, la sociedad y la cultura" (Castells, 1998). Caracterizar así la nueva realidad implica referirse a un salto cualitativo de profundas implicaciones, que ha recibido el nombre de "globalización". No cabe duda de que estamos frente a la palabra de moda, que "se transforma rápidamente en un fetiche, un conjuro mágico, una llave destinada a abrir las puertas a todos los misterios presentes y futuros" (Bauman, 1999). Revisados ya los rasgos estrictamente tecnológicos que han hecho posible la emergencia de este nuevo escenario, vamos a perfilar los elementos que lo destacan. Por una parte, nos encontramos ante una economía en condiciones de funcionar como una unidad en tiempo real a escala planetaria; este rasgo abarca todos los factores que intervienen en el sistema económico: los capitales se movilizan de manera instantánea durante las veinticuatro horas en los mercados financieros; la ciencia y la tecnología también están organizadas en flujos globales, si bien éstos se encuentran concentrados en algunas regiones y

en algunas empresas e instituciones. En cuanto al trabajo, aunque su movilidad no puede compararse con la de los otros factores, sí es cierto que las empresas se desplazan para instalarse donde encuentran las condiciones laborales más favorables, así como también están en condiciones de demandar mano de obra de cualquier parte del mundo, si ofrecen la compensación adecuada.

Estas características de los procesos económicos actuales, como no puede ser de otra manera, se vinculan de forma estrecha con una concepción que tiene como núcleo central la apertura irrestricta de los mercados; las organizaciones transnacionales, impulsoras privilegiadas de todo el proceso, buscan imponer el establecimiento de mercados libres en la vida económica de las sociedades de todo el mundo. La idea de que no hay opción ha penetrado profundamente en la mente de sectores muy vastos de la sociedad y entre los grupos políticos con acceso al poder. La historia de candidatos que captan el apoyo del electorado con un discurso reformista y luego aplican recetas basadas en la suma de "ajuste + privatizaciones + liberalización" de los mercados no puede ser explicada solamente a partir de la supuesta demagogia de la clase política; forma parte de la percepción de que cualquier heterodoxia es inviable y será sancionada tanto por los mercados como por los organismos financieros internacionales. Un resumen de las bondades de la globalización lo brinda Mike Moore, el actual presidente de la Organización Mundial de Comercio: "No conozco otra forma mejor de sacar al mundo de la pobreza. No va a discutirme que en todas partes se vive mejor que hace veinte años. Yo vengo del Pacífico, y en mi país [Nueva Zelanda], en Singapur, en Indonesia, en Tailandia, en todas partes el per cápita es mucho más alto" (*El País* [Madrid], 7 de mayo de 2000).

Frente a esta visión optimista de la dirección de las transformaciones en curso, se alzan las voces de los críticos, de quienes se resisten a aceptar la validez del "pensamiento único", dando cuenta de que la realidad de la globalización carece del tono rosado con el que la pintan sus apologistas. Por una parte, se cuestiona justamente lo que Moore expresa con el énfasis propio de un fundamentalista, esto es, que la economía globalizada conduce a un aumento de la riqueza mundial y a la disminución de las desigualdades. Frente a esta afirmación, vale como réplica lo siguiente: "La tesis de que el comercio mundial agudiza la competencia y conduce a reducir costos, situación de la que todos finalmente extraen ventajas, es claramente cínica, pues se silencia que existen dos maneras de reducir costos, a saber, elevando rendimientos –vía tecnología, organización, etc.– o bien disminuyendo el nivel de gastos en la aportación humana al trabajo y a la producción. También en este caso aumenta la rentabilidad, pero debido a que se cae en una variante tardía de piratería internacional" (Gray, 2000).

Las referencias estadísticas muestran que, más allá de las declaraciones, no existe un impacto positivo de la globalización en la disminución de la pobreza; en el *Informe sobre el desarrollo mundial 2000-2001: Lucha contra la pobreza* se destaca que el porcentaje de personas que viven con menos de un dólar al día sólo ha disminuido del 29 al 24 por ciento entre 1990 y 1998 (77,5 millones de personas), pero esas cifras se modifican si se excluye a China: los porcentajes pasan a ser respectivamente 28,1 y 26,2 por ciento y el número total se ha incrementado en 69,8 millones (*El País* [Madrid]), 13 de septiembre de 2000).

La posibilidad de contar con algunos elementos estadísticos que permitan analizar la evolución de las desigualdades en el mundo nos lleva a utilizar dos elementos: uno de ellos, el más simple, es el Producto Bruto Interno por habitante de cada país. El otro es el Índice de Desarrollo Humano (IDH) elaborado desde 1990 por el Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo (PNUD), que relaciona en una fórmula única la esperanza de vida al nacer, el grado de instrucción y el PBI de cada país. La variación del IDH se establece entre 0 y 1. En ambos casos, más en el segundo por su complejidad (además, incluye en su fórmula al primero), los márgenes de error son amplios, provenientes tanto de información incompleta o distorsionada como de métodos diferentes para realizar los cálculos. De cualquier manera, el análisis de los mismos es el elemento más fiable para avanzar en una comparación. El cuadro 4 nos muestra la evolución tanto del PBI como del IDH por habitante entre 1991 y 1998, tomando el promedio de los veinte países que encabezan cada una de las listas y los cincuenta últimos (no son exactamente los mismos países en cada caso, pero las diferencias son escasas).

CUADRO 4
Producto Bruto Interno por habitante e Índice de Desarrollo Humano

Países	Producto Bruto Interno/hab.		Índice de Desarrollo Humano	
	1991	1998	1991	1998
Veinte más ricos	18.007 (1)	23.842 (1)	0,916 (1)	0,918 (1)
Cincuenta más pobres	1.048 (2)	1.174 (2)	0,303 (2)	0,445 (2)
Relación (1)/(2)	17,2/1	20,3/1	3,02 /1	2,06/1

FUENTE: Elaboración propia a partir de *El estado del mundo* (1992-1999).

Los comentarios que pueden realizarse a partir de estos datos son interesantes: por una parte, la brecha entre los países pobres y los ricos se ha ensanchado considerablemente en el curso de los siete años. Por otra, allí donde las distancias se han estrechado nos encontramos con una situación en la cual las posibilidades de mejorar su IDH por parte de los países desarrollados es mucho más limitada que las de los que no lo son, en virtud de que factores como el nivel de alfabetización o la esperanza de vida son muy difíciles de incrementar (en el primer caso todos los países considerados están en el 99 por ciento). Por lo tanto, un aumento en estos valores por parte de los países atrasados achica la brecha por encima del desfase existente en el PBI. Es decir que los países pobres están más cerca en cuanto a su "desarrollo humano" pero bastante más lejos en cuanto a su nivel de ingresos.

Otro debate importante es el que gira alrededor de la brecha creciente que se está abriendo entre la política y la economía, con la consecuencia, para algunos tratadistas, de impulsar de manera creciente un proceso de "extinción" de los Estados nacionales: "En el cabaret de la globalización, el Estado realiza un *strip-tease*

y al final de la función sólo queda lo mínimo: el poder de la represión" (Bauman, 1999). Si, como afirma el Banco Mundial, el PBI sumado de Honduras, Panamá, El Salvador, Nicaragua, Costa Rica, Ecuador, Perú, Paraguay, Uruguay y Bolivia es inferior a la facturación de General Motors, es muy difícil imaginar el despliegue de políticas económicas por parte de los gobiernos de esos países que apunten a limitar el poder de las grandes corporaciones. Además, la nueva realidad transnacional presenta un grado tal de complejidad que si bien no hay duda de que los grandes grupos económicos se vinculan con los Estados en los que tuvieron origen (y las políticas estatales en muchos casos actúan apuntalando "el capitalismo de bandera"), las redes de relaciones que se establecen en el nuevo escenario globalizado los conducen a contradicciones con los mismos que se manifiestan sobre todo en el ámbito financiero y el monetario. En una visión pesimista se afirma que "ningún Estado puede resistir más allá de unos pocos días las presiones especulativas de los mercados" (ídem); las operaciones contra la libra esterlina concretadas por el grupo del financiero George Soros, afincado en Estados Unidos, a principios de los 90 pueden ser esgrimidas como una muestra que avala lo dicho.

Finalmente, habría que hacer referencia a que la globalización y su dinámica da la espalda o, en el mejor de los casos, presta insuficiente atención a los gravísimos problemas ecológicos. La historia de la humanidad puede esquematizarse a partir de un gráfico compuesto por tres círculos concéntricos: el exterior representa lo técnicamente posible, el siguiente lo económicamente viable, y el círculo interior lo ecológicamente tolerado por el planeta. La mayor parte de la historia del hombre en la Tierra podría resumirse leyendo de adentro hacia afuera ese gráfico. Todo era ecológicamente posible, pocas actividades económicas eran viables y muy pocos problemas técnicos estaban en condiciones de ser resueltos (Saborido y Berenblum, 1999). Las transformaciones producidas desde la Revolución Industrial han ido invirtiendo su lectura: en la actualidad casi todos los problemas técnicos pueden ser resueltos y muchas cuestiones económicas están en condiciones de ser solventadas, pero el deterioro ecológico está colocando al planeta al borde de una catástrofe, tal como se analiza más adelante. En ese nuevo escenario, se percibe con claridad que no es el mercado libre y globalizado el que puede arrimar las soluciones sino que en buena medida, con su lógica basada en el beneficio, ese mercado es una parte del problema.

Por lo tanto, el fin de la década nos coloca frente a una serie de interrogantes que necesariamente deberán ser respondidos en el futuro inmediato: ¿seguirá siendo el mercado el elemento que determine las decisiones económicas? ¿O, por el contrario, se percibirá que se trata simplemente de un instrumento que hace algunas tareas adecuadamente –por ejemplo, orientar las actividades productivas en función de la eficiencia– y otras bastante mal, como redistribuir los ingresos? ¿Existe voluntad política en los países ricos para limitar el poder del capitalismo transnacional? En caso afirmativo, ¿puede ésta efectivizarse a partir de las decisiones de los Estados nacionales individuales? (véase Cuestiones Polémicas, 2)

En cualquier caso, parece indudable que los mercados globales desregulados de hecho reproducen puntualmente las condiciones del atraso al poner en contacto actores con un poder absolutamente asimétrico para posicionarse los mismos.

Las discusiones surgidas alrededor del llamado "impuesto Tobin" (una imposición sobre las transacciones internacionales de capitales) pueden ser el punto de partida de un debate que clarifique posiciones y plantee opciones que busquen el equilibrio entre el dinamismo de la economía y la desigualdad en la distribución de los ingresos.

Y, para finalizar, una última pregunta: ¿está el mundo desarrollado interesado en cerrar la brecha que margina buena parte del planeta de los beneficios del desarrollo económico? ¿O seguirá esgrimiendo el discurso asentado en el mercado libre, los ajustes y la disciplina monetaria, con la promesa de un paraíso reservado para los "obedientes" (siempre que el vendaval de una crisis no postergue *sine die* la llegada de ese momento sublime)?

3. Los Estados y el orden mundial*

En los años 90 del siglo XX se produjeron importantes novedades en la política, tanto en lo que respecta al orden interno de naciones y Estados como al sistema u orden político mundial, es decir, a las relaciones internacionales. Prácticamente la totalidad de los analistas e historiadores coinciden en que el final de la Guerra Fría y el conjunto de acontecimientos que lo precedieron y siguieron se produjeron de manera inesperada, y al menos en su etapa final se concretaron con una abrumadora rapidez (Hendrikson y Tucker, 1994; Veiga *et al.*, 1997). En principio, los mismos tuvieron dos efectos políticos inmediatos: transformaron en profundidad el sistema internacional existente que, hasta entonces, era el de la bipolaridad entre dos grandes bloques mundiales liderados por superpotencias, la URSS y Estados Unidos, y dieron lugar a modificaciones del mapa de los Estados y países independientes, al ampliarse su número (véanse mapas de las páginas 812 y 813).

El final de la Guerra Fría y del sistema bipolar, lejos de aclarar y simplificar el panorama de la estabilidad interna de los Estados y el de las relaciones internacionales, lo complicó todo mucho más, de forma que el período 1991-2000 puede caracterizarse como de una extrema confusión, hasta el punto de ser definido con la expresión "desorden político internacional" (Corr y Sloan, 1992).

Se ha dicho que el mundo ha entrado en un sistema internacional caracterizado precisamente por la "ausencia de sistema". Ello es verdad, al menos hasta el momento de la terminación del siglo. Los conflictos no disminuyeron sino que sucedió justamente lo contrario: las relaciones entre Estados se hicieron más problemáticas que antes en ciertas zonas del globo, especialmente en las más atrasadas, y el acuerdo internacional acerca de esos conflictos regionales no acabó de conseguirse a pesar de haber desaparecido los bloques antagónicos. El sistema de hegemonía indiscutida de una sola superpotencia, Estados Unidos, ha mostrado ser incapaz de asegurar por sí mismo un orden mundial estable, más allá de ser discutible si tiene la voluntad de hacerlo (Hendrikson y Tucker, 1994). Es cierto, no

* Por Julio Aróstegui.


ENSEÑANZA DE LAS CIENCIAS SOCIALES II
ELINA ROSTAN (COORD.)
MARION GONNET - OSVALDO GUTIÉRREZ - SANDRA MALLO - ELINA ROSTAN

2 GLOBALIZACIÓN

2.1- INTRODUCCIÓN

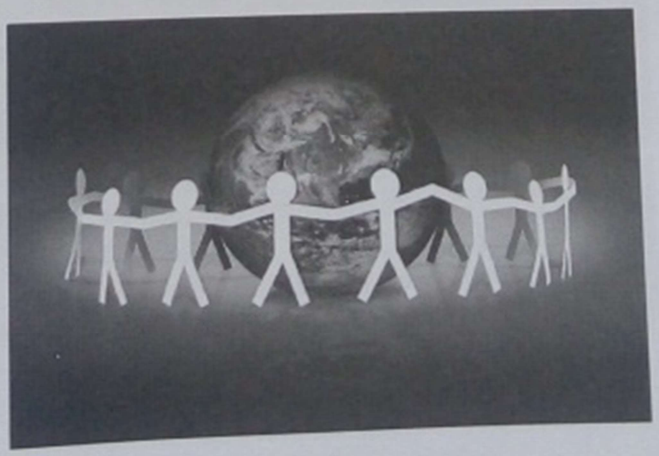
Mundialización y globalización son contenidos que se incorporan en el nuevo programa escolar. Si bien, sus acentos principales se explicitan en Geografía, su abordaje requiere una mirada más amplia, que incluya perspectivas de distintas disciplinas, desde las que podrán profundizarse las diversas dimensiones que los constituyen.

La metáfora *"Aldea Global"*, construida por Marshall Mac Luhan, sintetiza dos de las claves principales que sustentan este proceso: el tiempo y el espacio. La compresión espacio-tiempo, a la que refiere el geógrafo norteamericano David Harvey, se ve favorecida por las nuevas tecnologías aplicadas a los medios de transporte y las telecomunicaciones. De esta manera, lo cercano y lo lejano cobran nuevos significados, las distancias parecen acortarse y la inmediatez de la información hace presente lo ausente.

El término globalización es cada vez más empleado en la prensa y en la cotidianeidad, y en general se recurre a él para dar explicación a múltiples fenómenos y procesos del mundo contemporáneo.

A pesar de considerarse un tema que remite a la actualidad, varios teóricos apuntan a que el proceso de globalización viene desarrollándose desde el siglo XV, cuando ciertas condiciones científico-tecnológicas favorecieron los viajes de exploración. Por esta razón, se han seleccionado algunos contenidos de Historia del segundo nivel, que permitirán trabajar la globalización como proceso, con énfasis diferente en el ciclo escolar.

Desde Construcción de Ciudadanía, se potenciarán análisis críticos sobre la homogeneización de las costumbres, la diversidad cultural, el consumo y el consumismo.



2.2 - EL CONCEPTO EN EL PROGRAMA ESCOLAR

GEOGRAFÍA

4 años	- El uso de las tecnologías en medios y vías de transporte.
5 años	- Los usos de las tecnologías en medios y vías de comunicación.
4° grado	- Las innovaciones tecnológicas y su incidencia en el mundo laboral.
5° grado	- Las tecnologías de la información y la comunicación. Su incidencia en la democratización de la información.
6° grado	- Las relaciones internacionales. Mundialización y globalización. - Las empresas multinacionales y mercados internacionales. - Los medios de comunicación y transporte. - Las características del comercio a escala mundial.

HISTORIA

3° grado	- América y Europa en el siglo XV. - Las razones que posibilitaron los viajes europeos de exploración y colonización.

CONSTRUCCIÓN DE CIUDADANÍA

3° grado	- Los medios de comunicación y la incitación al consumo.
5° grado	- Las distintas manifestaciones de la diversidad cultural (en la lengua, en el arte, en las creencias, en las costumbres).

2.3- DEFINICIONES DEL CONCEPTO

"A la hora de buscar una definición precisa del concepto de globalización, puede decirse a grandes rasgos que constituye un proceso creciente de complejas interconexiones entre sociedades, culturas, instituciones e individuos a escala mundial. También muchos estudiosos hablan de ella refiriéndose a la manera en que, especialmente bajo condiciones contemporáneas, las relaciones

de poder y comunicación se extienden a lo largo del globo terrestre con las consiguientes compresiones del tiempo y del espacio y con una recomposición de las relaciones sociales."

FERNÁNDEZ PARRAT, S. (2002) "La globalización de la comunicación". Ámbitos número 7/8. Universidad de Sevilla.

"El sistema capitalista ha profundizado su mundialización, a punto tal que comienzan a borrarse progresivamente las diferencias entre los mercados nacionales y comienzan los procesos de integración entre algunos de ellos. Este fenómeno de integración y de múltiples interrelaciones, donde las turbulencias en un mercado pueden afectar inmediata y severamente a otro ubicado en otra parte del globo terrestre, se denomina globalización de la economía."

GUREVICH, R., BLANCO, J., FERNÁNDEZ CASO, M., TOBIO, O. (1995) "Notas sobre la enseñanza de una Geografía Renovada". Ed. Aique. Buenos Aires.

"Aumenta la interdependencia entre empresas, sistemas productivos y territorios, vinculados mediante redes de flujos materiales (mercancías, personas) e inmateriales (capital, información, conocimiento), que resultan cada vez más densas (en cuanto a volumen), extensas (en cuanto a distancias) y complejas (en cuanto a contenido y dirección) aunque sin afectar el principio de desigualdad de los intercambios, que ahora adopta nuevas formas."

MÉNDEZ, R.(2007) "Globalización y organización espacial de la actividad económica" en ROMERO, J. (Coord.) "Geografía humana: procesos, riesgos e incertidumbre en un mundo globalizado". Ed. Ariel. Barcelona.

"En la aldea global, además de las mercancías convencionales en formas antiguas y actuales, se empaquetan y se venden las informaciones. Se fabrican informaciones como mercancías. Son fabricadas y comercializadas a escala mundial. Las informaciones, los entretenimientos y las ideas son producidos, comercializados y consumidos como mercancías."

IANNI, O. (1995) "Teorías de la globalización". Ed. Siglo XXI. San Pablo.

"Todo el planeta parece estar interconectado mediante redes y flujos de comunicación e información. La posición ocupada en las redes define la 'relevancia' o 'irrelevancia' de países, regiones, grupos y personas. Los países y las personas sufren procesos de segmentación, por la diferente posibilidad de acceso a las metas específicas, propias de cada red.

Sin embargo, nuestra vida material no solo se encuentra hecha de flujos, sino también de resistencias a los mismos, con base en la comunidad. Mensajes simbólicos, defensa de identidades diversas, emergen como formas auténticas de representación de intereses en la sociedad. La acción colectiva censura la lógica de flujos, se manifiesta en los reclamos de grupos étnicos, de género, religiosos."

BERARDI, L., GARCIA MONTEJO, S. (2005) "Globalización social y cultural: elementos para su comprensión". Revista Quehacer educativo N° XX. Montevideo: Abril.

"El discurso dominante de la globalización promueve un crecimiento económico sostenido, desconociendo y negando las condiciones ecológicas y termodinámicas para la apropiación y transformación de la naturaleza. La naturaleza está siendo incorporada al orden económico mundial mediante una doble estrategia: por una parte se intenta internalizar los costos ambientales del progreso; junto con ello, se recodifica al individuo, la cultura y la naturaleza como formas aparentes de una misma esencia: el capital. Así, los procesos ecológicos y simbólicos son reconvertidos en capital natural, humano y cultural, para ser asimilados al proceso de reproducción y expansión de la economía, mediante una gestión económicamente racional del ambiente."

LEFF, E. (1998) "Globalización, racionalidad ambiental y desarrollo sustentable" en: "La guía ambiental, población y medio ambiente". Ed. IAP. México. www.unlon.org.mx/publicaciones/publicaciones/htm

2.4- ATRIBUTOS DEL CONCEPTO

- Sistema económico capitalista liberal en la mayoría de los países del mundo.
- Creciente interrelación e integración comercial.
- Interdependencia de empresas y territorios en función de redes materiales e inmateriales.
- Compresión espacio temporal favorecido por las TIC (*tecnología de información y comunicación*).
- Fuerte tendencia a la homogeneización cultural y patrones de consumo.
- Mercantilización de la naturaleza que conlleva a la no sustentabilidad ambiental.
- Procesos simultáneos de integración y segregación.

2.5- PROPUESTAS

2.5.1- PROPUESTAS PARA PRIMER NIVEL

Sugerencias

En la primera actividad se pretende profundizar en **la dimensión conceptual.** A partir de un relato se procura abordar dos de los atributos del concepto: la compresión espacio temporal favorecida por las TIC y la homogeneización cultural a través de los patrones de consumo.

El énfasis está puesto en la creciente interconexión que posibilita la comunicación cada vez más fluida entre distintas partes del mundo.

El avance tecnológico ha modificado sustancialmente la manera en que se establecen las relaciones interpersonales en la actualidad.

Es importante trabajar con los niños desde pequeños las variadas modalidades que las sociedades han empleado para comunicarse en contextos espaciales y temporales diversos. Puede profundizarse la temática, seleccionando hitos que vayan mostrando momentos concretos de la evolución de los sistemas de comunicación.

Es fundamental que prime una postura crítica que haga cuestionar las visiones simplistas y a la vez extremistas de los niños que en general asocian lo pasado con atraso y lo contemporáneo con modernidad.

Deben además, plantearse ejemplos en los que se expliciten las contradicciones existentes acerca de las dificultades de acceso a la información y medios tecnológicos que enfrentan los habitantes de distintos países y continentes y a la interna de los mismos, a pesar de los avances por todos conocidos.

En la segunda actividad, se incorpora un dibujo cuyo contenido se asociará con el texto *"A la distancia"* a través de preguntas, siempre con un enfoque que prioriza lo conceptual.

ACTIVIDAD 1

A LA DISTANCIA

Federico es un niño que vive en el barrio Cerro de la ciudad de Salto. Tiene diez años y, como todos los chicos de su edad, concurre a la escuela, hace las tareas, baja juegos a la "compu" y se divierte con muchos amigos.

Entre sus gustos preferidos, se encuentra jugar al fútbol y practicar cualquier deporte que implique usar la pelota. Pero eso sí, los martes y jueves, a eso de las seis de la tarde, va rapidito a la plaza Flores y con la "ceibalita" en mano se conecta con su primo Camilo que vive en España.

Cuando la maestra le manda como deber buscar información, trata de llegar más temprano, a veces la conexión es lenta y como con España hay cuatro horas de diferencia, si llega muy tarde a su casa los padres lo rezongan.

Los primos aún no se conocen personalmente, pero sus padres se han encargado de que siempre mantuvieran contacto. Primero fue por fotos que llevaban y traían algunos familiares que viajaban, después por teléfono y desde hace dos años, cuando Fede recibió su laptop, lo hacen vía Internet empleando el Facebook.

Les encanta chatear de su deporte favorito y sus jugadores predilectos. En su charla nunca falta Diego Forlán, balón de oro del mundial 2010, que juega en el Atlético de Madrid, cuadro del que es hincha Camilo.

El cine es otro de los pasatiempos que tienen en común, mientras Camilo es seguidor de las series Star Wars y Star Trek, Federico no se pierde ninguna de las películas en 3D que llegan al Shopping. Claro, muchas veces el primo le adelanta algunas informaciones ya que en España, se estrenaron antes.

La semana pasada les sucedió algo curioso, en las fotos que compartieron, los dos tenían puesto el mismo par de championes Nike y un buzo Adidas, la única diferencia era que el de Camilo tenía manga larga porque allá ya está empezando el frío.

Al regresar a su casa, una vez más le promete a su abuela María que le va a enseñar a usar la computadora para que ella también pueda tener un contacto más fluido con sus parientes del extranjero.

- Lectura por parte del docente.
- Diálogo sobre la lectura a partir de las siguientes interrogantes:

Atributos	Preguntas
Compresión espacio temporal favorecida por las TIC	- ¿Para qué usa Federico su laptop? - ¿Por qué se conecta a Internet? - Averigua con personas mayores de qué forma se comunicaban aquellos que tenían familiares en otros departamentos o en otros países antes de existir los sistemas que utiliza Federico
Homogeneización cultural a través de los patrones de consumo.	Federico y su primo viven en distintos países: ¿qué cosas en común comparten?

ACTIVIDAD 2

VISITA AL MUSEO

Sugerencias

El propósito de esta actividad es trabajar el tema desde la gestión de las **fuentes de información**. Se recomienda realizar la visita al Museo de las Telecomunicaciones ubicado en el Complejo Torre de las Telecomunicaciones de Antel en Montevideo. Allí se expone de manera ordenada la evolución de los teléfonos empleados en el mundo y en nuestro país en distintos momentos, en el ámbito urbano y rural, los sistemas empleados para realizar las trasmisiones, así como elementos y herramientas usadas por los trabajadores para efectivizar el servicio.

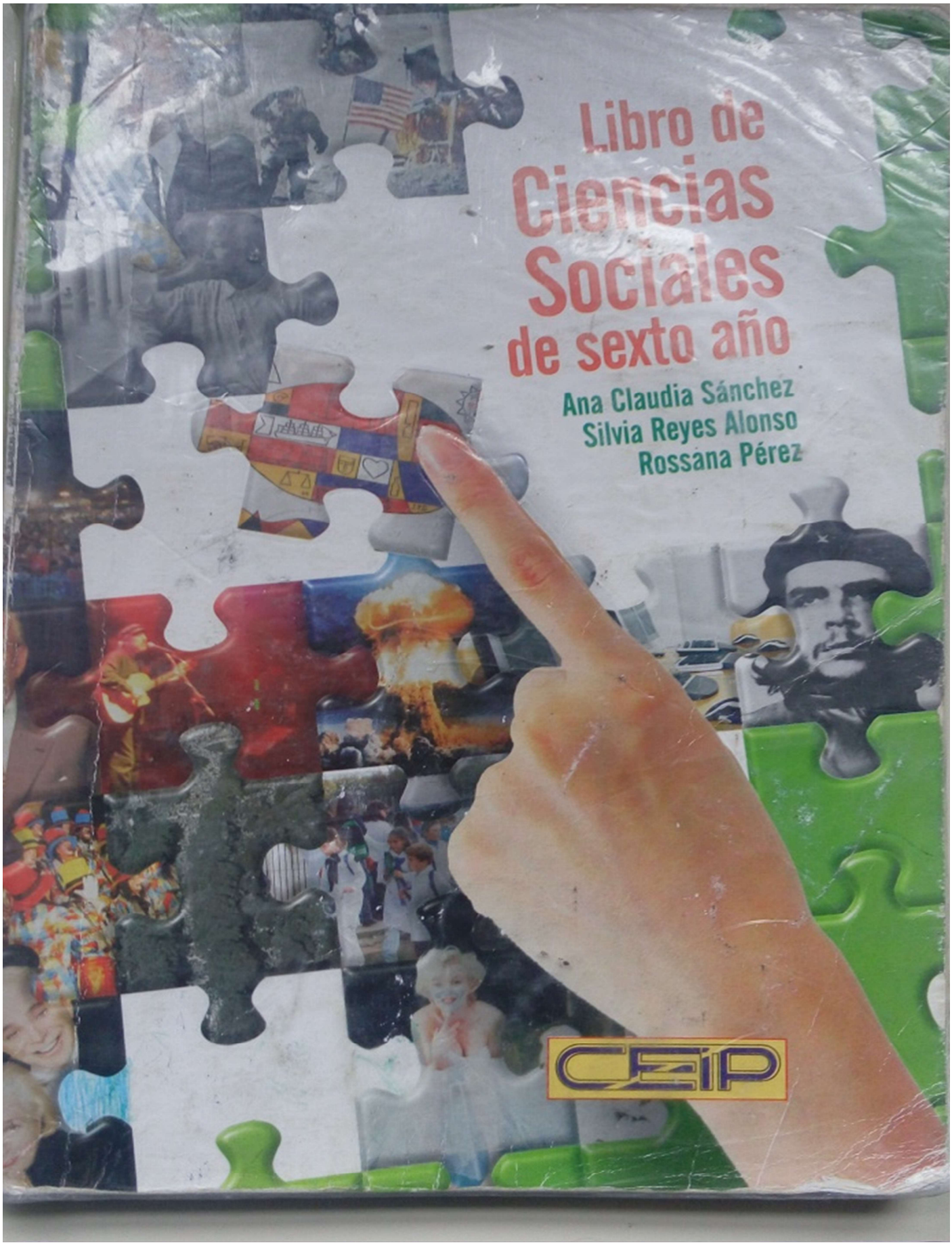
Pueden seleccionarse algunas piezas telefónicas para formularle preguntas que apunten a caracterizarlas, conocer a sus usuarios y reconstruir las épocas en que fueron utilizados.

Otra posibilidad es consultar la página institucional, www.antel.com.uy, en donde además de información general, se presentan fotografías de los elementos expuestos.



Algunas preguntas a estos objetos podrían ser:

- ¿Dónde se fabricaban?
- ¿Quiénes lo utilizaban?
- ¿De qué material eran construidos?
- ¿Cuándo comenzaron a funcionar en nuestro país?
- ¿En qué difieren de los actuales?
- ¿Quiénes administraban el servicio?


Libro de
Ciencias
Sociales
de sexto año
Ana Claudia Sánchez
Silvia Reyes Alonso
Rossana Pérez
CEIP

CAPÍTULO VII
LA MUNDIALIZACIÓN Y SUS PERSPECTIVAS

NUESTRA IDENTIDAD CON EL PLANETA



Ese punto azul claro...

"Mira de nuevo ese punto. Eso es 'aquí'. Eso es casa. Eso es 'nosotros'. Sobre él, todo aquel que amas, todo aquel que conoces, todo aquel del que has oído hablar, cada ser humano que ha existido, y que vivió su vida. La suma de nuestra alegría y sufrimiento, los miles de religiones e ideologías (...) cada cazador y recolector, cada héroe y cobarde, cada creador y destructor de la civilización, cada rey y campesino, cada joven pareja enamorada, cada madre y padre, cada niño esperanzado, inventor y explorador,(...) cada 'superestrella', cada 'líder supremo', (...)en la historia de nuestra especie vivió ahí, en una mota de polvo suspendida en un rayo de luz del sol. La Tierra es el único mundo conocido hasta ahora que alberga vida. No hay ningún otro lugar, al menos en el futuro próximo, al cual nuestra especie pudiera migrar. Visitar, sí. Colonizar, aún no. Nos guste o no, de momento la Tierra es donde tenemos que quedarnos...Para mí, subraya nuestra responsabilidad de tratarnos los unos a los otros de una forma más bondadosa, y de preservar ese punto azul claro, el único hogar que jamás hemos conocido."

Carl Sagan, "Pale Blue Dot", 1994. Reflexiones expresadas cuando la sonda Voyager 1 tomó en 1994 una imagen similar de la Tierra desde un punto aun más alejado del Sistema Solar, más allá de la órbita de Plutón.

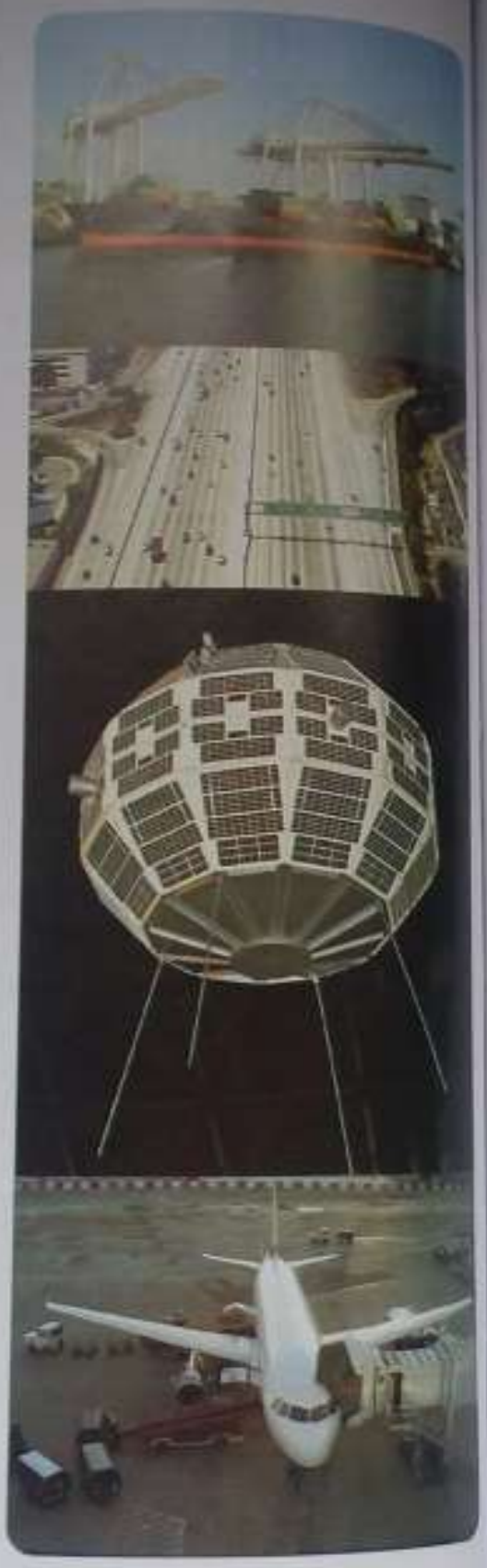
La Aldea Global y globalización

En el capítulo cinco de Historia hicimos referencia al concepto de **aldea global**. Esta realidad surgió como resultado del desarrollo de la humanidad, en relación a numerosos avances científicos. La revolución tecnológica irrumpió con fuerza en todos los ámbitos de la vida del hombre.

Hacia finales del siglo XX se detectó una creciente integración de las economías de todo el planeta, tanto en el comercio como en los flujos financieros. Esos flujos están expresados por los movimientos de los capitales, las mercaderías, las producciones, etc. Pensemos que el incremento de las comunicaciones permitió que los conocimientos viajaran por el mundo, los individuos se capacitaran y extendieran su mano de obra y el dinero circulara por distintos medios. De esa forma, hoy los países se unen convocados por una macroeconomía que los rige a todos.

Cualquier suceso que se desata en el mundo, casi inmediatamente tendrá repercusión en el resto del planeta. Las caídas de las bolsas de valores de los países capitalistas en distintos momentos, derivan en diversas crisis en las economías particulares de otros estados. Tanto los hechos políticos, como los sociales o económicos, se entremezclan en esta aldea global y pasan a ser fenómenos mundiales.

Se configuró una nueva división internacional del trabajo. El capital también se ha globalizado, de forma que se han localizado en sitios diferentes las actividades de investigación y desarrollo, diseño y fabricación. Los productos ya no tienen identidad nacional. Las marcas que circulan en los distintos negocios, pertenecen al mundo y no sólo a un territorio determinado.









Economía mundial

La **globalización** resulta de un proceso que está principalmente ligado a la economía, aunque abarca otros aspectos como el transporte, las comunicaciones, el cambio climático, la cultura, las migraciones y la calidad de vida. Entendemos por economía al conjunto de acciones que desarrollan las sociedades para satisfacer sus necesidades, las que consideradas en un conjunto, constituyen el proceso productivo. Como resultado se obtienen bienes económicos que pueden ser objetos diversos o servicios, producidos para el consumo o para la producción de otros bienes.

En el mercado se establecen intercambios entre los productores y los consumidores y ese vínculo genera el comercio local, regional y mundial.

Es en esta actividad donde se manifiesta la constante integración de los comercios, producciones y finanzas de cada país en una única economía pautada por el mercado mundial.

Los flujos del comercio

El comercio es el conjunto de actividades destinadas al intercambio de **bienes económicos** por su valor en dinero. El comercio actual requiere de una amplia red de comunicaciones y transporte para hacer posible la distribución de bienes tangibles o intangibles requeridos por los pobladores. Esta actividad está integrada por tres flujos principales:

- flujo de bienes y servicios
- flujo de medios de pago
- flujo de información

Con el crecimiento demográfico y la alta urbanización, fueron multiplicándose los intercambios tanto dentro como fuera de fronteras, lo que favorece el comercio internacional.

ANEXO II

LIVROS DIDÁTICOS ENCONTRADOS NAS ESCOLAS DO CHUÍ-BRASIL

Melhem Adas

Geografia



Código da coleção
24883COL05

Material de divulgação da
Editora Moderna

8º ano

O mundo subdesenvolvido

MANUAL DO PROFESSOR

Componente curricular: GEOGRAFIA

Moderna

- **Empresa pública (ou estatal):** que pertence ao Estado e não ao setor privado (empresa privada).
- **Transnacional:** empresa que controla os meios de produção ou serviços fora do país onde está estabelecida. Embora seja comum usar "multinacional" como termo sinônimo, as Nações Unidas preferem utilizar a expressão "empresa transnacional", que expressa melhor a ideia de que a empresa não pertence a vários países e, sim, que atua além das fronteiras do país onde tem sua sede.

Década de 1990 e anos 2000: mercados emergentes

Da década de 1990 até os dias atuais, a identidade dos países subdesenvolvidos se alterou no cenário mundial em virtude de certos acontecimentos.

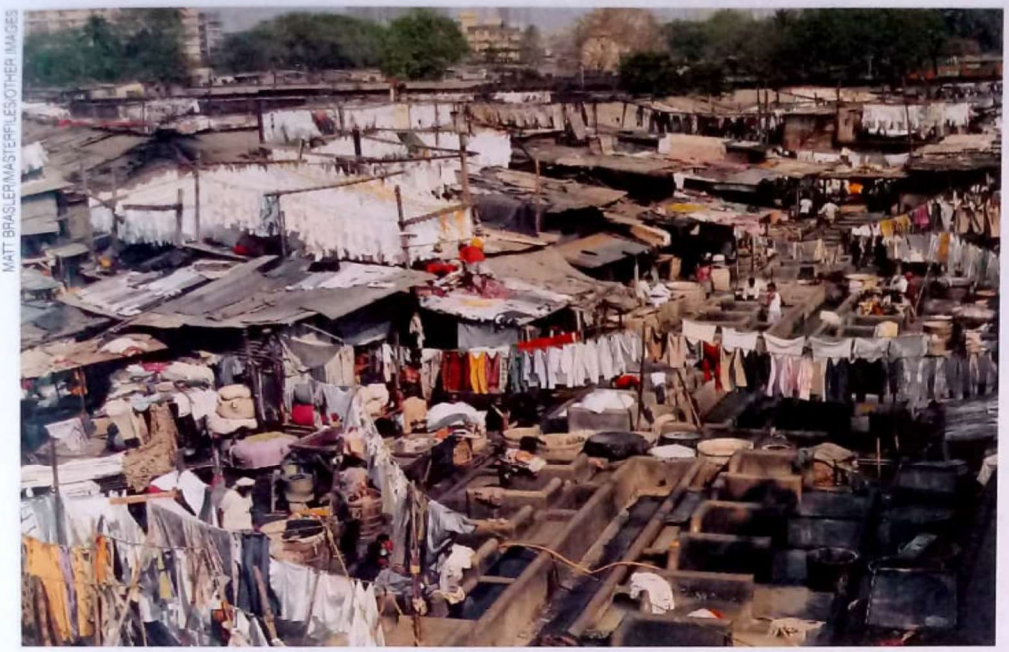
Com a derrocada do socialismo real, o capitalismo mundializou-se; hoje, é praticamente o único sistema de organização de vida social e econômica no mundo — tornou-se o sistema hegemônico.

O aprofundamento e a generalização da política econômica ditada pelo FMI — que é controlado pelos países ricos — pressionaram os países endividados a promover mudanças em suas economias, ou seja, a realizar:

- **a privatização de empresas públicas** — a compra de muitas delas por empresas estrangeiras (**transnacionais**);
- **a abertura da economia** — que propicia facilidades para a importação de produtos estrangeiros para abastecer o mercado interno dos países endividados (automóveis, aparelhos eletrônicos, tecidos, brinquedos e uma diversidade de miudezas ou bugigangas provenientes principalmente da China, da Coreia do Sul, de Taiwan), com a finalidade de ativar o comércio internacional e consolidar ainda mais a sociedade de consumo como modelo a ser seguido por todas as sociedades;
- **a desregulamentação da economia** — a eliminação de regulamentos ou da proteção às indústrias nacionais, que permite que empresas estrangeiras se estabeleçam nesses países, produzam bens e explorem serviços antes proibidos por regulamentos elaborados pelos governos locais (bancos, serviços de eletricidade, telefonia, exploração de petróleo etc.).

Na década de 1990, essa política econômica ditada pelo FMI foi implantada praticamente em todos os países do globo. O desaparecimento do socialismo real na ex-União Soviética e no Leste Europeu e a abertura da China ao capitalismo criaram novos mercados para o capitalismo (antes os países socialistas estavam fechados aos países capitalistas). O mundo tornou-se um grande **mercado global**, satisfazendo plenamente os interesses das corporações transnacionais em operar, negociar e especular em todos os cantos do mundo.

Nesse ambiente da década de 1990 até os dias atuais, passamos então a ser chamados de **mercados emergentes**. Com essa denominação, perdemos a nossa identidade como país, nação, Estado e povo. Fomos reduzidos a mercado em que se vendem e se compram bens e serviços. Afinal, é isso que interessa ao capital ou às empresas transnacionais, que, com seu poder econômico, financeiro, científico e tecnológico, estabelecem a ordem mundial que mais lhes convém. A humanidade foi, assim, reduzida a um grande mercado — o mercado global —, no qual cada um de nós é visto pelas empresas nacionais e transnacionais ou pelo poder econômico mundial apenas como compradores e consumidores de produtos e serviços.



MATT BRASLER/MASTERFILE/OTHER IMAGES

Figura 1.7 Vista de uma favela em Mumbai (ex-Bombaim), na Índia (2004). Esse país é considerado mercado emergente, grande parte da população encontra-se privada dos benefícios ou vantagens do chamado mercado global.

Após essas considerações, é oportuno perguntar: é mais adequado falar em países subdesenvolvidos, de Terceiro Mundo ou em países do Norte e do Sul? Ou em países em desenvolvimento? Ou em países da periferia do sistema capitalista? Será que essas expressões se adaptam à nova realidade mundial? O correto, então, é falar em mercados ou países emergentes?

Na verdade, o que se percebe ao se estudar os países do mundo é que muitos problemas econômicos, políticos e sociais permanecem: o baixo nível de renda e, consequentemente, de vida de grande parcela da população mundial; a existência da fome; a baixa esperança de vida ao nascer em muitos países; a dependência financeira, econômica, científica e tecnológica da maioria dos países etc.

Assim, qualquer que seja a denominação que atribuamos a esses países ou sociedades, eles continuam dependentes ou subordinados. Em muitos casos, a dependência até mesmo se agravou com a atual ordem mundial. Podemos alterar a denominação, mas a situação desses países no cenário mundial continua a mesma.

Organize seu caderno

Para que você possa retomar o estudo, é conveniente que você organize seu caderno. Sempre que houver atividades (Aplicação prática, Reflita sobre suas atitudes, Certifique-se de ter compreendido, Atividades etc.), escreva no caderno (veja o exemplo seguinte):

Geografia – Capítulo 1 – Certifique-se de ter compreendido – página 22 – dia/mês/ano

Você sabia?

Existem outras possibilidades de regionalização e de classificação dos países. Entre elas, a que utiliza o critério do nível de desenvolvimento científico e tecnológico. Assim, o mundo pode ser regionalizado em:

- **conjunto de países altamente industrializados e com domínio de tecnologia avançada** (tecnologia nuclear, astronáutica, robótica etc.): Estados Unidos, Alemanha, França, Reino Unido, Japão etc.;
- **conjunto de países industrializados com domínio de tecnologias clássicas e de alguns setores de tecnologias avançadas:** Brasil, Argentina, México, Índia, África do Sul etc. (tecnologia clássica, corresponde àquelas desenvolvidas com a Primeira e a Segunda Revolução Industriais: siderurgia, fabricação de veículos automotores, aparelhos elétricos etc.);
- **conjunto de países cuja economia tem por base produtos primários e com dependência tecnológica** (a maioria dos países).

Utilizaremos essa regionalização ao estudarmos a América Latina, a África e a Ásia subdesenvolvida na Unidade II deste livro.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Melhem Adas

Geografia



Código da coleção
24883COL05

Material de divulgação da
Editora Moderna

9º ano

O mundo desenvolvido

MANUAL DO PROFESSOR

Componente curricular: GEOGRAFIA

Moderna

Capítulo 2

A economia global

Temas transversais: Trabalho e consumo; Ética.

Atividades interdisciplinares: História; Língua Portuguesa.

1 Origens e bases do mundo global

Há hoje uma interdependência maior das economias e políticas dos países que em outras épocas. Independentemente da distância geográfica, governos e empresas de países distintos ampliam e tornam mais imediatas suas relações, e pessoas de diferentes partes do mundo compartilham hábitos de consumo semelhantes, como assistir aos mesmos filmes ou vestir roupas do mesmo tipo. Os organismos internacionais, por sua vez, atuam na perspectiva de um mercado mundial ou buscam resolver problemas que, muitas vezes, dizem respeito a todo o planeta.

Esses são alguns aspectos que explicam o uso das expressões **mundo global** e **globalização**, que buscam passar a ideia de que estamos vivendo um momento sem precedentes, marcado pela intensidade e maior diversidade de relações entre distintas partes do planeta.

Considerada do ponto de vista histórico, a globalização teve várias fases e é uma etapa específica, muito avançada, de um processo antigo, conhecido como **internacionalização** ou **mundialização do capital** (figura 2.1). Iniciou-se nos séculos XV e XVI, com as Grandes Navegações e a expansão do capitalismo comercial, que permitiram a ampliação do horizonte geográfico europeu em direção à África, à América, à Ásia e, posteriormente, à Oceania.

De 1870 até 1914, a globalização adquiriu novo impulso com a conquista da maior parte de todos os demais continentes pelas principais potências europeias que, por meio de seus impérios coloniais e inovações técnicas (como as ferrovias), intensificaram a difusão do capitalismo em vários territórios. Da segunda metade do século XX até os dias atuais, ela adquiriu maior intensidade e extensão, graças aos avanços tecnológicos nas comunicações e nos transportes. Hoje o uso da palavra **globalização** é a expressão dessa realidade.

Avanços tecnológicos e globalização

Em particular a partir da década de 1970, os avanços tecnológicos nas telecomunicações e nos transportes favoreceram ainda mais e com maior rapidez a expansão do capitalismo, ocasionando grandes mudanças na produção e na circulação de mercadorias, no transporte de cargas e passageiros, na difusão de bens culturais e de artigos de consumo, entre outras.

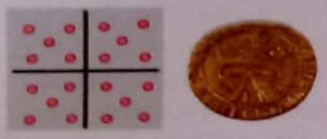
Os **meios de transporte** foram modernizados nas últimas décadas, tornando-se muito mais rápidos e baratos, o que intensificou os deslocamentos de pessoas e mercadorias e permitiu maior integração de diferentes regiões do mundo (figura 2.2).

Figura 2.1

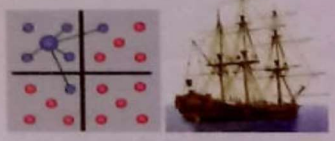
Etapas do processo de mundialização

PAULO MANZI

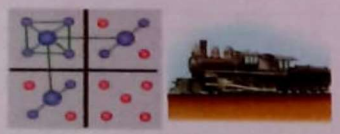
Fase 1: Sociedades isoladas e economias locais (até o século XV)



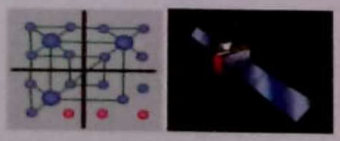
Fase 2: Melhoria dos transportes e colonização (séculos XVI-XVIII)



Fase 3: Expansão dos impérios coloniais, inovações técnicas e descolonização (séculos XIX e XX)



Fase 4: Globalização, avanços nas telecomunicações e abertura econômica e de fronteiras (situação atual)



- Espaços conectados
- Espaços isolados
- Fronteiras
- Abertura de fronteiras

Fonte: Elaborado com base em *Enciclopédia do estudante: geografia geral*. São Paulo: Moderna, 2008. p. 188.

Os avanços tecnológicos nas **telecomunicações**, que contaram com os da informática e as redes de computadores (em especial a **internet**), permitiram uma velocidade espantosa e jamais vista na troca de informações.

Hoje em dia, pessoas, empresas, governos e organizações dos mais variados tipos trocam informações quase simultaneamente por meio de antenas e estações de satélites, cabos de **fibra óptica** (figura 2.3), telefones fixos e móveis (celulares), computadores ligados à internet, redes de televisão e de agências de notícias etc. De qualquer lugar do mundo, muitas pessoas acessam suas contas bancárias, enviam mensagens ou, ainda, fazem compras. Uma quantidade inimaginável de informações é transmitida pelos modernos sistemas de comunicação com maior facilidade de uma região para qualquer outra do planeta.

Figura 2.2

Esquema de Peter Dicken



ALESSANDRO PASSOS DA COSTA

Fonte: HARVEY, David. *Condição pós-moderna*: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1993. p. 220.

Esse esquema representa o encolhimento do mapa mundial em razão das inovações nos transportes, que permitem cobrir maiores distâncias em menos tempo, "encurtando", assim, o espaço por meio do tempo. Em função disso, o mundo tornou-se cada vez mais acessível para o avanço do capitalismo, e as distâncias cada vez menores para quem pode utilizar os transportes modernos.



Você sabia?

Até o século XIX, as informações ou mensagens eram transmitidas nas mesmas condições em que eram feitos os transportes materiais: por cavalos e carruagens, em terra, e de barcos e navios, nos mares e rios. Uma mensagem enviada de Paris, por exemplo, levava alguns dias para chegar a Berlim. Com as ferrovias, esse tempo diminuiu para apenas algumas horas.

A primeira inovação técnica nessa área ocorreu em 1844, quando Richard Morse, cientista norte-americano, desenvolveu o **telégrafo**, meio de enviar mensagens em apenas alguns segundos por um fio elétrico.

Um mundo conectado por redes e fluxos

Em função dos avanços tecnológicos nas telecomunicações e nos transportes, o mundo hoje se caracteriza por ser um **sistema integrado**, em que pessoas, informações, mercadorias e capitais movimentam-se continuamente entre diferentes lugares, regiões e países. A palavra **fluxos** exprime bem essa mobilidade variada e em ritmo acelerado tão característica do mundo global. Do ponto de vista geográfico, é essencial compreender que esses fluxos ocorrem por meio de um emaranhado denso de **redes** que possibilita a interconexão entre diferentes lugares.



DELFIM MARTINS/PULSAR IMAGENS

Figura 2.3 Traçada sobre antigos caminhos das tropas de bandeirantes, a atual Rodovia dos Bandeirantes, no estado de São Paulo, abre passagem para a infovia, rede de fibra óptica por onde trafegam os dados da internet. Fotografia de 1999, ano em que foi instalada a rede.

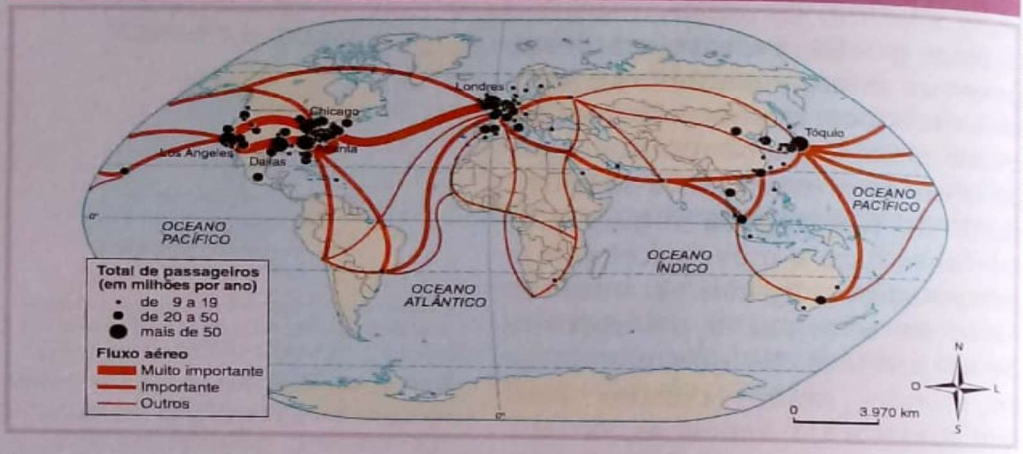
Fibra óptica: filamento transparente, de vidro ou plástico, capaz de transmitir ondas eletromagnéticas (luz) a altas velocidades e, associada à tecnologia digital, permite vários usos nas telecomunicações, como conversas telefônicas simultâneas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Existem vários tipos de rede: a de telecomunicações (televisão, rádio, telefone, computadores, ligados por satélites e cabos de fibra óptica), pela qual fluem informações; a de energia elétrica, por onde flui eletricidade; a de transporte (rodovias, ferrovias, hidrovias e aerovias), pela qual fluem mercadorias e pessoas; a de oleodutos, por onde fluem petróleo e derivados; a financeira (bancos, bolsas de valores, casas de câmbio, etc.), em que são realizadas transações comerciais e transitam grandes somas de dinheiro e valores. Observe as figuras 2.4 e 2.5.

Figura 2.4

Mundo: rede de transporte aéreo



ANDERSON DE ANDRADE PIMENTEL

Como outras redes globais, a do transporte aéreo internacional possui "nós", que assinalam os lugares mais bem equipados com infraestrutura de transportes, comunicações, hospedagem etc.

Fonte: FERREIRA, Graça M. Lemos. *Atlas geográfico*: espaço mundial. São Paulo: Moderna, 2003. p. 105.

Figura 2.5

Mundo: acesso à internet (2003)



ANDERSON DE ANDRADE PIMENTEL

As redes não atingem por igual as populações e o espaço geográfico mundiais. Observe, no mapa, que os países desenvolvidos concentram o maior número de usuários da internet (associada à rede de computadores).

Fonte: IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 4. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. p. 84.



Certifique-se de ter compreendido

1. Considerada historicamente, a globalização é um fato recente? Justifique sua resposta.
2. De que modo os avanços tecnológicos nas telecomunicações e nos sistemas de transporte favorecem o processo de globalização? Cite exemplos que ilustrem sua resposta.
3. Com base no que foi estudado, comente com suas palavras o que são **redes** e **fluxos**. Cite exemplos.

2 A economia global

Fluxos de mercadorias: o comércio global desigual

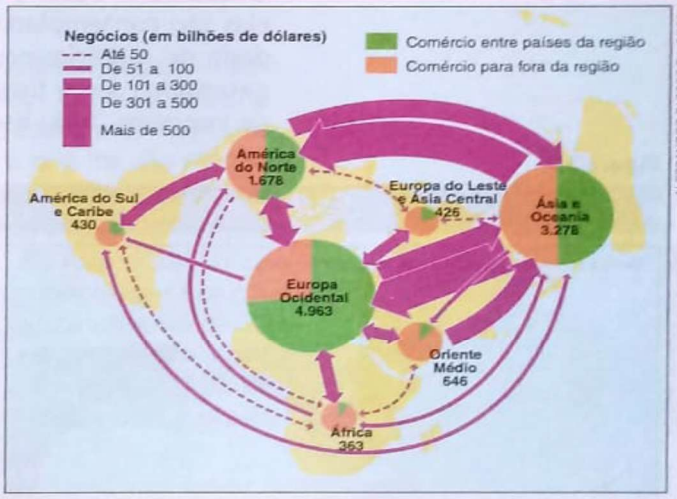
- **Subsídio:** auxílio ou benefício concedido por um governo ou instituição aos produtores, para que estes possam vender suas mercadorias a um preço inferior.
- **Barreira alfandegária:** taxa que o país exportador paga para que sua mercadoria possa ser comercializada no país importador.

Na atual fase da globalização, verifica-se um crescimento extraordinário do comércio internacional. Fatores decisivos foram: a melhoria e a redução dos custos dos transportes; o crescimento da população mundial nos últimos cinquenta anos, que resultou, em diversos países, no aumento na demanda por todo tipo de produto; e a maior liberalização das regras comerciais que regulam as trocas internacionais, facilitando a exportação e a importação de mercadorias.

O comércio internacional, no entanto, continua apresentando desigualdades marcantes entre grandes regiões do globo (figura 2.6): grande participação da Europa Ocidental, da América do Norte e da parte mais rica da Ásia e marginalização da América Latina, da África e de outras regiões. Esse desequilíbrio pode ser parcialmente explicado pelo fato de os países desenvolvidos possuírem maior capacidade de consumo e também de manterem barreiras comerciais para a entrada de produtos oriundos de países em desenvolvimento, principalmente os agropecuários, que possam competir com os produzidos internamente (quadro 2.A).

Figura 2.6

Fluxos do comércio mundial



ALESSANDRO PASSOS DA COSTA

Fontes: OMC. *Rapport sur le commerce mondial 2008*: le commerce à l'heure de la mondialisation. Genebra: OMC, 2008. p. 4; *L'Atlas du Monde Diplomatique*. Paris: Armand Colin, 2006. p. 113 (com modificações).

Quadro 2.A A OMC e a Rodada Doha

A OMC (Organização Mundial do Comércio), sediada na cidade de Genebra (Suíça), foi criada em 1995 em substituição ao Gatt (Acordo Geral de Comércio e Tarifas). Suas principais metas são fixar as regras do comércio mundial para ampliá-lo e atender aos governos que se sentem prejudicados nas transações internacionais.

No âmbito da OMC são organizadas rodadas de negociação em torno de assuntos conflitivos. Por exemplo, na Rodada Doha (Catar), aberta em 2001 e sem solução até março de 2009, discute-se a redução dos **subsídios** agrícolas, que países desenvolvidos fornecem a seus produtores rurais, e a limitação das **barreiras alfandegárias**, que dificultam a entrada de produtos estrangeiros na União Europeia (UE) e nos Estados Unidos.

Os principais itens de exportação dos países em desenvolvimento são os produtos agrícolas. Os EUA e os países da UE, além de não aceitarem reduzir os subsídios, reclamam mais facilidades para que seus produtos industrializados entrem nas nações em desenvolvimento, o que prejudicaria a produção industrial desses últimos.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

O poder das transnacionais

Em todo o mundo, parte expressiva da produção, do comércio e do consumo é impulsionada e controlada pelas chamadas **transnacionais**, que são as grandes empresas industriais, comerciais ou financeiras com alto nível de organização, cujas atividades são realizadas por sedes e filiais espalhadas em vários países.

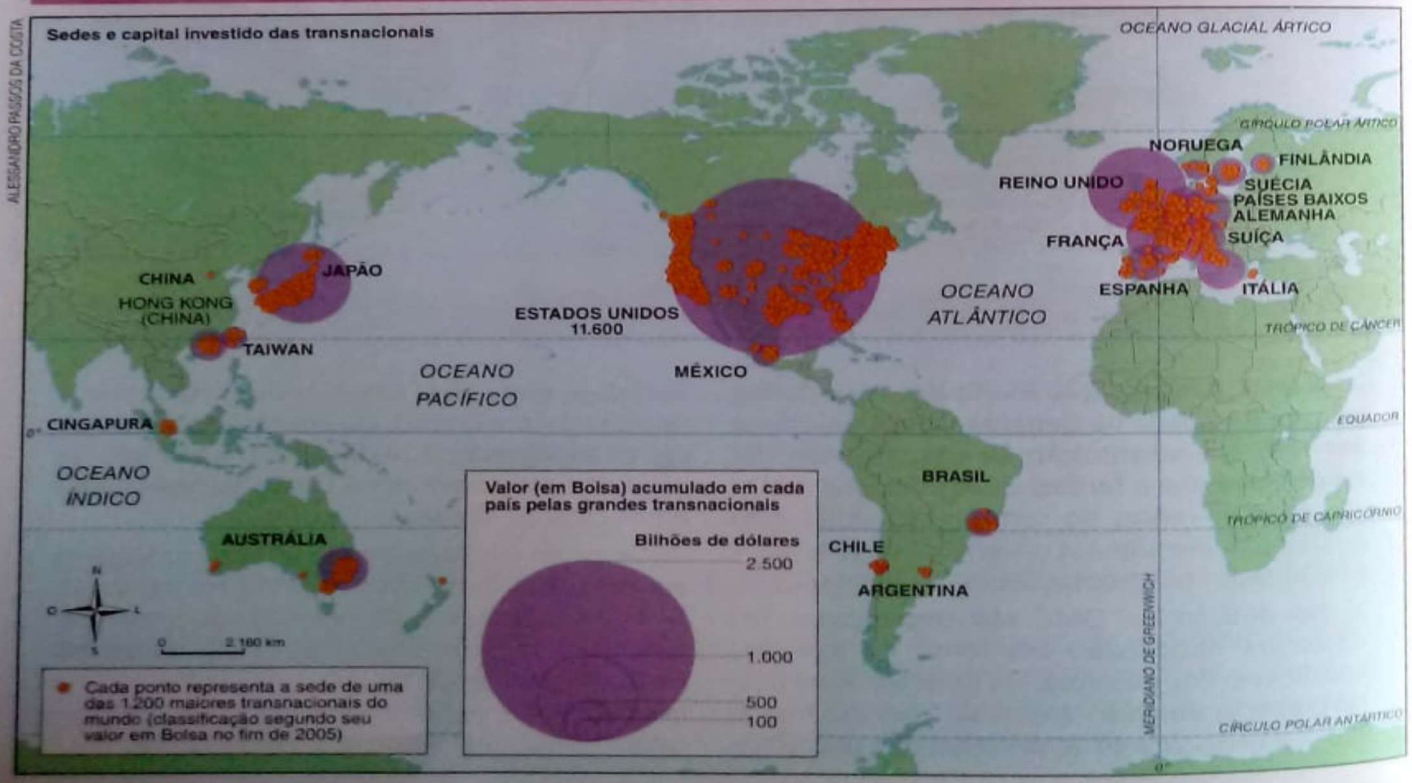
Muitas transnacionais são originárias de países em desenvolvimento (no Brasil, temos como exemplos a Petrobras e a Vale, que atuam em 27 países). A maioria e as mais poderosas, no entanto, têm suas sedes nos países desenvolvidos, e o valor dos negócios de muitas delas supera o de muitos Estados (figura 2.8).

Grande parte das principais transnacionais tem sua origem concentrada em cinco países: Estados Unidos, Japão, Alemanha, França e Reino Unido (figura 2.7). Eles são, por isso, os centros globais do poder econômico e tecnológico.

Em vista do grande poder econômico das transnacionais, é comum que, em muitos países que as sediam, os governos encontrem dificuldades em estabelecer regras para a sua atuação. Nos países em desenvolvimento, elas são contempladas com várias vantagens, destacando-se: disponibilidade de matérias-primas, mão de obra barata, mercados consumidores garantidos, leis e fiscalização ausentes ou mais brandas, além da redução de impostos. Tudo isso acaba favorecendo o aumento de seus lucros.

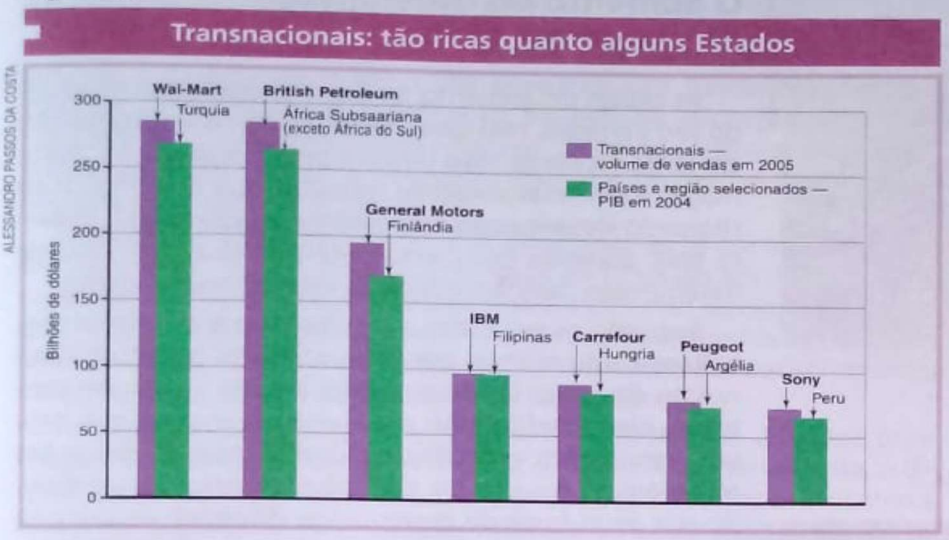
Figura 2.7

Mundo: distribuição e poder das transnacionais



Fonte: *El Atlas de Le Monde Diplomatique II*. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2006. p. 56-57.

Figura 2.8



Fonte: *El Atlas de Le Monde Diplomatique II*. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2006. p. 56-57.

A "fábrica global" e a nova divisão internacional do trabalho

Globalização e **fábrica global** são duas expressões associadas. E não é difícil entender por quê: na busca pelo aumento de seus lucros, as transnacionais descentralizam a produção, ou seja, fabricam cada parte do produto em um país diferente, de acordo com as vantagens que lhe são oferecidas, enquanto seu centro financeiro fica geralmente no país de origem.

No século XIX e em até meados do XX, os países industriais exportavam manufaturados para os da América Latina, da Ásia e da África, que, por sua vez, exportavam produtos agrícolas e minerais para os primeiros. Hoje essa produção desconcentrada caracteriza uma nova DIT (divisão internacional do trabalho), que, segundo estudos feitos pelas próprias transnacionais, tem a finalidade de obter vantagens, diminuir custos de produção e aumentar a margem de lucro, o que lhes é propiciado pelas facilidades tecnológicas já apontadas.

O mercado de trabalho

A **concorrência** é uma das características da globalização, o que exige das empresas uma contínua renovação nas estratégias de produção e comercialização de seus produtos, para que possam disputar, em melhores condições, o mercado consumidor. Nesse sentido, elas adotam novas tecnologias em seu processo produtivo, e estas exigem de seus trabalhadores constante capacitação e atualização.

Em todos os setores da economia globalizada verifica-se, assim, crescente demanda por trabalhadores criativos e qualificados, com maior nível de escolaridade. Em contrapartida, em muitos desses setores os trabalhadores enfrentam sérios desafios em relação a sua renda e à manutenção de seus postos de trabalho. Além de serem pagos cada vez mais em função de sua produtividade, eles nem sempre contam com jornadas de trabalho e salários fixos. A essa realidade dá-se o nome de **flexibilização das relações de trabalho**, na qual, entre outros aspectos, a carga horária de um trabalhador é menos importante que a qualidade e a produtividade do seu trabalho.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.



ACERVO ICONOGRAPHIA

Figura 2.9 Linha de montagem da Ford, na cidade de São Paulo, em 1923.



RICARDO AZOURY/OLHAR IMAGEM

Figura 2.10 Utilização de robôs em linha de montagem de veículos da Peugeot-Citröen em Porto Real (RJ, 2008).

O aumento do desemprego na economia global

As causas do aumento do desemprego atual no mundo são variadas, mas uma das principais é a substituição em larga escala da mão de obra pela mecanização, automação e informatização do trabalho, que deu origem ao chamado **desemprego tecnológico** ou **estrutural**. Embora mais presente nos países desenvolvidos, esse tipo de desemprego também atinge os menos desenvolvidos.

Segundo especialistas, considerando a economia globalizada, não existem previsões otimistas quanto à diminuição das taxas de desemprego a curto prazo. Ao contrário, eles acreditam no seu aumento, mesmo que haja um crescimento econômico mundial, pois as inovações tecnológicas no mundo do trabalho vieram para ficar. Apesar de as taxas de desemprego diferirem de um país para outro, essa tendência é preocupante no mundo em desenvolvimento, pois atinge uma percentagem maior de jovens.

Existe, ainda, o chamado **desemprego conjuntural** ou **cíclico**, que ocorre quando a dispensa de mão de obra é determinada por crises econômicas. Numa conjuntura de recessão da economia, um país pode apresentar redução dos investimentos produtivos, queda na produção industrial e agrícola, e, consequentemente, diminuição das vendas no comércio e na prestação de serviços, bem como elevação dos preços de produtos, o que, por sua vez, reduz o poder de compra dos assalariados. Em tal situação, são comuns as demissões temporárias de trabalhadores; quando a crise é superada, geralmente o emprego volta a ser ofertado.

Figura 2.11

Mundo: principais bolsas de valores



YURI FERNANDES

Fonte: FRÉMY, Dominique e Michèle. *Quid 2002*. Paris: Robert Laffont, 2001.

Os fluxos de capital

Nas últimas décadas, com a movimentação instantânea de dinheiro entre os cinco continentes, a globalização apresenta ainda outra característica essencial: a expansão dos fluxos internacionais de capital.

Os capitais destinados a um determinado país para a construção de novas instalações produtivas (como fábricas, rodovias etc.) são chamados **investimentos produtivos** ou **diretos**. Quando são investidos em mercados financeiros por meio de bolsas de valores, são **investimentos financeiros** (figura 2.11).

Os investimentos produtivos

Além dos fluxos do comércio mundial, a globalização da economia tem um indicador essencial: o **IDE (investimento direto estrangeiro)**. Trata-se, de acordo com a definição do **FMI**, da operação financeira realizada pelas empresas transnacionais, a fim de controlar ou exercer influência significativa no desenvolvimento e na gestão de filiais implantadas em país estrangeiro.

Os fluxos de IDE acompanham a internacionalização das empresas desde o século XIX, mas foram intensificados a partir da década de 1980. Contudo, isso não significa que sejam bem distribuídos no espaço mundial (figura 2.12). Vários países ou mesmo um continente inteiro (a África) recebem pouco IDE, o qual é destinado majoritariamente aos dos continentes mais prósperos, como a Europa e a América do Norte.

Principalmente no caso da África, os fluxos de IDE são dirigidos, prioritariamente, ao setor extrativo mineral e, muito secundariamente, à diversificação das economias. Isso condena a maioria dos países africanos a se manter exportador de produtos primários, de baixo **valor agregado** no mercado internacional, e em contínua reprodução da dependência econômica histórica em relação às antigas potências coloniais europeias.

Considerando, por exemplo, os IDEs de 2003 a 2005, constata-se que 34 países africanos receberam menos de 100 milhões de dólares cada um no período, o que é muito pouco se comparado com os destinados a outras regiões do mundo. Os países africanos que receberam mais IDE nesse período foram a Nigéria, o Sudão, a Guiné Equatorial e Angola — países onde o petróleo assume posição importante em suas economias. Isso significa que os fluxos de IDE não só são menores na África, como privilegiam alguns países.

Figura 2.12

Distribuição dos IDEs por grandes regiões (1980-2004)



YURI FERNANDES

Fonte: *L'Atlas du Monde Diplomatique*. Paris: Armand Colin, 2006. p. 81.

- **FMI (Fundo Monetário Internacional):** instituição financeira da ONU cujo objetivo é promover a cooperação e a estabilidade dos sistemas financeiros e monetários dos países-membros, e prestar-lhes assistência técnica em assuntos econômicos.
- **Valor agregado:** tudo que se aplica a um produto (trabalho, tecnologia e informação) e que aumenta seu valor comercial.

Os investimentos financeiros e o desajuste global

Atualmente são poucas as regiões do mundo que não sofrem algum tipo de influência das operações do sistema financeiro globalizado, seja pelo excesso de capitais financeiros que acumula, seja pela total falta destes.

Os países em desenvolvimento são os que mais sofrem com essa mobilidade do dinheiro no mundo. O Brasil, a Argentina e o México, por exemplo, tomam diversas medidas para que os investimentos financeiros permaneçam depositados em seus bancos (ou que sejam investidos nas bolsas de valores) e possam, assim, aumentar a quantidade de dinheiro disponível ao seu desenvolvimento. Mas esses investimentos são **especulativos**, isto é, mudam de um lugar para outro no mundo de acordo com as vantagens oferecidas e, portanto, não são **produtivos**, ou seja, não são revertidos para atividades que gerariam empregos e riquezas. No geral, eles beneficiam apenas os investidores e prejudicam a maioria da população, pois, ao "migrarem", deixam muitas vezes as economias nacionais desequilibradas.



LUCAS JACKSON/REUTERS/LATINSTOCK

Figura 2.13 Bolsa de Valores de Nova York após anúncio da crise financeira em setembro de 2008.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Quadro 2.8 Verso e reverso da globalização: o Fórum Econômico de Davos e o Fórum Social Mundial

A globalização econômica e financeira conta com defensores e opositores. Todos os anos, no mês de janeiro, dois fóruns internacionais de debates simbolizam essa desavença: o Fórum Econômico de Davos e o FSM (Fórum Social Mundial), eventos de grande repercussão mundial.

O Fórum Econômico de Davos foi criado em 1971, na estância turística de Davos, Suíça. Durante cinco dias, os presidentes das principais empresas do mundo recebem políticos, artistas, acadêmicos, líderes religiosos, sindicalistas e ativistas de diversas organizações não governamentais. O evento serve basicamente para os líderes mundiais ampliarem suas redes de contatos e negócios, além de discutirem temas econômicos e questões de interesse mundial.

Em 2001, em contestação, realizou-se simultaneamente em Porto Alegre (RS) o primeiro FSM (Fórum Social Mundial), mobilizando várias manifestações e debates sobre a globalização. Ao final dessa primeira edição do FSM, um trecho da declaração dos movimentos sociais que participaram dizia:

"Forças sociais vindas do mundo inteiro nos reunimos no Fórum Social Mundial em Porto Alegre. Sindicatos e ONGs, movimentos e organizações, intelectuais e artistas, construímos juntos uma grande aliança para criar uma nova sociedade, diferente da lógica atual que coloca o mercado e o dinheiro como a única medida do valor. Davos representa a concentração da riqueza, a globalização da pobreza e a destruição de nosso planeta. Porto Alegre representa a luta e a esperança de um novo mundo possível, onde o ser humano e a natureza são o centro de nossas preocupações."

Disponível em <http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic.php?pagina=movsoc2001>. Acesso em jan. 2009.



MAURICIO LIMA/AFP/GETTY IMAGES

Participantes do Fórum Social Mundial em Porto Alegre (RS, 2001).

Nos anos seguintes, outros FSMs foram realizados em Porto Alegre, na Índia e no Quênia. O evento surpreendeu por sua capacidade de mobilização, ajudando a fortalecer uma rede de organizações políticas e sociais que lutam por uma globalização menos injusta e mais solidária.



Certifique-se de ter compreendido

4 Quais fatores contribuíram para o crescimento do comércio internacional nas últimas décadas?

5 Explique o que são a OMC e a Rodada Doha.

6 Observe a figura 2.6 e comente a distribuição e a intensidade dos fluxos do comércio mundial de mercadorias por grandes regiões do globo.

7 Qual o significado da expressão "fábrica global"?

8 Diferencie o desemprego tecnológico ou estrutural do desemprego conjuntural ou cíclico.

9 O que são investimentos produtivos e investimentos financeiros? Comente alguns problemas associados a esses tipos de investimento nos países em desenvolvimento.

Verificando o vocabulário



Lembre-se de atualizar seu fichário de palavras. Proceda como explicado na página 22.

APROFUNDAMENTO

Leitura complementar



Globalização e blocos econômicos regionais

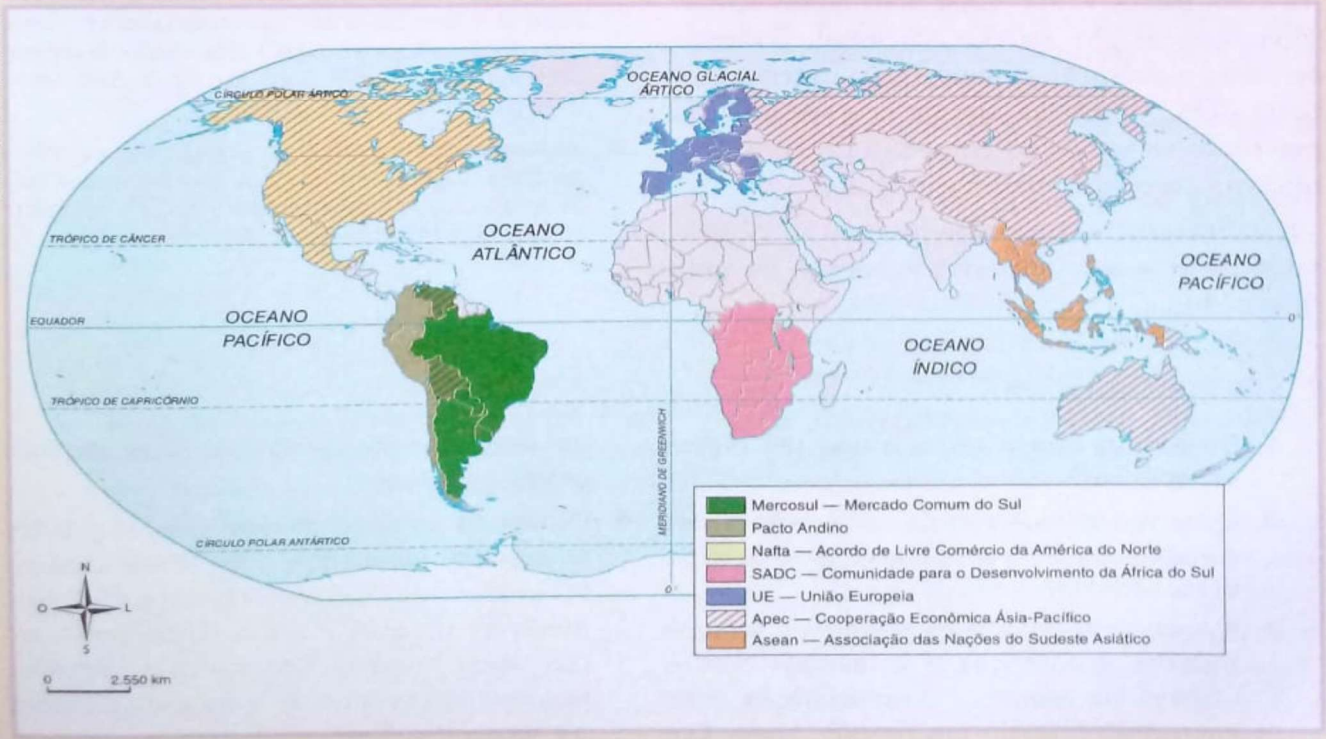
"Preocupados com as consequências das guerras comerciais, os grandes empresários europeus e norte-americanos estão procurando criar um cenário mundial mais previsível, no qual a concorrência possa ser controlada e medida.

Procura-se criar regiões protegidas por meio da união entre vários países em que um grupo de empresas tem interesses comuns, dificultando a entrada de produtos de empresas de outros países ou regiões. Pode-se encarar a formação de blocos econômicos regionais de comércio como uma tentativa de aumentar a segurança dos empresários que atuam no bloco contra a concorrência de empresas mais eficientes de outros países ou blocos.

[...]

Os blocos econômicos foram criados com a finalidade de desenvolver o comércio de determinada região. Para alcançar esse objetivo, eliminam as barreiras alfandegárias, o que diminui o custo dos produtos. Com isso, criam maior poder de compra dentro do bloco, elevando o nível de vida de suas populações. Como o mercado passa a ser disputado também por empresas de outros países-membros do bloco econômico,

Principais organizações econômicas regionais



ALESSANDRO PASSOS DA COSTA

Fonte: IBGE. *Atlas geográfico escolar*. 4. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. p. 78 (com adaptação e complementação).

cresce a concorrência, o que gera a melhoria de qualidade e a redução de custos. Os blocos podem funcionar como etapas para um mundo sem fronteiras.

Quase todas as grandes economias mundiais (em termos de Produto Nacional Bruto) encontram-se, de alguma forma, envolvidas em processos de integração econômica: Estados Unidos (Nafta), Europa (União Europeia [...]), América Latina (Pacto Andino e Mercosul), Ásia (Apec) e África (SADC). Os processos de integração econômica são conjuntos de medidas de caráter econômico e comercial que têm por objetivo promover a aproximação e, eventualmente, a união entre as economias de dois ou mais países.

Esses processos concentram-se, em um primeiro momento, na diminuição ou mesmo na eliminação de barreiras tarifárias e não tarifárias que constrangem o comércio de bens entre esses países. Uma etapa mais adiantada de integração exigirá esforço adicional, podendo envolver a definição de uma Tarifa Externa Comum (TEC), ou seja, uma tarifa a ser aplicada por todos os sócios ao comércio de bens com terceiros mercados (países extrazona).

[...] Em grau extremo, a integração econômica pode levar, inclusive, à adoção de uma moeda única.

As formas de integração baseiam-se, fundamentalmente, na vontade dos Estados de obter, através de sua adoção, vantagens econômicas que se definirão, entre outros aspectos, em termos de:

- aumento geral da produção, através de um melhor aproveitamento de **economias de escala**;
- aumento da produtividade, através da exploração de **vantagens comparativas** entre sócios de um mesmo bloco econômico;
- estímulo à eficiência, através do aumento da concorrência interna."

SIMÕES, Regina Célia Faria e MORINI, Cristiano. A ordem econômica mundial: considerações sobre a formação de blocos econômicos e o Mercosul. *Revista Impulso*. Piracicaba: Unimep, 2002. p. 141-142.

- **Economia de escala:** "Produção de bens em larga escala, com vistas a uma considerável redução nos custos. [...] Sua existência está diretamente ligada ao consumo de massa, capaz de absorver em todos os níveis a produção em série." (SANDRONI, Paulo. *Novíssimo dicionário de economia*. 3. ed. São Paulo: Best Seller, 1999. p. 190.)
- **Vantagem comparativa:** concepção teórica criada por David Ricardo, em 1817, que prevê que cada país deve dedicar-se ou especializar-se em uma atividade em que seus custos de produção sejam menores.

Explorando a leitura

1 De acordo com o texto, o que são blocos econômicos?

2 Quais são os interesses da parte de governos e empresas para a criação e consolidação de blocos econômicos?

3 A integração econômica prevê uma série de medidas econômicas e comerciais com o objetivo de promover a aproximação entre países-membros de um mesmo bloco. Cite três dessas medidas e explique-as usando suas próprias palavras.

4 Os autores do texto afirmam que "os grandes empresários europeus e norte-americanos estão procurando criar um cenário mundial mais previsível, no qual a concorrência possa ser controlada e medida". Comente essa afirmação, relacionando-a com o tema tratado no quadro 2.A, na página 29, sobre a Rodada Doha.

Atividades



1 O texto a seguir foi extraído de uma entrevista concedida pelo geógrafo brasileiro Milton Santos (1926-2001) à revista *Cadernos do Terceiro Mundo* (n. 200, jun.-jul. 1997).

Leia atentamente a pergunta feita pelo entrevistador e a resposta dada pelo professor Milton Santos e, em seguida, responda o que é solicitado.

"**Entrevistador:** [...] A globalização vem coincidindo com um processo que parece contradizê-la: a formação dos blocos econômicos regionais. O centro tem seus blocos: EUA/Nafta e Europa/UE. Japão e China parecem a caminho de um megabloco asiático. Os EUA forçam agora todo o continente para adoção da Alca, se possível com a extinção do Mercosul. Como analisar estes dois conceitos e práticas que parecem teoricamente excludentes (globalização e blocos regionais)?

Prof. Milton Santos: A formação dos blocos econômicos regionais não contradiz a globalização. Ao contrário, na realidade os blocos econômicos regionais são uma condição para que a globalização complete seu caminho. A verdade é que, afora a União Europeia, os outros blocos regionais têm como meta essencial e quase única facilitar o comércio entre um grupo de empresas privilegiadas. Sua preocupação é o mercado, e não a política; por isso estão despreocupados com as questões culturais e sociais. E, no caso do Mercosul e da América Latina, a ideia de cidadania é praticamente desconhecida: tanto a ideia de cidadania ligada a cada Estado-nação, quanto a ideia de cidadania mundial. Desse modo, a forma como se desenvolvem atualmente os blocos econômicos regionais favorece a expansão e o fortalecimento do chamado mercado global, e não a criação e o fortalecimento de uma comunidade humana universal. [...]"

a) Segundo a resposta, globalização e formação de blocos econômicos são excludentes, ou seja, são incompatíveis?

b) O entrevistado aponta uma diferença de objetivos entre a União Europeia e outros blocos econômicos. Esclareça essa diferença.

2 Realize uma entrevista com um(a) empresário(a) nacional de seu município com o objetivo de saber quais são os efeitos da globalização sobre a sua empresa. Como sugestão, apresentamos um roteiro de perguntas que poderá ser complementado ou modificado com a ajuda do(a) professor(a):

a) O que o(a) senhor(a) entende por globalização da economia?

b) A globalização afetou positiva ou negativamente a sua empresa? De que forma isso ocorreu?

c) O produto da sua empresa é competitivo no mercado internacional?

d) Houve a necessidade de realizar alterações na produção (máquinas, mão de obra, comunicação, internet) em decorrência da globalização?

e) Houve aumento ou diminuição dos postos de trabalho na empresa?

f) Quais são as principais dificuldades para um empresário nacional dirigir a sua empresa?

g) Há algum inconveniente decorrente da localização espacial ou territorial de sua empresa?

Após ter coletado as informações, redija um texto sobre o tema: "Globalização e empresa nacional".

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

GEOGRAFIA

ESPAÇO E VIVÊNCIA

VOLUME 3

Ensino Médio

LEVON BOLIGIAN

ANDRESSA ALVES

COMPONENTE CURRICULAR: GEOGRAFIA



Material de divulgação

CÓDIGO DA COLEÇÃO

2 5 0 8 1 C O L 0 5

Editora Saraiva

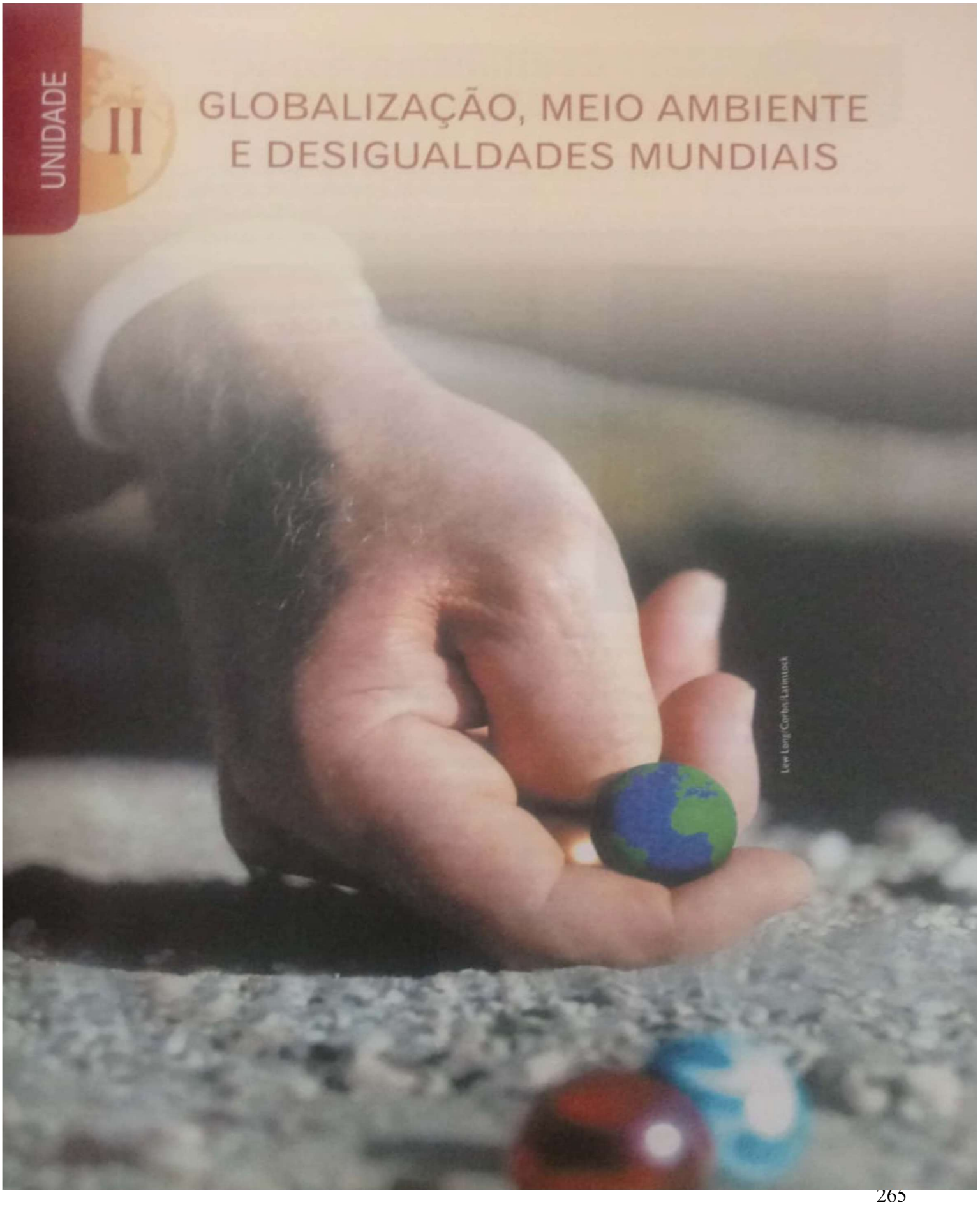
MANUAL DO PROFESSOR

A globalização e a organização do espaço geográfico mundial

Editora Saraiva

UNIDADE II

GLOBALIZAÇÃO, MEIO AMBIENTE E DESIGUALDADES MUNDIAIS



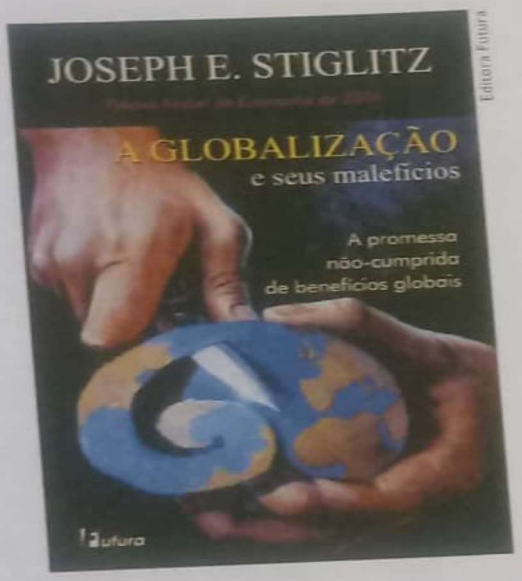
Lew Long/Corbis/Latinstock

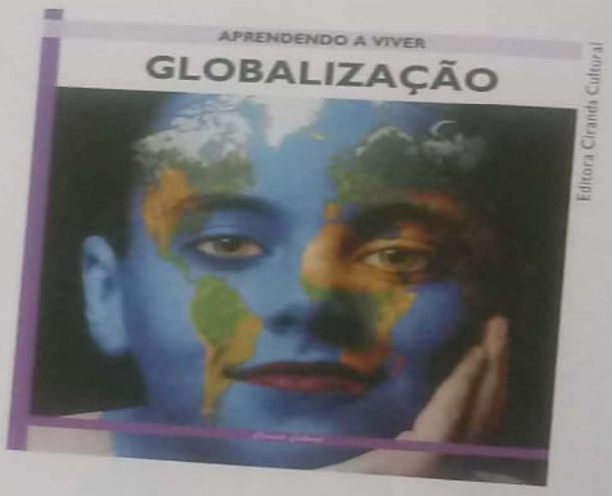
CAPÍTULO 5

Capitalismo, espaço geográfico e globalização

Os textos contidos nas capas de livros abaixo referem-se à globalização, processo econômico, político e cultural que tem influenciado o cotidiano de grande parte dos habitantes de nosso planeta. Converse com o professor e com os colegas sobre como a globalização afeta a vida de vocês.

Professor, aproveite a proposta de trabalho indicada no primeiro parágrafo desta página, para sondar o conhecimento prévio dos alunos sobre o processo de globalização. Peça-lhes que analisem as capas dos livros e mencionem tudo o que os textos e as imagens lhes suscitam. Anote tudo na lousa. Dessa maneira espera-se que eles se sintam motivados para estudar o conteúdo desta unidade.





Vimos no capítulo **3** que, com a crise do sistema socialista e a emergência de uma nova ordem geopolítica mundial multipolar, o capitalismo tornou-se um sistema econômico mundialmente hegemônico. Sabemos que esse sistema encontra-se na sua fase monopolista e financeira, caracterizada pela transferência de capital entre os países e pela concentração da riqueza nas mãos de um número restrito de pessoas e de empresas, sobretudo das chamadas corporações multinacionais.

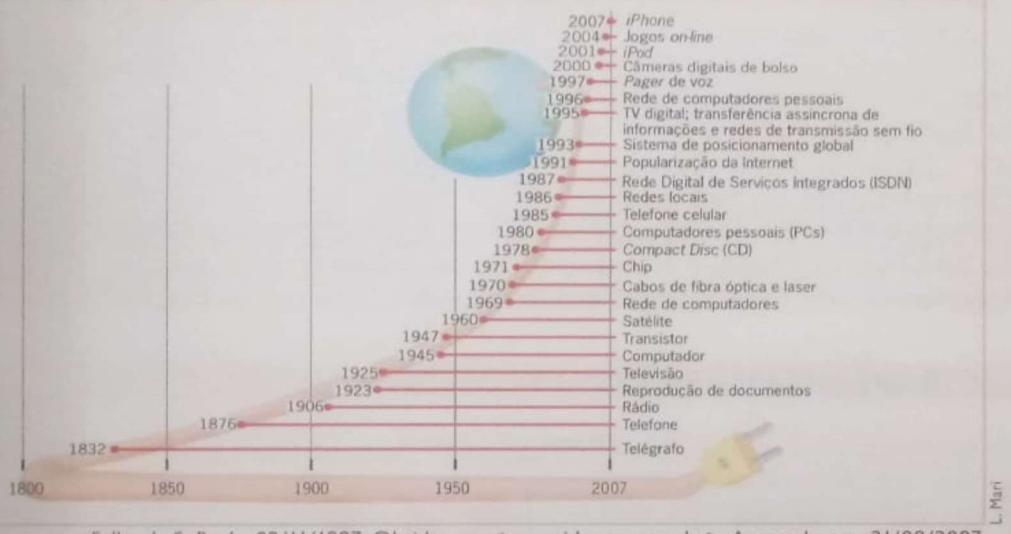
Com a expansão do modo de produção capitalista nas últimas décadas, intensificaram-se o comércio, as operações financeiras, a disseminação de novas tecnologias e a circulação de pessoas e de informações, processos que vêm aproximando até os mais distantes lugares do mundo. Os especialistas chamam de **globalização** esse processo de intensificação de trocas econômicas, de intercâmbio cultural e de avanços tecnológicos e informacionais sem precedente na história da humanidade. Tal fenômeno é o assunto deste capítulo.

A Revolução Técnico-científica e a formação do espaço mundial globalizado

Observe no gráfico da página seguinte algumas das mais importantes inovações tecnológicas ocorridas na área informacional e pense na forma como elas estão presentes no seu cotidiano.

Diversos estudiosos têm atribuído o atual estágio de consolidação do espaço mundial economicamente globalizado aos avanços científicos e tecnológicos alcançados com a Terceira Revolução Industrial, também chamada **Revolução Técnico-científica**, desencadeada na década de 1950, que se caracterizou pela integração efetiva entre ciência, tecnologia e produção. Em um curto intervalo de tempo, grande parte das descobertas científicas foi transformada em inovações tecnológicas. Estas, por sua vez, têm sido incorporadas quase imediatamente ao processo produtivo na forma de novas máquinas, equipamentos e materiais ou, ainda, na forma de novos bens de consumo, fazendo diminuir a cada ano a distância que separa as descobertas da ciência de sua aplicação nos setores produtivos.

A explosão tecnológica



Folha de S. Paulo, 02/11/1997. Obtido em: <www.idgnow.com.br>. Acessado em: 21/08/2007.

Professor, por meio da análise do infográfico ao lado, discuta com os alunos as mudanças no cotidiano de pessoas e de empresas, década a década, com a disponibilização de cada uma das tecnologias elencadas. Ajude-os a observar que as tecnologias disponíveis multiplicaram-se, sobretudo, a partir da década de 1970.

De acordo com o infográfico acima, principalmente a partir da década de 1970, uma avalanche de inovações tecnológicas foi transformada em bens de consumo e de produção, fato que revela os maciços investimentos em pesquisas científicas e tecnológicas feitos desde então pelo Estado e pelas grandes empresas privadas, sobretudo nos países desenvolvidos. Pode-se dizer que, em aproximadamente três décadas, o valor desses investimentos quadruplicou, chegando à cifra de centenas de bilhões de dólares anuais, destinados principalmente às áreas de ciências exatas e biológicas (química, física, medicina, biologia, entre outras).

Já na área tecnológica, alguns dos setores em que há mais investimento em pesquisa são:

- **informática** (desenvolvimento de computadores e *software*);
- **robótica** (criação de robôs industriais);
- **genética** (desenvolvimento de organismos — plantas e animais — geneticamente modificados);
- **bioquímica** (elaboração de novos medicamentos e de defensivos agrícolas, entre outros);



Jacques Brinon/Associated Press/Imageplus

Os estudos laboratoriais para o desenvolvimento de medicamentos estão entre os temas mais desenvolvidos no meio científico em diversos países, inclusive no Brasil. Na imagem, produção de vacina contra o vírus H1N1 em Paris, em 2009.

- **química fina** (fabricação de fibras sintéticas, polímeros, etc.);
- **eletrônica e de telecomunicações** (desenvolvimento de aparelhos eletrônicos domésticos, telefones celulares, fibras óticas, etc.);
- **novos materiais** (desenvolvimento de supercondutores, cerâmicas finas, ligas metálicas, entre outros).



A indústria de eletrônica promoveu muitos avanços na área dos transportes, permitindo a construção de máquinas e motores cada vez mais potentes. Na fotografia vemos um técnico trabalhando na montagem de uma turbina de avião, em fábrica na cidade alemã de Oberhausen, em 2009.

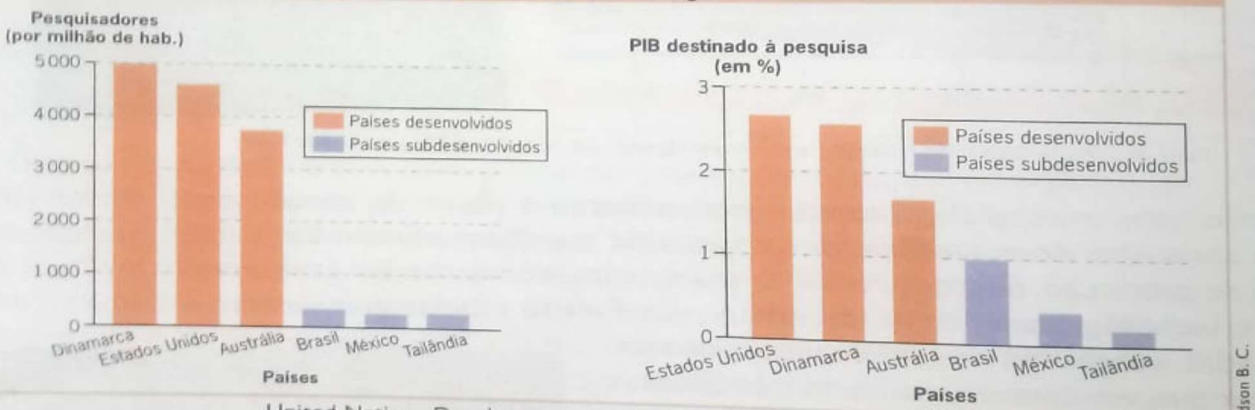
Marco Hausen/Agência France-Presse

A concentração espacial da produção científica e tecnológica mundial

O ritmo da produção científica tem crescido na mesma proporção dos investimentos, gerando novos recursos tecnológicos que são aplicados nos mais diferentes setores econômicos. Tal fato tem feito aumentar a produtividade e baixar o custo de operação das empresas, produzindo lucros maiores para o capital privado. Esta é a lógica do sistema capitalista: desenvolver novas tecnologias visando a maior acumulação de capital.

Porém, é importante entender que o atual estágio de desenvolvimento científico e tecnológico (ou seja, de pesquisa e de produção de recursos) vem acontecendo de maneira concentrada no espaço geográfico mundial. Veja as informações a seguir.

Desigualdades na produção científica



Edson B. C.

United Nations Development Programme (UNDP). *Human Development Report 2007/2008*. Obtido em: <www.undp.org>. Acessado em: 15/08/2009.

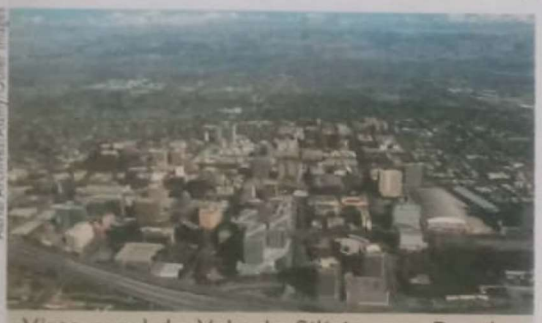
Como é possível perceber, a produção científica e tecnológica está concentrada em países desenvolvidos (Estados Unidos, Dinamarca, França, Alemanha e Japão, entre outros), nações consideradas centros do sistema capitalista e que abrigam as sedes da maioria das corporações multinacionais. Já países subdesenvolvidos como Brasil, México e Tailândia apresentam escassos investimentos na pesquisa científica, sendo, por isso, pouco expressivos na produção internacional.

De maneira geral, nos países desenvolvidos, governos e empresas instalaram importantes centros de pesquisa, os chamados **tecnopolos**, onde estão localizados universidades, laboratórios privados, escolas técnicas, etc. A maioria dos tecnopolos constitui centros especializados que desenvolvem estudos em áreas específicas, como a aeroespacial, a eletrônica, a de tecnologia das telecomunicações, a de informática (*software* e *hardware*), a de tecnologia marítima e a de biotecnologia.

Esses centros de excelência são o nicho do qual provém a maioria das transformações técnico-científicas ocorridas nas últimas décadas. Caracterizam-se, portanto, como berços da Terceira Revolução Industrial, lugares que concentram mão de obra altamente qualificada, composta de cientistas e de tecnólogos do mundo todo.

Entre os principais tecnopolos mundiais, destacam-se o Vale do Silício, na região metropolitana de São Francisco, e as cidades de Boston e Houston, nos Estados Unidos; Tsukuba, no Japão; Toulouse, na França; e Edimburgo, na Escócia.

Nos países subdesenvolvidos de industrialização tardia também estão localizados alguns tecnopolos de expressão, como nas cidades de Campinas e de São José dos Campos, no Brasil, e na cidade de Bangalore, na Índia.



Aerial Archives/Alury/Other Images

Vista geral do Vale do Silício, nos Estados Unidos, em 2008.



Germano Lüders/Editora Abril

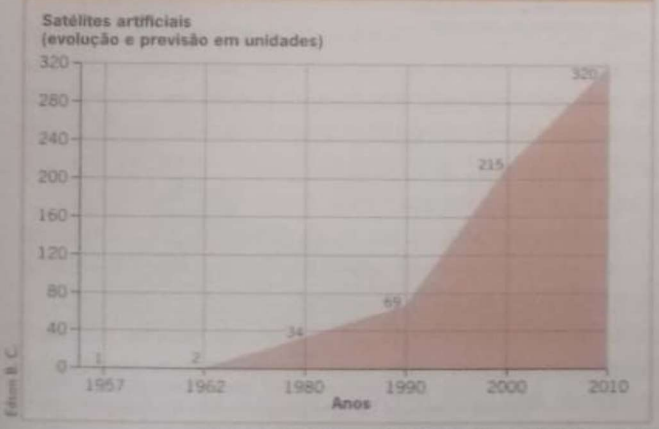
Linha de montagem da Embraer em São José dos Campos, em 2008.

O avanço da telecomunicação e dos meios de transporte

A aplicação de inovações tecnológicas no processo produtivo vem dinamizando diversos setores da economia. Entre eles, os que mais têm contribuído para a consolidação do espaço geográfico mundial globalizado são o de telecomunicação e o de transportes.

Entre as inovações tecnológicas provenientes da área informacional nas últimas décadas (veja novamente o infográfico da página **93**), destacam-se o desenvolvimento da informática, a instalação de cabos oceânicos intercontinentais, o lançamento de satélites artificiais de comunicação e a expansão dos serviços de telefonia e da rede mundial de computadores (Internet).

Evolução do número de satélites artificiais em órbita ao redor da Terra (1957-2010)



Edson B. C.

Atlas geográfico mundial. Barcelona: Sol 90, 2005.



Carlos Gelzgrub/Opção Brasil Imagens

O desenvolvimento tecnológico permitiu um grande avanço na área de telecomunicações. Na imagem de 2001, vemos uma antena da Estação Terrena de Comunicações Via Satélite de Tanguá, Rio de Janeiro, responsável por parte das comunicações nacionais e internacionais do Brasil.

Essas inovações tornaram possível a transmissão quase instantânea de informações na forma de texto, som e imagem entre praticamente todos os lugares do mundo, fato sem precedentes na história da humanidade.

Certamente, a base para toda a rede mundial de telecomunicações foi o desenvolvimento da tecnologia de satélites artificiais; sem eles, não seria possível a transmissão instantânea de dados entre os continentes. Atualmente, há cerca de duas centenas de satélites especializados somente na transmissão de ligações telefônicas e de sinais de televisão.

Também têm sido de grande importância os avanços na área dos meios de transporte, como o desenvolvimento de aviões de carga mais velozes e com maior autonomia de voo e a criação de navios capazes de transportar milhares de toneladas de produtos de uma única vez (caso dos petroleiros, graneleiros, porta-contêineres e cargueiros de minério).

A aplicação das novas tecnologias navais e aeroespaciais colaborou para que as passagens marítimas e aéreas se tornassem mais acessíveis para o grande público. Consequentemente, houve um considerável aumento no número de deslocamentos de pessoas entre países, sobretudo a partir da década de 1980.

Todas essas inovações tecnológicas fizeram que os custos da transmissão de informações e do transporte de mercadorias diminuíssem significativamente, principalmente a partir da segunda metade do século XX. Como exemplo, podemos citar o valor médio da tonelada transportada por navio: na década de 1920 esse valor era de 95 dólares e na década de 1990 não ultrapassava 30 dólares. Na área de telecomunicações, um bom exemplo foi a redução nos valores das chamadas telefônicas internacionais, que entre as décadas de 1970 e 1990 tornaram-se, em média, 90% mais baratas.

Tal fato possibilitou um incremento do volume de negócios entre empresas e governos de diferentes países, intensificando o comércio mundial e promovendo maior mobilidade de pessoas e produtos entre as nações, assim como maior intercâmbio de informações (fator viabilizado principalmente pela criação da rede mundial de computadores).



Na fotografia acima, técnico do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) trabalha no satélite CBERS 3/4, em São José dos Campos, São Paulo, no ano de 2008.



O aeroporto internacional O'Hare, em Chicago, é um dos principais dos Estados Unidos e tem um movimento de cerca de 70 milhões de passageiros por ano. Fotografia de 2008.

Evolução do número de deslocamentos internacionais de passageiros (1950-2008)



Atlas geográfico mundial. Barcelona: Folio, 2007.
World Tourism Organization. Tourism highlights 2009.
Obtido em: <www.unwto.org>. Acessado em: 27/10/2009.

As inovações tecnológicas, a modernidade e o cotidiano das pessoas

Na fotografia abaixo vemos um computador portátil conectado à Internet. Tanto o computador quanto a Internet são resultado de avanços tecnológicos que permitem a circulação instantânea de informações por todo o planeta.



Heide Benser/Corbis/Latinstock

Em muitas campanhas publicitárias, a tecnologia é usada para seduzir os consumidores. Na fotografia ao lado, há vários elementos que levam o consumidor a acreditar que o computador portátil pode proporcionar conforto e comodidade. Identifique esses elementos.

O material de publicidade e propaganda reproduzido nesta obra está sendo utilizado apenas para fins didáticos, não representando qualquer tipo de recomendação de produtos ou empresas por parte dos autores e da editora.

Reflita sobre os aspectos positivos e negativos dos avanços tecnológicos no dia a dia das pessoas. A seguir, discuta o assunto com o professor e com os colegas.

Sabemos que nos países desenvolvidos concentra-se a maior parte da produção técnico-científica mundial. Neles, as inovações tecnológicas surgem todos os dias na forma de utilidades domésticas, roupas, recursos médicos, materiais de construção, cosméticos, veículos de transporte e de telecomunicação, novos tipos de alimento, entre tantos outros exemplos. Por isso, muitos especialistas consideram que essas nações encontram-se na vanguarda da modernidade mundial.

Muitos dos objetos desenvolvidos com alta tecnologia tornam-se disponíveis também, ainda que um pouco mais tarde, à população dos países subdesenvolvidos, sendo produzidos, comercializados e distribuídos pelas empresas multinacionais. Assim, as inovações científicas e tecnológicas passam, de uma forma ou de outra, a fazer parte do dia a dia de bilhões de pessoas, interferindo nos hábitos, na educação, na saúde, no ritmo de vida e sobretudo nas formas de trabalho, e exigindo cada vez mais que o ser humano busque novos conhecimentos.

Muitos dos recursos tecnológicos estão "estampados" nas paisagens do campo e, principalmente, das cidades. Eles podem ser vislumbrados nos altos edifícios de vidro e concreto, nas torres de transmissão de energia elétrica, nas antenas parabólicas, em um novo conjunto de fábricas, na ampliação de uma avenida, em um hipermercado, em uma moderna colheitadeira, em um pivô de irrigação, em telefones celulares, computadores e caixas eletrônicos de bancos.

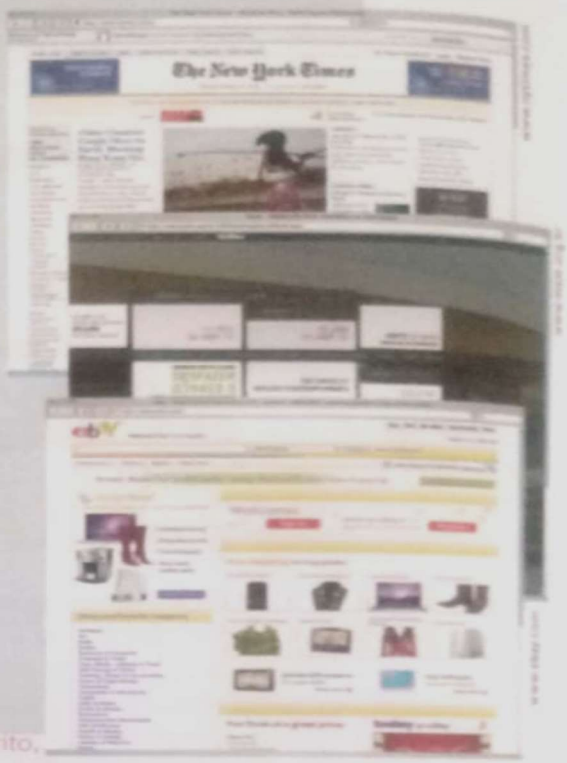
Podemos dizer que vivemos em um espaço geográfico impregnado de elementos científicos, tecnológicos e informacionais voltados, fundamentalmente, para alimentar a atual sociedade de consumo.

Uma das características fundamentais da globalização é a rapidez com que ocorrem as trocas de informação entre os mais diversos lugares. A Internet é um dos principais instrumentos de comunicação responsáveis pela transformação das noções de tempo e de espaço construídas até então pela sociedade. O texto da página seguinte fala exatamente sobre isso. Leia-o com atenção.

Internet: a supermídia

Quando, nos idos do século XV, um modesto artesão chamado Gutenberg inventou a imprensa, o pânico se espalhou entre os letrados — será que o novo método, que possibilitaria a qualquer homem do povo ler a Bíblia, não se tornaria realmente um fator de anarquia, uma ameaça à sociedade?

Cinco séculos mais tarde, a informática, a tecnologia da comunicação, está aí, causando, em âmbito global, um impacto de tal ordem que atinge *status* de revolução — de novo paradigma cultural. Os tradicionais sistemas de comunicação linear, de ponto a ponto (emissor/receptor) e estelar (do tipo um emissor, vários receptores, como o rádio e a TV), expandem-se na grande rede planetária de comunicações. A Internet incorpora e supera todas as mídias anteriores. Mal refeito da maravilha de poder apertar um botão e iluminar uma sala, de falar num aparelhinho com alguém lá da China, de imitar os pássaros e atingir distâncias enormes no espaço de horas, o ser humano deste final de milênio está atônito diante das possibilidades que abre quando, ainda de pijama e chinelos, se senta diante de sua telinha particular encantada e entra num bate-papo com amigos antípodas, consulta acervos dos museus mais afamados, faz compras internacionais, lê os jornais de Nova Iorque. [...]



Cecília Prada. "O novo mundo do saber".
Obtido em: <www.sescsp.org.br>. Acessado em: 14/09/2009.

Professor, peça aos alunos que comentem, verbalmente ou por escrito, sua acessibilidade à Internet, a rede mundial de computadores.

A expansão das multinacionais e a globalização econômica

Identifique na charge abaixo as estratégias adotadas pelas grandes empresas multinacionais para expandir o mercado consumidor de seus produtos. Procure estabelecer relações entre essas estratégias e o processo de globalização.

A globalização tem sido viabilizada pela Terceira Revolução Industrial, processo caracterizado basicamente por transformações técnico-científicas que nas últimas décadas vem permitindo maior integração econômica e cultural entre os mais diversos países e regiões do planeta, principalmente por intermédio dos avanços dos meios de transporte e de telecomunicação. Esses avanços tecnológicos também tornaram viável outro aspecto fundamental da globalização: a **expansão das corporações multinacionais**.

Até aproximadamente a metade do século XX, a presença de multinacionais no mercado internacional era muito restrita, compondo-se basicamente de empresas de capital norte-americano e europeu, sobretudo mineradoras, siderúrgicas e fábricas de automóveis, como Ford, General Motors e Volkswagen.

NOVO SISTEMA NO AFEGANISTÃO



- Ok, vocês venceram! Big Mac, fritas grande e um milk shake!

Angeli. Obtido em: <www.uol.com.br/angeli>

A partir da segunda metade do século, houve uma expansão da área geográfica de atuação de diversas dessas empresas, que deixaram de operar exclusivamente nos mercados dos países ricos e industrializados para se estabelecer também em países subdesenvolvidos. De maneira geral, essas corporações (a maioria com sede nos Estados Unidos, Canadá, Japão e países da União Europeia) começaram a instalar filiais e subsidiárias em nações mais pobres, porém com grande potencial econômico, como Brasil e México, na América Latina, Coreia do Sul e Taiwan, na Ásia, e África do Sul, no continente africano.

O direcionamento dos investimentos para os países subdesenvolvidos teve como objetivo a busca de novos mercados consumidores para os produtos e, principalmente, de menores custos operacionais, proporcionados por fatores como mão de obra barata, proximidade com as fontes de matérias-primas, incentivos fiscais (menores taxas ou isenção de impostos) e legislações ambientais pouco rígidas.

É importante esclarecer também que na década de 1970 teve início um processo de diversificação dos setores econômicos de atuação das multinacionais nos países periféricos. Além das atividades fabris e de mineração, que representavam a maior parcela de negócios dessas empresas no mercado mundial, as grandes corporações passaram a atuar em setores como o de serviços (bancos, seguradoras, transportadoras de cargas, etc.), no comércio atacadista e varejista (hipermercados, lojas de departamentos, redes de lanchonetes, exportadoras, entre outras) e no setor agropecuário. O texto a seguir ilustra o "espírito" expansionista do processo de produção de uma multinacional norte-americana, expresso na fala de um de seus altos executivos. Leia-o.

> É nosso objetivo estar presente em todo e qualquer país do mundo, países da Cortina de Ferro, a Rússia ou a China. Nós, na Ford Motors Company, olhamos o mapa do mundo como se não existissem fronteiras. Não nos consideramos basicamente uma empresa americana. Somos uma empresa multinacional. E quando abordamos um governo que não gosta dos Estados Unidos, nós sempre lhe dizemos: "De quem você gosta? da Grã-Bretanha? da Alemanha? Nós temos várias bandeiras. Nós exportamos de todos os países".
>
> Paulo Sandroni. *Novo dicionário de Economia*. São Paulo: Best Seller, 2000. p. 235.

Grã-Bretanha: ilha onde se localizam a Inglaterra, a Escócia e o País de Gales, nações que, com a Irlanda do Norte, constituem o Reino Unido.

A fragmentação do processo produtivo das multinacionais

Durante o período inicial da intensa expansão das multinacionais pelo mundo, aproximadamente entre as décadas de 1950 e 1970, na maior parte dos projetos industriais instalados em países estrangeiros a incumbência era executar em um mesmo local todas as etapas necessárias à produção de determinada mercadoria. Todas as etapas de fabricação de um automóvel, por exemplo, deveriam ser realizadas em uma única unidade montadora, e até mesmo os componentes (peças, motor, chassi, etc.) deveriam ser produzidos, em sua maioria, nas imediações da fábrica.

Nas últimas duas décadas, entretanto, com a busca incessante por custos operacionais mais baixos, maior produtividade e, consequentemente, maiores lucros, tem ocorrido o que os especialistas denominam **fragmentação do processo produtivo industrial**: diversas corporações multinacionais passaram a dividir as etapas de produção e montagem de uma mesma mercadoria entre diferentes filiais espalhadas pelo mundo, com o objetivo de otimizar a fabricação. Para isso, introduziram novos métodos e técnicas de gerenciamento da produção, cujo modelo também é empregado nos setores do comércio e da prestação de serviços.

Atualmente, vários componentes de um veículo, desde o motor até as peças de acabamento, como bancos e pedais, podem ser produzidos em diferentes países do mundo e, depois, reunidos em uma das unidades montadoras, na qual se obtém, então, o veículo finalizado, pronto para ser comercializado no mercado interno do país onde foi montado ou exportado para outros países.

Dessa maneira, diversos componentes de uma infinidade de mercadorias, desde bens de produção (máquinas industriais, veículos e transportadores de carga) até bens de consumo (computadores, aparelhos eletrônicos, roupas e calçados), são produzidos em diferentes unidades fabris de uma mesma empresa.

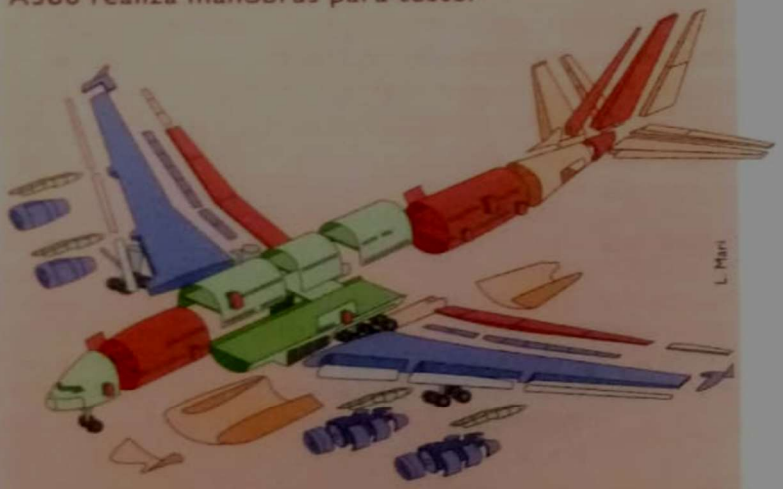
O esquema ao lado constitui um exemplo de fragmentação do processo produtivo de uma multinacional do setor de aviação. Observe-o.

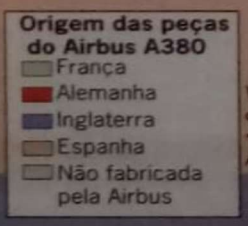
Outro aspecto fundamental da fragmentação da produção pelas multinacionais relaciona-se com a **terceirização** de determinadas etapas do processo produtivo. A terceirização consiste no repasse de determinadas atividades de produção (consideradas, pelas grandes corporações, não estratégicas) a outras empresas, que deverão realizá-las de acordo com os padrões de qualidade impostos pela contratante.

Nesse sentido, os serviços de produção, distribuição e comercialização de uma mesma mercadoria criada por uma multinacional são realizados em parceria com diferentes empresas, muitas vezes localizadas em países distintos.

Cabe ressaltar que o processo de fragmentação e de terceirização do processo produtivo está diretamente relacionado à existência de uma infraestrutura tecnológica (equipamentos e *software* para transmissão de informações em tempo real, veículos especializados para o transporte de cargas e passageiros, máquinas e equipamentos industriais de precisão) resultante da atual Revolução Técnico-científica.

Os principais componentes do novo modelo de avião comercial da multinacional Airbus, o A380, com capacidade para 555 passageiros, serão fabricados em quatro países diferentes: França, Alemanha, Inglaterra e Espanha (veja o esquema). Depois de prontos, esses componentes serão levados à cidade de Toulouse, na França, onde o avião será montado. Na sequência, o modelo deverá voar para a Alemanha, onde receberá os acabamentos finais, como poltronas, decoração e pintura. As primeiras aeronaves estão em fase de testes, criando a necessidade de amplas reformas nas pistas de pouso e nos prédios de embarque e desembarque de passageiros. Na fotografia abaixo, o A380 realiza manobras para teste.





Veja on-line, outubro/2007. Obtido em: <http://veja.abril.com.br>. Acessado em: 15/08/2009.



Steven Mayl/age fotostock/Keystone

As multinacionais e as estratégias de controle de mercado

A expansão em escala planetária das atividades das multinacionais fez crescer a disputa entre essas empresas por partes cada vez maiores de um mercado consumidor atualmente integrado pelo processo de globalização. A acirrada concorrência tem levado essas empresas a lançar mão de algumas ações estratégicas, tais como:

- **diminuição do tamanho das unidades de produção**, aplicando alta tecnologia (informatização, automação ou robotização) e diminuindo o número de funcionários;
- **otimização dos processos de produção**, diminuindo os desperdícios com matérias-primas, reduzindo estoques e melhorando a qualidade dos produtos e dos serviços com a introdução do *toyotismo* (ver texto no boxe abaixo) como método predominante de trabalho;
- **aumento dos investimentos em *marketing* e propaganda**, disseminando informação a respeito de seus produtos ou serviços na mídia, no desenvolvimento de novas mercadorias e na valorização da marca da empresa no mercado de ações.

Outra medida que tem sido levada adiante pelas corporações multinacionais é a diversificação de suas áreas de atuação. Trata-se da chamada ***holding***, tipo de empresa que se dedica exclusivamente ao controle de outras empresas multinacionais por meio da posse da maior parte de suas ações no mercado internacional de valores. Hoje em dia é bastante comum a atuação de cada subsidiária de uma mesma corporação atuando em um segmento diferente da economia, como o das atividades agrícolas, financeiras, fabris e minerais.

Como exemplo, veja ao lado o organograma funcional de uma das maiores *holdings* do mundo.



Obtido em: <www.mitsubishi.com.br>. Acessado em: 08/12/2009.

As mudanças no cotidiano do trabalho

As tecnologias geradas no decorrer do processo de globalização e as disputas de mercado entre as empresas têm afetado diretamente o cotidiano do trabalho, sobretudo devido a mudanças qualitativas em sua forma de organização. O texto a seguir ajuda a entender essas mudanças.

Houve mudanças? Em quê? Primeiramente na organização do trabalho. De maneira geral essas mudanças — também conhecidas como *toyotismo*, pois surgiram nas fábricas da Toyota do Japão — partem do princípio de que a participação intelectual de quem executa diretamente o trabalho é fundamental para assegurar melhores níveis de produtividade e qualidade.

Aposenta-se o sistema mecânico, de extrema segmentação de funções e tarefas [...], onde o trabalhador não é mais do que uma simples peça na engrenagem de produção.

Portanto, nos novos métodos de trabalho apoiados pela alta tecnologia, convocam-se os que trabalham a opinar sobre a melhor forma de se organizar e produzir.

Assim, todos são estimulados a compreender o processo produtivo, diminuindo a alienação dos indivíduos sobre os produtos e sobre os processos de produção, tais como fornecedores, matéria-prima, equipamentos e o item mais importante: *o cliente*. "O cliente é o rei." Todos devem estar a serviço da satisfação do cliente.

Uma das características marcantes dessa nova tendência empresarial é o desempenho de múltiplas funções e tarefas por um mesmo trabalhador. Ou seja, o trabalhador tem que ser polivalente. E até a responsabilidade sobre a limpeza e a manutenção dos equipamentos passa a ser do operador, eliminando-se assim funções e atividades de apoio à produção. [...]

Aurélio Eduardo do Nascimento. *Trabalho* — história e tendências. São Paulo: Ática, 2001. p. 60.

As fusões entre multinacionais

Além das estratégias de controle de mercado, a intensa competitividade entre as empresas multinacionais tem contribuído para a ocorrência de **fusões**, ou seja, a soma de capitais entre corporações para a criação de uma única grande empresa que atue em determinado setor econômico. O objetivo é dominar a produção de mercadorias ou prestação de serviços e sua comercialização, além de controlar os preços por meio de oligopólios ou monopólios, infringindo, dessa maneira, um dos pilares do capitalismo liberal, que é a livre concorrência. Durante a década de 2000, ocorreram, por exemplo, fusões: entre as empresas norte-americanas AOL (America OnLine, Inc.) e Time-Warner, do setor de comunicações; entre a Chrysler, norte-americana, e a Fiat, italiana, no setor automobilístico; entre a Gillette e a Procter & Gamble, norte-americanas, na área de produtos de higiene e limpeza.

O fenômeno de fusão de multinacionais tem colaborado para a criação de empresas gigantes, o que representa a extrema concentração de capitais e, portanto, de poder econômico nas mãos de um diminuto grupo formado pelos acionistas majoritários dessas empresas.

Os textos publicados em jornais e reproduzidos a seguir exemplificam a rapidez com que esse fenômeno vem ocorrendo nos últimos anos. Leia-os com atenção:

União Europeia autoriza fusão entre Fiat e Chrysler

Comissão Europeia, o órgão executivo da UE (União Europeia), deu sinal verde nesta sexta-feira à montadora italiana Fiat para assumir o controle da americana Chrysler, ao considerar que a operação não prejudicará a concorrência no mercado.

Com a decisão, a comissão abre caminho ao acordo formalizado em junho entre as duas empresas, que permitirá salvar a Chrysler da quebra e dará espaço para a marca italiana entrar no mercado americano.

Folha Online, 24/07/2009.
Obtido em: <www.folha.uol.com.br>.
Acessado em: 17/08/2009.

Farmacêutica Merck anuncia fusão de US$ 41,1 bi com Schering-Plough

A gigante farmacêutica Merck anunciou que vai se fundir à rival Schering-Plough em um acordo avaliado em US$ 41,1 bilhões, criando uma das maiores empresas mundiais do setor.

Ambas as companhias tiveram um faturamento conjunto de US$ 47 bilhões em 2008, e a fusão deve resultar em uma economia anual de US$ 3,5 bilhões a partir de 2001, de acordo com um comunicado emitido pelas empresas.

BBC Brasil, 14/08/2009.
Obtido em: <www.bbc.co.uk/portuguese>.
Acessado em: 14/08/2009.

Gigantes

A cervejaria portuguesa Cintra foi comprada pela AmBev. A Coca-Cola comprou a Mate Leão, a Petrobras, associada com a Braskem e Ultra, incorporou a Ipiranga. [...] a Gol comprou a Varig. O Bradesco adquiriu os negócios da American Express no Brasil. As Lojas Americanas compraram a rede Submarino. A Nestlé comprou a marca de alimentos para bebê Gerber da Novartis. A Johnson & Johnson incorporou a divisão da Pfizer que fabrica produtos para cuidados de saúde livres de prescrição médica.

Valdo Cruz e Julianna Sofia. "Estabilidade e liquidez ampliam fusões". Obtido em: <www.folha.uol.com.br>. Acessado em: 17/08/2009.

A atual Divisão Internacional do Trabalho (DIT)

Leia com atenção o texto abaixo e, de acordo com o que estudou neste capítulo até o momento, procure enquadrar o caso da Costa Rica no processo de expansão e de fragmentação da produção das multinacionais, relacionando-o às características da atual DIT.

Das bananas ao *chip*

No passado, a Costa Rica já foi conhecida como uma "república de bananas". Era uma referência a seu principal produto de exportação. [...] Desde 1996, quando foi escolhida para sediar uma das fábricas da Intel, o maior produtor mundial de *chips* para computadores, a Costa Rica ganhou um novo apelido: "república do silício". Trata-se de uma alusão à matéria-prima utilizada na produção de *chips*, os microprocessadores que são o cérebro dos PCs. A construção da fábrica mudou o perfil econômico da Costa Rica, de país agrícola para industrial. [...] A produção é exportada a fabricantes de computadores, sobretudo na Ásia. Atualmente, cerca de 85% dos computadores pessoais do planeta acomodam um Pentium em suas entranhas. A opção da Intel pela Costa Rica não foi ao acaso. O país é pequeno (do tamanho do Rio Grande do Norte), mas tem uma democracia estável e mão de obra barata. [...]

Época, 11/09/2000. p. 93.



Luiz Fernando Fogaça

PC: sigla, em inglês, de *personal computer*, computador de uso pessoal que é compatível com diversos tipos de *software*, *hardware* e aplicativos comercializados no mercado mundial.

Pentium: marca de microprocessador fabricado pela multinacional Intel.

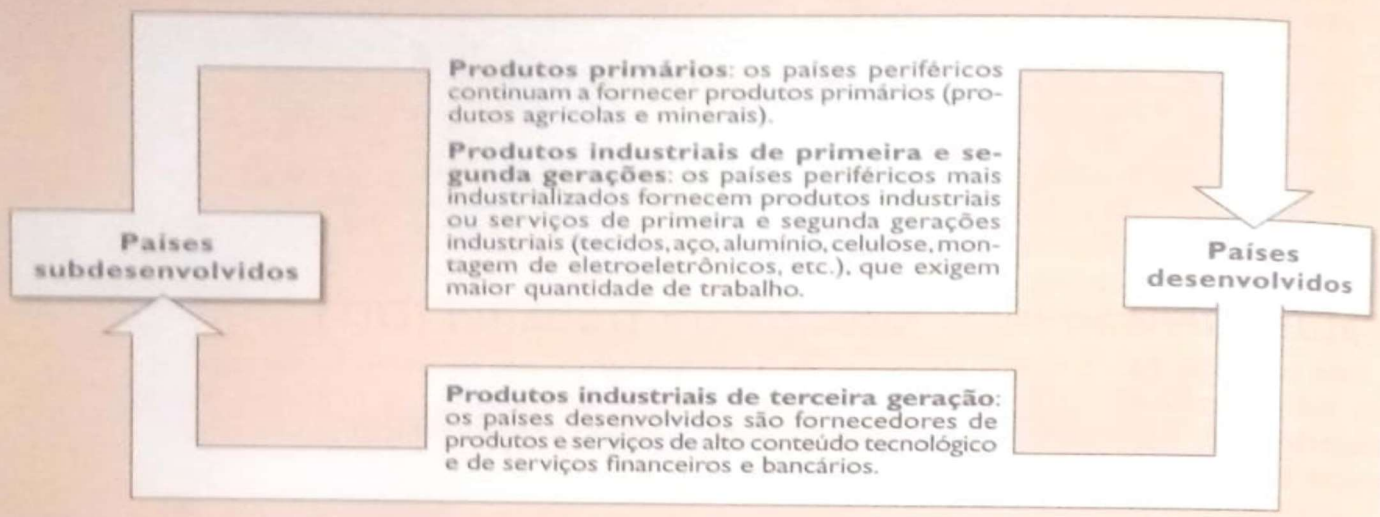
Nas últimas décadas, muitos países que tinham sua economia voltada basicamente para o setor primário têm recebido filiais ou subsidiárias de multinacionais em seus territórios, fato que vem modificando profundamente seus perfis econômicos e suas funções na atual **DIT**.

Os países de industrialização tardia, como Brasil e México, e os de industrialização recentíssima, como Tailândia, Indonésia e Costa Rica (utilizada como exemplo no texto reproduzido acima), vêm recebendo grandes investimentos estrangeiros para a criação de parques industriais nos quais devem ser produzidas mercadorias com tecnologia relativamente avançada.

Dessa maneira, pode-se dizer que nas últimas décadas vem se consolidando uma DIT ligada às altas tecnologias e aos intensos fluxos informacionais provocados pelo processo de globalização da economia.

O esquema abaixo mostra como essa nova DIT pode ser caracterizada. Observe-o.

DIT na globalização



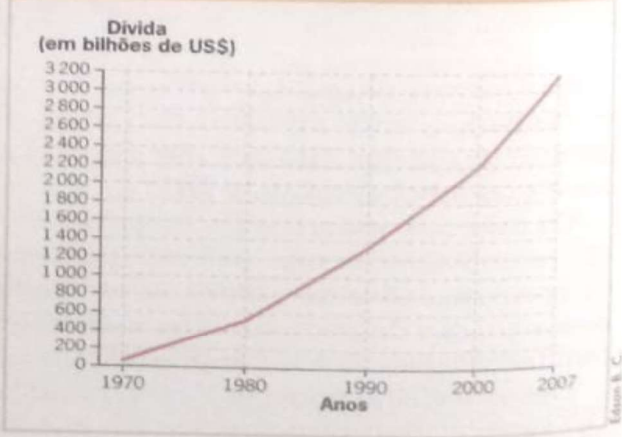
Haruf Salmen Espindola. *Ciência, capitalismo e globalização*. São Paulo: FTD, 1999. p. 86.

Importantes transformações ocorreram no perfil econômico de diversas nações, mas é fundamental entender que o processo de industrialização dos países periféricos acentuou sua dependência em relação aos países ricos e industrializados. Se por um lado os países menos desenvolvidos ganharam com a presença das multinacionais, pela introdução de novas tecnologias e pela geração de novos postos de trabalho, por outro, a maior parte dos lucros obtidos por essas empresas não é aplicada nesses países, mas remetida para suas sedes, localizadas nos países centrais.

Mesmo que a presença de empresas multinacionais tenha desencadeado um amplo crescimento econômico nos países em que se instalaram, perpetua-se a condição de dependência das nações periféricas, já que grande parte das tecnologias utilizadas tem origem nos países desenvolvidos.

Por último, além da dependência tecnológica, há a dependência financeira, atrelada ao endividamento externo dos países que receberam as multinacionais: para receber essas empresas, o Estado teve de investir na implementação da infraestrutura necessária (construção de rodovias, ferrovias e portos para o escoamento da produção, de usinas elétricas para a geração de energia, de redes de telefonia, etc.). Sem os recursos econômicos necessários para levar adiante as obras de infraestrutura, os governos dos países subdesenvolvidos tiveram de recorrer aos fundos financeiros internacionais, como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial. Nas últimas duas décadas, a dívida dos países subdesenvolvidos praticamente triplicou, sobretudo a das nações de industrialização tardia. Observe o gráfico ao lado.

Endividamento dos países subdesenvolvidos (1970-2007)



The World Bank. Obtido em: <www.worldbank.org>. Acessado em: 17/08/2009.

ATIVIDADES

Questões de compreensão

Veja, no **Manual do professor**, comentários e respostas das atividades deste capítulo.

1. Qual é a relação entre o processo de globalização e a chamada Revolução Técnico-científica?
2. Nos países de economia capitalista, em que década iniciou-se "uma avalanche de inovações tecnológicas"? Quais são as principais causas desse processo?
3. O que são tecnopolos? Onde se localizam?
4. Leia atentamente o texto abaixo.

Fuga de cérebros ameaça países africanos

Êxodo de profissionais qualificados é estimulado por nações ricas; ao ano, 70 mil subsaarianos estudam fora do continente

A fuga de cérebros da África é uma das maiores ameaças ao mais pobre continente da Terra. O êxodo de profissionais com diploma universitário, tão escasso por ali, é estimulado pelos mesmos países ricos que dizem querer ajudar no crescimento africano. [...]

Anualmente 70 mil africanos subsaarianos vão fazer seus estudos universitários fora do continente — a maioria não volta; 40 mil africanos com PhD vivem no exterior. Ainda que imigrantes com nível superior sejam apenas 2,5% do total de africanos que moram no exterior, o êxodo de médicos, engenheiros e professores tem um impacto muito maior. [...]

Dois em cada cinco imigrantes de países como Benin, Tanzânia, Zimbábue, Camarões e Malaui têm diploma universitário. Metade da população de Uganda e Quênia com diploma superior vive fora de seu país.

Raul Juste Lores. Obtido em: <www.folha.uol.com.br>. Acessado em: 17/08/2009.

a) Ao ler o título da reportagem, qual conteúdo você imaginou que seria abordado no texto?

b) De acordo com o texto, como a concentração espacial da produção científica e tecnológica atinge os profissionais dos países subdesenvolvidos?

c) Em sua opinião, por que os portadores de diploma africanos preferem imigrar a trabalhar em seus países de origem? Seria importante para os países africanos que seus profissionais não migrassem? Explique.

5. Explique a relação entre o processo de fragmentação da produção das multinacionais e a atual DIT.

Interpretação de texto e linha do tempo

Analise os dados citados abaixo:

[...] Para chegar aos primeiros 50 milhões de usuários, o sistema de telefonia demorou 75 anos. O rádio alcançou esse mesmo número em pouco menos de 40 anos. O computador pessoal, em pouco mais de 15. A Internet, em menos de cinco. [...]

"Os fios que tecem a rede". In: *Educação*, ano 26, n. 226. São Paulo: Segmento, fevereiro/2000. p. 40.

a) Como foi possível que tecnologias como a Internet se disseminassem com tanta rapidez, se comparadas aos outros recursos citados?

b) Como é o acesso à Internet no local onde você vive e estuda? A maior parte das pessoas com as quais você convive utiliza essa ferramenta?

c) Em sua opinião, quais são os mais importantes serviços oferecidos pela rede mundial de computadores? Você utiliza alguns desses recursos? Quais?

d) Aponte as vantagens e desvantagens que a rede mundial de computadores pode trazer para nossa sociedade.

Agora, com base nas informações temporais do infográfico da página **93**, elabore uma linha do tempo para cada uma das inovações tecnológicas mencionadas no texto citado acima. Indique o tempo que cada invento levou, a partir de seu lançamento no mercado, para alcançar os primeiros 50 milhões de usuários.

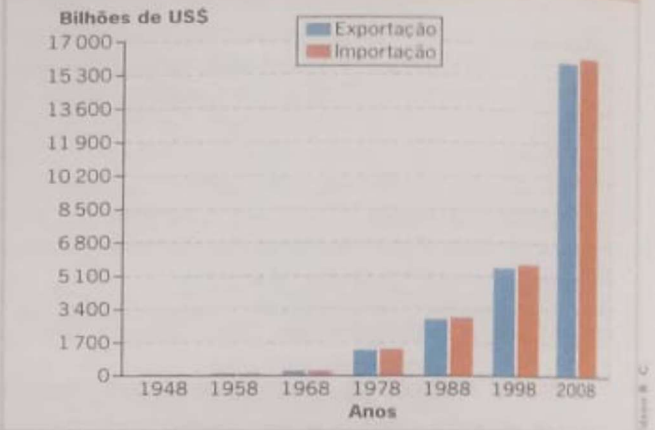
CAPÍTULO 6

A globalização e o crescimento do comércio mundial

Nas últimas cinco décadas houve um vertiginoso crescimento do comércio mundial (observe o gráfico a seguir). O aumento das transações comerciais entre países, isto é, das importações e exportações de bens e serviços, tem como principal causa a expansão das multinacionais pelo mundo e, consequentemente, a fragmentação e a terceirização do processo produtivo. Há um intenso fluxo comercial, provocado pelas trocas de matérias-primas e de componentes entre as unidades de produção dessas corporações e de empresas associadas, muitas vezes localizadas em diferentes países, e pela distribuição dos produtos finalizados, que são enviados simultaneamente para diversos mercados consumidores. Dessa forma, as grandes corporações são, hoje em dia, responsáveis por aproximadamente metade dos negócios realizados no mundo.

A comercialização maciça de bens e serviços realizada pelas multinacionais no mercado internacional elevou os lucros dessas empresas de maneira extraordinária. Atualmente, muitas corporações obtêm faturamentos anuais acima do Produto Interno Bruto (PIB) da maior parte das nações do planeta.

Crescimento do comércio mundial (1948-2008)



Edson B. C

World Trade Organization (WTO). Obtido em: <www.wto.org>. Acessado em: 10/08/2009.

Professor, analise com os alunos o gráfico acima, que evidencia o crescimento exponencial dos valores envolvendo as importações e as exportações entre as nações do mundo durante as últimas cinco décadas.

Observe, no gráfico abaixo, o PIB de algumas nações de destaque na atualidade e o faturamento das maiores empresas multinacionais do mundo.

Faturamento de multinacionais e PIB dos países



Edson B. C

Professor, analise com os alunos o gráfico ao lado. Converse com eles a respeito da relação entre o PIB dos países e o faturamento das multinacionais apresentadas no gráfico.

The World Bank. Obtido em: <www.worldbank.org>.
Fortune 500. Global 500. Obtido em: <http://money.cnn.com>. Acessados em: 10/08/2009.

A queda das barreiras alfandegárias e os grandes blocos econômicos

Além da expansão e da fragmentação do processo produtivo das multinacionais, outros fatores têm influenciado diretamente a intensificação do comércio mundial. Entre os aspectos mais relevantes, podemos citar a queda das barreiras fiscais em diversos países e a formação de alianças e de blocos econômicos regionais.

Os governos de várias nações vêm diminuindo a incidência e o valor das **tarifas alfandegárias** sobre mercadorias importadas e exportadas, com base sobretudo em acordos formalizados por meio da **Organização Mundial do Comércio (OMC)**. Nesses casos, as multinacionais são as empresas que mais se beneficiam, já que operam, em sua maioria, enviando e recebendo componentes e matérias-primas de suas unidades de produção. Além disso, em muitos países nos quais se instalam, as multinacionais têm recebido a isenção de impostos por determinado período (durante alguns anos e, em alguns casos, até mesmo décadas), o que faz aumentar ainda mais a margem de lucro dessas empresas.

Tarifa alfandegária: imposto cobrado na importação de um produto.

A queda de barreiras alfandegárias é um sintoma da disputa acirrada que vem ocorrendo nas últimas décadas entre diferentes países com o objetivo de ampliar a participação comercial no mercado mundial. Nesse período, com a formação de grandes blocos econômicos regionais, muitos países estabeleceram alianças internacionais e aprofundaram suas relações comerciais com outros Estados.

Esses blocos são agrupamentos de nações vizinhas ou de países com afinidades culturais, que se aliançam por causa de interesses comerciais comuns. Diante de uma economia globalizada e competitiva, a integração econômica de Estados independentes, na forma de blocos regionais, surge para tentar suprir a necessidade de obtenção de lucro e de acumulação de capital. Com esse intuito, um bloco econômico busca estimular o comércio intrarregional — entre os países que fazem parte do bloco — por meio de acordos ou tratados que visam a uniformizar as ações fiscais em relação à diminuição ou à isenção de impostos sobre mercadorias, capitais, mão de obra ou serviços comercializados entre os países-membros, além de fortalecê-los diante de países isolados ou de outros blocos econômicos.

Professor, converse com os alunos sobre o que eles sabem a respeito dos grandes blocos econômicos mundiais, citando o Mercosul e a União Europeia, como forma de sondar o conhecimento prévio deles a respeito do conteúdo a ser desenvolvido.

Os blocos econômicos regionais apresentam características distintas conforme o nível de integração regional em seu interior. Esse nível de integração é determinado pelos objetivos políticos e econômicos dos países-membros nas relações comerciais. Como consequência disso, cada tipo de bloco recebe uma designação que o identifica e o distingue dos outros. Os blocos econômicos regionais podem ser classificados como: área de livre-comércio, união aduaneira, mercado comum, e união econômica e monetária. Observe, a seguir, as características de cada tipo de bloco e analise o nível de integração regional entre os países-membros de cada um:

- **Área de livre-comércio** – nesse tipo de bloco, pretende-se apenas a gradativa liberação do fluxo de mercadorias entre os países-membros, o que deve ocorrer por meio da ausência de barreiras tarifárias e não tarifárias. Um processo como esse acontece, por exemplo, nas relações econômicas entre Estados Unidos, Canadá e México, que juntos constituem o Acordo Norte-americano de Livre-Comércio (Nafta). Outro exemplo desse tipo de bloco é a Área de Livre-Comércio das Américas (Alca), cuja proposta ainda está em andamento e, se estabelecida

Coleção História Sociedade & Cidadania

História Sociedade & Cidadania

Nova edição

Alfredo Boulos Júnior

HISTÓRIA



CÓDIGO 24906COL06

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO

FTD

MANUAL DO PROFESSOR

9.º ano

FTD

capítulo 18

Buscamos evidenciar as semelhanças nas roupas, nos cortes de cabelo e nos modos de se enfeitar de jovens de diferentes partes do mundo para pensar a globalização e seus múltiplos efeitos sobre os povos e os Estados nacionais; pode-se pensar também um tema dela derivado: a formação de um tipo de cultura global e massificada. As questões iniciais visam estimular os alunos a trazer para a sala de aula seu conhecimento sobre o assunto.

A nova ordem internacional

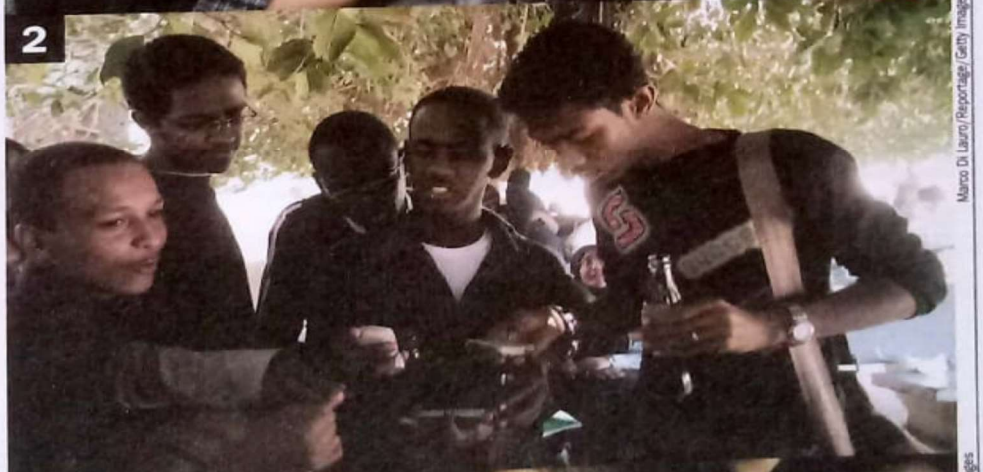
Você é capaz de adivinhar de que país ou região são os jovens dessas fotografias? Você já reparou que jovens do mundo inteiro, sejam eles da Ásia (1), da África (2) ou da América Latina (3), consomem os mesmos refrigerantes, ouvem as mesmas músicas e usam roupas, cortes de cabelo e *piercings* semelhantes? Efeitos da globalização? O que você sabe sobre a globalização? O que vem a sua mente quando você lê ou ouve essa palavra? Será que é um fenômeno recente ou antigo? Será um processo excludente, como dizem alguns, ou que levará à construção de um mundo melhor para todos?

1



Jochen Tack/Imagebroker/Otherimages

2



Marco Di Lauro/Reportage/Getty Images

3



Claudio Santana/AFP/Getty Images

A globalização pode ser definida como um processo histórico de crescente interligação econômica, social e cultural entre os diferentes povos e países. A partir dos anos de 1970, a globalização começou a se acelerar graças à descoberta de novas tecnologias da informação e à automação do processo produtivo.

Automação: sistema automático pelo qual os mecanismos controlam seu próprio funcionamento com pouca interferência humana.

Dialogando **Levante uma hipótese: o processo de globalização é recente ou antigo? Quando esse processo se iniciou?**

R. A globalização é um processo antigo, que se iniciou com as Grandes Navegações europeias dos séculos XV e XVI. Foram os navegadores europeus daqueles tempos que começaram a aproximar e interligar economicamente povos da Europa, África, Ásia, América e Oceania, dando início a esse processo.



Epa/Corbis/Latinstock

A primeira cirurgia transoceânica foi feita em 19 de setembro de 2001. De Nova York, nos Estados Unidos, um médico transmitiu informações para um robô que estava em Paris, na França, e este retirou a vesícula de um paciente. A cirurgia só foi possível graças às novas tecnologias da informação e à robotização.

Globalização: características

Como principais características da globalização, podemos citar:

a) **Internacionalização da produção**: a criação dos produtos e sua execução se separam. A criação e o desenvolvimento de produtos são mantidos em geral no país de origem. Já a produção e a distribuição são transferidas para o exterior. As coleções da Nike, por exemplo, são criadas nos Estados Unidos; já a produção em série ocorre no Sudeste Asiático. As empresas multinacionais ou transnacionais produzem geralmente em lugares onde a mão de obra é barata, os impostos são baixos, e as legislações trabalhista e ambiental não são rigorosas.

Multinacionais: grandes empresas que possuem matriz em um país, mas atuam em diversos países em busca de mercado consumidor, energia, matéria-prima e mão de obra barata. Atualmente é comum as multinacionais ou transnacionais produzirem cada parte de um produto em um país, a fim de reduzir custos.

b) **Aumento crescente da circulação de capitais**: imensa quantia de dinheiro circula pelo mundo, em busca de lucro rápido. O dinheiro investido em aplicações financeiras é chamado de capital especulativo. Uma parte menor do dinheiro em circulação é usada para financiar

a indústria e o comércio. Esse dinheiro é chamado de capital produtivo. Os analistas internacionais calculam que para cada dólar investido na produção existam cerca de 30 dólares circulando na economia financeira (especulação).



As principais bolsas de valores, como as de Nova York (na foto ao lado), Londres, Frankfurt, Tóquio e Paris, utilizam o pregão eletrônico: o computador substituiu o operador. As negociações são feitas *online*, como se pode ver na imagem ao lado.

Organização Mundial do Comércio: surgida em 1994, regula e fiscaliza o comércio internacional visando impedir abusos de poder nas relações comerciais entre países ou blocos.

c) **Aumento extraordinário do comércio mundial**, o que tem gerado uma integração cada vez maior dos mercados. Essa explosão do comércio mundial foi estimulada pela abertura dos mercados da China continental e do Leste Europeu; por organizações internacionais, como a Organização Mundial do Comércio (OMC); e pela adoção do neoliberalismo por governos de boa parte dos países do mundo.

PARA SABER MAIS

O NEOLIBERALISMO

O neoliberalismo é uma doutrina que defende a **não** intervenção do Estado na economia. Para os neoliberais, o Estado deve permitir a livre concorrência; vender as empresas estatais a particulares (privatização); diminuir os gastos com seguro-desemprego, aposentadoria, auxílio-doença e outros direitos trabalhistas; abrir o mercado nacional aos capitais e produtos estrangeiros, facilitando sua entrada no país.

Segundo os defensores do neoliberalismo, a abertura do mercado à concorrência internacional obrigaria os fabricantes nacionais a melhorar a qualidade e aumentar a variedade de seus produtos, assim como diminuir seus preços, para competir no mercado globalizado. E quem sairia ganhando com isso seria o consumidor, que teria mercadorias mais variadas, melhores e mais baratas.

Há, porém, quem critique essa abertura do mercado nacional aos produtos estrangeiros e afirme que isso só favoreceu as grandes corporações multinacionais ou transnacionais e os países ricos. O Brasil aderiu efetivamente ao neoliberalismo a partir do governo Collor (1990-1992), quando ocorreu uma política de portas abertas às importações e iniciou-se um processo de privatização de empresas estatais. Entretanto, é grande o número de críticos do neoliberalismo no Brasil.

Circulação de informações



Photodisc/Getty Images



Photodisc/Getty Images



Photodisc/Getty Images



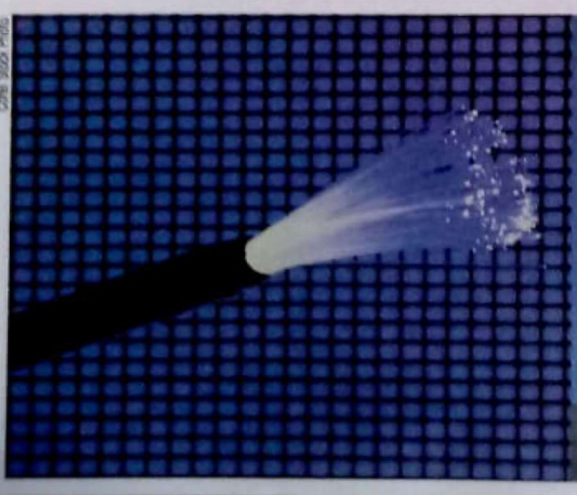
Peter Michaels/Photodisc/Getty Images



Photodisc/Getty Images



Photodisc/Getty Images

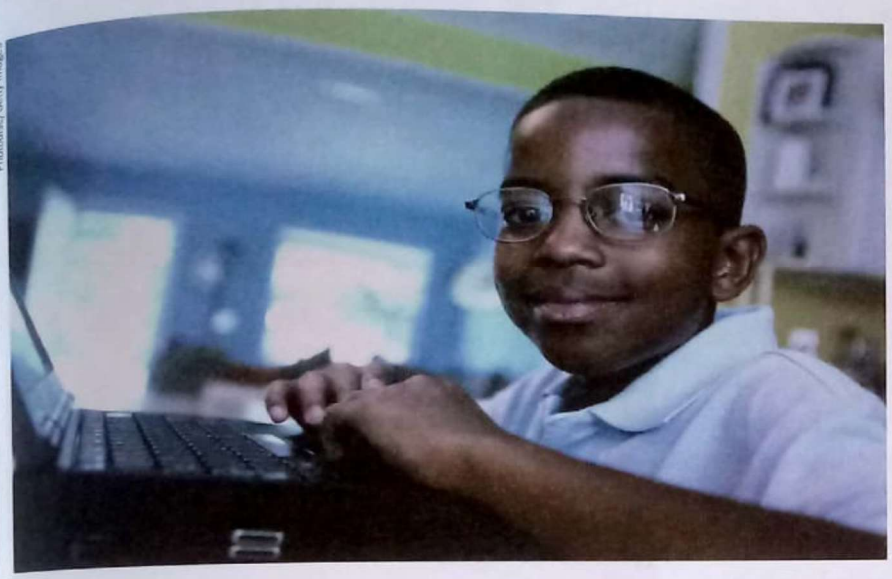


Corel Stock Photo



Photodisc/Getty Images

A globalização da economia caminhou lado a lado com a revolução da informação: informações transmitidas em tempo real (instantaneamente) passaram a interligar empresas e cidadãos do mundo inteiro. Tudo isso graças à transmissão em rede, sendo a maior delas a internet (*net* quer dizer "rede" em inglês).



Photodisc/Getty Images

A internet é uma rede de informação que une a tecnologia dos computadores com a de telecomunicações. Ela ultrapassa fronteiras e não tem dono. Por meio dela, podemos ler na tela do computador jornais e revistas do mundo inteiro; comprar produtos; enviar um currículo para empresas do mundo todo; conhecer o acervo de bibliotecas e museus de vários países; pesquisar sobre os mais diversos assuntos sem sair de casa etc.

A revolução da informação – especialmente o advento da internet – favoreceu a realização de negócios financeiros ao redor do mundo 24 horas ao dia, a expansão do consumo globalizado e, no aspecto cultural, a formação de uma cultura global. Essa cultura pode ser observada no comportamento de jovens, de várias partes do mundo, que usam o mesmo corte de cabelo, estilo de roupa, acessórios, e se interessam pelos mesmos programas de TV, alimentos e músicas.

Dialogando **No Brasil globalizado tem havido integração entre culturas ou a valorização da cultura e da língua dos Estados Unidos?** R. Espera-se que os alunos apontem a segunda alternativa. Observar que a internet tem ajudado também a difundir a língua inglesa no mundo.

Globalização: vantagens e desvantagens

A globalização trouxe algumas vantagens como:

a) disponibilidade de grande variedade de produtos de qualidade a preços relativamente mais baixos;

b) rapidez na circulação de informações e eficiência em sua obtenção;

c) livre circulação de mercadorias, capitais, serviços e pessoas entre os países de um mesmo bloco econômico.

Ao mesmo tempo, a globalização trouxe uma grande desvantagem: o **crescimento do desemprego**. A automação da produção industrial vem eliminando muitos postos de trabalho, direta ou indiretamente. Diretamente, as empresas vêm substituindo homens e mulheres por máquinas inteligentes e robôs. Indiretamente, as indústrias dos países pobres ou

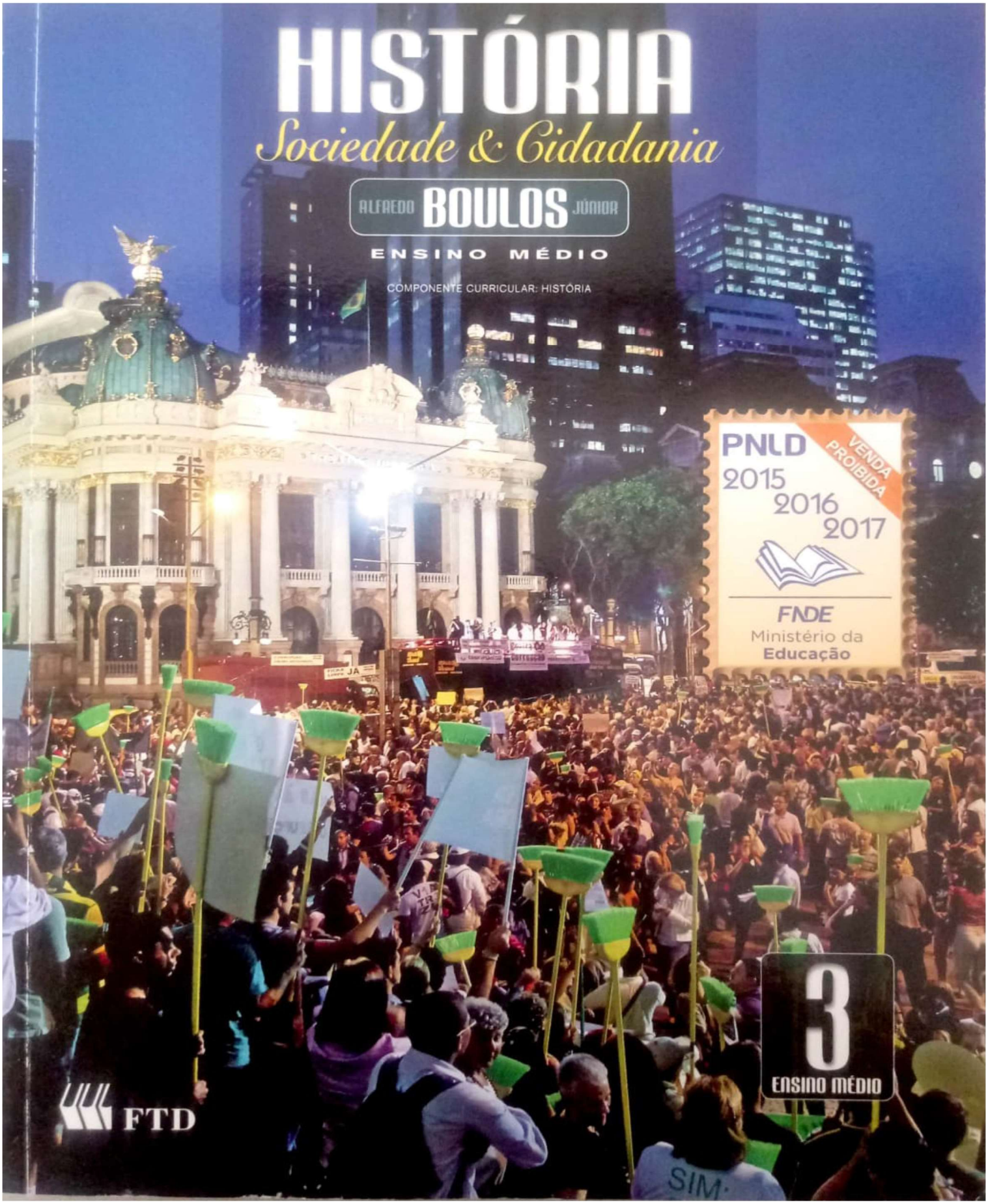
em desenvolvimento têm perdido a concorrência para países desenvolvidos e acabam falindo. Esse desemprego resultante da revolução técnico-científica é chamado de **desemprego estrutural**, porque os trabalhadores perdem o emprego por longos períodos, não só em época de crise na economia. No Brasil, os setores eletrodoméstico, automobilístico e bancário estão entre os que mais extinguiram postos de trabalho nas últimas décadas.

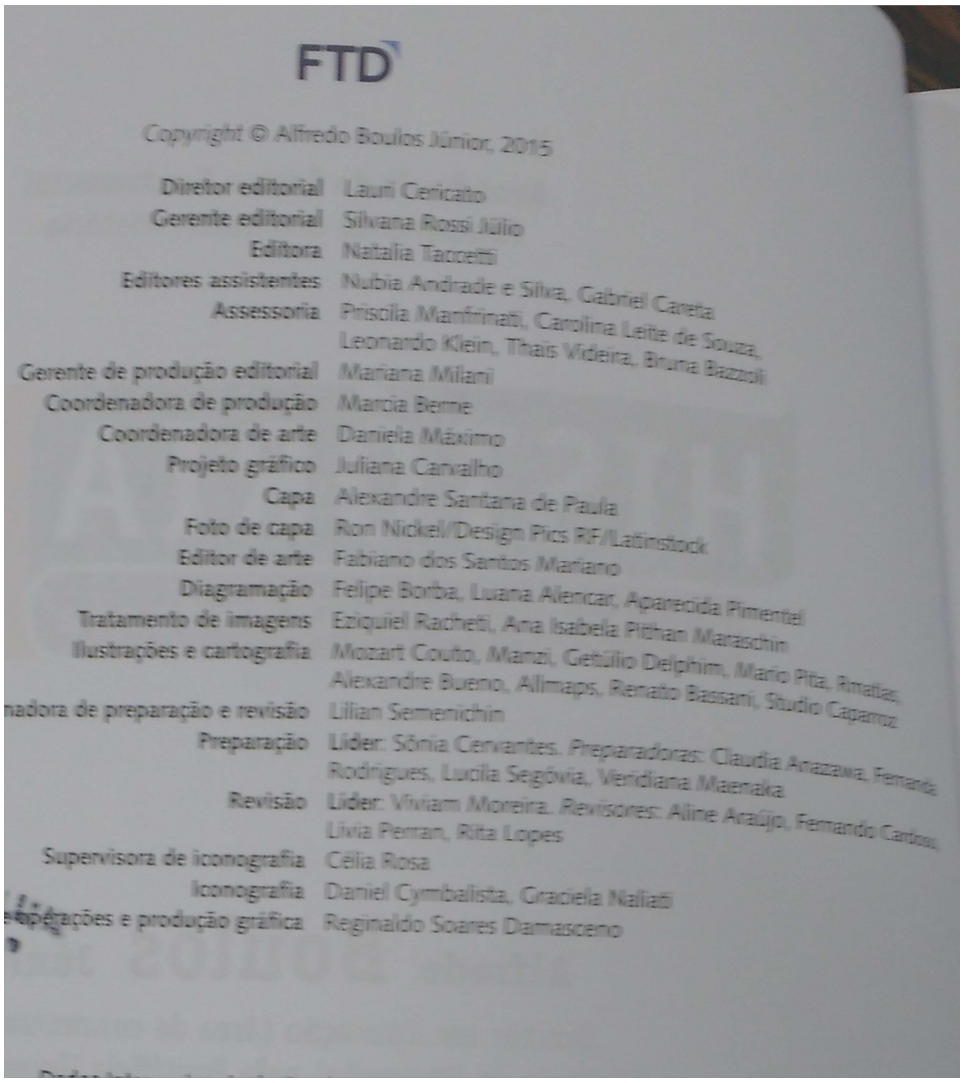
Considerando a população brasileira como um todo, os jovens têm sido os mais fortemente atingidos pelo desemprego. Segundo pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), publicada em 2008, o desemprego entre jovens de 15 a 24 anos é 3,5 vezes maior do que entre os trabalhadores com mais de 24 anos (adultos). No Brasil, em 2008, 46,6% dos desempregados eram jovens; em outros países pesquisados, essa porcentagem era menor: México (40,4%), Argentina (39,6%), Reino Unido (38,6%) e Estados Unidos (33,2%).

Paralelamente a isso novos empregos vêm surgindo em áreas como informática, tecnologias da informação, lazer, turismo, finanças e *marketing*. Mas a maioria deles exige maior grau de instrução e qualificação, tornando-se inacessíveis a grande parte da população mundial.



Imagem 1, adolescentes usando um computador com *webcam*. Imagem 2, empresários em uma videoconferência. Muitas empresas automobilísticas em todo o mundo, inclusive no Brasil, usam robôs em sua linha de pintura, como se vê na imagem 3. Milhões de bancários perderam o emprego após o advento dos caixas eletrônicos, que, como se sabe, recebem contas, fornecem cheques e realizam várias outras funções, antes desempenhadas por pessoas. Observe a imagem 4.


HISTÓRIA
Sociedade & Cidadania
ALFREDO BOULOS JÚNIOR
ENSINO MÉDIO
COMPONENTE CURRICULAR: HISTÓRIA
PNLD
2015
2016
2017
VENDA PROIBIDA
FNDE
Ministério da
Educação
3
ENSINO MÉDIO
FTD



FTD

Copyright © Alfredo Boulos Júnior, 2015

Diretor editorial	Lauri Cericato
Gerente editorial	Silvana Rossi Júlio
Editora	Natalia Taccetti
Editores assistentes	Nubia Andrade e Silva, Gabriel Careta
Assessoria	Priscila Mamfrinati, Carolina Leite de Souza, Leonardo Klein, Thais Videira, Bruna Bazzoli
Gerente de produção editorial	Mariana Milani
Coordenadora de produção	Marcia Berne
Coordenadora de arte	Daniela Máximo
Projeto gráfico	Juliana Carvalho
Capa	Alexandre Santana de Paula
Foto de capa	Ron Nickel/Design Pics RF/Latinstock
Editor de arte	Fabiano dos Santos Mariano
Diagramação	Felipe Borba, Luana Alencar, Aparecida Pimentel
Tratamento de imagens	Eziquiel Racheti, Ana Isabela Pithan Maraschin
Ilustrações e cartografia	Mozart Couto, Manzi, Getúlio Delphim, Mario Pita, Rinaldi, Alexandre Bueno, Allmaps, Renato Bassani, Studio Caparroz
nadora de preparação e revisão	Lilian Semenichin
Preparação	Líder: Sônia Cervantes. *Preparadoras:* Claudia Anazawa, Fernanda Rodrigues, Lucila Segóvia, Veridiana Maenaka
Revisão	Líder: Viviam Moreira. *Revisores:* Aline Araújo, Fernando Cardoso, Livia Perran, Rita Lopes
Supervisora de iconografia	Célia Rosa
Iconografia	Daniel Cymbalista, Graciela Naliati
erações e produção gráfica	Reginaldo Soares Damasceno

Biotecnologia
Estudo e desenvolvimento de organismos geneticamente modificados e seu uso para fins produtivos.

Revolução Técnico-Científico-Informacional
Conceito formulado pelo geógrafo e professor Milton Santos em seu livro **A natureza do espaço**, publicado pela Edusp em 2004.

O processo de globalização

A **globalização** pode ser definida como um processo histórico de crescente interligação econômica, social e cultural entre os diferentes povos e países. Esse processo é antigo e teve início com as Grandes Navegações europeias dos séculos XV e XVI, que colocaram frente a frente povos da Europa, África, Ásia, América e Oceania, impulsionando a constituição da economia-mundo.

No século XVIII, o processo de mundialização da economia intensificou-se graças à **Primeira Revolução Industrial**, marcada pelo advento da fábrica e das máquinas industriais. Na segunda metade do século XIX, verificou-se outra aceleração desse mesmo processo, com a aplicação de novas descobertas técnico-científicas à indústria, aos transportes e às comunicações: era a segunda fase da Revolução Industrial, também chamada de **Segunda Revolução Industrial**.

Se nos séculos XVIII e XIX as mudanças tecnológicas se concentraram em determinadas décadas, no século XX elas foram contínuas, aceleradas e repercutiram em praticamente todos os campos da vida social e em diferentes regiões do planeta. O ritmo dessas mudanças foi mais intenso após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). A partir dos anos de 1970, os investimentos em ciência e tecnologia e as demandas do próprio capitalismo levaram à automação e à robotização dos processos produtivos, além de descobertas em biotecnologia, química fina e microeletrônica (que se aplicam na computação, nas telecomunicações e na robótica). Esse conjunto de mudanças ocorridas a partir dos anos de 1970, é chamado de Revolução Técnico-Científico-Informacional ou **Terceira Revolução Industrial**. A humanidade entrava, assim, na Era da Globalização propriamente dita.

Foto de 2012 mostrando uma "cibercirurgia" realizada no Hospital Universitário de Estrasburgo, na França, com tecnologia de ponta. Sua característica mais importante é ser pouco invasiva. Esse procedimento é um exemplo do avanço técnico-científico alcançado no século XX.



Frederic Maigros/Ircad/AFP/Otherimages

Características da globalização

Como principais características da globalização, podemos citar:

- **Internacionalização da produção.** Ocorre a separação entre a criação de um produto e sua produção. A empresa Nike foi uma das primeiras a internacionalizar a produção. Suas coleções de tênis são concebidas na sede da empresa, no Oregon (EUA). A seguir, os novos modelos são transmitidos via internet para Taiwan, no sudeste asiático, onde são produzidos em larga escala. Recentemente, a holandesa Philips adotou modelo semelhante, terceirizando a produção de TVs e concentrando-se no fornecimento de tecnologia e na estratégia de comercialização do produto. As empresas multinacionais ou transnacionais produzem geralmente em lugares em que a mão de obra é barata, os impostos são baixos e a legislação trabalhista e a ambiental são fracas ou inexistentes.



Os fluxos de capitais são contínuos. Em questão de segundos, com alguns toques no teclado, volumes fabulosos de capitais são transferidos de um lugar do mundo para outro. Adequando-se aos fusos horários de cada país, os capitais circulam sem parar durante as 24 horas. A foto, de 2009, mostra o interior da Bolsa de Valores de Frankfurt, na Alemanha.

- **Aumento crescente da circulação de capitais**. Medidas econômicas adotadas pelos Estados Unidos e demais países ricos, a partir dos anos de 1970, liberaram capitais que geraram novas oportunidades de investimento no exterior. Assim, uma imensa quantidade de dinheiro passou a circular pelo mundo na forma de empréstimos e/ou de investimentos, fosse no mercado de ações, fosse em unidades produtivas.

Essa intensa circulação de capitais se valeu do uso crescente de redes de computadores, comunicações por satélite e mecanismos eletrônicos de transferência de dados e informações em alta velocidade. Segundo analistas, o volume de dinheiro que circula pelo mundo ultrapassa 1 trilhão de dólares por dia. Cerca de 90% dessa quantia é capital **especulativo**, ou seja, é investido em aplicações financeiras, e apenas 10% é capital **produtivo**, isto é, usado na produção, no comércio e nos serviços.

- **Informações transmitidas em tempo real**. A globalização da economia foi acompanhada por uma revolução no campo da informação. Informações transmitidas em tempo real (instantaneamente) passaram a interligar empresas e cidadãos do mundo inteiro, graças à transmissão em rede, sendo a maior delas a internet (*net* em português quer dizer "rede").

No aspecto cultural, a internet estimulou a formação de uma integração que pode ser observada no comportamento, nos cortes de cabelo, nos estilos de roupa, nos enfeites corporais dos jovens em diferentes partes do mundo.





Peter Titmuss/Alamy/Glow Images

A internet é uma rede de informações que une a tecnologia dos computadores com a de telecomunicações. Ela ultrapassa fronteiras e não tem dono. Por meio dela, podemos fazer compras, ter diversão, enviar mensagens, visitar bibliotecas e museus e fazer pesquisa escolar. Tudo isso sem sair de casa. As fotos mostram usuários de diferentes idades e origens.

DIALOGANDO...

- A internet tem contribuído para criar uma cultura global ou tem sido um centro difusor da cultura e da língua anglo-americana?



China Photos/Getty Images

Jovem chinês.



Eduardo Knapp/Folhapress

Jovem brasileiro.

- **Aumento extraordinário do comércio mundial (fluxo de mercadorias).** Na era da globalização, o comércio mundial cresceu bem mais do que a produção de riquezas em todo o mundo. Entre 1970 e 1995, por exemplo, o PIB mundial cresceu a uma taxa média de 3,6% ao ano. Já o comércio mundial teve crescimento de 5,8%. Essa explosão do comércio deveu-se, sobretudo, à abertura dos mercados da China continental e do Leste europeu, às organizações internacionais (como a OMC) e à adoção de políticas neoliberais em boa parte dos países capitalistas.

Organização Mundial do Comércio (OMC)
Surgida em 1994, regula e fiscaliza o comércio internacional visando impedir abusos de poder nas relações comerciais entre países ou blocos.

PARA SABER MAIS

O neoliberalismo

O neoliberalismo é uma doutrina que defende a não intervenção do Estado na economia. Para os neoliberais, é dever do Estado: permitir a livre concorrência; vender as empresas sob o seu controle a particulares (privatização); diminuir os gastos com seguro-desemprego, aposentadoria, auxílio-doença e outros direitos trabalhistas; abrir o mercado nacional aos capitais e produtos estrangeiros, facilitando sua entrada no país.



Jean-Louis Atlan/Sygma/Corbis/Latinstock

O neoliberalismo está associado aos nomes de importantes lideranças do mundo capitalista, entre os quais Margaret Thatcher, primeira-ministra do Reino Unido, entre 1979 e 1990, e Ronald Reagan, presidente dos Estados Unidos, de 1981 a 1989. Eles praticaram e defenderam políticas neoliberais nos seus respectivos países.

Segundo os defensores do neoliberalismo, a abertura do mercado à concorrência internacional obrigaria os fabricantes nacionais a melhorar a qualidade e a aumentar a variedade de seus produtos, além de terem de diminuir seus preços, para poderem competir no mercado globalizado. E quem sairia ganhando com isso seria o consumidor, que teria mercadorias mais variadas, melhores e mais baratas. Já os críticos do neoliberalismo argumentam que a abertura do mercado nacional aos capitais e produtos estrangeiros derruba a indústria nacional, provoca desemprego e favorece as multinacionais.

O neoliberalismo irradiou-se pelo mundo. No Brasil foi posto em prática a partir do governo Collor (1990-1992), quando ocorreu uma política de portas abertas às importações e iniciou-se um processo de privatização de empresas estatais.

Dica: vídeo sobre o neoliberalismo, seus princípios e práticas. [Duração: 7 minutos]. Acesse: <http://ler.vc/nbhz7q>.

Patrícia Ramos Braick

ESTUDAR HISTÓRIA

Das origens do homem à era digital

9º ano

MANUAL DO PROFESSOR



Código da coleção
27366COL06
Material de divulgação da Editora Moderna

Componente curricular: **HISTÓRIA**

Moderna

Saiba mais

A internet

A internet popularizou-se na década de 1990 com o lançamento do sistema www (sigla em inglês para a expressão "rede de abrangência mundial"). Os bilhões de usuários que acessam a rede diariamente obtêm e divulgam informações, trocam experiências e mensagens, compartilham opiniões, desenvolvem *hobbies* etc. O acesso à rede, porém, não significa que as pessoas estejam de fato "conectadas" socialmente. É preciso ficar atento para que as relações virtuais não substituam as experiências do mundo real. Além disso, a internet é um espaço que também pode ser utilizado para a prática de crime e de manipulação, como roubo de dados bancários e disseminação de pornografia infantil. A internet tornou-se um dos principais símbolos do mundo globalizado, uma ferramenta que a cada dia nos apresenta novas possibilidades de uso.

A globalização

O termo **globalização** tem sido um dos mais utilizados pela mídia em geral nas duas últimas décadas. Pode-se definir globalização como um processo bastante amplo, que se caracteriza pelo intenso intercâmbio mundial de mercadorias, capitais, pessoas e serviços.

Antes de 1991, esse termo era muito pouco utilizado. Ele passou a ser frequentemente empregado por pesquisadores, jornalistas e pessoas em geral após o fim da União Soviética, quando as principais barreiras para a expansão do capitalismo pareciam ter sido eliminadas.

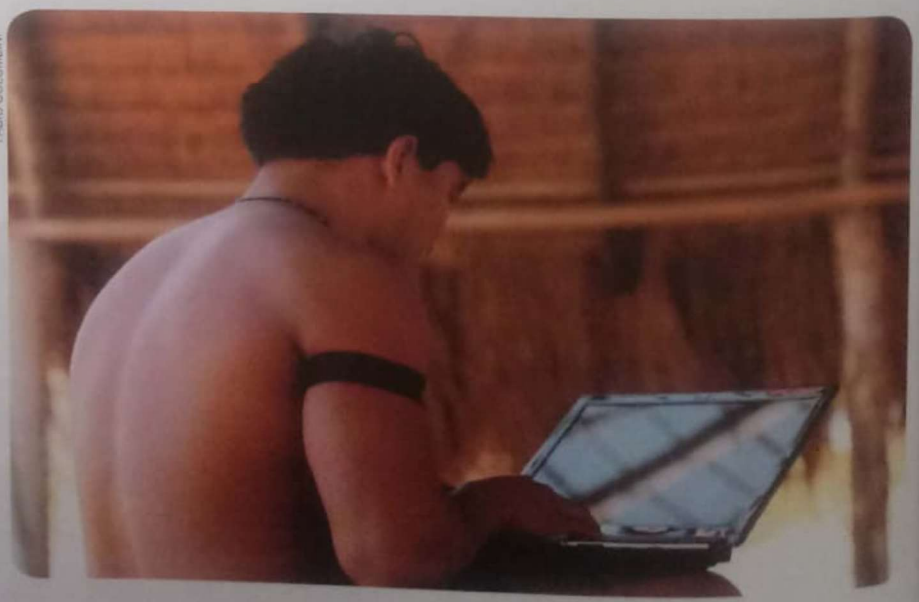
Embora o termo globalização seja relativamente novo, muitos especialistas consideram que o fenômeno teria se iniciado com as grandes navegações dos séculos XV e XVI. A diferença entre as "globalizações do passado" e a globalização dos dias atuais é que em nenhuma outra época se produziu um volume tão grande de riquezas e houve uma integração econômica tão intensa entre os países quanto nas duas últimas décadas.

A globalização foi impulsionada pela chamada **Terceira Revolução Industrial**, iniciada na década de 1970, que se caracterizou pelo desenvolvimento de tecnologias que modificaram profundamente os métodos e as relações de trabalho, as comunicações, os transportes e toda a vida social.

A biotecnologia, a robótica e a informática foram os motores dessa revolução tecnológica, que resultou no aumento extraordinário da produtividade, na extinção de empregos tradicionais e no barateamento de milhares de produtos.

A integração econômica mundial e o interesse dos Estados nacionais em ampliar sua participação no comércio globalizado explicam a expansão dos blocos econômicos regionais, como o Mercosul (1991) e o Nafta (1994). Além de ampliar o comércio entre os países-membros, a formação desses blocos visava buscar soluções comuns para os problemas econômicos de seus associados.

O Mercosul era composto originalmente por Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. Mais tarde, Chile e Bolívia tornaram-se associados, firmando acordos com o bloco. A Venezuela solicitou adesão ao bloco, mas para que a entrada seja aceita, é necessária a aprovação dos parlamentos dos quatro países-membros. Argentina, Brasil e Uruguai já aprovaram a entrada da Venezuela; mas, até o início de 2012, o parlamento paraguaio ainda não havia votado o tema. O Nafta, por sua vez, é formado por Estados Unidos, Canadá e México. Em 1994, os Estados Unidos chegaram a propor a formação da Alca (Área de Livre-Comércio das Américas), com o objetivo de criar o livre-comércio entre os países da América, exceto Cuba.



FÁBIO COLOMBINI

Indígena do povo Kalapalo, do Parque Nacional do Xingu, utilizando um *notebook*. Foto de 2011.

A União Europeia

A **União Europeia**, um dos principais blocos econômicos da atualidade, tem sua origem no **Mercado Comum Europeu**, criado em 1957 por meio do **Tratado de Roma**. Inicialmente, apenas seis países faziam parte do bloco. Em 1992, o **Tratado de Maastricht** substituiu o de Roma e o antigo Mercado Comum Europeu passou a se chamar **União Europeia** (UE).

Entre as mudanças propostas pelo novo tratado estava a criação de uma União Econômica Monetária cujo ponto central era a criação de uma moeda comum para os Estados-membros, o euro, que começou a circular em 2002. Em 2011, apenas 16 dos 27 integrantes da UE adotavam o euro.



WILFRIED WIRTH/LAMY/OTHER IMAGES

Edifícios do Parlamento europeu, em Estrasburgo, na França, abril de 2011. O Parlamento europeu representa os cidadãos da UE e tem a tarefa de debater e aprovar leis e orçamentos e de fiscalizar as instituições do bloco.

Na parte ocidental da Europa, somente a Suíça, a Islândia e a Noruega não fazem parte do bloco. Em 2004 foram incorporados República Tcheca, Eslováquia, Eslovênia, Estônia, Hungria, Letônia, Lituânia e Polônia, países que pertenciam ao antigo grupo dos Estados socialistas na Europa. Chipre e Malta também aderiram ao bloco no mesmo ano. A Bulgária e a Romênia entraram no grupo em 2007, e há expectativas de que o bloco se amplie com a incorporação de Bielorrússia, Moldávia e Ucrânia.

Nos Bálcãs, a sensação é de frustração. Com exceção da Eslovênia, nenhuma das repúblicas da antiga Iugoslávia integra o bloco, mesma situação da Albânia, um dos países mais pobres da Europa.

Saiba mais

A Turquia e a União Europeia

Em 2004, a Turquia apresentou formalmente sua intenção de ingressar na UE. Para as elites do país, a adesão significava o acesso sem restrições ao mercado europeu, aos fundos de apoio para os países menos desenvolvidos do bloco e a uma moeda forte. Mas, sobretudo, representava a definição de uma identidade europeia para a Turquia, algo muito valorizado entre os empresários e a classe média urbana do país.

Nas últimas décadas, os países da UE produziram argumentos de todos os tipos para não abrir negociações com a Turquia. Alegam que o país não é geograficamente europeu, pois apenas 3% de seu território está situado na Europa, nem tem raízes culturais europeias, em virtude de suas antigas tradições muçulmanas.

Provavelmente os países da UE temam a incorporação dos quase 80 milhões de turcos, pois sabem que, empurrada por seu crescimento demográfico, a Turquia seria em pouco tempo o país mais populoso do bloco e teria direito a mais votos que a Alemanha, por exemplo, nas instituições europeias.



GAVIN HELLIER/JAI/CORBIS/LATINSTOCK

Vista de Istambul, a maior cidade da Turquia, maio de 2008.

Em 2011, menos da metade da opinião pública turca aprovava a entrada do país no bloco. A crise econômica europeia, o crescente aumento da xenofobia nos países da Europa ocidental e a aproximação da Turquia com os países árabes têm desestimulado os turcos a lutarem por seu ingresso na União Europeia.



Usina de energia a carvão próxima ao Rio Yang-tsé, em Tongling, na China, setembro de 2009.

Os Brics entram em cena

Em 1991, quando a União Soviética deixou de existir, economistas, especialistas em relações internacionais e outros estudiosos divergiam ao tentar caracterizar a nova ordem mundial que estava nascendo. Os Estados Unidos seriam a potência hegemônica ou surgiriam vários blocos de poder?

Passados vinte anos, novas forças emergiram no cenário econômico internacional, dificultando a elaboração de um prognóstico mais assertivo. Em 2001, por exemplo, o economista Jim O'Neill identificou um grupo heterogêneo de quatro economias emergentes: Brasil, Rússia, Índia e China. Utilizava-se, assim, pela primeira vez, a sigla **Bric** (iniciais de cada país envolvido). Porém, somente em 2006 o conceito formulado por O'Neill deu origem a um grupo propriamente dito. Em 2010, os integrantes do grupo decidiram agregar um novo país, a África do Sul, incluindo um "s" (de South Africa, em inglês) à sigla original. Os Brics não constituem um bloco formal. Os países do grupo apenas trabalham conjuntamente para apresentar reivindicações de interesse comum relativas a diversos temas.

Na última década, os Brics têm apresentado taxas de crescimento superiores às dos países desenvolvidos, o que lhes garante um poder maior na formulação de políticas globais. Segundo as previsões originais de O'Neill, o PIB combinado desse grupo de países poderia ultrapassar, em 2040, o do G-8 (Grupo dos 8), composto por Estados Unidos, Japão, Alemanha, Grã-Bretanha, França, Itália, Canadá e Rússia.

Porém, tudo indica que essas previsões serão ultrapassadas. Desde 2009, a China já detém o segundo maior PIB do mundo. Atualmente, os Brics representam quase 20% do PIB mundial, têm participação crescente no comércio internacional e abrigam cerca de dois quintos da população do planeta.

Vista da Praia de Copacabana e, ao fundo, favela Pavão-Pavãozinho, no Rio de Janeiro, fevereiro de 2010. Apesar do crescimento econômico, os Brics ainda apresentam altos níveis de desigualdade social, como podemos observar nesta foto.



Crises da economia globalizada

Todo processo inovador, como tem sido o caso da globalização, traz desafios e oportunidades, mas também pode gerar crises profundas. Foi assim no México, em 1994, nos novos países industrializados da Ásia oriental (1997), na Rússia (1998), no Brasil (1999), na Argentina (2001) e novamente no Brasil, no ano seguinte.

Os governos desses países, sem condições de honrar suas dívidas, assinaram novos acordos com o **Fundo Monetário Internacional** (FMI) para a liberação de empréstimos emergenciais necessários para financiar a recuperação econômica. Em contrapartida, o FMI exigiu a adoção de políticas muito duras de austeridade fiscal e de combate à inflação.

A partir de 2008, uma nova crise do capitalismo estourou, atingindo, dessa vez, as economias mais desenvolvidas. Tendo como epicentro os Estados Unidos, a crise financeira se alastrou, atingindo o Japão e vários países da União Europeia pertencentes à zona do euro, principalmente Grécia, Portugal, Irlanda, Espanha e Itália. Essa crise revelou a existência de bolsões de pobreza nos países desenvolvidos.

A dinâmica da globalização recente também gerou fortes impactos sociais. De 1990 para 2008, a riqueza movimentada pelo comércio mundial saltou de 4 trilhões de dólares para quase 13 trilhões de dólares. No entanto, mais da metade dessa riqueza ficou concentrada no grupo dos países desenvolvidos. Esse dado demonstra que o processo de globalização econômica, especialmente na década de 1990, promoveu o aumento das disparidades sociais no mundo. Essas disparidades se verificaram tanto no distanciamento entre países ricos e pobres como no interior dos países ricos.

Todavia, a partir dos primeiros anos do século XXI, embora as disparidades permanecessem, o número de miseráveis do mundo – pessoas que vivem com menos de US$ 1,25 por dia – diminuiu. No Brasil, a população vivendo em extrema pobreza caiu de 36,2 milhões, em 1990, para 8,9 milhões, em 2008.



ENRIQUE MARCARIAN/REUTERS/LATINSTOCK

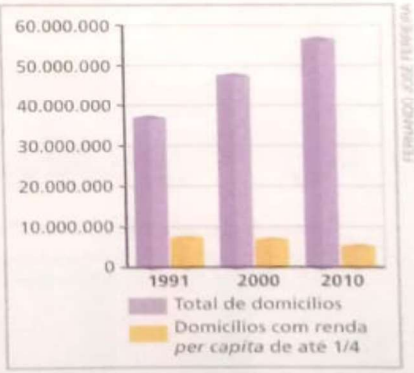
Manifestação na Avenida de Mayo, no centro de Buenos Aires, Argentina, durante a crise econômica de 2001. Os manifestantes criticavam as medidas econômicas do governo, que incluíam cortes no salário dos funcionários públicos e nas pensões.



FILIPPO MONTEFORTE/AFP/GETTY IMAGES

Cartaz em que a Terra é representada como uma maçã mordida, em manifestação contra o então presidente dos Estados Unidos George W. Bush, promovida por movimentos pacifistas e de antiglobalização. Roma, Itália, junho de 2007. Você consegue identificar a crítica presente nesse cartaz?

DOMICÍLIOS BRASILEIROS COM RENDA *PER CAPITA* DE ATÉ 1/4 DO SALÁRIO MÍNIMO



FERNANDO JOSÉ FERREIRA

Fonte: Censos demográficos do IBGE (1991, 2000 e 2010). Disponível em www.ibge.gov.br. Acesso em 19 jan. 2012.

AMPLIE SEU CONHECIMENTO

O comércio globalizado

Conteúdo digital
O comércio globalizado
Compreender a expansão do comércio internacional com o fim da Guerra Fria e a crescente importância do grupo dos Brics.

Questão

- Redija um texto relacionando um produto representado no quadro a cada um dos três grupos de países listados no gráfico. Justifique a escolha.

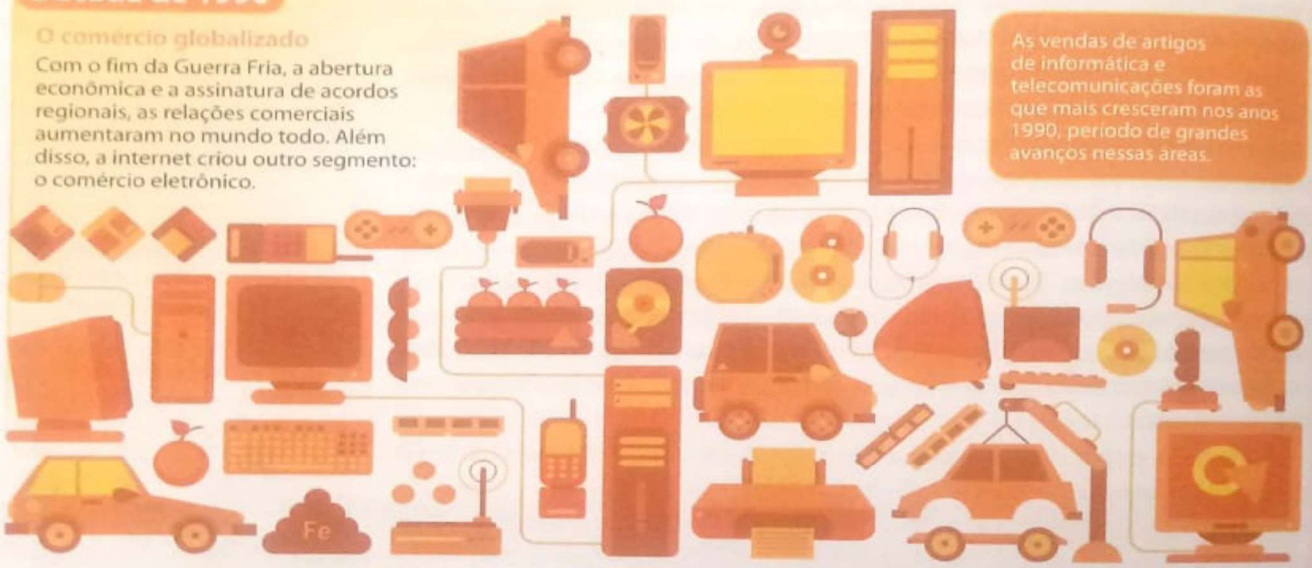
Desde 2000, o comércio internacional mudou bastante. Os países desenvolvidos ainda acumulam a maior parte do que se compra e se vende no mundo, mas outros países têm aumentado sua participação. Veja a seguir.

Década de 1990

O comércio globalizado

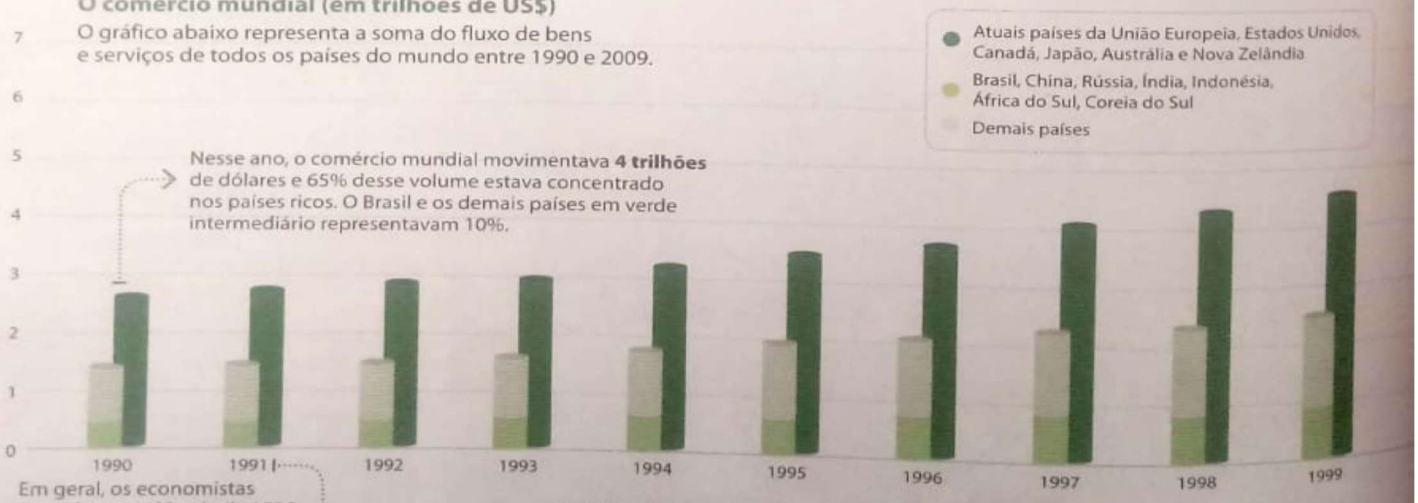
Com o fim da Guerra Fria, a abertura econômica e a assinatura de acordos regionais, as relações comerciais aumentaram no mundo todo. Além disso, a internet criou outro segmento: o comércio eletrônico.

As vendas de artigos de informática e telecomunicações foram as que mais cresceram nos anos 1990, período de grandes avanços nessas áreas.



O comércio mundial (em trilhões de US$)

O gráfico abaixo representa a soma do fluxo de bens e serviços de todos os países do mundo entre 1990 e 2009.



Nesse ano, o comércio mundial movimentava **4 trilhões** de dólares e 65% desse volume estava concentrado nos países ricos. O Brasil e os demais países em verde intermediário representavam 10%.

Em geral, os economistas consideram a década de 1980 uma "década perdida" por causa da estagnação do comércio internacional e da crise da dívida externa.

A partir da criação do Mercosul, em 1991, o comércio entre a Europa e a América do Sul cresceu continuamente.

As transações da década de 1990 foram padronizadas, tomando como referência o valor do dólar em 2000. Os valores do gráfico não representam as moedas originais em que essas transações ocorreram.



Os países da União Europeia, maior bloco econômico do mundo, bem como Estados Unidos, Canadá, Japão, Austrália e Nova Zelândia, estão representados em verde-escuro.

Se mantiver o ritmo atual de crescimento, a China se tornará a maior economia do mundo em 2017, superando os Estados Unidos.

Os sete países em verde intermediário reúnem cerca de 45% da população mundial.

A partir da década de 2000, Brasil, Rússia e África do Sul exportaram mais *commodities*, como alimentos e combustíveis. China, Índia e Indonésia venderam mais bens industrializados.

Representação sem escala

Fontes: Banco Mundial. *Multipolarity: the new global economy*. Disponível em www.worldbank.com. Acesso em 14 jul. 2011. Organização Mundial do Comércio (OMC). *International Trade Statistics 2010*. Disponível em www.wto.org. Acesso em 23 ago. 2011.

Década de 2000

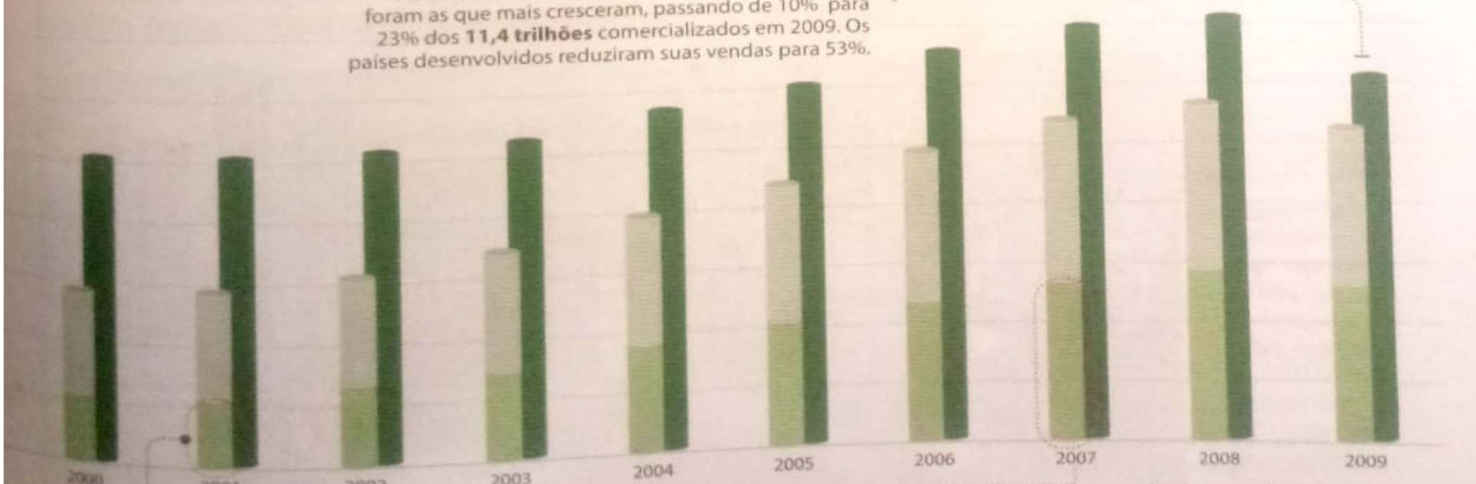
Novas forças econômicas

Na década de 2000, a economia dos países em verde intermediário cresceu muito mais do que a dos outros dois grupos de países. A força econômica desses países fez deles líderes regionais.



Com quase 7 bilhões de pessoas, o mundo nunca consumiu tanto. Grande parte dessa demanda vem agora dos países atualmente chamados emergentes.

As vendas dos sete países em verde intermediário foram as que mais cresceram, passando de 10% para 23% dos **11,4 trilhões** comercializados em 2009. Os países desenvolvidos reduziram suas vendas para 53%.



Entre 2001 e 2007, o comércio desses países aumentou **142%**, contra **37%** dos países desenvolvidos. Observe o gráfico e compare a evolução desses países.

A crise econômica mundial abalou mais intensamente o comércio dos países ricos, que retornou ao nível de 2005.

PROJETO ARARIBÁ
GEOGRAFIA

8º ano

Organizadora: Editora Moderna
Obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna.
Editora responsável: Sonia Cunha de Souza Danelli

MANUAL DO PROFESSOR

Componente curricular:
GEOGRAFIA



Código da coleção
24980COL05

Material de divulgação da
Editora Moderna

Moderna

UNIDADE

2

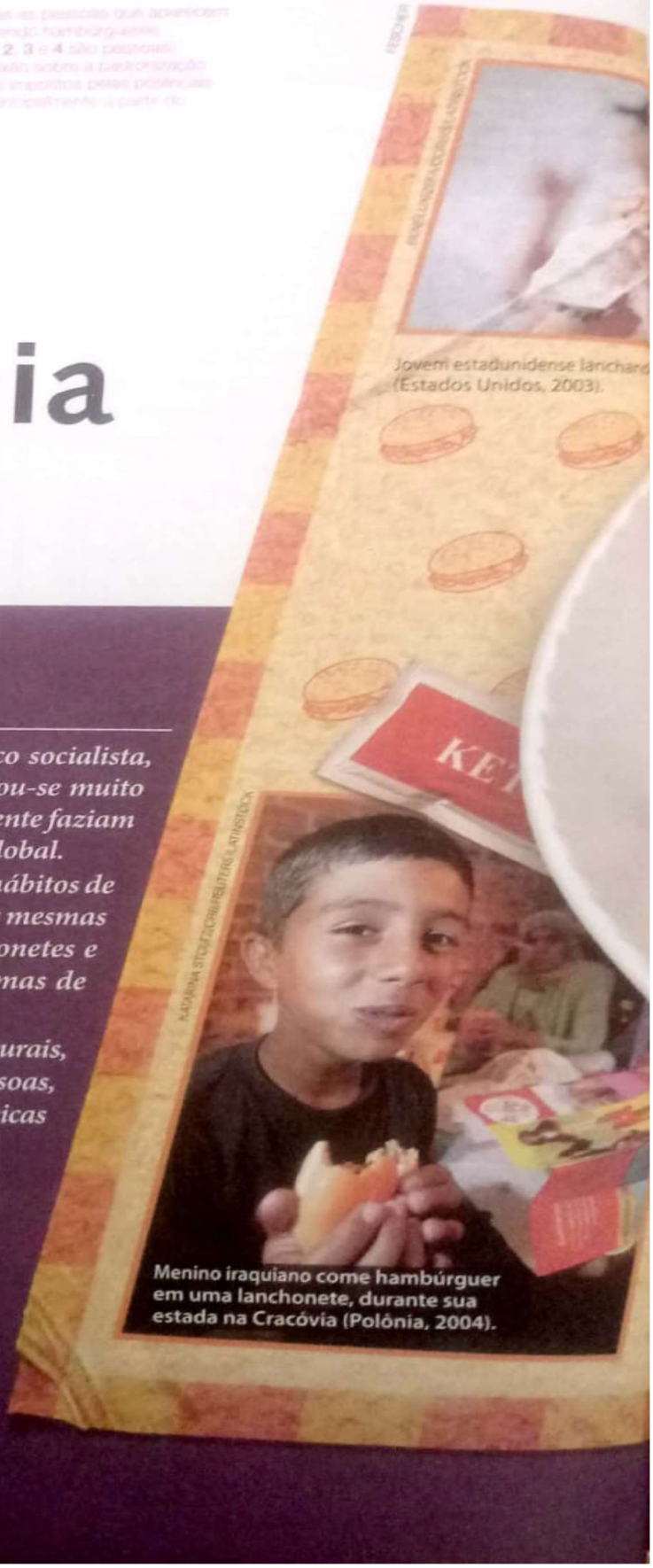
A economia global

Hambúrguer: uma das marcas culturais do século XX

A partir da década de 1990, com o fim do bloco socialista, a circulação mundial de bens e serviços tornou-se muito mais ampla, pois muitos países socialistas que somente faziam comércio entre si passaram a integrar o mercado global.

Hoje, várias pessoas em todo o mundo mantêm hábitos de consumo semelhantes, como beber refrigerantes das mesmas marcas, alimentar-se nas mesmas redes de lanchonetes e restaurantes, assistir aos mesmos filmes e programas de televisão ou vestir os mesmos tipos de roupas.

O século XX marcou o momento em que hábitos culturais, como o modo de se vestir e o padrão alimentar das pessoas, passaram a ser ditados pelas grandes potências econômicas do mundo ocidental e adotados em escala mundial.



Jovem estadunidense lanchando (Estados Unidos, 2003).

Menino iraquiano come hambúrguer em uma lanchonete, durante sua estada na Cracóvia (Polônia, 2004).

Começando a unidade

1. Qual é o elemento comum a todas as fotos?
2. Você se alimenta como essas pessoas? Por quê?
3. As roupas que você costuma vestir são parecidas com as de seus colegas ou de outras pessoas de idade diferente da sua? Explique.
4. Você adota algum hábito que seja comum a outras pessoas? Justifique sua resposta.



Garotas chinesas em rede *fast-food* (China, 2006).

MASTERFILE/OTHER IMAGES

Garotas hispânicas comem hambúrguer em piquenique, no parque Bayfront, em Miami, Flórida (Estados Unidos, 2000).

JEFF GREENBERG/ALAMY/OTHER IMAGES

TEMA 1

A economia mundial atual

Nas últimas décadas do século XX, o mundo começou a vivenciar mais intensamente um processo conhecido como globalização da economia.

Glossário

Globalização
Processo de aprofundamento da integração econômica, social, cultural e da comunicação entre os países.

Características da economia global

A partir da segunda metade do século XX, as empresas industriais, comerciais e de prestação de serviços (bancos, hotéis, redes de restaurantes, companhias de telecomunicações etc.) começaram a instalar filiais em vários países, num processo que ficou conhecido como **mundialização** ou **internacionalização** do capital e da produção (veja o quadro 1).

Com a globalização, o processo de expansão do capitalismo constituiu a chamada **economia global**, que teve a tecnologia como propulsora. Veja algumas de suas características:

Crescimento do comércio internacional

O fluxo de mercadorias entre os países foi multiplicado por seis entre 1975 e 1995. Entretanto, cerca de dois terços do comércio internacional ocorrem entre os países desenvolvidos, com maior capacidade de consumo.

Rápida expansão dos fluxos financeiros

Graças ao uso de computadores e satélites, bilhões de dólares são movimentados pelo mundo, todos os dias, como investimentos em bolsas de valores ou pagamentos por mercadorias ou serviços.

Inter-relação dos países

Uma decisão política ou econômica tomada em qualquer ponto do planeta pode provocar reações em cadeia. Por exemplo, se o Banco Mundial eleva a taxa de juros de empréstimos, todos os países que têm dívida externa são prejudicados.

A economia global só foi possível, nos moldes em que vem ocorrendo, em razão desse conjunto de fatores, que tiveram início nos países desenvolvidos e espalharam-se por diversos lugares do mundo.

Quadro 1

Produto global



Beijing, China, 2000.



Calcutá, Índia, 2003.



Abidjã, Costa do Marfim, 2000.

A Coca-Cola é um dos símbolos da globalização da produção e do consumo.

A economia global e as transformações no espaço geográfico

Os avanços tecnológicos nas telecomunicações e nos transportes favorecem o intercâmbio político, econômico e cultural entre os países. Podemos dizer que atualmente o mundo forma um sistema integrado no qual países, cidades, empresas e universidades, por exemplo, encontram-se interligados. Nesse sistema há um constante fluxo de informações, capitais, mercadorias e também de pessoas.

Assim, são muitas as transformações no espaço geográfico, decorrentes da globalização da economia. Vamos analisar resumidamente algumas delas.

Glossário

Fibra óptica
Filamento com capacidade de transmitir ondas eletromagnéticas (por exemplo, a luz).

Transformações na produção

Mundialização da produção. Empresas que estão sediadas em países desenvolvidos e têm filiais em outros países tomam decisões estratégicas sobre a produção: o que, quando e onde fabricar. Também investem bastante em *marketing* e propagandas que criam a identidade com o produto (a vontade de comprar).

Telecomunicações. A expansão das telecomunicações com o emprego de satélites e fibras ópticas permite a transmissão de dados em altíssima velocidade. Informações sobre o processo produtivo são encaminhadas e recebidas, em tempo real, em qualquer ponto do planeta e facilitam o trabalho de *marketing* das empresas, por meio da difusão das propagandas.



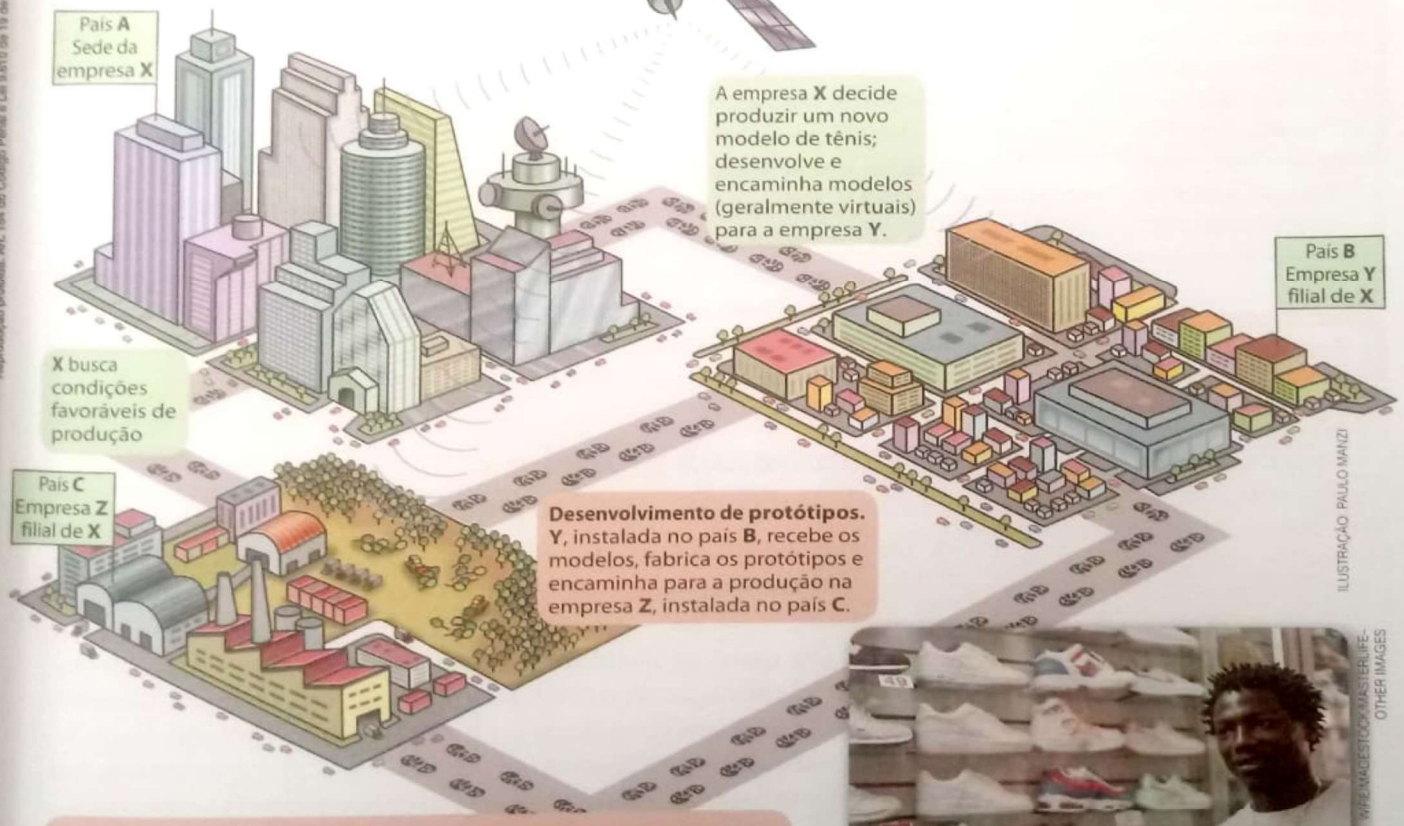


ILUSTRAÇÃO PAULO MANZI



WREMADESTOCK/MASTERFILE-OTHER IMAGES

Atrativos. O país **C**, subdesenvolvido, fornece a matéria-prima e fabrica o tênis. As empresas estrangeiras instaladas nesse país beneficiam-se da mão-de-obra e das matérias-primas baratas, da redução de impostos oferecida pelos governos locais, da ausência de legislação e fiscalização rigorosas e da existência de um crescente mercado consumidor.

Mercados. Tênis do novo modelo são vendidos em vários mercados, incluindo os países **A**, **B** e **C**.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Para ler



Aprendiz do futuro. Gilberto Dimenstein. São Paulo: Ática, 1998.

O livro trata dos problemas que o profissional do mundo globalizado pode enfrentar.

Para assistir



Denise está chamando. Direção: Hal Salwen. Estados Unidos: Columbia/Tristar Studios, 1995.

O filme retrata o impacto das tecnologias no dia-a-dia. O uso do telefone, do computador, do fax e da internet tornam as relações pessoais distantes.

Para pesquisar

OIT – Organização Internacional do Trabalho <www.oitbrasil.org.br>

O *site* do escritório da OIT no Brasil apresenta informações relacionadas às questões de trabalho e emprego, tais como trabalho escravo e infantil, os jovens e o mundo do trabalho, discriminação, formação, liberdade sindical, entre outras. A OIT é a única das agências das Nações Unidas que tem estrutura tripartite, na qual os representantes dos empregadores e dos trabalhadores têm os mesmos direitos que os do governo.

A sociedade global

A grande circulação de informações, mercadorias e pessoas fez surgir uma sociedade em que determinados valores são globais. Há uma padronização das formas de trabalho, da produção e do consumo: milhares de pessoas de todo o planeta alimentam-se nas mesmas redes de restaurantes, bebem os mesmos refrigerantes, ouvem as mesmas músicas e assistem aos mesmos filmes. Contudo, cabe destacar que a globalização é seletiva, beneficiando alguns lugares e determinadas sociedades ou grupos sociais. Milhões de pessoas ainda estão excluídas desse processo.

As novas relações de trabalho

Na economia global, as atividades desenvolvidas pelos mais variados tipos de trabalhadores exigem cada vez mais criatividade e qualificação; as empresas modernas querem funcionários capazes de se adaptar às novas tecnologias introduzidas no processo de produção. As jornadas de trabalho e os salários estão mais flexíveis: a carga horária perde em importância para a qualidade do trabalho, e os pagamentos são efetuados de acordo com a produtividade de cada trabalhador.

Os centros de poder da economia global

Um grupo formado por cinco países, o chamado **G-5** (Estados Unidos, Japão, Alemanha, França e Inglaterra), é o que mais se beneficia com o processo de globalização. Esses novos centros de poder econômico e tecnológico detêm as sedes de muitas das principais empresas transnacionais, isto é, que atuam além das fronteiras de seu país de origem e nos mais variados setores da economia global.

As modificações na composição desse grupo de países ricos refletem as próprias transformações da economia global. Assim, o G-5, formado no início da década de 1970 em resposta à crise econômica global daquele período, logo incorporou a Itália, tornando-se o G-6. Em 1976, o Canadá juntou-se ao grupo, que passou a ser conhecido como G-7. Em 1998, foi a vez da Rússia, constituindo o G-8.

A economia global e o aumento do desemprego

Os trabalhadores sem qualificação são os mais prejudicados pelas inovações tecnológicas na agricultura, na indústria, no comércio e na prestação de serviços.

Cada vez mais, as atividades repetitivas que exigem pequena ou nenhuma qualificação do trabalhador, e até mesmo as de nível técnico, como pintor industrial ou torneiro mecânico, estão sendo substituídas por "máquinas inteligentes" ou robôs. As tarefas que restam nas empresas modernas exigem dos seres humanos melhor formação, qualificação, capacidade de pesquisar e de aprender continuamente.

Contudo, não são apenas as inovações tecnológicas que podem gerar aumento do desemprego no mundo. As causas do desemprego podem ser **estruturais** ou **conjunturais**.

O desemprego estrutural

O desemprego estrutural é resultante da modernização das estruturas produtivas e de trabalho, que ocorre com a mecanização e a automação nos processos de produção e com o aprimoramento dos processos de trabalho (figura 1).

Como vimos, o uso de máquinas e robôs nas linhas de produção tornou desnecessário o emprego de muitas pessoas, na medida em que poucos funcionários podem operar várias máquinas ao mesmo tempo.

O desenvolvimento e a utilização de serviços de autoatendimento, como terminais bancários, bombas de combustíveis e outros, também contribuem para diminuir o número de empregos, uma vez que os próprios consumidores têm condições de realizar parte do trabalho. No desemprego estrutural, um posto de trabalho substituído por uma máquina simplesmente deixa de existir.



RICARDO AZOURY/OLHAR IMAGEM

Figura 1. As montadoras de automóveis são um bom exemplo da automação da produção. A imagem mostra uma linha de produção de automóveis em que grande parte do trabalho é feita por robôs.

O desemprego conjuntural

O desemprego conjuntural resulta de uma situação temporária. Quando um país enfrenta dificuldades econômicas, ocorre queda da produção industrial e agrícola, diminuição das vendas no comércio e na prestação de serviços. O resultado é a eliminação de muitos postos de trabalho e o aumento do desemprego (figura 2).

Os postos de trabalho perdidos durante um período econômico desfavorável tendem a ser recuperados com o fim da crise. Quando a economia volta a crescer, as vendas e a produção aumentam e as empresas contratam novamente. Alguns postos de trabalho, porém, não voltam a existir.

Veja, no quadro 2, um resumo dos dois tipos de desemprego.

Quadro 2

Causas do desemprego

Estrutural	Conjuntural
• Modernização das estruturas produtivas	• Crise econômica
• Substituição do homem pela máquina	• Redução temporária dos postos de trabalho
• Redução definitiva dos postos de trabalho	• Alguns postos de trabalho não voltam mais a existir

Desemprego entre jovens

O desemprego existe em todo o mundo, mas suas taxas variam de um país para outro. O que parece uma tendência mundial é a forma crescente com que ele atinge os jovens e em especial as mulheres.

Nos países subdesenvolvidos industrializados, a desvantagem relativa dos jovens é mais pronunciada, pois eles formam uma proporção muito maior da força de trabalho que nos países desenvolvidos.

O estudo *Tendências Globais do Emprego para a Juventude 2004*, da Organização Internacional do Trabalho (OIT), mostra que, enquanto a população jovem cresceu cerca de 10,5% na década de 1990, chegando a cerca de 1,1 bilhão em 2003, o emprego de jovens cresceu somente 0,2%, tendo havido um aumento aproximado de apenas 526 milhões de oportunidades de emprego.



MARCOS HAUPA/REUTERS/NEWSCOM

Figura 2. As crises econômicas geram desemprego e queda da capacidade de consumo das pessoas. A imagem mostra manifestação ocorrida na Argentina durante a grave crise econômica que atingiu o país em 2001.

TEMA 2

As transnacionais

A globalização do capital e da produção permitiu expandir e consolidar a influência do poder das empresas transnacionais na economia global.

A importância das transnacionais na economia global

Na atualidade, existem cerca de 40 mil empresas **transnacionais** (quadro 3), incluindo coreanas, indianas, mexicanas e brasileiras. Veja a figura 3. Elas concentram um poder tão grande que influenciam governos nacionais e condicionam as relações entre os países.

Em razão do poderio econômico das transnacionais na economia global, é cada vez mais difícil para os governos estabelecer regras para a atuação dessas empresas. Para se ter uma ideia, o volume de negócios e o faturamento anual das maiores transnacionais do mundo equivalem ao Produto Interno Bruto (PIB) de muitos países.

A expansão e a consolidação das transnacionais ocorreram principalmente após a Segunda Guerra Mundial. Foi quando essas empresas que geralmente atuavam nos países desenvolvidos, passaram a investir em alguns países subdesenvolvidos onde encontravam matéria-prima e mão-de-obra barata e abundante, sistema fiscal favorável, legislação trabalhista e ambiental moderada ou inexistente, economia de impostos por meio de estratégias fiscais, proximidade do mercado consumidor potencial e energia de baixo custo.

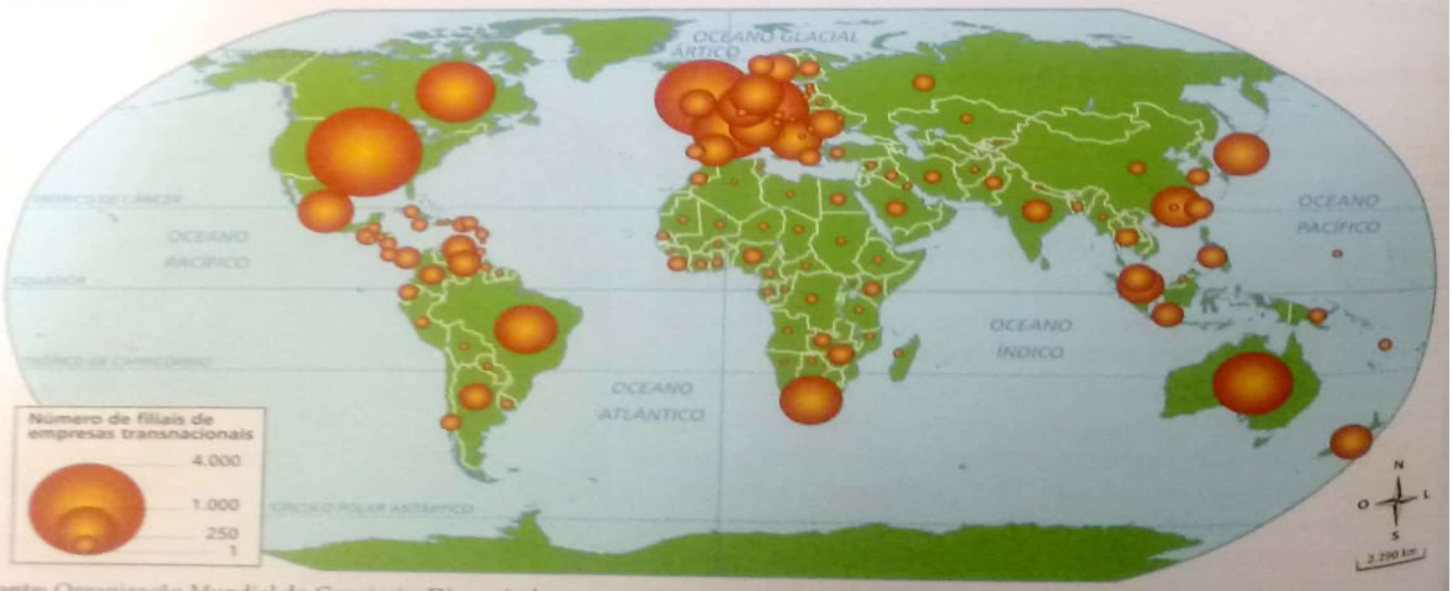
Os países pobres tentam atrair os investimentos dessas empresas para possibilitar a criação de empregos.

Quadro 3

Transnacionais ou multinacionais?

As empresas transnacionais também são conhecidas como multinacionais. No entanto, este último termo, largamente empregado até a década de 1990, está em desuso, pois parece sugerir que essas empresas têm várias nacionalidades.

Figura 3 A EXPANSÃO DAS TRANSNACIONAIS PELO MUNDO



Fonte: Organização Mundial do Comércio. Disponível em <www.wto.org>. Acesso em 25 jun. 2007.

Transnacionais: concorrência e parceria

Uma das características atuais do processo de transnacionalização das empresas é a concorrência e, ao mesmo tempo, a cooperação entre elas, por meio da formação de trustes, *holdings* e cartéis.

Petrobras: uma transnacional brasileira

Criada em outubro de 1952, a Petrobras (Petróleo Brasileiro S.A.) é a maior empresa genuinamente brasileira. Atua em várias áreas do setor energético, desde a exploração de gás e petróleo até a distribuição, passando pelo refino e abastecimento. São de sua propriedade noventa plataformas de produção, cerca de 16 mil quilômetros de dutos, refinarias, grande frota petroleira (navios e caminhões) e mais de 7 mil postos de combustíveis.

Com sede no Rio de Janeiro e filiais em Angola, Argentina, Bolívia, Colômbia, Estados Unidos e Nigéria, a Petrobras é uma das 15 maiores empresas petrolíferas do mundo. Ela também é detentora de uma das tecnologias mais avançadas na exploração de petróleo em águas profundas (figura 4).

Em 1996, a empresa colocou o Brasil no seleto grupo dos 16 países que produzem mais de um milhão de barris de petróleo por dia. Em 2006, a produção atingiu 1,9 milhão de barris, garantindo ao país autossuficiência em petróleo.

Glossário

Truste
Fusão e incorporação de empresas para dominar determinada oferta de produtos ou serviços. Um exemplo é o grupo Time-Warner, gigante da área de comunicações.

Holding
Empresa criada para administrar diversas empresas. A *holding* possui a maioria das ações das empresas do grupo. São exemplos as grandes corporações japonesas (*zaibatsus*), como Mitsubishi e Mitsui.

Cartel
Associação ou combinação entre empresas, em geral de um mesmo segmento, para garantir o controle da produção e dos preços. Cada empresa conserva sua administração independente. Um exemplo: a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), formada para definir o preço do óleo no mercado mundial.

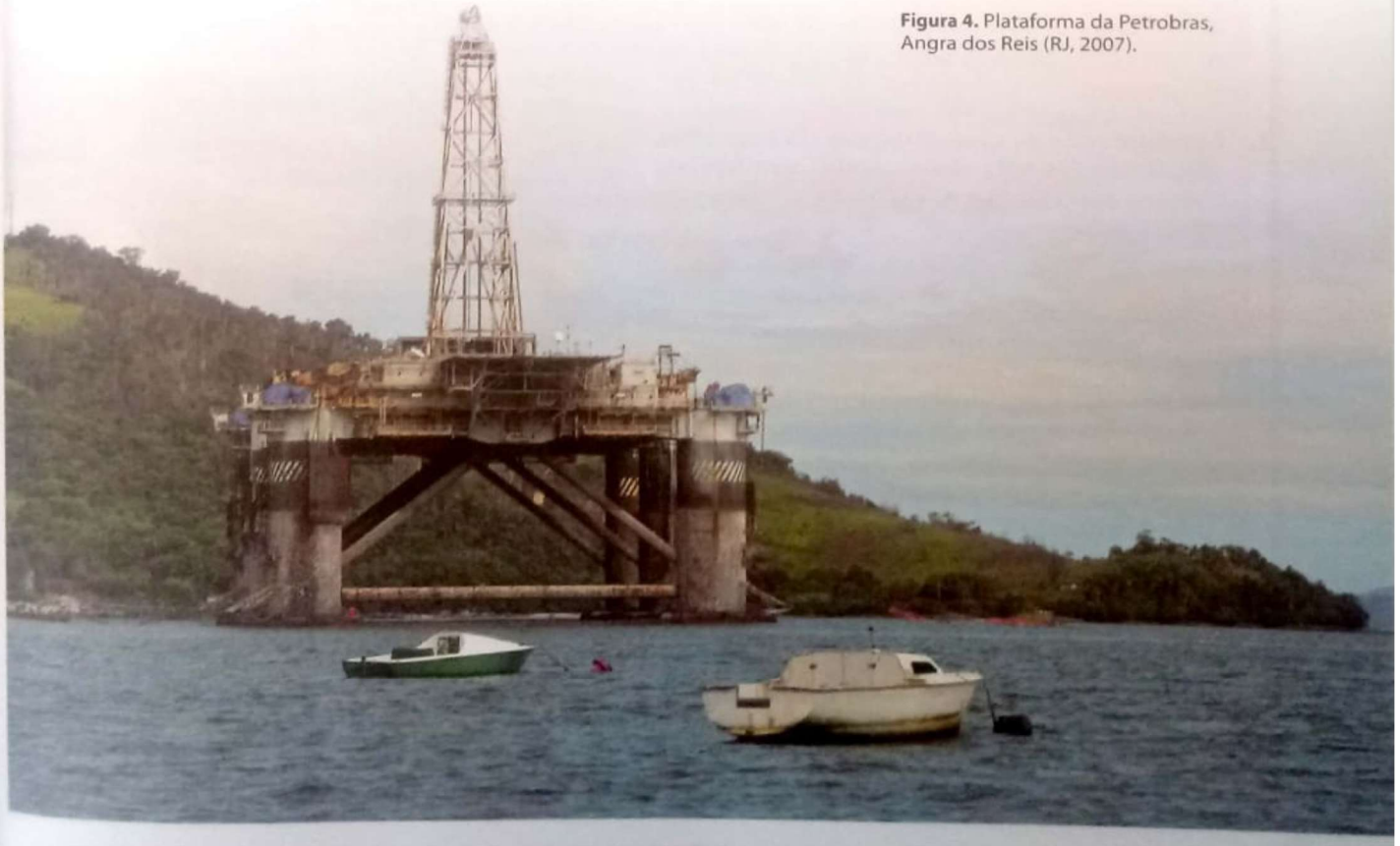


Figura 4. Plataforma da Petrobras, Angra dos Reis (RJ, 2007).

LUCIANA WHITAKER/FOLHA IMAGEM

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

PROJETO ARARIBÁ
GEOGRAFIA

9º ano

Organizadora: Editora Moderna
Obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna.
Editora responsável: Sonia Cunha de Souza Danelli

Componente curricular: GEOGRAFIA



PNLD 2011 2012 2013
FNDE MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CÓDIGO DO LIVRO: 24980C0527 TIPO: L
VENDA PROIBIDA

Moderna

UNIDADE

2

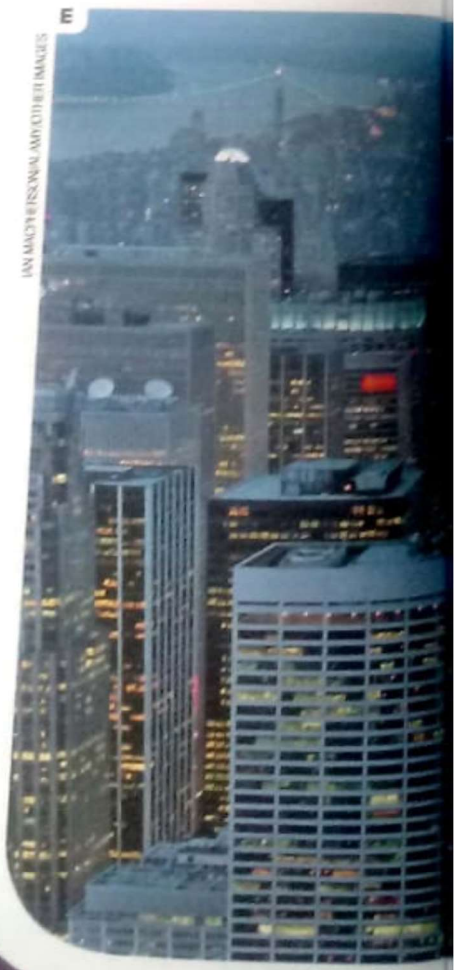
Globalização e organizações mundiais



BIBLIOTECA NACIONAL, LISBOA

A

Navios europeus transportavam produtos valiosos da Ásia, da África e do Novo Mundo, enriquecendo comerciantes. *Urbs Salvador*, c. 1642, gravura de navios holandeses em Salvador.



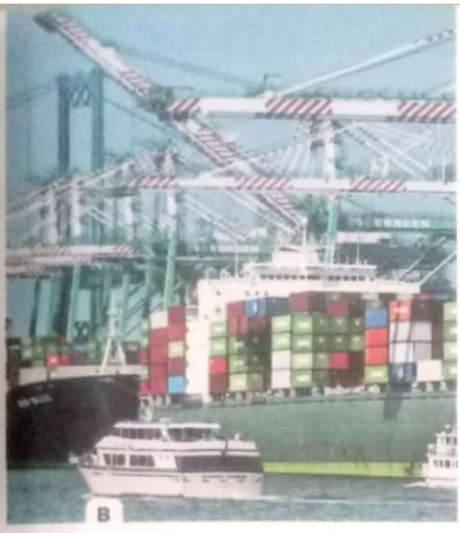
DAMIR SAGOLJ/REUTERS/LATINSTOCK

E

A globalização e suas múltiplas faces

Quantas vezes já ouvimos falar em globalização? O termo está presente em noticiários de telejornais, em propagandas de empresas transnacionais, até mesmo em comerciais de turismo que exibem maravilhosas paisagens de todo o mundo.

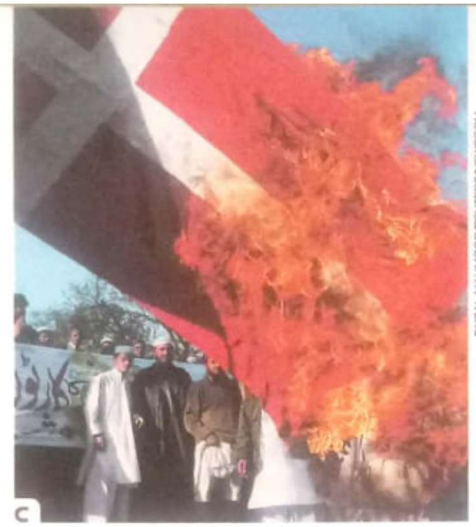
Na verdade, a globalização tem várias faces, de certa forma interligadas: a face histórica, pela qual, ao longo dos séculos, os povos entraram em contato pacífico ou hostil entre si, por via terrestre ou por meio das navegações; a econômica, movida pela expansão do comércio entre várias regiões; e a das trocas culturais, mediante a qual línguas, religiões e tradições de diversas partes do planeta tomaram contato umas com as outras. O processo resultou em fusões, intercâmbios enriquecedores e também em conflitos, expostos todos os dias pela imprensa.



ROBERT NICKELSBERG/GETTY IMAGES

B

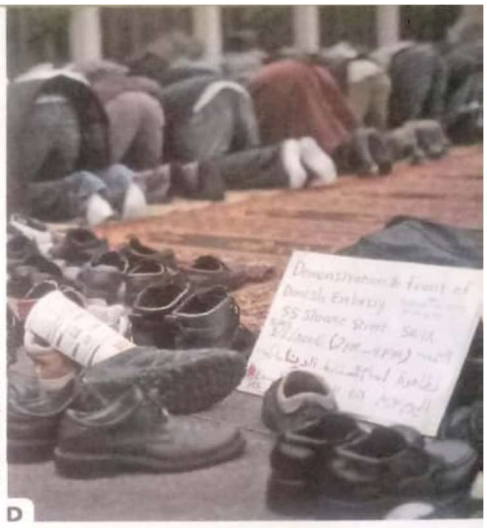
O comércio internacional na atualidade unifica os padrões de consumo mundial, dissolvendo diferenças culturais entre os povos. Na foto, o porto de Los Angeles, na Califórnia (EUA, 2004).



FAISAL MAHMOOD/REUTERS/NEWSCOM

C

Radicais islâmicos, em Islamabad, capital do Paquistão, em 2006, queimam bandeira em protesto contra charges do profeta Maomé publicadas em um jornal dinamarquês.



BRUNO VINCENT/GETTY IMAGES

D

Efeitos do colonialismo no mundo global: muçulmanos, ex-súditos do Império Britânico, rezam na mesquita de Regent's Park em Londres (Inglaterra, 2006).





ELDSON CHAGARA/REUTERS/NEWSCOM

F

Imagens e contrastes de um mundo global: na foto **E**, a pujança econômica da sociedade estadunidense (Nova York, 2005); na foto **F**, a ausência de comida entre bilhões de seres humanos. Criança no Hospital Chiradzulu — um dos hospitais modelo do país, (Malauí, 2005).

Começando a unidade

1. Por que podemos dizer que a globalização teve início com as navegações dos séculos XV e XVI?
2. Em qual das imagens podemos observar o início da formação de um mundo global? Explique os motivos de sua escolha.
3. Relacione as imagens desta abertura, recorrendo para isso ao significado de globalização.

TEMA 1

A globalização e seus efeitos

A globalização se manifesta em sentidos múltiplos e contrários: leva riqueza a algumas regiões do mundo, mas explora outras ao extremo; confere sofisticação ao modo de vida de uma minoria privilegiada, porém a muitos povos deixa o legado da indiferença e do abandono.

O que significa, afinal, globalização?

A globalização pode ser entendida como o conjunto de transformações recentes na economia do planeta, que causaram uma **ampliação dos fluxos de mercadorias**, uma integração entre os países. São características desse período as **inovações tecnológicas** e a consequente **aceleração da difusão de informações**. Celulares e microcomputadores, além da vasta rede de tecnologias integradas a eles, como o acesso à rede mundial de computadores, internet, programas de mensagens instantâneas e correio eletrônico, revolucionaram o modo como as pessoas se relacionam com o mundo.

Um mundo interligado

O geógrafo Milton Santos denomina esse período de **técnico-científico-informacional**:

> "[...] Essa união entre técnica e ciência vai dar-se sob a égide do mercado. E o mercado, graças exatamente à ciência e à técnica, torna-se um mercado global. A ideia de ciência, a ideia de tecnologia e a ideia de mercado global devem ser encaradas conjuntamente e desse modo podem oferecer uma nova interpretação à questão ecológica [...].
>
> Nesse período, os objetos técnicos tendem a ser ao mesmo tempo técnicos e informacionais, já que, graças à extrema intencionalidade de sua produção e de sua localização, eles surgem como informação: e, na verdade, a energia principal de seu funcionamento é também a informação. [...] Estamos diante da produção de algo novo, a que estamos chamando de *meio técnico-científico-informacional*. [...]"
>
> SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. São Paulo: Edusp, 2004. p. 238.

De fato, nessa fase houve aumento da produtividade industrial e, como consequência, barateamento dos custos de produção e transporte de mercadorias. Além disso, a difusão do capitalismo pelos então países socialistas levou a um aumento das trocas econômicas e ao acirramento da concorrência internacional. O **capitalismo financeiro** passou a ter importância fundamental.

A dívida externa fez com que diversos países fossem forçados a seguir exigências de organizações mundiais, como o FMI, o que gerou a flexibilização de regras de proteção à sua indústria e a privatização de setores importantes da economia, muitas vezes envolvendo empresas transnacionais (quadro 1).

Vários Estados abandonaram gradativamente as barreiras tarifárias que protegiam a produção nacional da concorrência dos produtos estrangeiros e abriram-se ao comércio internacional por meio de blocos econômicos regionais, como veremos adiante.

Glossário

Transnacional
Empresa que atua fora de seu país de origem, preferencialmente em vários pontos do planeta, por meio de suas filiais ou de empresas locais contratadas para a execução das atividades.

Robótica
Ciência e técnica da concepção, construção e uso de robôs.

Biotecnologia
Estudo e desenvolvimento de organismos geneticamente modificados e seu uso para fins produtivos.

As fases da globalização

O que chamamos de globalização representa, na verdade, a fase atual de um movimento iniciado com as **Grandes Navegações**, no século XVI, que abriram aos conquistadores europeus as terras do Novo Mundo, principalmente na América (figura 1). Milhares de pessoas migraram para as colônias. Para a exploração econômica das novas terras, utilizou-se a mão-de-obra escrava vinda da África.

A **Revolução Industrial**, que teve início na Inglaterra e se espalhou depois para outros países europeus e pelos Estados Unidos, marcou uma nova fase da globalização. Essa etapa se caracterizou pelo uso de máquinas e pelo emprego de mão-de-obra assalariada no lugar do trabalho artesanal.

A **máquina a vapor** foi introduzida nos meios de transportes, como trens e barcos. Outras inovações tecnológicas, como o telégrafo e o telefone, atravessaram continentes, ampliando os meios de comunicação e encurtando distâncias. Nesse período, o **capital financeiro** buscou a ampliação dos mercados e a obtenção de novas e diversas fontes de matérias-primas, em um novo processo de colonização e lutas territoriais que levou o mundo às duas grandes guerras mundiais.

Avanços tecnológicos durante a Guerra Fria

A **corrida armamentista** e a **corrida espacial** promovidas durante a Guerra Fria resultaram em avanços tecnológicos largamente aplicados no mundo moderno. São exemplos disso o computador e o satélite, que antes tinham funções exclusivamente militares e hoje fazem parte do nosso dia-a-dia. Nesse período popularizou-se também o uso do automóvel, do telefone e dos eletrodomésticos. A aviação comercial e o transporte marítimo impulsionaram os negócios e o turismo.

A partir dos anos 1970, teve início a revolução técnico-científico-informacional, baseada na indústria de microeletrônica, na informática e na tecnologia da informação. A biotecnologia e a robótica são também setores importantes nessa fase do capitalismo.



ALEX ALMEIDA/FOLHA IMAGEM

Figura 1. Modernos cargueiros levam centenas de contêineres pelos oceanos. O da foto estava atracado no porto de Santos (SP, 2004).

Quadro 1

O poder das transnacionais globais

Observe, na tabela abaixo, que algumas empresas ultrapassam em vendas o Produto Interno Bruto (PIB) anual de muitos países: corporações mundiais gigantescas podem ser os novos centros de poder político e econômico. Das cem maiores entidades econômicas existentes na atualidade, 51 são empresas e 49 são países.

PIB de países selecionados e faturamento das maiores empresas transnacionais (em US$ milhão — 2000)

País/empresa	PIB/vendas
1. EUA	8.708.870
2. Japão	4.395.083
5. Reino Unido	1.373.612
11. México	474.951
14. Austrália	389.691
23. General Motors	176.558
24. Dinamarca	174.363
25. Rede Wal-Mart	166.809
27. Ford Motor Co.	162.558
28. Daimler Chrysler	159.985
29. Polônia	154.146
31. Indonésia	140.964
37. Mitsui	118.555
38. Mitsubishi	117.765
40. GE	111.630
42. Portugal	107.716
43. Royal Dutch Shell	105.366

Fonte: GRAYSON, David; HODGES, Adrian. *Compromisso social e gestão empresarial.* São Paulo: Publifolha, 2003. p. 29.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.



Figura 2. Desempregados buscam vagas de trabalho em Madri (Espanha, 2009).

Globalização e desemprego

Você já percebeu a quantidade de produtos novos lançados todos os anos? É um indício de como o crescimento da produção industrial se manifestou de forma acelerada nas últimas décadas.

O processo de desenvolvimento das **forças produtivas** vem empregando tecnologias de produção cada vez mais avançadas. Em muitos casos, isso provocou uma diminuição no uso da mão-de-obra, principalmente nas cadeias produtivas ligadas às linhas de montagem, pois a produtividade de uma máquina é sem dúvida maior que a do homem. O ritmo também se acelerou: produzem-se cada vez mais mercadorias em tempos cada vez menores. Esse fenômeno é chamado de **aumento de produtividade**.

A globalização econômica criou uma grande contradição em seu movimento de modernização das sociedades e criação de um livre comércio mundial: o aumento da produção de mercadorias sem o crescimento, na mesma proporção, do número de trabalhadores. O resultado foi a expansão do **desemprego** nos níveis nacional e global e o aumento do trabalho informal (figura 2).

Glossário

Força produtiva
Objetos, ferramentas e máquinas utilizados na produção. O homem é a maior força produtiva, pois cria instrumentos cada vez mais eficientes para o trabalho.

Produtividade
Estratégia usada pelos setores empresariais para aumentar a produção, diminuir os custos e o uso de energia e de mão-de-obra, empregando-se tecnologias e equipamentos de produção mais eficientes.

Sociedade de consumo
Estilo de vida em que a sociedade é levada, por meio de intensa propaganda, a consumir produtos numa escala cada vez maior.

Globalização, cultura e sociedade de consumo

Vimos que cada fase da globalização é marcada por uma onda de inovações tecnológicas. Contudo, essas inovações não atingem o planeta igualmente, quer por razões econômicas — possibilidade de acesso e consumo de novos produtos —, quer por razões culturais. Em que medida um mundo globalizado é capaz de respeitar e preservar costumes e culturas locais, sem alterá-los ou eliminá-los?

O debate sobre a globalização e a formação de uma **sociedade de consumo**, na qual as culturas nacionais e locais são niveladas a partir de padrões mundiais de comportamento e vivência, passa atualmente por uma de suas fases mais críticas.

Para ler

***Globalização*: o que é isso, afinal?** Cristina Strazzacappa; Valdir Montanari. São Paulo: Moderna, 2003.

O livro analisa os principais aspectos da globalização, considerando não somente o aspecto econômico, mas também a dinâmica que o fenômeno estabeleceu no contato entre diferentes povos e culturas.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Indústria cultural

Em 1940, o filósofo alemão Theodor Adorno contestou a ideia de que, com a abertura comercial e a expansão das comunicações mundiais, haveria a formação de uma "**cultura popular**" planetária harmoniosa.

Para ele, a expansão da produção industrial, somada ao crescimento da produção cultural e da propaganda, estaria vinculada à criação de uma "**indústria cultural**" — cuja principal estratégia seria criar, desenvolver, veicular, por meio de televisão, rádio, cinema, artes, livros, revistas, propagandas etc., estilos de vida consumistas, além de formar novos **padrões culturais**, ligados aos hábitos de consumo.

Podemos constatar essa sombria visão de Adorno ao assistir a programas televisivos em nosso país, principalmente os de entrevistas (*talk shows*) e novelas, que incentivam abertamente estilos de vida consumistas.

A indústria cultural busca, por meio da propaganda, estimular o desejo de consumir os chamados "**artigos da moda**", além de incentivar troca constante dos produtos, tornados rapidamente "**obsoletos**".

Observe as figuras 3 a 6: elas representam algumas contradições da globalização e da sociedade de consumo.



Figura 3. Família coleta materiais para reciclagem em lixão na cidade de Bagdá (Iraque, 2003).



Figura 4. O lixo também é tratado de forma inadequada nos países desenvolvidos: aterro em Atenas (Grécia, 2007).



Figura 5. Resort em San Pedro (Belize, 2002).



Figura 6. Resort no Parque Namib-Naukluft (Namíbia, 2008). A globalização dos costumes inclui também o turismo e as formas de lazer.

TEMA 2

Globalização e meio ambiente

O alto grau de industrialização e urbanização alcançado na segunda metade do século XX provocou profundas alterações no meio ambiente.

Problemas ambientais do século XXI

Entramos no século XXI extraindo e consumindo cada vez mais **recursos naturais** para atender às necessidades das populações, como construir moradias, irrigar plantações, fornecer matéria-prima para a indústria. Além disso, os recursos são explorados sem um **planejamento** que minimize as consequências desse uso para o **meio ambiente** e para as necessidades das gerações futuras (figura 7).

Uma característica marcante deste início de século XXI é o agravamento, em âmbito global, de **problemas ambientais** que afetam a vida de milhões de pessoas, como, por exemplo, a poluição do ar, o desmatamento indiscriminado, a escassez de água potável e o aquecimento global.

Para assistir



Uma verdade inconveniente. Direção: Davis Guggenheim. Estados Unidos: Paramount Classics/UIP, 2006.
O ex-vice-presidente dos Estados Unidos Al Gore apresenta uma análise do aquecimento global, mostrando os mitos e equívocos existentes em torno do tema e também possíveis saídas para que o planeta não passe por uma catástrofe climática nas próximas décadas.

A questão da água

Associado ao aumento da produção industrial e agrícola, o abastecimento de água é um problema que se coloca como risco imediato à vida na Terra. Alguns países já sofrem com a carência de água potável (figura 8).

Atualmente, cerca de 60% da água disponível para o consumo é utilizada na irrigação agrícola, o que aumenta a oferta de alimentos, mas diminui muito o volume de água disponível para suprir outras necessidades básicas de populações cada vez mais numerosas.

O uso de produtos químicos como pesticidas e fertilizantes, assim como o despejo de esgotos domésticos e industriais sem tratamento, por exemplo, vem contaminando nascentes e rios, no campo e na cidade, tornando as águas impróprias para o consumo. Especialistas acreditam que, dentro de poucos anos, uma das principais disputas entre povos e Estados será pelo controle de água potável.

Figura 7. Caminhão transportando madeira ilegal retirada no município de Cujubim (RO, 2005). O desmatamento, realizado para obtenção de madeira ou para atividade agropecuarista, é um dos principais problemas ambientais da atualidade.



TEMA 4

Globalização e direitos humanos

Em defesa do direito a uma vida sem violência, diversas organizações políticas foram criadas no mundo após a Segunda Guerra Mundial. De que modo elas têm atuado?

O que são os direitos humanos?

Os direitos humanos são **direitos fundamentais** de todo ser humano, sem nenhuma discriminação, seja étnica, social, econômica, jurídica, política ou ideológica. Eles constituem condição indispensável para se alcançar uma convivência em que todos sejam respeitados indistintamente (leia o quadro 4).

Características dos direitos humanos

Os direitos humanos são:

- **universais:** todas as pessoas devem ter a mesma dignidade;
- **naturais:** sua origem não é o Estado ou as leis, mas a própria natureza humana;
- **inalienáveis:** nenhuma pessoa pode renunciar a eles ou negociá-los, e o Estado não pode dispor dos direitos dos cidadãos;
- **invioláveis:** não podem ser destruídos, o que constituiria um atentado contra a pessoa;
- **obrigatórios:** impõem às pessoas e ao Estado a obrigação de respeitá-los, mesmo que não exista uma lei que assim o estabeleça;
- **indivisíveis:** suprimir qualquer um deles põe em risco o respeito aos demais.

Para garantir que os direitos humanos sejam respeitados, é preciso mais que uma declaração formal; são necessárias disposição das sociedades em observá-los e punição para os que violam os princípios de igualdade dos seres humanos.

Para pesquisar

Human Rights Watch <www.hrw.org/portuguese>
A Human Rights Watch é uma ONG que se dedica a proteger os direitos humanos ao redor do mundo. A página contém reportagens, relatórios, galerias de imagens e textos que informam a situação dos direitos humanos em cada continente.

Quadro 4

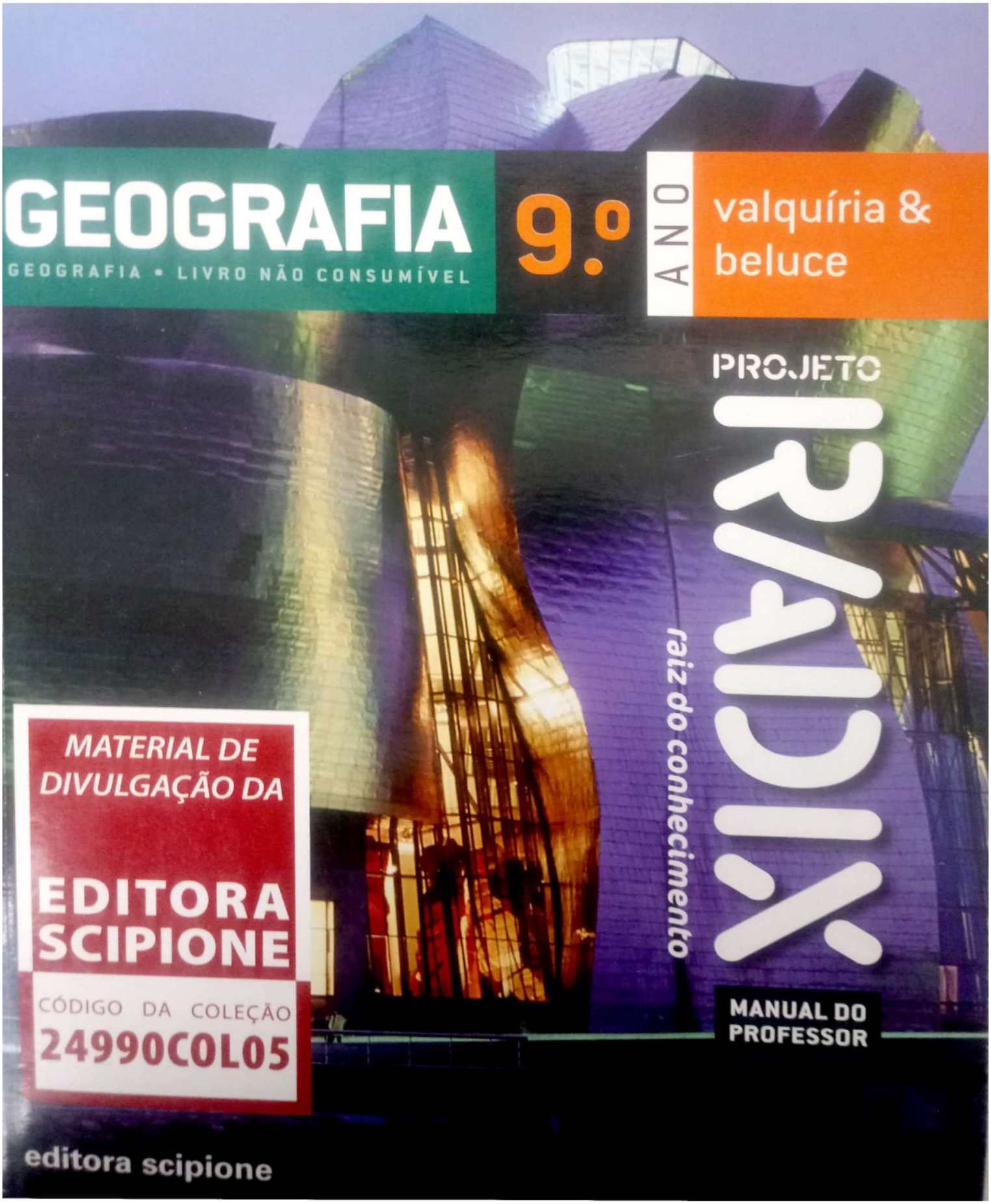
O *apartheid*

O termo *apartheid* — que na língua africânder significa "vida em separado" — foi usado para designar o regime segregacionista que se implementou na África do Sul em 1948. Nesse regime, os brancos impuseram aos negros diversas restrições: os negros eram excluídos do governo e não podiam votar nem exercer certas atividades; eram confinados em áreas das cidades onde raramente havia saneamento e eletricidade; seus hospitais estavam sempre em péssimas condições; não obtinham acesso às faculdades; usavam meios de transporte separados; não podiam frequentar restaurantes e hotéis; e o casamento com brancos era proibido.



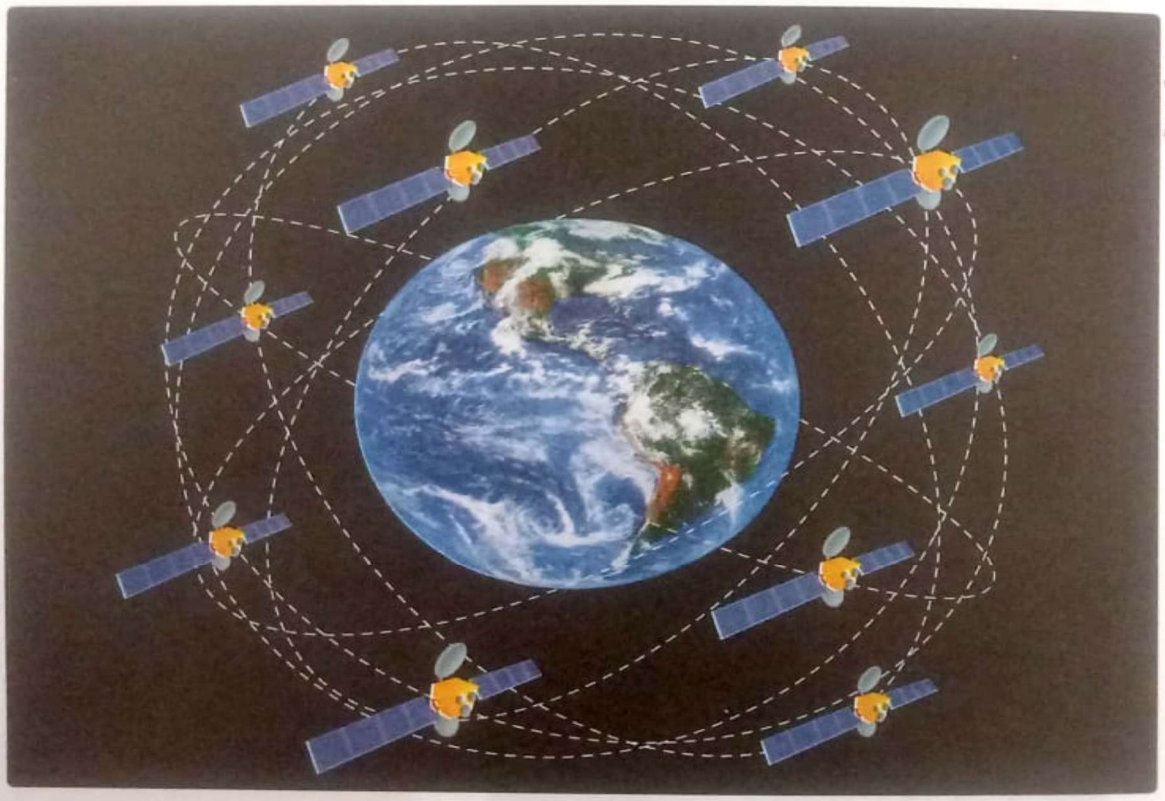
GETTY IMAGES

Nelson Mandela discursa em um concerto para angariar fundos para o tratamento de portadores de HIV (Noruega, 2005). Mandela é um símbolo da luta pelos direitos humanos e pelo fim do *apartheid* na África do Sul.


GEOGRAFIA
GEOGRAFIA • LIVRO NÃO CONSUMÍVEL
9.º ANO
valquíria & beluce
PROJETO
ARARIBÁ
raiz do conhecimento
MANUAL DO PROFESSOR
MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA
EDITORA SCIPIONE
CÓDIGO DA COLEÇÃO
24990COL05
editora scipione

MÓDULO 1

Espaço geográfico e globalização



Photodisc/Getty Images

PARA COMEÇAR

Na imagem ilustrativa acima, vemos satélites artificiais de comunicação na órbita da Terra. Esses satélites mostram uma característica marcante da época em que vivemos: a instantaneidade dos fluxos de informações pelo planeta na atual fase da globalização.

1 O que você sabe sobre a globalização? De que maneira podemos perceber a globalização em nosso dia a dia? Procure responder a essas perguntas conversando com os colegas e com o professor.

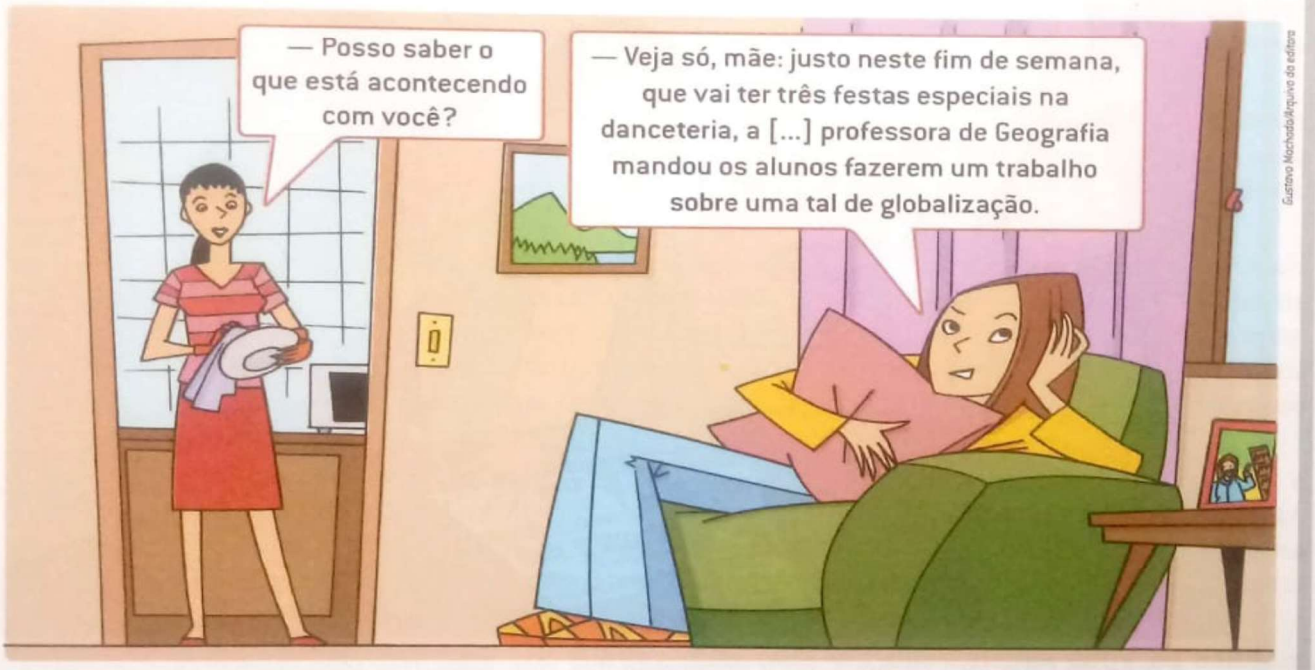
Respostas pessoais. Auxilie os alunos a responderem a estas questões. Peça que procurem se lembrar do uso do termo "globalização" nos meios de comunicação, como telejornais e revistas. Ajude-os a refletir também sobre alguns aspectos do seu dia a dia, incluindo-o no atual processo de globalização, por exemplo: os produtos importados que eles encontram em estabelecimentos comerciais (lojas e supermercados); o contato com lugares distantes, possibilitado pela televisão, telefone ou Internet; entre outros.

Globalização: o mundo interligado

Professor(a): Explique aos alunos que a 8.ª série citada no texto corresponde atualmente ao 9.º ano do ensino fundamental.

O texto que você vai ler a seguir conta um fato da vida de uma adolescente que está relacionado a um dos fenômenos mais discutidos nas últimas décadas, a globalização. Leia-o com atenção.

Cibele é uma garota de catorze anos e está na oitava série. Numa bela tarde de sexta-feira, ela chegou em casa mal-humorada [...]. Sua mãe ficou preocupada e quis saber o que se passava.



Gustavo Machado/Arquivo da editora

O mau humor de Cibele não era só pelo fato de precisar deixar as festas um pouco de lado, mas também porque ela não fazia a menor ideia de onde encontrar alguma coisa sobre o assunto proposto pela professora. A mãe dela, ao perceber sua preocupação, fez mais algumas perguntas:

— A professora não deu alguma indicação para leitura, Ciba?

— Não, mãe — respondeu a garota.

— Bem, não se preocupe. Troque de roupa e vamos dar uma procurada nas livrarias, para ver o que existe a respeito desse tema — continuou a mãe.

Meia hora depois, mãe e filha saíram para dar uma busca nas livrarias da cidade. [...]

Diante da ansiedade das duas, o dono da livraria deu algumas sugestões.

— Sabe, dona, essa história de globalização é um assunto novo. Por isso tem muita coisa sobre o tema pipocando por aí.

— Tem muita enrolação, isso sim — falou a mãe da garota.

— Acho que no livro do Alvin Tofler, aquele escritor norte-americano, a senhora vai encontrar muita coisa boa — propôs o livreiro. — Além disso, posso lhe emprestar uma revista e um recorte de jornal que tenho desse assunto — continuou ele.

— Queremos o livro, e vamos ficar muito gratas se o senhor nos emprestar os artigos — concluiu a mãe.

De posse do material, Cibele e a mãe foram para casa adiantar o tal trabalho.



A mãe de Ciba tem razão. Com o progresso das comunicações e dos meios de transporte, o mundo perdeu suas fronteiras. Hoje, é muito fácil e rápido falar com qualquer pessoa, em qualquer canto do planeta, via telefone, fax ou pela Internet. E é também muito fácil levar ou trazer qualquer objeto, de qualquer peso ou tamanho, para onde se quiser.

Diante de tudo isso os hábitos dos seres humanos mudaram, radicalmente, de uns anos para cá. E mudaram também no sentido de levar as pessoas a terem comportamentos cada vez mais parecidos em todo o mundo. [...]

Hoje, no Japão, nos Estados Unidos, no Brasil ou na Alemanha as pessoas comem alimentos semelhantes, assistem a programas de tevê semelhantes, vestem roupas semelhantes e usam linguagens semelhantes. Isso quer dizer que as pessoas estão ficando cada vez mais semelhantes. Tomemos por base o seguinte: em inúmeros países é comum os jovens usarem calças *jeans*, bem como beberem Coca-Cola e Pepsi-Cola, comerem hambúrgueres e assistirem a programas da MTV (*Music Television*). Também é usual estudarem o inglês, e se comunicarem usando termos dessa língua, como *hello*, *OK*, ou *bye-bye*. [...]

STRAZZACAPPA, Cristina; MONTANARI, Valdir. O que é globalização. In: *Globalização*: o que é isso, afinal? São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção desafios).

Professor(a): Algumas peças publicitárias foram reproduzidas propositadamente com finalidade didática, porém com o devido cuidado autoral de não recomendar qualquer tipo de produto ou empresas nesta e nas demais imagens do livro.

O espaço globalizado

Para entender o processo de globalização, é preciso recorrer às transformações políticas e econômicas que marcaram o cenário mundial nas últimas décadas do século passado. Essas transformações estão ligadas principalmente ao processo de desenvolvimento do capitalismo que, a partir da segunda metade do século XX, passou por uma fase de grandes progressos científicos e tecnológicos, dando origem a uma verdadeira revolução tecnocientífica, também chamada Terceira Revolução Industrial. Essa revolução, caracterizada pela integração cada vez maior entre ciência e produção, tornou a economia mundial mais dinâmica, competitiva e, ao mesmo tempo, mais interligada. Isso ocorreu porque os avanços tecnológicos melhoraram os serviços de comunicação e de transporte, tornando-os mais eficientes e fazendo com que as grandes distâncias deixassem de ser obstáculos para a integração entre os mais diversos lugares do planeta.

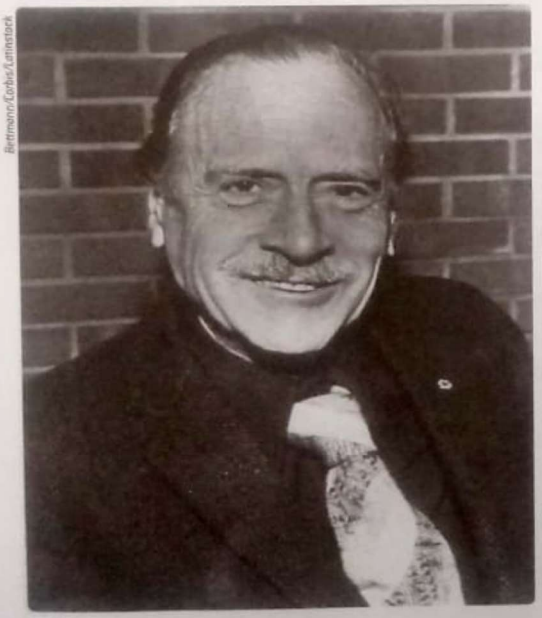
hegemonia: o mesmo que domínio, superioridade, supremacia (política ou econômica).

Tais acontecimentos, acompanhados pela decadência do socialismo no mundo, entre o final da década de 1980 e o início da década de 1990, deram origem a uma nova fase da economia mundial marcada pela expansão e **hegemonia** do capitalismo em escala planetária.

Portanto, para muitos estudiosos, a globalização corresponde a essa fase mais avançada do capitalismo caracterizada pela crescente intensificação das trocas de mercadorias, de informações e de pessoas entre os países do mundo. Assim, ao mesmo tempo que a globalização vem intensificando as relações econômicas e comerciais entre os países, ela também tem promovido a integração cada vez mais efetiva do espaço geográfico mundial.

Professor(a): Os diversos aspectos das desigualdades geradas pelo atual processo de globalização serão discutidos em diferentes momentos nos próximos módulos.

Essa integração, caracterizada pela aproximação cada vez maior entre povos e culturas dos mais diferentes países, levou o intelectual canadense Marshall McLuhan a afirmar, ainda na década de 1960, que o mundo estava se transformando em uma "aldeia global" (como disse a mãe de Cibele). "Aldeia" no sentido de um lugar pequeno e conhecido e "global" porque esse lugar abrange o mundo inteiro.



Bettmann/Corbis/Latinstock

A integração cada vez mais efetiva entre os espaços e os países do mundo, que caracteriza o processo de globalização presenciado por nós atualmente, tem se apoiado tanto no desenvolvimento tecnológico, como no caso das telecomunicações, quanto no crescente aumento do comércio internacional e no desenvolvimento dos meios de transporte.

◀ Marshall McLuhan (1911-1980) foi um importante intelectual que desenvolveu vários estudos sobre a comunicação sem barreiras, propiciada pelo mundo virtual. Para McLuhan, as novas relações estabelecidas a partir da utilização da mídia eletrônica molda o mundo na forma de uma "aldeia global".

Professor(a): Leia o texto sobre "aldeia global" sugerido na *Assessoria Pedagógica*. Se possível, traga para a sala de aula notícias de jornais e de revistas sobre a globalização. Aproveite essas informações para estimular os alunos a conversarem sobre o tema.

MÓDULO 1

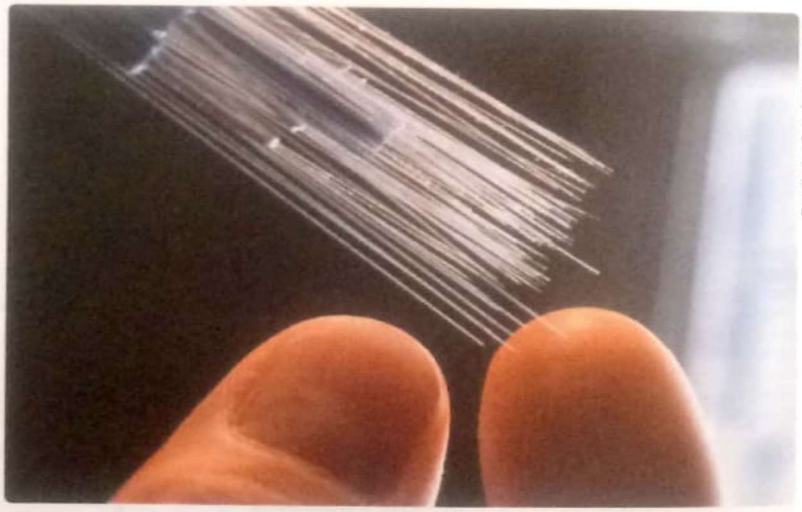
A grande revolução tecnológica e os avanços das telecomunicações

Uma verdadeira revolução tecnológica, impulsionada pelo avanço da ciência e das técnicas, vem ocorrendo desde a segunda metade do século XX.

Esse desenvolvimento científico e tecnológico, fruto dos investimentos maciços realizados por governos e grandes empresas privadas, sobretudo nos países mais ricos e desenvolvidos como Estados Unidos, Canadá, Japão, Alemanha, França e Inglaterra, atingiu as mais variadas áreas do conhecimento, principalmente as tecnologias da informação, como a informática e as telecomunicações.

O desenvolvimento dessas tecnologias proporcionou uma grande expansão das redes de comunicação de longa distância, constituídas por um complexo conjunto de satélites artificiais colocados na órbita do planeta, cabos de transmissões intercontinentais instalados no fundo dos oceanos, redes de **fibras ópticas**, além de inúmeras centrais de rádio e televisão, sistemas de telefonia fixa e móvel (celulares) espalhadas por todo o mundo.

fibra óptica: material transparente, finíssimo e de alta resistência, composto principalmente por fibras de vidro. As fibras ópticas são muito utilizadas na transmissão de informações, como os sinais de rádio e de televisão (som e imagem), em alta velocidade e a grandes distâncias.



Uma fibra óptica com espessura de um fio de cabelo, como a mostrada na imagem ao lado, pode transmitir até 20 mil conversas telefônicas simultaneamente.

Pierre Vauthey/Corbis Sygma/Latinstock



Atualmente, existem centenas de satélites artificiais na órbita da Terra, realizando diferentes percursos, funções e velocidades. Os satélites de comunicação, como o mostrado na imagem ao lado, são importantes instrumentos de transmissão de informações, pois enviam sinais de televisão, de telefone e de rádio com bastante velocidade e a grandes distâncias.

Digital Vision/Getty Images

O local, o global e suas relações

Nos exemplos das páginas anteriores, vimos que do ponto de vista geográfico podemos realizar estudos que vão desde uma escala local (microescala) até uma escala global (macroescala). Todavia, como os diferentes lugares do mundo estabelecem relações entre si, é importante verificar as consequências dos fenômenos e acontecimentos tanto em escala local quanto em escala global.

Isso porque o que ocorre em âmbito local, seja um problema ambiental, um acontecimento político importante ou uma questão econômica relevante, pode afetar de alguma maneira o mundo todo. Do mesmo modo, muitos dos acontecimentos que ocorrem em âmbito global, sejam eles ambientais, políticos ou econômicos, também podem repercutir em outros lugares, inclusive no lugar onde vivemos.

Veja a seguir alguns exemplos que comprovam como o local e o global estão interligados.

As grandes queimadas que acontecem simultaneamente em diversas áreas da floresta Amazônica brasileira (fotografia ao lado) têm impactos diretos sobre o ecossistema local, sobretudo com a destruição da fauna e da flora. Por outro lado, os gases provenientes dessas queimadas contribuem, em escala global, para aumentar os níveis de dióxido de carbono (CO_2) na atmosfera do planeta, um dos gases responsáveis pelo chamado efeito estufa. Apontado por vários especialistas como a principal causa do aquecimento global, fenômeno caracterizado pelo aumento da temperatura média do globo terrestre, o efeito estufa pode afetar o clima de todo o planeta. Alguns estudos tentam comprovar que essas mudanças climáticas estão provocando o derretimento das calotas polares, tal como se verifica na região ártica, no extremo norte do globo, que, nas últimas décadas, já perdeu quase 10% da cobertura de gelo, como podemos observar nas imagens abaixo.



▲ Queimada de uma área da floresta Amazônica, em 2005.



SOUZA, Okkyde. O calor que ameaça a vida. *Veja.com*. Disponível em: <http://veja.abril.com.br>. Acesso em: 8 dez. 2008.

Globalização e a atual Divisão Internacional do Trabalho

A expansão das multinacionais pelo mundo, decorrente do processo de globalização, produziu mudanças significativas nas relações econômicas e comerciais entre os países, alterando a participação deles na Divisão Internacional do Trabalho (DIT). A DIT representa a especialização produtiva de cada país na economia e no comércio internacional, ou seja, como esses países estão inseridos mundialmente na produção e na comercialização de produtos e mercadorias.

Até aproximadamente meados do século passado, a produção industrial concentrava-se em um número bastante restrito de países, entre eles Estados Unidos, Canadá, Rússia, Inglaterra, Alemanha e França. Grande parte dessa produção industrial estava voltada para o abastecimento do mercado interno, enquanto o restante era exportada para os países menos industrializados e de economia primária. A estes cabia, basicamente, a função de fornecer matérias-primas agrícolas e minerais aos países mais industrializados.

Com a expansão das multinacionais pelo mundo, a partir da segunda metade do século XX, muitas dessas empresas se instalaram em países, até então, de economia essencialmente agrária, como Brasil, Argentina, México, África do Sul e Índia.

Paralelamente à chegada das multinacionais, esses países também investiram no desenvolvimento de suas indústrias, seja por meio de recursos financiados pelo Estado, seja por investimentos de capitais nacionais privados. No caso do Brasil, o Estado teve uma importância decisiva no processo de industrialização do país, sobretudo na criação das chamadas indústrias de base ou de bens de produção, como grandes siderúrgicas, metalúrgicas e mineradoras.

Desde então, esses países tiveram um desenvolvimento significativo na produção industrial, deixando, assim, de serem apenas exportadores de gêneros primários para se tornarem, também, produtores e exportadores de bens industrializados.

Cartão-postal. In: SERODCTTI, João Emílio, CORNEJO, Carlos. Lembranças de São Paulo: o litoral paulista nos cartões postais e álbuns de lembranças. São Paulo: Solaris, 2002.



Coleção particular.

▲ No início do século XX, as exportações brasileiras baseavam-se em produtos primários, principalmente o café. O cartão-postal reproduzido acima, que data da década de 1920, mostra um navio sendo carregado com sacas desse produto no porto de Santos. Com o avanço da indústria brasileira, as exportações estão mais diversificadas e são compostas tanto por produtos primários quanto por industrializados. A fotografia ao lado, também do porto de Santos, mostra veículos sendo conduzidos a um navio para serem exportados em 2004.



Delfim Martins/Pulsar Imagens.

MÓDULO 2

ALGO A **mais**

A globalização da produção: produzir em qualquer lugar

O processo de globalização da economia também trouxe mudanças significativas, e em escala mundial, na organização do sistema produtivo das grandes empresas. O texto a seguir trata desse aspecto da globalização. Leia-o com atenção.

Outra dimensão do processo globalizante na economia encontra-se na produção de bens. [...] Até algumas décadas atrás, podia-se afirmar que um objeto tinha sido fabricado num determinado lugar. Daí a famosa expressão *Made in...*, acompanhada do nome do país de origem. A procedência, de fato, indicava que aquele objeto tinha sido produzido num certo país.

A possibilidade de desenvolver um produto em qualquer lugar, ou produzir componentes e partes de um mesmo objeto em qualquer ponto do planeta, é fruto da nova economia [...].

Combinam-se serviços especializados de solução de problemas (pesquisa, desenvolvimento de produto e fabricação), de identificação de problemas (*marketing*, publicidade e assistência a clientes) e promoção de vendas (financiamento, procura e contratação).

O resultado disso é que um produto terá várias nacionalidades envolvidas, desde a sua concepção (ideia, projeto, maquete) até a sua roupagem para a venda ao potencial consumidor (embalagem, propaganda).

Embora em muitos objetos possamos identificar a expressão *Made in...*, na verdade apenas uma parte desse objeto terá sido produzida ali, ou, quando muito, terá sido este objeto montado naquele país. Diversos componentes e partes e até a mão de obra utilizada poderão ter sua origem em territórios de países diferentes.

Tomemos um exemplo: os Estúdios Walt Disney contratam desenhistas brasileiros para criar e elaborar novas figuras e personagens para os desenhos animados da Disney. Será que alguém poderá dizer que esses desenhos, no momento em que são projetados na tela do cinema, são apenas norte-americanos?

BRIGAGÃO, Clóvis; RODRIGUES, Gilberto. Produzir em qualquer lugar. In: *Globalização a olho nu*: o mundo conectado. São Paulo: Moderna, 2004.

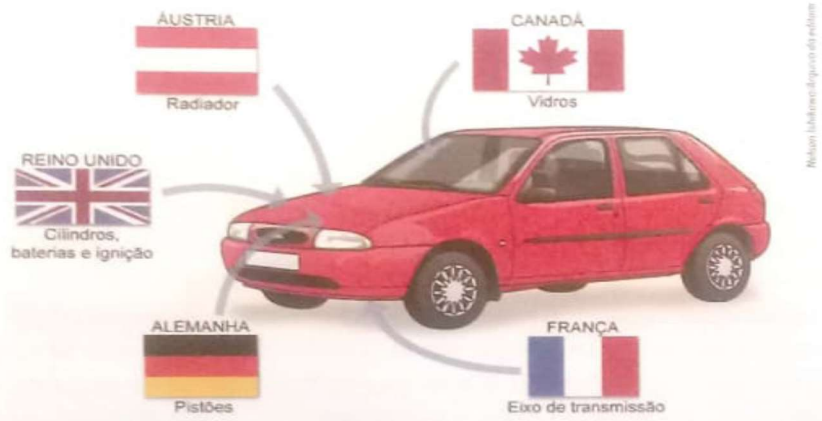


Com a globalização da economia, as empresas multinacionais, além de expandir suas atividades pelo mundo, passaram a dividir as diferentes etapas de fabricação e montagem de seus produtos entre suas filiais espalhadas pelo mundo, ou transferiram parcelas inteiras do processo de produção para empresas sediadas em outros países.

A fabricação de um modelo de automóvel, por exemplo, pode ocorrer simultaneamente em diferentes países, cada qual encarregado de produzir um conjunto de peças para a montagem final do veículo. Atualmente, um veículo montado em um determinado país pode ter suas peças fabricadas em países como Estados Unidos, França, Inglaterra, Bélgica, Holanda, Espanha, Itália e Brasil.

O quadro abaixo ilustra como a produção de um modelo de automóvel da década de 1990 envolveu empresas de vários países. Observe-o com atenção e identifique quais são os países que participaram da produção desse modelo de automóvel.

[...] O Ford Fiesta [europeu] é montado em Valência (Espanha), mas os vidros vêm do Canadá; o radiador, da Áustria; os cilindros, as baterias e a ignição, da Inglaterra; os pistões, da Alemanha; e o eixo de transmissão, da França. [...]



Adap.: CARMO, Paulo Sérgio do. O mundo interligado. In: *O trabalho na economia global*. São Paulo: Moderna, 2004. (Coleção polêmica).

Com a possibilidade de produzir simultaneamente em diversos países, as multinacionais diminuíram os custos de produção e ampliaram significativamente os seus lucros, pois puderam desenvolver suas atividades naqueles países que apresentam condições mais vantajosas.

Assim, se a produção de um determinado produto torna-se mais onerosa e, portanto, menos rentável em um determinado país, a empresa pode transferir rapidamente sua produção para outros lugares, onde os custos (mão de obra, matéria-prima, impostos etc.) são reduzidos e os lucros, consequentemente, podem ser bem maiores.

A empresa norte-americana Nike, por exemplo, concentra a maior parte da fabricação de tênis e materiais esportivos em países asiáticos, como Coreia do Sul, Taiwan e Indonésia, onde os operários recebem salários bem menores do que aqueles que seriam pagos aos operários que trabalhassem nas mesmas funções, porém, em fábricas instaladas nos Estados Unidos. Nesse país, onde se encontra a matriz da Nike, a empresa conserva apenas funcionários da alta administração, de *marketing* etc., que são os mais bem pagos da empresa.

A globalização e os avanços tecnológicos no cotidiano das pessoas

No texto a seguir, um escritor relata como os avanços tecnológicos estão presentes nas atividades mais corriqueiras do nosso dia a dia, como na tarefa de escrever um simples texto. Leia-o com atenção.

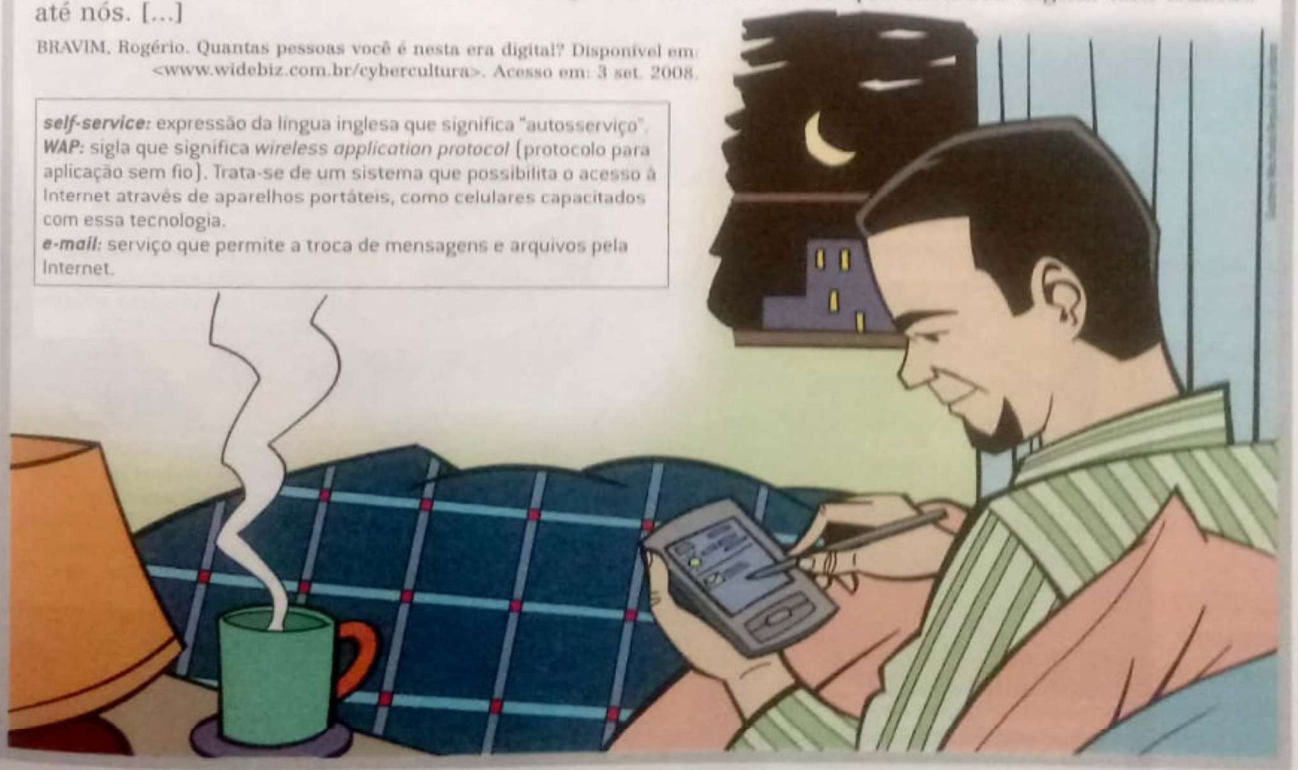
Temos a honra de viver no início do terceiro milênio, onde presenciamos cada vez mais grandes avanços tecnológicos. Muitos chamam este período de era digital.

Agora mesmo quando escrevo este texto uso um *palmtop* (computador que cabe na palma da mão) e estou sentado em minha confortável cama. Assim que acabar de teclar (jargão modista para escrever), este artigo estará disponível na Internet, onde qualquer pessoa do mundo poderá ler e compartilhar.

Nosso dia a dia está tomado por toda esta tecnologia, que vai desde comprar um simples bilhete de metrô numa máquina *self-service*, passando pelo celular, por um atendimento telefônico totalmente eletrônico, seja em sua conta bancária, no seu cartão de crédito, ou qualquer outro serviço de atendimento ao consumidor, *WAP*, que permite acesso à Internet no seu telefone celular, TV a cabo, biométrica que permite que máquinas reconheçam a nossa voz, nossas digitais, a íris de nossos olhos etc., isto sem falar nos *e-mails*, que ressuscitaram a velha e boa prática de escrever cartas, não com a mesma arte, mas servindo como meio de comunicação eficaz. Embora pareça ser muito, isso é apenas um resumo do que essa era digital tem trazido até nós. [...]

BRAVIM, Rogério. Quantas pessoas você é nesta era digital? Disponível em: <www.widebiz.com.br/cybercultura>. Acesso em: 3 set. 2008.

self-service: expressão da língua inglesa que significa "autosserviço".
WAP: sigla que significa *wireless application protocol* (protocolo para aplicação sem fio). Trata-se de um sistema que possibilita o acesso à Internet através de aparelhos portáteis, como celulares capacitados com essa tecnologia.
e-mail: serviço que permite a troca de mensagens e arquivos pela Internet.



O texto acima mostrou como os avanços tecnológicos, condição imprescindível da globalização, podem estar presentes no cotidiano de uma pessoa, interferindo diretamente no seu modo de vida.

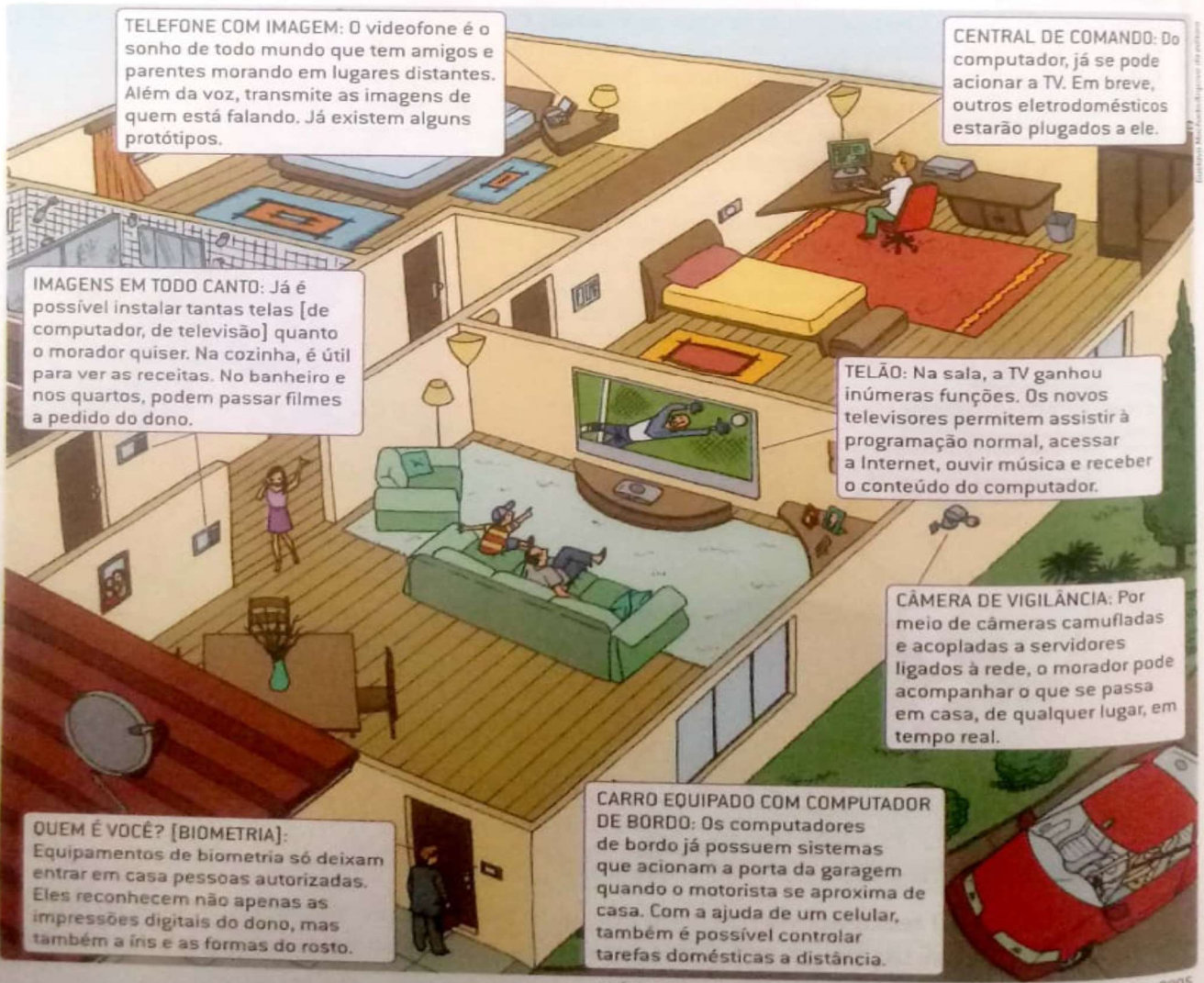
Professor(a): Complemente o estudo sobre os avanços tecnológicos no cotidiano das pessoas com a leitura do texto proposto na *Assessoria Pedagógica*.

As inovações tecnológicas que surgem todos os dias podem ser observadas no lançamento de uma infinidade de equipamentos e aparelhos cada vez mais sofisticados, como os computadores portáteis que cabem na palma da mão; os equipamentos multifuncionais, como os telefones celulares, que acumulam as funções de um computador, câmeras fotográficas digitais de alta resolução; entre tantos outros.

Todas essas inovações tecnológicas causaram mudanças significativas na vida de uma parcela da população, especificamente daquela de maior poder aquisitivo. Essas mudanças ficam mais evidentes se compararmos o modo de vida em épocas passadas e no presente.

Há algumas décadas, seria inacreditável uma pessoa se comunicar com outra por telefone celular ou via *e-mail* (correio eletrônico), efetuar uma transação bancária em um caixa eletrônico, realizar uma pesquisa científica, assistir a uma aula virtual em um computador conectado à Internet etc. Tudo isso só poderia ser visto em filmes de ficção científica e, portanto, como algo muito distante da vida das pessoas.

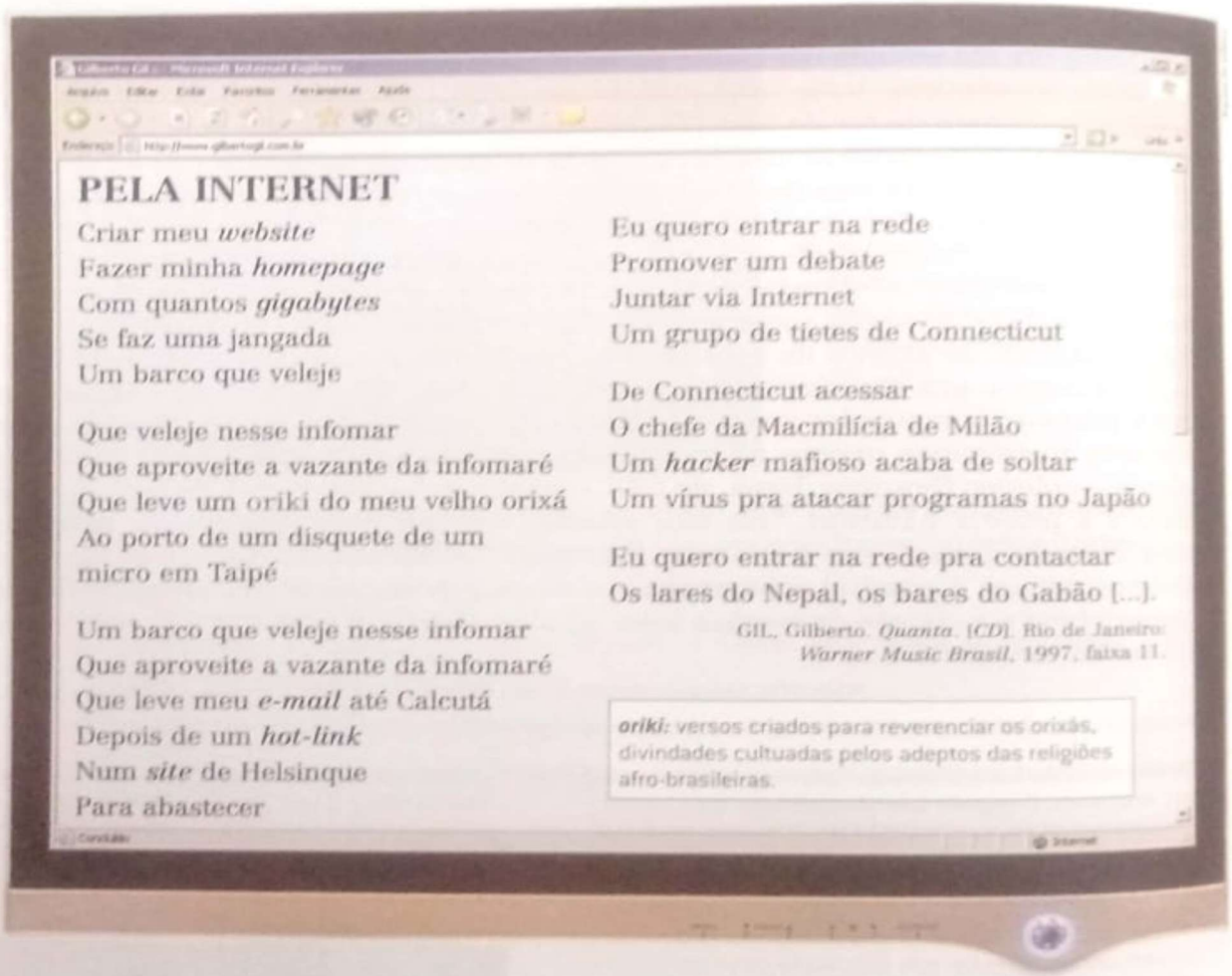
Observe, na imagem abaixo, alguns dos equipamentos da mais avançada geração tecnológica que podem fazer parte de uma moradia.



VICÁRIA, Luciana e outros. O lar digital. *Época*. São Paulo: Globo, n. 396, 24 jan. 2005.

MÓDULO 3

Os fluxos e as redes no espaço globalizado



PELA INTERNET

Criar meu *website*
Fazer minha *homepage*
Com quantos *gigabytes*
Se faz uma jangada
Um barco que veleje

Que veleje nesse infomar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve um oriki do meu velho orixá
Ao porto de um disquete de um
micro em Taipé

Um barco que veleje nesse infomar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve meu *e-mail* até Calcutá
Depois de um *hot-link*
Num *site* de Helsinque
Para abastecer

Eu quero entrar na rede
Promover um debate
Juntar via Internet
Um grupo de tietes de Connecticut

De Connecticut acessar
O chefe da Macmilícia de Milão
Um *hacker* mafioso acaba de soltar
Um vírus pra atacar programas no Japão

Eu quero entrar na rede pra contactar
Os lares do Nepal, os bares do Gabão [...].

GIL, Gilberto. *Quanta*. [CD]. Rio de Janeiro: *Warner Music Brasil*, 1997. faixa 11.

oriki: versos criados para reverenciar os orixás, divindades cultuadas pelos adeptos das religiões afro-brasileiras.

PARA COMEÇAR

A letra da música *Pela Internet* se refere a um dos mais eficientes e utilizados meios de comunicação de nossa época, a Internet, também chamada rede mundial de computadores.

1 Você já "navegou" pela Internet? Com qual finalidade? Resposta pessoal.

2 Na sua opinião, como a Internet passou a interferir na vida das pessoas? Cite exemplos que você já vivenciou.

Resposta pessoal. Os alunos podem citar desde o uso que eles fazem da Internet para troca de mensagens, realização de pesquisas, assim como para consultas e operações bancárias, compras realizadas ou permitidas pelo acesso à rede.

O espaço geográfico conectado por redes e fluxos

O processo de globalização vem ampliando de maneira significativa os fluxos, ou seja, a circulação de mercadorias, informações, capitais e pessoas no espaço geográfico mundial. Todos esses fluxos circulam pelo emaranhado de redes de transportes e de comunicações que envolvem o mundo inteiro.

Pelas redes de transportes, por exemplo, formadas por rodovias, ferrovias, hidrovias e aerovias, circulam principalmente mercadorias, produtos e pessoas. Pelas redes de comunicações, formadas por sistemas de satélites, linhas de telefonia, antenas parabólicas para transmissão de sons e imagens, fios e cabos conectados aos mais diversos aparelhos (televisão, rádio, fax, computador etc.), fluem as informações.

provedor de Internet: instituição ou empresa que fornece a conexão para o acesso do usuário à Internet.

Mesmo que os fluxos da globalização possam circular por todo o planeta, eles ocorrem com mais intensidade entre os lugares mais bem servidos pela infraestrutura de transportes e comunicações (estradas, portos, aeroportos, redes de transmissão, como linhas telefônicas, canais de televisão, **provedores de Internet** etc.).

Assim, os principais fluxos marítimos e aéreos que fazem a interconexão do espaço globalizado ocorrem, respectivamente, entre os maiores e mais movimentados portos e aeroportos do mundo, como aqueles que podemos observar nas imagens apresentadas a seguir.



Jeffrey Zaine Aloma/Other Images

▲ Vista do aeroporto Heathrow, em Londres, na Inglaterra, em 2008. Com mais de 400 mil pousos e decolagens ao ano, esse aeroporto é um dos mais movimentados da Europa e de todo o mundo.


Elian Alabi Lucci
Anselmo Lazaro Branco
Geografia
8
homem
&
espaço
MANUAL DO PROFESSOR
MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
CÓDIGO DA COLEÇÃO
27376COL05
COMPONENTE CURRICULAR
GEOGRAFIA
Editora Saraiva
Editora Saraiva

3 A globalização

PARA CONTEXTUALIZAR

Leia as informações do mapa e observe a fotografia.



Fontes: *Atlas da mundialização*. São Paulo: Saraiva, 2009. p. 62; Toyota: Toyota in the world 2010. Disponível em: <http://www.toyota-global.com/company/profile/overview/in_the_world/pdf/databook_en_2010.pdf>. Acesso em: 29 set. 2011.

1. Que ela tem locais de produção e de comercialização em vários países. Possui também centros de pesquisa em alguns países e sua sede fica no Japão. A empresa atua em diversos países do globo. Aparecem também as vendas e as exportações de veículos.



Canal de TV americano exibe as cotações das ações de empresas de internet, de programas de informática, de produção de equipamentos de alta tecnologia, entre outras cotações negociadas em bolsas de valores, além dos índices de algumas bolsas dos EUA (2010).

2. Mostram a cotação de ações de empresas nas bolsas e os índices de algumas bolsas. É possível relacionar o conteúdo da fotografia e da legenda com o título pensando no interesse em se saber a cotação das bolsas, num mundo em que as finanças estão globalizadas. Isso só é possível graças às possibilidades de fluxos de informações de modo instantâneo. A partir disso, podemos pensar em um mundo interligado. Alguns alunos podem se referir ao interesse de diversas pessoas (investidores) e de alguns setores da sociedade em acompanhar isso.

ATIVIDADES Atividade oral.

Converse com seus colegas e com seu professor.

1. Pelas informações do mapa, o que é possível perceber em relação à empresa Toyota?
2. Quais informações a fotografia e a legenda trazem? O que elas têm a ver com o título do capítulo?

A globalização

Atualmente, consumimos produtos provenientes de vários países. Também convivemos com fatos que ocorrem em todo o mundo. Notícias veiculadas pela televisão vêm da América do Norte, da África, da Ásia ou da Europa quase instantaneamente (em tempo real). Muitos dos problemas econômicos de outros países podem influenciar a economia do Brasil e até mesmo a nossa vida cotidiana.

A economia atual é globalizada porque as atividades produtivas, o consumo de mercadorias e serviços e, portanto, os fluxos de informações, capitais e mercadorias ocorrem em escala global. É essa interligação entre pessoas, empresas e países que, entre outros aspectos, caracteriza a globalização, processo que está também associado a uma intensa expansão da economia capitalista: de 1980 a 2010, o PIB mundial saltou de US$ 10 trilhões para cerca de US$ 60 trilhões.

Professor, comente que a transformação das economias socialistas em capitalistas, ocorrida na Europa Oriental e em outras regiões, também contribuiu para a expansão do mundo capitalista no contexto da globalização.

As bases tecnológicas da globalização foram criadas pela Terceira Revolução Industrial ou revolução técnico-científica, que, como visto no capítulo anterior, ampliou e modernizou a rede de telecomunicações, que conecta todo o planeta, possibilitando a transmissão de imagens e informações em tempo real para praticamente todos os lugares. O desenvolvimento de meios de transporte cada vez mais eficientes promoveu a circulação de mercadorias e pessoas em tempo recorde.



Controladores de tráfego aéreo no Aeroporto Internacional Charlotte Douglas, em Charlotte, EUA (2008).

- Responda: Qual é a relação entre os meios de transporte, como o mostrado na fotografia, e a revolução técnico-científica?

A revolução técnico-científica possibilitou a modernização e a maior eficiência dos meios de transporte.

As corporações multinacionais

A principal força da globalização são as empresas multinacionais. Elas controlam boa parte da produção, são responsáveis pela maior fatia do comércio internacional e, sobretudo, pelo desenvolvimento das novas tecnologias. A capacidade financeira dessas empresas é superior aos recursos de diversos países, e seus investimentos podem afetar favorável ou negativamente a economia e a sociedade de diferentes lugares do mundo.

Na fase atual da globalização, as multinacionais também ampliaram seus mercados com a negociação de produtos em praticamente todos os países; aumentaram o número de filiais em todo o planeta e compraram muitas empresas em vários países, principalmente nos subdesenvolvidos. Essas empresas assumiram papel de comando na economia mundial. Algumas delas têm forte poder de decisão sobre alguns aspectos das políticas econômicas dos países onde estão instaladas.



Anúncio de empresa transnacional que produz refrigerante na China (2011).

Mas, como se sabe, o destino de boa parte dos lucros transferidos pelas filiais, as grandes decisões sobre investimentos e os centros de pesquisas para desenvolvimento de tecnologia, por exemplo, permanecem concentrados nas sedes dessas empresas, ou seja, em seus países de origem. A maioria dessas sedes está situada nos países desenvolvidos.

PARA COMPREENDER Tabela

As 10 maiores empresas do mundo, por valor de mercado (2011)

Posição em 2011	Posição em 2010	Empresa	País sede	Setor	Valor de mercado (bilhões de dólares)
1	2	Exxon Mobil	EUA	Petróleo e gás	417
2	1	PetroChina	China	Petróleo e gás	326
3	5	Apple	EUA	Hardware e equipamento	321
4	4	Industrial & Commercial Bank of China	China	Banco	251
5	13	Petrobras	Brasil	Petróleo e gás	247
6	6	BHP Billiton	Austrália/ Reino Unido	Mineração	247
7	11	China Construction Bank	China	Banco	233
8	19	Royal Dutch Shell	Reino Unido	Petróleo e gás	228
9	25	Chevron	EUA	Petróleo e gás	216
10	3	Microsoft	EUA	Software e serviços de computadores	213

Fonte: *Financial Times*. Disponível em: <http://media.ft.com/cms/[illegible].pdf>. Acesso em: 21 set. 2011.

A variação de posição, entre um ano e outro, decorre da variação no preço das ações das empresas, que, por sua vez, depende de uma série de fatores, como aumento ou redução das vendas e do preço das matérias-primas, lançamento de novos produtos, investimentos etc. Crises financeiras também refletem no preço das ações das empresas, provocando desvalorização.

Resolva no caderno.

Escolha quatro setores de atuação das empresas — Petróleo e gás, *Hardware* e equipamento, banco etc. (veja uma das colunas) — e procure agrupar as empresas. Aquelas que não se encaixarem em nenhum desses quatro, insira na categoria "outros".

As empresas multinacionais estruturam **redes de produção e de distribuição de mercadorias, de circulação de informações, capitais, serviços e pessoas** ao redor do mundo. Para isso, utilizam infraestrutura técnica formada por cabos de fibra óptica, antenas, satélites artificiais, portos, aeroportos, rodovias, ferrovias.

No entanto, como visto anteriormente, toda a infraestrutura que torna possível esses fluxos está desigualmente distribuída no espaço geográfico. Enquanto nos países desenvolvidos a quantidade desses equipamentos é muito grande, nos países emergentes eles aparecem em menor intensidade que nos desenvolvidos e nos subdesenvolvidos estão distribuídos apenas em alguns poucos pontos estratégicos de determinados territórios. Na maior parte dos países do continente africano e em diversos países da Ásia e América Latina, essa infraestrutura é pouco existente ou muito mal-aparelhada.



Estudantes protestam contra o preço alto e o serviço ruim oferecido pelo sistema de transporte público em Bogotá, Colômbia (2012).



Boa infraestrutura de transporte público em Seattle, Washington, EUA (2009).

MAIS INFORMAÇÃO

Destino dos investimentos estrangeiros

Quando as empresas de um país aplicam recursos financeiros em outro, essas aplicações são chamadas **investimentos estrangeiros**. Eles são formados basicamente pelos investimentos financeiros (compra de ações de empresas ou de moedas — mercado de câmbio) e pelos investimentos na atividade produtiva (compra, instalação ou ampliação de empresas). Esses investimentos são feitos, também, em títulos públicos, emitidos pelo governo para captar os recursos destinados a financiar atividades como educação, saúde e infraestrutura, ou simplesmente saldar dívidas.

Veja na tabela ao lado os países que mais receberam investimentos estrangeiros em 2010.

País	Em bilhões de dólares
Estados Unidos	236, 2
China	185,0
Luxemburgo	153,8
Hong Kong*	68,9
Bélgica	62,8
Brasil	48,4
Reino Unido	46,9
Alemanha	46,1
Rússia	42,8
Cingapura	38,6
França	33,6

* Região Administrativa Especial da China.

Fonte dos dados da tabela: *World Bank*. Disponível em: <http://datos.bancomundial.org/indicador/BX.KLT.DINV.CD.WD?order=wbapi_data_value_2010+wbapi_data_value+wbapi_data_value-last&sort=desc>. Acesso em: 3 out. 2011.

Globalização e concentração de capital

Outra tendência provocada pela globalização é a realização de fusões (uniões) e aquisições (compras) entre grandes empresas. O objetivo das empresas com esse processo é disputar mercados com maior poder de competitividade e aumentar a capacidade de investir em novas tecnologias. O processo de fusão sempre fez parte da evolução do sistema capitalista, mas, a partir da década de 1980 e principalmente da década de 1990, ele se acelerou. Observe na tabela as grandes quantias envolvidas nessas transações.

Algumas das maiores fusões e aquisições do mundo (final do séc. XX e início do séc. XXI)

Empresa	Setor	Valor (em bilhões de US$)
1. Warner-Lambert Co./ Pfizer	Químico-farmacêutico	90
2. Exxon Corp/ Mobil Corp	Petrolífero	82,8
3. Time Warner/ AOL	Comunicação/entretenimento	82
4. SmithKline Beecham/ Glaxo Wellcome	Químico-farmacêutico	78,4
5. Citicorp/ Travelers	Financeiro	72,6
6. Ameritech/ SBC	Telecomunicações	72,4
7. GTE Corp/ Bell Atlantic	Telecomunicações	70,9
8. Tele-Comm/ AT&T	Telecomunicações	70
9. Aventis S.A./ Sanofi Synthelabo	Biotecnologia/farmacêutico	65
10. BankAmerica/ NationsBank	Financeiro	61,6
11. Comcast/ AT&T Broadband	Telecomunicações	57,7
12. Procter&Gamble Co./ Gillete Co.	Varejo/bens de consumo	57
13. Amoco/ BP	Petrolífero	54
14. Qwest Communications/ U.S. West	Telecomunicações	51,3
15. Nextel Communications Inc./ Sprint Corp.	Telecomunicações	46
16. AT&T Wireless Service Inc./ Cingular Wireless	Telecomunicações	41
17. ConocoPhillips Co./ Burlington Resources	Energia/petróleo/mineração/ gás	35
18. Telefonia AS/ O2 plc	Telecomunicações	31
19. UFJ Holdings Inc./ Mitsubishi Tokyo Financial Group Inc.	Financeiro	29
20. Telecom Itália Mobile SPA/ Telecom Itália SPA	Telecomunicações	27

Fonte: Reuters/Securities Data Corp. *Folha de S.Paulo*. 2 dez. 1998 e 8 fev. 2000./Dealogic. 2003/Global Finance, 2003./Análises Dealmaker 2004 e 2005.

Globalização e neoliberalismo

Neoliberalismo é o conjunto de ideias econômicas surgidas na década de 1980, nos Estados Unidos e Reino Unido. De acordo com a concepção neoliberal, o livre-comércio e a livre circulação de capitais são fundamentais ao desenvolvimento econômico e estimulam o desenvolvimento tecnológico. Com essa finalidade, o Estado deve promover a abertura do mercado e deixá-lo agir livremente.

A aplicação das ideias neoliberais delegou ao mercado e, portanto, às empresas privadas parte das atribuições do Estado. Dessa forma, promoveu-se a privatização de inúmeras empresas estatais, como as de produção e distribuição de energia, as indústrias de base, as de construção de estradas e até de parte de setores de fundamental interesse público, como saúde e educação. A ideia central é: o livre funcionamento do mercado, sem controles inibidores do Estado, é o caminho para elevar a produção, que gera emprego e renda. Dessa forma, o mercado por si mesmo teria efeitos sociais positivos.

Essa concepção favoreceu principalmente as grandes empresas multinacionais que, com melhor capacidade produtiva, conseguem competir com eficiência, sobretudo quando disputam o mercado nos países subdesenvolvidos. Boa parte das empresas privatizadas dos países subdesenvolvidos foi comprada por elas ou por investidores estrangeiros.

O aumento das fusões entre as empresas, a expansão das multinacionais e o aumento nos fluxos de investimentos e de mercadorias entre países (características da globalização econômica) fazem parte de um contexto que tomou forma com a aplicação das ideias neoliberais.

A redução dos impostos de importação barateou o preço das mercadorias importadas. No entanto, muitas indústrias nacionais, que não tinham condições de fixar os preços de suas mercadorias num valor mais baixo do que os das estrangeiras, tiveram queda acentuada em suas vendas. A queda na produção gerou desemprego e falência de muitas empresas nacionais, agravando os problemas sociais nos países subdesenvolvidos.

Essa é uma das razões pelas quais a globalização neoliberal acentua as desigualdades sociais no interior dos países, gerando, em muitos casos, o desemprego e aumentando a pobreza.

A crise financeira e econômica do final da década de 2000 e início da década de 2010

No início do segundo semestre de 2008, o mundo capitalista conheceu uma séria crise financeira e econômica, iniciada, na verdade, nos Estados Unidos, em 2007. Os analistas econômicos, tanto do setor privado como de governos de países e de organismos internacionais, classificavam a crise como a de maior gravidade desde a intensificação do processo de globalização, a partir dos anos 1970.

As causas da crise estão relacionadas à expressiva expansão dos financiamentos para compra de imóveis nos Estados Unidos, em razão dos juros baixos, que o governo norte-americano vinha mantendo desde o início deste século. Isso gerou uma forte valorização no preço dos imóveis que inclusive estimulava as pessoas que haviam contraído financiamentos (mutuários) a refinanciar suas dívidas.

Nesse refinanciamento, os mutuários recebiam uma diferença em dinheiro, em geral utilizada para consumo. Diversos bancos criaram títulos que tinham como garantia os financiamentos para compra de imóveis (títulos garantidos com hipotecas). Investidores que adquiriram esses títulos emitiram, por sua vez, outros títulos que tinham como garantia os títulos anteriores. Isso se espalhou por todo o sistema financeiro.

No entanto, com o consumo em alta, a inflação aumentou. Para frear esse aumento, o governo dos Estados Unidos elevou os juros, o que afetou também as mensalidades dos financiamentos dos imóveis, que ficaram mais caros. Como consequência, centenas de milhares de proprietários deixaram de pagar os financiamentos, os preços dos imóveis despencaram e os títulos se desvalorizaram acentuadamente.

Em decorrência, houve quebra de bancos, de empresas e cortes de empregos. Os bancos reduziram a oferta de crédito e muitos consumidores ficaram sem recursos para comprar mercadorias. As demissões reduziram o mercado de consumo, e os que não perderam o emprego preferiram poupar. Com isso, a crise se intensificou. Os governos dos países desenvolvidos, sobretudo dos EUA, injetaram recursos financeiros em empresas e bancos, procurando amenizar os efeitos da crise, também na tentativa de evitar uma quebradeira geral no sistema financeiro.

Em razão da forte integração entre as economias nacionais no contexto da globalização, e pelo fato de a crise ter surgido nos Estados Unidos e ter afetado sua economia — país que gera 1/5 do PIB mundial —, seus efeitos rapidamente foram sentidos em todo o mundo, em maior ou menor grau.

Em 2010/2011, há uma intensificação da crise e dos seus desdobramentos, com a ampliação significativa das dívidas públicas dos países desenvolvidos, como dos EUA, da Grécia, da Irlanda, da Espanha, de Portugal e da Itália, sendo o caso mais grave o da Grécia, país que em 2011 enfrentava crescimento econômico negativo e dívida do Estado correspondendo a 150% do valor do PIB.

Com a intensificação dos problemas relacionados à crise, como redução do consumo e consequentemente da produção, o aumento do desemprego, os investimentos privados foram reduzidos e os bancos passaram a segurar os empréstimos. Os governos, por sua vez, tiveram uma diminuição na arrecadação de impostos.

Professor, a análise da crise na Europa será feita no livro do 9º ano.



Em Atenas (2010), cerca de 3 mil pessoas protestam contra as medidas austeras do governo grego para reduzir a dívida pública: os cortes no orçamento atingiram setores sociais.

Com a crise, a desregulamentação do sistema financeiro internacional, um dos pilares do neoliberalismo, passou a ser fortemente questionada. A necessidade de fiscalização, de controle mais rigoroso da economia por parte do Estado no sistema financeiro nacional e também no internacional, inibindo a especulação, passou a ser apontada como algo extremamente necessário por diversos economistas respeitados. Além disso, a necessidade de se direcionar mais investimentos públicos em saúde, educação, infraestrutura e saneamento básico, entre outros setores, passaram a ser novamente discutidos. Tudo isso, com o objetivo de definir quais as melhores políticas econômicas a serem adotadas dentro do sistema capitalista.

Com efeito, é cada vez maior o volume de dinheiro aplicado nos bancos e nas bolsas de valores, sendo que boa parte dele circula em busca de melhores ganhos e lucros. Se em 1980, o PIB mundial era de US$ 10 trilhões, o volume aplicado no mercado financeiro e de ações era de US$ 12 trilhões. Já em 2010, enquanto o PIB era de aproximadamente US$ 60 trilhões, os investimentos em títulos e ações atingiam US$ 600 trilhões. Com isso, as possibilidades de intensa especulação, de riscos e de crises são maiores.

A Organização Mundial do Comércio

Nesse novo contexto de maior integração comercial entre os países, a Organização Mundial do Comércio (OMC) passou a ter papel relevante na regulamentação das novas regras econômicas mundiais. Ela estabelece as normas para o comércio internacional de 153 países que a integram. Na OMC, cada país tem direito a um voto e nenhum dos membros tem poder de veto. Em dezembro de 2011, a 8ª conferência ministerial da OMC havia aprovado o protocolo de adesão da Rússia, única grande economia mundial que não pertencia à organização. Para a adesão definitiva, faltava uma aprovação oficial do parlamento Russo, que deveria ocorrer em 2012.

De qualquer forma, a direção dos grandes investimentos e as oscilações da economia mundial continuaram dependentes das determinações que partem do grupo dos sete países mais ricos do mundo, formado por: Estados Unidos, Japão, Alemanha, França, Itália, Reino Unido e Canadá, com destaque para os três primeiros. Muitos estudos sobre o poder mundial faziam referência a esses países utilizando a expressão Tríade. Como visto anteriormente, com a ascensão da China a grande potência, uma nova e importante fonte de poder mundial passa a existir, sem contar o refortalecimento do poder da própria Rússia, neste início de século XXI.

O Japão e a Alemanha apresentaram um ritmo de crescimento econômico extraordinário após a Segunda Guerra Mundial. Atualmente, esses dois países superam os Estados Unidos em tecnologia e produção/exportação, na microeletrônica e na robótica (Japão) e na indústria química (Alemanha).

Conferência Ministerial da OMC, em Genebra, Suíça, (2011).





Reunião de líderes do G-8 em Deauville, França (2011).

G-8

Os sete países mais ricos do mundo formavam um grupo denominado G-7. Desde meados dos anos 1990, quando a Rússia foi convidada a participar das reuniões desse grupo em razão de sua importância político-militar no contexto internacional, o grupo passou a ser chamado de G-8. A partir de meados de 2002, a Rússia passou de observadora a membro pleno do grupo, oficializando-se assim a transformação do G-7 em G-8.

Os blocos econômicos regionais

Outra tendência importante verificada na fase atual do sistema capitalista é a formação dos blocos econômicos regionais. Nesses blocos, os países buscam, em geral, maior integração econômica negociando maior liberdade comercial entre os associados. São exemplos de blocos econômicos regionais: a União Europeia, o Mercosul, o Nafta e outros. Cada um deles tem suas particularidades e formas de integração, com o objetivo de se inserir no mundo globalizado de forma mais competitiva.

A globalização e a intensificação das disputas no mercado mundial, entre empresas e países, impulsionaram a formação dessas alianças de integração econômica regional.

Os primeiros blocos surgiram na Europa logo após a Segunda Guerra Mundial, com a formação da Comunidade Econômica Europeia (CEE), transformada, em 1993, em União Europeia (UE).

Dessa forma, a liberalização comercial pode ocorrer tanto em âmbito mundial, por intermédio da OMC, como em âmbito regional, com os acordos comerciais definidos em cada bloco econômico ao qual o país pertence. Cerca de 60% a 70% do comércio mundial ocorre dentro dos acordos de livre-comércio ou de outras formas de integração comercial (outros tipos de blocos comerciais).

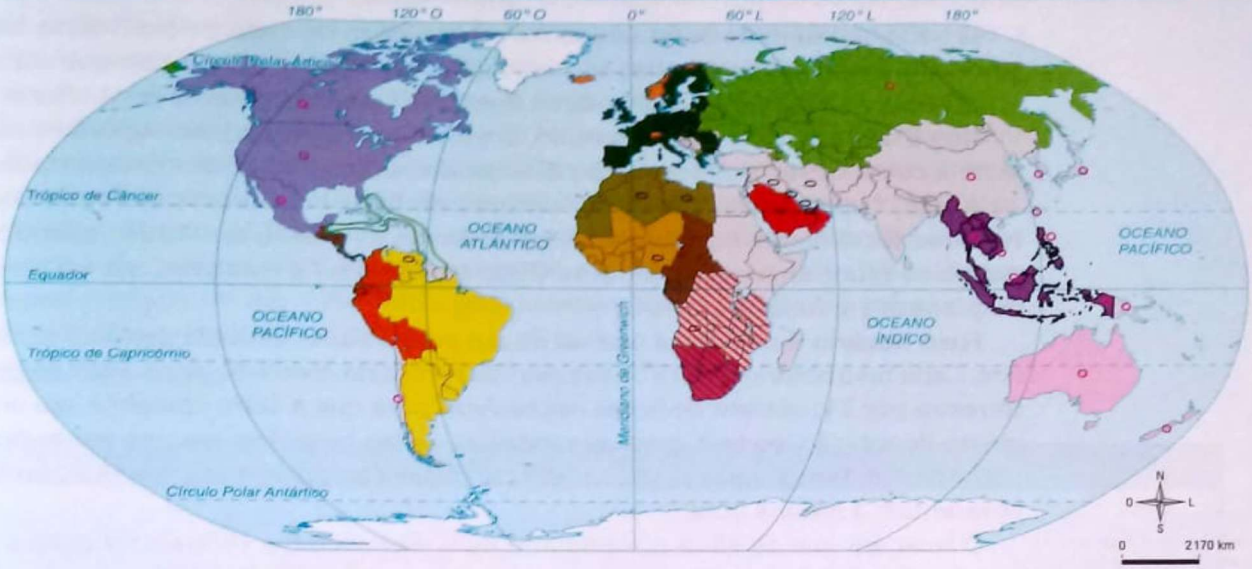
As modalidades de blocos econômicos existentes nas diversas regiões do mundo são:

- Zona ou acordo de livre-comércio — pressupõe acordos comerciais que visam exclusivamente à redução ou eliminação de tarifas aduaneiras (impostos de importação) entre os países-membros do bloco. Exemplo: Nafta.
- União aduaneira — além de reduzir ou eliminar as tarifas aduaneiras entre os países do bloco, estabelece as mesmas tarifas de exportação e importação para o comércio com países fora do bloco, com a implantação da TEC (Tarifa Externa Comum). É o caso, atualmente, do Mercosul.
- Mercado comum — visa à livre circulação de pessoas, mercadorias, capitais e serviços. O único bloco que atingiu essa etapa é a União Europeia, que também constituiu uma união econômica e monetária com a adoção de uma moeda única. Até o final de 2011, o euro havia sido adotado por 17 países do bloco.

Professor, o Mercosul é uma união aduaneira incompleta.

Nesse momento, fazemos uma apresentação geral dos blocos econômicos regionais no mundo, de modo que o aluno perceba sua formação como mais uma tendência da atual fase do capitalismo. Alguns blocos econômicos serão retomados e aprofundados, em suas especificidades, ao trabalharmos cada um dos continentes neste e no volume do 9º ano.

Os blocos econômicos regionais no mundo (final de 2011)



- Nafta – Associação de Livre Comércio da América do Norte
- Mercosul – Mercado Comum do Cone Sul*
- MCCA – Mercado Comum Centro-Americano
- Comunidade Andina das Nações
- CCG – Conselho de Cooperação do Golfo
- UE – União Europeia
- EFTA – Associação Europeia de Livre Comércio
- CEI – Comunidade dos Estados Independentes**
- Asean – Associação dos Países do Sudeste Asiático
- Cemac – Comunidade Econômica e Monetária da África Central
- UMA – União dos Países do Maghreb
- Ecowas – Comunidade Econômica do Oeste Africano
- SADC – Comunidade de Desenvolvimento da África Austral
- Sacu – União Aduaneira da África Austral
- Anzcerta – Acordo de Relações Comerciais Austrália-Nova Zelândia
- Apec – Cooperação Econômica Ásia-Pacífico
- Caricom – Comunidade do Caribe
- Opep – Organização dos Países Exportadores de Petróleo

* Venezuela em processo de adesão.
** O Turcomenistão é membro associado da CEI desde 2005.

Fonte: ISOLA, Leda; CALDINI, Vera. *Atlas geográfico Saraiva*. São Paulo: Saraiva, 2009. p. 183. Atualizado pelos autores.

Os movimentos contra a globalização neoliberal

A nova organização do sistema econômico internacional, apoiada no neoliberalismo, também gerou formas de resistência. Vários movimentos da sociedade passaram a se posicionar contra essa nova realidade da economia internacional e a denunciar os problemas dela decorrentes.

Em geral, esses movimentos estão ligados a ONGs (Organizações Não Governamentais). Essas manifestações vêm mostrando a necessidade de reestruturar as políticas de organismos internacionais, que contribuem para acentuar as desigualdades entre os países ricos e pobres.

É interessante notar que esses movimentos, e as ONGs, são estruturados por pessoas de diferentes países, formando redes internacionais. Eles se articulam com o apoio de recursos tecnológicos, que são, por sua vez, marca do processo de globalização, como a internet. Sem a rede mundial de computadores seria difícil mobilizar tantas pessoas, difundir ideias para diferentes lugares do mundo e organizar protestos e manifestações contrários à globalização.

Os fusos horários e a globalização

Já na segunda metade do século XIX, a evolução do meio de transporte ferroviário e o desenvolvimento das comunicações (telégrafo) permitiram que cidades localizadas a milhares de quilômetros tivessem contato de forma mais rápida.

Nos Estados Unidos, por exemplo, o trem que cruzava o país, ligando a costa leste à costa oeste, enfrentava problemas em relação ao horário nas paradas.

Assim, fazia-se necessário um sistema de horário padronizado entre as diferentes localidades do planeta. Esse sistema foi criado em 1884, quando 25 países se reuniram em Washington (Estados Unidos) e estabeleceram a divisão do planeta em fusos horários.

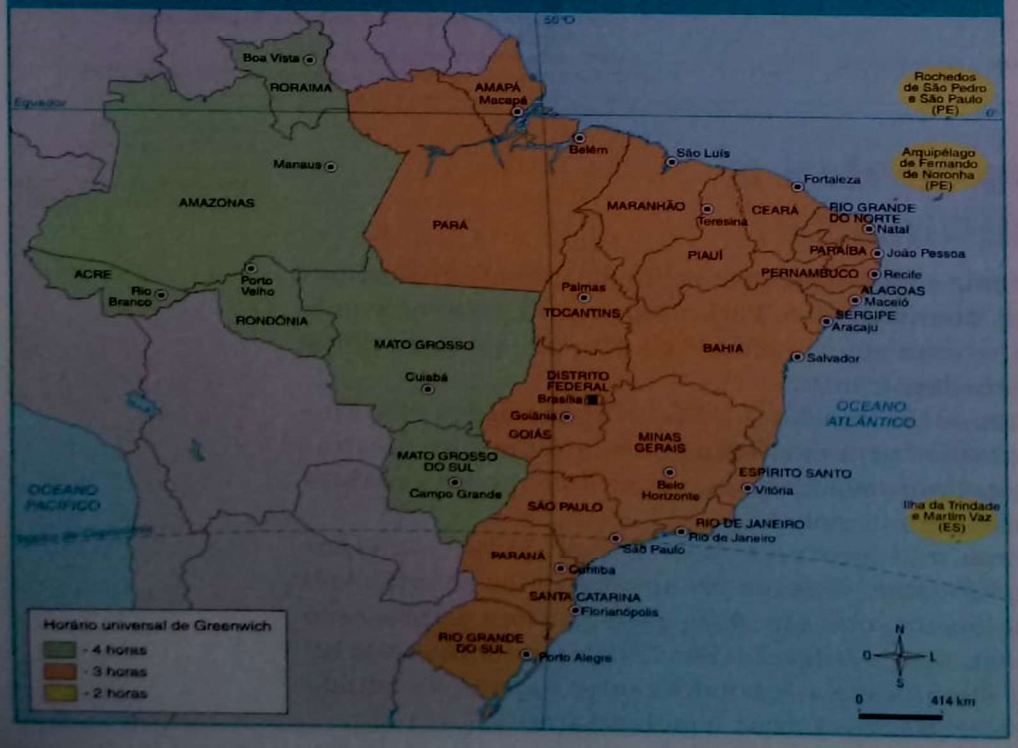
Fuso horário é uma faixa que vai de um polo a outro, limitada por dois meridianos. Cada fuso horário tem 15°. Essa medida foi obtida dividindo-se os 360° do globo terrestre por 24, número de horas necessárias para que a Terra complete seu movimento de rotação, ou seja, para que todas as partes terrestres passem por todas as horas do dia. Dessa maneira, todas as localidades compreendidas num mesmo fuso apresentam a mesma hora.

Comente com os alunos que, no Brasil, assim como em outros países, anualmente se adota o horário de verão em alguns estados (RS, SC, PR, SP, RJ, ES, MG, GO, MT e MS, além do DF), com o objetivo de reduzir o consumo de energia elétrica.

O fuso em que se situa o meridiano de Greenwich é o referencial para a determinação das horas. Como a Terra gira de oeste para leste, os fusos a leste de Greenwich têm as horas adiantadas (+) em relação à hora do fuso inicial. Os fusos situados a oeste têm as horas atrasadas (–) em relação à hora de Greenwich.

Por possuir uma grande extensão territorial no sentido leste-oeste, o território brasileiro é cortado por três fusos horários. Em razão disso, no país vigoram três horários diferentes. A hora oficial do país, porém, é a de Brasília. Observe o mapa.

Brasil – Fusos horários



- Responda: se em Brasília for meio-dia, que horas serão:
  a) no estado onde você mora? Resposta pessoal.
  b) em Fernando de Noronha? 13 horas.

Fonte: *Atlas geográfico escolar*: ensino fundamental do 6º ao 9º ano. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. p. 8.

No decorrer do século XX, tanto os transportes como as comunicações desenvolveram-se muito rápido. Atualmente, o contato telefônico ou via computadores conectados à internet é instantâneo mesmo entre localidades situadas a muitos milhares de quilômetros de distância. As redes de televisão transmitem ao vivo fatos ocorridos em qualquer lugar do planeta.

Em vista dessa interligação, o sistema de fusos horários é de extrema importância. Para grandes empresas e instituições financeiras, por exemplo, conhecer esse sistema facilita o contato diário entre seus escritórios instalados em diversos países.

Nesse contexto de intensos fluxos financeiros em âmbito internacional, as diferenças de fuso horário tornam possível a realização de investimentos em qualquer período do dia e da noite, pois sempre há uma bolsa de valores operando em algum lugar do mundo.

Observe o mapa.

Planisfério – Fusos horários



Fonte: ISOLA, Leda; CALDINI, Vera. *Atlas geográfico Saraiva*. São Paulo: Saraiva, 2009. p. 187.

- Um investidor de Minas Gerais costuma consultar as bolsas de valores do mundo às 15 horas. Considere as bolsas de Londres, Nova York e Buenos Aires e indique o horário em que ele se conecta a cada uma delas. (Desconsidere horários de verão e inverno.)

Londres – 18h / Nova York – 13h / Buenos Aires – 15h.

O horário de determinadas áreas de alguns países não corresponde ao horário do fuso em que elas estão localizadas. Com o objetivo de facilitar as comunicações, existe um limite prático entre os fusos horários. A Argentina, por exemplo, apesar de possuir a maior parte de seu território situada na faixa do fuso –4 horas, pelo limite prático tem seu horário atrasado três horas em relação a Greenwich.

Atividades

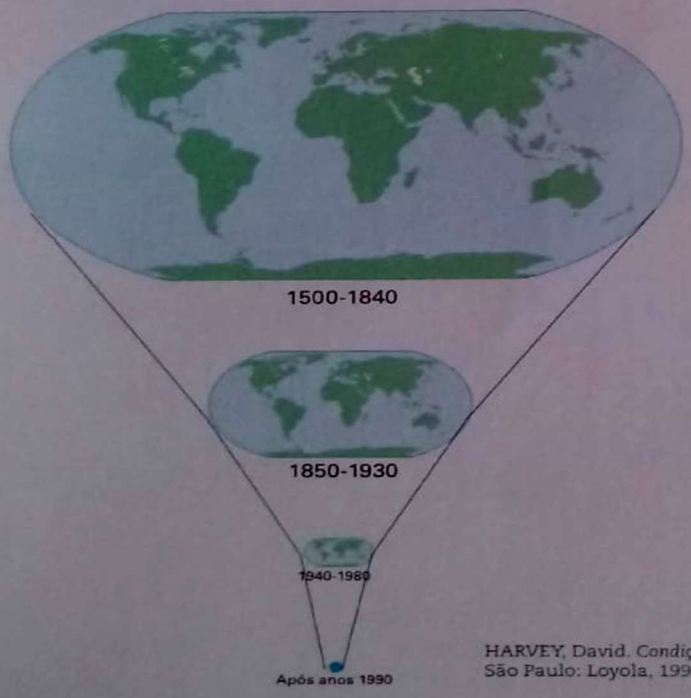
FAÇA NO CADERNO • NÃO ESCREVA NO LIVRO •

RETOME SEUS CONHECIMENTOS

1. Quais são as principais características da globalização?
2. Qual é a importância das empresas multinacionais na atual fase da economia mundial?
3. O neoliberalismo é a política econômica dominante no mundo atual, que propõe a eliminação dos obstáculos à globalização da economia.
   a) Quais são as principais características da concepção neoliberal?
   b) Cite duas consequências da implantação das ideias neoliberais.
4. Para funcionários de empresas mundiais, e também para investidores que aplicam em bolsas de valores e compram títulos de vários países, qual a importância de conhecer o sistema de fusos horários?

EXERCITE SEUS CONHECIMENTOS

5. Com um colega, observem a imagem a seguir e, depois, façam as atividades propostas.



HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992. p. 220.

a) Em sua opinião, o que o autor da imagem quis mostrar?

b) Aponte e explique os fatores relacionados ao desenvolvimento de algumas atividades econômicas ou setores da economia que possibilitaram ao autor da imagem representar o planeta Terra dessa forma.

c) Você acha que no seu dia a dia é possível vivenciar situações nas quais o mundo "está encolhido"?

6. Em grupos, selecionem textos de jornais e revistas, ou mesmo imagens, que apresentem algumas características marcantes da sociedade capitalista dos dias atuais. Marquem nos textos escolhidos os trechos que fazem referência a essas características e escrevam um pequeno comentário. Comentem também as imagens. Depois, apresentem o resultado do trabalho para os seus colegas e para o professor. Por último, montem um mural para a exposição do resultado do trabalho dos diferentes grupos.

DIVERSIFICANDO

LIVROS



A volta ao mundo em oitenta dias

Júlio Verne.
São Paulo: FTD, 2007.

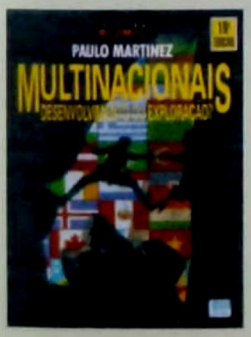
Com um enredo rico em aventuras, o autor apresenta a sua visão dos costumes de várias regiões do mundo. O centro do desfecho da trama principal é a questão do fuso horário.



Indústria: um só mundo

Pierre Beckouche.
São Paulo: Ática, 1998.

Aborda a fase atual de industrialização mundial e as estratégias de localização industrial nas diversas regiões do planeta.



Multinacionais: desenvolvimento ou exploração?

Pablo Martinez.
São Paulo: Moderna, 1995.

Aborda as políticas de relacionamento das empresas multinacionais nos países onde possuem sede e atuam.

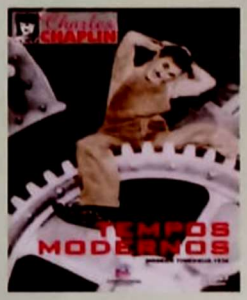


Globalização a olho nu

Clóvis Brigagão e Gilberto Rodrigues.
São Paulo: Moderna, 2004.

Retrata de uma forma ampla e aprofundada temas relacionados à globalização, como seus antecedentes históricos e raízes econômicas, abordando também a questão de direitos humanos em um mundo conectado.

FILMES



Tempos modernos

Direção: Charles Chaplin.
Inglaterra, 1936.

Longa-metragem de Charles Chaplin que aborda a vida de um operário, vítima do intenso ritmo de trabalho braçal na fábrica onde posteriormente será demitido e viverá cômicas aventuras e confusões.



Globalização, violência ou diálogo?

Direção: Patrice Barrat.
França, 2002.

Retrata uma profunda reflexão sobre o início do século XXI, relatando com isso confrontos que se enquadram no âmbito da globalização.

COLEÇÃO PERSPECTIVA

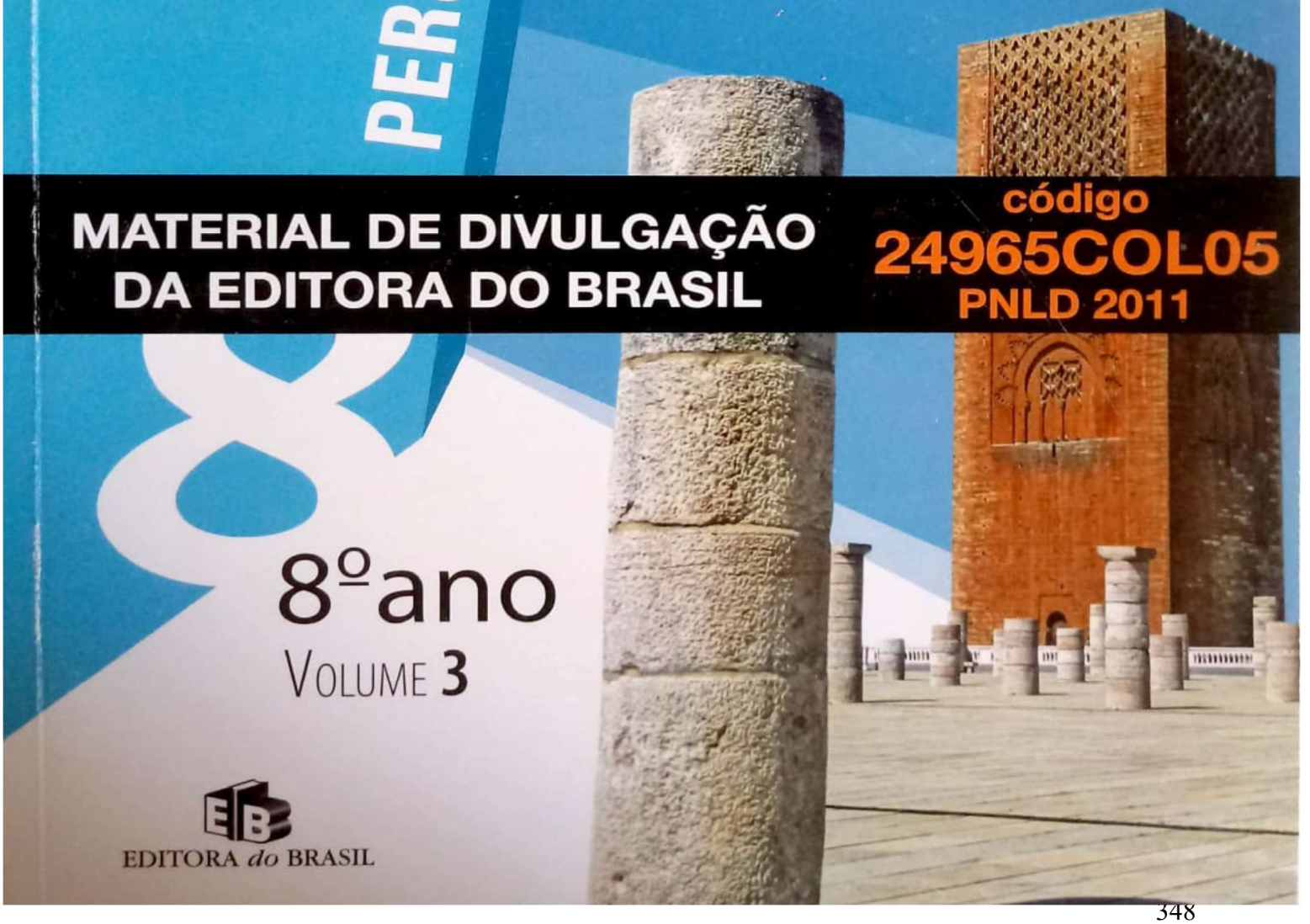
GEOGRAFIA

Manual do PROFESSOR
VENDA PROIBIDA

PERSPECTIVA

Geografia

CLÁUDIA MAGALHÃES
LILIAN SOURIENT
MARCOS GONÇALVES
ROSENI RUDEK



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

código
24965COL05
PNLD 2011

8º ano

VOLUME 3

EDITORA do BRASIL



Gavin Hellier/Corbis/LatinStock

Capítulo 5

Globalização

Everton de Freitas/Folha Imagem



Fernando Favoretto



Fernando Favoretto



Fernando Favoretto

Olhando ao seu redor, você verá que boa parte dos produtos e das mercadorias utilizados no dia-a-dia pelas pessoas não foi fabricada no Brasil. Assim como no nosso país circulam, por exemplo, carros fabricados em outros países, outros países utilizam aviões fabricados no Brasil, assim como se alimentam de produtos cultivados aqui.

Originalmente, a globalização surge com as Grandes Navegações do século XV, pela necessidade das potências europeias da época terem acesso à matéria-prima e, ao mesmo tempo, possuírem mercados consumidores em suas colônias.

A sofisticação nos meios de transporte, por meio dos quais as distâncias passaram a ser vencidas com mais eficiência, foi importante no processo de globalização. Além disso, a tecnologia e a eficiência dos meios de comunicação também fazem parte deste processo.

Vivemos numa sociedade em que as pessoas se alimentam, vestem-se, moram, são transportadas, comunicam-se e se divertem utilizando mercadorias produzidas por diferentes países. É o mundo globalizado.



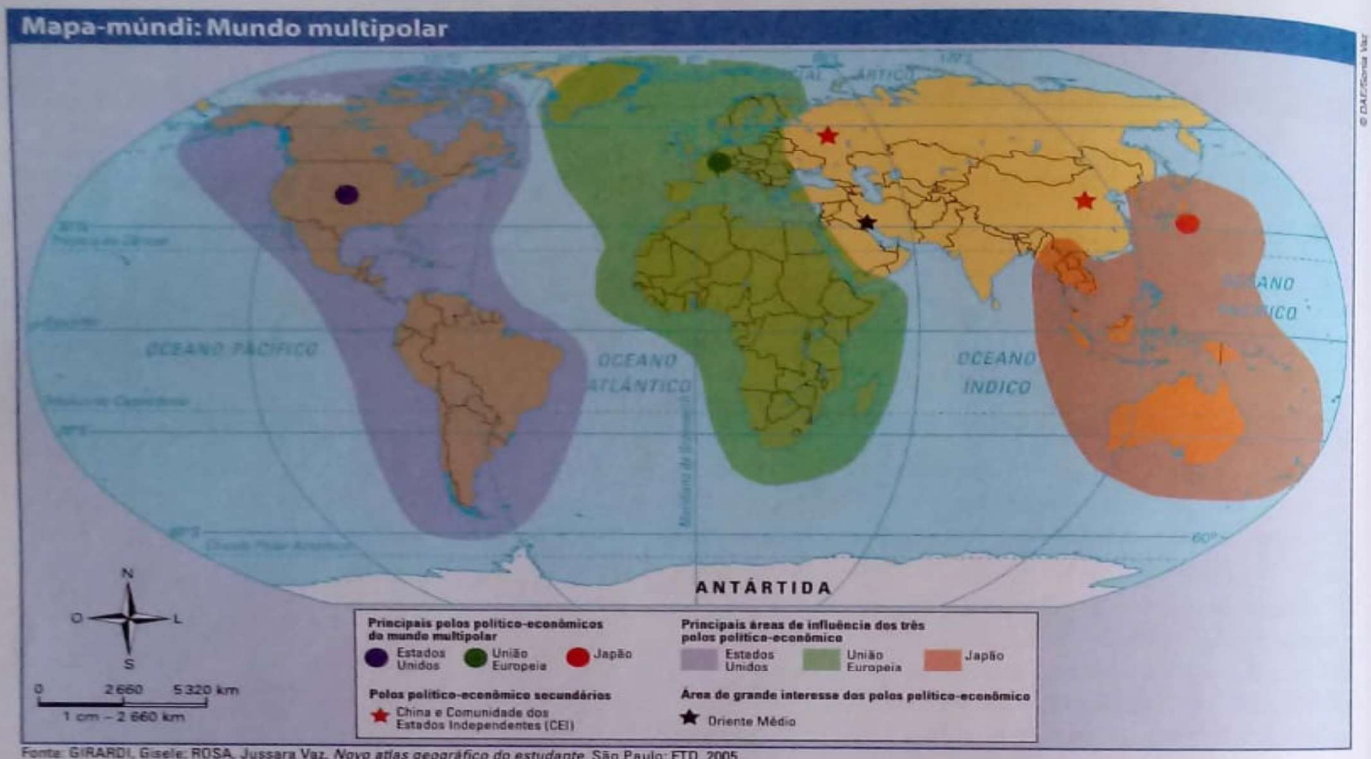
RS2 Comunicação

A globalização propiciou a universalização de culturas e a padronização de consumo, buscando-se a intensificação do intercâmbio e da cooperação entre as nações.

Nesse mundo globalizado, aquela bipolaridade típica do período de Guerra Fria – em que as potências se preocupavam, sobretudo, com o poderio militar – perde sentido. A preocupação agora é com as finanças, com os mercados, com a economia. Encontramos nos dias de hoje um amplo processo de integração de economias e de interdependência entre países.

No início da década de 1990, três forças ganharam destaque no cenário mundial: os Estados Unidos (já uma potência do mundo bipolar), a União Europeia e o Japão.

Mapa-múndi: Mundo multipolar



Fonte: GIRARDI, Gisele; ROSA, Jussara Vaz. *Novo atlas geográfico do estudante*. São Paulo: FTD, 2005.

Com o fim do mundo bipolar da Guerra Fria, surgiu o **mundo multipolar**, com ênfase na força de alguns polos de destaque na economia mundial.

Notadamente, ao longo da década de 1990 e nos primeiros anos do século XXI, a China passou a ocupar um espaço privilegiado no mundo multipolar em razão do seu crescimento econômico. O desenvolvimento industrial e econômico do país colocou-o ao lado dos emergentes polos de poder.

No mundo multipolar, o poder é medido pela capacidade financeira – disponibilidade de capitais, avanço tecnológico, qualificação da mão-de-obra, nível de produtividade e índices de competitividade.

Assim, diferentemente do período da Guerra Fria, em que o confronto de poder possuía cunho político-ideológico e militar, na nova ordem mundial, o que rege é o poder econômico, comercial e tecnológico.

Dicionário geográfico

Mundo multipolar: tendência do mundo pós-Guerra Fria, no qual despontam vários polos de poder e influência econômica.

A integração dos países em blocos econômicos

Nas últimas décadas, instaurou-se um novo arranjo geopolítico e econômico no plano internacional, no qual o poder econômico se sobrepõe ao poder militar, e a globalização permite a formação de blocos econômicos. No entanto, essa nova ordem não pode ser confundida com um mundo estável em que prevalece a ordem.

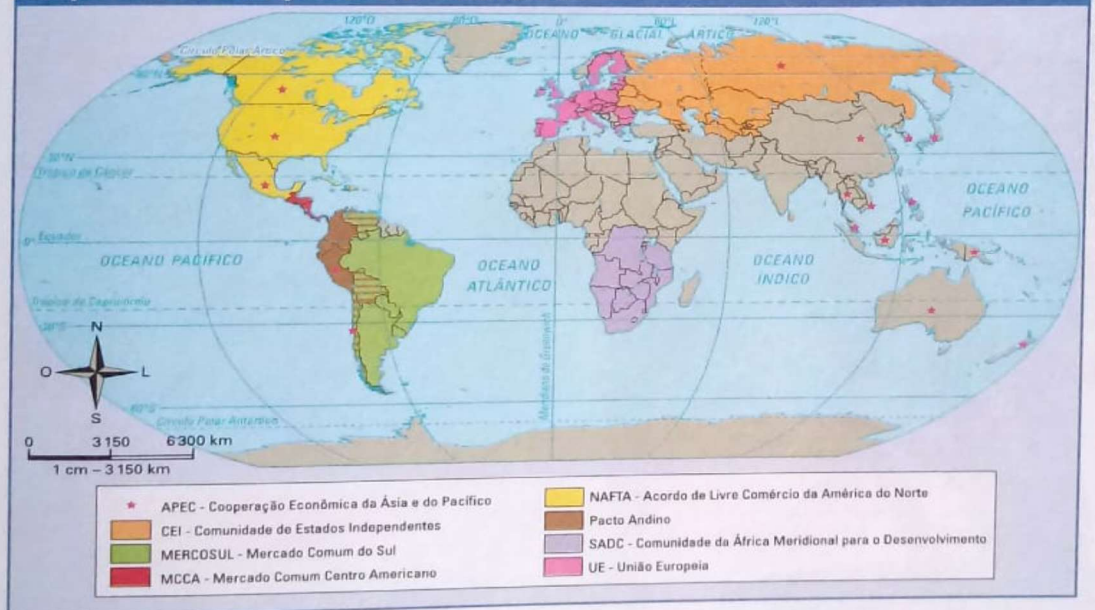
Muitos países optaram por se juntar com o objetivo de fortalecer suas economias formando blocos econômicos. A ideia principal é a redução e até mesmo a eliminação das tarifas alfandegárias, para que haja uma maior integração comercial, permitindo a circulação mais rápida das mercadorias entre os países envolvidos. Mas o que são essas tarifas alfandegárias?

Nas relações econômicas, para poderem obter a permissão de venda, os países pagam taxas para os países aos quais pretendem vender. Essa é uma prática comum nas transações comerciais.

Os países envolvidos em blocos econômicos reduzem e até eliminam essas taxas, a fim de que a compra e a venda sejam simplificadas e ocorram com mais frequência.

No processo de globalização da economia, vários blocos foram se formando. Observe no mapa os principais blocos e organizações econômicas.

Mapa-múndi: Principais blocos econômicos



© DAE/Sonia Vaz

Fonte: *Atlas geográfico escolar*. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

Embora a divisão do mundo em blocos econômicos tenha sua importância, temos que ter clareza de que muitos países estão excluídos dessa realidade, visto que não participam ativamente de qualquer um dos blocos.

Analisando o mapa, podemos verificar que a proximidade territorial dos países é um fator importante para a formação do bloco, embora não seja uma regra. Os Estados Unidos, por exemplo, formam o Nafta (Acordo de Livre Comércio da América do Norte) com os vizinhos México e Canadá, mas é integrante também da Apec (Associação de Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico), na qual muitos países-membros estão distantes de seu território.

Os fluxos da globalização

O mundo globalizado caracteriza-se pela presença dos fluxos de capitais, pessoas, mercadorias e informações.

- Fluxos de capitais: representados pelos investimentos estrangeiros ou externos em diferentes países.
- Fluxos de mercadorias: representado pelo comércio internacional de mercadorias e a expansão e mundialização do consumo.
- Fluxos de pessoas: turistas, migrantes e refugiados (pessoas forçadas a deixar seu país por razões políticas, ecológicas, econômicas ou culturais) são exemplos de deslocamento de pessoas por via aérea, terrestre ou marítima.
- Fluxos de informações: rede de informações, marcadas pela transmissão de informações, acontecimentos e conhecimentos.

Diversificando linguagens



RBZ Comunicação



RBZ Comunicação

As imagens acima são charges sobre a globalização. Charge é uma palavra originária da língua francesa e se refere a uma acusação, cobrança, denúncia. As charges publicadas diariamente nos jornais muitas vezes ironizam uma situação política ou social, sensibilizando as pessoas a esse respeito.

Discuta com seus colegas que elementos significativos da globalização estão destacados. Depois, crie uma charge sobre este tema.

Professor: os alunos deverão fazer referência à mundialização do consumo e à interferência cultural. A charge é uma forma de linguagem importante e criativa, que pode ser muito utilizada ao processo educacional, principalmente na área de Geografia.

As contradições da globalização

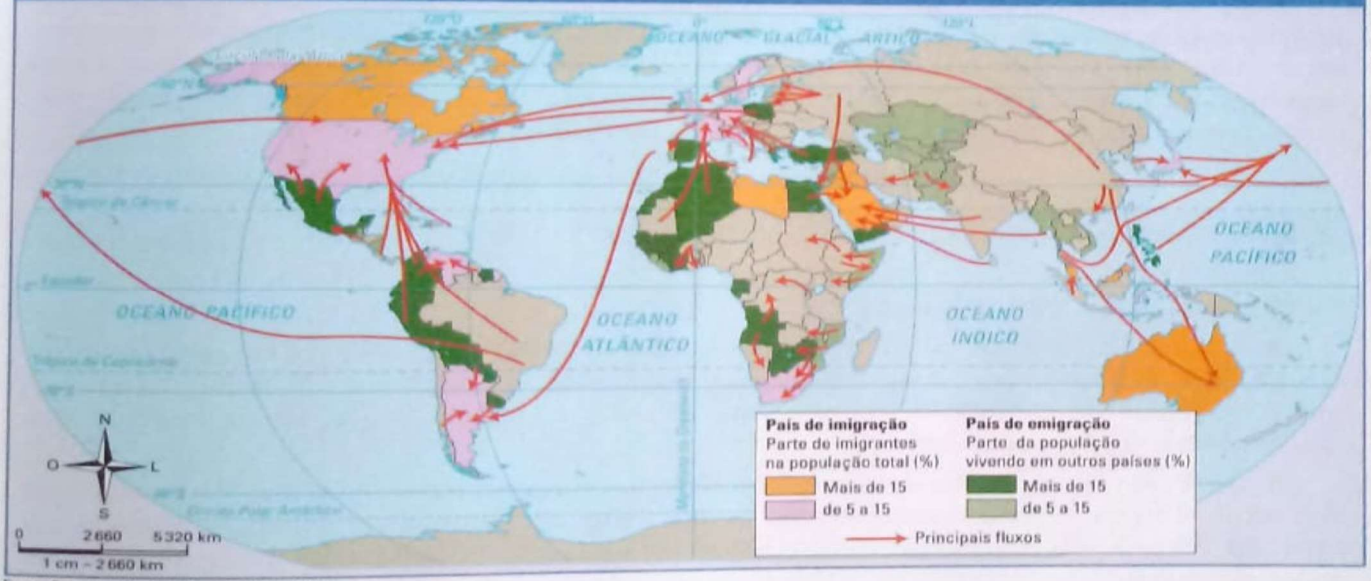
A globalização não é de toda benéfica para o mundo. A partir da década de 1980, os países ricos aumentaram sua riqueza, enquanto que, nos países pobres, não foram verificadas melhorias significativas.

Se essa melhoria tivesse acontecido, não iríamos ver movimentos migratórios de pessoas saindo de seus países em direção às nações ricas. A busca de melhores condições de vida tem impulsionado o deslocamento de estrangeiros pelo mundo, numa tentativa desesperada de ganhar dinheiro nos países ricos. Observe o sentido dos movimentos migratórios no mapa a seguir.



Manifestações antiglobalização acontecem por todo o mundo, reafirmando o repúdio de uma parcela da sociedade em relação ao fenômeno da globalização, que não tem gerado riqueza para todos. São Paulo, SP, 2001.

Mapa-múndi: Migrações internacionais



© DAE/Sonia Vaz

Fonte: *Encyclopédie Quid*. Paris: Laffont, 2002.

As relações comerciais no mundo se apresentam muito injustas.

As nações ricas têm praticado o **protecionismo** em seus mercados, ao subsidiar sua produção, prejudicando assim a economia dos países pobres.

Dicionário geográfico

Protecionismo: sistema de proteção da indústria ou do comércio nacional, concedendo-lhes o monopólio do mercado interno e onerando de taxas mais ou menos elevadas os produtos da indústria estrangeira.

Para entender essa questão dos subsídios, imagine, por exemplo, um agricultor de milho nos Estados Unidos. O governo subsidia sua produção, deixando a semente, o adubo, a máquina e a embalagem para ensacamento do produto a um preço acessível ao produtor. Com medidas assim, o milho colhido também ficará com preços baixos no mercado.

Por outro lado, o milho produzido nos países pobres, a um preço maior, sem subsídios do governo, não terá como ser vendido nos mercados que receberam esses subsídios, pois seu preço elevado não será competitivo. Com isso, os países pobres exportam cada vez menos para esses mercados protecionistas. Cabe perguntar: que globalização é essa?

Professor: possibilite um debate no qual os alunos se posicionem e apresentem suas conclusões para responder à questão do texto. Incentive-os a apontar aspectos positivos e negativos da globalização e leve-os a compreender o contexto político-econômico em que a globalização se encontra.

Textualizando

Texto 1

A mundialização da economia

Neste final de século, todos os Estados estão envolvidos no grande movimento de mundialização que torna as economias dependentes umas das outras. Os mercados financeiros tecem uma teia invisível que religa os países e, ao mesmo tempo, amarra e aprisiona os governos. Na prática, deixou de ser possível o isolamento de um Estado do resto do planeta. Quais consequências para os cidadãos? E para a democracia?

RAMONET, Ignacio. *Geopolítica do Caos*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 8-9.

Texto 2

Revolução nas comunicações

O casamento da informática, telecomunicações e televisão provoca uma verdadeira revolução que é possibilitada pelas tecnologias do digital. Isso significa um número cada vez maior de meios de comunicar (como mostra o atual *boom* do celular ou da Internet) e o desenvolvimento de novas aplicações.

A partir de agora, estão acessíveis numerosas riquezas da multimídia. Essa revolução das comunicações implica consequências de toda espécie, tanto no domínio econômico (no princípio do próximo milênio, as indústrias da comunicação poderiam ser as locomotivas da economia), quanto no domínio sociológico (nova clivagem entre inforicos e infopobres, entre países do Norte hiperequipados e países do Sul subequipados).

RAMONET, Ignacio. *Geopolítica do caos*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 11.

Responda no caderno.

1. Debata com seus colegas e professor e responda às duas perguntas que estão no final do texto 1.
Espera-se que o aluno faça referência à dependência econômica e cultural entre os países e as pessoas. Com relação à segunda pergunta, o aluno poderá citar que a globalização amarra e aprisiona os governos devido à interdependência entre os países.
2. Você está inserido nesse mundo digital? Cite exemplos que justifiquem essa afirmação.
O aluno poderá fazer referência aos diferentes sistemas de informação.
3. De que forma a revolução nas comunicações separa os países do globo?
Alguns países estariam hiperequipados e outros subequipados.


Manual do Professor
Fronteiras da Globalização
O espaço brasileiro: natureza e trabalho
volume 3
GEOGRAFIA
ENSINO MÉDIO
LÚCIA MARINA E TÉRCIO
Material de divulgação da Editora Ática
Código da coleção
25075COL05
editora ática

EVOLUÇÃO DA BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA (2001–2008)



Fonte: Associação de Comércio Exterior do Brasil.

Outros fatores desse déficit comercial são chamados genericamente de "custo Brasil". Entre esses fatores podemos citar: as altas taxas de juros em vigor no Brasil (muito maiores que as cobradas nos mercados internacionais, o que inibe investimentos produtivos); a defasagem tecnológica das indústrias nacionais (fator que diminui a competitividade); infraestrutura ferroviária, rodoviária e portuária pouco integrada, insuficiente e cara; elevados gastos com a importação de petróleo e seus derivados.

De 2001 até 2008, a balança comercial brasileira foi superavitária.

Os principais produtos importados pelo Brasil em 2008 foram petróleo bruto, circuitos eletrônicos, transmissores/receptores, peças para veículos, medicamentos, automóveis, óleos combustíveis, gás natural e motores para aviação. Os principais produtos exportados foram material de transporte, petróleo e combustíveis, produtos metalúrgicos, minérios, complexo soja, máquinas e equipamentos, açúcar e álcool, equipamentos elétricos, café, papel e celulose.

As empresas que se destacaram nas exportações foram a Vale, a Petrobras, a Bunge Alimentos e a Embraer. As empresas que mais importaram foram a Petrobras, a Embraer, a TAM Linhas Aéreas e a Honda.

3 O Brasil no comércio mundial

O Brasil pertence à Organização Mundial do Comércio e faz parte de dois blocos econômicos, a Aladi e o Mercosul. Além disso, realiza trocas comerciais com outros blocos e com vários países do mundo. Veja o gráfico e as tabelas.

BRASIL — PRINCIPAIS PAÍSES COMPRADORES (Em milhões de dólares, 2008)

	Valor
1. Estados Unidos	27 648
2. Argentina	17 606
3. China	16 403
4. Países Baixos	10 483
5. Alemanha	8 851
6. Japão	6 115
7. Venezuela	5 150
8. Chile	4 792
9. Itália	4 765
10. Rússia	4 653
11. Bélgica	4 422
12. México	4 281

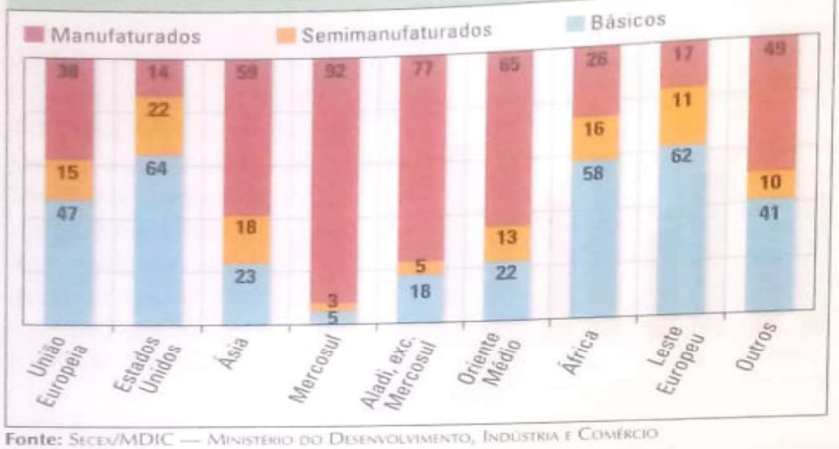
Fonte: Secex/MDIC — Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

BRASIL — PRINCIPAIS FORNECEDORES (Em milhões de dólares, 2008)

	Valor
1. Estados Unidos	25 810
2. China	20 040
3. Argentina	13 258
4. Alemanha	12 025
5. Japão	6 807
6. Nigéria	6 706
7. Coreia do Sul	5 412
8. França	4 678
9. Itália	4 612
10. Chile	4 162
11. Índia	3 564
12. Taiwan	3 537

Fonte: Secex/MDIC — Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

BRASIL — EXPORTAÇÕES POR BLOCOS ECONÔMICOS (2008)



Fonte: Secex/MDIC — Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

Em 2008, o Brasil ocupou o 22º lugar entre os países exportadores e 27º lugar entre os importadores.

O Brasil e o Mercosul

As trocas comerciais no interior do Mercosul são muito importantes para a balança comercial brasileira. Dentro do bloco, a Argentina é o principal parceiro comercial do Brasil. As crises econômicas desse país interferem negativamente nas relações comerciais do Brasil dentro do Mercosul. Veja as tabelas abaixo.

INTERCÂMBIO COMERCIAL BRASILEIRO — MERCOSUL

	Exportação		Importação	
Ano	FOB (em dólares)	Participação (em %)	FOB (em dólares)	Participação (em %)
2000	7 739 599 181	14,04	7 796 208 525	13,96
2001	6 374 455 028	10,94	7 009 674 042	12,61
2002	3 318 675 277	5,49	5 611 720 224	11,88
2003	5 684 309 729	7,77	5 685 228 972	11,76
2004	8 934 901 994	9,24	6 390 492 978	10,17
2005	11 746 011 414	9,91	7 053 699 272	9,58
2006	13 985 828 343	10,15	8 967 386 709	9,82
2007	17 353 576 477	10,8	11 624 752 344	9,64
2008	21 737 308 031	10,98	14 933 627 214	8,62

Fonte: Secex/MDIC — Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

EXPORTAÇÕES BRASIL — MERCOSUL

Exportações	2006	2007	2008
Argentina	11 739 591 939	14 416 945 588	17 605 620 920
Paraguai	1 233 638 638	1 648 191 224	2 487 561 397
Uruguai	1 012 597 766	1 288 439 665	1 644 125 714

Fonte: MDIC — Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

IMPORTAÇÕES BRASIL — MERCOSUL

Importações	2006	2007	2008
Argentina	8 053 262 647	10 404 245 932	13 257 925 661
Paraguai	295 899 121	434 120 360	657 494 515
Uruguai	618 224 941	786 386 052	1 018 199 079

Fonte: MDIC — Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

As barreiras comerciais

O crescimento das exportações brasileiras está sempre ameaçado por políticas comerciais de outros países ou de blocos econômicos. Por isso, nossas autoridades estão sempre recorrendo à OMC (Organização Mundial do Comércio) contra medidas como protecionismo, subsídios e tarifas inflingidos aos produtos brasileiros. Veja no quadro a seguir quais são as principais barreiras às exportações brasileiras.

PRINCIPAIS BARREIRAS ÀS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS

Produto	Barreira
Suco de laranja	**Estados Unidos:** tarifas. No estado da Flórida há uma sobretaxa de 40 dólares por tonelada, e o valor apurado é usado para promover o suco de laranja dos produtores locais. **União Europeia:** além da tarifa elevada (33,6%), deve estar incluída uma cota tarifária que abrange o mundo todo.
Soja	**União Europeia:** não taxa o grão, apenas o óleo (bruto e refinado), mas garante subsídios aos produtores europeus. **Japão:** cobra tarifas progressivas, que vão de 0 para o grão a 20,7 ienes para cada quilo de óleo refinado.
Siderurgia e ferro-liga	**Estados Unidos:** medidas *antidumping*, além de direitos compensatórios, que resultam em sobretaxas de 6 a 142%.
Calçados	**Japão:** tarifa de 30% por par, cota de 6 995 000 pares e taxas decrescentes conforme o volume que exceder a cota.
Carne de frango	**Estados Unidos:** subsídios e medidas sanitárias que não são explicitadas ou regulamentadas com clareza. **União Europeia:** cotas tarifárias, taxas altas, subsídios e, principalmente, barreiras sanitárias contra o produto brasileiro.
Carne bovina	**Estados Unidos:** falta de acordo sanitário. **União Europeia:** subsídios, cotas tarifárias, tarifas altas e medidas sanitárias.
Açúcar	**Estados Unidos:** cotas tarifárias vigoram desde 1982. **União Europeia:** subsídios, tarifas e cotas tarifárias.
Têxteis	**Estados Unidos:** cotas, tarifas altas e subsídios.
Frutas tropicais	**Japão:** medidas sanitárias e fitossanitárias. Proibição de importação por alegação de existência de pragas.
Carne suína	**Estados Unidos:** medidas sanitárias. Barreira imposta por causa de contaminação do rebanho brasileiro, em 1974, por aftosa. Não há equivalência de processos de verificação sanitária.
Álcool	**Estados Unidos:** taxas e impostos especiais.

Fonte: MDIC — Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Disponível em: www.mdic.gov.br. acesso em mar. 2010.

2 Analise a tabela e elabore duas conclusões a partir de sua análise:

BRASIL — EXPORTAÇÃO DE MERCADORIAS

Decênio	Total	Café	Açúcar	Cacau	Erva-mate	Fumo	Algodão	Borracha	Couros e peles
1821-1830	85,8	18,4	30,1	0,5	—	2,5	20,6	0,1	13,6
1831-1840	89,8	43,8	24,0	0,6	0,5	1,9	10,8	0,3	7,9
1841-1850	88,2	41,4	26,7	1,0	0,9	1,8	7,5	0,4	8,5
1851-1860	90,9	48,8	21,2	1,0	1,6	2,6	6,2	2,3	7,2
1861-1870	90,3	45,5	12,3	0,9	1,2	3,0	18,3	3,1	6,0
1871-1880	95,1	56,6	11,8	1,2	1,5	3,4	9,5	5,5	5,6
1881-1890	92,3	61,5	9,9	1,6	1,2	2,7	4,2	8,0	3,2
1891-1900	95,6	64,5	6,6	1,5	1,3	2,2	2,7	15,0	2,4

Fonte: Gonçalves, Alcindo. *Desenvolvimento econômico da Baixada Santista*. Santos: Ed. Universitária Leopoldianum, 2006. p. 61.

3 Observe a figura:

A GLOBALIZAÇÃO BRASILEIRA



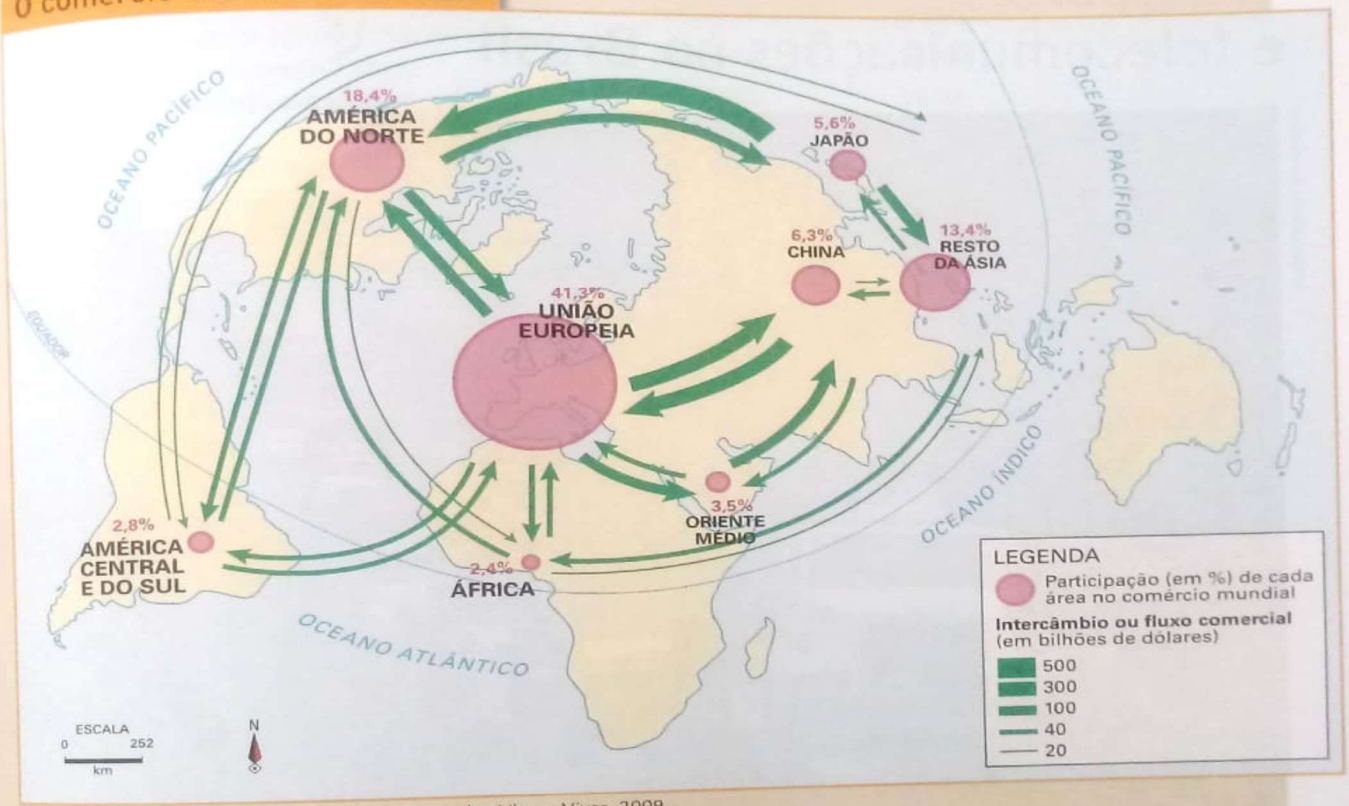
ALEX ARGOZINO/ARQUIVO DA EDITORA

Fonte: Urbasch, Gerhard. *A globalização brasileira: a conquista dos mercados mundiais por empresas nacionais*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. p. 97.

a) Por que a infraestrutura e a distância geográfica dos principais mercados são salientadas como exemplos de obstáculos externos para a exportação brasileira?
b) O que significa afirmar que o fato de poucos profissionais falarem outras línguas além do português pode ser um entrave no setor de exportações?
c) Na sua opinião, qual é o obstáculo mais prejudicial ao processo das exportações brasileiras? Justifique sua resposta.

Analise o mapa a seguir e faça o que se pede:

O comércio internacional atual

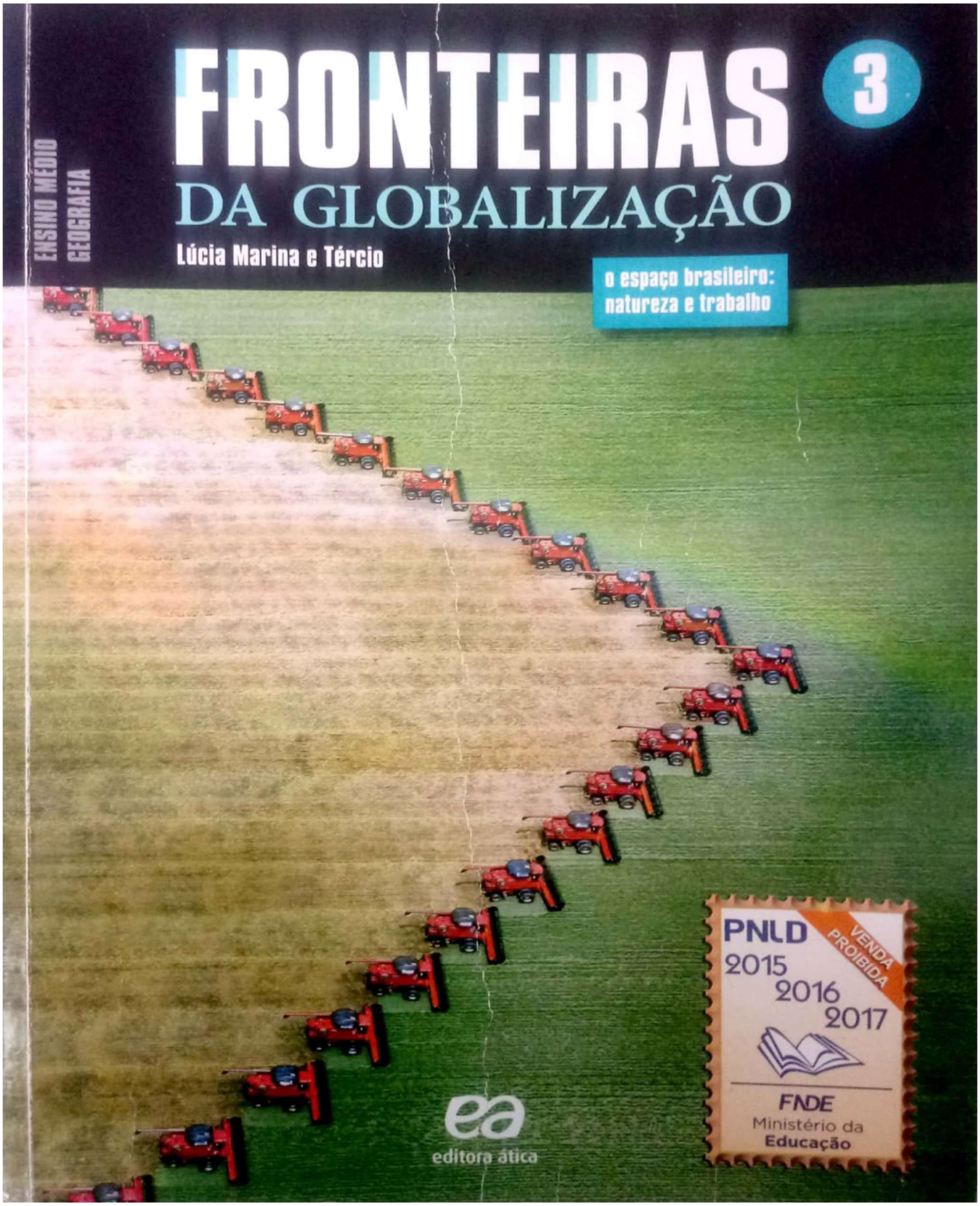


Fonte: *Demos — Ciencias sociales, geografía*. Espanha: Vicens Vives, 2009.

a) Compare a participação conjunta da América Central, da América do Sul e da África com a participação chinesa no comércio internacional atual.
b) Quais são os principais parceiros comerciais da América Central e da América do Sul?
c) Para onde se dirige a maior parte das exportações japonesas?
d) Que área é a maior potência comercial mundial?
e) Comente a distribuição do comércio internacional entre os hemisférios norte e sul.

Glossário

Modais: modalidades de transporte de carga aeroviário, rodoviário, ferroviário, hidroviário e dutoviário.


ENSINO MÉDIO
GEOGRAFIA
FRONTEIRAS
3
DA GLOBALIZAÇÃO
Lúcia Marina e Tércio
o espaço brasileiro:
natureza e trabalho
PNLD
VENDA PROIBIDA
2015
2016
2017
FNDE
Ministério da
Educação
editora ática

guindo, muitas vezes, uma melhora no padrão de vida. Mas grande parte deles, subempregados, passou a compor a população das favelas, na periferia das grandes cidades.

O milagre econômico trouxe como consequência o aumento acelerado da dívida externa, cujo pagamento desviava para os organismos internacionais (FMI, Banco Mundial) dinheiro que poderia ser aplicado em benefício do país.

EVOLUÇÃO DA DÍVIDA EXTERNA BRASILEIRA 1965-1973 (em bilhões de dólares)

Período	Dívida externa bruta	Reservas	Dívida externa líquida
1965	3,5	0,5	3,0
1966	3,7	0,4	3,3
1967	3,4	0,2	3,2
1968	3,8	0,3	3,5
1969	4,4	0,7	3,7
1970	5,3	1,2	4,1
1971	6,6	1,7	4,8
1972	9,5	4,2	5,3
1973	12,6	6,4	6,1

Adaptado de: VASCONCELOS, M. A. S. *Economia brasileira contemporânea*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999. p. 196.

Com o peso da dívida externa e os sucessivos aumentos do preço do petróleo no mercado internacional, o país viveu nos anos 1980 o período conhecido como "década perdida", quando se verificou uma forte retração da produção industrial e um menor crescimento da economia em geral.

No final da década de 1980, estava claro o esgotamento do modelo de substituição de importações que se iniciou em 1930. O Estado tornou-se incapaz de continuar incentivando o crescimento econômico por meio de investimentos na indústria e em infraestrutura para seu funcionamento.

A INDÚSTRIA BRASILEIRA NA GLOBALIZAÇÃO

Os anos 1990 foram marcados pela globalização econômica mundial e consequente abertura do mercado brasileiro para produtos e capitais estrangeiros, favorecidas pela redução das tarifas de importação, pela política neoliberal e pelas crises econômicas em países emergentes, como o Brasil.

Os governos Collor (1990-1992), primeiro presidente eleito por sufrágio universal depois do regime militar, e Itamar Franco (1992-1994) iniciaram a abertura da economia para o mercado externo, o que estabeleceu um novo modelo econômico, marcado pela liberalização dos mercados.

Sem terminar seu mandato, cassado por envolvimento em um escândalo de corrupção, o presidente Collor deixou uma nova alta da inflação e três medidas econômicas que foram seguidas por seus sucessores, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso.

Essas medidas, que seguiam a política neoliberal – características da globalização –, determinavam a privatização de empresas estatais, inclusive com capitais estrangeiros; o fim do monopólio do Estado nos setores de petróleo e telecomunicações, e o fim de medidas protecionistas que impediam a entrada de produtos e serviços estrangeiros.

Se por um lado, devido à liberalização do comércio, as indústrias puderam se modernizar, aumentar sua produtividade e a qualidade de seus produtos com equipamentos e máquinas que entravam no país, por outro, essas mesmas máquinas promoveram a mecanização da produção, gerando desemprego estrutural.

A liberalização dos mercados possibilitou a entrada no Brasil de novas montadoras de automóveis, como Honda, Toyota, Renault, Peugeot e outras. A instalação dessas montadoras promoveu a dispersão da indústria automobilística, antes concentrada em São Paulo.

Como o Estado não tinha mais condições de bancar a infraestrutura para a indústria, o governo Fernando Henrique Cardoso, em seu primeiro mandato (1994-1998), consolidou o modelo de liberalização do mercado com o Plano Real e a retirada do Estado como empresário, por meio das privatizações de siderúrgicas, concessionárias de transportes, de telecomunicações, de mineração e de energia.

Em consequência, o capital transnacional passou a controlar cada vez mais não só a industrialização, mas também toda a economia brasileira, incluindo os setores agropecuário e de serviços. O setor industrial foi marcado pela privatização das grandes siderúrgicas, que, com exceção da Usiminas, eram deficitárias. Veja o gráfico ao lado.

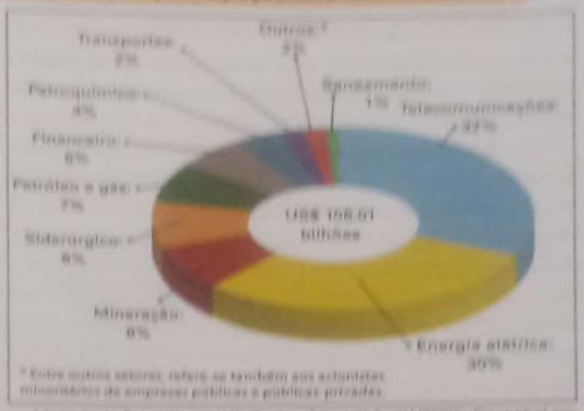
No setor de serviços destacam-se os que dão suporte à atividade industrial, como o energético e o de transportes, com a venda de empresas estatais que detinham o controle sobre eles.

Nos anos 1990, o setor industrial caracterizou-se pela queda da participação da indústria na composição do PIB e pela redução do número de empregos ocupados nessa área. O Brasil estava sofrendo os efeitos da globalização econômica, cujas inovações tecnológicas geravam maior produtividade com menor número de trabalhadores no mundo todo.

O grande desafio passou a ser atrair investimento estrangeiro direto para a indústria.

Privatizações: processos segundo os quais empresas pertencentes ao Estado são vendidas para empresas particulares.

Privatização: participação setorial – 1990/2011



* Entre outros setores, refere-se também aos acionistas minoritários de empresas públicas e públicas privadas.

Adaptado de: Banco Nacional de Desenvolvimento Social (BNDES). Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Institucional/BNDES_Transparente/Privatizacao/resumo.html>. Acesso em: 8 fev. 2013.

O Plano Real

Criado com o objetivo de combater a inflação que assolava a economia brasileira, o Plano Real não impôs o congelamento dos preços, como os planos anteriores. Lançou uma nova moeda: o *real*. O plano baseava-se na paridade real/dólar, ou seja, um real valia um dólar estadunidense. Para assegurar essa paridade, era preciso elevar os juros, porque isso atrairia capital especulativo estrangeiro e aumentaria as reservas de dólares do país.

De imediato essas medidas aumentaram muito o poder aquisitivo de classes que até então não tinham tido acesso a certos tipos de produto, considerados de luxo.

Entretanto, o sucesso do plano dependia da aprovação das reformas nos sistemas trabalhista, previdenciário e tributário. Essa medida permitiria que as dívidas do governo fossem quitadas. Mas as reformas não se concretizaram, e o governo não conseguiu manter a paridade real/dólar. O alto valor da nova moeda causou um *deficit* na balança comercial. Além disso, crises internacionais agravaram o quadro econômico brasileiro, e o real acabou se desvalorizando.



Cédulas de real em 1996. Dez anos depois, em 2006, as notas de 1 real deixaram de ser produzidas.

A crise dos emergentes e a desvalorização do real

A mais importante crise desse período se iniciou em 1997 e afetou diversos países, emergentes e desenvolvidos.

No Brasil, essa crise agravou os problemas econômicos, como a alta taxa de juros, a taxa de câmbio irreal da moeda brasileira perante moedas fortes, como o dólar e o iene, que causava déficit na balança comercial. O fluxo de investimentos estrangeiros no país diminuiu, e o preço das principais *commodities* exportadas pelo Brasil ficou mais baixo.

Commodities: termo em inglês utilizado para definir mercadoria. Refere-se a produtos em estado bruto, ou seja, a matéria-prima.

Em janeiro de 1999 ocorreu uma maxidesvalorização do real: subiu de cerca de R$ 1,60 para R$ 2,20 por dólar. Essa nova cotação favoreceu o aumento das exportações e a redução de bens importados.

Outro fato marcante dessa década foi a "guerra fiscal", uma competição entre estados e municípios para ver quem oferecia melhores incentivos para que as empresas se instalassem em seus territórios. Essa "guerra fiscal" favoreceu a dispersão industrial da região Sudeste, que estudaremos no capítulo 15.

Em resumo, na década de 1990, os índices de crescimento econômico foram modestos, com uma média de cerca de 2,3%, não favorecendo a criação de empregos nem a melhora das condições sociais da população. Também foram baixos os índices de crescimento da atividade industrial, prejudicados principalmente pela alta taxa de juros.

A indústria brasileira no segundo milênio

No século XXI, o crescimento da economia brasileira foi mais baixo do que o da economia de outros países emergentes, principalmente Índia e China. Porém, a desvalorização do real em 1999 fez com que o comércio exterior brasileiro passasse a apresentar superávits.

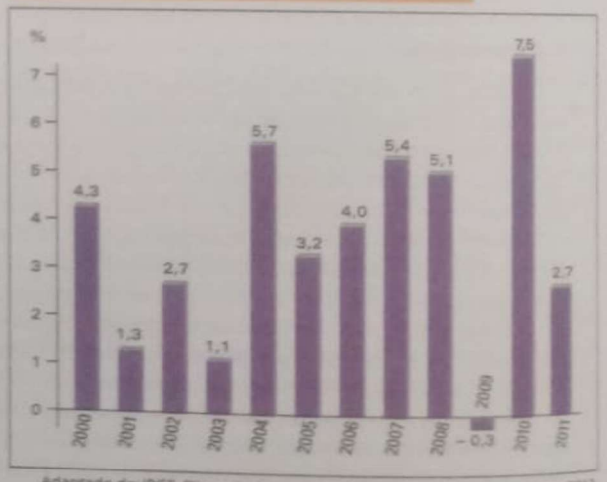
Em 2003, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva assumiu a presidência do país, seguindo, de modo geral, a política econômica da gestão anterior. No entanto, no novo governo, as privatizações foram suspensas e programas de aumento de renda para a população carente foram ampliados. A partir de então, com essas medidas, nossa economia passou a apresentar resultados favoráveis, como o aumento da renda média do trabalhador, a queda das taxas de desemprego e, no início da segunda década, a queda da taxa de juros.

Com a crise econômica mundial em 2009, a indústria brasileira apresentou queda em sua produção. No entanto, registrou crescimento em 2010, devido ao aumento do consumo, incentivado pelo aumento da renda média da população e pelas medidas governamentais, como redução de imposto sobre produtos industrializados (IPI) de alguns eletrodomésticos e automóveis, e também maior oferta de crédito a juros baixos.

Em 2011, a ex-ministra de Minas e Energia, Dilma Rousseff, assumiu a Presidência do país. O primeiro ano de seu governo foi impactado por uma alta da inflação, baixo crescimento do PIB e continuidade da política econômica do governo Lula, com ampliação dos programas de transferência de renda à população carente e redução das taxas de juros.

Em 2011, novo recrudescimento da crise mundial derrubou outra vez a produção industrial.

Crescimento do PIB 2000-2011 (% a.a.)



Adaptado de: IBGE. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 8 ago. 2012.

A segunda década deste milênio começou incerta não só para a economia brasileira como também para a economia mundial. Grandes potências, como Estados Unidos, Reino Unido, França e Japão, entraram em recessão, apresentaram deflação ou baixo crescimento do PIB entre 2009 e 2011.

Em 2012, o Brasil, com uma economia dependente de capitais externos, ainda apresentava fortes reflexos da crise mundial, principalmente pelo fato de sua balança comercial ser suscetível aos preços internacionais mais baixos das matérias-primas exportadas e aos preços mais altos de mercadorias importadas, como o petróleo. Para aumentar a competitividade dos produtos nacionais no mercado externo, ainda há obstáculos a superar, como a logística deficiente e problemas na infraestrutura e interligação dos modais de transportes, a alta carga tributária, a pouca qualificação da maior parte da força de trabalho e a falta de mais investimentos em pesquisa e desenvolvimento tecnológico.

Apesar do exposto, podemos dizer que a indústria brasileira, entre 2009 e 2011, apresentou resultados positivos, como aumento de produtividade e qualidade dos produtos, além do aumento das exportações de produtos industrializados, embora esses ainda percam das *commodities* agrícolas e minerais.

Ao longo da primeira década deste século, o Brasil se firmou internacionalmente como potência emergente industrializada. Conforme publicação do Centro de Pesquisa Econômica e Negócios (CEBR, na sigla em inglês), em 2011 o país passou a ser a sexta economia do mundo, superando o Reino Unido, posto que perdeu em 2012.

REFLETINDO SOBRE O CONTEÚDO

1. Leia o trecho do texto a seguir e faça o que se pede.

Grande parte das mercadorias industrializadas que o Brasil consumia originavam-se dos países europeus, então envolvidos com a guerra e por isso mesmo impossibilitados de suprirem a economia brasileira. Essa circunstância ao mesmo tempo favoreceu e dificultou a industrialização brasileira.

Adaptado de: ARAÚJO, Marco César de. *Industrialização brasileira no século XX*. Osasco: Edifieo, 2008. p. 27.

Explique resumidamente o trecho acima.

2. Leia o texto abaixo e responda às questões.

GEOGRAFIA, HISTÓRIA E BIOLOGIA

Ao encontrar-se com o engenheiro Bernardo Saião, responsável pela construção da estrada Belém-Brasília, JK lhe disse: "Vamos arrombar essa selva". Disposto a "integrar" o Brasil e estimular o consumo de automóveis, JK determinou a abertura de "um cruzeiro de estradas" contornando o Brasil, dos quatro pontos cardeais ao centro de Brasília. De 1955, ano anterior a sua posse, a 1961, foram abertos 13 mil quilômetros de estradas e pavimentados 7 mil. Era uma época em que as florestas, que JK queria "arrombar", eram tidas como "mato" e representavam um "entrave" ao progresso.

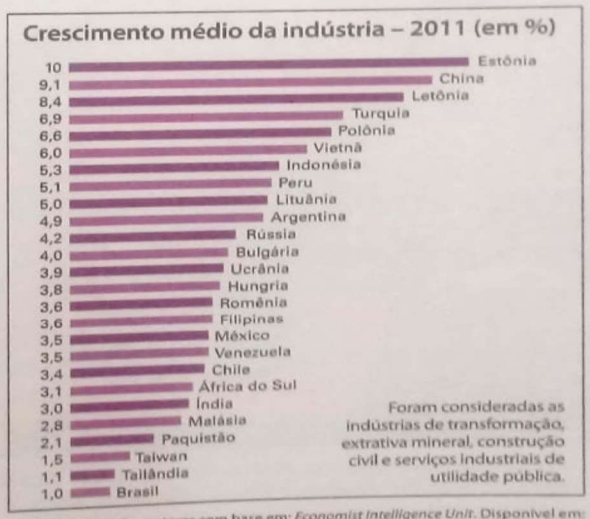
Adaptado de: BUENO, Eduardo. *Brasil: uma história. Cinco séculos de um país em construção*. São Paulo: Leya, 2010. p. 366.

a) Relacione o consumo de automóveis, desejado por JK, às estradas.

b) Qual foi a influência da abertura de estradas no processo de industrialização brasileira?

c) Atualmente a sociedade vê o "mato" como um "entrave" ao progresso? Justifique sua resposta.

3. Observe o gráfico e responda às questões:



Elaborado pelos autores com base em: *Economist Intelligence Unit*. Disponível em: <http://www.economist.com/topics/economist-intelligence-unit>. Acesso em: 6 fev. 2013.

a) Aponte duas prováveis consequências do baixo crescimento da indústria brasileira.

b) Com base no que você estudou neste capítulo, discuta com os colegas e o professor os prováveis motivos do baixo desempenho da produção industrial no Brasil.


História e vida integrada
NELSON PILETTI • CLAUDINO PILETTI
THIAGO TREMONTE
9º ano
MANUAL DO PROFESSOR
HISTÓRIA
MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA
EDITORA ÁTICA
CÓDIGO DA COLEÇÃO
24903COL06
editora ática

Capítulo 21

A globalização

A palavra *globalização* está na moda. Positiva para alguns, cruel para muitos, no texto a seguir o geógrafo brasileiro Milton Santos chama a atenção para seus efeitos perversos.

[Com a globalização] o mundo torna-se unificado — em virtude da tecnologia. Esta, entretanto, se impõe à maior parte da humanidade como uma globalização perversa.

Consideramos, em primeiro lugar, o surgimento de uma dupla tirania, a do dinheiro e a da informação, que estão intimamente relacionadas. [...] A competitividade, causada pela produção e pelo consumo, é a fonte de novas ditaduras. [...]

Dentro desse quadro, as pessoas sentem-se desamparadas, o que também constitui um estímulo para que adotem práticas que antes eram moralmente condenadas. Há um verdadeiro retrocesso quanto à noção de bem público e de solidariedade, no qual o Estado diminui, abrindo mão de suas funções sociais e políticas, havendo o aumento da pobreza e a ampliação do papel político das empresas transnacionais no controle da vida das pessoas.

(Adaptado de SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 37-8.)



Charge de Angeli sobre a globalização.

Radar — Localizando e conversando

1. Escreva um texto e desenhe uma charge sobre o que você entende por globalização. Resposta pessoal.
2. O que significa a perversão da globalização para o geógrafo Milton Santos? Você concorda com ele? Justifique sua resposta. A criação de novas imposições (como a "ditadura" da produção e do consumo) e o desamparo das pessoas, uma vez que os Estados diminuem seu papel social.
3. E em sua vida? Dê exemplos de como a globalização afeta seu cotidiano. Resposta pessoal.

A globalização da economia

Para muitos economistas (liberais e marxistas) a tendência do capitalismo foi, é e sempre será a expansão para todas as partes do mundo. Alguns chegam a afirmar que a globalização se iniciou com as *Grandes Navegações*, no início da Idade Moderna (século XV). Isso porque era o comércio internacional e a procura de riquezas que motivavam governos e comerciantes das nações europeias daquela época a viajar para o Oriente e para o Ocidente, onde encontravam novas sociedades e culturas.

Outros vão mais longe e dizem que o Império Romano já era um mundo globalizado, uma vez que agregava grande variedade de culturas e muitas pessoas dos povos conquistados serviam de mão de obra escrava.

Agregar: Juntar, aglutinar.

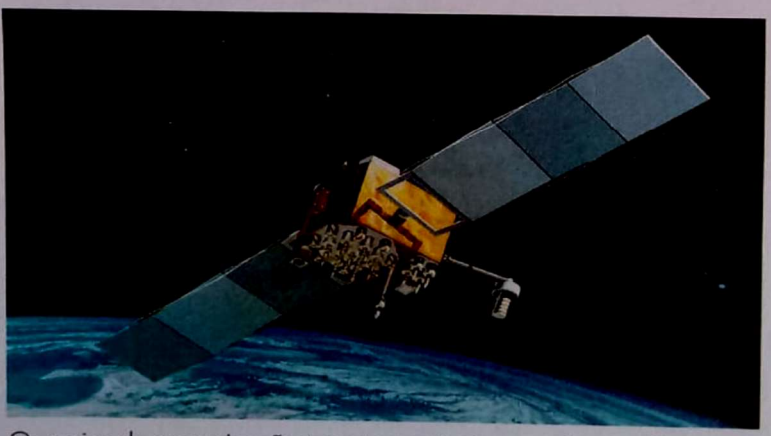
Deixando de lado essas interpretações, a globalização, como pensamos, é um fenômeno recente, resultado do desenvolvimento do capitalismo. O processo atual de globalização da economia mundial teve forte aceleração no início da década de 1980. Por esse processo, diversos setores da atividade econômica passaram a integrar-se, ou seja, a atuar em conjunto no mundo inteiro.

HÉLIOS SEELINGER/COLEÇÃO ITAÚ



Para alguns autores, a globalização começou com as Grandes Navegações, no século XV. Este quadro de Hélios Seelinger, *Descobrimento do Brasil* (1918), representa as caravelas portuguesas que chegaram ao litoral da América do Sul em 1500.

AP



Os meios de comunicação tornam possíveis novas formas de integração econômica mundial. Na foto, reprodução artística de um satélite GPS (Global Positioning System), capaz de oferecer dados tridimensionais para fins civis e militares. Os satélites artificiais contribuem fortemente para a globalização.

DISCUTINDO A HISTÓRIA

Elabore um quadro com duas colunas. Na primeira coloque o que você considera problemas do mundo contemporâneo. Na outra, os aspectos positivos do mundo atual. Durante o estudo deste capítulo, acrescente outras informações ao seu quadro. Resposta pessoal.

> Algumas características

Grandes empresas, com filiais e instalações em diversos países, passaram a unificar suas atividades. Por exemplo: uma empresa automobilística, em vez de fabricar modelos diferentes para cada país em que atua, passou a produzir modelos de carros mundiais, ou seja, que são vendidos no mundo inteiro. Os carros não têm necessariamente suas peças fabricadas em único lugar. O motor pode ser feito na Argentina, a engrenagem no Paraguai e a montagem no Brasil. Depois, o carro é exportado para outros países. O objetivo é racionalizar a produção e diminuir seus custos.



Operárias vietnamitas trabalham na produção de tênis da Nike em fábrica na cidade de Ho Chi Minh (antiga Saigon), em abril de 2005. O Vietnã é o terceiro maior fabricante de produtos Nike, atrás da China e da Indonésia.

Outro traço da globalização é a transferência de fábricas. Empresas transnacionais instalam suas fábricas em países onde as condições — impostos, custo da mão de obra, proximidade dos grandes mercados — são mais favoráveis. A partir da década de 1980, os países do Sudeste Asiático tornaram-se destinos prediletos desse processo.

Assim, empresas estadunidenses, japonesas e europeias passaram a montar suas fábricas nesses países. Começaram então a aparecer cada vez mais produtos — tênis, por exemplo — com etiquetas *made in China*, *made in Taiwan*, *made in Singapore*, *made in Indonesia*, *made in Hong Kong*, etc.

> O capital financeiro

Um terceiro aspecto da globalização é a transferência diária de bilhões de dólares de um país para outro. O dinheiro é transferido com grande rapidez por meio de computadores ligados entre si ou por via telefônica. Os bancos procuram aplicar o dinheiro nos países onde as taxas de juros são mais altas. E, com a mesma rapidez com que aplicam num país, podem retirar o dinheiro aplicado se as condições políticas ou econômicas mudarem.

Outro traço marcante da globalização é a abertura do comércio exterior. Antigamente, o governo de muitos países procurava impedir a entrada de produtos e capitais estrangeiros, pois acreditava que eles desestimulavam a fabricação de produtos nacionais. Hoje isso mudou. A maioria dos países diminuiu os obstáculos à importação.

Apesar da maior tolerância, a presença do capital estrangeiro provoca reações adversas. Para uns, obriga os produtores locais a melhorar a qualidade de seus produtos e diminuir seus preços, como forma de competir com os produtos importados. Outros, porém, alegam que essa presença acentua as desigualdades sociais. Em geral, os fabricantes locais não conseguem suportar a concorrência, o que resulta na falência da empresa local ou na sua incorporação pela empresa estrangeira.

> Liberdade de comércio ou subsídios?

Os maiores ideólogos da globalização exaltam a liberdade de comércio. Entretanto, a abertura comercial proposta pelos governos dos países desenvolvidos, todos eles apologistas da globalização, constitui uma via de mão única. Enquanto propõem que os outros abram seus mercados, eles protegem seus agricultores com subsídios, de modo a dificultar a entrada em seus países de produtos agrícolas provenientes das regiões pobres do planeta (veja o boxe na próxima página).

Apologista: Pessoa que faz o elogio de determinada causa.

Subsídios: Quantia em dinheiro que o governo dá aos agricultores para que eles vendam seus produtos a baixo preço e possam competir com os artigos importados.



KAREL PRINSLOO/AP

Mulher trabalha na agricultura em uma fazenda perto da cidade de Arusha, na Tanzânia, África, em outubro de 2007. Os subsídios dados pelos governos dos países ricos aos seus produtores rurais tornam os produtos agrícolas dos países pobres menos competitivos, aumentando a miséria nesses países.

Os subsídios agrícolas

Os países-membros da Organização Mundial do Comércio (OMC) têm tentado por muito tempo chegar a um acordo sobre novas regras para o comércio mundial. Um dos assuntos que têm impedido um acordo é a questão dos subsídios agrícolas dados pelos países ricos aos seus agricultores. O assunto voltou à tona em 2004, quando se reuniram o Brasil, a Índia, os Estados Unidos, a União Europeia e a Austrália.

Subsídios comerciais são a quantidade de dinheiro paga aos agricultores por unidade que eles produzem ou exportam. Eles têm o efeito de fazer com que a produção seja mais barata. Por isso, os subsídios fazem com que os agricultores se tornem mais competitivos e tendam a aumentar a produção. Eles são pagos, no geral, pelo contribuinte, via departamentos do governo ou associações de comércio.

Os agricultores dos países ricos são os que mais se beneficiam com os subsídios. Os Estados Unidos dão até 3,9 bilhões de dólares aos seus 25 mil produtores de algodão todos os anos. Isso, segundo a OMC, seria equivalente a mais de três vezes a ajuda financeira dada pelo governo norte-americano à África.

Quem sai perdendo? Muitos países ricos concordam que o ganho de seus agricultores representa um prejuízo para os produtores dos países pobres. Agricultores dos países ricos produzem muito para o próprio mercado. O excesso é "jogado" em países pobres a preços muito baixos, com os quais os produtores locais não podem competir. Além disso, quando os produtores dos países em desenvolvimento tentam exportar para os países ricos, eles estão na verdade competindo com agroindústrias subsidiadas. A ministra do Comércio britânica, Patricia Hewitt, disse [...] que acabar com os subsídios ajudaria a tirar "centenas de milhares de pessoas da pobreza".

(Adaptado de: <www1.folha.uol.com.br/folha/BBC>, 30.7.2007. Acesso em 20.4.2008.)

Os blocos econômicos

Outro aspecto importante do mundo globalizado é a formação de grandes blocos econômicos entre países de uma mesma região. Esses blocos se originam de acordos de comércio firmados pelos governos dos países participantes e estão destinados a facilitar a circulação de mercadorias e também de pessoas entre suas fronteiras.

O principal e mais antigo bloco econômico é a *União Europeia* (*UE*; veja o capítulo 16). Foi criado em 1957 com o nome de Comunidade Econômica Europeia (CEE). Reúne 27 países desde 2007. Graças aos acordos estabelecidos entre seus membros, a maior parte das mercadorias produzidas por eles pode circular de um país para outro sem pagar impostos. Os agricultores são particularmente favorecidos, pois existe garantia de preço mínimo para seus produtos em todos os países da União Europeia.

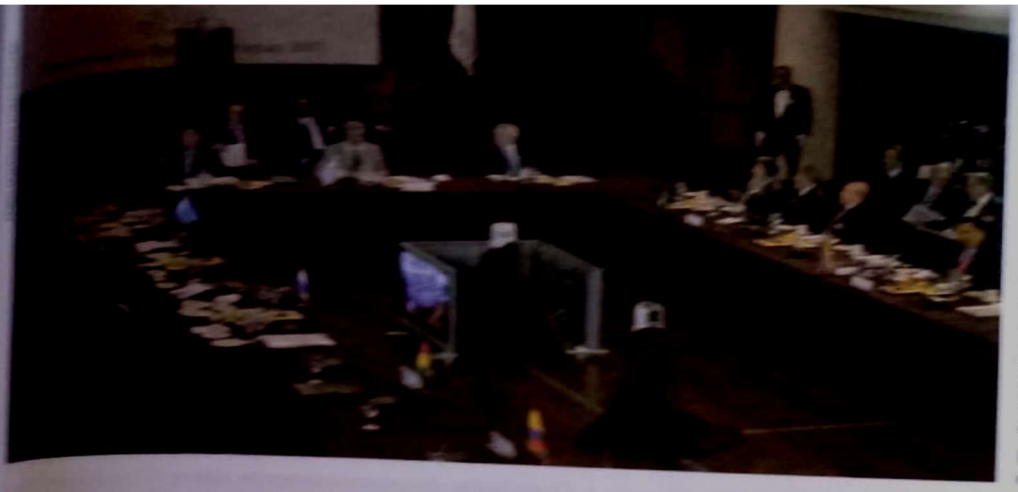
Como parte da unificação econômica, quinze países da UE abandonaram suas moedas nacionais para adotar o *euro* como moeda comum. A população do bloco é de aproximadamente meio bilhão de habitantes e seu PIB está próximo de 15 trilhões de dólares.

Hoje, a União Europeia é muito mais do que um bloco de caráter puramente econômico. É também dotada de instituições políticas estáveis, como o Parlamento Europeu. Isso faz desse bloco um organismo supranacional, embora ainda não um Estado unificado.

> Nafta, Mercosul, Apec

Outro importante bloco econômico é o *Acordo de Livre-Comércio da América do Norte* (*Nafta*), que engloba os Estados Unidos, o Canadá e o México. Entrou em vigor em 1994 e reduziu as tarifas de mais de 20 mil produtos. Seu mercado engloba mais de 400 milhões de pessoas.

O Brasil também integra um importante bloco econômico, o *Mercado Comum do Sul* (*Mercosul*), que procura integrar os países da América do Sul.



Chefes de Estado dos países do Mercosul reunidos em Montevidéu, no Uruguai, em dezembro de 2007. O Mercosul promove a integração econômica entre países da América do Sul.

O Mercosul nasceu a partir de acordos comerciais assinados em 1991 na cidade de Assunção, Paraguai, pelos governos da Argentina, do Brasil, do Paraguai e do Uruguai. Esses acordos entraram em vigor no dia 1º de janeiro de 1995. Desde então, empresas desses quatro países podem negociar muitas mercadorias livremente, como se os quatro países fossem um só. Apenas cerca de 10% das mercadorias pagam impostos de importação.

Em 1996, o Chile e a Bolívia tornaram-se membros associados do bloco, conseguindo tarifas preferenciais para a venda e a compra de alguns produtos. Em dezembro de 2003, foi a vez do Peru tornar-se membro associado. Em 2006, a Venezuela aderiu ao bloco, mas em maio de 2008 ainda aguardava pela aprovação de Brasil e Paraguai para que se tornasse membro efetivo (Argentina e Uruguai já aprovaram).

Os países do Sudeste Asiático, junto com os Estados Unidos, a Austrália e a Nova Zelândia, formam um bloco chamado *Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico (Apec)*. Foi criado em 1993 e integra a maioria dos países do Sudeste Asiático e do Pacífico, representando cerca de 50% da produção econômica mundial.



Benefícios e males da globalização

Se, por um lado, a globalização da economia traz vantagens — maior quantidade e variedade de produtos, reduzindo em geral seus preços, bem como facilidade no trânsito de pessoas entre os países —, por outro, ela tem efeitos negativos.

O primeiro efeito negativo que tem sido apontado é o desemprego. As empresas procuram concentrar sua produção no menor número possível de fábricas. Com isso, muitas instalações industriais são fechadas ou transferidas.

Os setores de serviços, por sua vez, não estão garantindo emprego a todos os trabalhadores demitidos das indústrias e do setor agrícola.

Segundo dados da Eurostat (Gabinete de Estatísticas da União Europeia) a taxa de desemprego era de 7,3% da **população economicamente ativa** na **zona do euro** em setembro de 2007.

A globalização favorece, sobretudo, as grandes corporações dos países ricos e mais industrializados. Nos países pobres, a globalização significa mais pobreza.

Deve-se em grande parte também à globalização da economia outro fenômeno que se observa no mundo de hoje: a *migração*. Por não encontrarem trabalho em seus países, mais de 35 milhões de pessoas migraram do hemisfério sul para o hemisfério norte nas três últimas décadas do século XX.

População economicamente ativa: Conjunto de pessoas em idade de trabalhar.

Zona do euro: Conjunto de países da Europa que adotam o euro como moeda.

1. Na primeira imagem há imigrantes de uma antiga colônia inglesa habitando em Londres. Na segunda, uma empresa transnacional instalada no
2. Sim. Um dos motivos da instalação da empresa nesse país foi o baixo custo da mão de obra e a procura por maiores mercados consumidores. Em
to isso, a migração para países desenvolvidos significa que as melhores oportunidades de trabalho ainda estão nesses países, apesar do desem

A HISTÓRIA EM CENA

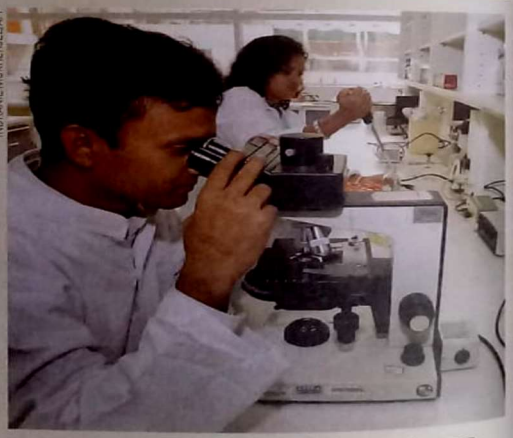
SANGTANAP



Londres, abril de 2008. Milhares de imigrantes de Bangladesh, Índia, Paquistão, China e Turquia manifestam-se em Trafalgar Square contra medidas restritivas à imigração adotadas pelo governo britânico.

Vimos no capítulo 10 que uma das consequências da descolonização foi o grande fluxo migratório das antigas colônias para os países colonizadores. Também houve investimentos estrangeiros e empresas transnacionais que instalaram fábricas em ex-colônias. Esse fluxo migratório pós-colonial cresceu ainda mais com a globalização.

INDRANIL MUKHERJEE/AFP



Cientistas indianos trabalham em pesquisa para tratamento da tuberculose em laboratório da indústria farmacêutica britânica AstraZeneca PLC, na cidade de Bangalore, na Índia, em 2003.

1. Descreva as imagens.

2. Em sua opinião, há alguma contradição nas imagens acima? Explique sua resposta.

3. Por que as empresas transnacionais instalam fábricas em países mais pobres?

3. Porque nesses países os custos são mais baixos (menos impostos, mão de obra barata e abundante) e há um mercado consumidor ampl
e com possibilidades de expansão.

> A era da informação

A globalização não é um processo exclusivamente econômico. O final do século XX e o início do século XXI marcam o começo do que está sendo chamado de *era da informação*. Trata-se de uma época histórica na qual as informações são transmitidas para o maior número possível de pessoas e empresas de uma forma quase instantânea. Em nenhum outro período da História as pessoas tiveram acesso a tantas informações.

A *era da informação* caracteriza-se pelo uso cada vez mais intenso e amplo do computador, individualmente ou em rede. Milhões de informações circulam hoje com enorme rapidez por meio de cabos telefônicos, satélites artificiais e de fibras ópticas, interligando computadores de cidadãos e de empresas do mundo inteiro. Por isso a palavra rede (*net*) tornou-se um dos símbolos do nosso tempo. Ela equivale a informação e comunicação.

> Internet, a rede mundial de computadores

A maior rede de computadores do mundo é a *internet*. Ela foi criada em 1969 pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos com o nome de *arpanet*. Depois foi aberta a todos os interessados, e o governo norte-americano se afastou de seu gerenciamento. Com isso, ela cresceu muito e se estendeu a outros países. Atualmente, pessoas e empresas do mundo inteiro estão ligadas à internet.



GREG BAKER/AP

Jovens chineses usam a internet em uma *lan house* em Pequim, em junho de 2005. A China tem o segundo maior número de usuários de internet no mundo (123 milhões), atrás apenas dos Estados Unidos.

Em 2008, mais de 1 bilhão de pessoas utilizavam esse recurso. Universidades, museus, bibliotecas, fundações, empresas e pessoas criam programas por meio dos quais os usuários da internet têm acesso aos riquíssimos acervos digitalizados de obras de arte, às informações científicas, aos livros de bibliotecas, etc. As reproduções de obras de arte, páginas de livros e informações escritas podem ser vistas na tela e também impressas.

> Informática e trabalho

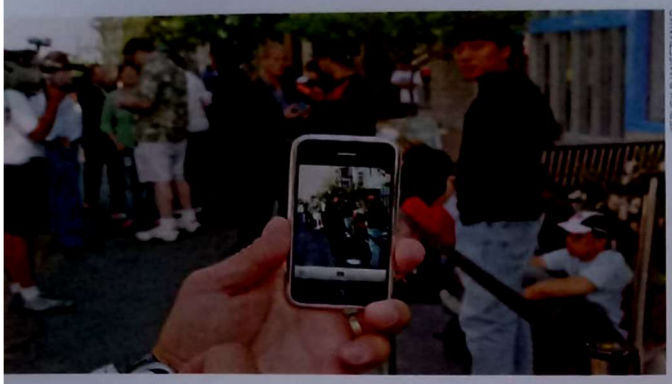
Qualquer mudança tecnológica importante interfere em nossas atividades e até em nossos empregos. A computação possibilitou automatizar muitas etapas da produção humana, trazendo vantagens enormes para a vida diária da maioria das pessoas, tornando-a cada vez mais prática.

Ao mesmo tempo, porém, milhares de funções na indústria, no comércio, nos bancos e, indiretamente, até na agricultura, executadas por mãos humanas, estão sendo substituídas por computadores. Assim, ao mesmo tempo que proporciona vantagens indiscutíveis no mundo inteiro, o computador está suprimindo milhões de postos de trabalho. Entretanto, a própria indústria em torno da informática cria novos postos de serviço, mas em menor número.

> Computador, televisão, telefone

A era da informação está avançando a passos gigantescos em frações de tempo cada vez menores. Os avanços mais rápidos e mais significativos se dão no campo das telecomunicações, envolvendo a interligação não só de computadores, mas também da televisão e do telefone. Isso se dá com a instalação das chamadas *infovias*, grandes estradas digitais constituídas por cabos de fibras ópticas, capazes de transportar milhões de dados em frações de segundo e atender a milhões de usuários no mundo inteiro.

Outro passo importante é a circulação de dinheiro pelo computador, eliminando talões de cheque, cartões de crédito e a própria moeda. Será o *e-money* (dinheiro eletrônico). Para onde vai nos levar a era da informação?



KEVIN DIJANSEZIANAP

Foto da fila que se formou em Los Angeles para comprar o novo celular, lançado nos Estados Unidos em junho de 2007. O aparelho reúne várias funções, entre elas de telefone, câmera digital e dá acesso à internet sem fio.

O computador, assim como tem acontecido com a máquina ao longo da História, pode se transformar numa ferramenta que alivia a carga de trabalho, tornando a vida de cada um de nós menos dura e menos cansativa. Mas para isso é importante encontrar o equilíbrio entre a mente e a máquina.

> Miséria e fome

Desde o começo do século XX, a população do planeta vem crescendo rapidamente. A partir da Segunda Guerra Mundial, esse crescimento se acelerou. A população mundial, que era de 2,5 bilhões de pessoas em 1950, ultrapassou os 6 bilhões no fim do século XX. Esse grande crescimento populacional é conhecido como *explosão demográfica*.

Entre os fatores que mais contribuíram para a explosão demográfica estão a melhoria nas condições de higiene e saneamento (água e esgoto canalizados); o progresso da medicina preventiva e curativa; os programas públicos de vacinação; o controle ou mesmo a eliminação de doenças infecciosas, como a varíola, a peste e a cólera, além da ausência de políticas de controle de natalidade em muitos países.

Entretanto, o aumento populacional não foi acompanhado por um tipo de desenvolvimento econômico que diminuísse as diferenças sociais. Apesar de ter havido evolução nas condições de vida de algumas sociedades, muitas outras não receberam nenhum tipo de melhoria; ao contrário, passaram a sofrer mais mazelas. Resultado: em diversas regiões do mundo a miséria cresceu: em 2008, mais de 800 milhões de pessoas passavam fome no mundo.

Os esforços de organismos como a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), agência da ONU encarregada de melhorar a produção agrícola, têm dado bons resultados, mas não são suficientes. Na Índia, por exemplo, uma verdadeira *revolução verde* foi conseguida graças à melhoria da qualidade das sementes e da assistência a pequenos agricultores. A produção de alimentos cresceu tanto que acarretou grandes excedentes. No entanto, em nenhum outro país do mundo existem tantos miseráveis e famintos quanto na Índia (cerca de 380 milhões de pessoas). Porque não basta produzir: o que se produz deve ser distribuído (veja o boxe na página ao lado).

Revolução verde: Grande aumento da produtividade agrícola provocado por mudanças no processo de cultivo.



Allahabad, Índia, 17 de outubro de 2007. Moradores de rua, sobretudo crianças, recebem comida em um templo no Dia Internacional pela Erradicação da Pobreza. Calcula-se que cerca de 350 milhões de pessoas vivam abaixo da linha de pobreza na Índia.

A crise dos alimentos

A inflação [entre 2007 e 2008] está subindo no mundo todo. Para muitos países, a explicação para isso está na crise dos alimentos. O resultado disso é que alguns preços chegaram a duplicar ou triplicar nos últimos anos.

Inflação: Aumento nos preços das mercadorias.

Essa crise tem por base três fatores. O primeiro, e talvez o mais importante deles, é o aumento da demanda por alimentos, principalmente dos chineses. Há também o fator meteorológico. O fato é que muitos países importantes têm passado por períodos adversos à agricultura, como a Austrália — o segundo maior exportador de trigo do mundo sofre uma forte seca.

O terceiro é o aumento do preço do barril de petróleo, que tem ficado acima de 100 dólares. Nesse patamar, o custo da produção de alimentos sobe. Esses fatores influenciam outras áreas da economia provocando inflação.

Os países pobres são os mais afetados pela alta dos preços dos alimentos. Isso porque, para as famílias desses países, o gasto com a alimentação tem peso maior no orçamento.

(<www.estadao.com.br/interatividade/Multimidia>, 15.4.2008.)

> A Aids

Além da fome, outro problema do mundo globalizado é a *Aids*, doença que, como vimos no capítulo 20, atinge fortemente a população da África. Do final do século passado até os nossos dias, ela está entre as doenças que mais matam, vitimando milhões de pessoas não só na África, mas também nos outros continentes.

Os primeiros casos foram notados na Califórnia, Estados Unidos, em 1980. Alguns marinheiros manifestaram sintomas de uma doença desconhecida. Os médicos constatavam que o doente ficava sem defesa contra infecções, algumas até simples. Também alguns tipos de câncer se manifestavam com facilidade. E os doentes geralmente morriam por causa dessas infecções ou do câncer.



ALEXANDRE MENEGHINI/AP

São Paulo, 1º de dezembro de 2004. No Dia Mundial de Combate à Aids, duas jovens passam diante do símbolo da campanha contra a Aids.

Pelo fato de atacar o sistema de defesa do organismo, ou sistema imune, a nova doença recebeu o nome de Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (*Acquired Immunodeficiency Syndrome*, em inglês; daí a sigla Aids). O vírus que a provoca recebeu o nome de *Human Immunodeficiency Virus* (*HIV*).

O vírus pode ser transmitido por meio de relação sexual sem preservativo, por transfusão sanguínea, pelo uso de objetos cortantes contaminados ou seringas infectadas, pela gestante ao feto durante a gravidez ou na hora do parto e pela mãe ao bebê durante a amamentação.

A Aids é um fenômeno mundial. Praticamente todos os países têm um grande número de infectados. Mas é na África, como vimos no capítulo 20, que se observam os maiores números. Atualmente, estima-se que cerca de 9% dos africanos são portadores do vírus da Aids. No Brasil, segundo estimativas do Ministério da Saúde, entre 1980 e 2007 foram notificados quase 480 mil casos da doença.

A preocupação ecológica

O desenvolvimento desenfreado da produção gerou outro tipo de preocupação: a de promover a exploração adequada dos recursos naturais do planeta, com o reparo dos danos já causados à natureza, com a preservação do meio ambiente e com o combate à poluição. Essa preocupação se acentuou com a divulgação, em fevereiro de 2007, de

um estudo preparado por um grupo de trabalho da Organização das Nações Unidas (ONU) formado por 2 500 cientistas de vários países.

O estudo, intitulado *Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas* (*IPCC*, sigla da expressão em inglês), alertava para os riscos do superaquecimento da atmosfera, como consequência da emissão indiscriminada de gases causadores do efeito estufa (veja o boxe abaixo).

Efeito estufa: Aquecimento exagerado da atmosfera provocado pelo gás carbônico e por outros gases; sua causa principal é a ação humana.

A preservação do meio ambiente é hoje também objeto de medidas por parte do governo de vários países. Além disso, conferências mundiais são organizadas com o objetivo de definir políticas de alcance mundial na área ambiental. Uma das mais importantes foi a *Rio-92*, ocorrida na cidade do Rio de Janeiro em 1992 e na qual representantes de 150 países assinaram duas importantes resoluções: a primeira, destinada a tomar medidas para evitar o aquecimento do globo (veja o boxe a seguir); a segunda, voltada para a preservação de espécies animais e vegetais.

JANELAS DA HISTÓRIA



FONTE: WWW.CLIMATECRISIS.NET/ARQUIVO DA EDITORA

Cena do filme *Uma verdade inconveniente*, do diretor Davis Guggenheim (2006), que denuncia a ameaça do aquecimento global ao planeta: ursos-polares são surpreendidos pelo rápido derretimento do gelo na "ilha" em que estão.

Em 2006 foi lançado o documentário *Uma verdade inconveniente*, do diretor Davis Guggenheim, com a participação do ex-vice-presidente dos Estados Unidos Al Gore.

O assunto principal do filme é o aquecimento global e as mudanças climáticas que o planeta vem sofrendo com a emissão de gases poluentes produzidos pelo desenvolvimento humano. Após assistir ao filme, responda às seguintes questões:

1. O que é aquecimento global? Elabore um texto discutindo como esse fenômeno poderá interferir na vida do planeta.

2. Atualmente, alguns políticos de países desenvolvidos acusam os países pobres de serem os culpados pelo desmatamento e a destruição de suas áreas de preservação ambiental. Você concorda com essa ideia? Justifique sua resposta.

Resposta pessoal.

3. Com base no filme, proponha soluções para enfrentar os atuais problemas ambientais.

Resposta pessoal.

1. Fenômeno climático que está causando o aumento da temperatura da atmosfera. Entre suas causas está a emissão de gases poluentes que produzem o efeito estufa. A alteração climática poderá afetar gravemente alguns ecossistemas e produzir desertificação, derretimento de geleiras e elevação do nível dos oceanos.

O Protocolo de Kyoto

Durante a Rio-92, foi assinada a *Convenção sobre Mudanças Climáticas*. Como objetivo principal ela estabelecia "a estabilização das concentrações de gases do efeito estufa na atmosfera num nível que impeça uma interferência antrópica perigosa no sistema clima. Esse nível deverá ser alcançado num prazo suficiente que permita aos ecossistemas se adaptarem naturalmente à mudança do clima, que assegure que a produção de alimentos não seja ameaçada e que permita ao desenvolvimento econômico prosseguir de maneira sustentável".

Interferência antrópica: Causada pela ação humana sobre a natureza.